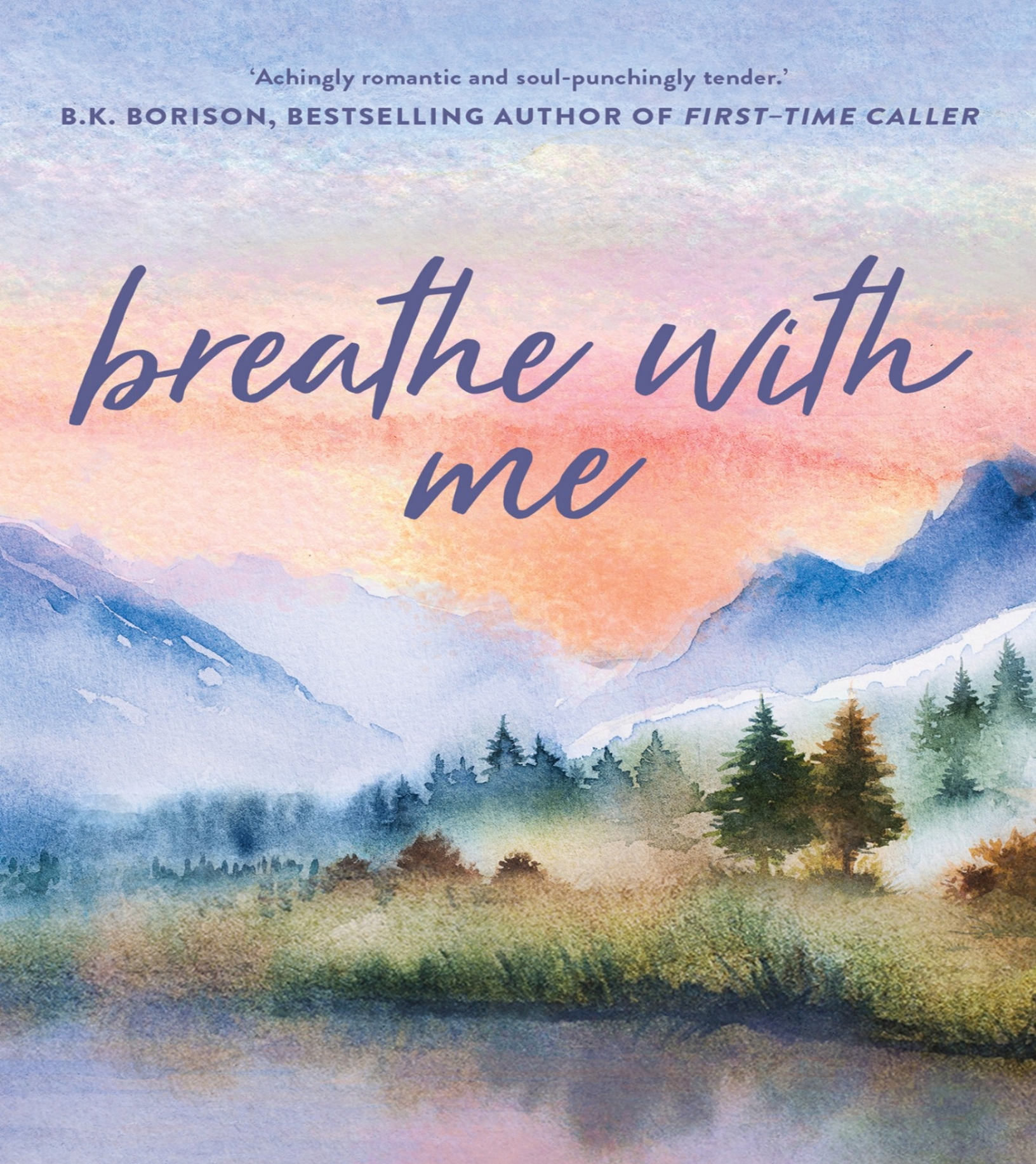
'Achingly romantic and soul-punchingly tender.'

B.K. BORISON, BESTSELLING AUTHOR OF *FIRST-TIME CALLER*

breathe with me



BECKA MACK

BESTSELLING AUTHOR OF *CONSIDER ME*

Obrigado por baixar este ebook da Simon & Schuster.

Assine nossa lista de e-mails para receber atualizações sobre novos lançamentos, ofertas, recomendações de leitura e muito mais da Simon & Schuster.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

Já é assinante? Forneça seu e-mail novamente para que possamos registrar este ebook e enviar mais conteúdo do seu interesse. Você continuará recebendo ofertas exclusivas em sua caixa de entrada.

OceanofPDF.com

Breathe with Me

BECKA MACK



SIMON &
SCHUSTER

New York · Amsterdam/Antwerp · London · Toronto · Sydney/Melbourne · New Delhi

OceanofPDF.com

Para aqueles que tanto desejam ser pais,
que estão exaustos e com o coração partido,
e tão cansados de perguntar por quê.
Eu vejo vocês.

E por mim.
Por todas as minhas lágrimas, minha dor,
pelos anos passados me perguntando por quê, me perguntando quando.
Pelo corpo que eu odiava e pela mente que foi destruída no processo.
Pela força que encontrei quando pensei que não conseguiria ir mais fundo,
e quando pensei que não deveria precisar ir mais fundo.
Sinto muito por não ter sido mais gentil com vocês.
Sinto muito por não ter amado vocês da maneira que precisavam ser amados naquele momento.
Sinto muito por não ter reconhecido seu valor.

O valor de ninguém está atrelado à capacidade reprodutiva do corpo.

OceanofPDF.com

Nota da autora

"Breathe with Me" aborda temas como acolhimento familiar e adoção, além de questões delicadas como infertilidade e seu impacto na saúde mental e nos relacionamentos. Se você é sensível a esses assuntos, utilize esta informação para tomar uma decisão consciente sobre se deseja prosseguir com a leitura.

OceanofPDF.com

1 EU NÃO ME JOELHO POR NADA—OPS, JÁ ESTOU DE JOELHOS Cara

Três anos e meio atrás: A noite em que nos conhecemos

"ME DÊ UMA BOCA E ME MANDE ENGOLIR, ISSO É COMIDA DEMAIS."

Aperto a mão na testa, o pânico subindo pela minha garganta enquanto observo o bufê carregando caixa após caixa de comida quente.

Uma coisa sobre Cara Nicole Hunter? Sou extremamente persuasiva.

Eu sei o que você está pensando: Cara, querida, a gente já sabia disso.

Acho que a verdadeira pergunta é: Como eu sou tão persuasiva?

Resposta sincera? É um talento dado por Deus.

O que isso significa para mim? Significa que consigo muitas coisas na vida, principalmente do meu jeito. Na verdade, o que mais eu poderia pedir? O gato de rua de três patas que apareceu na nossa porta numa noite chuvosa quando eu tinha oito anos? Dormiu no meu travesseiro por seis anos depois que deixei escapar a primeira lágrima quando meu pai disse não porque o vovô era alérgico. (Ele nunca ia viver para sempre mesmo.) A excursão da minha turma de história ao aquário no meu aniversário de dezesseis anos? Como eu tão gentilmente informei à minha professora, nenhum adolescente de dezesseis anos deveria ter que passar um dia tão monumental e histórico preso numa sala de aula. E aquele conversível de duas portas, de sete anos, que eu precisava ter aos vinte, mas que estava cinco mil dólares acima do meu orçamento? Saí dirigindo com mil dólares a mais no bolso depois de nada mais do que uma piscadela, uma mordida no lábio inferior e um "por favor" sussurrado.

As coisas sempre saem do meu jeito, mas quando a última caixa de comida é colocada no balcão da cozinha minúscula do charmoso salão de jogos, lembro-me de que, quatro meses atrás, quando me encontrei com Debbie, coordenadora de eventos

do Vancouver Vipers — ou seriam Vixens? —, não era uma questão de "ou do meu jeito ou nada feito". Insisti que Debbie só precisava da metade do que queria, e ela insistiu que precisava de tudo. Mantive minha posição, mas ela se manteve firme, sorrindo como se soubesse de algo que eu não sabia. Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser observá-la em silêncio, boquiaberto, enquanto ela saía, todos os pensamentos do meu cérebro grande e maravilhoso reduzidos a um único "que merda é essa?". Meu mundo inteiro havia sido abalado de uma forma inacreditável, e eu simplesmente não sabia como continuar existindo. Essa foi a desculpa que dei à minha melhor amiga, Olivia, quando pedi educadamente uma massagem nas têmporas, tacos e uma jarra de margaritas mais tarde naquela noite.

Mesmo assim, perseverei, porque outra coisa sobre Cara Nicole Hunter? Eu sempre me supero. Mas se eu perder as Vancouver Vixens ou seja lá o que for, porque deixei elas gastarem 75% do orçamento em comida que com certeza não será toda consumida hoje à noite, eu posso perecer. Venho me matando de trabalhar desde que me formei na Universidade de Vancouver, há dois anos, e finalmente estou conseguindo fazer a Fête & Flair decolar.

Não me entendam mal: coordenar casamentos requintados tem sido prazeroso. E aquele bat mitzvá extravagante no verão passado? Me deram uma gorjeta tão boa que consegui arrastar a Olivia para Nashville por cinco dias, onde realizei meu sonho de cavalgar um cowboy. Mas estou pronta para mais. Certamente não sou a única organizadora de eventos que sonha em realizar eventos inesquecíveis, nos quais as pessoas acordam nuas ao lado de seu arqui-inimigo, sem a menor ideia do que aconteceu, além de que 1) o sexo foi, sem dúvida, o melhor que já tiveram, e 2) a festa foi de outro mundo.

Pontos extras se a festa arrecadar uma grana preta para caridade.

Essa organização está realizando seu primeiro evento beneficente para o The Family Project, uma instituição de caridade que apoia um orfanato local, e eu não posso estragar tudo.

"Não vou permitir", murmuro enquanto a comida é levada pelo corredor até as mesas no fundo do salão. Debbie, a coordenadora das Vixens, infelizmente insistiu em um bufê.

"O quê?" Shazia se junta a mim, tomando um gole de seu latte extragrande. Aparentemente, minha segunda em comando precisa de cafeína para me aguentar.

Que grosseria, eu sei. "Você está resmungando sozinha há uns dez minutos e parece que vai vomitar." Ela ajeita a blusa antes de passar a ponta do dedo pelo queixo, sobre a barra do seu hijab roxo escuro. "Não faça isso perto de mim. Não posso deixar você estragar meu look. Esses caras..." Ela beija a ponta dos dedos. "Beijo do chef."

"Que caras?"

Ela levanta as sobrancelhas. "O time?"

"As Vixens?"

Ela revira os olhos. "Os Vipers, Cara. Eu pesquisei sobre eles ontem à noite, e só digo uma coisa: eu teria virado fã de hóquei anos atrás se soubesse que os jogadores tinham essa aparência. O número 87 já viu de tudo; devem ser as covinhas dele."

"Será que ele tem uma personalidade encantadora?", sugiro, arqueando a sobrancelha em tom de brincadeira enquanto me dirijo às mesas de comida.

Shazia faz uma careta. "Personalidade encantadora? Não, ele tem aquele olhar. Sabe, aquele olhar que você sempre diz que merece um tapa na cara."

"Ah. O olhar de cafajeste. Conheço bem." Espiando por baixo das tampas das panelas aquecidas, inalo os aromas e suspiro. Debbie entra justamente nesse momento, com o braço entrelaçado no do marido, e eu aponto para ela. "A culpa não é minha se toda essa comida não for comida." Jogo os braços para o ar. "E é Ano Novo, Debbie. E se seus convidados começarem o ano novo comprometidos com alguma dieta rigorosa e não quiserem comer nada disso?"

Ela sorri de canto, abotoando o casaco enquanto murmura algo sobre ter certeza de que não precisamos nos preocupar com isso, e eu solto um suspiro de espanto ao ver o deslumbrante vestido vermelho que ela está usando.

"Debbie! Olha só para você!" Tiro o casaco de suas mãos, ajeitando seus cachos prateados soltos enquanto ela tira o gorro de tricô. "Albert." Cutuco o marido dela, cujos olhos arregalados alternam entre mim e a esposa, porque ele me viu passando por aqui mais cedo enquanto eu arrumava as coisas, e acho que o assustei, sei lá. "Você viu sua esposa?"

"Já vi... Ela... ela está..." Ele respira fundo, alisa a gravata com a mão e pisca para Debbie. "Linda. Como sempre."

"Tá a fim de transar hoje à noite?" Inclino a cabeça na direção de Debbie e dou uma piscadela. "A Debbie tá sempre a fim."

"O que é 'a fim de transar'?"

“A fim de transar. Né, Deb? Toma uns drinques e você vai estar dançando em cima da mesa hoje à noite.”

Debbie bufa e me dá um tapinha. “Este é um evento beneficente para crianças em lares adotivos, Sra. Hunter.”

“Exatamente.” Lanço-lhe um olhar significativo. “Lembre-se disso quando estiver no sexto drinque e tentando arrastar o Albert para o armário de casacos.”

Outra risada, mas se dissipa quando ela gira, os olhos brilhando enquanto observa o espaço, um paraíso invernal cintilante sem o frio úmido de janeiro na Costa Oeste. “Está deslumbrante, Cara. Você fez um trabalho incrível, mas eu não tinha dúvidas de que faria.” Pequenas empresas lideradas por mulheres me fascinam, ela disse quatro meses atrás, quando perguntei se ela realmente estava apostando no meu pequeno negócio de planejamento de eventos. Ela então me convidou para tomar um drinque e, quatro horas depois, conheci Albert quando ele teve que buscá-la no bar porque eu a convenci a tomar Jägerbombs.

Já mencionei que sou persuasiva, certo?

"Agradeço muito a sua confiança contínua em mim." Meus olhos se voltam para a mesa de comida e sinto minha expressão se contorcer de agonia.

"Não é muita comida", ela insiste, com um tom divertido na voz.

“Você tem razão.” Fungo, jogando os ombros para trás. “Porque vou ficar aqui hoje e devorar tudo, se precisar, e quando eu passar mal amanhã, você vai ter que vir cuidar de mim.” Outro fungar. “Eu gosto de latte com marshmallow tostado e um coração na espuma porque me faz sentir especial, e se você quiser trançar meu cabelo e me encher de elogios, também seria legal.”

Reviro os olhos e Debbie murmura algo sobre eu ser quase tão teatral quanto alguém chamado Carter Beckett. Será que gosto dele imediatamente porque somos parecidos, ou o detesto porque ninguém ofusca Cara Nicole Hunter? Só o tempo dirá.

Conforme as pessoas começam a chegar, desapareço no fundo, mas não sem antes observar o olhar de admiração em seus rostos enquanto contemplam a decoração. Isso sempre me lembra que escolhi o caminho certo, corri atrás dos sonhos certos, trabalhei duro para chegar onde estou. Eu disse que as coisas vêm com facilidade para mim, mas isso nunca significou que eu não esteja me matando de trabalhar para ter a vida que quero.

Passei a próxima hora preparando o leilão ao vivo e, quando estava pronto, vinte minutos antes do previsto, finalmente me dei um minuto para respirar. Dentro da minha bolsa, encontrei um pacote de Skittles e um de M&Ms, abri-os e despejei alguns na palma da mão. Engoli o punhado com um murmúrio alegre, retribuindo o olhar de nojo de Shazia com uma piscadela enquanto acompanhava o lanche com uma taça de vinho tinto.

"Eu sei", suspirei, girando o vinho na taça enquanto lia o rótulo da garrafa. "Um Merlot de 2008? Para ser apreciado, não para ser engolido de uma vez. Sou uma ameaça."

"São os Skittles e M&Ms misturados que fazem de você um monstro, Cara. Nem tente."

Sustentando seu olhar, enfio mais um punhado na boca, lambendo os lábios ao engolir. "Eu não brinco em serviço, Shazia."

Suspirando, ela se serve um copo d'água e abana o rosto corado enquanto bebe. "Você devia brincar com um daqueles caras lá fora. Eles são uns gatos."

Considero uma conquista pessoal cada vez que Shazia diz "gatos". "Quão gato pode ser um jogador de pickleball?"

"Jogador de hóquei", corrige Shazia.

Olha, eu não pratico esportes. Todo mundo sabe que eu não pratico esportes. Claro, a cada dez dias, mais ou menos, Olivia me arrasta para uma aula de ioga quente, mas eu passo a maior parte do tempo reclamando que meu corpo não deveria se dobrar daquele jeito a menos que eu esteja sendo penetrada, e depois fico me contorcendo no tapete. Aí eu convenço Olivia a parar para comer hambúrgueres e tomar milkshakes no caminho para casa — porque, né, equilíbrio — e eu me insinuo para uma sessão de carinhos no sofá depois de fazê-la admitir que me ama.

De qualquer forma, hóquei. Pesquisei no Google o jogador de hóquei mais famoso e uma foto desse velho chamado Wayne Gretzky apareceu. Parei minha busca lá. Ouça, eu não me oponho a homens mais velhos, mas o pobre Wayne parecia ter parado de ser capaz de lidar comigo há pelo menos dez anos. Em sua juventude, no entanto? Inscreva-me, tainha e tudo. Acho que Olivia não gostou disso - ela adora hóquei - porque seguiu um longo momento de silêncio atordoado com uma ameaça silenciosa e aterrorizante de me renegar. A piada é sobre ela; Ela amarrou toda a sua alma à minha seis anos atrás, o dia em que nossos olhos se encontraram em nosso

minúsculo dormitório e compartilhamos duas doses de tequila. Ela nunca vai se livrar de mim agora.

"Eu gosto de Debbie. Se tudo correr bem, ela me contratará para eventos futuros. Eu não posso foder os jogadores."

O suspiro de Shazia é todo drama enquanto ela olha para mim por baixo de cílios grossos e escuros. "Um verdadeiro amigo me deixaria viver indiretamente através deles."

"Ouça." Coloquei meu vinho no chão e espiei pela porta para avaliar o quão prontos eles estão para o leilão. "Eu não fico de joelhos por não..."

Ah.

Oh, Jesus.

Jesus fucks fuckballs.

"Isso é... isso não é..." Minha boca seca enquanto gesticulo ao acaso para o gigantesco grupo de homens reunidos no fundo da sala, empurrando comida goela abaixo. "Wayne Gretzky."

Shazia bufa. "Wayne Gretzky? Ele se aposentou, tipo, há vinte anos. Quantos anos você achou que os jogadores tinham, Care?"

"Eu pensei... Eu pensei..." Meu aperto afrouxa, tanto na minha sanidade quanto no meu doce, o último derramando das minhas mãos, deslizando pelo chão. As cabeças de cada homem amontoado na mesa de comida se erguem, os olhos procurando, como se reconhecessem o som da comida batendo no chão.

Doce mãe da foda, eles são bonitos. Bonito, largo e alto. Homens altos e altos, o que é sempre bom como uma rainha de um metro e oitenta.

"Candy", murmura um deles, olhos verdes angustiados saltando entre meus lanches derramados, meu rosto e seus amigos. Ele gesticula em direção aos meus pés com seu prato de comida, parecendo entrar em curto-circuito enquanto bate no ombro de seu amigo. "Ela não vai... ela não vai desperdiçá-lo, vai? Regra dos dez segundos! Regra dos dez segundos!"

Seu amigo suspira. "É uma regra de cinco segundos, Carter, não dez." Seu olhar rastreia o doce espalhado, diminuindo a velocidade como se tivesse sido mergulhado em melaço quando para em meus calcanhares pontudos. Olhos azuis se arrastam pelo comprimento das minhas pernas, e sua garganta funciona enquanto esses olhos saltam de quadril em quadril no meu vestido vermelho colante. Mais adiante, e cada

centímetro de mim chia sob seu olhar insaciável. Deus, eu posso sentir isso, como uma mão patinando grosseiramente ao meu lado, segurando minha cintura, depois minha garganta.

E então esses olhos vêm para os meus. Quente e brilhante, o sol e o verão me aquecendo desde a ponta dos pés até onde ele se acumula no meu peito e rasteja para dentro das minhas bochechas. Impossivelmente largo e cheio de admiração, como se ele tivesse acabado de descobrir que há uma oitava maravilha do mundo, e ela está bem na frente dele.

Aqueles olhos me paralisam. Roubam as palavras da minha garganta, meu próprio nome da minha memória. Não sei o que é; sinceramente, não sei. Talvez seja o jeito como cada grama de exaustão desaparece como nuvens depois da tempestade, revelando o céu mais azul e límpido. Talvez seja o jeito como exigem cada centímetro da minha atenção, me desafiando a desviar o olhar. Não consigo. Não consigo desviar o olhar, e não sei por quê. Pela primeira vez na vida, fico parada e esqueço tudo.

“Cara!” Mãos agarram meus ombros, me puxando para um abraço caloroso. Acho que Debbie sorri para mim. “Você viu? Eles estão comendo tudo! Eu te disse! Você me deve doses de tequila.” Ela segue meu olhar por cima do ombro e murmura. “Ah. Vejo que você chamou a atenção do nosso esquerdista favorito.”

Não vejo o que a política tem a ver com isso, mas as palavras dela são suficientes para me tirar do transe, desviando meu olhar do dele para que eu possa admirá-lo por completo, e puta merda, olha o tamanho daquelas mãos. Aquelas mãos enormes poderiam acabar com uma buceta. Passo o dedo pela delicada corrente de ouro que repousa na base do meu pescoço, e um calor percorre minhas pernas enquanto imagino uma daquelas mãos se fechando em torno do meu pescoço, apertando enquanto ele me segura no lugar, penetrando-me com força.

O homem ao lado dele desiste do meu doce que derrubei, soltando um suspiro dramático e... batendo o pé. Hm. Talvez seja esse o teatral "Carter Bucket" de que a Debbie me falou antes. "Já faz muito mais de dez segundos", ele reclama. "Agora ninguém vai pegar o doce."

Minha obsessão atual não permite que ele desvie o olhar do meu enquanto murmura, novamente: "Regra dos cinco segundos, Carter, não dez."

A carranca de Carter Bucket se transforma em um sorriso irônico enquanto ele olha do amigo para mim, como se uma compreensão estivesse surgindo. Com toda a

arrogância de um homem que se acha o máximo, ele caminha até mim.

Dói-me admitir, mas ele é lindo. O tipo de homem que faz você pensar que Deus realmente existe. Alto e forte, com um maxilar esculpido em mármore, covinhas que fazem as pernas tremerem, uma cabeleira castanha ondulada e olhos esmeralda estonteantes.

"Ei", ele sussurra. "Eu sou—"

"Não."

Seu queixo cai, e seus colegas de time — e Debbie — dão risadinhas. “O quê? Mas eu—”

“Eu sei que essa palavra é difícil para você entender, não é? Veja bem, eu disse não, mas receio que você tenha entendido como ‘por favor, continue falando comigo’”. Meu sorriso é tão condescendente quanto suave enquanto toco o queixo de Carter com dois dedos, fechando delicadamente sua boca. “Para deixar claro, não, seu babaca.”

“Meu Deus”, murmura um dos homens, com as mãos afundadas em seus cabelos loiros. “Está acontecendo.”

“Nunca vi nada parecido”, sussurra outro, cachos escuros caindo sobre olhos azuis brilhantes enquanto sua cabeça se move bruscamente para frente e para trás, nos observando. “Estou... perplexo.”

“Sem palavras.” Um murmúrio distraído daquele que é o responsável pelo estado frenético do meu coração — tanto o que bate no meu peito quanto o que está entre minhas coxas. O jeito como ele deixa o olhar percorrer cada centímetro do meu corpo como se fosse seu direito me incendeia por dentro. E aquele sorriso de canto? Aquele sorriso de canto me diz que eu deveria me acostumar.

Mas eu nunca me ajoelho tão facilmente.

“Tira uma foto”, digo arrastando as palavras, jogando meus cabelos loiros para trás do ombro. Enquanto me abaixo para pegar os doces espalhados, olho para trás, piscando os cílios, observando seu sorriso se alargar e seus olhos descerem para a minha bunda. “Vai durar mais.”

“Espera”, ele chama enquanto eu vou para os fundos. “Você esqueceu uma coisa.”

Verifico minhas unhas vermelhas brilhantes. “Não deve ser tão importante assim se eu consegui esquecer.”

Ele dá uma risadinha suave, o balançar de cabeça tão sutil que quase não percebo. "Ah, mas é aí que você se engana."

Abro a boca para dizer que nunca, jamais me engano, e que ele deveria anotar isso, mas ele levanta a mão, me interrompendo.

"Eu sei, eu sei. Você nunca se engana, e é absurdo da minha parte sequer sugerir isso. Mas me faça esse favor, só desta vez?"

Passo a língua pelos lábios para conter o sorriso. "Continue."

"Veja bem, você se esqueceu de perguntar meu nome." Lá vão seus olhos, percorrendo meu corpo novamente, como se estivesse memorizando. Ele coloca a mão sobre o coração como o santo que é. "E seria cruel da minha parte deixar você ir embora sem saber."

"Hum. Um homem atencioso, não é?"

"Sim." Ele enfia as mãos grandes nos bolsos e, meu Deus, acho que o homem não parou de sorrir. Ele inclina a cabeça. "Emmett Brodie, ao seu dispor, minha rainha."

Meu Deus, finalmente, um apelido merecido. Quero me banhar nele como se fosse sol, rebolar em toda essa glória, mas Emmett Brodie parece não ter terminado.

"Agora, já que você nunca, jamais se esquece de coisas importantes..." Ele procura no bolso de trás, tirando um celular. "Você estava prestes a me dar seu número."

Cruzo os braços sobre o peito para esconder que meus mamilos estão eretos. "Nossa, você está ansiosa. Não vai perguntar meu nome primeiro?"

"Não. Já sei."

Com um sorriso perfeito e largo, Emmett Brodie coloca o celular na minha mão. Está aberto na página de Novo Contato, mas o campo do nome já está preenchido.

Sra. Brodie.

Pela primeira vez na vida, meu coração dispara.

Uma sombra me cobre, e o ar me escapa dos pulmões quando lábios perfeitos e carnudos se aproximam da minha orelha, a respiração quente deslizando pela minha nuca.

“Vamos lá, Sra. Brodie. Quanto mais rápido terminarmos as formalidades, mais rápido chegaremos à parte divertida, como meu anel no seu dedo e você na minha cama para o resto da vida.”

Eu, CARA NICOLE HUNTER, falhei.

Não sou mais uma rainha confiante.

Sou uma rainha errática, escondida no quarto dos fundos, onde estou desde que me afastei de Emmett Brodie sem dizer uma palavra, depois de lhe dar meu número de telefone.

Consegui fazer isso com toda a confiança do mundo, piscando os cílios, rebolando. Aí, assim que entrei pela porta, comecei a suar frio de pânico, tomei outra taça de vinho, depois outra, e mandei dezessete mensagens para a Olivia em rápida sucessão.

Olha, eu adoro homens. Eles são gostosos, ansiosos, e alguns sabem usar os dedos, a língua e o pau — eu chamo isso de santíssima trindade. Mas, Jesus Cristo — e digo isso com o máximo respeito — pelo menos 75% dos homens com quem converso me fazem pensar: Sério? Você foi o espermatozoide mais rápido?

Aprendi que não dá para ter tudo quando se trata da maioria dos homens: a aparência, a habilidade na cama e a personalidade. Estou sempre sacrificando uma coisa pela outra, e como não estou procurando nada mais sério do que uma transa com potencial para me deixar de cama, normalmente é a personalidade que acabo deixando de lado.

Mas e aquele homem lá fora? Ele não é só um cara alto de mais de um metro e oitenta, com cabelos loiros, olhos azuis como o céu e um sorriso de tirar o fôlego, realçado por um maxilar impecavelmente esculpido. Ele também é... espirituoso. Confiante. Um pouco arrogante, e com razão. Inteligente também, e tudo isso junto? Uma combinação letal que me faz reorganizar mentalmente minha agenda pelos próximos cinquenta anos, mais ou menos, só por causa de um homem.

Será que eu perdi a cabeça?

Passo a mão no ar, afastando os pensamentos que me invadem a mente, enquanto Debbie entra cambaleando na sala.

“Cara, não tenho palavras para agradecer. Foi uma noite maravilhosa.” Ela me abraça e eu me afundo num abraço que tem um cheiro forte de tequila. “Não acredito na quantia que arrecadamos. Você soube que o Emmett doou cinquenta mil dólares?”

Talvez eu tenha ouvido, talvez não. Talvez eu tenha vomitado em pânico quando Shazia pesquisou o salário dele no Google e esfregou na minha cara. Graças a Deus

pelo kit de higiene de emergência na minha bolsa de trabalho. Depois de escovar os dentes, usei outra taça de vinho tinto como enxaguante bucal.

Quer dizer, nove milhões por ano? Quem... O quê...? Abano o rosto pela quinquagésima vez esta noite enquanto um calor vertiginoso sobe à minha cabeça.

Debbie me dá um sorriso bobo, arqueando as sobrancelhas. "Ele é bonito, né?"

"É mesmo? Não tinha reparado." Afundo o rosto num longo gole de vinho. Pelo menos não estou mais gargarejando. "Hipótese: qual seria a política de vocês se, digamos, os Vipers contratassem a Fête & Flair para fazer eventos futuros, e o dono da Fête & Flair começasse — hipoteticamente, claro — a dormir com um dos jogadores?"

Debbie toca o queixo. “Sabe, pensando bem, acho que não temos uma política específica para nossos prestadores de serviços terceirizados.” Ela pisca quando o marido se junta a nós, com os casacos na mão. “Tem certeza de que não podemos ficar e ajudar a limpar? Você está sozinha aqui.”

“Por favor, não. Vai para casa e se diverte, Deb. A equipe de limpeza chega à uma. Depois eu vou para casa.”

Debbie aperta meu ombro. “Você é um anjo. Entro em contato na segunda-feira.”

Quando as portas se fecham atrás deles, eu me acomodo na quietude. Sempre gosto dessa parte. O contraste da bagunça com o silêncio. Às vezes me lembra da minha cabeça.

Meu celular vibra e eu suspiro ao ler a mensagem.

Preston (o cara das finanças, com problemas com a mãe): Por favor, amor. O que eu posso fazer para ter outra chance?

Jesus, de novo? Preciso me livrar desse cara.

Eu: 3.000 dólares. Preston (o cara das finanças, com problemas com a mãe): Sério??? Eu: Vou pensar.

Não vou, mas tem pelo menos outras vinte mensagens iguais a essa, do último mês, e eu simplesmente não sei mais o que fazer para ele entender. Com certeza, pedir dinheiro vai resolver.

Meu celular vibra de novo e eu engasgo com o vinho, cobrindo a boca quando ele começa a cuspir.

Um calor repentino me atinge as costas e meu cérebro entra em pane quando mãos grandes pousam no balcão, uma de cada lado, me encurralando.

"Três mil dólares", sussurra Emmett Brodie, com o queixo apoiado no meu ombro enquanto lê a transferência bancária recém-adquirida na tela do meu celular. "De quem?"

Respiro fundo, sentindo a pressão no peito e o calor se espalhando pelo meu corpo. "Do meu ex. Ele quer voltar."

"Entendo." Seus olhos encontram os meus. "Bom, continue. Diga a ele que você está comprometida."

Contenho o sorriso enquanto encaro Emmett, tão presunçoso e convicto, enquanto digito uma mensagem.

Eu: Já pensei nisso. É um não.

"Boa garota. Mas isso certamente não foi um 'estou comprometida'."

Me contorcendo entre seus braços, me encosto no balcão. "Porque eu não estou."

"Não está?" Ele inclina a cabeça, um brilho travesso em seu olhar azul. "Hum. Teremos que resolver isso."

Levo minha taça de vinho aos lábios. "É fofo você ter sonhos tão ambiciosos."

Emmett enxuga a diversão com a ponta do polegar. "Quando posso te convidar para um encontro?"

"Minha agenda está lotada."

"Libere-a."

"Não sei se estou interessada."

"Você está."

"Estou mesmo?"

Seu olhar desce para meus seios, meus mamilos ansiosos por encontrá-lo também. Essas garotas nunca mentem. "Sim."

Pego uma gota de vinho escorrendo pela minha taça com a ponta da língua. "Amanhã."

"Amanhã? Tem certeza? Por que não agora?"

"Acabamos de nos conhecer. Nunca faço nada no primeiro encontro. Virtude, e

tudo mais."

"Virtude é tão importante." Ele toca no meu celular, iluminando a tela e revelando que, às 23h58 e com três mil visualizações, Preston ainda não sacou a deixa. "Tudo bem, então. Amanhã."

Ele inclina a cabeça e meu corpo se contrai. Quando seus lábios quentes tocam minha maçã do rosto, volto à realidade, agarrando minha taça de vinho como se fosse meu último fio de sanidade.

"Este é o meu aniversário favorito de todos os tempos", ele murmura contra minha pele.

"O quê? É seu aniversário?"

"Sim. Por mais dois minutos, pelo menos. Nasci no Ano Novo, acabei de fazer vinte e sete. Parece muito com o primeiro dia da minha vida, no entanto."

"Feliz aniversário", respiro, com o coração acelerado pela sensação dele pressionado contra mim, seus dedos deslizando pelo meu cabelo. "O que você ganhou?"

Sua palma se acomoda na curva da minha lombar, seu sussurro pressionado contra meu ouvido. "Você."

Meu coração dispara enquanto pressiono minha mão contra ele, me controlando para não chamá-lo, para não pedir que fique. Ele não me dá essa chance.

Antes de desaparecer pela porta dos fundos, ele pisca. "Boa noite, Sra. Brodie."

Abro meu celular, ignorando a mensagem de Preston perguntando se mais dois mil dólares resolveriam o problema, e vou até o contato de Olivia. São 23h59 e não há a menor chance de ela atender, mas ligo mesmo assim.

Estou prestes a deixar um recado de voz furioso sobre a audácia de dormir durante um momento tão importante quando alguém bate na porta dos fundos. E quando abro?

Emmett Brodie está lá, de cabeça baixa, agarrado ao batente.

Não há um pingo de remorso naqueles lindos olhos quando ele me encara por baixo dos cílios grossos.

Aqueles olhos não são nada comparados ao sorriso que esse homem me lança.

"Bom dia, linda." As palavras doces deslizam ásperas pela minha lateral enquanto ele entra, gentilmente me empurrando para trás. "É amanhã."

Minha mandíbula se desloca e ele sorri, segurando-a enquanto minhas costas batem no balcão.

"Ah", ele sussurra, o polegar traçando meu lábio inferior. "Eu estava preocupado que meu pau não coubesse aí, mas agora vejo. Boca perfeita, assim como o resto de você. Você não terá problemas, terá?"

Um fogo se acende em meu ventre e luto contra a vontade de apertar minhas coxas. "Meu Deus, você é arrogante, não é?"

"Agora, eu sei o que você está pensando." Ele me coloca na beirada do balcão, a mão deslizando da minha mandíbula até a base da minha garganta, onde me segura suavemente. “Mas bastou um olhar para eu saber que você tinha que ser minha. Eu não te mereço agora, mas vou passar o resto da minha vida compensando isso, e quando eu morrer, serei um homem digno.” Ele inclina minha cabeça para trás, a boca a um sopro da minha. “Diga que eu posso te ter, linda. Porque é você ou ninguém.”

“E se eu disser não?”

“Então eu desisto. Lamento tudo. Saio do time, saio do hóquei. Vendo minha casa e volto para casa, moro no porão dos meus pais pelo resto da minha vida vazia enquanto fico sofrendo pela mulher que me escapou.” O rosto dele se curva levemente, os lábios roçando os meus de um jeito que incendeia minha alma. “Mas você não vai dizer não, vai? Você quer ser adorada. Deseja isso. Merece isso. E quer que eu faça isso.”

A alça fina do meu vestido escorrega do meu ombro, e os olhos de Emmett se fixam ali. Ele segura meu pescoço com firmeza enquanto sua mão livre desliza pela minha lateral, arrepiando cada centímetro do meu corpo. As pontas dos dedos grossos dançam sobre meu ombro, alcançando a alça, mas em vez de ajeitá-la, ele a segura com força.

Meu peito sobe e desce, o coração dispara. "Este vestido é uma obra-prima", mal consigo respirar.

"Não." Seus lábios roçam meu maxilar, parando perto da minha orelha. "Você é a obra-prima."

Envolvo um braço em volta do pescoço dele, deslizando a mão pela nuca, sobre o cabelo curto, afundando os dedos nas ondas grossas no topo. Preciso de toda a minha força de vontade para afastar a boca dele da minha, e sorrio ao perceber o leve pânico que surge em seu olhar. Recuando um pouco mais no balcão, a alça de cetim do meu vestido rasga na mão de Emmett enquanto me movo. Deslizando o tecido vermelho

liso pelas minhas pernas, tiro minha calcinha fio-dental preta, coloco-a no bolso da camisa dele, levanto os calcanhares e abro as coxas. "Prove, Sr. Brodie."

"Puta que pariu." Seus lábios se entreabrem em um suspiro pesado e desesperado, as pupilas dilatadas enquanto se concentram onde eu o quero. "Não serei gentil."

"Não se preocupe. Eu gosto de coisas mais intensas."

Ele se ajoelha sem hesitar, agarra minhas coxas, puxa minha bunda para a beirada da bancada, enterra o rosto onde ele pertence, e eu morro.

Eu morro, aqui mesmo, em uma cozinha que não me pertence, com a bunda nua na bancada, enquanto um jogador de hóquei se banqueteia com minha xoxota. Eu morro repetidamente, uma morte linda, estrelada, enquanto Emmett Brodie enfia a língua dentro de mim, lambe meu clitóris. Enquanto ele me suga para dentro da boca, murmurando que sabia que eu teria esse gosto, como sua última refeição no corredor da morte. Enquanto seus dedos abrem caminho dentro de mim, mergulhando, curvando, exigindo. Enquanto seu polegar encontra meu clitóris e depois meu cu, me fazendo arfar. Enquanto eu digo a ele que ele é a primeira pessoa a me tocar ali, e ele promete que será o único. Enquanto ele sorri, me observando gemer e arquear as costas, convidando seu polegar a penetrar mais fundo, minha vagina se contraindo ao redor dos dois dedos que ele afunda dentro de mim, sua barba aparada brilhando e seus olhos cintilando enquanto me chama de sua esposa imunda e promete passar o resto da vida me fodendo onde e como eu quiser.

Eu morro, e gozo, e morro, e gozo. Quando gozo novamente, ambos os orifícios preenchidos e sua boca sugando meu clitóris, ele finalmente me concede misericórdia. Retira os dedos, pressiona a língua contra meu centro e me lambe lentamente, de baixo para cima.

E então ele fica entre minhas pernas trêmulas, sustenta meu olhar enquanto eu ofego em busca de ar, a fivela do cinto tilintando enquanto ele a solta.

"Diga que posso te ter." Suas calças caem no chão, e ele dispensa os botões da camisa, tirando-a pela cabeça, e graças a Deus, porque uau, que corpo! Seu lábio inferior desliza entre os dentes enquanto ele prende os polegares no elástico da cueca boxer preta, e meus olhos se arregalam quando seu pênis grosso e enorme salta para fora.

Uau!

Uau!

Uau, uau, uau! Puta merda... Quer dizer, é simplesmente... simplesmente...

Dedos seguram meu queixo, guiando meu olhar de volta para o olhar divertido de Emmett, e eu não perco tempo em lhe dar as palavras que ele quer.

"Você pode me ter", eu ofego, agarrando seus cabelos e puxando-o para mim. "Você pode me ter."

Nossas bocas se encontram e tudo dentro de mim para abruptamente. Meu mundo para de girar com o gosto dele, a doçura de mim em sua língua enquanto desliza contra a minha, a maneira delirante como ele devora minha boca. Sinto cada grama desse beijo, a forma como ele penetra na minha corrente sanguínea, pulsa pelas minhas veias enquanto ele segura minha cintura, me apertando contra si.

Nos separamos, ofegantes, a fome em seu olhar cortada pelo choque que franze suas sobrancelhas. Seus olhos percorrem meu rosto, observam-me levar dois dedos trêmulos aos lábios, sentindo-os vibrar, desesperados por mais.

Meu peito sobe e desce, mas juro que meu coração não está batendo. Está parado, congelado, esperando por algo que o faça voltar à vida.

E então a ruga na testa de Emmett se suaviza e o sorriso mais deslumbrante se espalha por seu rosto lindo. "Eu sabia", é tudo o que ele sussurra antes de entrelaçar minhas pernas em sua cintura. Ele inclina o rosto, e quando respira contra meus lábios, meu coração volta a bater.

Este beijo.

Este beijo é tudo o que você sempre sonhou. É mãos trêmulas, unhas roídas, apertos sufocantes. É hálito quente, línguas velozes, gemidos famintos e suspiros desesperados. É perceber que todos antes dele não significaram nada, porque isto? É assim que se sente estar viva. Desejar algo tão intensamente que todo o controle abandona meu corpo em um único suspiro. Quero entregar tudo, todo o poder que sempre aperto com força em meu punho, e deixá-lo tomar, usá-lo como bem entender. Não preciso me perguntar se confio nele o suficiente; eu simplesmente... confio.

Eu simplesmente confio.

"Você tem o pau mais bonito que eu já vi na minha vida."

"Sabe de uma coisa?" Seus ombros tremem com a expiração enquanto eu me esfrego em seu membro grosso. “Quando meu rosto estava enterrado entre suas coxas, eu pensava: ‘Essa é a buceta mais linda que existe’”.

“É verdade”, consigo dizer enquanto ele enrola meu cabelo em volta do punho, me puxando para trás para que ele possa me observar enquanto o observa me provocar, abaixando lentamente a cabeça do pau e me privando no último segundo. “Essa buceta foi feita pelos deuses.”

“Vai ser destruída por um também.” O polegar dele prende meu lábio inferior. “Destruída para qualquer um, menos para mim.”

“Você acha que ela é sua?”

“Ainda não, mas vou ser.” Um suspiro trêmulo enquanto ele penetra mais fundo dessa vez. Ele passa a mão pela boca, os olhos percorrendo meu corpo. “Vou tatuar a minha em cada parte sua que me pertence.” As pontas dos dedos mordem minhas coxas antes de me abrirem bem. “Vamos começar com essas coxas deliciosas.”

“Nossa, você fala demais. Me foda primeiro e depois a gente discute por quanto tempo você vai me ter.”

“Não está em discussão.”

“Que gracinha você achar que manda em tudo.” Eu rebolo, levando-o um pouco mais para dentro, e aperto, sorrindo quando ele solta um suspiro. “Me foda com vontade, Sr. Brodie.”

As pontas dos dedos roçam meus quadris enquanto as mãos dele se movem para o balcão, pressionando enquanto ele paira sobre mim. “Posso ser sincero com você, Sra. Brodie?”

“Sempre. O casamento se constrói sobre isso, não é?”

Olhos elétricos se erguem para os meus. "Eu tenho camisinha. Bem ali na minha carteira. Sempre use um." Sua língua corre pelos lábios, e eu não posso deixar de estender a mão, tocar seu peito largo, passar a ponta do meu dedo por aqueles músculos imaculadamente esculpidos. "Pela primeira vez na minha vida, eu não quero. Sem desculpas, sem falas, estou desesperada para sentir todos vocês." Ele arrasta um beijo pela minha clavícula, pela minha garganta, parando no canto da minha boca. "Diga-me para usá-lo. Eu já sei que nunca vou dizer não a você."

Eu deveria, não deveria? Eu não conheço esse homem. E, no entanto, "Estou tomando pílula" é o que sai da minha boca tola, seguido por "e tudo limpo".

Algo sombrio desliza por seus olhos, algo... possessivo. "Eu também."

E então, aquela minha boca tola e desesperada encontra seu ouvido, pressionando um gutural e ganancioso "Dê-me seu pau" na casca dele.

E ele faz. Jesus, ele faz.

Não há aviso. Sem lento, sem gentileza. É uma descida de montanha-russa para a loucura quando Emmett Brodie joga uma das minhas pernas sobre o braço, prende a outra e se dirige dentro de mim.

Minha alma prontamente deixa meu corpo, e minhas costas se curvam enquanto ele bate dentro de mim, repetidamente. Ele me pega com um braço em volta da minha cintura, arrastando-me para o peito, a testa pressionada contra a minha enquanto seus dedos se emaranham no meu cabelo, mantendo-me lá. Eu rasgo seus ombros, passando minhas unhas pelas costas, seus braços, deixando minha marca.

"Você pode acreditar que eu deixei você entrar em um desses... buceta requintada?" Eu ofego, mordendo um grito enquanto seu pau esculpe um lar para si dentro de mim. "Eu sou tão... agradável."

"O mais legal, baby. Em seguida, sua boca e um dia? Sua bunda."

"Um grande sonhador."

"Pau grande, grandes sonhos."

Cristo, esse cara. Arrogante, mas nele é quente. "Debbie disse que não podemos foder. Política da equipe. Caso contrário, se houvesse uma próxima vez, eu te daria totalmente minha bunda. Desculpe."

"Mentiroso", ele bufa em uma risada. "Debbie disse que não há política; Eu já perguntei."

Meu batimento cardíaco pula. "Você perguntou a Debbie se você poderia me foder?"

"Não, eu perguntei a Debbie se eu poderia namorar você. Para constar, porém, se a resposta tivesse sido não, eu teria dito que não me importo." Ele puxa para fora abruptamente, e antes que eu possa reclamar sobre isso, ele dá um tapa no meu clitóris, me fazendo gritar. "E isso é por mentir para mim."

Antes que eu possa mentir novamente, ele me arranca do balcão, me pressiona contra a parede e empurra de volta para mim.

"Fu-u-u-uck. Aí está minha boa menina, pegando meu pau." Sua palma pousa na minha garganta, colchetes na minha mandíbula, o polegar varrendo meu lábio inferior. "Sabe por que eu não teria me importado? Você foi feito para mim, ou talvez tenha sido eu feito para você."

"Como você pode saber?" E por que estou mesmo entretendo essa ideia? Por que se sente ... Certo?

“Porque meu coração parou quando te vi. Porque quando você se virou para ir embora, meu corpo disse: ‘Nem pensar’”. O suor escorre pela sua têmpora, e sua boca toma a minha num beijo ardente que me faz querer me enfiar dentro dele. “Porque nunca na minha vida me senti como me sinto agora, dentro de você, como se eu estivesse exatamente onde deveria estar. Não sei por quê, mas sei que toda vez que olho para você... meu cérebro simplesmente não para de gritar ‘meu’”.

“Você é louco.” Minhas mãos tremem enquanto sua pélvis se esfrega contra meu clitóris, e alguém acende um fósforo, incendiando uma explosão de fogos de artifício lá no fundo da minha barriga.

“E você adora isso. Você quer alguém louco por você, alguém cujos olhos vão te seguir sempre que você estiver no mesmo cômodo. Alguém que nunca vai parar de falar de você. Que te quer no seu melhor, no seu pior, e quando você estiver velha e grisalha.”

“Como você ousa? Tenho vinte e quatro anos para sempre, e este cabelo lindo nunca, jamais ficará grisalho.”

Emmett enterra um sorriso de tirar o fôlego no meu pescoço, cada estocada mais descontrolada que a anterior. “Hipótese: se o mundo acabasse e você envelhecesse e ficasse grisalha, eu ainda te foderia contra a parede.”

“Presumindo que seu pau ainda funcionasse.”

“Amor, meu pau sempre vai ficar duro para você.”

“Um rei do romantismo.”

Ele ri, mas quando levanta a cabeça, seus olhos se enchem de sinceridade, um desespero que não consigo decifrar, como se ele estivesse procurando respostas bem aqui no meu olhar. “Porra”, ele murmura. “Será que estou louco?”

“Acho que talvez esteja.” Um suspiro sobe pela minha garganta, arqueando minhas costas enquanto ele me penetra com força. “Eu vou... eu vou... ai, meu Deus, eu vou gozar.”

“Goza no meu pau, e você não vai gozar em outro pelo resto da sua vida.” O aperto dele na minha garganta se intensifica, uma ferocidade no olhar que me desafia, me desafia a tentar encontrar essa sensação em qualquer outro lugar. “É uma promessa.”

“Você não manda em mim.”

“Não”, ele ri, me observando tremer. “Algo me diz que será você quem manda. Mas aqui? Meu pau dentro de você? Eu mando. Então goza, e deixe todo mundo saber a quem essa buceta pertence quando você fizer isso.”

E, meu Deus, eu gozo. Minhas defesas se despedaçam, ou talvez seja a terra. Minha visão fica escura, pontilhada de estrelas, e tudo o que consigo ouvir é a voz rouca de Emmett no meu ouvido enquanto eu sussurro o nome dele.

“Essa é a minha garota.”

“Que buceta gananciosa.”

“Encharcada, só para mim.”

"Minha."

Dele. E quando ele ejacula dentro de mim, eu sinto o mesmo.

Antes que eu consiga recuperar o fôlego, ele se ajoelha, levanta uma perna sobre o ombro e enterra a boca entre minhas coxas. Me lambe até me limpar.

E quando termina? Ele me pressiona contra a parede. Agarra meu cabelo com a mão. Abre minha boca à força. E cospe aquela obra-prima lá dentro.

"Você quer ser mãe um dia?", ele pergunta enquanto tenta — sem sucesso — ajeitar meu vestido, o cabelo bagunçado na minha cabeça, e eu acho incrível ele estar me perguntando isso sem nem ter perguntado meu nome.

"Um dia", consigo dizer, ofegante, tropeçando, minhas pernas finalmente desistindo da luta.

Emmett me abraça pela cintura, pressionando suas palavras sussurradas contra minha boca. "Esse será o segundo melhor dia da minha vida, logo depois do dia em que eu fizer de você minha esposa."

OceanofPDF.com

2 DR. DONKEY DICK Cara

"É CHAMADO DE RESERVA OVARIANA DIMINUÍDA. Basicamente, com base nos seus níveis, você tem a quantidade de óvulos de uma mulher no final dos quarenta ou início dos cinquenta. Ou seja, quase nada."

Reserva ovariana diminuída. Parece um jeito chique de me chamar de velha pra caramba, o que não pode estar certo. Não eu, uma CEO de vinte e sete anos, espirituosa e determinada, de uma empresa próspera, esposa de um jogador profissional de hóquei cuja resistência é de outro mundo.

Mas foi isso que ele disse, não foi?

Engulo em seco, e a sensação é densa e seca, quase impossível. Torço as mãos, úmidas e trêmulas. Meu joelho não para de tremer, mas, pensando bem, ele não parou desde que entramos aqui, há uma hora, e fomos obrigados a esperar no saguão por quarenta e cinco minutos até que o Dr. Brenling se lembrasse de que tinha pacientes para atender. Sinto como se não tivesse respirado nenhuma vez durante todo esse tempo, e só quando uma mão grande e linda desliza sobre a minha é que meu peito se expande.

Meu olhar se ergue para o de Emmett, e o amor, a empatia e a paciência que brilham ali são a única coisa que faz meu coração acelerado voltar a bater em um ritmo constante. Esse é o meu marido. Ao meu lado a cada passo do caminho. Dedos entrelaçados nos meus. Olhos que veem tudo. Eu me conhecia antes dele. Sabia quem eu era, o meu valor. Mas quando ele entrou na minha vida, há três anos e meio, meu destino foi selado. Nunca mais existiria uma "eu" sem Emmett Brodie. Existia Cara Hunter, a mulher feliz e capaz de fazer tudo sozinha. E então havia Cara Brodie, a mulher que nunca mais precisaria fazer nada sozinha, mas com o homem que a lembrava dia após dia de que ela era capaz.

Eu era imparável antes de Emmett. Com ele, sou indestrutível.

Sua mão desliza pela minha mandíbula, puxando minha boca para a dele em um beijo suave que acalma o tremor quase imperceptível no meu queixo.

Dois anos. Dois anos tentando, e com certeza não fomos nada cuidadosos no ano anterior.

Dois anos e incontáveis testes de gravidez negativos. Dois anos e rachaduras demais na minha base. Passos demais em direção ao mar quando eu não sei nadar. Caminhadas demais na escuridão quando eu morro de medo do escuro.

A mão de Emmett desliza para a minha nuca, um peso que me lembra que não estou sozinha. "Então, para onde vamos agora? O que precisamos fazer?"

“Bem, você tem um—”

“Desculpe”, interrompi o Dr. Brenling. “Como isso pôde acontecer? Sou jovem. Sou saudável. Claro, eu como Skittles e M&Ms como se não houvesse amanhã, mas isso não vem ao caso.” Emmett sorri, mas há hesitação por trás do sorriso, uma força apática, e por algum motivo, isso acelera meu coração. Minha voz baixa. “Eu não entendo. Sou jovem. Saudável. Eu... eu... eu não entendo.”

Os olhos do Dr. Brenling saltam entre nós enquanto ele gira a caneta entre os dedos. Ele encolhe os ombros, rindo. "Tem certeza de que não cresceu em outro país?"

"O quê?"

"Em algum lugar com níveis extremos de poluição."

Eu pisco. "Nascido e criado no Canadá."

"Fumar um maço por dia?"

"Como assim?"

"As informações básicas que você forneceu à clínica dizem que você nunca fumou, mas as pessoas tendem a mentir sobre essas coisas."

Minha mandíbula tem tiques, porque se há uma coisa que eu sou, é patologicamente honesto. E quando se trata de algo tão sério e que altera a vida como a paternidade? "As informações que fornecemos à clínica são totalmente precisas."

Um aperto suave de Emmett, e a tensão empilhada em minha mandíbula diminui.

"Ah, bem, nunca se sabe. Descobriu-se que coisas como poluição e tabagismo pesado reduzem a reserva ovariana. Ele coloca a caneta entre os dentes, recosta-se na cadeira e gira de um lado para o outro enquanto me observa. Eu quero puxar essa caneta e esfaqueá-lo no olho, ou no pau dele, que com certeza será tão inútil quanto a porra dos meus ovários, aparentemente. "De qualquer forma, você tem algumas opções. Podemos começar com a inseminação intrauterina, ou um protocolo de IIU,

como o chamamos. Você toma injeções diárias para estimular seus ovários e estimular a liberação de óvulos, e nós monitoramos você para que possamos pegar esses óvulos no momento perfeito. Então você toma uma injeção que inicia a ovulação, e seu marido fornece uma amostra de esperma na manhã do procedimento. Limparíamos o esperma, nos livraríamos dos fracos e os inseriríamos o mais próximo possível dos óvulos para aumentar a probabilidade de fertilização. Inseminação intrauterina. Também prescrevemos progesterona para depois, o que ajuda o óvulo fertilizado a se implantar no útero, se houver de fato um óvulo fertilizado. Basicamente, criamos um ambiente o mais ideal possível para que a gravidez ocorra."

"Bem, ei." O aperto de Emmett no meu pescoço relaxa, e quando ele inspira bruscamente, eu percebo que ele estava prendendo a respiração. Seus olhos azuis brilhantes brilham com esperança enquanto ele sorri para mim. "Isso soa muito positivo, e como um ótimo primeiro ste—"

"Agora, na minha opinião profissional", interrompe o Dr. Brenling, balançando para a frente em sua cadeira. Ele bate as mãos na mesa e bate uma batida na língua, como se não estivesse falando sobre a probabilidade de eu e o amor da minha vida nos reproduzirmos. "Eu pularia o IUI. Vá direto para a fertilização in vitro. Fertilização in vitro. Dada a diminuição da reserva ovariana, acho que podemos presumir com segurança que a qualidade dos óvulos de Cara também está gravemente comprometida. E levar o esperma aos óvulos só fará muito se eles não forem óvulos de qualidade.

"Eu—" Uma sensação apertada e dolorosa se estende pelo meu peito, uma que eu nunca senti antes, e um peso cai na minha barriga. Eu coloco a mão sobre ele, seja para protegê-lo ou reprimir a doença que se forma lá, não tenho certeza. "Eu não tenho ovos bons?"

“Não é provável. Então, com a FIV, estimularíamos seus ovários para obter o máximo de óvulos maduros possível. Depois, faríamos o que chamamos de coleta de óvulos e usaríamos o esperma do Emmett para fertilizar seus óvulos. Em seguida, faríamos algo chamado classificação embrionária, que é quando monitoramos os embriões, e blá blá blá, é tudo muito chato. Basicamente, estamos procurando os melhores embriões, porque isso nos dá uma chance maior de sucesso. É muito mais caro do que a inseminação intrauterina (IIU), mas geralmente é bastante eficaz. Na verdade, temos uma taxa de sucesso de 67% em três tentativas aqui.”

Emmett abre a boca, presumo que para dizer ao Dr. Brenling que dinheiro não é problema, que podemos partir direto para a FIV se for isso que ele sugere. Mas o bom doutor levanta a mão, silenciando Emmett antes que ele possa começar.

“Agora, falando a mais pura verdade? Acho que, devido à condição da Cara, é extremamente improvável que você consiga engravidar com seus próprios óvulos.”

Um suor frio brota na minha têmpora, e meu estômago revira enquanto a pressão aperta meus pulmões e meu coração também.

Devido à condição da Cara.

Passo o dedo na testa, umedeço os lábios. Engulo em seco, ou tento. “O quê?”

“Como eu disse antes, podemos presumir com segurança que, como você tem uma quantidade tão baixa de óvulos, semelhante à de uma mulher com quase o dobro da sua idade, você provavelmente tem a mesma qualidade. Não vejo você conseguindo conceber um bebê com sucesso com a sua condição. Eu sei que é difícil de ouvir.”

É mesmo? Cuspo mentalmente. Alguém já te disse, um homem, que seus óvulos lembram os de uma mulher de cinquenta anos, tanto em quantidade quanto em qualidade?

Mas não digo isso. Em vez disso, repasso as palavras dele. Repetidamente, cada vez um pouco mais alto, abafando a voz que queria discutir com ele, dizer que ele estava errado e, além disso, que ele era um completo idiota sem nenhuma compaixão.

Não vejo você conseguindo conceber um bebê com sucesso com a sua condição.

Com a sua condição.

"Então você está nos dizendo para nem tentar?" Emmett balança a cabeça, juntando as mãos entre os joelhos. "Isso não faz sentido nenhum. Por que não tentar tudo o que pudermos? Quer dizer, existe uma chance, não é?"

"Ah, não, não é isso que estou dizendo. Não, não. Estou simplesmente sugerindo, pelo bem da sua saúde mental — e do seu tempo — que talvez seja melhor ignorar os procedimentos que provavelmente não funcionarão e ir direto para aqueles que têm as melhores taxas de sucesso para alguém com a condição da Cara." O Dr. Idiota abre uma gaveta embaixo da mesa, remexendo nela. Ele desliza um folheto pela madeira em nossa direção, sorrindo amplamente enquanto toca na foto: um bebê recém-nascido nos braços da mãe e do pai, e uma mulher sorridente atrás deles.

Doação de embriões e barriga de aluguel: porque algumas gestações exigem anjos da guarda.

O punho que apertava meu coração se solta sem aviso, e aquele órgão vital cai do meu peito, estilhaçando-se aos meus pés.

"A doação de embriões poderia ser uma ótima opção. Nós coletamos embriões de boa qualidade de famílias que não vão utilizá-los. Geralmente, elas já têm filhos e, em vez de descartar os embriões restantes, doam-nos. Nesse caso, o bebê não teria nenhuma relação biológica com nenhum de vocês."

Lá vai aquela maldita caneta de novo, entre os dentes dele. Estou a cinco segundos de me jogar por cima da mesa e pregar o pau dele na cadeira com ela.

Infelizmente, qualquer resquício de resistência que eu ainda tinha evapora com a próxima sugestão dele.

"E claro, existe a barriga de aluguel. O esperma do Emmett está em excelentes condições, então não há motivo para que seu bebê não possa compartilhar o DNA dele. Nesse caso, você escolheria uma mulher para ser a barriga de aluguel, e usaríamos o esperma do Emmett para fertilizar os óvulos dela por meio de um ciclo de fertilização in vitro (FIV). Depois, implantaríamos um embrião — ou dois — no útero dela e, se a implantação for bem-sucedida, ela carregaria seu bebê durante a gravidez e o traria ao mundo. Imagine só? Você teria o bebê sem precisar fazer nenhum esforço."

O esforço? Como fazer amor com meu marido e ver duas linhas paralelas que nos dizem que criamos algo lindo juntos? Como carregar essa lembrança dentro de mim por nove meses? Sentir o bebê crescer, ficar mais forte a cada dia? Ouvir o coraçãozinho dele bater pela primeira vez e comparar uma ultrassonografia com a anterior, maravilhada com as mudanças em tão pouco tempo, com o milagre crescendo dentro de mim?

Esse esforço?

"Enfim", continua o Dr. Brenling, porque ninguém, nunca, ensinou a este homem quando e como calar a boca. "Essa é a minha opinião profissional. Por causa da condição da Cara."

NÃO TENHO MEDO DE FALAR ALTO. De preencher os silêncios constrangedores. De dizer o que penso, de falar coisas que os outros têm medo de

dizer. Não, eu não sou do tipo silencioso, e, no entanto, de repente, tudo o que me resta é o silêncio.

Vinte minutos é tudo o que o médico precisa para nos dizer que provavelmente não poderemos ter um bebê metade Emmett e metade eu, mesmo que devêssemos ter uma hora do tempo dele. Então, deixo Emmett me levar pelo saguão, pelo corredor e para fora, com a minha mão firmemente agarrada à dele.

Eu o ouço enquanto ele dirige pelo centro de Vancouver, me diz o quanto me ama, que seremos nós que provaremos que o médico está errado, que se alguém pode conseguir, somos nós. Observo a paisagem passar, desde edifícios imponentes e ruas movimentadas até florestas exuberantes e vastas montanhas, enquanto voltamos para casa, em North Vancouver. E faço isso em silêncio.

Deixei que ele abrisse a porta para mim, porque no dia seguinte ao nosso encontro eu disse que conseguiria abrir a minha própria porta, e ele respondeu que uma rainha nunca abre a sua própria porta.

Deixei que ele me ajudasse a tirar os saltos e a subir as escadas, a tirar o vestido. Deixei que ele afastasse meu cabelo comprido das minhas costas, o enrolasse em seu punho antes de prendê-lo na minha nuca com uma presilha. Deixei que ele preparasse um banho para mim. Deixei que ele enchesse uma taça com meu Syrah favorito e uma tigela com meus doces prediletos, aqueles que ele sempre guarda na despensa. Deixei que ele pegasse minha mão, me ajudasse a entrar na água quente, a afundar nas bolhas.

E fiz tudo em silêncio.

E eu não senti... não senti nada.

"Ei, linda." O murmúrio suave de Emmett me fez olhar para ele, e nele vi tudo o que anseio sentir. A confiança de que podemos conseguir, a certeza de que vai acontecer para nós, a esperança. O amor.

Meu Deus, o amor. Sempre foi a característica mais marcante de Emmett, a maneira como ele consegue olhar para alguém e aceitar cada pedacinho dessa pessoa sem questionar. A maneira como ele está presente, dia após dia, para a família que escolheu, a que construímos juntos com as pessoas que mais importam para nós.

Com a mão no meu queixo, ele enxuga uma lágrima que eu nem sabia que tinha escapado. Então, ele cobre a boca com a minha, e eu o deixo entrar, porque não há outra opção para mim.

"Não deixe que as vozes vençam", ele sussurra, pressionando a testa contra a minha. "Elas não te conhecem como eu. Elas não conhecem a sua luta. Minha garota barulhenta não deixa ninguém ditar as regras. Eu e você, Care? Nós criamos as nossas próprias regras."

Outro beijo, devastador e certeiro. Este me revigora.

Eu era imparável antes de Emmett. Com ele, sou indestrutível.

EMMETT E EU NÃO SOMOS APENAS NÓS. Fazemos parte de uma família, grande e opressiva, barulhenta e intrometida. Talvez seja um pouco demais para alguns, mas não para nós.

Porque a questão da família é que todos precisamos uns dos outros em algum momento.

Porque às vezes não conseguimos suportar o peso sozinhos. Não nos lembramos como. Não nos lembramos da nossa força e de tudo o que somos capazes de fazer.

E nesses momentos? É aí que a família entra em cena. Ela carrega o peso por você. Lembra que ninguém nunca esperou que você o suportasse sozinho. Que juntos somos mais fortes e nada pode nos derrubar.

É isso que sinto mais tarde naquela noite, enquanto traço o desenho que Emmett fez no espelho do banheiro com as canetas que usamos para marcar a janela antes de me deixar aqui: eu e ele, de mãos dadas, no topo de uma montanha. É isso que sinto enquanto desço as escadas com um pijama que nunca uso, o cabelo preso num coque desarrumado que quase nunca vê a luz do dia. É assim que me sinto ao ver nossa família tomando conta da cozinha e da sala de estar, me paralisando.

As crianças vêm até mim primeiro. Lily e Connor, os adoráveis filhos de Adam e Rosie. A pequenina Ireland, a travessa e adorável filha de Carter e Olivia. Elas me abraçam pelas pernas e me apertam, e Lily, a mais velha de todas, apoia o queixo na minha barriga.

“Mamãe diz que a gente deve falar em voz alta o que quer, porque aí talvez a gente consiga fazer com que as coisas se tornem realidade”, ela me diz com o sorriso mais doce. “Quero que você tenha tudo que te faça feliz, tia Cara, porque você me faz feliz.” Ela se inclina para mais perto, com as mãos em concha ao redor da boca. “Mesmo que você fale palavrões o tempo todo.”

Minha garganta aperta e uma gargalhada escapa. Aliso seus cabelos escuros para trás. “Você também me faz feliz, minha querida.”

As meninas vêm a seguir, minhas melhores amigas. Olivia, com seu metro e cinquenta e cinco de pura personalidade, que me atura há dez anos, desde o dia em que a obriguei a tomar uma dose de tequila às dez da manhã. Jennie, sua cunhada, com covinhas tão encantadoras quanto as da sobrinha e do irmão. Rosie, com os olhos verdes mais gentis que você já viu, seus cabelos rosados e ondulados tão lindos e belos quanto sua personalidade. Lennon, nossa mais nova irmã de alma, aquela que chegou, ocupou seu lugar e nunca mais foi embora.

Essas garotas me pegam pela mão, me puxam para perto. Elas me envolvem em seus braços e me abraçam com seu amor.

E seus homens vêm em seguida, aqueles que se apaixonaram por elas, porque não existe ninguém no mundo como minhas garotas. Carter, Garrett, Adam e Jaxon, braços fortes que nos cercam.

E meu homem, finalmente, porque esta família não está completa sem ele.

Nenhuma palavra é dita enquanto estamos aqui, mas através do silêncio, sinto cada pensamento, cada desejo, cada grama de sua força, e como ela se torna minha também.

Meus olhos se fecham e eu me entrego ao amor, ao apoio infinito sem o qual eu não saberia sobreviver.

E eu sinto... esperança.

Eu sinto esperança.

Eu era imparável diante deles. Com eles, sou indestrutível.

OceanofPDF.com

3 DEIXA EU SÓ DAR UM NÓ TRIPLO NISSO... Emmett

Três anos e meio atrás: Um dia depois do primeiro dia da minha vida

NORMALMENTE, ME CONSIDERO um homem lógico.

Mas se eu fosse lógico, talvez não tivesse olhado para a mulher mais linda que já vi na vida, declarado-a minha futura esposa sem nenhum motivo aparente além da sensação de ter passado a vida inteira cego até que ela cruzou meu caminho, me escondido no banheiro até que todos saíssem, surpreendido-a na cozinha e, bem... feito o que as pessoas fazem em cozinhas.

Comido.

E com certeza, absolutamente, eu não estaria parado do lado de fora do apartamento dela agora, poucas horas depois de me despedir.

Quando digo "me despedindo dela", o que realmente quero dizer é que pedi o endereço dela para buscá-la para o nosso encontro hoje à noite, ela sorriu para mim como se eu não tivesse neurônios, deu um tapinha no meu peito e disse: "Obrigada pela transa, garanhão", antes de entrar no Uber e desaparecer.

O que é praticamente a mesma coisa.

Em meio aos sons do centro de Vancouver, ouço o clique rápido de saltos altos no asfalto, e não me pergunte como, mas sei que é ela. Tenho tanta certeza que, quando ela para ao meu lado para digitar o código do prédio, "Bom dia, Sra. Brodie" sai da minha boca antes mesmo de eu olhar para ela.

Ela suspira, e no segundo em que nossos olhos se encontram, acabou. A vida como eu a conheço, o mundo, eu não conheço. É da mesma forma que me senti quando a vi ontem à noite, todo cabelo loiro mel, vestido de cetim vermelho e o conjunto de pernas mais perigoso que já existiu. E então ela olhou para mim. Olhos azuis determinados cortaram através de mim, e a única coisa que vi neles foi uma vida que eu tinha que ter.

Tudo parou. Tudo ficou em silêncio, e lentamente, tão devagar, meu coração começou a bater de novo, um baque silencioso de cada vez.

Eu tinha que tê-la. Eu tenho que tê-la.

"Jesus, filho da puta..." Ela coloca a mão sobre o peito, exalando bruscamente enquanto agarra a xícara de café na outra mão. "Paus de burro." Ela joga o cabelo por cima do ombro, me olhando como se não se lembrasse de eu enchê-la do meu pau à meia-noite, mas eu vejo a intriga dançando em seus olhos. "Oh. É você. De novo."

"Mais uma vez," eu concordo com um aceno de cabeça.

"Você é... aqui," ela diz lentamente, incerta, como se ela pensasse que a noite passada era um jogo, que ela desapareceria da minha vida tão rapidamente quanto ela apareceu, extraordinária e brilhante, mas fugaz e indescritível, como um vaga-lume desaparecido em um piscar de olhos.

Eu sempre quis pegar um vaga-lume.

"Você parece surpreso," eu digo, segurando seu olhar enquanto ela digita o código de seu prédio novamente, terminando-o desta vez. "O que é estranho, considerando que vamos nos casar."

Ela olha para a mão esquerda. "Estranho. Não vejo um diamante lapidação esmeralda de três quilates com uma auréola escondida e pedras em forma de pêra incrustadas em ouro branco no meu dedo." Ela inclina a cabeça, franzindo a testa enquanto dá um tapinha no meu peito. "Tente mais, Brodie."

Eu deixo meu olhar segui-la por um momento enquanto ela entra no saguão antes de eu enfiar meu pé na porta, impedindo-a de fechar. Eu pego meu telefone e começo uma nova nota enquanto ela chama um elevador. "Três quilates ... esmeralda..."

"Corte esmeralda, não uma esmeralda. Não estrague isso."

"Corte esmeralda ... auréola escondida, assim como meu anjo..." Eu sorrio quando ela bufa, e meus olhos se erguem para ela, observando. "Pedras de destaque em forma de pêra, ouro branco."

Ela revira os lábios, tentando esconder aquele sorriso enquanto eu me junto a ela no elevador. Ela não me pergunta por que eu a sigo para dentro, e sua testa só se contorce um pouco quando eu pressiono para o décimo oitavo andar sem precisar ser informada.

Cavalgamos em silêncio, olhando um para o outro do outro lado do elevador.

"Feito sob medida", ela joga fora, entrando no corredor no andar de cima. "Eu não seria pego morto usando o mesmo anel genérico que milhares de outras pessoas."

"Ah, claro. Anel único para minha rainha única."

Ela deixa a porta aberta enquanto tira suas botas pretas de salto alto, pousa a xícara de café e pendura a bolsa. Com o olhar fixo no meu, ela desabotoa o casaco de lã, deslizando-o para baixo e revelando a camisola de cetim rosa que veste por baixo, que não é roupa nenhuma. Seus mamilos endurecem enquanto a examino, e uma ganância tão selvagem me aperta a garganta ao ver as pequenas e tênues marcas roxas em seu pescoço, sua clavícula, todas as marcas que minha boca deixou nela na noite passada. E minha mente grita a mesma coisa que gritou naquela hora.

Mina.

O canto da boca dela se curva para cima quando entro no apartamento como um furacão, a porta batendo atrás de mim. Ela recua para a sala de estar, um lindo rubor carmesim tingindo sua pele enquanto eu tranco a porta, tiro o casaco e me livro das botas.

"Você não pode usar isso em público", rosno, caminhando em sua direção.

"Eu uso o que eu quiser." Ela se ergue até a bancada da cozinha, as longas pernas douradas balançando, um sorriso travesso no rosto enquanto uma alça escorrega de um ombro sardento. Quando me coloco entre suas coxas, ela me olha com os olhos arregalados, piscando os cílios grossos. "Estou encrencada?", sussurra, agarrando minha camisa e me puxando para mais perto. Seus lábios macios como travesseiros roçam meu queixo, subindo até minha orelha. "Porque se estiver, você realmente não vai gostar disso."

Ela me empurra um passo para trás, deslizando a ponta de um dedo longo e brilhante pela sua coxa cremosa, o cetim rosa subindo cada vez mais.

Então, minha coisinha favorita levanta uma perna, apoiando o calcanhar na bancada, e quase me engasgo quando ela mergulha a mão, passando dois dedos sobre sua vagina reluzente, levando a umidade até o clitóris.

"Ops. Acho que esqueci de usar calcinha hoje."

Meus dedos estão em volta do pescoço dela um segundo depois, minha boca na dela enquanto ela abre as pernas para mim, rasga minha camisa por cima da minha cabeça, unhas arranhando, mordendo. "Você é uma garota muito má", eu digo, agarrando seus cabelos, puxando sua cabeça para trás para que eu possa enfiar minha

boca em sua garganta. Encontro seu mamilo, mordiscando-o através do cetim, e ela geme. Pairando sobre ela, acaricio sua vagina quente e úmida. "De quem você é a garota má?"

"Minha."

Dou um tapa em seu clitóris.

"Sua!"

"Isso aí, querida. Minha garota má, mas também uma garota tão boazinha, né?" Acaricio seu clitóris, observando seus quadris se moverem, silenciosamente implorando por mais. Quando deslizo dois dedos dentro dela, ela suspira, a cabeça caindo sobre os ombros. "Não, não, vaga-lume." Com os cabelos dela presos em minha mão, puxo seu olhar de volta para o meu antes de obrigá-la a observar como ela segura meus dedos, procurando por eles cada vez que recuam, como sua vagina chora cada vez que penetro nela novamente. "Olha só para você, linda. Uma vagina tão bonita e ávida, implorando pelos meus dedos. Você também quer meu pau?" Capturo sua boca com a minha, abafando seus gemidos enquanto enfio um terceiro dedo dentro dela. "Tudo o que você precisa fazer é me dizer que é minha."

"Você é desequilibrado", ela ofega, mas então enterra os dedos em meu cabelo, entrelaça as pernas em minha cintura e me diz: "Meu quarto. Agora."

"Isso é um sim, então," eu mal consigo, gemendo enquanto ela esfrega sua boceta encharcada contra meu torso enquanto eu desço o corredor em busca de seu quarto.

"Isso é um não."

Eu a pressiono contra a parede, batendo suas mãos em ambos os lados de sua cabeça, nossos peitos arfando enquanto olhamos um para o outro. "Dê-me um bom motivo."

"Nós não nos conhecemos."

"Próximo."

Suas narinas se dilatam. "Emmett..."

"Seu nome é Cara Hunter. Você tem vinte e quatro anos e é o único proprietário do seu negócio de planejamento de eventos, Fête & Flair, que você abriu logo após a formatura, há dois anos. Você é independente e confiante, e sabe o seu valor. Você é altamente capaz; Você não precisa de ninguém para cuidar de você, mas também gosta de ser cuidado. Você precisa que eu recite seu discurso, ou é certo que eu sei disso?"

Cara pisca para mim.

"Sim, eu olhei para você. Sim, eu persegui Debbie pelo seu nome e seu endereço e qualquer outra coisa que ela estivesse disposta a compartilhar sobre você. Não foi tão difícil, e houve até algumas palmas animadas do lado dela. Tudo o que eu tinha que fazer era dar um lindo por favor e prometer a ela uma menção especial durante o brinde do casamento. Eu deixo cair meu rosto em seu pescoço, beijando o ponto de pulso tremulando lá. "Eu sei como você se sente de dentro para fora. O tom exato de vermelho que sua pele cora quando estou fazendo você se sentir bem. A maneira como suas unhas estão rasgando meus ombros e os sons que você faz quando está chegando." Meus lábios encontram os dela para um beijo faminto que tem seus quadris rolando contra os meus. "Eu não preciso saber tudo sobre você para querer namorar você. Aprender você vai ser metade da diversão."

Outro olhar, cético e silencioso. E então Cara Hunter ganha vida.

Em um momento ela está em meus braços, presa contra a parede. No próximo, ela está de pé, rasgando a fivela do meu cinto, rasgando meu zíper. "Deus, você é tão gostoso", ela rosna enquanto fazemos pinball pelo corredor, tropeçando em seu quarto, bocas e mãos em todos os lugares.

"Eu gosto de M&M's," ela respira enquanto ela empurra meu jeans sobre minha bunda. "E Skittles."

"Foda-se."

"Ao mesmo tempo."

"Estranho, mas eu gosto disso."

Ela me empurra para a cama, montando no meu colo. "Eu não gosto de compartilhar."

Meu olhar aquecido desce por seu corpo. "Nem eu."

"Skittles", ela esclarece. "Você pode comer as laranjas e amarelos."

Eu sorrio. "Por que você não pega o pacote de frutas vermelhas?"

"Eles nem sempre estão disponíveis."

"Vou manter minha despensa abastecida."

"De volta à coisa de compartilhar. Eu não faço isso, ponto final. Não vou tolerar ser feito para parecer estúpido. Vou te dar dois minutos do meu tempo para arrancar seu pau e alimentá-lo com você, e então você nunca mais me verá."

"Baby, esse pau é seu pelo resto do tempo."

"Eu não sei nada sobre hóquei."

"Eu não me importo. Só quero que você use meu nome nas costas."

Um arrepio percorre sua espinha. "Não estou procurando um namorado."

"Claro que não. Você já tem um marido."

A peculiaridade de seus lábios antes que ela me dê mais um empurrão. "Eu não quero ser amarrado."

“Tudo bem.” Virando-a de costas, empurro-a para a cama, prendo seus pulsos acima da cabeça e puxo meu cinto da calça que está no chão. Passo a ponta do couro marrom pelo seu torso. “E que tal amarrada?”

NÃO ME PERGUNTE COMO ISSO ACONTECEU.

Tudo começou com o cinto, e Cara gostou bastante.

Mas aí ela quis retomar o controle, e em algum momento, um par de algemas apareceu.

Houve uma pequena luta — eu disse a ela que ela podia me algemar na cama e sentar no meu rosto se concordasse em namorar comigo, ao que ela respondeu que eu não mandava em mim — e agora, de alguma forma, um dos meus pulsos está algemado à cama e o outro está algemado a... Cara.

A chave? Ainda está na gaveta de calcinhas dela. Pelo menos, é o que ela pensa.

“Faz tempo que não uso”, ela diz sem se desculpar, esfregando a vagina no meu rosto, porque obviamente ainda estamos fazendo isso. Quando em Roma, faça como os romanos, e tudo mais.

“Você nunca usou. Esta é a sua primeira vez. Comigo.”

“Ai, meu Deus”, ela murmura, rebolando os quadris e suspirando quando enfio minha língua dentro dela. Ela se inclina, levando minha mão e a dela até meu pau. “Possessiva, não é?”

Levanto os quadris, tentando guiar meu pau para dentro da boca dela. Em vez disso, ela fecha minha mão em volta dele, deslizando-o para cima e para baixo. “Para mim, nós dois éramos virgens quando nos conhecemos. Vimos a luz juntos.”

Cara solta uma risada rouca, e eu gemo contra sua vagina enquanto sua língua circula a cabeça do meu pau, sua mão apertando a minha com força. “Você tem o pau mais lindo que eu já vi.”

Dou uma chupada forte no clitóris dela antes de arrastar minha língua pela sua fenda, enterrando-a avidamente lá dentro. "Fique à vontade para engolir, então. Nós duas sabemos até onde você aguenta."

"Com certeza", ela murmura, e assim que sua respiração toca o clitóris, a porta do apartamento se abre com um estrondo.

"Cara!", uma voz grita do nada enquanto eu fico rígido.

"Ah! Graças a Deus!" Cara se senta, esmagando meu rosto. Não consigo respirar, e tenho a súbita percepção de que é disso que a vida se trata. "Ops." Ela ri baixinho, tirando a vagina do meu rosto e se sentando no meu peito. "Ollie! Estamos aqui!"

"Estamos?", pergunta a voz, enquanto passos se aproximam. “Quem é ‘nós’? É melhor você não ter pedido pizza sem mim. Eu não comi nada o dia todo, e eu—”

Uma mulher baixinha com um gorro cobrindo seus cachos escuros para na porta. Seus olhos percorrem meu rosto molhado, Cara, meu abdômen e, finalmente, meu pau. É nesse momento que sua mandíbula parece se deslocar. Ela tapa os olhos com a mão. “Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus, eu acabei de ver o pau de um jogador de hóquei. Puta merda.”

“Eu sei, né?” Cara olha para mim de relance, arqueando as sobrancelhas. “Acordei ela ontem à noite para poder me gabar do seu pau lindo e enorme.”

“Você não estava brincando. Quer dizer...” A morena — Ollie? — espia, usando a mão para — ineficazmente — proteger o rosto enquanto murmura um “uau” para Cara. Seus grandes olhos castanhos voltam-se para o meu pau, depois para o meu rosto, e ela fica vermelha como um pimentão enquanto sussurra: “Desculpa.”

Eu não sou tímido, e eu não acho que haja um osso tímido no corpo de Cara também, então sua reação me faz rir, qualquer tensão em ser pego derretendo. "Tudo bem."

Cara dá um tapinha no meu torso e gesticula para a amiga. "Esta é minha melhor amiga, Olivia. Ollie, isso é...

"Emmett Brodie," ela expira. "E eu acabei de ver seu pau." Seus dedos pressionam suas têmporas. "Puta merda."

Outra risada. "Esse sou eu. Você cora muito, hein?" Eu inclino minha cabeça. "Uau, você é baixinha. O que você é, um metro e oitenta?"

Suas sobrancelhas se juntam. "Cinco e um."

Cara revira os olhos, saindo de cima de mim, arrastando minha mão. "Não a faça começar. Ela é sensível sobre sua estatura de boneca.

"Eu não sou... ugh." Olivia cruza os braços sobre o peito.

"De qualquer forma, este é Emmett—"

"O namorado dela," eu acrescento, balançando a cabeça.

Cara me lança um olhar. "Ele não é meu..."

"Eu sou."

Ela aperta o nariz. "Ok, não é importante agora."

"Mmm..." Eu inclino minha cabeça de um lado para o outro. "Muito importante."

"Você é tão irritante", diz ela em um suspiro, mas é estranhamente... contente. Ela gosta que eu a irrite. Isso é bom; Vou fazer isso pelo resto de nossas vidas. "Ollie, nós acidentalmente pegamos um pouco..."

Eu levanto nossos pulsos unidos. "Amarrado."

"Você pode nos dar a chave? Acho que está na minha gaveta de roupas íntimas."

Eu puxo nossos pulsos unidos para o meu lado e, em seguida, empurro-os ao acaso sob minha bunda. "Você não pode nos desfazer até que Cara concorde em namorar comigo. Cara, concorde em namorar comigo ou Ollie não vai nos desfazer, certo, Ollie?"

Cara olha para mim. Meu sorriso é grande e largo. Quase idêntico ao que se espalha pelo rosto de Olivia agora.

"Oh, isso é tão bom." Ela atravessa a sala, vasculhando uma gaveta da cômoda antes de se virar para nós, com o chaveiro pendurado no dedo indicador. "Você encontrou seu par, Care. Imagine os bebês extremamente bonitos e obstinados que vocês farão juntos.

Eu jogo minha mão - e a de Cara - no ar. "Direito? Isso é o que eu continuo dizendo! Nós vamos ser melhores amigos, Ollie."

OceanofPDF.com

4 OS VIBRADORES? NÓS MANTEMOS AQUELES NA COZINHA Cara

VOCÊ SABE O TIPO DE pessoa que eu odeio?

Aqueles que agem como se fosse a porra da segunda vinda de Jesus toda maldita vez que o sol brilha.

Tipo, eu entendo, especialmente morando em um lugar como Vancouver, onde o céu nublado e a garoa leve são o padrão. O sol espreita por trás das nuvens, beija suas bochechas com calor e tem um sorriso puxando o canto da boca. Poderíamos deixar por isso mesmo. Mas algumas pessoas? Algumas pessoas preferem passar o dia inteiro conversando sem sentido sobre como o sol é glorioso, como o ato de simplesmente existir parece inspirá-las a assumir uma perspectiva totalmente nova na vida. E então há eu.

"Ah!" Cambaleio pelo corredor, batendo de frente com a parede enquanto a luz que entra pelas janelas queima minhas córneas. "Meus olhos! Meus lindos olhos!" Arranho-os, tropeçando sem rumo até a cozinha, onde o cheiro de café me chama. Com os braços agitados, encontro o canto da nossa ilha, depois o fogão. A geladeira em seguida, e dou três passos para a direita, entreabrindo uma pálpebra antes de me inclinar sobre o balcão em frente à nossa máquina de expresso. Um suspiro de alívio enquanto seguro um latte com as mãos e tomo um gole antes de encostar a bochecha no balcão frio, semicerrando os olhos para Emmett. Ele está me observando do mesmo jeito que sempre, os olhos percorrendo cada centímetro do meu corpo, um sorrisinho curioso que diz que sou a criatura mais fascinante do seu mundo.

"Um belo dia, né?" Ele enfia uma colherada de mingau de aveia na boca. "Olha só esse sol."

"Não faça isso", sussurro. "Nem pense nisso."

"Simplesmente maravilhoso. Realmente me faz ver as coisas em perspectiva, sabe?"

"Emmett..."

Mais uma colherada de mingau enquanto ele me encara, com o olhar iluminado por uma risada. "Muda completamente minha visão da vida."

"Argh." Me jogo de volta no balcão, afundando o rosto no mármore. "O sol só está aqui para nos queimar e envelhecer, e eu que me dane se vou deixar uma bola de fogo me levar embora parecendo vinte anos mais velha do que sou."

"Isso nunca aconteceria. Você finalmente encontrou seu Santo Graal: protetor solar diário."

Ignoro o humor em sua voz, me endireitando rapidamente. "É, e olha quanto tempo levei para descobrir! Pense em todos os anos perdidos, todas as rugas que podem aparecer a qualquer momento por causa de décadas de danos causados pelo sol!"

"Décadas", ele murmura, com a sobrancelha arqueada enquanto acena com a cabeça, de olhos arregalados, para o seu café.

"Eu odeio tudo e todos", murmuro, desabando no balcão mais uma vez para criar um efeito dramático.

"Não." Ouço a água correndo, o barulho da tigela dele sendo colocada na lava-louças. Não o vejo, mas sinto a mudança no ar enquanto ele se aproxima, como se estivesse beijando minha pele e me aquecendo. Seu pau pressiona minha bunda, e ele passa os dedos pelos meus cabelos, juntando-os em seu punho, me puxando do balcão. Ele força meu olhar para o dele, sua mão fechando em volta do meu pescoço, me mantendo onde ele quer. "Você é uma amante."

Ele me gira de volta para o balcão, me prendendo com os quadris enquanto guia meu olhar para fora, para a floresta exuberante, as montanhas que temos a sorte de ter aqui no nosso quintal, como a luz do sol dança sobre tudo isso, dando vida à paisagem.

"Você adora essa vista", ele murmura contra meu pescoço, percorrendo-o com a boca enquanto seus dedos deslizam pela minha cintura, espalhando-se pelo meu torso exposto. "Você adora o sol."

"Não", argumento fracamente, observando seus dedos dançarem na barra da minha saia.

"Sim. Porque sol significa dias passados ao ar livre com nossos amigos, e você adora nossos amigos."

Estendo a mão de volta, acariciando a lateral do seu pescoço. “Às vezes.”

“O tempo todo. De todo o coração. Até mesmo com o Carter, e mesmo quando ele está te tirando do sério.”

“O único lugar para onde ele me leva é para o inferno.”

“É o lugar favorito dele para te levar.” Os dedos de Emmett deslizam por baixo da minha saia. “Você me ama mais do que tudo. Ama o jeito que eu te olho, o jeito que eu te abraço. O jeito que eu te beijo”, ele murmura, e eu viro a cabeça, deixando-o capturar minha boca, suspirando enquanto ele desliza a língua para dentro. “É.” Ele sorri contra meus lábios. “Você ama o jeito que eu te beijo.”

Amo. Meu Deus, como amo. Eu esqueço tudo com a boca dele na minha, tudo menos o jeito que ele me faz sentir. Quem precisa de sol quando se tem Emmett Brodie?

“Sabe o que eu adoraria?” Eu rebolo, sorrindo ao ouvir o suspiro que ele solta enquanto seu pau endurece contra minha bunda. “Adoraria se você me fodesse até eu desmaiar para que eu pudesse dormir e curar essa ressaca.”

Sua testa cai no meu ombro com uma gargalhada profunda. “Como é que você ainda está de ressaca? Já faz três dias.”

“É, bem, tenho quase certeza de que bebi o triplo do meu peso em margaritas congeladas e tequila pura. Preciso de mais tempo para me recuperar.”

Vegas faz isso com você, especialmente quando dois dos seus melhores amigos decidem se casar de última hora em uma capela enquanto você está lá.

Será que fui eu quem deu a dica para o Jaxon de pedir a Lennon em casamento e casar com ela imediatamente? Sim, mas—

Na verdade, não tem “mas”. Foi uma das minhas melhores jogadas até agora. Os dois estavam destinados a viver felizes para sempre, e eu só estava acelerando o processo. O Jaxon teria ficado obcecado e em pânico com a ideia de um pedido de casamento por meses antes de finalmente criar coragem para convidá-la. Em vez disso, trocamos doses de tequila até eu convencê-los a trocar alianças, porque nada neste mundo faz mais sentido do que casar com seu melhor amigo em Vegas em julho, apenas algumas semanas depois de ganhar sua primeira Stanley Cup.

Eles deviam dar o meu nome ao primeiro filho.

“Você não aguenta mais a bebida como antes, meu bem. Você está ficando—”

“Nem pense nisso”, sussurro. “Nem pense em terminar essa—”

“Velha.”

Arfo, e no instante em que abro a boca, ele a cobre com a mão. Tento me soltar, enfiar o cotovelo de volta na barriga dele, mas meu homem é de aço, e meus esforços são inúteis.

“Toquei num ponto sensível, né? Desculpa, meu bem.” Ele traça a borda da minha calcinha, e meu estômago se contrai quando ele desliza para baixo, passando a ponta do dedo pela minha fenda, levando toda aquela umidade até o meu clitóris. Eu relaxo em seus braços, as coxas se abrindo para que ele possa enfiar um dedo dentro, e ele abafa uma risadinha no meu pescoço. “Essa é a minha garota. Desista da luta.”

Emmett e eu fazemos isso tão bem, essa troca, esse dar e receber. Me sinto extremamente confortável comigo mesma e não tenho problema nenhum em usar minha voz. É o que o Emmett mais ama em mim, o jeito como não me rebaixo para ninguém. Ele me deixa comandar tudo, feliz em ficar de fora e me deixar resolver as coisas. Mas aqui? A portas fechadas, quando ele é todo meu e eu sou toda dele? Adoro me entregar. O controle, a atitude. Adoro deixar ele me foder até eu tirar tudo, ver esse feminismo sair do meu corpo enquanto eu dou adeus a ele.

Mas às vezes eu também gosto de ditar as regras aqui.

Empurrando minha calcinha para dentro para me juntar a ele, agarro sua mão, incentivando um segundo dedo para dentro, revirando os olhos enquanto ele obedece, me preenchendo.

"Garota gananciosa", ele murmura. "Igualzinho ao dia em que nos conhecemos. Sua buceta não se fartava, implorava por mais."

Ai, meu Deus. Ele me provoca com um terceiro dedo, e eu bato na gaveta à minha esquerda, duas gavetas para baixo. Um arco-íris de silicone aparece, mas antes que eu consiga alcançar qualquer coisa, Emmett arranca minha mão, puxa a outra para fora da minha calça e a joga no balcão.

"Você quer mais?" Sua língua dança pelo meu pescoço enquanto ele me prende. "Então eu decido o que você vai receber, quanto mais você aguenta, e você vai aceitar e dizer obrigada. Diga 'Sim, Emmett'."

"Sim, Emmett."

"Vire-se."

Sim, porque sou uma boa menina quando quero.

Seus olhos brilham de aprovação. "Sai. Agora."

Ele não me dá espaço, então me pressiono contra ele enquanto me inclino, tirando lentamente minha calcinha fio dental. Ela balança no meu dedo por apenas um instante antes que ele a agarre, enfiando-a no bolso.

"Vai usar isso para se masturbar mais tarde?"

"Sim", ele diz simplesmente, com os olhos fixos na minha bunda nua, minha saia amontoada nos meus quadris. "Mudei de ideia. A saia pode ficar." Minha bunda está sobre a bancada, pés firmes no chão e pernas abertas, e antes que eu entenda como cheguei a essa situação, sua mão desce bruscamente sobre meu clitóris. "E cuidado com o tom."

"Natasha chega em dez minutos", digo sobre nossa governanta enquanto o observo vasculhar a gaveta. "Ainda bem que você nunca dura muito."

Suas mãos param. Lentamente, seu olhar se eleva até o meu. Mais lentamente, ele sorri. É o tipo de sorriso que adoro ver nele — malicioso e sombrio.

Sustentando meu olhar, sua mão sai da gaveta, deixando cair meu vibrador de duas pontas favorito sobre a bancada enquanto abre o aplicativo no celular.

Olha, eu sei o que você está pensando. Uma gaveta de brinquedos sexuais na cozinha? Mas nunca se sabe quando a vontade vai surgir. Me processe por ser proativa. Além disso, não é como se não arrumássemos a bagunça.

"Boa ideia", consigo dizer, enquanto um arrepio percorre meu corpo. "Caso seu pau e seus dedos não estejam dando conta do recado."

O brilho em seus olhos. A inclinação da cabeça. A risada sinistra que escapa, fazendo seus ombros tremerem. Ele se aproxima, segurando meu queixo entre os dedos, puxando minha boca para a sua em um beijo lento e intenso. Ele me excita assim, as partes macias que ele me dá enquanto alimenta o fogo, me deixam imaginando o que ele fará em seguida.

Ele esfrega a haste texturizada do vibrador na minha fenda antes de inseri-lo, movendo-o para dentro e para fora, para dentro e para fora, enquanto me penetra oralmente com a língua. Eu gemo, me aproximando, envolvendo um braço em volta da cabeça dele enquanto tento me aproximar ainda mais.

Mas ele coloca a palma da mão no meu peito, me empurrando para trás. Seus olhos brilham como estrelas em um céu noturno enquanto ele retira o brinquedo da minha vagina encharcada, substituindo-o por um dedo que penetra lentamente, me fazendo gemer. Quando está tão molhado quanto eu, ele o retira, mantendo o olhar fixo em

mim enquanto arrasta toda aquela umidade até meu ânus, massageando o orifício. Então, ele alinha a cabeça da haste texturizada com meu ânus e a haste lisa com minha vagina, e empurra.

Eu arfo, arqueando as costas enquanto meus orifícios se esticam, enquanto eu absorvo as duas extremidades do vibrador e desejo que qualquer uma delas fosse o Emmett.

Ele dá um passo para trás, me observando com uma apreciação tão selvagem que me faz sentir um aperto no estômago. "Meu Deus, você é linda pra caralho", ele murmura, passando a mão sobre a boca. Ele mexe nos controles do aplicativo até que as duas extremidades se liguem, vibrando dentro de mim.

"Porra!", eu grito, apertando as hastes. “Ai, caralho, isso é tão bom.”

“Aposto que essa vadiazinha gulosa quer mais, não é?” Ele se aproxima de mim, uma mão pousando na minha coxa, a outra me abrindo. Seu polegar vai até meu clitóris, circulando-o lentamente, e nossos olhares se voltam para minha coxa quando ele encontra a delicada tatuagem bem no topo, uma única palavra escrita com sua letra.

Mina.

Ele esfrega o polegar sobre a palavra que ele usa com tanta frequência antes de passar os lábios sobre ela, e só a visão já me deixa louca, arqueando os quadris.

Dele. Eu sou dele. Sempre fui e sempre serei.

“Emmett”, imploro, puxando seu cabelo. “Me lamba. Agora.”

Ele ergue uma sobrancelha, ajoelhando-se enquanto continua beijando minhas coxas, acariciando meu clitóris. “Mandona”, ele murmura. “Alguém precisa te ensinar boas maneiras.” Ele coloca a palma da mão na curva do vibrador, empurrando-o mais fundo em mim, balançando-o enquanto eu arfo, buscando o movimento. "Talvez eu não esteja com vontade de dar hoje. Talvez eu esteja com vontade de receber."

"Não", eu gemo, balançando a cabeça. Estendo a mão para meu clitóris, desesperada por fricção, mas ele afasta minha mão, mantendo-a presa enquanto empurra o vibrador mais fundo no meu cu.

"Talvez eu foda esse buraco aqui, encha-o com meu esperma e veja escorrer de você. Esfregue sua linda bucetinha, te deixe toda excitada, mas pare bem antes de você gozar. Sua xoxota vai ficar contraída o dia todo, vazia, me procurando." Sua boca sobe

pela parte interna das minhas coxas, trocando beijos por mordidas suaves, o chicote de sua língua. Ele para no topo, me abrindo bem. "É isso que você quer, linda?"

"Não." Minha cabeça balança desesperadamente. "Deus, não."

“Então pare com essa atitude e me peça com educação.”

Porra, eu adoro quando ele é assim. Emmett me ama com ternura. Ele é gentil e paciente, compassivo e compreensivo, tão doce que chega a doer. Mas o jeito que ele me fode? Ele me fode como se tivesse perdido toda a moral. Como se eu o tivesse privado do meu corpo para meu próprio prazer, e ele finalmente estivesse se vingando.

Emmett Brodie fode como um criminoso em fuga. Um que sabe que vai se dar mal, que se entregou à depravação, decidindo saborear cada pedacinho de sua última refeição.

Emmett Brodie me fode como um animal selvagem.

E eu adoro.

Então passo a língua no meu lábio inferior, mordo-o. Deixo meus olhos se encherem de inocência. "Por favor", sussurro, mal levantando os quadris. "Por favor, Emmett. Por favor, me lamba. Eu faço qualquer coisa."

Um gemido de satisfação ressoa em seu peito, e ele desliza as palmas das mãos pelas minhas coxas. "Aí está minha doce garota", ele murmura. Ele pisca, e finalmente, leva aquela boca perfeita ao meu clitóris.

"Toc, toc", uma voz soa, seguida pelo som da nossa porta da frente batendo.

"Droga", resmungo, agarrando Emmett pelos cabelos, puxando-o para cima e ajeitando minha saia. Ele bate as palmas das mãos de cada lado do meu corpo, me bloqueando a visão enquanto nossa governanta entra na cozinha.

“Oi, Natasha”, diz Emmett, com um sorriso malicioso enquanto me observa fervendo de tesão, me contorcendo com o vibrador enfiado em mim, o clitóris contraído e desesperado por atenção. Tento pegar o celular dele, mas Emmett chega primeiro, segurando-o com força. Ele deve ter apertado algum botão, porque os dois vibradores aumentam a intensidade, pulsando e vibrando, e eu estou toda molhada na bancada, tremendo, mordendo o lábio com tanta força que sinto o gosto de sangue.

“Oi, Emmett”, Natasha o cumprimenta animadamente, como sempre faz. “A Cara ainda está na cama? Por que você não vai relaxar no sofá? Eu preparo o café da manhã para você.”

“Aqui mesmo, Natasha”, murmuro, estreitando os olhos para Emmett enquanto ele ri baixinho.

“Ah. Eu imaginei. Normalmente o Emmett está acordado preparando o café da manhã e você está na cama.”

Fecho os olhos e me obrigo a respirar. Natasha claramente tem uma queda por Emmett e sempre dá um jeito de me alfinetar. Mas ela é mãe solteira, precisa de dinheiro e só vem aqui duas vezes por semana. Eu consigo lidar com ela.

"Você tem muita sorte de ter um homem que cuida de você e coloca suas necessidades em primeiro lugar. Quem sabe um dia eu possa te ensinar a preparar uma refeição especial para ele, como forma de agradecimento."

Dou um pulo do balcão — eu aguento, que se dane o vibrador de duas pontas — mas Emmett me segura com a mão no meu peito antes de deixar os dedos deslizarem pela minha frente, entre minhas coxas, aplicando uma leve pressão no brinquedo sob minha saia.

Agarro seus ombros com a mesma força com que tento manter minha sanidade. "Eu preparo uma refeição especial para o Emmett todos os dias."

É claro que sim, ele sussurra, balançando levemente o vibrador dentro de mim e levando um dedo à boca quando eu gemo.

“Que ótimo! Não sabia que você cozinhava; nunca te vi na cozinha. Enfim, vou começar pelo seu banheiro. É onde levo mais tempo, com todos os seus produtos de beleza.”

Ouço seus passos enquanto ela sobe as escadas. Levanto a saia e me inclino para trás, apoiando-me nas mãos. “Agora, de volta aos joelhos, e seja rápida.”

“Hum, não consigo. Perdi muito tempo, tenho que encontrar os caras para uma sessão de patins.” Ele puxa a mão, e eu estou a cinco segundos de apagar aquele sorriso presunçoso do rosto dele com um tapa.

“O que você acabou de dizer?” pergunto baixinho enquanto ele dá um tapinha carinhoso no bolso, onde minha calcinha está guardada. Tento pegar o celular dele, mas ele o guarda no bolso também.

“Acho que vou ficar com isso.” Ele lança um olhar para o vibrador que vibra entre minhas pernas. “E acho que você vai manter isso aí.”

“O quê?” Desço do balcão num pulo, ofegante e agarrando seu braço com a sensação que percorre meu corpo. “Você não pode—”

“Eu posso.”

“Mas eu—”

“Vai me obedecer.”

Minha boca se abre. Fecha. Abre de novo, e Emmett sorri. Ele se ajoelha, e eu acho que ele vai ter piedade de mim. Em vez disso, ele coloca um par de meias curtas.

“Por quanto tempo?” sussurro enquanto ele dá um tapinha na minha bunda, me puxando para o seu peito.

“Até eu dizer que não dá mais.” Ele joga o boné dos Vipers na cabeça e o gira para trás. Talvez essa seja sua única qualidade, porque eu simplesmente não consigo resistir ao Emmett Brodie de boné virado para trás e com um sorriso arrogante. Seu olhar se abaixa, ele estala a língua antes de me dar um beijo na testa e me virar de costas. "É melhor manter essas pernas fechadas, vagalume, ou o brilho na parte interna dessas coxas deliciosas vai te entregar."

VOCÊ JÁ TEVE UM daqueles momentos em que para e observa a cena ao seu redor, o caos, o barulho, e percebe que é isso? Esta é a vida com que você sempre sonhou. Você está cercado pelas pessoas que te completam, que alimentam sua alma. Não há nada que possa tornar este momento melhor, porque não falta nada. É o melhor que existe, e o que é bom? Bem, não é só bom; é incrível.

Estou em pé no balcão da cozinha de Adam e Rosie, olhando pela porta do pátio para nossa família espalhada pelo quintal enquanto preparo duas jarras de daiquiris congelados, uma sem álcool, ainda me recuperando das duas horas de estresse que meu marido me fez passar hoje mais cedo. Os cachorros estão brincando de luta sob a sombra de um salgueiro-chorão. Há dois gatos com personalidades tão fortes quanto a minha tomando sol no pátio. Adam cuida da churrasqueira enquanto o resto dos meninos causa estragos na piscina, as crianças correndo por um aspersor na grama, as meninas de olho nas crianças — as grandes e as pequenas — debaixo da pérgola.

“Tio Emmy!”, grita uma vozinha aguda, e Emmett não perde tempo em soltar Carter do aperto de braço que lhe dava e caminha até a borda da piscina, onde Ireland, de dezoito meses, está vindo em sua direção, estendendo as mãozinhas, com o chapéu mole cobrindo os olhos.

“Sim, princesa? Quer o seu tio favorito?”

Garrett joga água nele. “Que nada. Esse sou eu.”

“Sou eu”, diz Jaxon, com naturalidade. “Porque sou o mais bonito. Ela mesma me disse. Disse: ‘Tio Jax, você é o meu favorito porque é muito bonito’”.

Lennon revira os olhos. “É, a Ireland decidiu que a primeira vez que falaria uma frase completa e detalhada seria para dizer ao tio Jaxon que ele é o favorito dela porque é muito bonito.”

Jaxon aponta para ela. “Viu? A Lennon estava lá.”

Um sorriso irônico surge no canto da minha boca quando entro no quintal, observando a briga que se inicia pela disputa de quem é o tio favorito. Emmett vence essa rodada, eu acho, porque Ireland se joga da borda da piscina direto nos braços dele. Meu coração dispara enquanto vejo Ireland passar os braços em volta do pescoço dele, pressionando os lábios contra os dele num beijo estalado antes de se aconchegar na curva do seu pescoço.

Olivia se levanta com dificuldade, exibindo sua barriguinha de gêmeos no biquíni, enquanto vai até sua filha e meu marido, tirando uma foto deles. Connor se joga nos braços de Garrett, e Jaxon pega Lily no colo quando ela pula na água. Rosie se junta a Olivia, com sua barriguinha tão fofa quanto a dela, enquanto as duas tiram foto após foto dos filhos com os meninos.

Uma sensação incômoda me invade o estômago. Coloco a mão ali, sobre a barriga achatada que eu faria qualquer coisa para me livrar.

Porque, ao contrário do que eu pensava antes, existe algo que poderia tornar este momento melhor. Algo que venho desejando, buscando há mais de dois anos. E talvez isso não seja o melhor que possa acontecer. Mas é bom o suficiente por enquanto... não é?

"Adam!" Carter grita, me tirando dos meus pensamentos enquanto corre pelo pátio, completamente encharcado. "Entra na piscina! Preciso que você me abrace para que eu possa aparecer na foto com todo mundo."

"Não vou te abraçar." Adam fecha a churrasqueira. "Você é um homem de cento e dez quilos, não uma criança." Ele dá um peteleco entre os olhos dele enquanto passa por ele. "Apesar do seu nível de maturidade."

"Sabe", Carter começa. "Estou ficando realmente cansado de todas as piadas sobre 'Carter ser infantil'. Eu sou o mais velho aqui—"

Emmett levanta a mão. "Na verdade, esse sou eu."

“E como seu capitão, eu sou seu líder.”

“Você não é nada para mim”, resmunga Jennie. “Só não sou meu irmão mais velho, que é um verdadeiro fanfarrão.”

“Eu mereço seu respeito. Eu deveria ser temido. E—meu Deus!” Ele arranca um pacote da mesa na cabana, girando para nós com ele aconchegado contra o peito como um recém-nascido, os olhos brilhando como uma árvore de Natal. “Oreos de algodão-doce de edição especial? Rosie! Você comprou isso para mim?”

“Eu vi no supermercado e lembrei de você”, ela diz com um sorriso, e nós gememos. “O quê? Ele gosta de Oreos.”

Os olhos de Carter se enchem de lágrimas. “Você é tão atenciosa.” Seu olhar se volta para nós. “Vocês todos poderiam aprender uma coisa ou duas com a Rosie. Sabem de uma coisa?” Ele rasga o pacote, enfiando um biscoito na boca. “Rosie, você é a melhor. Vou fazer algo especial para você”—ele engole em seco, graças a Deus—”. Ele corre para o portão lateral da casa. “Já volto!”

“Rosie, que merda é essa?” Garrett bate na torneira.

Adam suspira. “Ótimo. Mal posso esperar para os vizinhos reclamarem.”

“Me disseram que hoje seria um dia relaxante”, resmunga Emmett.

“A gente devia ir embora enquanto ele estiver fora?” pergunta Jaxon.

Olivia massageia as têmporas. “Estou com dor de cabeça por causa do sol. Estou desidratada. Mas o pior de tudo é que estou sóbria, e não tem jeito. Obrigada, Rosie.”

"O quê?" ela pergunta, com as palmas para cima, olhos verdes arregalados e inocentes. "O que eu fiz?"

Lennon me entrega uma margarita congelada, tilintando seu copo no meu. "Aperte o cinto."

E cara, eu preciso, porque cinco minutos depois, o homem retorna, carregando consigo muitos acessórios, um deles um microfone.

"Boa tarde a todos, e bem-vindos a mais uma noite de Karaokê com Carter! Rosie, este é para você."

E é basicamente assim que um vídeo de Carter fazendo uma serenata para Rosie de rosto vermelho com "Be Our Guest" e uma dança interpretativa absolutamente horrível acaba online. Quatro horas depois, quando as crianças estão dormindo há muito tempo, esse vídeo tem mais de quatrocentas mil visualizações.

"Dê às pessoas o que elas querem, estou certo?" Seus olhos se arregalam quando ele olha para o vídeo que Lennon postou na página do Instagram da equipe. "Acabei de atingir meio milhão de visualizações. Ollie, meio milhão de pessoas assistiram à minha apresentação!"

"Ótimo," ela murmura, mas há aquele gancho revelador no canto de sua boca, o sorriso que ela tenta esconder. Minha garota não gosta de atenção, e ainda assim seu marido é uma prostituta absoluta por isso. Apesar de tudo, Olivia não mudaria nada nele.

Ele se joga na cadeira ao lado dela, as chamas do fogo que Adam está alimentando atualmente iluminando seus movimentos enquanto ele vasculha uma sacola, deixando cair marshmallows, barras de chocolate, biscoitos e Oreos na mesa ao lado dele.

Eu entrego a ele seu mais novo bem valioso, que é apenas um gigantesco palito de assar, mas você pode assar doze marshmallows de cada vez, o que é, aparentemente, uma necessidade. "Eu quero o meu..."

"Levemente torrado, casca marrom dourada, meio pegajoso por dentro", Carter termina para mim.

"E se você acender fogo..."

"Você vai incendiar meu pau."

Eu sorrio. "Você me conhece tão bem."

"Temo pela minha vida quando te faço infeliz."

"Como se deveria." Eu faço para encontrar um assento perto do fogo, mas Emmett enrola um braço em volta da minha cintura, me puxando para baixo em seu colo. Chegando para trás, eu enfio meus dedos em seu cabelo, fechando meus olhos para a sensação de sua boca no meu pescoço, suas mãos percorrendo meu corpo.

Estar com ele é como entrar na luz, erguer meu rosto para o céu e me banhar em tudo o que é quente, bom e seguro, sem saber como vivi antes de minha alma encontrar a dele.

Virando minha cabeça, eu capturo sua boca com a minha. "Obrigado por me estocolmar." Eu não vejo o revirar de olhos, mas eu definitivamente sinto isso. A maneira como ele abaixa a cabeça, o beliscão de seus dedos na minha bunda. Eu mordo minha risada enquanto nossos amigos bufam as deles. "Você fez um trabalho tão bom, baby."

"Pela última vez, eu não fiz você de Estocolmo!"

"Chame do que quiser, Emmett, mas a maioria das pessoas chama de algemar uma mulher para você e exigir que ela namore com você, e então essa mulher começa a realmente se apaixonar por você, Síndrome de Estocolmo."

"Você me algemou!"

"Bem, eu tive que afirmar meu domínio."

Outro revirar de olhos, mas desta vez Emmett desliza a mão sobre minha coxa, movendo a bainha do meu short para cima, a ponta do polegar varrendo aquela palavra de quatro letras enfeitando minha pele. "Acho que nunca houve dúvida de quem está no comando desse relacionamento. Eu pertenço a você desde o segundo em que o vi."

"Assustador como você estava obcecado", murmura Carter, jogando um marshmallow pegajoso na boca. "Perfeito", ele sussurra, então começa a montar suas criações decadentes.

"Você é um para falar", diz Adam bufando.

"Eu?" Carter varre os braços. "Que tal você, Sr. Roubar o chapéu de Rosie para que ela tenha que me ver de novo?" Ele aponta para Jaxon. "E você. Você jogou fora todos os seus produtos de amendoim - até mesmo o cereal Reese's Puffs, o que é indiscutivelmente insano - essencialmente a primeira vez que conheceu Lennon!

Garrett levanta a mão. "Eu encurralei Jennie em um armário depois do nosso primeiro beijo e implorei por mais. Eu estava definitivamente obcecado." Ele sorri para ela, piscando. "Ainda estou."

"Garoto obcecado cai primeiro e mais forte," murmuro na segurança do peito de Emmett. "Eu amo esse tropo."

"Voila!" Carter se levanta, exibindo orgulhosamente sua bandeja de marshmallows Oreo. "Para minha princesa primeiro, porque ela está criando dois anjos e eu tenho pavor dela quando ela está grávida." Ele diz isso com um sorriso inocente só para ela, e quando ela revira os olhos, eu bufo uma risada. Ele bate em Rosie em seguida, provavelmente porque ela também está grávida. Eu verifico minhas unhas - perfeitas como sempre - porque não serei a próxima. Eu não estou grávida; ele vai continuar na linha.

É estúpido. Tão estúpido, e eu não sei por que me importo, mas há esse pedaço de mim, um pedaço do meu cérebro, um pulso do meu coração, que quer que alguém

pense em mim um pouquinho mais, como Olivia e Rosie, só por causa do que está no meu útero.

A bandeja de marshmallows está enfiada debaixo do meu nariz. Meu olhar se eleva, encontrando o de Carter. Ele sorri. "Fez de você um especial." Ele aponta para uma bagunça gigante e pegajosa. "Biscoito, marshmallow, glacê, marshmallow, biscoito. Eu chamo isso de Cara Brodie Double-Decker Special.

Estúpido. Tão estúpido. Cara Brodie não chora. Ok, eu choro, mas raramente. E eu não vou chorar por causa de um estúpido Oreo s'more de dois andares. Eu simplesmente não sou.

EU CHOREI POR CAUSA DE UM Oreo s'more de dois andares.

Honestamente, não quero falar sobre isso.

"Ei, você está bem? Você chorou por causa de um biscoito lá atrás.

"Não," eu minto, os dedos emaranhados com os de Olivia enquanto caminhamos de mãos dadas pela rua em direção às nossas casas, Carter e Emmett seguindo atrás com uma Irlanda adormecida enfiada pacificamente em sua carroça.

"Sim, eu também nunca choro. Uma coisa sobre mim? Estou totalmente no controle de minhas emoções o tempo todo."

Eu lancei um olhar divertido para minha melhor amiga. Ela pode ser minha garota atrevida favorita, mas também é a pessoa mais sensível que conheço. É o que a torna uma parceira, mãe, professora e amiga tão incrível.

E como não quero que ela assuma o meu problema, aperto a mão dela e digo: "Não acredito que você vai ter três filhos em breve. Já decidiu o que vai fazer em relação ao trabalho?"

Olivia suspira, passando uma das mãos delicadamente sobre a barriga. Ela é professora do ensino médio e adora o trabalho, mas o estresse de voltar a trabalhar a incomoda há meses, mesmo antes de descobrir a gravidez. "Conversei com o RH e não preciso voltar a trabalhar para ter direito a outra licença-maternidade. Só não serei remunerada. O que não é um problema, é só que... eu sei que é bobagem, mas não quero que as pessoas pensem que arrumei um marido rico e simplesmente pedi demissão."

"Quem se importa com o que os outros pensam?"

"Eu me importo", admite ela com um suspiro. "Odeio me importar, mas me importo." Ela morde o lábio inferior. “A verdade é que eu amo ficar em casa com a Ireland mais do que jamais imaginei ser possível. Temos um laço que simplesmente...” Ela balança a cabeça, sem palavras. “Quero passar o máximo de tempo possível com ela antes que os gêmeos cheguem, e acho que também vou ter dificuldades para voltar depois disso.”

“Então fique em casa, Liv. Aproveite o tempo que lhe resta enquanto são só vocês duas e tire o tempo que precisar quando os gêmeos chegarem. Dar uma pausa na carreira não precisa ser para sempre, e mesmo que você decida que seja para sempre, isso não é da conta de ninguém além de você.” Solto um suspiro irritado. “O mundo é cruel com as mães. Você é crucificada por voltar a trabalhar cedo demais e mandar seus filhos para a creche, porque é uma fase crucial na vida deles, ou é crucificada por ficar em casa com eles porque aí você está criando filhos mimados e não contribuindo para as finanças da casa. Se fizer, está condenada; se não fizer, também está condenada.”

“Amém”, ela murmura. “E não pense que eu não sei o que você está fazendo, aliás.”

"O quê?"

Ela encosta o quadril na minha lateral quando paramos no final da entrada da garagem. “Mudando de assunto. Não quero te pressionar, Care, mas quero que saiba que estou ouvindo. Estou aqui.”

“Eu estou...” Meus olhos se voltam para o céu noturno, buscando entre as estrelas uma resposta, algo que faça sentido. “Estou com medo.” As palavras saem sussurradas e roucas, arrancadas da dor no meu peito.

Uma única lágrima escorre pela minha bochecha. “Pela primeira vez na vida, não sei como será o meu futuro.”

Olivia me puxa para seus braços, e a subida brusca do seu peito me diz que ela está se segurando por um fio. Recuando um pouco, ela segura meu rosto entre as mãos, os olhos castanhos brilhando com lágrimas enquanto enxuga as minhas. “Seu futuro é cheio de amor, Cara. Cheio de família. Estaremos aqui, todos nós, a cada passo do caminho. Você não precisa fazer isso sozinha.”

E acho que essa será a única coisa que me ajudará a superar isso.

OceanofPDF.com

5 EU DEVORO TACOS COMO DEVORO PÊNIS Cara

Há três anos e meio: Lições de como engolir

"VOCÊ VAI ME DESAMARRAR ALGUM DIA?"

Dou uma olhada por cima do ombro, um sorriso se abrindo no meu rosto quando o vejo. É incrível o que acontece comigo, só de olhar para ele. Um único olhar para aquele homem de um metro e noventa, esculpido pelos deuses, uma algema rosa e fofa em cada pulso, seu pênis grosso ereto, e minha vagina fica molhada como uma torneira.

Meu coração dá uma pequena dança de alegria, do mesmo jeito que dava quando a vovó aparecia na nossa varanda todo domingo de manhã, me colocava no carro e me levava para tomar chá da tarde e fazer compras. Meu corpo vibra com uma excitação que me impede de ficar parada, que me impulsiona a agarrar exatamente o que quero sem esperar permissão.

Lembro-me de todas aquelas manhãs com a minha avó, de como eu ficava olhando pela janela para a igreja da comunidade, todas as pessoas reunidas do lado de fora. "Algumas pessoas gostam de passar os domingos adorando a Deus", murmurava a vovó. "Eu gosto de passar o meu adorando uma de suas melhores criações: fazer compras."

Meus olhos percorrem Emmett, e nunca tive tanta certeza de que Mémère estava certa. Eu passaria meus dias adorando uma das criações mais belas que este mundo já viu: Emmett Brodie.

Volto-me para o espelho, aplicando uma camada de batom. "Não", respondo finalmente, jogando o batom na gaveta antes de me virar para Emmett. Seus olhos me examinam, e juro que aquele pênis maravilhoso dele cresce mais um pouco. "Gosto bastante de você algemada à minha cama. É mais fácil de controlar."

"Batom", ele balbucia, puxando as algemas e levantando os quadris.

"Você gosta?" Passo o dedo no meu lábio inferior enquanto me aproximo dele. "Charlotte Tilbury, Red Carpet Red. Uma cor linda, não é?"

"Compre. Eu compro. Mais." Ele puxa as algemas novamente, o olhar saltando freneticamente entre minha boca e a mesa de cabeceira onde está sua carteira.

"Oh, meu Deus", murmuro, parando ao seu lado. "Você realmente gosta, hein?" Passo a ponta do meu dedo por todo o comprimento do seu pênis, até a glande. É realmente um pênis lindo. Grosso e com veias saltadas, com uma glande roxa de aparência irritada que quase sempre parece prestes a explodir. "Gostaria de vê-lo no seu pênis, Sr. Brodie?"

Ele acena freneticamente com a cabeça, os olhos azuis quase saltando das órbitas. "Sim. Sim. Por favor, Cara."

Ele está tão desesperado por mim, é adorável. "Vou te fazer uma proposta", digo a ele, pegando uma caneta da minha mesa de cabeceira antes de subir no colo de Emmett. Na parte inferior do abdômen dele, onde aquele V perfeito de músculos começa no quadril direito, rabisco a palavra "meu" com tinta preta, colocando um coração no ponto do "i".

“Puta merda”, ele sussurra roucamente quando eu desço de cima dele, exibindo minha arte.

“Você guarda isso com você enquanto estiver fora, e eu vou pintar seu pau com esse batom quando você voltar.”

“Mas eu... é...” Sua cabeça oscila entre minha boca, seu pau e minha obra de arte. “Vou ficar fora por dez dias. Preciso tomar banho. Além disso, o suor do hóquei...”

“Acho melhor você cobrir isso, então.”

Nunca na minha vida senti um pingo de ciúme por algo tão trivial quanto um homem, mas não me envergonho de admitir que, nos seis dias em que conheço esse homem, desenvolvi uma possessividade extrema por cada centímetro dele, e os dois jogos que assisti com a Olivia foram passados praticamente ignorando cada palavra que saía da boca dela enquanto eu encarava a TV de braços cruzados, rangendo os dentes. Se eu tiver que tatuar o meu nome no quadril dele, ou na testa, para que todas as garotas que tentam chamar a atenção dele atrás das janelas saibam que ele é meu, não me importo.

Um brilho de ternura surge em seus olhos, rapidamente substituído por uma arrogância feroz que o faz sorrir de orelha a orelha, rebolando os quadris enquanto

uma risadinha escapa. "Ohhh, vaga-lume", ele murmura. "Você é obcecada por mim. Eu sabia."

"Como se", digo firmemente, ou pelo menos é o que pretendo dizer. Saiu mais como um "hmph", e não sei bem como isso aconteceu. Soltei seu pulso esquerdo e joguei as chaves em seu peito, deixando-o soltar o outro pulso para que eu pudesse ir até meu closet, jogando o cabelo para trás do ombro no caminho.

Obsessiva por ele? Nem pensar. Só passo cada segundo do meu tempo livre com ele para agradá-lo. Ele dorme na minha cama todas as noites porque é grande e quentinho, e é inverno, está frio, e eu sou uma princesa. Só marco uma ligação para Olivia na hora do almoço todos os dias para contar quantas estrelas vi na noite anterior, quando um orgasmo de outro mundo atrás do outro me lançou direto para o espaço sideral. Não porque sou obcecada por ele.

A cama se move atrás de mim, seguida por passos pesados, e eu me afundo contra um peito largo enquanto braços fortes me envolvem. Os lábios de Emmett encontram minha orelha, e eu consigo sentir a curva do seu sorriso enquanto ele sussurra: "Você fica tão fofa quando está em negação."

"Você fez isso comigo!", grito, girando e enfiando um dedo na cara dele. Ele sorri, seu pau absurdamente grosso balançando como se também estivesse sorrindo, então aponto meu dedo para lá em seguida. “E você! A culpa é toda sua! Eu teria sido perfeitamente feliz com brincadeiras solo e com a ajuda de brinquedos, jantares grátis frequentes, presentes extravagantes e uma transa ocasional e mediana antes de voltar para casa e dormir feliz sozinha pelo resto da vida, e aí você, com seu sorriso idiota, seu pau idiota e seu”—gesticulo com a mão como se tivesse perdido a cabeça e tivesse a mínima chance de me controlar—“taco de hóquei apareceu e exigiu meu tempo e atenção, e agora, de repente, tenho um namorado, e sabe o que eu não posso mais fazer? Me esparramar! Não posso mais me esparramar na minha própria cama, Emmett, porque você está aí, aqui e em todo lugar!”

“Ah, meu bem”, Emmett sussurra. Seu sorriso não condiz com a forma como ele se aproxima lentamente de mim, como se soubesse que, com um único passo em falso, eu poderia arrancar aquela parte gloriosa do meu corpo que está balançando entre nós.

“Volta. Volta!” Meu dedo se move entre o rosto dele e o pau. "Voltar!"

De repente, sou esmagada contra o peito dele, o pau dele pressionando minha barriga enquanto ele me aperta num abraço, nós dois nos enroscando nas minhas roupas antes de cairmos no chão. Eu me debato contra ele, mas Emmett nos vira, me prendendo embaixo dele, meus pulsos firmemente em suas mãos. A arrogância ainda está lá, brilhando intensamente em toda a sua diversão, mas é o olhar nos olhos dele que acalma a pulsação forte nos meus ouvidos, o baque do meu coração. A ternura. A paciência. A compreensão.

"Se eu ainda não deixei bem claro, eu sou completamente louca por você, vagalume."

"Já faz seis dias", eu sussurro.

" “Eu sei. E sei que isso te assusta. Me assusta também, porque sei que esse sentimento só vai aumentar. Me mantém acordada à noite, só olhando para você, porque de repente parece que meu mundo gira em torno de uma única pessoa, e eu morro de medo de que sem você... tudo desmorone.”

Para ser sincera, já ouvi muitas cantadas parecidas com essa. Mas com o Emmett... não há uma única parte de mim que não acredite nele. Mesmo que seja assustador.

“Eu não quero que você vá embora”, admito, escondendo o medo em seu pescoço quando ele afrouxa o aperto nos meus pulsos, me deixando me agarrar a ele. “Eu gosto de ter você aqui, e não consigo espantar as garotas quando você está em outro lugar.”

“Amor, você não precisa espantar ninguém.”

“Mas eu consigo. Consigo lidar com todas elas. Ao mesmo tempo. Eu vou conseguir, eu juro.”

Uma risadinha discreta, e Emmett toca meus lábios com um beijo. "Não tenho a menor dúvida."

"Parece que você está me chamando de louca."

"Parece que você está me chamando de sua."

Meus olhos percorrem os dele antes que eu finalmente admita: "É verdade."

"Então eu sou sua, e você é meu, e não há mais ninguém, absolutamente ninguém, que possa mudar isso."

Afundo meus dedos em seus cabelos, puxando seu rosto para perto do meu. "Ninguém nunca mais vai te ver se você tocar em outra mulher", sussurro contra seus

lábios. "Vou te matar como em 'Goodbye Earl'. Vão procurar pelo seu amado jogador de hóquei desaparecido por décadas."

"Você está desequilibrada."

"Você me transformou nisso."

Ele captura minha boca com a sua, e minhas pernas se abrem acidentalmente, dando espaço para seu pênis se aninhar entre elas. Em vez disso, ele se levanta de um pulo, pega minha mão e me puxa para cima, dando um tapa na minha bunda. "Vamos lá, Sra. Brodie. Hora de se vestir. Temos um primeiro encontro para riscar da nossa lista."

"Não sei o que vestir. Para onde vamos?"

"Fiz duas reservas, uma em um restaurante francês chique e outra em um boteco mexicano. Minha esposa escolhe qual ela prefere hoje à noite."

SÓ HAVIA UMA resposta CERTA, e essa resposta era boteco mexicano.

Aliás, Mémère sempre disse que a maioria dos problemas da vida se resolve com tequila, e como tequila é mexicana, acho que podemos aplicar essa lógica a toda a culinária mexicana.

"Olha só quem resolveu nos honrar com sua presença. De onde você está tirando sua comida mexicana ultimamente? Está nos traindo?" A mulher de meia-idade, com seus grossos cabelos negros escapando do coque, me dá uma cutucada no ombro com o pano de prato enquanto me sento na pequena mesa para duas pessoas. "Diga-me onde, princesa." Ela coloca as palmas das mãos sobre a mesa, as sobrancelhas se erguendo lentamente. Uma pessoa mais fraca talvez se encolhesse. Emmett, com certeza, se encolhe.

"Você me insulta, Luisa. Ninguém faz comida mexicana como você."

Emmett balança o dedo entre nós. "Vocês duas se conhecem?"

"Estive aqui uma ou duas vezes."

Luisa revira os olhos. "Uma ou duas vezes, é?"

"Tá bom, talvez eu e a Olivia praticamente morássemos aqui antigamente, mas não podemos ser responsabilizadas por isso."

"Hum-hum", ela murmura, retirando os cardápios da mesa antes que possamos vê-los.

“Você me atraiu aqui com uma placa de tacos a dois dólares na sua vitrine!” grito enquanto ela se afasta. “O que você esperava?”

Emmett sorri. “Quantos vocês comeram?”

“Isso não vem ao caso.”

“Quantos vocês comeram, vagalume?”

Levanto as mãos para o ar. “Éramos estudantes com dificuldades financeiras!”

Um garçom aparece com duas palomas que não pedimos, e eu aceito o coquetel com alegria, grata pela distração. Tiro a fatia de toranja da borda com sal e pimenta e dou uma lambida antes de colocá-la no meu copo. Luisa me encara por trás do balcão, retribuindo meu sorriso de gratidão com o mesmo sorriso suave com que sempre nos mandava embora. Este está carregado de nostalgia, e anoto mentalmente que preciso avisar Olivia que as Terças-feiras de Taco voltaram.

Voltando-me para Emmett, o encontro cheirando sua bebida coral. “Você já experimentou uma paloma? É a minha favorita.”

Ele balança a cabeça, lambendo a borda do copo timidamente antes de tomar um gole. Então, seus olhos se arregalam, ele retira a toranja e vira metade da bebida. “Caramba. Isso é incrível.”

“A Luisa faz as melhores palomas.” Um breve silêncio se instala ao nosso redor enquanto bebemos, nossos olhares se desviando e voltando, enquanto um rubor sobe às minhas bochechas e, pela primeira vez na vida, me vejo sem saber o que dizer.

Dedos hesitantes deslizam pela mesa, mas no instante em que se entrelaçam com os meus, só há calor e certeza. “Isso é estranho, né?”, pergunta Emmett.

“Com todo o respeito, você já gozou em todos os três orifícios do meu corpo mais vezes do que consigo contar. Esta manhã, você me fez subir as escadas em vez de pegar o elevador para poder ouvir meus gemidos ecoando no vão da escada enquanto você me pressionava contra a parede e comia minha buceta. Sim, ter um primeiro encontro agora parece um pouco estranho.”

Ele ri baixinho. “Se eu parar de pensar nisso como um primeiro encontro, me sinto melhor. Estou feliz por estar saindo com você. Ter alguém trazendo o jantar para nós é um bônus; seu concierge já está cansado de ver muita coxa toda vez que abro a porta com seu roupão de seda quando ele traz nossa comida.”

Eu aperto a mão de Emmett. "Devemos considerar comprar seu próprio manto para você." Eu puxo meu lábio entre os dentes, inclinando minha cabeça de um lado

para o outro como se estivesse pesando as opções. "Então, novamente, seu pau fica muito bonito em rosa, como uma princesa." Eu suspiro. "Eu sei! Vamos dar a ele um lindo nome de princesa, como Andie chamou a princesa de Ben de Sophia em Como perder um cara em 10 dias!"

"Princesa Sophia?" Emmett empurra a mão para trás. "Mas você já deu um nome a ele! O Pussy Pounder Five—" Seus olhos se arregalam quando ele percebe que está gritando e todos estão olhando para nós, incluindo Luisa. Ele se inclina para mais perto, sussurrando: "Você o chamou de Pussy Pounder Five Thousand. Lembrar? Inclinei-te sobre o sofá, enterrei tua cabeça nas almofadas e...

"Sim, Emmett, e sempre haverá um tempo e um lugar para isso. Quando você está vestindo meu manto, a princesa Sophia se encaixa, você não acha?

Ele revira os olhos. "Tudo bem, mas também quero jogar Lara Croft: Womb Raider no chapéu."

"Vou levar isso em consideração."

"Thor?"

"Passe."

"O Justiceiro?"

"Oh! Eu sei!" Eu bato palmas na mesa com as duas mãos. "Sir Tom, matador de bucetas!"

A testa de Emmett franze. "Sir Tom?"

"Tom Hiddleston, Emmett. Acompanhe."

"Tudo bem, isso é justo. Ninguém compete com Tom Hiddleston."

Eu agarro sua mão com as minhas. "Você entendeu."

"Queso fundido para a princesa", murmura Luisa, colocando uma frigideira de ferro fundido e um prato de tortilhas entre nós. Ela aponta para a frigideira. "Caliente. Use esse belo cérebro e não toque; você vai se queimar."

"Ah, Luisa. Como eu senti falta da sua boca doce." Eu sorrio para ela enquanto ela envolve um braço em volta da minha cabeça, me abraçando frouxamente.

Emmett sorri, mas é pequeno e forçado, um contraste marcante com apenas alguns momentos atrás. Seu olhar está em suas mãos enquanto elas mexem em seu guardanapo.

Eu estendo a mão sobre a mesa, evitando a frigideira quente e colocando minha mão sobre a dele. Quando seus olhos se erguem para os meus, eu sorrio suavemente.

"Ei você. Tudo bem ali?"

"Oh, sim, eu só..." Seu olhar mergulha para ver enquanto meu polegar varre seus dedos. Quando ele volta, seus olhos procurando os meus, é com uma hesitação que eu não vi dele antes.

"Eu sou um ouvinte muito bom", eu prometo baixinho. "Se você vai ser o Sr. Cara Hunter um dia, eu quero saber tudo."

Uma risada, silenciosa e rápida, mas a incerteza em seus olhos muda, dando lugar a uma vulnerabilidade que o faz entrelaçar os dedos nos meus. "Luisa me lembrou da minha mãe lá atrás", ele me diz. "De uma forma retrógrada."

"O que você quer dizer?"

Ele olha para a frigideira. "Ela te disse que estava quente, para usar seu lindo cérebro e não se queimar." Seu olhar se volta para nossas mãos entrelaçadas, e ele lambe os lábios. "Eu tinha cinco ou seis anos quando toquei numa assadeira que minha mãe tinha acabado de tirar do forno e queimei os dedos. Chorei, e ela me disse que se eu fosse burro o suficiente para tocar naquilo, merecia me queimar." Ele ri baixinho, um som sem humor, e acho que prendo a respiração. "O mesmo sentimento, mas, caramba, a forma como você diz faz toda a diferença, não é?"

"Isso é uma coisa horrível de se dizer para qualquer pessoa, ainda mais para uma criança", consigo dizer. "Sua mãe fazia coisas assim com frequência?"

"Comentários aqui e ali, principalmente para me mostrar o quanto ela estava frustrada comigo, o quanto eu 'atrapalhava', ou simplesmente o quanto ela estava infeliz com a vida em geral." Ele força um sorriso. "Mas sempre terminava com uma boa dose de bajulação." Emmett dá de ombros. “Sinceramente, ela não era tão ruim. Ótima, na verdade, quando estava feliz. Aprendi a ler o humor dela e a ficar longe dela.”

Aperto a mão dele, desejando poder apertar uma versão inocente e em miniatura do homem sentado à minha frente. “Desculpe, Emmett. Você não precisava ter feito isso.”

“Você tem razão. Pelo menos ela não era tão ruim quanto meu pai.” Ele solta um suspiro, puxando a mão de volta para poder enfiar as duas embaixo da mesa. “Desculpe. Não é uma boa conversa para um primeiro encontro.”

“Emmett.” Estendo a mão, com a palma para cima. “Se existe um manual de regras, nós o jogamos fora na noite em que nos conhecemos. Você não precisa me

contar agora, se não quiser, mas, por favor, não se reprima por medo do que eu possa pensar." Solto um suspiro, mordendo o lábio. "Meus pensamentos, todos eles ultimamente, são sobre você. Quando penso no amanhã, na semana que vem, no ano que vem ou daqui a dez anos... penso em você. Não vou a lugar nenhum."

Emmett me observa atentamente por um instante, como se estivesse absorvendo essas palavras. Acho que eu também.

Lentamente, ele pega minha mão na dele, um toque suave que contrasta com os calos nas palmas das mãos, deixados para trás por suas luvas de hóquei. "Obrigado," ele murmura, levantando minha mão para sua boca, varrendo um beijo quente pelos meus dedos. "Meu pai estava apenas... alto. Significar. Ele prosperou na intimidação, o que era fácil quando ele era maior do que eu e meus irmãos. Significava muitos gritos, pisoteamentos, portas batendo, quebrando nossos brinquedos, destruindo a garagem quando ele estava chateado. No começo, ele era previsível, assim como minha mãe. Mas à medida que envelheci, ele ficou mais irritado, mais malvado e as coisas mais inconsequentes o jogariam em uma pirueta completa. Como uma vez, minha mãe saiu com alguns amigos, e meu pai teve que colocar meu irmão mais novo na cama. Ele chorou por minha mãe por meia hora, recusando-se a ir para a cama, e meu pai ficou cada vez mais alto, até que ele finalmente perdeu a cabeça, saiu gritando e xingando algumas merdas verdadeiramente horríveis sobre meu irmão de quatro anos, deixando-o chorando no chão. Eu entrei sorrateiramente em seu quarto e o coloquei na cama. Ele parou de chorar imediatamente, como se tudo o que precisasse fosse de um abraço. Papai deve ter verificado na babá eletrônica, a maneira como eu aconcheguei meu irmão até ele adormecer, porque mais tarde naquela noite, ouvi minha mãe chorando. Desci as escadas e a encontrei pegando as peças da coleção de porcelana de sua avó, quebradas no chão. Emmett desvia o olhar por um momento, seus dedos agarrados aos meus. "Eu tinha esse projeto para entregar pela manhã. Era um diorama, e era para ser a nossa estação favorita. Eu pensei que estava sendo inteligente, porque eu tinha feito uma pista ao ar livre e um monte de crianças jogando hóquei.

Eu sorrio. "Temporada de hóquei?"

Emmett acena com a cabeça. "Temporada de hóquei, vaga-lume. De qualquer forma, passei duas semanas trabalhando nisso. Fiz cada jogador com argila seca ao ar,

pintei todos à mão... Eu adorei e deixei na mesa da sala de jantar para mostrar à minha mãe, porque quando ela estava orgulhosa de mim, eu me sentia orgulhosa de mim.

O pavor toma conta de mim, instalando-se na minha barriga como um peso nauseante.

"Firefly," Emmett murmura quando sua mão chega à minha bochecha, seu polegar passando uma lágrima para longe. "Você está chorando. Por favor, não chore."

"Ele destruiu, não foi?" Eu sussurro, e outra lágrima cai. "Por quê? Como punição? Para porra o quê?"

Emmett encolhe os ombros. "A porcelana da minha mãe, porque ela saiu, e ele teve que lidar com a hora de dormir. Meu diorama, porque meu irmão se contentou comigo. Porque eu era capaz de fazer o que meu pai não era." Ele parece voltar atrás, e por algum motivo, isso só me deixa ainda mais pronta para queimar o mundo por ele. "Estou fazendo parecer horrível, mas poderia ter sido pior."

"Não jogue essa carta. Sempre há alguém que está pior. Isso não torna isso melhor. Isso não faz com que isso esteja bem."

"Eu acho que apenas..." Ele esfrega a parte de trás da cabeça. "Ele não era abusivo, pelo menos."

Eu inclino minha cabeça. "Fisicamente, você quer dizer?"

Emmett pisca para mim. "Eu..."

"Porque abuso emocional ainda é abuso."

Ele retira as mãos, juntando-as sobre a mesa à sua frente, olhando diretamente para elas, embora eu não tenha certeza se ele realmente as vê.

"Desculpe", digo gentilmente, tocando seu braço. "Passei dos limites."

Sua testa se enruga enquanto ele me encara, em silêncio por tanto tempo que começo a pensar que causei um dano irreparável. Mas então ele balança a cabeça, lenta mas firmemente, e pega minha mão novamente. "É estranhamente reconfortante, na verdade. Isso é... estranho? Eu sempre procurava uma razão para o comportamento dele, me perguntando como eu era responsável e como eu poderia mudar para que ele não agisse mais assim."

"Não é sua culpa, Emmett. Nunca foi."

Ele funga, desviando o olhar e pigarreando. "Eu acho... acho que precisava ouvir isso."

Penso no que ele disse alguns minutos atrás, sobre deixar seu projeto exposto para mostrar à mãe, para deixá-la orgulhosa porque isso o fazia se sentir bem. E eu lhe digo suavemente: "Espero que você saiba agora que nunca precisa do elogio ou da aprovação de ninguém para se sentir orgulhoso de si mesmo, Emmett. No fim das contas, a única opinião que importa é a sua. Tenha orgulho de si mesmo e comemore cada vitória, mesmo que pareça pequena. A vida é difícil demais para não se dar crédito."

Emmett sorri. É um sorriso largo e radiante, cheio de admiração, gratidão e algo mais... algo que parece... acolhedor. Seguro. "Não acredito que vou poder transar com você pelo resto da vida."

"Ah, lá vamos nós." Reviro os olhos, pegando a frigideira, porque preciso de energia para isso. "Já faz seis dias, Brodie."

Ele abre a boca para reforçar o que disse, mas quando seus olhos se movem por cima do meu ombro, ele a fecha novamente. “Você só pode estar brincando comigo”, ele murmura, e eu sigo seu olhar até a jovem garçonete e os três homens enormes esperando atrás dela na porta com cortinas.

“Não temos muitas mesas disponíveis”, diz a garçonete, em tom de desculpas, e juro por Deus que consigo sentir a raiva emanando de Emmett daqui.

Observo os três homens, semicerrando os olhos enquanto tento identificá-los. O mais baixo tem uma cabeleira desgrenhada de ondas douradas e olhos brilhantes que me lembram as águas do Caribe, embora ele pareça não conseguir me encarar. O mais alto tem lindos cachos escuros e olhos azuis penetrantes que, estranhamente, estão cheios apenas de pena e vergonha. E o terceiro, o que lidera o grupo...

“Carter Bucket!” Aponto para ele e me viro de volta para Emmett. “Ei, esse é o seu amigo! Carter Bucket! Ele é do seu time! E o capitão também! E...” Fecho os olhos, pressionando os dedos nas têmporas enquanto tento me lembrar dos nomes dos outros dois. “Adam Lockwood e... Garrett Andersen! Em, seus amigos estão aqui!”

Os olhos de Carter se arregalam de forma cômica. Ele leva a mão à boca. “O quê? Emmett, não tínhamos ideia de que você estaria aqui. Nenhuma.” Com as mãos na cintura, ele acena com a cabeça, observando nossa mesa. “Nossa, que coincidência. Bom, que tal puxarmos uma mesa e comermos com vocês dois?”

“De jeito nenhum”, Emmett rosna enquanto eu puxo minha cadeira para o lado, dou um tapinha na mesa e digo um entusiasmado “Claro!”.

Carter puxa uma cadeira para perto de Emmett, o abraça pelo ombro num meio abraço, e eu fico um pouco preocupada que o time vá ficar sem seu capitão em breve. “Oooh, queso fundido. Que delícia.” O time definitivamente vai ficar sem seu capitão. Ele coloca uma porção generosa de queijo derretido e chorizo em um nacho, e bem antes de levá-lo à boca, ele para. “Espere um segundo.” Olhos verdes vívidos me encaram, um turbilhão de confusão, descrença e indignação absoluta. “Você me chamou de Carter Bucket?”

Eu franzo a testa. “Desculpe, você só usa seu primeiro nome?”

Um silêncio se instala ao nosso redor enquanto Carter pisca para mim, seu queixo caindo lentamente em direção ao chão. Emmett leva a mão à boca, esfregando o que parece ser um sorriso debochado. Garrett abaixa a cabeça, os ombros tremendo.

É Adam quem primeiro cai na gargalhada, cobrindo o rosto com as duas mãos enquanto uma gargalhada explode do seu peito. "Ela... te chamou... de... Carter Bucket!" ele grita, e Garrett se desmancha em risos, batendo no joelho. A testa de Emmett bate na mesa, fazendo-a tremer como um terremoto enquanto ele perde o controle.

Dando um gole no meu drinque, olho para Carter. Seus olhos ainda estão fixos em mim, as mãos cerradas em punhos pequenos e delicados ao lado do corpo, e eu quase consigo ver a fumaça saindo de suas orelhas.

"É Beckett", ele murmura baixinho.

Toco minha orelha. "Como assim?"

"É. Beckett. Carter Beckett."

Minhas sobrancelhas se erguem. "Sério? Não Bucket? Hum."

“Eu...” Ele olha em volta, o coitado parecendo um cachorrinho perdido, e eu quase me sinto mal por ter derrubado o ego dele. Ele chama a atenção da garçonete, que não tirou os olhos dos meninos desde que os acompanhou até aqui. “Vocês têm uma mesa para um?”

“Ah, qual é.” Revirando os olhos, eu o puxo pelo cotovelo, fazendo-o sentar ao meu lado. “Você sabe que quer sentar com a gente, seu chorão.”

Um suspiro tão grande, tão dramático, que mereceria estar na Broadway. “Emmett, sua namorada me magoou.”

“Ela magoou o seu ego”, ele corrige, enfiando uma tortilla na boca. “Já era hora de alguém fazer isso.”

“Seja lá o que a gente esteja fazendo, claramente não está funcionando”, Garrett acrescenta baixinho, e quando meus olhos se voltam para os dele, um sorriso se espalhando pelo meu rosto, as bochechas dele ficam vermelhas como um pimentão. “O quê?”

“Você fala! E você é engraçada!”

Opa, lá se foram os olhos dele, de volta para o colo, mas vejo aquele pequeno sorriso se formando no canto da boca. Vou acabar com esse cara.

"O Gare é meio tímido perto de garotas bonitas", Adam me diz.

"Hum." Concordo com a cabeça, saboreando um nacho. "Então você fica ainda mais tímido perto de mim. Entendi."

Emmett dá uma risadinha, depois para abruptamente. "Ah, droga." Ele leva as mãos ao rosto, os olhos arregalados, um pouco horrorizado. "Eu acho... será que...?"

"Namorando a versão feminina do Carter?" Adam pisca para mim. "Sim."

"Não me insulte assim", digo.

Carter bufa. "O que isso quer dizer?"

"Isso significa que você trata seu corpo como os cristãos tratam o corpo de Cristo na missa. Todo mundo tem um gostinho, desde que adore aos seus pés.

Carter pensa por um momento, depois sorri, recostando-se na cadeira. "Você está certo, Care. Eu sou um deus para algumas mulheres."

Eu reviro os olhos, nem um pouco surpreso que seja a lição dele. "Mais como cem mulheres, se as divagações estúpidas de Olivia estiverem corretas." Lembro-me claramente de Olivia murmurando sobre Carter flertando com uma garota atrás do vidro, como ele precisava se concentrar no jogo, especulando que seu pau deve ser feito de ouro maciço para tantas garotas se alinharem de bom grado para montá-lo.

"Quem é Olivia?"

"Minha melhor amiga."

"Ah?" As sobrancelhas de Carter se erguem e ele olha de mim para Emmett. "Ela é..."

"Absolutamente não," Emmett e eu dizemos exatamente ao mesmo tempo, seguido por um "Heeey!" e um high-five do outro lado da mesa.

"Ninguém nunca me deixa me divertir", resmunga Carter.

"Tudo o que você tem é diversão", diz Emmett.

"Tacos para o—" Luisa pára em seu caminho, uma enorme bandeja de tacos equilibrada em suas mãos. Seus olhos se estreitam em Carter. "Você. El diablo."

"Luísa! Estou de volta!" Ele polegar em direção a ela, rindo. "Ela sempre me chama assim. Acho que significa algo como bonito." Ele pega a bandeja de tacos dela. "Estes cheiram incrível. Ei, Luisa, por acaso você conseguiu..."

"Não, eu não pedi canudos malucos só para você. Você é um homem adulto, não precisa de um canudo louco para o seu leite com chocolate." Ela fala um pouco de espanhol colorido enquanto pisa atrás do bar, e todos nós assistimos com admiração enquanto ela enche um copo com leite com chocolate, enfiando um - você adivinhou - canudo louco encaracolado nele antes de jogá-lo em nossa mesa. "Você me deixa louca", ela diz diretamente para Carter, suas mãos voando pelo ar.

Carter apenas sorri para ela. "Você é o melhor."

Eu toco o braço dela. "Sinto muito, Luisa. Só para ficar claro, não estou com eles."

Luisa aponta para Emmett com um dedo ameaçador. "É melhor você tratar Cara como o anjo que ela é, ou ela vai chutar sua bunda, e eu vou vigiar a porta para que ela não seja pega."

O rosto de Emmett empalidece. Ele acena com a cabeça. "Sim, senhora."

"Tão doce, Luisa, obrigada." Eu circulo uma mão ao redor do enorme prato de tacos. "Então, ei, isso parece um monte de tacos."

Um sorriso lento sobe por seu rosto. "Você não contou a eles, princesa?"

"Diga-nos o quê?" Emmett pergunta.

"Oh, doce menina." Ela ri, indo para o corredor onde fotos emolduradas revestem as paredes.

"Luisa, não precisamos fazer isso!" Eu chamo por ela. "Nós não—" eu aceno com a cabeça enquanto ela puxa duas molduras da parede. "Ok, sim, estamos fazendo isso."

"Cara foi nossa campeã reinante por dois anos consecutivos", diz Luisa com um sorriso de merda no rosto.

Emmett olha para mim. "Campeão reinante para quê?"

Luisa coloca os dois porta-retratos na mesa, e eu fecho os olhos para não ter que me ver com restos de taco na camisa, o prato vazio à minha frente e os dois homens devastados ao meu lado. Nas duas fotos, estou fazendo sinal de positivo com os dois polegares e sorrindo como se tivesse acabado de ganhar a Maratona de Nova York. "Nosso concurso anual de quem come mais tacos."

"O prêmio era de mil dólares", murmuro. "Valeu a pena." Palavras que repeti para mim mesma enquanto Olivia segurava meu cabelo para trás e eu vomitava no vaso sanitário depois. Limpando a garganta, dou a Luisa meu sorriso mais doce. "Muito obrigada por isso."

"Não acredito." Carter balança a cabeça. "Não acredito mesmo."

"Como assim? Eu bati um recorde no segundo ano. Doze tacos em quatro minutos e trinta e seis segundos, então cuidado com a boca."

“Care”, sussurra Emmett, e a expressão de espanto em seu rosto é realmente lisonjeira. “Isso é tipo...”

“Quase três tacos por minuto”, sussurra Adam.

“Impossível”, murmura Garrett.

“Honestamente, não é tão difícil”, digo a eles. “Vocês só precisam abrir a garganta e deixar eles deslizarem.”

Emmett geme baixinho. Garrett e Adam coram.

E Carter? Carter já está enchendo dois pratos, contando doze tacos em cada um.

“Não. De jeito nenhum.” Aceno com as mãos na frente do rosto quando ele empurra um prato para mim. “Eu tenho vinte e quatro anos. Não vou participar de uma competição de quem come mais tacos com você só para provar que consigo.”

EU PARTICIPEI DE UMA COMPETIÇÃO DE QUEM COME MAIS TACOS com Carter Beckett só para provar que eu conseguia.

Honestamente, não quero falar sobre isso.

“Você foi ótima, querida”, murmura Emmett, uma mão acariciando minhas costas e a outra segurando meu cabelo enquanto eu vomito no vaso sanitário. “E você bateu seu recorde por três segundos. Estou tão impressionado.”

“Valeu a pena”—vomito novamente, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto —“muito!”

“O Adam disse que o Carter ainda está emburrado. Não falou nada.”

Não me surpreende. A única coisa que ele gritou para mim enquanto Emmett me conduzia para fora do restaurante foi: “Quero uma revanche! Melhor de três! Você trapaceou!”

Quando termino, pego o pano úmido que Emmett me oferece e limpo o rosto antes de me encostar na parede. “Não acredito que estou passando nosso primeiro encontro vomitando e você ainda está aqui.”

“Ainda aqui?” Emmett sorri, agachando-se à minha frente. Seus dedos deslizam pelos meus cabelos enquanto ele os junta no alto da minha cabeça, prendendo-os em um nó antes de erguer meu queixo, guiando meu olhar para o dele. "Amor, para onde eu iria? Estou onde você estiver, não importa o que aconteça."

"Na saúde e na doença?"

"Sempre."

Dou uma risadinha, deixando minha cabeça cair para trás contra a parede. "Não sei se você está brincando quando diz essas coisas, ou se realmente acredita—"

"Vou me casar com você, Cara. Vejo meu futuro com clareza."

"É mesmo? Como ele é?"

Emmett acaricia minha bochecha, encostando a testa na minha. "Ele é você."

OceanofPDF.com

6 A POLÍCIA DO SÊMEN Emmett

Olha, eu sou um cara razoável. Tranquilo. Preciso de pouca coisa na vida para ser feliz. Minha esposa ao meu lado, e a mão dela na minha todos os dias. Meus amigos, meu time. O jeito que o ar fresco beija minhas bochechas na primeira volta no gelo, uma arena inteira gritando meu nome depois que eu mando o disco para o fundo da rede. Não é fácil me irritar.

E, no entanto, acredito que essa enfermeira fez da minha vida um inferno a sua missão pessoal.

"Agulhas? Todo dia? Na minha... na minha barriga?" Cara engole em seco. O aperto dela na minha mão se intensifica, e eu solto um grito silencioso quando as unhas dela arranham minhas palmas. "Mas eu não gosto de agulhas." Ela solta minha mão — ainda bem — mas quase me acerta no olho quando joga os braços para cima da cabeça. “Já não basta vocês terem me cutucado e examinado por semanas a fio só para descobrirem que não posso engravidar? Agora querem me encher de agulhas todos os dias?”

A enfermeira recua. “Hum, eu... eu gostaria que houvesse—”

“Com certeza existe outra opção”, eu digo, e não consigo acreditar que estou prestes a fazer isso, mas que se dane, lá vai. “Nós somos... privilegiados. Podemos pagar pelo remédio em comprimidos ou, tipo, em pó. Dinheiro não é problema.”

Cara levanta as sobrancelhas. “Você não acabou de dizer que dinheiro não é problema, Emmett. Quem é você? Carter? Quer perguntar se eles têm um menu especial para engravidar?”

Parece estúpido, eu sei, mas... lanço um olhar para a enfermeira como se ela soubesse de algo que nós não sabemos. “Quer dizer, já que estamos aqui... você tem um pré-—”

“Meu Deus! Emmett! Não!” Cara esconde o rosto nas mãos.

“Sinto muito”, sussurra a enfermeira, mas acho que o que ela quer dizer é que estou apavorada. “Gostaria que houvesse outra maneira de administrar a medicação,

mas infelizmente tanto os hormônios folículo-estimulantes quanto o indutor de ovulação são injeções subcutâneas. Muitas das nossas pacientes não gostam de agulhas, mas dizem que não se importam no final."

"Ah, é mesmo, Sheila? Será mesmo?" Cara dá um sorriso forçado, com os olhos semicerrados. "Fico tão tranquila sabendo que muitas das suas pacientes tiveram que se picar com agulhas tantas vezes que acabaram ficando insensíveis."

A enfermeira estende duas caixas hesitante, e Cara as pega, empurrando-as contra o meu peito.

"Você está me espetando, querida."

Esfrego a coxa dela. "Eu faço tudo o que você quiser, meu bem."

A enfermeira Sheila pigarreia. "Hum, na verdade, pode ajudar bastante se o seu parceiro aplicar as injeções. Muitas vezes, isso aproxima os casais. Pense nisso como um jogo de intimidade."

"Está ouvindo isso, Em? Você me espetando com agulhas vai nos aproximar ainda mais." Ela me olha com aquele sorriso assustador e sexy que me excita. "Você me espeta, eu pulo em cima de você e tento te matar."

Minha boca se aproxima do ouvido dela. "Termina em sexo de ódio e você gozando em cima da minha p—"

"Ah, Sr. Brodie", interrompe a enfermeira Sheila. "Isso me lembra." Ela me entrega um saco de papel vazio e, em seguida, me mostra um copo de plástico transparente com uma tampa laranja antes de colocá-lo dentro do saco. "Você precisa se abster de masturbação por cinco dias antes da inseminação intrauterina."

Minhas sobrancelhas se erguem rapidamente. Apoio o cotovelo no braço da cadeira, o queixo na mão. "Como é?"

"Nada de masturbação. Isso garante uma contagem de espermatozoides maior no dia do procedimento."

"Nada de masturbação? Sem problemas." Dou uma risadinha, e não é uma risada ansiosa. É a entressafra; não vou passar nenhum dia longe da Cara. "Mas nós..." Aponto com o dedo entre mim e Cara. "Nós podemos, hum, você sabe." Pisquei o olho, minha confiança em completo contraste com meu joelho tremendo. "Fazer amor. Hum. Certo?"

"Claro!"

“Ah, graças a Deus.” Eu me desanimava, jogando a cabeça para trás da cadeira antes de bater palmas no joelho de Cara. "Eu ainda consigo te foder até você—"

"Sim, depois que o procedimento terminar, você pode transar o quanto quiser. Pode até ajudar. Mas antes do procedimento, nada de ejaculação."

Meu cotovelo escorregava do braço da cadeira, fazendo meu corpo cair para a direita. Cara observava com uma sobrancelha arqueada enquanto a cadeira — e eu junto — desabava no chão. Eu me levantava rapidamente, passando os dedos pelos cabelos. Uma risada estridente escapava da minha boca, e eu apontava o dedo para a enfermeira enquanto endireitava a cadeira e me sentava novamente. "Ah, essa foi boa, doutora. Muito engraçada." Levantei as mãos, fazendo um gesto improvisado com os dedos. "Você me pegou. Ha ha." Cutuquei Cara. "Nada de sexo. Hilário, né?"

"Não é brincadeira", disse a enfermeira Sheila. “Cada vez que você ejacula, seus testículos se esvaziam. Sua contagem de espermatozoides precisa se recuperar. Como não sabemos com antecedência quando os folículos da Cara estarão no tamanho ideal para induzir a ovulação, damos a você uma janela de cinco dias. Imagine que os folículos da Cara estejam prontos para liberar óvulos e você tenha feito sexo há apenas oito horas, resultando em uma contagem de espermatozoides tão baixa que precisamos cancelar o procedimento.” Ela balança a cabeça, selando meu destino e arruinando minha vida. “Nada de ejaculação, ponto final, por cinco dias.”

Minha mandíbula se deslocou e um resmungo escapou da minha boca.

Cara se levantou num pulo, batendo o dedo indicador na mesa. “E quem você pensa que é?”

Jogo os braços para o ar, porque jogar a cadeira seria malvisto. “A maldita polícia do esperma?”

“EU NÃO CONSIGO. EU NÃO CONSIGO.”

“Você não vai fazer isso”, lembro à Cara. “Estou fazendo isso.” Passo um algodão com álcool na pele dourada do torso dela. “Dois centímetros do seu umbigo. Acho que não posso usar meu pau para medir, né?” Dou uma risadinha.

“Você vai poder em dois ou cinco segundos, porque eu vou cortar fora e enfiar goela abaixo.”

“Amor”, aviso baixinho, ajustando a caneta Gonal-F para a dosagem certa. “Não faça ameaças que só nos machucam.”

“O que é isso? Que porra é essa?” Ela aponta para a agulha com uma mão trêmula, a outra pressionada sobre a boca, os olhos arregalados. “Emmett, isso não pode entrar em mim. É enorme!”

“Foi o que ela disse.” Outra risadinha, mas Cara não retribui. Hum. Vou ter que levar a piada para o grupo de bate-papo. “Você consegue, Care. Vai acabar rapidinho.” Eu belisco a pele dela entre meus dedos, como a Enfermeira Bloqueadora de Pênis nos ensinou.

“Ai!” Cara dá um golpe de caratê no meu pulso e se solta. “Nada de beliscar, sua idiota!”

“Eu preciso beliscar a pele!” Abro os braços, observando-a sair correndo do banheiro. Ela corre para o corredor, mas eu largo a agulha na bancada do banheiro e a alcanço em cinco passos com um braço em volta da cintura dela. Ela cai na cama com um baque, os cabelos sedosos se espalhando ao redor dela. Passo uma perna por cima dela e subo, ficando de pé sobre seus quadris enquanto ela tenta me dar tapas nas coxas. Quando junto aquelas mãozinhas ávidas com uma das minhas e as prendo acima da cabeça dela, percebo que ela é o meu próprio anjo. Perfeição onde a perfeição não deveria existir.

Passo o dedo sobre o umbigo dela, subindo pelo torso e entre os seios fartos. A ponta do meu polegar roça um dos mamilos acima da renda do sutiã, e minha boca saliva enquanto anseia pelo meu toque. Cubro o mamilo tenso com a língua antes de puxá-lo delicadamente entre os dentes enquanto os quadris de Cara se elevam e seus lábios se entreabrem com um gemido. Minha palma desliza sobre sua garganta, apertando suavemente enquanto roubo o que mais desejo agora: um beijo da minha esposa.

Ela se derrete sob mim, como sempre, e saboreio o som do meu nome, o jeito como ela o sussurra, usando-o como a súplica mais obscena enquanto minha boca desliza por sua mandíbula, até sua orelha.

"Você vai ser minha boa menina, meu bem?"

"Não tenho um pingo de bondade no meu corpo. Você já deveria saber disso."

“Hum. É isso mesmo. Você não.” Soltando seu pescoço, deslizo minha mão pela sua frente, mergulhando-a entre suas pernas. Afastando sua calcinha, passo dois dedos

ao longo de sua fenda úmida. “É por isso que você já está toda molhada, né? Minha garota má queria que eu a perseguisse, a pegasse e a jogasse na cama?” Sua vagina se contrai em volta dos meus dedos no instante em que eles penetram, como se ela já estivesse à beira do precipício, desesperada para cair. Meu polegar circula seu clitóris, e sorrio enquanto a cabeça de Cara cai sobre seus ombros, seus quadris se movendo involuntariamente. “Minha garota má queria que eu a fodesse até a submissão, não é?”

“Deus, sim”, ela geme, passando os dedos pelos próprios cabelos enquanto se contorce embaixo de mim.

“Que bom.” Retiro meus dedos, os limpo com a boca e dou um tapa em sua vagina enquanto Cara me encara, boquiaberta. "Mal posso esperar para transar com ela mais tarde", murmuro, deslizando o polegar pelo lábio inferior dela antes de descer da cama. A pego no colo antes que ela possa fazer algo assustador, como arrancar meus olhos ou morder meu pau, e em vez disso a levo para o banheiro, colocando-a na beirada da bancada.

Segurando o mármore de cada lado dela, encosto minha testa na dela, encarando aqueles olhos azuis profundos, as memórias que vivem neles, todas as risadas, o amor, a esperança. Afinal, ela é a minha vida.

“Eu sei que você está com medo”, digo a ela gentilmente.

“Não estou com medo. Eu só preferiria me jogar de um penhasco do que injetar uma agulha de sessenta centímetros na minha barriga.”

“É tipo, dois centímetros e meio.”

“Você saberia, pinto pequeno.”

Uma gargalhada ecoa no meu peito, e os ombros de Cara caem antes que ela me envolva em seus braços.

“Desculpe. Você não tem um pinto pequeno.” Ela encosta a bochecha no meu peito, e quando suspira, fico impressionado com o quão pequena ela parece, o quão vulnerável. “Estou com medo.”

“Não só da agulha”, imagino, passando a palma da mão pelas suas costas.

“E se isso não funcionar, Emmett?”

“E se funcionar?” Coloco um dedo sob o queixo dela, fazendo com que seu olhar cauteloso encontre o meu. “Vamos superar isso. Seremos pais, Care, não importa como. Por enquanto, vamos nos concentrar no hoje.”

Seus olhos alternam entre os meus. O leve tremor em seu queixo aperta meu coração. “Se não fosse por mim, você já seria pai.”

Meu peito aperta, o coração batendo forte nas minhas costelas. Balanço a cabeça com veemência, como se pudesse expulsar esses pensamentos traiçoeiros da cabeça dela. “Se não fosse por você, eu estaria sozinha e infeliz. Nós duas sabemos que eu não existo sem você ao meu lado.” Deslizo meus dedos pelos cabelos na nuca dela, puxando sua boca para a minha enquanto ela aperta minha camisa com força. “Sabe o que você é, meu bem? Você é a força em pessoa. Você é um incêndio florestal, queimando as pontes que te prendem. Você é uma flor silvestre, renascendo sempre, crescendo sem parar, não importa o clima. Você é um vaga-lume, meu bem. Quando as estrelas se cansam, você ilumina o seu próprio caminho e o caminho de todos os outros também.” Minha linda garota pisca, e uma lágrima silenciosa escorre por sua bochecha. Eu a enxugo com meus lábios, e então reforço minha promessa com a dela. “Você, Cara Brodie, é uma mulher única, e você pode fazer qualquer coisa.”

Ela funga, franzindo o nariz. Isso chama minha atenção para as minúsculas sardas que ali vivem, espalhadas como estrelas. Lembro a mim mesmo que ela é uma galáxia, e eu sou apenas a lua com a sorte de estar em sua órbita. Ela contém todo o meu universo em seus céus.

Cara segura meu rosto entre as mãos, deslizando seus lábios suavemente sobre os meus. “Eu te amo, Sr. Brodie. Como eu tive tanta sorte?”

“Eu te enfeiticei, lembra?”

“Ah, sim. Como eu poderia esquecer?” Ela sorri para mim, com toda a ternura e coragem. “Estou pronta. Me fure com uma agulha e depois com seu pau.”

“Às suas ordens, minha rainha.”

Outro beijo, este lento e firme, antes de eu me afastar. Lavo as mãos e limpo o local em sua barriga novamente. Enquanto me posiciono entre suas coxas com a agulha, ela me observa do balcão, o peito subindo e descendo rapidamente.

Ela fecha os olhos com força, respirando fundo. E então: “Ai! Dói!”

“Eu nem te toquei ainda, seu farsante!”

Ela abre uma pálpebra e dá um sorriso malicioso, e eu estreito os olhos enquanto belisco a pele ao lado do seu umbigo.

Meu olhar se volta para o dela, o jeito como ela me observa, como se eu fosse sua tábua de salvação. “Eu também te amo, sabia?”

Outro sorriso, pateta e doce. "Eu sei." Ela inala bruscamente enquanto eu pressiono a ponta da caneta. Com as mãos trêmulas, ela cobre os olhos enquanto eu conto até cinco na minha cabeça.

"Seu sorriso, suas pernas, aquele vestido vermelho que você usou na noite em que nos conhecemos, sua mão no meu peito quando adormecemos todas as noites e a sua aparência logo de manhã."

Lentamente, ela abre os olhos, mantendo-os em mim enquanto eu removo a agulha, tampando a ponta antes de torcê-la e jogá-la na lixeira. "O quê?"

"Cinco coisas que eu amo em você para cada segundo que a agulha está em você." Eu afundo de joelhos entre suas pernas, segurando sua cintura em minhas mãos e pressionando um beijo em seu estômago. Então, lentamente, eu trabalho sua calcinha sobre seus quadris, descendo por suas pernas.

Ela se inclina para trás em suas mãos, enrolando as coxas em volta do meu pescoço. "Eu gosto disso. Cinco orgasmos também seriam bons."

"Mhmm." Eu arrasto minha boca até a parte interna de sua coxa, provocando sua buceta com a ponta da minha língua. "Qualquer coisa para você, vaga-lume."

Começamos com três, comigo de joelhos. Minha língua em sua buceta e meu polegar em seu clitóris. Meus dedos se enrolaram dentro dela enquanto eu mexia naquele botão carente. Dois dedos em sua bunda, meu polegar em sua buceta e minha boca aspirada sobre ela. Eu não paro até que ela grite meu nome, então eu me levanto, puxo-a para fora do balcão apenas para girá-la e dobrá-la sobre ele. Eu afundo dentro de sua boceta encharcada sem pensar duas vezes, seu cabelo no meu punho e nossos olhos um no outro no espelho.

Ela é um espetáculo para ser visto, mas ela sempre é.

Um arrepio percorre minha espinha com a devoção que brilha em seus olhos, e eu me aproximo, pegando um marcador de janela rosa do vidro que mantemos no balcão. Minha escrita é uma bagunça em um dia bom, mas particularmente quando estou enterrado a oito centímetros de profundidade dentro de uma buceta que aperta como se tivesse sido feita apenas para mim. Eu deixo cair o marcador quando termino, cavando as pontas dos dedos no quadril de Cara e dedilhando seu clitóris para que ela goze no exato momento em que lê minha mensagem.

Você é corajoso. Você é feroz. Você é Cara filho da puta Brodie.

"Diga isso comigo agora," eu ressoo em seu ouvido enquanto os tremores de seu quarto orgasmo desaparecem.

"Eu sou corajosa," ela suspira enquanto eu pisto dentro dela, suas mãos arranhando inutilmente o balcão. Sua cabeça rola sobre o ombro, os olhos encapuzados vindo para os meus enquanto eu palma um seio perfeito. "Eu sou feroz." Ela grita enquanto eu enfio uma perna deliciosa no balcão e a pressiono contra o mármore frio, inclinando-me mais fundo, fodendo-a com mais força.

"Quem é você?" Eu mal consigo, bolas puxando com força enquanto meus dedos raspam suas costas.

"Cara" - suspiro - "filho da puta" - suspiro - "Brodie".

"Sim, você é." Eu dou um tapa em sua linda bunda, deixando para trás a marca da minha mão, exatamente onde ela pertence. "Agora venha para mim, baby."

Ela faz, estrangulando meu pau antes de encharcá-lo, esguichando por todo o balcão enquanto eu me esvazio dentro dela, meu rosto enterrado em seu pescoço liso.

“Oh, querida”, murmuro, observando meu esperma escorrer do meu lugar favorito. Junto-o nos meus dedos, empurrando-o de volta para dentro da sua linda buceta antes de fazê-la chupar meus dedos. “Adoro quando fazemos bagunça.”

AMEI CADA MINUTO da minha vida com Cara, mas esses últimos sete dias? Esses últimos sete dias foram pura felicidade. Manhãs preguiçosas de agosto sem nenhum compromisso a não ser rolar em cima dela e afundar dentro dela. Café da manhã no balcão da cozinha, e depois ela tomando café da manhã no balcão da cozinha. Minha mão sobre a boca dela enquanto a fodo contra a parede do corredor, Natasha a apenas quinze metros de distância, limpando a sala de estar. Cara cavalgando meu pau no banco do motorista da minha Dodge Ram, depois esparramada no banco de trás enquanto a lambo até ficar limpa.

Passamos os últimos sete dias transando como animais selvagens, e sei que está chegando a hora em que a Enfermeira Bloqueadora de Pau vai intervir.

“Não sei como vou sobreviver”, resmungo, alinhando um prego na tábua de madeira antes de pegar o martelo.

“São cinco dias.” Adam interrompe o trabalho na serra de mesa, olhando para mim como se eu tivesse cinco cabeças. “Durante a temporada regular, fazemos viagens

mais longas do que isso.”

“Mas é a entressafra”, protesto, golpeando o martelo com mais força. O prego desaparece com um único golpe, e sorrio triunfante. “Não preciso passar um único dia longe da minha esposa; ninguém deveria poder me dizer não, exceto ela!”

“Cara, você é um banana”, diz Jaxon com uma risadinha, enxugando a testa brilhante com o antebraço. Ele olha por cima do ombro, onde as meninas — menos Cara — estão supervisionando o escorregador inflável no quintal da Second Chance Home, uma casa de acolhimento para crianças do sistema de adoção. Ele cruza o olhar com Lennon, pisca para ela, e eu juro que o cara empina a bunda como se estivesse em exibição.

"Ah, é mesmo? As meninas foram para um spa de três noites e você quase vomitou quando a Lennon saiu pela porta?"

Jaxon abre os braços, deixando a furadeira cair sem querer. "É diferente! Ela trabalha com a gente, o que significa que viajamos juntos e eu nunca, jamais, preciso ficar longe dela. Não quero ter que me lembrar de como era quando estávamos sozinhos e infelizes."

Garrett ergue uma sobrancelha. "Nós?"

Jaxon suspira, encostando-se na extravagante casinha de cedro que estamos construindo para as crianças do Second Chance há três dias. Achávamos que terminaríamos em dois dias — afinal, acabamos de construir uma idêntica no quintal do Adam — mas, como se vê, o escorregador inflável está sendo uma... distração. “É, eu e a Mittens éramos só dois solteirões tristes e solitários antes do Len. Né, querida?”

“Tão tristes e solitários, meu bem”, respondeu Lennon.

Apoiei meu celular em uma tábua de madeira, liguei a gravação em câmera lenta enquanto abria minha garrafa d'água. Naturalmente, derramei o conteúdo no meu rosto e na minha camiseta encharcada de suor antes de enviar o vídeo sensual em câmera lenta para Cara. "Éramos todos solteirões tristes e solitários antes das garotas. Que direito você tem de transar com a sua esposa mais do que o resto de nós?"

"O Emmett tem razão." Carter franziu a testa, interrompendo seu trabalho no telhado de aço preto. Ele cutucou Jaxon entre os olhos. "Nova regra. Você e a Lennon não podem transar em viagens, porque nós também não podemos."

Jaxon deu uma gargalhada, mas foi Lennon quem gritou do outro lado do quintal. "Mexa com a minha vida sexual, Carter, eu te desafio. Todas as fotos que eu tirar de

você nesta temporada serão de ângulos totalmente inadequados."

Carter engasgou, com a mão no coração. "Você não teria coragem."

Lennon tira os óculos escuros e o olhar dela faz Carter se atrapalhar na escada, agarrando-se ao topo do telhado para evitar uma queda de quase dois metros de bunda no chão. "Tenta, Beckett."

"Ollie! A Lennon está me ameaçando de novo!"

"Então para de irritá-la!"

"Eu nem estou fazendo nada!"

"Você está sempre fazendo alguma coisa!"

"Só estou sendo eu mesmo!" De alguma forma, ele consegue mudar o peso do corpo, girando o traseiro até ficar deitado de um lado do telhado inclinado, com o braço dobrado, o queixo apoiado no punho, enquanto arqueia as sobrancelhas para Olivia. "Tipo agora, só estou sendo eu mesmo, e você gosta de mim assim."

Olivia pisca e tira os óculos escuros do cabelo. “Terminei”, acho que ela diz, e então entra na piscina infantil, afundando até o bumbum com um splash, as crianças ao redor rindo, e nossa, isso parece refrescante.

Ergo uma sobrancelha, olhando de Carter para Garrett, para Jaxon, para Adam, para o escorregador inflável. “Hora do intervalo?”

Carter praticamente se joga do telhado, correndo pelo quintal. “Hora do intervalo!”

E vale a pena. Vale mesmo, mesmo que tenhamos que voltar um quarto dia para terminar a casinha de brinquedo.

Porque quando finalmente voltamos para a casa do Adam para um churrasco e um mergulho de verdade, Cara já está lá, nos esperando no quintal.

Ela se levanta de uma espreguiçadeira e atravessa o pátio em toda a sua glória, pernas quilométricas e saltos altos, cabelos loiros e exuberantes esvoaçando atrás dela. Ela tira seus óculos de sol brancos em formato de coração, estilo gatinho, e para na minha frente, com os braços cruzados sobre os seios perfeitos enquanto nossas amigas se reúnem ao meu lado para me apoiar.

“Os folículos estão quase totalmente desenvolvidos.”

“Ai, meu Deus.” Aproximo-me dela com cautela, e meu pau fica duro na bermuda, o sensorzinho da Cara captando o sinal. Balança a cabeça, as mãos

tremendo. “Não. Ainda não. Já não. Temos mais tempo”, murmuro. “Achei que tínhamos mais tempo.”

“Nada de sexo, a partir de agora.”

“Não.” Levo as mãos ao rosto, acariciando-o enquanto minha cabeça balança para frente e para trás. Caio de joelhos na grama viçosa. “Não.”

“Tenho uma ideia”, sugere Jennie. “E se nenhuma de nós fizesse sexo? Para apoiar a Care e a Em no celibato forçado delas. Quer dizer, são só cinco dias.”

Cara aperta os ombros de Jennie. "Que ideia adorável, Jennie. Você é uma ótima amiga."

Levemente, levanto-me, assentindo e sorrindo. "Ótima ideia. Uma ótima amiga."

Um alvoroço parece surgir atrás de mim: um grito de horror, o som de madeira quebrando, um mergulho quando algo cai na piscina. Acho que pode ser uma pessoa. Mas é a doce e gentil Rosie que avança furiosa em direção a Jennie, gritando palavras familiares e raivosas para ela.

"E quem você pensa que é? A polícia do esperma?"

OceanofPDF.com

7 EI, DEUS? IGNORE A PARTE SOBRE A ÚLTIMA CEIA Emmett

Três anos e meio atrás: Vinte e um dias para se apaixonar

"SÓ ESTOU DIZENDO, QUEM ACHOU que colocar adagas nos pés era uma boa ideia claramente não batia da cabeça."

Olho para minha namorada, contrariada, mas radiante de animação enquanto contempla o lago congelado à nossa frente.

"Você vai ficar bem", digo a ela, mas, sinceramente, não tenho certeza se ela vai mesmo.

"Emmett. Você não pode nem olhar para mim enquanto diz isso! Vou morrer."

Contenho uma risada, puxando os cadarços dos patins dela e apertando-os. "Você disse que não é sua primeira vez."

"É mesmo." Ela funga, apontando aquele nariz teimoso para o céu. "Eu disse isso, não disse?" Seus olhos reviram para onde estou ajoelhado entre suas pernas, e se estreitam, cruzando os braços sobre o peito. "E mesmo assim você me comprou patins, quase como se não acreditasse que eu já tivesse feito isso antes."

"Você não pode patinar com patins de patinação artística. Pelo menos não comigo."

Seus braços caem dramaticamente. "Mas eles são lindos!" Lá se vão os olhos dela, estreitando-se novamente enquanto me levanto. "Espera. Como você sabia que eu tinha patins de gelo?"

"O Ollie me contou."

"É mesmo? E o que mais o Ollie te contou?"

"Nada." Tecnicamente, não é mentira. Estendo a mão para Cara, mas ela está ocupada me encarando, olhos arregalados, lábios entreabertos. "Por que essa cara?"

"Nossa, você fica enorme de patins." As palavras saem num sopro gélido, e eu sorrio, ajudando-a a se levantar. "Que tal pularmos a patinação e irmos para sua casa?

Deixo você amarrar minhas mãos atrás das costas e se masturbar nos meus peitos de novo."

Sorrio com a lembrança e passo o polegar sobre seus lábios. "Não faz sentido desperdiçar todo esse esperma. Prefiro te dar."

"Você é uma safada", ela murmura, um arrepio percorrendo seu corpo todo. “Eu adoro isso.”

Segurando sua cintura, eu a levanto do chão e a coloco no gelo. Seus joelhos tremem e ela aperta minha jaqueta com as duas mãos, soltando um gritinho.

“Emmett, estou falando sério. Posso morrer. Se não por me empalar em uma adaga de sapato, então de vergonha.”

“Vamos lá, querida. Cara Nicole Hunter não sente vergonha. Ela consegue fazer qualquer coisa que se proponha.” Entrelaçando nossos dedos, eu a puxo para perto de mim, aconchegando-a contra meu peito. “Você é corajosa. Determinada. Capaz.” Dou um beijo suave como uma pluma em seus lábios. “E você me tem. Eu não vou deixar você cair.”

“Promete?”

“Eu te protejo, Cara. Sempre.”

“Não gosto de sentir medo”, admite ela baixinho, segurando minha mão enquanto a reboco lentamente ao redor do lago congelado. “É uma sensação estranha.”

“Pense nisso mais como se fosse um desapego. Há coisas que não conseguimos fazer sozinhos, e tudo bem. Entregamos as rédeas para outra pessoa, deixamos que ela nos guie e abrimos mão do controle. Sei que você está fora da sua zona de conforto agora”—acho que as palavras exatas dela foram: “se você me vir praticando exercícios por esporte ou diversão, chame a polícia; fui sequestrada e/ou chantageada”—“mas você está aqui, e eu agradeço por isso.”

Ela fica em silêncio por um raro momento, e em vez de me deleitar com o silêncio, odeio cada segundo dele. “Você se daria muito melhor com alguém como a Olivia, sabia? Ela adora esportes, e hóquei é o favorito dela. Ela assiste a todos os seus jogos e está sempre gritando para a TV como se entendesse o que está acontecendo.”

“A Olivia é ótima”, concordo, “e eu gosto muito dela.”

O aperto de Cara na minha mão afrouxa e ela desvia o olhar. Envolvendo-a pela cintura com um braço, puxo-a para perto do meu peito, girando-nos sob o sol.

“Mas ela não é para mim.” Colocando um dedo sob o queixo dela, faço com que nossos olhares se encontrem. “Não me incomoda que você não saiba nada sobre hóquei, ou que nunca tenha praticado nenhum esporte. Não precisamos ter os mesmos interesses para sermos compatíveis. Sabe o que importa para mim, no entanto?”

Afasto seus cabelos dourados do ombro, sorrindo para o gorro dos Vipers que ela usa, com meu número na lateral, mesmo que ela tenha jurado que jamais usaria roupa esportiva.

“Que eu sou extremamente atraente e engraçada?”, ela arrisca.

“Que você passou as últimas três semanas aprendendo a patinar com sua melhor amiga para poder fazer isso comigo.”

Cara solta um suspiro de surpresa. “Ela te contou sobre isso?”

“Talvez tenha havido alguns vídeos. Eu adorei especialmente o jeito que você se esticou no gelo e reclamou de como esforço físico é indigno para um homem.”

Gemendo, ela enterra o rosto no meu peito. “Espero que você saiba o quão especial você é. Jurei que morreria virgem no esporte, e aqui estou eu, com meus sapatos de salto altíssimo, perigosamente perto de suar, e nem estou nua, que é a única vez que eu suo.”

“Eu adoro quando você está nua e suando.”

“Eu sei que adora. É por isso que tenho tomado três banhos por dia.”

Dou uma risadinha, e Cara sorri, sentindo o gosto do meu riso nos meus lábios. Então, sou um pouco insaciável. Não consigo evitar; uma vez nunca é suficiente quando se trata do corpo dela se movendo contra o meu.

A verdade é que, apesar de termos passado onze dos nossos vinte e um dias juntos na estrada até agora, acho que fiz mais sexo nessas três semanas do que em toda a minha vida, e eu não era celibatário antes da Cara.

Mas não é o sexo que me deixa insaciável; é a mulher. O jeito que meu coração dispara quando ela abre a porta, o jeito que meu sangue ferve e meus nervos se acalmam no instante em que ela está em meus braços. O gosto dela quando ela sussurra três palavras simples nos meus lábios, três palavras que eu nem sabia que precisava: Senti sua falta.

Passamos a próxima hora deslizando ao redor do lago, parando sempre que Cara reclamava que o reflexo do sol no gelo brilhante era o motivo pelo qual ela não

conseguia patinar em linha reta, e eu me perdia no brilho daquele mesmo sol em seus olhos.

Finalmente, contemplo o céu enquanto o sol começa a se pôr, suaves pinceladas de rosa e laranja pintando este belo dia, e eu não estava nem um pouco preparada para que ele terminasse.

Girando Cara de costas para mim, seguro seus quadris e aproximo meus lábios de sua orelha. "Acha que está pronta para patinar sem as mãos?"

"O quê? Que tal 'de jeito nenhum'? Você está louca? E se eu cair?"

"Então eu te levanto e tentamos de novo."

"Assim mesmo?"

"Assim mesmo, vagalume."

Ela inspira profundamente, olhando para o céu. “Se Deus existe, primeiro peço desculpas por nunca ter rezado. Segundo, humildemente peço que alguma força divina me mantenha de pé. Terceiro, acho que o Emmett deveria tratar minha xoxota como a Última Ceia, caso eu sobreviva a isso.”

Dou uma risadinha. “Acho que ele não vai gostar dessa, querida.”

“Sou do tipo tudo ou nada”, é tudo o que ela responde, e então sai andando. Um passo trêmulo de cada vez, pernas mais abertas do que deveriam, bunda empinada para trás, braços abertos como se estivesse procurando algo para se segurar. “Ai, meu Deus”, ela suspira. “Emmett! Emmett, olha pra mim! Eu estou conseguindo!”

“É isso aí, querida!”, grito do outro lado do lago. “Você está conseguindo!”

“Não sei como parar!” Ela grita, a uns três quilômetros por hora, enquanto se aproxima dos pinheiros na margem do lago. "Não consigo parar! Vou morrer!"

"Você está indo muito bem!"

Ela ainda grita, o som arrepiante ecoando pelo lago, quando se agarra a um galho que se projeta sobre o gelo. Ela o usa para se virar, e uma alegria pura explode em seu rosto enquanto ela volta na minha direção, estendendo a mão para mim. "Você viu isso? Eu me virei! Sou uma patinadora! Uma profissional! Nunca houve ninguém como eu antes!"

Eu a seguro pela cintura, girando-a enquanto ela solta uma gargalhada. "Só existe uma você", murmuro, com a testa encostada na dela enquanto a coloco de volta no chão. "E de alguma forma, neste mundo inteiro, você é minha."

A excitação brilha em seus olhos, e uma risada alegre borbulha em seu peito. Ela abre a boca e a última coisa que eu esperava sai dela. “Há cinco jogadores e um goleiro no gelo o tempo todo para cada time, a menos que haja uma penalidade. Quando alguém do seu time está em penalidade e você precisa impedir o outro time de marcar, chama-se penalty kill. Quando o outro time está em penalidade, chama-se power play. Um hat-trick é quando você marca três gols na mesma partida, o que você fez três jogos atrás na Flórida. Você também deu um soco em alguém naquela partida, o que lhe rendeu uma penalidade maior, que são cinco minutos, e estava tão quente que eu —”

“Eu te amo.”

O olhar dela se volta para o meu. “O quê?”

“Eu te amo, Cara. E não me importo que só tenham se passado três semanas, e talvez você ache que eu sou um pouco louco. Sou louco desde o dia em que te vi e disse a mim mesmo que você era a pessoa certa para mim, e serei louco para o resto da minha vida, porque não há nada de sensato na forma como te amo.”

Os olhos de Cara alternam entre os meus, como se ela estivesse vendo cada palavra, saboreando-as, buscando o significado oculto. Não há nenhum. Ela é minha. Ela me possui, meu coração, minha alma, cada maldito pensamento, e não me importo se isso não faz sentido. Só vou rezar para que ela sinta o mesmo.

“Cuidado com as adagas nos sapatos”, ela sussurra, e antes que eu possa perguntar o que ela quer dizer, ela pula em cima do meu peito. Envolve meus braços no pescoço e minhas pernas na cintura. Ela toma minha boca com a dela enquanto minhas mãos vão para sua bunda, segurando-a contra mim enquanto saboreio todas as suas palavras não ditas em sua língua.

Mas então ela me dá essas palavras também.

"Eu também te amo, Emmett."

OceanofPDF.com

8 SERÁ QUE ESSA PALHAÇADA NUNCA VAI ACABAR? Cara

"SÓ PARA FICAR CLARO, PODEMOS transar depois disso, certo? Quantas vezes quisermos?"

Olho para o meu marido, para o suor frio que brota em sua testa, para a mão trêmula que ele usa para enxugar a gota que escorreu de sua têmpora. Pode ser que ele esteja nervoso com o procedimento, mas duvido. Meu homem exala uma confiança tranquila, a mão firme na minha lombar, os braços fortes que me envolvem, me puxando para o seu peito e me segurando na medida certa — firme o suficiente para me lembrar que não estou sozinha, solto o suficiente para me dar espaço para me mover quando eu estiver pronta.

Não, meu homem não está nervoso agora, enquanto está ao meu lado, com os dedos entrelaçados nos meus, os olhos percorrendo minhas pernas nuas, expostas sob o lençol da mesa de exame. Meu homem é viciado, sofrendo todos os sintomas característicos da abstinência.

Não posso culpá-lo, na verdade. Quando a buceta é tão boa, um dia sem ela é como um dia no deserto sem água.

"Você pode participar de atividades sexuais", diz a enfermeira Sheila cautelosamente da pia onde está lavando as mãos.

"Você continua dizendo 'atividades sexuais', mas eu quero saber especificamente se podemos transar. Tipo, sexo com pênis na vagina."

Fecho os olhos. "Pênis na vagina. Você tem dez anos?"

"Bem, ela está dando voltas na pergunta! Que tal eu ser bem claro? Enfermeira Cockbl— quer dizer, Sheila, quando formos para o estacionamento depois disso, posso colocar minha esposa no banco de trás e transar com ela até você ouvi-la gritar meu nome daqui de cima?"

As bochechas de Sheila ficam vermelhas como brasa. "Hum, bem, eu acho que... sexo em público é uma ofensa, tenho quase certeza."

"Certo. Ok. Então, digamos que eu a leve até em casa, porque com certeza posso esperar até lá"—ele pisca para mim, como quem diz "no banco de trás, querida"—"levá-la lá para cima, conquistá-la com beijos doces e suaves, um pouco de preliminares lentas antes de irmos para a terceira base..." Ele estende as mãos à sua frente, as sobrancelhas arqueadas, como se estivesse se preparando para a resposta. "Posso chegar em casa e gozar na minha esposa hoje?"

Os olhos arregalados de Sheila se voltam para mim. Por quê? Não sei. Ajuda? Ela não vai conseguir de mim. Estou tão excitado que ontem, enquanto preparava a salada para o jantar, cogitei me masturbar com um pepino. Era a única coisa na casa comparável ao Sir Tom, o Matador de Bucetas.

Esse é o pau do Emmett, caso não tenha ficado claro.

Faço um gesto com a mão para que ela responda. "Meu homem fez uma pergunta."

"Sim, Sr. Brodie. O senhor pode levar sua esposa para casa e, hum..." Ela olha para os pés. "Gozar dentro dela. Sexo após o procedimento pode aumentar suas chances de sucesso. Quanto mais esperma, melhor."

"Ah, excelente." Emmett prende o pé no banquinho atrás dele, puxando-o para perto para poder se sentar. Segurando minha mão com as duas mãos, ele a leva à boca sorridente, cobrindo-a de beijos. "Vamos fazer um bebê, querida."

SOU UMA MULHER QUE SE FEZ SOZINHA. Construí tudo do zero. A confiança, o sarcasmo, a inteligência, o poder. Tudo isso me pertence, cada pedacinho de mim, e tenho muito orgulho da mulher em que me tornei.

Mas tem uma coisa que outra pessoa me deu: meu impecável senso de moda.

Pego o vestido rosa do cabide no meu closet e o visto. A etiqueta ainda está lá, porque esse vestido com certeza vai voltar para a loja semana que vem, mas vou deixar minha avó ter o seu momento.

"Ai, meu coração, não." Ela balança a cabeça e eu reprimo o riso.

"Não, vovó? Tem certeza?" Fecho o zíper do vestido, passando os dedos pela cintura império antes de dar uma voltinha.

Seus olhos azuis me observam do meu iPad, a boca se contraindo em desgosto. “Está horrível, Cara. Você tem uma cintura fininha e quadris lindos. Mostre-os, meu amor. Algo que lhe caia bem.”

Deixando o vestido cair no chão, pego o floral, sorrindo para mim mesma quando ela solta um suspiro de espanto.

“Não. Experimente o azul.”

Visto o vestido de chiffon azul-acinzentado, sentindo-me aquecida ao ver Emmett atrás de mim no espelho, encostado no batente da porta, vestindo calças pretas justas e uma camisa branca de botões, ajeitando sua gravata borboleta. O olhar de Mémère se volta para ele, as sobrancelhas brancas se erguendo.

“Muito bonito, rapaz. Se eu fosse cinquenta anos mais jovem...”

“Cuidado, senhora.” Passo as mãos pela cintura em formato de A, pelas barbatanas na parte de cima que fazem meus seios parecerem pelo menos dois tamanhos maiores. “Você pode ser minha avó, e eu te amo, mas lutarei pelo meu homem.”

Ela dá uma risadinha, um som suave e familiar que me aquece da cabeça aos pés. “Lindo”, ela murmura, com os olhos semicerrados enquanto me examina. “Acentua sua cintura maravilhosamente, mas chama muita atenção para seus seios. Não tenho certeza se é aí que você quer atenção hoje.”

“Não”, concordo, já me sentindo confiante. Pego meu vestido favorito, um cetim esvoaçante em um lindo verde-sálvia, com uma fenda alta na coxa esquerda que destaca o franzido na minha cintura.

Emmett se endireita na porta, e o ar no closet fica denso quando ele entra em mim. A tensão se acumula na minha barriga enquanto ele joga meu cabelo para trás do meu ombro e desliza um dedo quente pelas minhas costas nuas, até a curva onde ele adora colocar a palma da mão, me segurando enquanto se move impiedosamente dentro de mim, me lembrando a quem pertenço.

Ele enrola as tiras de cetim nas mãos antes de puxar, apertando o vestido na minha cintura enquanto o amarra. Olhos maliciosos encontram os meus no espelho, e suas mãos agarram meus quadris antes de deslizarem pela minha cintura, parando na minha barriga, me puxando para o seu calor.

"É isso", ele murmura no meu ouvido. "Não é, Mémère? A única maneira dessa mulher ficar ainda mais impecável é se ela se livrar do vestido de vez." Seus lábios tocam meu queixo. "E não é o nosso casamento, então acho que isso não é permitido."

"Ça alors." Minha avó abana o rosto. "Consigo sentir o calor daqui de Montreal."

Luto para manter o sorriso no rosto, mas meu coração se aperta com a última palavra. Emmett entrelaça nossos dedos, apertando-os suavemente. "Você não está mais em Montreal, Mémère. Lembra? Você se mudou para um lar de idosos em Ottawa há três anos, para ficar mais perto da mamãe e do papai."

"Hum?" Seus olhos se vidram enquanto ela passa a ponta da unha pintada de vermelho nos lábios. Ela olha para baixo, mexendo no anel de ouro amarelo com diamante de lapidação esmeralda na mão esquerda, aquele que o vovô lhe deu quando eles tinham apenas dezessete anos. “Querida, meu amor, você e o Emmett precisam vir nos visitar neste Natal. Montreal brilha no inverno, querida. Lembra como você adorava ir à feira de Natal? O vovô te carregava nos ombros por horas. Ele adoraria te levar para tomar um chocolate quente no Parque La Fontaine de novo, como quando você era pequena.” O olhar dela nos percorre lentamente, e ela inclina a cabeça. “Querida, quem é esse belo homem com você?”

Não tenho coragem de ser a portadora de más notícias hoje, aquela que lembra minha avó que o marido dela faleceu há cinco anos. Em vez disso, respondo à pergunta dela, mesmo que me doa toda vez que ela se esquece de quem é meu marido. “Emmett é meu marido, vovó. Nos casamos há mais de dois anos. Você e eu dançamos juntos ao som de Natalie Cole.”

Os olhos dela brilham. “'This Will Be'? Essa foi a música do meu casamento, sabia?”

Um sorriso surge no canto da minha boca. "Sim. Eu sei."

Seu olhar volta para o anel de diamantes e ela o gira no dedo antes de murmurar baixinho: "Sinto falta dele." Ela levanta o olhar, ofegando ao me ver. "Oh, Cara. Olha só para você, meu amor! Absolutamente deslumbrante. Dá uma voltinha para mim, querida."

Ela solta exclamações de admiração enquanto eu faço meu show, jogando o cabelo para trás do ombro e posando na porta. Ela bate palmas e ri baixinho quando Emmett me gira e, com a mão na minha lombar, me inclina para trás, a ponta do nariz roçando no meu.

"Bravo! Bravo!" Ela junta as mãos sob o queixo. "E Emmett, tão lindo quanto no dia em que nos conhecemos. Juro, se eu fosse mais jovem..."

“Pare de tentar roubar meu marido, Mémère.”

“Bem, você sabe o que eu sempre digo. Um bom homem não pode ser roubado. Ele sabe a quem pertence seu coração, e nenhuma promessa de cambalhotas no pau dele o fará mudar de ideia.”

Emmett ri baixinho contra meus lábios. “Ninguém dá cambalhotas no meu pau além de você, querida.”

“Ainda bem”, diz minha avó, suspirando. “Eu quebraria o quadril. Não consigo mais fazer as coisas sujas como seu avô e eu fazíamos antigamente, Cara. Uma vez, depois do jantar na casa dos pais dele, ele me levou para os fundos. Rasgou meu vestido e tapou minha boca com a mão enquanto me penetrava sob as estrelas. Eu conseguia ouvir a mãe dele do outro lado da janela da cozinha, falando sem parar sobre como mal podia esperar para que ele se cansasse de mim.” Ela checa as unhas. “Parece que ele nunca se cansou de mim. Devem ter sido todas aquelas cambalhotas que eu dei no pau dele. E agora, Dianne, seu idiota?”

Eu solto uma risada abafada, levando Mémère comigo para o banheiro enquanto Emmett gargalha.

Ele dá um tapinha na minha bunda, inclinando-se para beijar minha bochecha. “Os caras estão lá fora com a limusine. Preciso ir. Te vejo depois?”

Levanto meus lábios para os dele. “Te amo.”

“Eu também te amo, vagalume. E você também, Mémère”, ele acrescenta, se aconchegando atrás de mim enquanto se inclina acima de mim, rabiscando uma mensagem no espelho. “Eu me casaria com você repetidas vezes, todos os dias pelo resto da minha vida. Cuide da minha esposa até que eu a tenha em meus braços novamente.”

“Oh, Cara”, ela murmura enquanto ele desaparece. “Aquele homem está completamente apaixonado por você. É raro na vida encontrar alguém tão em sintonia com você, que te ame exatamente do jeito que você precisa ser amada. E você encontrou.”

“Sou uma das sortudas.”

Nunca me esqueci disso. Emmett pode ter sido quem nos uniu à força, mas tenho me agarrado a ele com todas as minhas forças desde então. Meu coração não me pertence desde o dia em que nos conhecemos. Agora, ele vagueia fora do meu corpo, e isso é tão poderoso quanto assustador.

Minha mãe me observa enquanto arrumo meu cabelo com longas e volumosas ondas, dando os retoques finais na maquiagem. Ela me conta sobre o próprio casamento, uma história que sei de cor, mas da qual nunca me canso. Como sua mãe chorou copiosamente quando seu pai a levou ao altar, como comeram a famosa torta de carne da avó e dançaram sob as estrelas, onde ela contou ao seu avô que ele seria pai.

“Como está indo isso para você, querida?”

Passo o batom nos lábios, esfregando-os um no outro enquanto evito seu olhar. “Como está indo o quê?”

Ela fica em silêncio por um instante, e quando a encaro, vejo um peso em seus olhos. “Eu queria que você não escondesse sua dor, Cara.”

De cabeça baixa, jogo o cabelo para trás do ombro, girando o batom entre os dedos. “Nossa primeira inseminação intrauterina foi há doze dias. Fiz exames de sangue hoje de manhã para ver se estou... para ver se estamos...” Minha mão vai até a barriga. Borboletas dançam ali, como têm dançado nos últimos doze dias, desde que saí daquele consultório estéril depois de receber a injeção do esperma excepcional do meu marido na minha vagina. Algo parece tão bom, tão certo, e não consigo explicar. “Ainda não recebemos os resultados.”

“Eles vão ligar para vocês? Para avisar?”

Balanço a cabeça negativamente. “Por e-mail.”

Mémère faz uma careta. “Parece impessoal.”

“Não quero criar expectativas.” Minhas expectativas estão nas nuvens. “É um dia especial e não quero que nada o estrague. Emmett e eu vamos esperar até amanhã de manhã para ler o e-mail.”

Ela sorri, um sorriso suave e caloroso, e eu quero rastejar para dentro do meu iPad e abraçá-la, absorver seu amor, cada grama de sua força. "Vocês dois serão pais maravilhosos quando chegar a hora." Juntando as mãos sob o queixo, ela observa enquanto eu me afasto, calçando meus sapatos de salto cor de champanhe e mostrando a ela o visual completo. "Uma coisa que eu nunca esqueço." Ela toca a têmpora. "Como minha neta é linda. Parece que foi arrancada diretamente do céu."

"Venho de uma longa linhagem de anjos."

"Com certeza, querida. Agora vá. Você está planejando este casamento há meses. Embora meu lema seja sempre 'atrasada, mas vale a pena esperar'—"

"Não posso me atrasar. Não para isso."

"Je t'aime, mon cœur."

"Je t'aime, Mémère."

"Je t'aime, Mémère." Larguei meu iPad, apoiando-me no balcão enquanto encarava meu celular e a pequena bolha vermelha que indicava um e-mail não lido. Havia um único teste de gravidez no armário, me chamando a atenção, e abri a porta, olhando para ele. Recusei-me a comprar mais de um por vez. Um só me dá esperança de que seja o suficiente. Mas uma caixa inteira? Uma caixa inteira significa que isso vai demorar.

Não devo fazer o teste. Pelo menos é o que a maioria dos futuros pais diz no fórum. Porque os testes de urina não são nem de perto tão sensíveis quanto os exames de sangue para medir o hCG.

Não se torture, dizem eles, e eu não vou me torturar mesmo, então apontei para o teste e disse: "Cala a boca, sua idiota", antes de bater a porta do armário e sair correndo para o corredor.

EU DEVERIA TER SABIDO.

Eu devia ter imaginado que, num evento que planejei com tanto cuidado, a única coisa que deleguei aos rapazes seria justamente o que arruinaria todo o casamento.

Eles tinham uma única tarefa.

Uma maldita tarefa.

"O que vocês estão fazendo?"

Os rapazes param o que estão fazendo. Ou melhor, congelam. Então, lentamente, como cervos diante dos faróis de um carro, seus olhos se voltam para mim, arregalados, aterrorizados.

Jaxon engole em seco, levando as mãos lentamente para cobrir as partes íntimas, como se estivesse com medo de se sujar. Garrett se esquiva da bagunça, depois recua lentamente, escondendo-se atrás de Adam, cujas mãos se elevam lentamente acima da cabeça. Emmett abre a boca, parece repensar a ideia e a fecha novamente. Bom garoto.

Mas e o Carter? Carter não muda de ideia. "Estamos fazendo o que você pediu, óbvio. Preparando a revelação do sexo do bebê." Nosso olhar se encontra, e seu cérebro finalmente deve ter disparado aqueles alarmes em sua cabecinha bonita.

"Nada", ele dispara, e então deixa cair o monte de balões pequenos dos braços para poder esconder as mãos atrás das costas. Os balões caem no chão aos seus pés, espalhando um jato de água rosa e azul ao nosso redor. A água respinga na camisa branca de Carter, as cores se misturando em um tom bonito de pervinca que eu apreciaria mais em qualquer outra situação. Carter olha para a camisa, engole em seco e olha para mim novamente. "Nada", ele sussurra de novo.

Honestamente, a culpa é minha. Quando a noiva sugeriu fazer a revelação do sexo do bebê durante a recepção do casamento, eu concordei veementemente. Eu nunca deveria ter esperado que os meninos conseguissem lidar não com uma, mas com duas ocasiões monumentais no mesmo dia.

“Por favor, me diga que sua ideia para a revelação do sexo do bebê não era fazer uma bagunça enorme no casamento do Adam e da Rosie.” Aperto meus quadris, espiando o quintal. Rosie está ocupada com as outras meninas, dançando com as crianças. “Se um respingo disso cair no vestido lindo da Rosie, eu mesma vou garantir que nenhum de vocês consiga se reproduzir de novo.” Observo sua camisa colorida mais uma vez, suspirando. “E por que tem balões azuis e rosas?”

Carter franze a testa. “Como assim? É uma revelação de sexo.”

“Exatamente, Carter; é uma revelação de sexo. Como você revela o sexo de um bebê com balões azuis e balões rosas?”

Seu queixo cai. “Ah, droga.” Ele fecha a boca de repente. “Não. Quer dizer, o quê? Não, claro que não, e é por isso que nós temos um... um... um...”

“Um mega balão?” Adam sugere, com as sobrancelhas arqueadas enquanto espera minha aprovação. "Um balão gigante que os caras vão encher com a cor certa e deixar de lado." Ele olha para os amigos e assente. "Certo, pessoal?"

"Ah, sim."

"É isso aí."

"Com certeza. Esse era o plano."

Se eu revirar os olhos mais forte, alguém vai ter que recolhê-los do chão. "E você!" Aponto para Adam. "Você permitiu isso?"

"Eu... eu... eu..." Seus olhos assustados percorrem o quintal em busca de uma desculpa. Ele aponta para Carter. "Foi ideia dele!"

Carter dá uma gargalhada, jogando os braços para cima da cabeça. "Ah, claro. Toda vez que a gente se mete em encrenca, de repente a ideia ruim é minha!" Quando

Garrett ri baixinho, Carter enfia o dedo na cara dele. "Sua ideia era bombas de confete recheadas com pênis de confete rosa ou azul!"

Jaxon dá uma risadinha. “Pênis de confete num casamento. Que idiota.”

Garrett cutuca o ombro dele. “Melhor que a sua ideia, seu babaca.”

“Qual o problema com um pouco de pirotecnia?”

“Ah, sei lá.” Garrett fica cara a cara com Jaxon, encostando o peito no dele. “Talvez o fato de que esta casa dá para uma floresta, e eu não quero ser preso por incêndio criminoso.”

“Acho que é uma boa coisa termos um milhão de balões de água, então”, murmura Jaxon, antes de pegar um e estourá-lo na cabeça loira de Garrett.

“Ah, pelo amor de Deus”, murmuro enquanto a água azul encharca seu rosto e sua camisa. Reviro os olhos para o céu e cruzo os braços sobre o peito, batendo o dedo no bíceps enquanto espero o inevitável. “Cinco, quatro, três...”

Os cinco garotos se chocam em uma fúria de membros se debatendo, gritos de guerra ecoando enquanto balões voam e corpos mergulham. Todas as cabeças no quintal se viram para observar a confusão e, por mais que eu tente, não consigo me obrigar a olhar para Rosie, para ver o horror e a decepção em seus olhos.

Vou até Deacon e Bev, os pais de Adam, e Holly, mãe de Carter e Jennie, que está ao lado de Axel, o gerente geral do time e namorado de Holly. “Vocês. Todos vocês. Vocês são responsáveis por isso... isso... isso.”

Holly toma um gole de seu tequila sunrise, balançando a cabeça veementemente. “Não. Não eu. Carter não aprendeu esse comportamento comigo.”

Axel lança-lhe um olhar incrédulo. “Holly, meu bem, você não engana ninguém com essa conversa.” Ele vira o copo de cerveja. “Cara, eu adoraria te ajudar, mas estou fora do meu horário de trabalho. Além disso”—ele aponta para Emmett com a garrafa de cerveja, e eu observo meu homem pular nas costas de Jaxon—“você se casou com ele. Ele é problema seu.”

Abro os braços, com os olhos arregalados fixos em Deacon e Bev. “O Adam deveria ser o cérebro desse grupo.”

Deacon sorri enquanto Adam imobiliza um Garrett gritando no chão. “Pega ele, Adam!”

Resmungando, jogo os braços para o ar. “Preciso fazer tudo sozinha?” Atravesso o quintal a passos largos, com o polegar e o indicador na boca, assobiando. "Ei!

Crianças!"

Pelo canto do olho, vejo um clarão branco. Meu estômago se revira de pavor.

"Rosie! Não!"

Olhos verdes e suaves encontram os meus, brilhando de alarme, e ela para bruscamente.

Mas é tarde demais.

Observo, horrorizada, Carter pegar um balão particularmente cheio, pouco antes de se atirar nas costas de Adam, com o braço em volta do pescoço dele. Adam grita, girando, tentando se livrar de Carter.

Tudo acontece em câmera lenta. O aperto de Carter afrouxa quando Adam se debate pela última vez. O balão sobe pelo ar, e todos os sessenta pares de olhos neste quintal acompanham sua trajetória enquanto ele segue direto para...

"Não!" grito, correndo mais rápido do que jamais imaginei, com os braços abertos. Mergulho na frente de Rosie, mas chego uma fração de segundo antes do necessário.

Deslizo pela grama quando o balão atinge Rosie em cheio na barriga, espalhando uma mancha rosa-chiclete em seu impecável vestido marfim.

Os meninos caem em um amontoado na grama enquanto eu me levanto rapidamente, sem palavras, de verdade, pela primeira vez na vida.

Rosie permanece ali de braços abertos, olhando para o seu vestido, antes branco, do dia do seu casamento. Os meninos têm a sensatez de parecerem envergonhados, petrificados de medo.

"Rosie..." Adam sussurra, aproximando-se lentamente, com uma expressão de desespero enquanto ela recolhe um balão perdido, olhando para ele. "Me desculpe..."

Suas palavras morrem quando Rosie bate o balão em cima de sua cabeça, e um rio de azul escorre por seu rosto, encharcando sua camisa. Ele olha para si mesmo, depois de volta para sua nova esposa.

Rosie pega outro balão, jogando-o no ar, pegando-o, os olhos voltados para Carter. Um sorriso lento se espalha por seu rosto, o brilho em seus olhos agora é pura travessura. "Você é o próximo, Beckett."

A festa irrompe, cadeiras raspando contra o pátio de pedra enquanto todos se levantam. O quintal se enche com o som de risadas estridentes e balões voam pelo quintal, pintando-o de cores. O aperto no meu peito diminui quando eu vejo as pessoas que mais amo neste mundo se soltando, deixando-se ser crianças novamente.

Emmett pisa na minha frente, e como sempre, quando eu olho para ele, todo o resto desaparece. Ele caminha em minha direção, o olhar aquecido varrendo sobre mim enquanto ele morde de volta aquele sorriso travesso.

"Não se atreva a chegar perto de mim," eu ameaçoi baixinho. "Este vestido custava mil e duzentos dólares e pretendo usá-lo novamente. Minha bunda parece fantástica nele."

"Sim. Seus peitos também. E aquelas pernas?" Ele solta um assobio baixo, diminuindo lentamente a distância entre nós. "Estive morrendo de vontade de envolvê-los no meu pescoço a noite toda, vaga-lume." Seus dedos mergulham sob a fenda no meu vestido, a palma da mão raspando a parte de trás da minha coxa, onde ele agarra minha bunda nua. "E se eu lhe dissesse que pedi uma substituição no segundo em que saí do nosso quarto mais cedo?" Seu aperto na minha bunda aperta enquanto ele me empurra contra seu peito, a mão livre subindo para segurar minha bochecha, inclinar minha boca para a dele. "Porque eu planejava estragar este vestido esta noite, de uma forma ou de outra."

"Primeira decisão inteligente que você tomou o dia todo," eu sussurro contra seus lábios, e de repente sua boca está na minha, minhas pernas em volta de sua cintura momentos antes de estarmos no ar, e depois na piscina. Eu me agarro a ele enquanto estamos submersos, e quando quebramos a superfície, subindo para respirar sob o sol poente, as listras de roxo, rosa e laranja que pintam o céu, quando Emmett rouba o riso direto da minha boca, tudo neste mundo é certo e bom.

"Com licença," Carter chama pelo quintal, caminhando para o meio dele, arrastando Adam e Rosie atrás dele, Connor e Lily segurando as mãos. Ele gesticula para eles, para sua família perfeita e linda, muitos deles cobertos de rosa e azul, uma bagunça manchada de pervinca. "Nós acidentalmente usamos todos os balões de água antes que pudéssemos chegar à revelação do gênero. Felizmente, sempre venho preparado com um plano de backup."

Ele entrega a Rosie um pequeno tubo, sussurrando algo em seu ouvido. Ela olha para Adam, para as crianças pulando para cima e para baixo ao seu lado. Então, ela aponta o tubo para o céu e puxa.

Uma explosão de fumaça rosa brilhante chove ao redor deles, e a festa explode novamente.

"Parabéns", diz Carter com um sorriso enquanto Adam pega Rosie em seus braços, lágrimas escorrendo pelo rosto de ambos enquanto seus lábios se encontram para um longo beijo. "É uma menina."

VOCÊ JÁ TEVE AQUELE acidente que vem depois da alta?

Você passa o dia absorvendo a luz, o riso, o amor, da mesma forma que absorve o sol. Um lindo dia que parece durar para sempre, mas quando tudo começa a ficar quieto, você tira um momento para olhar em volta e perceber, em algum momento, que o dia está terminando e está quase chegando.

O acidente.

O meu começa quando a festa acaba. À medida que os convidados desaparecem um por um. Enquanto as crianças adormecidas são colocadas em braços fortes, carregadas para cima e colocadas para passar a noite. Enquanto olho ao redor da fogueira e vejo os rostos da minha família, zumbindo de felicidade silenciosa enquanto mergulham no brilho de um dia tão perfeito e lindo.

O aperto que tenho no meu volante mental afrouxa enquanto vejo Adam se aproximar, acariciando a barriga de Rosie sob a palma da mão.

Meu pé pressiona contra o acelerador enquanto Carter para no caminho de volta do banheiro para se ajoelhar aos pés de Olivia, pressionando um papai sussurrado te ama contra sua barriga.

E quando os quatro falam animadamente sobre os marcos que seus bebês alcançarão juntos, como eles serão melhores amigos desde o momento em que nascem... é quando fecho os olhos. Perca de vista a estrada.

"Onde você está indo?" Emmett pergunta suavemente, pegando minha mão enquanto eu escorrego de seu colo, envolto em seu moletom.

"Para o banheiro. Volto já." Eu deixo cair um beijo em sua bochecha e me viro antes que ele possa prender meu olhar e ver tudo o que eu não posso nomear, todas as coisas que eu não quero sentir.

No banheiro, eu dou um tapinha na água fria no meu rosto, respirando através do aperto no meu peito, a exaustão que está me incomodando, implorando por minha atenção.

Eu não sei mais como ignorá-lo, e isso me assusta.

Eu faço o meu caminho pela casa, parado no balcão no escuro da cozinha enquanto tomo um gole de água, observando meus amigos pela janela, seus sorrisos iluminados pelo brilho do fogo.

Há um peso no bolso da calça de moletom que uso, pesado contra minha coxa. Eu serpenteio minha mão dentro, embalando meu telefone na palma da mão enquanto meu batimento cardíaco acelera e tamborila.

Eu digo a mim mesmo que não vou olhar para o telefone, mas ele sai do meu bolso de qualquer maneira, virado para cima no balcão, olhando para mim.

Um toque do meu dedo e algo doente e ansioso gira no meu estômago enquanto olho para minha caixa de entrada, a linha de assunto que diz Resultados da gravidez.

Eu enrolo minhas unhas nas palmas das mãos enquanto luto comigo mesmo, digo a mim mesmo que tenho mais autocontrole do que isso. Que eu não posso deixar isso, essa jornada, toda a dor de cabeça até agora, me mudar. Isso eu não vou.

Mas quando chego para bloquear meu telefone, o tremor da minha mão me pega desprevenido. Esta mão não deve tremer. Eu não deveria tremer.

Talvez seja por isso que eu enfio meu dedo no e-mail antes de mudar de ideia. Antes que eu possa me convencer disso.

Eu gostaria de ter me convencido a não fazer isso.

Minha garganta se agarra enquanto meus olhos voam sobre as palavras que parecem muito mais uma frase, uma sentença vitalícia por um crime que não cometi.

Lágrimas se acumulam em meus olhos ardentes sem minha permissão, e eu balanço a cabeça, como se pudesse afastá-las. Mas não consigo, e quando a porta do pátio se abre e Emmett entra, sinto como se meu peito se abrisse de repente.

Ele para diante de mim, sem se importar com o telefone em minha mão, a tela agora preta.

"Você olhou", diz ele gentilmente.

"Me desculpe", sussurro, as palavras roucas enquanto o rosto de Emmett se torna borrado.

Sua mão se fecha sobre a minha, puxando o telefone da minha mão e guardando-o no bolso. Ele segura meu rosto entre as mãos, os olhos negros como a noite dançando de agonia enquanto observa as lágrimas caírem livremente pelas minhas bochechas. "Nunca se desculpe. Não por isso."

Ele pressiona um beijo em meus lábios e minha mão contra o seu coração, e eu sinto, a maneira como ele me ama, a profundidade disso. Infinita.

Mas então ele se afasta, os olhos marejados. Ele pisca, e uma única lágrima escorre de ambos os olhos, esculpindo sua dor em seu rosto. Dor que eu causei ali.

Solto o volante.

E bato o carro.

OceanofPDF.com

9 ELA, NO MEU LUGAR DA JANELA Emmett

Três anos e meio atrás: Estou desequilibrado ou apaixonado?

TODA FAMÍLIA TEM AQUELA pessoa que é um pouco desequilibrada, um pouco fora de si. E se você não sabe quem é essa pessoa na sua família, então sinto muito em lhe dizer isso, mas é você.

Uma coisa é certa, porém: nunca, jamais, fui eu. Nem na família em que nasci, nem na minha família do hóquei.

E então eu conheci Cara.

Não consigo tirar os olhos dela. Literalmente, não consigo. Penso nela o tempo todo. Não consigo parar de falar dela. Estou planejando um casamento, e só estamos juntos há dois meses.

Estou obcecado. Estou desequilibrado.

A parte mais assustadora? Não me importo nem um pouco.

"Emmett? Você está me ouvindo?"

Nem pensar. "Aham."

"Sério? Porque você nem olhou para isso." Ela bate no caderno que está sobre a mesa do café entre nós e revira os olhos, pegando seu latte para tomar um gole. "Parece que você só me pediu ajuda para procurar casa para me agradar, não porque realmente quer minha opinião."

"Não é verdade." Não é mesmo, mas soa como mentira, porque estou distraído e meu olhar só se moveu entre os olhos e os lábios dela nos últimos vinte minutos, enquanto Cara me mostrava todo o trabalho que teve para encontrar a casa perfeita para nós.

Ah, para mim. A casa perfeita para mim. Não para nós. Sim, com certeza.

Cara sustenta meu olhar por um instante, um rubor tingindo suas bochechas, antes de fechar a pasta, abrindo os dedos, quase como se quisesse protegê-la, ou talvez

escondê-la.

“Será que exagerei?” As palavras saem em voz baixa, e ela pigarreia enquanto desliza a pasta da mesa e começa a guardá-la na bolsa. “Adoro decoração. E planejamento. Tenho um painel no Pinterest dedicado a cada cômodo da casa dos meus sonhos, para que eu o usaria, como o mobiliaria...” Ela gesticula com a mão no ar antes de levar a caneca à boca novamente, e acho que nunca passou tanto tempo sem me olhar nos olhos. “Me empolgo fácil. Se você quer que eu me afaste das visitas enquanto você continua com o corretor, isso é—”

“Não está certo. Não é isso que eu quero. E não, você não exagerou. Bem, talvez, mas só porque isso é incrível e incrivelmente detalhado, e você definitivamente deveria ser paga por esse nível de trabalho.”

Um sorriso surge em seus lábios. “Acho que isso poderia ser considerado prostituição, Sr. Brodie.”

Aperto a mão dela na minha, mantendo-a sobre a mesa entre nós. “Não tem ninguém com quem eu queira procurar casa, Cara. Se eu parecer distraída, é porque passei horas olhando essa pasta ontem à noite, quando cheguei em casa e te encontrei dormindo no sofá com ela. Olhei cada foto, cada anúncio, todas as suas anotações rabiscadas sobre paletas de cores e móveis. Você pensou em tudo, Firefly, e eu te garanto, notei cada detalhe.”

Lá está aquela cor de novo, rosada e vibrante, tingindo suas bochechas. “Qual é a sua favorita?”

Estendo a mão até Cara colocar a pasta ali e abro na quarta seção, uma aba rosa com um endereço escrito com uma caligrafia perfeita. Dou um toque na foto da casa vitoriana moderna de quatro quartos em North Vancouver, aos pés do Monte Fromme.

Cara dá um gritinho, batendo as mãos na pasta. “A minha também!”

Imaginei que, como esta seção tem quase o dobro de páginas das outras, ela não conseguia parar de imaginar como seria a vida ali, planejando um futuro. Um futuro comigo. E quando chegamos à casa em North Vancouver vinte minutos depois, não consigo evitar de imaginar também.

Olho para Cara. "Estou nervoso. É estranho?"

Cara faz um gesto de desdém. "Pff. Você tem que manifestar, Emmett. Esta casa vai ser perfeita." Ela toca o espaço entre meus olhos. "Manifeste, querido."

A porta da frente se abre e uma mulher mais velha com um sorriso enorme sai. "Cara! Bem-vinda! E este é o sortudo?"

"O mais sortudo", digo, apertando sua mão enquanto entramos. Tiramos os sapatos e eu fico atrás de Cara, deslizando o casaco pelos seus braços, com a boca perto de sua orelha. "Vou manifestar você nua e algemada à minha cama mais tarde, implorando para que eu finalmente deixe você vir."

"Ah, querido." Sua mão macia desliza sobre meu queixo, e ela deposita um beijo leve como uma pluma em meus lábios. "Eu não imploro, mas você sim."

A corretora, Erika, para quem Cara já organizou dois eventos, nos mostra cada cômodo uma vez, depois duas. Quando Cara começa sua terceira visita, fico para trás para conversar sobre alguns detalhes importantes com Erika, como datas de fechamento e valores milionários. Depois de uma rápida ligação com os vendedores, Erika gentilmente concorda em nos dar uma hora a sós.

Encontro minha rainha no andar de cima, no quarto da frente, em frente à enorme janela panorâmica.

"É deslumbrante", ela sussurra, admirada, os dedos deslizando sobre os detalhes em madeira entalhada e as estantes embutidas.

"Você adora esta janela."

Ela parou em frente a ela nas duas visitas anteriores, apenas olhando em silêncio.

Um sorriso suave surge em seus lábios. "Mémère tinha uma, com grandes e lindas estantes ao redor, exatamente como esta. Ela me contou um milhão de vezes como o vovô construiu as estantes sozinho, o que eu achava engraçado. Ele construiu a casa inteira sozinho." O sorriso dela se desfaz um pouco, os cantos curvados para baixo pelo peso das lembranças. “Era meu lugar favorito em toda a casa. Tomávamos chá da tarde lá depois da escola todos os dias, e nos dias em que eu dormia lá, o vovô sentava comigo na janela e lia uma história para dormir atrás da outra. Ele sempre dizia que era a última, mas nunca conseguia me dizer não.”

“Não consigo imaginar”, murmuro, passando o braço em volta da cintura dela e depositando um beijo em seus cabelos.

“Quando finalmente o deixava guardar os livros, olhávamos para as estrelas e ele cantava ‘Brilha, Brilha Estrelinha’ para mim. Ele sempre dizia que se o céu dele tivesse apenas três estrelas, seriam a vovó, minha mãe e eu, e isso seria tudo o que ele precisaria.” Uma lágrima solitária escorre pela sua bochecha, e ela a enxuga tão rápido

que quase me pergunto se era real. “Enfim.” Ela assente, o lábio inferior deslizando entre os dentes. “É, este é o meu cômodo favorito.”

“Para que você o usaria?”

“Para que eu o usaria? Hum...” Ela anda pelo cômodo como se estivesse buscando inspiração, mas a pasta na minha mão me diz que ela já a encontrou. “Bem, você poderia usá-lo para, hum... uma sala de troféus.”

“Hum. Passo.”

“Sala de jogos/escritório? Uma escrivaninha ali, poltronas reclináveis aconchegantes, mas elegantes, ali, e—”

“Não. O que mais você tem?”

Uma cor surge em suas bochechas. “Bem, se vocês tiverem filhos—”

“Se tivermos filhos”, eu corrijo, e ela não consegue esconder o sorriso.

“Se tivermos filhos—”

“Quando tivermos filhos”, eu corrijo novamente, e ela revira os olhos, me dando um empurrãozinho no braço.

“Quando tivermos filhos... um berçário. Prateleiras cheias de todos os livros que leremos para eles, sentados na janela, onde o sol brilhará todas as manhãs e beijará suas bochechas, onde todas as estrelas dançarão sobre eles noite após noite. Cantaremos canções, dançaremos, riremos e cresceremos. E quando os colocarmos para dormir todas as noites—”

Eu a seguro pela cintura enquanto ela gira pelo quarto, puxando-a contra meu peito, acariciando sua bochecha enquanto meu polegar desliza sobre seu lábio inferior. “Direi a eles que, se as únicas estrelas no meu céu fossem eles e a mãe deles, isso seria tudo o que eu precisaria.”

Cara me abraça pelo pescoço, os dedos afundando no meu cabelo. "Continue falando assim e a Erika vai nos pegar praticando como fazer bebês."

"Não me tente com uma brincadeira."

Ela ri baixinho, capturando minha boca com um beijo lento, e eu simplesmente me entrego, deixando escapar as próximas palavras sem pensar muito. "Comprei a casa."

"Você..." Ela me solta, com os olhos arregalados. "O quê?"

"Comprei a casa."

"Quando?"

"Ah, tipo, dez minutos atrás, quando entreguei o cheque do depósito para a Erika."

"Emmett, você... Eu..." A boca dela se fecha e se abre de novo. Fecha. Abre. Fecha, e ela balança a cabeça, um sorriso de tirar o fôlego iluminando suas bochechas enquanto se joga em mim, me abraçando forte. "Parabéns, meu bem. Você é dono de uma casa!"

"Obrigado. Parabéns para você também, vagalume."

Lentamente, ela desliza pelo meu corpo. "O quê?"

"É, cinco semanas antes da mudança." Dou-lhe um leve empurrão no ombro. "Você vai conseguir empacotar todas essas roupas e sapatos com tão pouco tempo?"

OceanofPDF.com

10 THE PUSSY POUNDER 5000 PRECISA DE BATERIAS NOVAS

Emmett

MEU PAU VAI CAIR, e sabe o que não ajuda? Estar sentado numa cadeira feita para uma criança, numa casa também feita para uma criança. Meus testículos estão espremidos como gêmeos siameses; não sei onde um começa e o outro termina.

"Mais chá, tio Emmett?"

"Por favor." Estendo minha xícara de chá em miniatura para Lily, fazendo uma careta enquanto me remexo na cadeira. O sorriso dela vacila enquanto ela me enche de leite com chocolate. Estendo meu mindinho como ela me ensinou, levando-o aos lábios.

"Não!" Connor agarra meu pulso, balançando a cabeça freneticamente, com os olhos arregalados. "Você tem que soprar, Tio Em. Tá quente."

"Ah, é mesmo. Esqueci."

"Assim." Ele sopra no meu leite com chocolate gelado e dá um tapinha no meu joelho com um sorriso. "Agora."

"Valeu, amigão." Dou um gole. "Hummm. Que delícia. Obrigada, Lil."

Um sopro alto vem da minha esquerda, e eu olho para Jaxon do outro lado da mesa na casinha de brinquedo, encarando Ireland, que segura a camisa dele com força na mãozinha enquanto se apoia nele para se equilibrar, puxando-o para frente enquanto sopra na xícara de chá dele, só que o gesto atencioso dela vem acompanhado de um pouco de saliva.

"Ohhh, que delícia..." Jaxon faz uma careta, depois sorri para Ireland, dando um tapinha na cabeça dela. "Obrigado, princesa."

Ela empurra a xícara de chá em direção à boca dele. "Dink!"

"Ha", Garrett resmunga. “Ela acabou de te chamar de idiota.”

“Ela estava claramente falando em beber”, argumenta Jaxon, engasgando com o chá de leite que estava cuspindo.

“Biscoitos!” Carter se vira para nós do fogão a lenha, usando um chapéu de chef que quase toca o teto, um avental pequeno demais com flores bordadas, luvas de forno xadrez rosa que seguram uma bandeja e um sorriso quase tão orgulhoso quanto o que ele tinha no dia em que a Irlanda nasceu. Ele coloca a bandeja de biscoitos na nossa frente. “Minha especialidade.”

Eu olho para os biscoitos e depois para ele. “São só Oreos.”

“Só Oreos?” Ele debocha, arrancando as luvas de forno e jogando-as na mesa. “Eu me mato de trabalhar na cozinha para você dizer que são só Oreos?”

Meus olhos arregalados se fixam na minha xícara de chá enquanto Carter começa a montar seus pratos. É apenas um Oreo, coberto com uma camada de pasta de biscoito e um daqueles mini brownies que você compra em saquinhos de papel no supermercado.

Ele me olha com os olhos semicerrados, segurando meu biscoito como refém.

Reviro os olhos. "Obrigada por se esforçar tanto na cozinha, preparando essa linda sobremesa para o nosso chá da tarde."

"E daí?"

"Eu que agradeço."

Ele empina o nariz. "Obrigado." Ele coloca meu biscoito em um prato com borda ondulada em formato de margarida, me entrega e eu o devoro em uma mordida, acompanhando com mais leite com chocolate, fazendo uma careta quando meu pau dolorido roça na minha coxa.

Lily me olha com a testa franzida. "Por que você fica fazendo essa cara? O leite com chocolate está ruim?"

Suspiro, esfregando meus olhos cansados. “Não, eu e a Cara só estamos transando —” Fechando a boca com força, meu olhar se volta para Adam. Ele balança a cabeça, com um olhar feroz. Apesar de passarmos tanto tempo com crianças, ainda estou me esforçando para me expressar. “Eu e a tia Cara estamos tentando muito ter um bebê, e eu estou um pouco cansado.”

Isso é um eufemismo. Sempre tivemos um relacionamento extremamente físico. Mas no último mês e meio, tirando aqueles cinco dias infernais, o sexo tem sido constante. Tudo para aumentar nossas chances, diz Cara, e eu concordo, mas, meu

Deus, meu pau está tão sensível de tantas vezes que gozei nas calças quando ela estava se esfregando em mim no sofá ontem à noite. Cara deu risada como se não fosse nada demais, mas depois eu a vi no aplicativo de ciclo menstrual dela, marcando um x em vez de um tique na caixinha que perguntava se tínhamos transado.

Lily inclina a cabeça. “Seu corpo está cansado, ou seu cérebro?”

Hesito diante da pergunta que ninguém nunca me fez antes. "Os dois, sinceramente."

"Parece que você precisa de um dia de folga para cuidar da sua saúde mental." Ela coloca o biscoito dela no meu prato. "Aqui, pode ficar com o meu. Pode ajudar. Mamãe diz que a gente precisa cuidar do nosso cérebro também, assim como cuida do nosso corpo." Ela coloca a mãozinha dela sobre a minha. "Você precisa fazer as coisas que te fazem feliz."

"A tia Cara me faz feliz", digo baixinho. "E você. Nossa família inteira me faz feliz."

Lily sorri, um rubor subindo às suas bochechas. Ela coloca o cabelo atrás das orelhas, os olhos se voltando para Adam antes de pigarrear. "Por que algumas pessoas não conseguem ter filhos?"

Os meninos olham para mim, e Adam abre a boca, como se não tivesse certeza se deveria redirecionar a pergunta de Lily. Mas Lily é inteligente, observadora e extremamente empática, mesmo com apenas seis anos. As perguntas dela surgem da curiosidade e do desejo de resolver as coisas, mesmo que me causem um certo peso no peito.

"Não sei", respondo sinceramente. "Às vezes não há uma razão específica; nossos corpos simplesmente funcionam de maneira um pouco diferente."

"E o da tia Cara funciona um pouco diferente também? O remédio vai ajudar?"

"Espero que sim. Ela seria uma mãe incrível."

Lily sorri. "Incrível mesmo. E você seria um pai incrível também, sabia?"

O peso no meu peito diminui. "Você acha?"

"Uh-huh." Ela ri enquanto Ireland se joga no meu colo, segurando meu pescoço enquanto enfia meu biscoito na boca. "Você é o melhor tio."

"Ei!" Jaxon varre os braços. "Estou bem aqui!"

Garrett abre a boca indignada e Carter já está de pé, arrancando o avental. Lily revira os olhos, acalmando-os antes que eles possam dizer uma palavra. "Oh, cale-se.

Vocês são um bando de bebês grandes. Vocês são todos os meus favoritos, mas o cérebro do tio Emmett precisa ouvir mais hoje."

Eu aperto a mão dela. "Obrigado, Lil." Eu sorrio para o resto deles enquanto eles murmuram suas desculpas. "Eu sou a faavorita de Lily, eu sou a faavorite de Lily," eu canto.

Um biscoito ricocheteia na minha testa e, quando cai no chão, Carter engasga, jogando-se na casinha lotada.

"Não os Oreos!" Ele pousa com um baque, franzindo a testa enquanto segura o biscoito quebrado. "Quem jogou?"

Garrett aponta para Jaxon, e Jaxon aponta para Garrett.

"Eu vou te dizer uma coisa," eu digo, o peito estufado enquanto eu fico de pé, as costas inclinadas para evitar que minha cabeça martelasse no teto. "Não fui eu. ' Porque eu sou a favorita de Lily."

Carter engancha um pé em volta do meu tornozelo, puxando, e eu caio no chão, onde um jogo de tapas prontamente se segue.

"Ei!"

Paramos no grito, olhando para Rosie, parada na porta, punhos nos quadris.

"O que diabos está acontecendo aqui?"

Eu aponto para Carter e ele aponta para mim. "Ele começou!"

"Fora!" Ela aponta o dedo em direção à grama. "Todo mundo fora! Este é um espaço sagrado!"

Saindo e sorrindo, eu coloco um beijo na cabeça de Lily, Connor e Ireland. Termino com Rosie, um beijo rápido na bochecha. "Sinto muito por brigar em sua casinha."

Ela aperta os olhos para mim, toda a suavidade que a torna quem ela está se infiltrando quando ela me acena. "Saia daqui. Cara me deixou cinco minutos atrás. Ela já estará em casa."

Saúdo os caras com dois dedos na testa antes de ir para o portão.

A voz de Adam me interrompe antes que eu possa chegar lá. "Ei, Em? Espere um segundo."

Volto para eles. "Sim?"

"Estamos aqui para você", diz Carter.

"E Cara", acrescenta Jaxon.

Garrett acena com a cabeça. "Sempre."

Eu sorrio. "Eu sei."

Sinceramente, eu faço. Este não é um grupo de caras que lida com as coisas sozinho, ou mantém as coisas engarrafadas. Nós conversamos merda. Tudo isso. Nós aparecemos um para o outro dia após dia. É isso que nos torna uma família.

E quando estou sentado em um restaurante duas horas depois, cercado por minha mãe e irmãos, não posso deixar de pensar que, às vezes, a família que você escolhe aparece para você mais do que a família em que você nasceu.

"Eu simplesmente não entendo", diz minha mãe, balançando a cabeça enquanto gira o espaguete em volta do garfo. "Quando eu tinha a sua idade, eu já tinha todos os quatro. Naturalmente", acrescenta ela, balançando o garfo. "Eu não precisava de toda essa ciência."

Eu pigarreio, apertando a coxa de Cara por baixo da mesa enquanto tomo um gole de cerveja. "A ciência é boa. É muito legal todas as inovações que existem hoje em dia para quem quer engravidar. Ajuda muita gente a se tornar pai ou mãe."

"Não acho que seja tão antinatural o que estamos fazendo", acrescenta Cara. "Queremos ser pais; tentamos o caminho tradicional e agora estamos tentando outro."

"Bem", minha mãe começa com uma risadinha, "é ciência, querida. Então não é natural."

"Ela está falando do instinto, mãe. O desejo de ter filhos, de fazer o que for preciso para chegar lá. É natural."

"Tá bom, tá bom." Ela levanta as mãos em sinal de rendição antes de provar o vinho. "Dá para ver que é um assunto delicado para você. Você tem sorte de seu pai não estar aqui. Ele ia te deixar confusa com toda essa conversa sobre ciência e bebês."

"Tá bom, tá bom." Ela levanta as mãos em sinal de rendição antes de provar o vinho. "Dá para ver que é um assunto delicado para você. Você tem sorte de seu pai não estar aqui. Ele ia te deixar de cabelo em pé com toda essa conversa sobre ciência e bebês." “Você tem razão; eu sou uma sortuda. Pelo menos tenho a chance de aproveitar minha refeição sem que ele fique me enchendo de insultos.” Só percebo que estou rangendo os dentes quando a mão de Cara desliza sobre a minha. Solto um suspiro, giro os ombros e me concentro na comida.

Ninguém nunca conseguiu responder à nossa mãe impunemente, exceto eu, e eu não tive coragem de começar até conhecer a Cara. Minha mãe é daquelas pessoas que

se apresentam como bem-educadas e simpáticas, mas depois entregam tudo com elogios disfarçados e comentários passivo-agressivos. Meu pai, porém? Passivo-agressivo não faz parte do vocabulário dele. Só agressividade pura e simples. Parte do motivo pelo qual me esforcei tanto no hóquei no ensino médio foi para poder construir uma vida para mim mesma longe deles, para escapar antes que eu pudesse seguir os passos deles.

Craig, o mais velho depois de mim, passa o braço em volta de Sasha, sua namorada mais recente. "Tem certeza de que está fazendo certo? Talvez você só precise transar mais." Ele pisca para Sasha. "Funciona para algumas pessoas."

Sasha dá uma risadinha, dando um tapinha no braço dele. Ela tem três filhos de dois relacionamentos anteriores, e a única razão pela qual acho isso um pouco estranho é que Craig sempre foi categórico em dizer que nunca quis ter filhos. Ela estende a mão por cima da mesa, apertando a mão de Cara. "Ah, querida, não dê ouvidos a ele. Eu sou daquelas pessoas que são super férteis. Não tentei engravidar de nenhum dos meus filhos. Os três foram acidentes." Ela pisca, leva o dedo aos lábios e inclina a cabeça na direção dos meninos, que estão brigando por um pacote de biscoitos Goldfish. "Não conte para eles. Puxa, eu tomava pílula e usava camisinha quando engravidei do Harvey. Não é louco que alguém como eu acabe engravidando justamente quando estou tentando evitar, enquanto alguém como você, que está correndo atrás disso, tenha tanta dificuldade?"

Cara crava o garfo no bife. "Que loucura."

"Sabe o que você precisa? Férias. Aposto que você só precisa relaxar. Beber até cair, esquecer tudo. Funcionou para a minha amiga. Tentou por quatro meses, de tudo um pouco. Eu disse: 'Marsha, querida, você precisa dar um tempo e esquecer isso.' E ela fez. Foi para a Flórida, bebeu até cair, e voltou grávida."

"Quatro meses inteiros, é?"

"Hum-hum." Ela vira o vinho de uma vez e entrega a taça para Craig encher. "Há quanto tempo vocês estão tentando?"

"Mais de dois anos."

"Ah." Ela pisca, abaixando a taça lentamente. "Qual de vocês é o problema?"

"Que tipo de pergunta é essa?" Eu pergunto, balançando a cabeça.

"Ah, eu só quis dizer... normalmente, são os espermatozoides, ou os óvulos, ou o útero, ou—"

“Sou eu”, diz Cara, e eu odeio que ela mantenha os olhos fixos no prato, que sua voz seja quase um sussurro. Odeio mais do que tudo que sua mão solte a minha, movendo-a delicadamente da coxa antes de cruzar as mãos no colo. Ela pigarreia, forçando um sorriso enquanto olha para Sasha, para minha família. “O problema sou eu. Tenho baixa reserva ovariana.”

“Como é que se pega uma coisa dessas?”, pergunta minha mãe. Ela aponta para Cara com o garfo. “Aposto que se você melhorasse seus hábitos alimentares e parasse de beber—”

“Mãe”, resmungo.

“O quê? Não faria mal. A gente não tinha esses problemas quando era criança, e a nossa geração era muito mais saudável. Nada dessa porcaria processada que todo mundo come hoje em dia.”

Esfrego as mãos no rosto. “A Cara está perfeitamente saudável, por isso o diagnóstico dela é tão confuso. E de qualquer forma, ela não é o problema. Estamos juntos nessa.”

Cara olha para mim, um sorriso suave se formando no canto da sua boca. Ela estende a mão, entrelaçando os dedos nos meus, puxando minha mão de volta para o seu colo.

“Você já pensou em adoção?”, pergunta Sasha.

Craig estala os dedos e aponta para mim. “Ah, é mesmo! Vocês não fizeram algum treinamento, ou algo assim, para serem pais adotivos?” Ele olha para Sasha, acrescentando em voz baixa: “Porque alguns amigos deles já estiveram no sistema de adoção”, o que não é da conta dela nem de ninguém, e também não é da conta de como Cara e eu decidimos formar uma família.

“Nosso foco não está nisso agora”, digo firmemente, apertando a mão de Cara enquanto me lembro do início deste ano, quando nós duas concluímos silenciosamente o treinamento pré-serviço enquanto assistíamos Adam e Rosie começarem sua jornada para adotar Lily.

“Talvez devesse ser”, diz Sasha. “Na verdade, há tantas crianças precisando de um lar que chega a ser questionável se submeter a tratamentos de fertilidade quando se pode abrir a casa para uma criança necessitada.”

Cara murmura, levando uma garfada de salada à boca e, em seguida, um gole de vinho. “Quando você finaliza a adoção, Sasha?”

Sasha ergue as sobrancelhas. “Como assim?”

"Sua adoção. Você está adotando, não é? Já que você acha que é tão irresponsável trazer mais crianças ao mundo quando há outras crianças que precisam de lares." Ela mantém o olhar de Sasha, mastigando um pedaço de bife. "Você está adotando apenas um? Talvez você devesse fazer três, para todas as três crianças que você irresponsavelmente trouxe ao mundo.

Meu irmão mais novo bufa uma risada, cobrindo-a rapidamente com uma tosse. Eu não me preocupo em esconder meu sorriso, apertando minha mão na coxa de Cara.

"A adoção não é necessária." Minha mãe completa o vinho, sorrindo para nós acima da borda. "O esperma de Emmett está bem."

MINHA ESPOSA É MUITAS COISAS.

Ela é segura e firme. Alguém em quem posso confiar. Ela está confiante em suas habilidades e corajosa diante de coisas que fariam a maioria das pessoas se esconder. Ela é leal, franca, honesta mesmo quando é difícil de ouvir, e a melhor amiga que eu poderia pedir.

E ela não está quieta.

Na garagem, abro a porta do passageiro, oferecendo-lhe minha mão. Ela leva isso com um sorriso que não ilumina seus olhos, e quando eu olho para a mão dela, a maneira como ela desaparece na minha, lembro-me de que, embora ela seja corajosa, forte e confiante, ela também é humana. Um prisioneiro dos pensamentos que às vezes a corroem, assim como o resto de nós. Um coração tão grande que parece demais. Alguém que se questiona apenas quando está assumindo o peso da luta de outra pessoa, quando sente que está falhando. Frágil, mesmo em seus momentos mais difíceis, assim como o resto de nós. Humano.

Eu a levo para dentro e para as escadas, guiando-a até os degraus. Agachando-me entre suas pernas, eu pego seu salto rosa na minha mão, deslizando-o para fora de seu pé antes de me mover para o outro.

"Obrigada", diz ela com um olhar tão suave quanto seu sorriso.

Eu apoio minhas mãos em ambos os lados dela, pairando acima dela. "De nada." Minha boca cai para a dela, e eu engulo seu suspiro. "O que você quer fazer hoje à

noite? Ainda é cedo."

"Estou cansada", ela admite, segurando meu rosto enquanto pressiona a testa na minha. "Leve-me para a cama?"

"Seu desejo é meu comando, minha rainha." Eu a pego em meus braços, enrolando suas longas pernas em volta da minha cintura. Eu subo as escadas lentamente, porque segurá-la assim, sua bochecha no meu ombro, a mão aberta sobre o meu coração, me faz sentir como se eu estivesse fazendo algo certo neste mundo. Há algo especial, algo gratificante, em ser o lugar seguro de alguém – quando a pessoa mais forte que você conhece confia em você o suficiente para entregar sua luta por um minuto ou dois. Permite que você segure. Cuide disso.

Eu a coloco de pé no quarto e lentamente trabalho sua saia de seda sobre os quadris até que ela caia no chão. Passando a ponta do meu dedo pela espinha, eu vejo como sua pele corada pontilha com arrepios.

"Levante os braços, vaga-lume," eu sussurro contra sua orelha, arrastando sua blusa cortada para cima, puxando-a sobre sua cabeça.

"Eu não quero pegar minha agulha," ela murmura enquanto me observa ir para o frigobar em nosso armário, puxando o estojo com sua medicação.

“Eu sei, meu bem.” Ela volta para os meus braços, até que eu a acomode na beirada da pia do banheiro. “Serei rápida e delicada, e te abraçarei depois.”

Ela morde o lábio inferior, o leve tremor no queixo apertando meu coração enquanto me observa limpar uma mancha em seu torso. Preparo a agulha, verificando se há bolhas, girando-a até a dose certa. Quando olho para Cara, seus olhos estão cerrados.

“Ei.” Acaricio seu rosto, passando o polegar sobre sua maçã do rosto até que seus cílios tremulem, seu olhar encontrando o meu. “Eu te protejo, querida.”

Ela acena com a cabeça, e eu me agacho entre suas pernas, beliscando sua pele delicadamente entre meus dedos, aplicando a injeção, mantendo seu olhar fixo nela enquanto ela inspira profundamente, com um tremor.

“Sua graça, mesmo quando a pessoa que a recebe não a merece.” Beijo a parte superior da sua coxa, sentindo Cara se amolecer sob mim, como sempre acontece quando lhe dou cinco razões pelas quais a amo. "Sua língua afiada quando você os coloca em seus devidos lugares."

Uma risadinha suave. "Eu adoro colocar as pessoas em seus devidos lugares."

"Não tenho certeza se eles conseguiriam sem você."

Retiro a agulha, descartando a ponta no recipiente para materiais perfurocortantes e massageando suavemente sua pele enquanto lhe dou mais três razões. "Sua devoção aos seus amigos, sua determinação mesmo diante das dificuldades e o jeito como você me ama, tão perfeitamente que eu sinto isso a cada segundo do dia." Ela aconchega minha cabeça em sua mão enquanto eu pressiono um beijo no local da sua barriga. "Você foi tão bem, meu bem."

"Vai ficar mais fácil algum dia?", pergunta Cara enquanto entrelaça seus dedos nos meus, me seguindo até a cama.

"A agulha? Acho que você vai se acostumar."

“Eu não quero”, ela admite baixinho enquanto deslizo sua calcinha pelas pernas e tiro seu sutiã antes que ela se aconchegue debaixo das cobertas. “Se eu me acostumar, significa que ainda estarei aceitando. E se eu ainda estiver aceitando...” Seus olhos azuis inquietos desviam o olhar de mim enquanto me deito ao lado dela, e ela engole em seco, mexendo na barra do cobertor.

“Olha para mim, Care. Não é fácil, eu sei. Tudo bem. A única coisa fácil na minha vida foi te amar. Eu passaria o resto da minha vida lutando, contanto que fosse por você que eu estivesse lutando.”

Seus olhos cansados se movem entre os meus, como se ela estivesse procurando a mentira, mas não a encontrará.

“Eu te amo”, ela me diz, as palavras baixas, mas tão certas, enquanto se aconchega em mim, desliza sua mão macia pela minha mandíbula e leva meus lábios aos dela.

"Não há nada neste mundo que eu ame como amo você", prometo enquanto a envolvo com meu corpo, segurando sua cintura enquanto ela se move sob mim, meus dedos deslizando por seus cabelos sedosos, juntando-os em meu punho enquanto arrasto minha boca por sua garganta, pintando sua clavícula com beijos molhados. Passo a língua sobre um de seus mamilos rígidos antes de mordê-lo delicadamente enquanto ela se arqueia contra mim.

“Foda-se”, ela sussurra roucamente enquanto eu sugo seu mamilo, dedicando-lhe atenção especial antes de passar para o próximo, deslizando minha mão entre suas coxas. Levo sua umidade até seu clitóris, circulando-o enquanto ela geme, meu pau duro e pressionado contra seu quadril.

“O que você quer, amor? Me diz.”

“Você. Seu pau. Eu quero você devagar e forte, tão fundo que eu sinta você quando você sumir.” Ela passa os dedos pelos meus cabelos, puxando meu rosto de volta para o dela, onde devora minha boca, sua língua lambendo a minha. “Me fode, Emmett. Me ama. Por favor.”

“Você sabe que não precisa pedir tão educadamente. Não há nada que eu ame mais do que te amar.”

Ela arfa, os quadris se elevando enquanto eu penetro nela, devagar e fundo, exatamente como ela quer esta noite. As pontas dos dedos pressionam meu queixo, levando minha boca até a dela. “Você faz isso tão bem.”

“A única coisa para a qual eu nasci.”

Minha palma desliza pela sua coxa enquanto ela entrelaça as pernas na minha cintura, se movendo contra mim enquanto eu a penetro o mais fundo que consigo. Meu aperto se fixa em seus quadris, mantendo-a onde eu quero enquanto a ponta do meu polegar percorre seus lábios carnudos — rosados, úmidos, implorando para serem provados, arrebatados. Afasto o cabelo do seu rosto para poder vê-la por inteiro, e ela vira a bochecha em direção à minha mão, como se precisasse do toque. Precisasse de mim.

Não temos muitas noites como esta — noites em que alimentamos o fogo lentamente, em que posso aproveitar o momento, saborear cada segundo, cada som que ela emite, e a sensação de tê-la se movendo contra mim enquanto nos elevamos cada vez mais. Cara e eu amamos como se fosse uma corrida. Como se estivéssemos prestes a ser despedaçados. É intenso e rápido, selvagem e indomável, e eu amo cada segundo disso.

Mas isto? O jeito como ela se agarra aos meus ombros, a respiração ofegante roçando minha clavícula, meu pescoço... A sensação das coxas dela me apertando com mais força, como se ela não suportasse nenhum espaço entre nós... Aqueles olhos, mais azuis que o céu e igualmente vulneráveis, ganhando vida como um show de fogos de artifício enquanto me encaram... Porra, não há nada melhor que isso.

"Você é tão linda", murmuro enquanto ela se aconchega mais alto, as unhas cravando nos meus bíceps. "Forte. Intensa." As paredes dela se contraem, puxando meu pau para mais fundo enquanto suas costas se arqueiam. Minha palma desliza sobre sua garganta, um toque suave que traz seu olhar embriagado de desejo de volta para o meu enquanto eu a penetro com força. "Minha."

Ela grita ao chegar ao orgasmo, puxando minha boca para a dela para que eu possa engolir o som. Eu o faço, ansioso e ávido, enquanto me enfio dentro dela, repetidamente, cada vez mais fundo, alcançando entre nós para acariciar seu clitóris, arrancando dela mais um orgasmo enquanto um arrepio percorre minha espinha e eu me esvazio dentro dela.

Passamos os próximos quinze minutos sob o jato quente do chuveiro, onde passo minhas mãos por todo o seu corpo, espalho seu xampu favorito em seus longos cabelos, sorrio enquanto ela modela o cabelo no topo da minha cabeça em um moicano e massageia seu sabonete facial preferido no meu rosto. Quando voltamos para a cama, puxo-a contra meu peito, me aconchegando ao seu redor, minha mão deslizando sobre sua barriga.

Cara leva minha mão aos lábios, depositando um beijo ali, acompanhado de suas palavras suaves. "Não quero que você vá embora na semana que vem. Não estou pronta para começar a me despedir de você de novo."

Dou uma risada cansada, porque desde que conheço Cara, nunca houve um único dia em que eu me sentisse pronta para dizer adeus, por mais temporário que fosse. E a cada fim de verão e a nova temporada de hóquei se aproxima, fica mais difícil me convencer de que estou fazendo a coisa certa.

Ainda faltam nove dias para eu embarcar naquele primeiro avião, mas com a nossa programação de pré-temporada, é bem provável que eu não esteja aqui quando os resultados da nossa segunda inseminação intrauterina chegarem, e eu nunca quis tanto ficar em casa.

"Nunca estou pronta para me despedir de você, Care. Penso em me aposentar a cada temporada só para não ter que ficar longe de você."

“Não”, ela debocha, e o jeito brincalhão como ela rebola contra meu pau me faz sorrir, porque cada momento em que ela não está se sentindo ela mesma me faz sofrer por ela.

“Eu amo sim. Você é a única coisa neste mundo que eu amo mais do que hóquei, e você ganha de lavada.”

Ela suspira, um suspiro baixo e satisfeito, enquanto puxa minha mão para sua barriga e se aconchega em mim. “Você é a minha lavada, Emmett. Tudo o que eu achava que sabia desmoronou quando nossos mundos colidiram. Então reconstruímos um mundo juntos, e eu finalmente entendi por que as coisas boas

precisavam acabar para que algo muito mais bonito pudesse ser construído em seu lugar."

Ela aperta minha mão na dela, e eu sinto o desespero, junto com a esperança, quando ela me diz: "Espero que possamos construir algo bonito a partir disso também."

Estou na minha segunda rodada de viagens de pré-temporada, meu terceiro dia seguido jogando pingue-pongue com a Cara, mas meu sétimo dia nos últimos nove. É tão ruim quanto eu me lembrava; nem mesmo a sequência de vitórias e os três gols que já marquei conseguem mudar isso.

A única coisa que faz tudo isso valer a pena são meus amigos, a maneira como eles, sem esforço algum, tornam tudo mais leve. Eu não sou alguém que anseia por tempo sozinho. Em vez disso, eu prospero quando estou rodeado pelas pessoas que amo, mas acho que é isso que acontece quando você tem a sorte de amar as pessoas que eu amo.

"São nove da manhã. Você não acha que é um pouco cedo para Oreos?"

Carter levanta os olhos da mesa em nossa suíte de hotel, onde está espalhando massa de biscoito comestível em cima de um Oreo. Ele coloca um segundo Oreo por cima, depois espreme um daqueles brownies pequeninos e — inacreditavelmente — finaliza com um terceiro Oreo. "Nunca é cedo demais para Oreos, Em." Ele ergue sua criação, radiante de orgulho, estranhamente me lembrando da vez em que nos apresentou a Irlanda pela primeira vez. "Ei, Len. Tira uma foto minha. Tem que ficar sexy." Ele dá uma risadinha. "Não que seja difícil."

Lennon suspira, se levanta do colo de Jaxon e pega sua câmera na bolsa. "Às vezes eu odeio ser sua fotógrafa oficial."

"É, eu entendo." Carter sobe na cama, se esparrama de lado, com a bochecha apoiada no punho, enquanto Lennon tira foto atrás de foto. "Imagino que seja difícil ser exposto a tanta beleza regularmente."

Lennon bufa enquanto transfere as fotos para o celular e as envia para Carter. Ele enfia a monstruosidade na boca — tudo, de alguma forma — gemendo, e começa a mexer no celular.

"O que você está fazendo?" pergunto enquanto mando uma mensagem para Cara. O exame de sangue dela era a primeira coisa que ela ia fazer hoje de manhã, e eu perdi

a ligação dela enquanto estava no banho. Estou irritada, principalmente comigo mesma, porque ela odeia agulhas e eu não estava lá para apoiá-la, nem mesmo por telefone. “Além de comer duas mil calorias em uma única mordida.”

“Ei, o Ollie está comendo por três, então eu também estou comendo por três. Se tem uma coisa que eu sou, é apoio.” Ele para de mexer no celular, com um sorriso irônico. "Não, espera. Estou comendo por quatro. Eu, os bebês e o Ollie, se é que você me entende." Ele levanta as sobrancelhas, irritado. "A buceta dela, caso não tenha ficado claro."

"Ficou cristalino", Adam responde com um suspiro.

"Tá bom, porque nunca se sabe com vocês. Às vezes as coisas simplesmente passam batidas. Enfim, vou postar minha foto e marcar a Oreo."

Abro o Instagram, atualizando o feed até que uma foto do Carter aparece, muito mais provocante do que qualquer foto de um homem de trinta anos precisa ser enquanto come um biscoito na cama.

O paizão mais sexy do mundo com o biscoito mais sexy do mundo. Só uma das muitas ideias que tenho para novos sabores. @oreo, me chama pra mais #oreo #mepatrocine #meame #meescolha #meconsidere

Lennon toma um gole do seu latte gelado. “Por que eles patrocinariam você, de todas as pessoas?”

Aponto para ela. “Pergunta de um milhão de dólares, Len.”

“Diga-me alguém que fale mais sobre Oreos do que eu, Lennon. Estou esperando.” Carter pisca de forma um tanto agressiva e inclina a cabeça para o lado. “Como eu imaginava. Você não consegue, né? Além disso”—ele nos mostra a tela do celular, rolando por uma lista enorme de anotações intitulada “Ideias Brilhantes de Carter para uma Parceria com a Oreo”—“eles vão querer ver isso. Provavelmente vale um milhão de dólares em ideias. E não é como se eu quisesse muito. Só um suprimento vitalício de Oreos, um sabor de biscoito personalizado e um biscoito com a minha cara.”

“Não estou pedindo muito”, murmura Garrett.

“Ei, quem não mira nas estrelas nunca chega à lua.” Ele aponta para nós. “Acho que essa é uma citação do Einstein.”

“Norman Peale”, diz Adam, suspirando e passando os dedos pelos cachos. “E você estragou tudo.”

Dou um tapinha na cabeça de Carter enquanto vou para o banheiro. “Nota 10 pelo esforço, amigão.”

Estou fechando a porta quando um telefone vibra e Lennon me chama. “Em, é a Care! Quer que eu atenda?”

Saio correndo do banheiro, me atiro na cama e pego o telefone da mão de Lennon. Todos se amontoam ao meu redor, sorrindo enquanto atendo a chamada de vídeo e rezo para que esta cama aguente o peso de seis adultos, cinco dos quais são atletas profissionais parrudos.

“Oi, querida”, digo com um sorriso enquanto todos cantam cumprimentos para Cara.

Só que ela está no chão do corredor, com as costas encostadas na parede e os joelhos dobrados contra o peito.

Saio da cama agora silenciosa e caminho em direção à porta enquanto os olhos vermelhos de Cara encontram os meus. Sinto um nó na garganta e meu peito aperta. Eu sei a resposta. Sei pela forma como meu estômago afunda como chumbo. Mesmo assim, pergunto. “Não?”

Ela balança a cabeça, uma única lágrima escorrendo lentamente pela sua bochecha, mais um pedaço do seu coração sendo arrancado de suas mãos.

"Não."

OceanofPDF.com

11 TODA VESTIDA DE BRANCO

Cara

Dois anos e meio atrás: Feliz aniversário; aqui está meu pedido de casamento

"ELES VÃO TRANSAR."

"É claro que eles vão transar, Emmett!" Me viro para ele assim que pisamos na varanda da frente da casa de Carter, trancando a porta atrás de nós. "Você acha que eu não sei disso? Eu vi o olhar do Ollie! Faminto por pau, era isso que aquele olhar dizia!" Me preparo para ir até o Uber que está esperando na entrada da garagem, mas meu salto escorrega no último degrau e eu grito. "Emmett! Eu vou cair!"

Ele dá uma risadinha irônica — está bêbado pra caralho — mas consegue me segurar com um braço em volta da cintura. Em vez de me colocar de pé, ele me levanta até a altura do seu braço, me carregando como uma bola de basquete até o carro, onde me enfia no banco de trás e entra atrás de mim.

"Eles vão transar na cama, vão transar no chuveiro, vão transar na varanda." Eu conto cada lugar nos dedos, e Emmett observa com o sorriso mais bobo do mundo, tentando pegar cada dedo antes que eu passe para o próximo. "Eles vão transar de todas as maneiras possíveis, e, francamente, eu ficaria surpresa se ele não estivesse com o pau enfiado na minha melhor amiga agora mesmo." Cruzo os braços sobre o peito, com os joelhos tremendo. "Devo ligar para eles? Eu vou ligar."

"Nãooo." Emmett se enrola em mim como um coala gigante. "Deixa eles em paz. Deixa o que tiver que acontecer. Deixa rolar. Deixa as coisas acontecerem. Deixa—"

"Entendi."

"Eu acho que eles combinariam bem", murmura Emmett, apoiando a cabeça no meu ombro. "Você não acha?"

Será que eu acho que Carter Beckett, mulherengo notório, arrogante e bobão, e Olivia Parker, professora inocente, minha melhor amiga, anjo, princesa, combinariam bem?

Viro a cabeça para o lado, fazendo beicinho para Emmett. “Acho mesmo.”

Ele se endireita de repente, com os olhos brilhando e batendo palmas. "Certo? Ela manteria o ego dele sob controle e ele a entreteria pra caramba!"

"Ele a faz rir tanto, não é? Adoro vê-la sorrir do jeito que ela sorri perto dele, e depois como ela imediatamente fica assustada porque percebe que ele a faz feliz, mas ela deveria odiá-lo."

"E ele é obcecado por ela, mas finge que não entende o porquê. Tipo, cara, você não consegue parar de pensar nela, comprou um presente de Natal para ela, a convidou para sua casa sendo que você nunca recebe garotas lá, e ela mal te dá bola, mas você vai fingir que não está completamente apaixonado? Fala sério."

“Emmett, eu amo o Carter com todo o meu coração, de verdade, mas aquele homem não bate bem da cabeça.”

“Você quer dizer que ele não é o mais inteligente da turma?”

“Não, eu jamais diria isso de alguém”, respondo com um sorriso irônico enquanto saio do Uber na nossa garagem, agradecendo imensamente ao motorista.

Emmett ri baixinho enquanto me segue até a porta da frente.

“Vamos ter que fazer um monte de amenizar a situação”, resmungo enquanto entro cambaleando e me jogo no banco do corredor. Só de pensar nisso já me dá arrepios.

Emmett se abaixa, tira meus sapatos de salto e se levanta, me jogando por cima do ombro. Talvez não seja a melhor ideia — tomei umas cinco doses de tequila a mais hoje e minha cabeça já estava girando. Agora estou de cabeça para baixo, balançando enquanto ele sobe as escadas correndo.

“Talvez tudo fique bem”, sugere Emmett. “Talvez o Carter se acerte de verdade e aprenda a ter um relacionamento sério, e talvez o Ollie dê uma chance de verdade para ele, e eles sejam pacientes um com o outro, e—”

Dou uma risada tão alta, tão irritante, que Emmett tem que parar na escada, se encostar na parede e se agarrar à minha bunda enquanto treme de tanto rir.

“Eu os impedi de se conhecerem por quase um ano inteiro”, digo fazendo beicinho enquanto Emmett finalmente me coloca na cama, nós dois rolando enquanto tentamos tirar a roupa um do outro. “Isso já é um milagre!”

“Você se saiu muito bem, querida.”

“É que ela é minha melhor amiga, e ele é seu melhor amigo, e a gente precisa que eles, tipo...” Faço um gesto de tesoura com as duas mãos, juntando-as à força.

Emmett levanta uma sobrancelha. “Tesoura?”

“Combinam perfeitamente! São como duas peças de um quebra-cabeça! Precisam se entender, e tenho medo que um ou os dois estraguem tudo se transarem.” Me jogo nos travesseiros, com uma mão na testa. “A gente devia ligar pra eles?”

“Não, meu bem. São adultos. Deixa eles resolverem. Além disso, nenhum dos dois vai atender agora mesmo. Eles com certeza estão transando.” Ele se apoia nos cotovelos acima de mim e me dá um beijo na ponta do nariz. “Só quero dormir abraçado a você.”

Dou um cutucão no bíceps saliente dele. “Como você consegue fazer isso agora? Você bebeu tanto que eu peguei você, o Garrett e o Adam escorregando pelo corrimão do porão.”

Ele transfere todo o peso para um braço, levantando o outro para flexioná-lo. “Músculos de sobra, meu bem.”

Me debato toda. “Me sinto como uma tartaruga que caiu de cara no casco e não consegue levantar.”

“A tartaruga bêbada mais linda que eu já vi.” Ele roça a ponta do nariz no meu antes de me dar um beijo suave e lento nos lábios. “Vamos dormir, meu bem.”

“Mas é seu aniversário.” Eu empino o lábio inferior o máximo que consigo. “Preciso te dar uma mamada de aniversário.”

“Você me deu uma mamada de aniversário no armário do corredor do Carter, uma hora atrás”, ele me lembra.

“Nunca se tem mamada de aniversário demais.”

Emmett ri, mas rola para o lado, me puxando para perto dele, onde me aconchego em seu corpo quente. "Teremos bastante tempo para isso depois de algumas horas de sono."

Passando a palma da mão sobre seu peito, fecho os olhos enquanto ouço as batidas rítmicas e felizes do seu coração abaixo da minha orelha. Combinam com as minhas. "Feliz aniversário, meu bem."

"Feliz Ano Novo, meu vaga-lume. O ano passado foi o melhor da minha vida porque passei com você. Mal posso esperar para passar todos os outros anos com você."

Meu rosto está quente quando acordo, o sol da manhã entrando pelas persianas abertas, acariciando minha pele. Sou um emaranhado de membros e cobertores enquanto me viro, estendendo a mão para sentir o outro lado da cama. Está vazia, mas geralmente está. Emmett sempre foi madrugador, algo que aprendi a amar. Como não gostar, quando pelo menos três vezes por semana meu alarme é substituído pela cabeça dele entre minhas pernas, me despertando com o carinho da sua língua enquanto ele toma sua refeição mais importante do dia?

Parece que ele pulou o café da manhã hoje, mas o cheiro de café por perto me diz que ele ainda está cuidando de mim do jeito que gosta. Me sento na cama e encontro uma caneca fumegante na minha mesa de cabeceira, ao lado de um bilhete.

> Bom dia, vaga-lume. Te conheci há um ano, no meu aniversário e no Ano Novo. Um novo ano, mas com você, parecia um novo começo. Tenho quase tudo que preciso e quero nesta vida, exceto uma coisa. Para o meu aniversário, vou tomar isso. Aproveite seu café e depois vá até o armário vestir seu pijama. P.S.: Você fica linda quando dorme.

"Que merda é essa?", murmuro para mim mesma, uma sensação de euforia crescendo no meu estômago enquanto olho do bilhete para o café e depois para o armário. Sinceramente — e eu nunca, jamais digo isso, mas — que se dane o café. Dou um gole — está perfeito — e pulo da cama, correndo para o closet. Sobre o pufe redondo e macio no centro do quarto, está uma camisola novinha em folha. Visto-a sem hesitar, admirando a seda rosa-clara, a fenda na frente da minha coxa direita, até o quadril, a renda cor de champanhe na barra e o decote em V profundo, as alças delicadas que se cruzam nas minhas costas. Há um roupão combinando, longo até o chão e lindo, e quando coloco as mãos nos bolsos, encontro outro bilhete.

> É doentio eu ter pensado em instalar câmeras aqui enquanto separava isso? A única coisa que eu amo mais do que te ver se vestindo é você. Aposto que você nem tomou o café como eu mandei, né? Sabe que meninas más são punidas. Na verdade, você apanha tanto que temos que guardar brinquedos na cozinha para estarmos sempre preparados quando surgir algum problema.

Já estou quase saindo pela porta em direção ao nosso quarto quando termino a última frase, parando abruptamente ao perceber que não escovei os dentes.

"Droga. Merda. Que bafo de manhã... idiota..." Eu coloco pasta de dente demais, me remexendo impacientemente na pia enquanto escovo os dentes por dois longos e tediosos minutos. "Hoje não, fio dental", grito por cima do ombro, deslizando para o corredor, com passos pesados na escada. "Hoje não!"

Eu realmente, realmente queria poder parar e apreciar o lindo café da manhã posta na mesa da cozinha. De verdade, eu queria. Em vez disso, vou direto para a gaveta onde guardamos alguns brinquedos.

Começou como uma brincadeira. Enchemos a gaveta de brinquedos do nosso quarto no dia em que nos mudamos e precisávamos de um lugar para o resto. Um dia, eu estava de mau humor e fazendo birra, como qualquer um faz, e Emmett perguntou se eu precisava que essa atitude me fizesse mal. Perguntei se ele conhecia alguém que pudesse fazer o serviço, e dois minutos depois ele me colocou no balcão da cozinha, meus pulsos amarrados às maçanetas do armário atrás da minha cabeça, joelhos dobrados e pés apoiados para que eu não pudesse me mexer, bem ali na nossa cozinha, e ele me provocou por quase duas horas antes de me deixar gozar. Eu solucei como um bebê. Foi uma experiência que mudou minha vida.

Enfim, já que me recusei a limitar minhas travessuras apenas ao quarto, Emmett brincou dizendo que deveríamos guardar alguns brinquedos em uma gaveta na cozinha.

Será que não poderíamos ter comprado uma gaveta maior para o quarto, você pergunta?

Cuide da sua vida.

Abro a gaveta com um puxão, ofegando ao encontrá-la vazia, exceto por uma calcinha branca, um plug anal vibratório branco com um diamante brilhante, uma venda de seda branca e várias gravatas de seda branca, além de outro bilhete.

> "Estou louco para te ver toda vestida de branco, vagalume." Vista a calcinha, porque eu sei que você não se deu ao trabalho de vestir nenhuma lá em cima. O resto? Você pode vestir depois. É a única roupa que você vai usar no meu aniversário. Você é a única estrela no meu céu, mas eu planejo encher o seu céu de estrelas hoje. P.S.: Sente essa bunda aí e tome café da manhã.

Resmungando, visto a calcinha antes de ir até a mesa, fazendo um drama extra para que ele possa me ouvir onde quer que esteja escondido. "Eu nem estou com fome!", reclamo, mas sorrio ao ver o prato: dois corações de morango nos olhos, um nariz de panqueca, duas fatias de bacon para o sorriso, bem crocantes, do jeito que eu gosto. Um balão de fala é desenhado com calda de chocolate, as palavras "me coma" saindo da boca de bacon. "Tudo bem", murmuro, passando meu bacon tostado na calda de chocolate. "Mas só porque você é fofo."

Devoro metade do meu café da manhã antes de subir correndo as escadas, esperando encontrar Emmett no quarto da frente, aquele que planejamos usar como berçário um dia. Mas ele não está lá. O quarto está tão vazio como sempre esteve, exceto por um livro que eu nunca tinha visto antes, bem ali na estante, ao lado da janela de onde olharemos as estrelas com nossos filhos.

Algo dentro de mim muda, desacelera. As borboletas no estômago ainda estão lá. Mas há uma certa quietude na minha cabeça agora, uma calma que me permite ouvir meu coração, a maneira como ele bate por Emmett, por esta vida que estamos construindo juntos, por um futuro que estamos transformando em realidade.

Sentando-me na janela, puxo o livro para o meu colo. Meu lábio inferior treme enquanto leio "Olhe para as Estrelas", uma história sobre um filhote de urso e sua mãe que embarcam em uma jornada impossível até o topo de uma montanha para pegar uma estrela, apenas para perceberem lá em cima que, mesmo sem a estrela, eles já têm tudo o que precisam em casa. Mas é a letra de Emmett na parte interna da capa, o bilhete que ele escreveu para uma pequena alma que ainda não conhecemos — é isso que me comove.

> Um dia, você estará aconchegado nesta janela, olhando para as estrelas lá em cima. Mamãe vai te abraçar, cantando para você sobre como elas brilham como diamantes no céu. E eu ficarei observando vocês duas juntas, sabendo com absoluta certeza… Se você e sua mãe fossem as únicas estrelas no meu céu, isso seria tudo o que eu precisaria. Com amor, Papai.

Enquanto enxugo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto, um bilhete cai da contracapa do livro.

> Eu soube que esta casa era nossa na primeira vez que te vi parada nesta janela. Você olhou pela janela como se estivesse olhando para o seu futuro. Como se você tivesse nascido para estar aqui, neste exato lugar. Foi do mesmo jeito que eu olhei para você na primeira vez que te vi. Do mesmo jeito que eu sempre olho para você. A jornada delas começou no sopé de uma montanha. A nossa começou há um ano, mas… me dê um desconto?

Guardo o bilhete no bolso e aperto o livro contra o peito, sem querer largá-lo enquanto desço as escadas correndo mais uma vez, pelo corredor, passando pela cozinha e pela sala de estar, parando bruscamente na porta do nosso pátio dos fundos. A base do Monte Fromme começa logo além do nosso quintal, um mar de pinheiros verdejantes cobertos de neve, uma visão que sempre me deixa sem fôlego. Mas quando calço os chinelos aconchegantes que me esperam e saio pela porta, não é a montanha no nosso quintal que me paralisa.

São os potes de vidro que marcam um caminho sob o pátio coberto, cada um cheio de rosas brancas e miosótis em tons de azul celeste e pervinca. São as velas brilhantes entre cada buquê, aquecendo-me em pleno inverno. É a lareira de pedra para a qual elas levam, a lareira coberta com mais das minhas flores favoritas, mais velas. As almofadas e mantas dispostas em frente ao fogo crepitante, convidando-me a aconchegar-me ali.

De repente, percebo que passei todo esse tempo correndo de um lugar para o outro. Que não parei, não tirei um momento para simplesmente... olhar ao redor. Aprecio onde estou agora, para onde a vida me levou, com quem estou passando esse tempo. Todas as maneiras pelas quais este homem demonstra seu amor, me banhando nele dia após dia.

Respiro fundo o ar fresco, úmido pela neve que cai a poucos metros de distância. Sempre senti que conseguia respirar melhor aqui. Mais profundamente. Sentia que este lugar clareava minha mente de maneiras que eu nem sabia que precisava.

Mas talvez fosse Emmett.

Uma respiração profunda. A mente clara. O coração calmo. Uma mão firme.

Sempre foi ele, não é?

Caminho lentamente pelo caminho de flores e velas, tirando os chinelos ao chegar ao fim, sentindo o calor dos cobertores sob meus pés enquanto paro em frente à

lareira, um bilhete final repousando sobre a lareira. Minhas mãos tremem enquanto o desdobro, e rio involuntariamente enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto.

> Cara, tenho tanta coisa para dizer. Inúmeras reflexões que não sei se algum dia conseguirei expressar em palavras. Pensei neste momento durante um ano inteiro e, no fim das contas, o que eu realmente quero dizer é... obrigada. Obrigada por ter me dado uma chance. Por abrir seu coração e me deixar vê-lo, aprendê-lo e abraçá-lo. Cuidar dele foi a minha maior bênção. Obrigada por estar disposta a ir à guerra por mim. Por me apoiar, me enxergar, rir comigo e chorar comigo. Graças a você, sei o que é ter certeza de que sempre haverá alguém ao seu lado. Obrigada por acolher meu coração, por segurá-lo com carinho e protegê-lo. Ele se sentiu em casa a cada passo do caminho desde que te encontrei. Obrigada por me mostrar o que significa ser corajosa. Ser ousada. Lutar pelo que se quer. Eu achava que era forte antes de você, mas agora sei: sou forte por sua causa. Sou quem sou por sua causa, Cara. Porque você me ama de maneiras que eu nem imaginava. Porque tudo fez sentido no nosso primeiro beijo. Porque encontrei um lar nos seus olhos, nos seus braços e no seu coração. Porque com a sua mão na minha, eu consigo respirar. Quanta sorte a minha!

"Não chore, vaga-lume."

O bilhete amassa nas minhas mãos enquanto eu solto um suspiro, me virando para encontrar Emmett ajoelhado, uma caixinha de veludo cor champanhe em suas mãos, um sorriso tão doce como sempre em seu rosto.

“N-não!” grito, enxugando as lágrimas que caem livremente pelas minhas bochechas, encharcando meu pijama novo. “Não me diga o que fazer!”

“Não? E quanto a tremer? Você está tremendo muito. Quer parar?”

Olho para minhas mãos, meus joelhos, para o jeito que tudo treme e oscila como se eu fosse meu próprio terremoto. “Eu... eu... eu...” Balanço a cabeça e choro ainda mais. “Eu não sei como!”

Emmett dá uma risadinha, um som lindo e suave como a neve caindo ao nosso redor. “Tudo bem, meu bem”, ele murmura, pegando minha mão esquerda com a direita, levando-a aos lábios e depositando um beijo em meus nós dos dedos. Quando seus olhos azuis encontram os meus, estão vermelhos e brilhantes.

“Ai, não!”, eu grito, jogando a cabeça para trás e batendo os pés. “Eu nunca vou conseguir parar se você começar também!”

“Tudo bem. Eu grito se precisar.”

Eu faço um som, uma mistura de riso e engasgo, e respiro fundo. “Continue.”

“Hoje completo vinte e oito anos, Cara, e juro por Deus, minha vida só começou há um ano, quando te conheci. Tudo o que eu quero é continuar vivendo com você. Acordar devagar, me deleitar com a sorte e a gratidão que sinto por ter o seu rosto como a primeira coisa que vejo. Trocar olhares no espelho do banheiro enquanto escovamos os dentes. Tomar café lado a lado no balcão da cozinha, nossos cotovelos se roçando. Rir com você. Aprender com você. Crescer com você. Caminhar por este mundo de mãos dadas para que eu possa te amar em voz alta. Deitar na cama com você todas as noites para que eu possa te amar em silêncio.”

Enxugo as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Emmett nem se dá ao trabalho de enxugar as suas.

Em vez disso, funga, abrindo a caixinha de veludo do anel e me mostrando o anel que pedi no dia seguinte ao nosso encontro.

Um diamante de três quilates com lapidação esmeralda, halo oculto e pedras de destaque em formato de pera, cravejado em ouro branco.

“Comprei um de quatro quilates”, ele murmura entre lágrimas. “Você é o tipo de mulher que merece quatro quilates.”

Dou uma risada, seguida de mais lágrimas. “É verdade.”

Emmett tira o anel da caixinha com a mão trêmula. Seus olhos encontram os meus, brilhantes e claros, um olhar firme que acalma o turbilhão do meu coração, e quando ele leva o anel até a ponta do meu dedo, sua mão permanece imóvel.

“Tudo o que eu quero é passar a vida te amando. Casa comigo, Cara. Por favor.”

OceanofPDF.com

12 SE O PÁSSARO CAGAR, EU VOU EMBORA Cara

A MAIORIA DAS PESSOAS OBSERVA O ROSTO DE ALGUÉM para conhecê-lo. Estudam suas expressões — se desviam o olhar quando dizem algo, mordem o lábio, coram. Eu? Eu estudo as mãos.

Elas ficam inquietas quando estão conversando com alguém novo ou sobre algo desconfortável? Será que elas batem com os dedos no apoio de braço quando são obrigadas a esperar, ou entrelaçam os dedos enquanto se inclinam para a frente, mais perto, pacientes enquanto escutam? Quão firme é a mão delas quando pressiona suas costas ou aperta seu ombro?

Aprendi muito sobre as pessoas observando suas mãos por alguns instantes, e agora, enquanto encaro as minhas, o tremor que parece ter ficado mais violento a cada dia que passa em nossa terceira e última rodada de inseminações intrauterinas... as minhas estão um desastre.

“E este?”

Aperto as mãos com força no colo, tentando afastar o nervosismo que não consigo controlar, forçando um sorriso no rosto enquanto olho para Rosie, parada no provador. Ela é linda, mas ela sempre é. Seu cabelo está mais comprido do que nunca, ondas mel deslumbrantes com reflexos rosa-dourados brilhantes, roçando sua clavícula. Ela está envolta em renda cor de malva, um vestido deslumbrante com um decote profundo e mangas caídas, cintura império que realça sua barriga crescente. Apesar da sensação no meu estômago, a forma como parece se contrair, o sorriso forçado no meu rosto desaparece, substituído por um sorriso genuíno.

"Você está linda, Rosie."

Ela sorri para mim, tímida e com as bochechas rosadas. "Você acha?"

Eu aceno com a cabeça. "É esse mesmo, querida. E olha só esses seios. O Adam vai pirar."

"Concordo," Lennon suspira, olhando ansiosamente para a barriga de Rosie. Seus olhos se arregalam e ela balança a cabeça. "Não. Não estou pronto para a paternidade. Ainda não."

Jennie bufa uma risada. "Garrett pegou Jaxon pesquisando gato no Google com ideias de sessão de fotos para recém-nascidos na outra semana no avião, então você pode querer transmitir isso ao seu marido."

Lennon revira os olhos. "Eu sei. Ele descobriu o Pinterest durante aquela sessão de pesquisa, e agora não consigo tirá-lo da porra do aplicativo. Mittens não está pronto para compartilhar os holofotes, no entanto. Honestamente, Jaxon não está pronto para compartilhar os holofotes." Ela franze a testa. "Eu também não acho que estou. Eu gosto de ser o centro de seu mundo."

"Isso não vai mudar", Olivia garante a ela, fazendo seu pequeno gingado de gravidez até Rosie enquanto ela bajula seu vestido. "Eu também tinha medo disso com Carter. Eu sei que às vezes me queixo sobre ele ser um pouco exagerado..."

Eu dobro meus lábios na minha boca, mas minha risada escapa. "Um pouco."

"Ok, muito exagerado. Mas a verdade é que adoro ser objeto de sua obsessão. Lembro-me de vê-lo segurar Ireland naquela primeira noite, do jeito que ele não conseguia tirar os olhos dela, como se não pudesse acreditar que algo tão bonito quanto ela existisse. Foi um sentimento tão avassalador para mim. Eu me apaixonei muito mais por ele naquele momento e, ao mesmo tempo, senti uma sensação estranha no peito, uma pontada de ciúme, quase. Que eu não seria mais dele." Ela funga, voltando sua atenção para Lennon. "Então ele se aproximou de mim com ela nos braços, rastejou para a cama e me puxou para o peito. ' Parece que meu coração ficou maior', disse ele, 'então eu teria espaço suficiente para vocês dois'. ”

Eu cheiro, forçando meu peito contraído a inflar. "Jesus, aquele homem realmente sabe o que dizer às vezes, não é?"

"Ele coloca o pé na boca com mais frequência do que posso contar, mas sempre aparece quando é importante." Olivia sorri. "Garotos como os nossos não se esquecem de como nos amar quando nossos minis aparecem. Eles apenas descobrem como abrir os braços um pouco mais, porque o mundo deles ficou maior."

Eu penduro minha cabeça enquanto uma visão do meu mundo dança na frente dos meus olhos. Há minha família, meus amigos, cada um com sua própria ninhada

crescente. E lá está Emmett, as mãos enfiadas nos bolsos, um sorriso largo no rosto enquanto ele olha para mim, como se eu fosse a única coisa que ele vê.

Mas então seu olhar se volta para trás, e o sorriso em seu rosto vacila, escurece lentamente enquanto ele observa nossos amigos com seus filhos. Seus olhos voltam para os meus, cheios de um desejo que sinto tão profundamente, e ele dá um passo à frente. Suas mãos saem dos bolsos, e eu tento não notar, mas mesmo na minha cabeça eu sinto o jeito que uma pousa na parte inferior das minhas costas. A maneira como treme.

E se Emmett já abriu os braços, um pouco de espaço extra esperando por algo precioso para ser enfiado dentro? E se eu nunca puder preenchê-lo?

"Ei." Olivia passa o braço pelo meu quando saímos da loja dez minutos depois. "Como você está?"

"Bom. Legal. Eu sou incrível."

"Uh-huh. Então, ei, me faça um favor?"

"É claro."

Ela me sorri, com aquele ar atrevido, cúmplice e totalmente típico da minha melhor amiga. "Para com essa besteira."

Dou uma risadinha, semicerrando os olhos para o céu. "Cansada. Meu cérebro está... cansado." Não sei explicar de outra forma o cansaço extremo que me consome. Ultimamente, passo a maior parte dos meus dias no escritório, conversando com fornecedores, com clientes, finalizando planos. Saio com as amigas uma vez por dia para uma caminhada fofoqueira, que na maioria das vezes é quando compartilhamos todas as coisas ridículas que nossos maridos andam fazendo e, ao mesmo tempo, sou obrigada a me exercitar. Os jogos da pré-temporada terminaram e Emmett está em casa há duas semanas. As coisas estão calmas, até o sexo, mas minha mente é uma bagunça completa. Pensamentos confusos que não consigo organizar, emoções desconhecidas que estou tentando entender e, para piorar tudo: angústia existencial.

Minha vida é uma teia de calendários de ovulação e exames de sangue. Injeções que deixaram meu torso manchado e com hematomas, e aquelas injeções de progesterona que me deixam desconfortável e com a calcinha molhada o dia inteiro. É pensar demais em cada pontada, em cada borboleta no estômago, pesquisar sintomas de gravidez no Google, vasculhar grupos de apoio online, ficar obcecada por vitaminas, por cada produto que passo na pele, trocar todos os nossos potes de plástico por vidro

e recusar recibos por causa dos níveis de BPA. Sou eu, arrancando os cabelos, procurando uma resposta, tentando de tudo, na esperança de que seja a única coisa que faça a diferença para mim, porque funcionou para outra pessoa.

Estou exausta, mas o mais exaustivo de tudo? A dor que vem com cada ciclo falho, mês após mês, e a sensação de que toda a esperança está se esvaindo do meu corpo. Só para eu conseguir encontrar um resquício disso no mês seguinte, para me agarrar à ideia de um milagre, lutar contra aquela sensação de euforia que vibra pelo meu corpo a cada teste de gravidez, como se desta vez eu realmente pudesse ver aquela linha rosa extra. Só para ter toda essa esperança arrancada das minhas mãos mais uma vez.

A esperança, diante da infertilidade, é de longe a emoção mais exaustiva, isoladora e devastadora que eu já senti.

E eu não desejaria isso nem para o meu pior inimigo.

Olivia entrelaça seus dedos nos meus, apertando-os com ternura. "Não posso fingir que sei o que você está passando, Care, mas quero que saiba que eu te vejo. Vejo sua força, sua determinação diante da sua luta, e te admiro. Mas você não precisa fazer tudo sozinha. Tipo, isso." Ela gesticula com a cabeça para trás na direção de Rosie, que caminha ao lado de Lennon e Jennie enquanto elas conversam sobre o chá de bebê que está chegando, aquele que eu insisti em organizar para ela, aquele para o qual ela acabou de comprar aquele vestido. "Se for demais, é só falar. Droga, você nem precisa dizer nada. É só piscar duas vezes e eu assumo o controle."

"Não é muito." Pode ser. É difícil, no mínimo. Mas Rosie nunca teve um chá de bebê quando teve Connor. Inferno, ela nem tinha o pai de seu bebê no maldito nascimento. Ela merece ser banhada, e eu quero que ela sempre tenha certeza de seu lugar nesta família. "Eu quero fazer isso. Para Rosie e Adam. Eu vou ficar bem. Mas obrigado por fazer o check-in."

Ela me estuda por um momento, depois acena com a cabeça. "Estou aqui, ok? Apoie-se em mim. Apoie-se em todos nós. É para isso que serve a família, Care. Você não precisa fazer isso sozinho."

"Mesmo que tudo o que você queira é alguém para sentar ao seu lado em silêncio", acrescenta Jennie baixinho, parando ao nosso lado no meu carro.

"Ou se você precisar gritar", diz Lennon. "Se você precisa chorar e quer que alguém chore com você."

Rosie envolve os braços em volta de mim, e o resto das garotas seguem. "Nós amamos você, Cara. Você sempre foi nossa rocha. Deixe-nos ser seus."

E eu faço. Paramos para almoçar em um pequeno café, e eles se sentam lá e me ouvem enquanto eu falo sobre as agulhas, as consultas de monitoramento do ciclo matinal e exames de sangue sem fim. Eles não me interrompem, mas ouvem com todo o coração, as mãos estendidas para apertar as minhas, descansar no meu ombro ou me puxar para o lado deles para um abraço.

Quando entramos na minha garagem no final da tarde, me sinto mais leve, um pouco mais como eu, e faz tanto tempo que não me vejo, quase não me reconheço.

A cena em que entramos pela porta da frente é... bem, é o que é, eu acho, porque esses meninos são quem são, e nós os escolhemos, ou o que quer que seja.

Ainda assim, eu deixo minha bolsa de pé, pavoneando-me pelo saguão, parando na beira da sala de estar, braços cruzados sobre o peito enquanto assisto a esse show de.

O show de é Garrett, nas costas de Emmett, gritando assassinato sangrento, seu rosto enterrado no cabelo do meu marido. Carter, rolando no chão da cozinha, tentando proteger o rosto enquanto Ireland e Connor o espancavam com as luvas de forno que usam, tão grandes que chegam até os ombros. Jaxon, com os braços estendidos na frente dele, correndo pela sala de estar em um colete de crochê horrível com seu nome e número nas costas.

Do que ele está fugindo?

Um pardal, na porra da minha sala de estar.

"Você deveria fazer um vídeo," Lily diz para Adam, que está descansando em uma cadeira com ela no colo. "Para mamãe e tia Cara e..."

"Você está certo, querida." Ele aponta seu telefone para os amigos que escolheu como família. "As meninas vão querer ver isso, e nós vamos querer assistir novamente nos próximos anos."

"Puta merda," Olivia murmura, parando ao meu lado.

"Não é o colete!" Jaxon grita enquanto o pardal mergulha, o bico estalando para ele. "Vovó fez isso para mim com seus ágeis dedos de anjo! É único!"

Lennon bate a mão no rosto dela. "Não os dedos ágeis de anjo."

Jaxon se joga no chão e Carter grita quando o pássaro vem em sua direção.

"Não o" - Ireland dá um tapa na cara dele com sua luva de forno - "bebês!" Ele agarra Connor e Ireland debaixo dos braços, entrando na sala de jantar. "Proteja-se!"

"Eu não posso ver!" Emmett grita, girando em um círculo com os braços de Garrett em volta de todo o rosto. "Garrett! Saia de cima de mim! Eu não posso ver!"

"Socorro!" Garrett grita enquanto Emmett o empurra de costas. Ele pousa com um baque no chão, os olhos arregalados fixos no pardal que parece estar olhando diretamente para ele, batendo as asas de uma forma bastante agressiva. Ele se levanta. "Socorro! Adam! Pegue! Pegue!"

Garrett corre para ele enquanto o pequeno pássaro assume o comando. Infelizmente, ele não vai muito longe.

Ele corre bem na porta do pátio, ricocheteando nela, aterrissando com um gemido patético.

Adam suspira, desligando o telefone. Ele e Lily vão para a ilha da cozinha, onde o pardal está empoleirado no encosto de uma cadeira, se arrumando. "Vamos, você," ele murmura, pegando o pássaro e abrindo a porta do pátio. "Não posso deixar você destruir meu time antes do nosso jogo de abertura em casa."

Eu entro na cozinha. "Alguém se importa em me dizer por que havia um pássaro na minha casa agora?"

Todas as cabeças se encaixam em mim e, honestamente, é meio doce que eles pareçam tão aliviados.

Emmett corre em minha direção, uma bagunça esgotada. "Cuidado, baby, foi Carter."

Garrett agarra Jennie contra o peito. "Acho que tenho uma concussão. Um boquete pode ajudar."

Jaxon coloca a mão sobre o peito arfante, os olhos arregalados em Lennon. "Aquele filho da puta quase pegou o colete da vovó, Len. Seu colete!"

"Eles não vão parar de me implicar!" Carter grita, correndo para Olivia, crianças a reboque.

Lily envolve os braços em volta da cintura de Rosie. "Você me viu, mamãe? Eu salvei o pássaro!"

Adam sorri, balançando para trás em seus calcanhares. "Você me viu? Eu era o maduro."

Lennon pega o telefone. "Adam, vou precisar que você me envie esse vídeo. Isso está acontecendo nas redes sociais dos Vipers imediatamente."

Os meninos uivam seu protesto, e eu vou até o armário para encontrar o desinfetante. Um braço forte envolve minha cintura, me puxando contra um peito quente e largo.

"Como foi o seu dia, linda?"

Eu inclino minha cabeça enquanto Emmett enche meu pescoço de beijos. "Foi muito bom." Virando-me, eu descanso meu quadril contra o batente da porta, a sobrancelha subindo enquanto meu olhar desce pelo comprimento do corpo de Emmett, em seguida, de volta para cima.

"Bem?" Ele balança as sobrancelhas. "O que você acha?"

Jesus foda-se, meu homem está pegando fogo em seu terno verde escuro sob medida - a maneira como ele abraça suas coxas grossas, se estende pelo peito da maneira certa.

Eu jogo meus braços em volta de seu pescoço. "Acho que quero entrar furtivamente no vestiário hoje à noite, cair de joelhos e engolir seu pau antes de cavalgar no esquecimento enquanto grito seu nome."

Um som gutural ressoa em seu peito, e algo cutuca meu umbigo enquanto os braços de Emmett me apertam. Ele me pressiona contra o armário, sua mão subindo para agarrar a prateleira acima da minha cabeça enquanto sua boca captura a minha. Ele fecha a porta atrás de nós com um puxão antes de enfiar a mão na minha calça, dois dedos deslizando sem esforço para dentro da minha vagina. "Jesus", ele geme, puxando a fivela do cinto.

"Emmett." Eu rio baixinho, empurrando-o contra mim. Ele circula meu clitóris, e minhas costas se arqueiam. "Não podemos", eu gemo, me movendo contra ele.

"Sua vagina diz o contrário, vagalume." Ele arrasta um beijo quente e molhado pela minha garganta, depois enterra suas palavras contra meus lábios. "Sua vagina diz que você precisa do meu pau. Deseja. Implora para ser preenchida com meu esperma." Ele tira o pau para fora, passando-o entre meus lábios, uma ação que ambos observamos com olhos semicerrados e famintos. “Quero meu esperma escorrendo dessa sua boceta gostosa enquanto eu estiver no gelo hoje à noite. Quero olhar para você e saber que você está molhada. Ver suas coxas se roçando e saber que você está reclamando de como se sente vazia sem mim.”

“Porra.” Jogo a cabeça para trás quando ele começa a penetrar em mim, mas então —“Espera.” Balanço a cabeça, com as palmas das mãos no peito dele, enquanto o

empurro para trás. “Não podemos. Hoje começa o período de cinco dias, lembra? Você não pode gozar.”

Emmett franze a testa antes de gemer. Ele tenta me alcançar novamente. “É só um dia. Vai ficar tudo bem.”

“Em, não.” Dou uma risadinha, afastando a mão dele. “Não quero arriscar. Esta é a nossa última inseminação intrauterina. Pode ser a última.”

Ele me observa por um momento antes de passar as mãos no rosto. “É. É, tudo bem. Você tem razão.” Ele ajeita as calças antes de fechar o zíper da minha calça jeans, o olhar baixo e os ombros caídos.

Segurei sua mão quando ele se virou para a porta. "Ei. Desculpe. Eu queria que pudéssemos."

Seus olhos suavizaram e ele me deu um beijo. "Não, não precisa se desculpar, vaga-lume. Às vezes, toda a racionalidade some da minha cabeça quando você está por perto. Me empolguei. Me desculpe."

Abrimos o armário e Lily nos encara do outro lado.

"O que vocês estavam fazendo no armário?"

MAIS TARDE, QUANDO OS MENINOS E Lennon foram embora, Olivia levou as crianças para a sala de estar, colocando um desenho animado sobre um cachorro azul com sotaque australiano enquanto elas se vestiam com as roupas dos Vipers dos pais, e eu borrifei desinfetante em todas as superfícies da minha cozinha. Felizmente, não parece haver nenhum cocô de pássaro. Isso seria a minha ruína. Precisaríamos nos mudar, e eu também precisaria de férias.

Passos pesados ecoam na escada, e eu levanto os olhos quando Natasha desce o corredor com o aspirador de pó na mão. Ela para bruscamente na entrada da cozinha, com os olhos arregalados fixos em mim. Ou melhor, em mim, enquanto limpo.

"Você está bem, Cara?"

Se eu estou bem? Que merda? "Ótima, Tash. Como você está?"

"Bem, uma das suas calcinhas ficou presa no aspirador. Estava embaixo da cama. Você deve ter jogado lá."

"Hum. Não, não fui eu."

"Bom, ela não foi andando até lá."

Sorrio enquanto esfrego a ilha da cozinha. "Emmett a deixou lá quando a tirou de mim ontem à noite."

Natasha me ignora, guardando o aspirador de pó. "Vou ao mercado comprar mais alguns produtos de limpeza. Precisa de mais alguma coisa enquanto eu estiver lá?"

"Não, acho que não." Bato no balcão, pensativa. "Na verdade, você poderia pegar um teste de gravidez para mim?"

Natasha para, arregalando os olhos para mim. "Você está—"

"Gosto de ter um à mão todo mês. Mas só um, por favor." Jogo o papel-toalha no lixo e lavo as mãos na pia. "Fazer vários testes me dá a sensação de estar apostando contra mim mesma. Se eu tiver um pacote com 24 do Costco, meu útero provavelmente vai encarar como um desafio usar todos." Não queria dizer isso em voz alta, mas o resmungo escapa mesmo assim. É praticamente impossível esconder as coisas da Natasha, já que ela está sempre por perto, mas o fato dela saber dos nossos problemas de fertilidade não torna mais fácil ser vulnerável com ela.

Rosie me dá um sorriso doce da sala de estar. "Basta uma."

"É, eu entendo." Natasha pega o spray de limpeza da minha mão, parando para apertar meu braço num gesto incomumente carinhoso. "Não consigo imaginar o quão difícil é se manter positiva todo mês. Apostar em si mesma diante de tudo o que você está passando. Sua força é realmente admirável, Cara."

Meu primeiro instinto é desconfiar, mas, para ser sincera, estou muito cansada. Dar às pessoas o benefício da dúvida é bem menos desgastante emocionalmente. Então, deixo as palavras atenciosas me afetarem, o canto da minha boca se curvando levemente. "Obrigada, Natasha."

Para falar a verdade, ela nem sempre foi tão ruim. Emmett a havia contratado alguns meses antes de nos conhecermos, e quando a conheci, ficou claro que ela tinha uma queda enorme por ele. No início, ela era gentil, talvez até um pouco excessivamente amigável. Mas, com o passar dos meses, à medida que ficou evidente que eu não era apenas uma distração passageira para Emmett, sua atitude mudou. Ela ficou com ciúmes, ressentida comigo, com as coisas que eu tinha e que ela desejava. E o ciúme é uma coisa amarga e feia.

Tenho me lembrado muito disso ultimamente, observando minhas amigas com seus filhos, com suas barrigas de grávidas crescendo. Senti mais ciúmes nos últimos

dois anos — e, consequentemente, mais decepção comigo mesma — do que em toda a minha vida.

Duas horas depois, quando estamos na arena esperando os meninos entrarem no gelo para o aquecimento antes do jogo de estreia em casa, ainda estou tentando afastar esse sentimento ruim, e é exatamente por isso que tento superar o ciúme de Natasha. Ela não quer se sentir assim — não entende por que se sente — e um dia, espero, ela vai descobrir como superar isso. Assim como eu vou superar o meu.

Um dia.

Espero.

"Irlanda, meu bem, vamos lá. Levanta, por favor." Olivia se endireita, bufando e enxugando a testa, salpicada de suor. Com as duas mãos nas costas, ela se arqueia e geme. "Mamãe não pode te segurar agora. Minhas costas doem."

Ireland grita, chutando o chão onde está esparramada há três minutos.

"Preciso sentar, Ireland. Você pode sentar comigo, mas a mamãe não pode ficar em pé te segurando."

Outro grito, mais movimentos bruscos.

Olivia se vira, passando a mão pelo rosto enquanto solta uma risada exausta e sobrecarregada. "Quer que eu a segure, mas preciso ficar em pé enquanto faço isso." Ela esfrega os olhos cansados. "Me explica."

"Eu quero o papai!", um choro irrompe mais adiante na fileira, onde Connor está curvado em uma cadeira, tentando alcançar Rosie e, ao mesmo tempo, afastando suas mãos com um tapa.

Lily se agarra a ela, com o rosto escondido em seu pescoço enquanto soluça. "Eu... eu... eu não quero que o papai vá... jogar hóquei de novo!"

"Eu sei, querida." Rosie suspira, fechando os olhos enquanto acaricia as costas de Lily, estende a mão para Connor, que solta um grito, contorcendo o corpo como se um demônio estivesse sendo exorcizado.

Sinto um toque no ombro e me viro para Craig, irmão de Emmett, que sorri de seu assento atrás de mim. "Viu? Não está feliz por não ter filhos?"

Sasha, sua namorada, revira os olhos dramaticamente e acena com a cabeça, olhando para os filhos, com os rostos enterrados em seus tablets. "Sinceramente, Cara, agradeça. Crianças são terríveis às vezes."

Craig afunda na cadeira. "Você não tem ideia da sorte que você e Em têm de não ter que lidar com isso."

Meu coração dispara de raiva e sinto uma náusea. Olho ao redor da arena, cheia de crianças. Crianças absortas em celulares e tablets. Crianças brigando por brinquedos. Crianças derrubando pipoca, se recusando a sentar, chorando copiosamente no chão.

E eu mataria por isso.

Eu trocaria tudo, qualquer coisa, para poder sentir meu filho crescer de dentro para fora. Para ter meu mundo inteiro em meus braços. Para vê-lo florescer e explorar, descobrir as coisas que ama e correr atrás dele o dia todo até as estrelas pontilharem o céu, quando podemos conversar sobre o nosso dia e sonhar com o amanhã. Para ajudá-lo a lidar com os sentimentos difíceis e indescritíveis, aprender juntos e sempre sair do outro lado. As coisas boas vêm junto com as difíceis; é assim que a vida funciona. E eu quero as coisas difíceis tanto quanto anseio pelas boas.

Não tenho sorte. Estou desesperada.

E, no entanto, enquanto vejo uma lágrima escorrer pela bochecha de Olivia, enquanto vejo Rosie se esforçando para se manter firme, e até mesmo enquanto vejo Sasha tentando, repetidamente, convencer seus filhos a largarem os tablets, sei que a luta deles é tão válida quanto a minha.

"Ei, você." Eu me agacho, tocando a mão de Ireland. "Quer dar uma volta?"

Ireland enxuga as lágrimas com os punhos pequeninos. "Andar?" Ela se levanta, as covinhas irresistíveis dos Beckett aparecendo quando sorri. "Andar! Eu ando! Mamãe?" Ela dá um tapinha na barriga de Olivia. "Eu ando!"

Pego a mão dela na minha, sorrindo para Connor. "E você, pestinha?"

Connor desce da cadeira, pegando minha outra mão. Lily levanta o rosto do pescoço de Rosie, fungando. Ela se levanta, mexendo na barra do vestido.

“Eu poderia ir com você”, ela sussurra. “Caso você precise de ajuda com o Connor e a Irlanda.”

“Ah, graças a Deus. Eu estava torcendo para que você viesse. Posso te contar um segredo?” Eu a chamo para mais perto, sussurrando: “Me sinto muito mais forte quando você está por perto.”

Os olhos castanhos escuros brilham, um rosa dançando em suas bochechas cheias. “Mamãe diz que eu sou super prestativa, e ser prestativa pode fazer as outras pessoas se sentirem mais fortes.”

Você é um anjo", Rosie sussurra para mim.

Olivia aperta meu braço, com um sorriso de gratidão no rosto. "Obrigada."

Eu sorrio para o senhor três assentos à frente, o quase avô de Carter e Jennie, e a voz da sabedoria que todos nesta nossa família precisaram em algum momento. "Você vem também, bonitão?"

Hank sorri, caminhando até o outro lado da fileira, segurando a mão de Lily quando ela a coloca na sua. "Você sabe que não consigo resistir a um tempo a sós com a mulher mais linda que meus olhos já viram — perdendo apenas para minha esposa, que descanse em paz."

Dou uma risadinha, revirando os olhos. Hank é cego desde os quinze anos. Com mais de oitenta anos, isso significa que ele nunca me viu de verdade. "Minha beleza transcende a visão."

"Como deveria ser. Porque a beleza vem de dentro." Ele toca o peito, depois a cabeça. "E aqui. E você tem um coração lindo e um cérebro igualmente lindo. Emmett me disse que você também é, ah, como era mesmo?" Ele coça a cabeça. "A coisa mais sexy que ele já viu. Tão sexy que às vezes ele fica te observando dormir porque tem medo de fechar os olhos e você desaparecer?"

Dou um sorriso para mim mesma enquanto caminhamos até a área reservada aos jogadores.

Passamos pelo corredor onde ficam os vestiários e chegamos ao grande espaço aberto onde os rapazes gostam de se aquecer. Está vazio, já que eles vão entrar no gelo em breve, exceto ali no canto, onde um dos nossos famosos brigões está com o fotógrafo do time encurralado na parede.

"Tio Jax!" Connor grita, correndo até eles.

Lennon se desvencilha dos lábios de Jaxon, mas ele agarra um punhado de seus cachos, puxando-a de volta para mais um beijo antes de Connor esbarrar neles, com Ireland logo atrás.

"O quê?" Hank olha em volta. "O que eu estou perdendo?"

Lily ri baixinho por trás da mão. "O tio Jaxon está beijando a tia Len."

Hank suspira. "Sempre perco as coisas boas."

Eu dou uma risadinha, empurrando-o pelo braço enquanto Jaxon e Lennon pegam as crianças no colo, enchendo-as de carinho. Eles serão pais incríveis um dia.

Engulo em seco, sentindo o nó na garganta. “As crianças só precisavam extravasar um pouco. Achei que estaria vazio aqui, mas—”

“Lennon não resistiu a tudo isso.” Jaxon suspira dramaticamente, passando a mão pelo peito orgulhoso. “Quem pode culpá-la? Praticamente me arrastou para cá.”

Lennon revira os olhos, pega o celular e lê uma mensagem. “Len, querido, onde você está? Vem me dar um beijo, por favor. Estou nervosa com o jogo. Por favor. Por favor. Por favor.” Seus olhos encontram os de Jaxon enquanto ela recita o final da mensagem. “Vou dançar aquela dança que você gosta para você hoje à noite.”

“Traidora”, ele murmura, jogando Lily nos ombros, com Ireland agarrada ao seu pescoço e a mão de Connor entrelaçada na sua enquanto começam a caminhar pelo corredor. “Vamos lá. Vamos dar um beijo de boa sorte nos seus pais antes do jogo.”

Cruzo os braços sobre o peito, olhando ao redor enquanto eles saem, mordendo o lábio inferior. Hank me dá uns trinta segundos de silêncio antes de começar a falar, o que é típico dele. Ele faz parte da vida de Carter e Jennie há quase dez anos, desde o dia em que o pai deles faleceu. No dia em que o conheci, ele se tornou uma presença constante na minha também. Ele tem um jeito de enxergar além de toda a hipocrisia, de ir direto ao ponto, de algo que você vem mantendo enterrado.

“Não vou perguntar se você quer conversar sobre isso, porque sua resposta será não. Você vai guardar tudo para si, porque você é que deveria ser a forte.”

Um risinho escapa da minha boca, sem qualquer humor, enquanto arrasto o chão com a ponta dos meus Louboutins verdes. "Nunca fui alvo da sua sábia sabedoria."

Ele dá de ombros. "Você nunca precisou dela."

Eu sorrio, mas o sorriso não chega aos meus olhos. Em vez disso, eles queimam, e eu os direciono para o teto, tentando afastar a sensação que quer me afogar, a fraqueza que mal consigo combater, me puxando cada vez mais para uma pessoa que eu não conheço. Uma pessoa em que eu não quero me tornar. "Disseram que deveríamos ser gratos por não termos filhos."

Ele acena com a cabeça. "Disseram mesmo."

"Que temos sorte de não ter que lidar com eles."

"Desculpe o palavrão, Cara — você sabe que eu não gosto de falar palavrão na frente de mulheres bonitas — mas eu realmente acho que eles são uns completos idiotas."

Uma risada abafada escapa. Antes que eu possa me controlar, as palavras que morri de vontade de gritar para o céu, dia após dia, escapam dos meus lábios, um sussurro torturado que queima minha garganta. "Por quê? Por que eu? Por que nós?"

Algo dentro de mim se contrai, e eu agarro meu peito, bem onde dói, desesperada para me manter firme.

"Por que meu corpo não responde?" Uma única lágrima escapa com essa frase, escorrendo pela minha bochecha. Eu a enxugo, furiosa comigo mesma. "O que estou fazendo de errado?"

As mãos de Hank encontram as minhas, apertando-as com força. Ele não consegue ver mais do que uma sombra de mim, eu sei, e ainda assim, o jeito como seus olhos percorrem meu rosto, a dor que brilha tão genuinamente ali, me convence de que ele vê tudo.

"Você não fez nada de errado", Hank me diz com uma certeza gentil. “Nada, Cara. Entendeu? Sei que não é a resposta que você quer ouvir, mas às vezes essas coisas simplesmente acontecem. Não há lógica, e isso é mais difícil do que se houvesse, porque você passa os dias buscando uma resposta que nunca vai ter. Isso vai te destruir. Vai te quebrar. Foi o que aconteceu com a minha querida Irlanda”, acrescenta ele, com a voz suave e triste enquanto pensa em sua falecida esposa, aquela que deu nome ao pequeno Beckett.

“Pensei que você tivesse optado por não ter filhos.”

Hank sorri. “Receio que não. Busquei a paternidade por anos. Quase consegui uma vez.” Seu queixo treme levemente. “Perdi a gravidez com 21 semanas. Um menino lindo e doce.”

"Oh, Hank." Eu enrolo meus braços em volta dele, mas é ele quem me segura. E lá em seus braços, os braços de outra pessoa que passou por isso, quem conhece a dor de cabeça... é aí que começo a respirar novamente. Eu não quero que ele se machuque, e eu odeio que ele tenha feito, mas neste momento, eu me sinto um pouco menos sozinha. "Sinto muito."

"Ainda me pergunto como nossa vida teria sido diferente. Eu teria feito qualquer coisa para consertar o coração partido da minha esposa, e parece um crime que este mundo nunca tenha visto uma mini versão dela. Mas eu tenho minha família. E você? Aqueles garotos lá atrás, vocês senhoras que me mantêm jovem, aquelas crianças...

bem, eu não trocaria você por nada. Você é a família com a qual Ireland e eu sonhávamos, e acredito que ela me deu tudo de vocês quando faleceu.

"Hank, que porra é essa?" Eu soluço, batendo nas minhas bochechas, esfregando o rímel sob meus olhos. "Minha maquiagem estava no ponto esta noite."

"Você não precisa de maquiagem, mas eu sei que você gosta, então sinto muito de qualquer maneira." Ele aperta minha mão. "Você não pode esquecer quem você é no meio disso. E você não está sozinho. Você e Emmett estão nisso juntos. Apoie-se nele. Ele quer ajudar. Ele quer entender, o melhor que pode, porque a verdade é que nunca entenderemos exatamente o que uma mulher que quer desesperadamente ser mãe está passando, não importa o quanto queiramos isso também.

Eu aceno com a cabeça, recuando para limpar rapidamente meus olhos enquanto risos e gritos enchem o corredor, os meninos entrando na sala com as crianças em seus braços. Emmett vem correndo por último, um gigante bonito e fodível em seu equipamento, sem fôlego e com os olhos arregalados enquanto olha ao redor da sala. Ele me vê e, assim como na noite em que nos conhecemos, seu sorriso de resposta detona em seu rosto. Começa em um canto, puxando para cima antes de se esticar, dividindo as bochechas, uma visão de pura felicidade. Esse sorriso pode mudar o mundo, tenho certeza disso.

Ele fecha o espaço entre nós em quatro passos enormes antes de me pegar contra seu peito, meus pés deixando o chão enquanto ele nos gira. Eu descanso minha testa contra a dele, fechando meus olhos e absorvendo a sensação de estar em seus braços enquanto eu coloco seu rosto em minhas mãos. O amor sem fim, o apoio, a força que parece fluir dele direto para mim.

"Firefly," ele murmura contra meus lábios, e eu capturo sua boca com a minha, cauterizando-o com uma promessa, um coração que sempre pertencerá a ele.

"Eu te amo," eu sussurro, e meu coração voa, um zumbido feliz e feroz no meu peito, porque ele sabe: Não há mais ninguém para nós além de Emmett.

OceanofPDF.com

13 UM PACOTE VITALÍCIO DE DIVERSÃO, OU AVARIAS, QUEM SABE Cara

A noite é um borrão de pura emoção, jogadores correndo, discos voando, luzes piscando e buzinas soando. Sou eu e Jennie batendo no vidro, gritando obscenidades para os árbitros. Olivia tapando os ouvidos de Ireland quando eu grito uma promessa de sexo oral enquanto Emmett corre em direção ao gol com o disco no taco, e ele se jogando contra o vidro bem na minha frente cinco segundos depois, comemorando seu gol. É uma pilha humana em cima de Adam quando o terceiro período termina com os Vipers vencendo por 3 a 1, crianças pulando para cima e para baixo por seus pais, seus tios, e eu, Olivia, Jennie, Rosie e Lennon gritando pelos nossos meninos.

É Emmett, recém-banhado, com os cabelos dourados úmidos e despenteados, irradiando felicidade enquanto sai do vestiário, gravata frouxa no pescoço, vindo direto na minha direção.

Sou eu, pulando em cima dele, envolvendo seus membros em volta do seu corpo diante de todas as câmeras, reivindicando meu homem ali mesmo na TV.

É a tensão sexual durante toda a viagem para casa, tão densa que é difícil respirar enquanto dirigimos no escuro, seus dedos subindo cada vez mais na minha coxa.

Quando chegamos em casa, entramos cambaleando pela porta da frente, um emaranhado de membros enquanto eu tropeço nele, sua língua na minha garganta. Ele ri, um braço forte me segurando pela cintura, me prendendo contra a parede, seu pau duro e grosso enquanto se pressiona entre minhas coxas. Ele segura meu queixo, apertando-o enquanto força minha boca a abrir, sua língua dentro. Seus dedos trabalham o botão da minha calça jeans, e ele rosna de frustração, caindo de joelhos para puxar o jeans apertado sobre meus quadris, deixando-o cair aos meus pés.

Ele me ajuda a tirá-la, tirando também a calcinha, mas mantendo meus saltos. Então ele me gira, pressionando meu peito contra a parede, agarrando minhas nádegas

com as duas mãos. Ele murmura em aprovação, um som sujo e gutural, antes de me abrir bem e me lamber por trás.

"Ah, porra", eu grito, as unhas cravando na parede enquanto rebolo. "Emmett, eu quero seu p—" Minhas palavras morrem, junto com meus sonhos, quando me lembro que dia é hoje. Jogo a cabeça para trás, fechando os olhos com força enquanto grito de frustração. "Nãooo. A gente não pode transar—"

"Não me importo", ele rosna, alcançando meu cabelo com o punho, me prendendo contra a parede. Sua língua desliza pela minha fenda, de volta ao meu cu, onde ele morde a carne suavemente entre os dentes e enfia dois dedos dentro de mim. “As regras dizem que eu não posso gozar, mas você não. Então você vai gozar, bem aqui nessa parede, cavalgando meus dedos e minha língua, e depois eu vou te levar lá para cima, te deitar na nossa cama e te mimar até você implorar para eu parar.”

"Mas..."

“Sem ‘mas’. A maldita polícia do gozo me colocou de castigo de novo, então eu vou te fazer gozar por nós dois, querida. Tudo bem para você?”

Seus olhos brilham com malícia enquanto eu o encaro, minha bochecha pressionada contra a parede fria enquanto ele move os dedos para dentro e para fora, me fodendo lentamente. Meu olhar desce para seu pau, marcando em sua calça, e eu gemo.

“Eu sei”, ele murmura. “Uma tortura, não é? Você tem uma boceta tão gananciosa, desesperada para ser preenchida pelo meu pau, não é?”

“Deus, sim.” Eu cavalgo seus dedos, arfando quando seu polegar pressiona minha bunda. “Sim, sim, sim.”

Emmett dá uma risadinha, um som escuro e excitante que me arrepia. Ele tira os dedos da minha vagina, envolve meu quadril com a mão molhada e enterra o rosto entre minhas pernas.

“Essa buceta é magnífica pra caralho. Vou passar o resto da minha vida devorando-a, sabendo que nunca houve um homem mais sortudo.”

Eu gozo aqui mesmo, agora, no instante em que essas palavras saem da boca dele. O orgasmo não termina, saindo do controle quando ele dedilha meu clitóris, enfia o polegar na minha bunda, a língua lambendo com voracidade. Quando ele finalmente se afasta, o rosto banhado pelo meu orgasmo, a fome ruge dentro de mim, e nossas bocas se encontram num frenesi.

Ele me ergue, minhas pernas em volta da sua cintura, gemendo enquanto eu deslizo minha boca pela sua garganta enquanto ele me carrega escada acima.

"Eu quero seu pau", murmuro, passando a língua pela concha da sua orelha. "Quero que você me force a ficar de joelhos. Quero suas mãos no meu cabelo, apertando-o com força enquanto você fode minha garganta. Quero que você amarre minhas mãos na cama e abra minhas pernas para que você possa pegar o que quiser."

"Você quer ser minha vadiazinha?", ele rosna, puxando minha cabeça para trás. "É isso que você quer?"

"Não há nada que eu queira mais neste mundo do que ser sua boa vadiazinha." Passo meu polegar pelo seu lábio inferior, recolhendo a umidade ali, os vestígios de mim. Eu o levo à boca antes de deslizar para longe do seu corpo, virando-me de costas, piscando os cílios enquanto o encaro por cima do ombro. "Que pena que você não pode vir."

Seus olhos escurecem enquanto ele me observa ir para o quarto, e eu rio, porque irritá-lo é metade da diversão. Em cinco dias, sua frustração reprimida e todas as minhas provocações garantirão que a transa de ódio me imobilize por pelo menos vinte e quatro horas, como qualquer boa transa de ódio deve fazer.

Virando-me, estendo a mão para a barra da minha blusa, mas paro. Meus pés derrapam até pararem na porta do nosso quarto, em cima do pacote na minha mesa de cabeceira.

"Care? Você está bem?" Emmett para atrás de mim, com a mão espalmada sobre minha barriga. "Nossa. É isso, um pacote vitalício?" Ele ri, o som um pouco desconfortável. "Meio que me deixando nervosa. Achei que você só comprasse um de cada vez?"

Meu pulso dispara. Sinto o sangue pulsando nos meus ouvidos.

Porque lá está, me esperando, o teste de gravidez que pedi para a Natasha comprar para mim na farmácia.

Só que em vez de um, são vinte e quatro.

EU NÃO USO UM.

Eu uso quatro.

Uso o primeiro nove dias depois da nossa terceira inseminação intrauterina, e quando dá negativo, dou risada, jogo no lixo e me lembro que eu sabia que daria negativo, porque é muito cedo para testar. Não há hCG suficiente no sangue nove dias após a ovulação para dar positivo em um teste de urina.

Na manhã seguinte, usei o segundo teste, mesmo com o Emmett me dizendo para não usar. Ele tentou me convencer com as mãos no meu corpo, mas eu disse para ele esperar, só cinco minutos, e aí eu ia surpreendê-lo, e deixá-lo excitado.

Mas aí passaram cinco minutos, e o teste não mostrou a segunda linha rosa que deveria estar lá, aquela que eu tinha me convencido de que estaria, porque eu não estava com nenhuma cólica menstrual, meus seios pareciam pesar uma tonelada, e eu chorei assistindo a um comercial do Tim Hortons sobre um garotinho que crescia tomando chocolate quente antes dos jogos de manhã cedo e que, eventualmente, chegou à NHL.

Não chorei por causa da única linha rosa. Não, em vez disso, hiperventilei e garanti ao Emmett que estava tudo bem, porque ainda era muito cedo e eu nem sabia por que estava fazendo o teste, tudo isso enquanto ria, como uma adulta madura e emocionalmente saudável. Então, tento impressionar Emmett de qualquer maneira, mesmo que ele me convença de que não preciso, sugerindo um passeio — afinal, é um lindo e quente dia de outono. Só que minhas mãos não param de tremer enquanto puxo suas roupas, e quando pressiono meus lábios contra os dele para que ele não perceba o tremor no meu queixo, ele segura meu rosto entre as mãos, afastando-o.

Olhos azuis e quentes me percorrem, e não tenho certeza se é a dor dele ou a minha refletida neles. "Você está chorando, vagalume", ele sussurra.

Balanço a cabeça, engasgando com um soluço enquanto seus polegares enxugam as lágrimas que caem livremente pelas minhas bochechas. "Não, não estou. Eu juro que não estou."

Uma combinação, concluo. A dor dele e a minha, naqueles olhos que amo, os que tudo veem. Num instante estou diante dele, seminua, tentando distrair a nós dois com sexo, e no instante seguinte sou envolvida por seus braços, agarrando-me a ele enquanto ele afunda a mão em meu cabelo e eu enterro meu rosto em seu pescoço, o tremor em seus ombros inconfundível enquanto ele chora junto comigo.

Prometo a ele que darei um tempo dos exames. Que esperarei os resultados do exame de sangue em dois dias, porque ele está viajando hoje por duas noites e não

suporta a ideia de eu passar por isso sozinha.

Passo pelo primeiro dia com facilidade, em parte porque estou soterrada em uma avalanche repentina de trabalho para o qual Shazia insiste que precisa da minha ajuda, apesar de eu ser totalmente capaz e felizmente independente em todos os outros dias, e em parte porque, quando procuro os exames no armário do banheiro, eles não estão lá.

No segundo dia, acordo cedo para fazer o exame de sangue e estou tão ansiosa e nervosa que a enfermeira erra minha veia na primeira tentativa. Emmett sorri gentilmente da tela do meu celular, onde ele está assistindo pelo FaceTime para que eu não precise tomar a injeção sozinha.

"Enviaremos os resultados por e-mail em algumas horas", diz a enfermeira com um sorriso sem qualquer vestígio de esperança, como se ela já soubesse a resposta.

Concordo em esperar até Emmett chegar em casa mais tarde naquela noite para ler o e-mail, e quando entro pela porta da frente, Natasha está descarregando as compras na cozinha.

Ela sorri para mim enquanto me conta sobre os potinhos de aveia que vai preparar para o café da manhã do Emmett, dando instruções detalhadas sobre a quantidade de leite a adicionar na noite anterior, como garantir que eu misture bem antes de colocar na geladeira, e para colocar rodelas de banana fresca por cima de manhã, porque é assim que o Emmett gosta. E eu nunca tive tanta vontade de dar um soco na cara de alguém.

Exceto talvez aquela vez em que dei um soco na ex do Lennon.

Eu adoraria dar um soco na ex do Adam também.

E na da Rosie.

Na da Jennie também.

Tá bom, eu poderia ser facilmente convencida a ser um pouco violenta com algumas pessoas.

"Ah, quase me esqueci." Natasha remexe em uma sacola de compras, cantarolando baixinho. "Eu sei que está quase chegando a sua vez. Você anda meio hormonal essa semana." Ela tira uma caixa azul da bolsa, apresentando-a para mim como se fosse um prêmio que eu tivesse ganhado.

Uma caixa de absorventes internos.

"É o suficiente para três meses", diz ela, enquanto coloca delicadamente a caixa em meus braços inertes. "Agora você não vai precisar de outro por um tempo. Eu sei como comprar absorventes te deixa chateada."

É assim que eu sei que estou me perdendo.

Porque a Cara Brodie que eu conheço, a versão de mim pela qual lutei, teria entrelaçado seu braço no de Natasha, falado com ela bem baixinho enquanto a conduzia para fora. Ela abriria a porta do carro de Natasha para ela e, quando perguntada o que estava fazendo, simplesmente sorriria e diria a Natasha que estava levando o lixo para fora.

Em vez disso, fico olhando para a caixa em meus braços por tempo demais antes de me virar, subir lentamente as escadas e colocar a caixa na bancada do banheiro. Passei o resto do dia ignorando todo mundo, mandando uma única mensagem para a Olivia para dizer que não estava me sentindo bem, que não ia conseguir ir à casa dela assistir ao jogo com as meninas hoje à noite. Ela me ligou na hora, e eu recusei a ligação antes de desligar o celular.

Consegui assistir ao jogo inteiro sem tocar no pote de sorvete que apareceu misteriosamente na minha porta, junto com Skittles, M&Ms e Milk Duds. Consegui assistir ao jogo inteiro com o celular queimando no meu bolso, implorando para eu checar aquele e-mail, para acabar com o meu sofrimento. Para me preparar para que, se eu tivesse que contar a pior coisa para o Emmett, que nossa última inseminação intrauterina não deu certo, que precisávamos partir para a fertilização in vitro, eu conseguisse fazer isso sem desmoronar.

Em vez disso, fui para a cama assim que o jogo terminou. Fiquei deitada lá por uma hora, depois duas, com as mãos na barriga, desejando que um bebê viesse à existência. Implorando para o meu corpo cooperar. Prometo a uma alma pequenina que cuidarei dela com todo o carinho, que jamais a decepcionarei se ela me escolher.

"Por favor", imploro, repetidamente. "Por favor, me escolha. Escolha-nos. Nós te amaremos mais do que qualquer pessoa jamais poderia, eu prometo. Por favor. Por favor. Por favor."

E então me arrasto para fora da cama. Reviro todos os armários do banheiro e depois da cozinha. Procuro no rack da TV e na lareira. Chego a procurar na maldita garagem, mas só encontro a caixa que procuro depois de revirar a gaveta de meias do Emmett.

Eu me curvo sobre a bancada do banheiro enquanto espero o corante passar pelo teste, e meu coração para quando o levo aos olhos.

"É uma linha?", sussurro, abafando o suspiro com a mão. "É uma segunda linha. T-t-t-tem duas linhas." Aproximo o teste, me convencendo de que vejo, a segunda linha bem fraquinha, e lágrimas de felicidade escorrem pelo meu rosto enquanto abro outro teste, mergulho a ponta no copo de xixi que ainda está na bancada por dez segundos antes de colocá-lo no chão onde me sento, com as pernas cruzadas, enquanto abro meu painel do Pinterest, aquele onde salvei todas as minhas ideias de como contar para o Emmett que ele vai ser pai, finalmente, depois de todo esse tempo e sofrimento. Meu nariz escorre por todo o meu rosto, as lágrimas caem livremente enquanto rio sozinha, a dor já esquecida.

E então olho para o segundo teste.

E tem... uma linha.

Só uma.

“Mas...” Pego o primeiro teste de novo, o sangue pulsando nas minhas orelhas enquanto procuro pela segunda linha. Aquela que estava lá há cinco minutos, eu juro por Deus. “Não, porque estava certo... Estava bem ali. Havia duas linhas. Eu sei que havia.” Me arrasto pelo chão, tentando alcançar meu celular novamente. Minhas lágrimas se transformam em raiva, a batida do meu coração fica violenta e implacável, até que é tudo o que consigo ouvir. O mundo ao meu redor desaparece, reduzido a dois testes de plástico e um e-mail esperando enquanto deslizo o dedo na tela do meu celular, procurando pelos resultados que não aguento mais esperar, aqueles que me corroem por dentro. “Havia duas linhas. Eu as vi. Eu as vi, porra.”

Encontro o e-mail, meus olhos marejando as palavras, os resultados. A maldita maldição.

“Não.” Meu peito sobe e desce tão violentamente que não consigo respirar. Tudo dói, quando há apenas um minuto nada doía. “Não. Não. Eu... eu... eu vi. Eu vi, porra!”

"Cara?"

Levanto a cabeça bruscamente e encontro Emmett parado na porta do banheiro, vestido com seu terno, sapatos ainda nos pés, os olhos percorrendo meu corpo, a bagunça no chão.

"Amor, o que foi?"

"Eu... eu... eu..." Meu queixo treme enquanto ele se aproxima, cauteloso, como se tivesse medo de me assustar. Mas sou eu quem está com medo. Medo de uma vida sem ele. Uma vida que nunca, jamais, pareceu uma possibilidade. Até agora.

Eu falhei com ele. De novo, de tantas maneiras. Fazendo os exames, olhando os resultados de sangue sem ele. Não conseguindo engravidar. Tendo um útero inútil que não consegue fazer a única coisa que deveria fazer.

Eu falhei com ele.

Com as mãos trêmulas, mostro os testes, tentando engolir o medo e a dor. "Eu... eu fiz este, e..." Mostro a ele o primeiro, apontando para a tela enquanto as lágrimas caem com mais força e rapidez. "Havia uma segunda linha. Havia, eu juro." Me apresso para trocar os testes, deixando ambos caírem, e me jogo no chão para pegá-los. Mostro o segundo, observando os olhos de Emmett se fecharem diante do tremor violento na minha mão. "Então eu fiz outro, mas... não... só tinha..." Balanço a cabeça, com tantas lágrimas que mal consigo enxergar através delas, enquanto aperto os testes contra o peito, procurando meu celular às apalpadelas. Mostro-o a ele, ainda aberto no e-mail, mas ele não pega. Não lê.

Em vez disso, ele cai de joelhos diante de mim, arrancando os testes da minha mão e colocando meu celular de lado.

Sem dizer uma palavra, ele me puxa para o seu colo, me envolve num amor tão terno, tão seguro, e pela primeira vez na vida... não tenho certeza se sou digno.

Quando ele treme sob mim, quando suas lágrimas se misturam às minhas, encharcando meu pescoço, eu me despedaço.

E grito as únicas palavras que consigo encontrar.

“Me desculpe. Me desculpe muito.”

OceanofPDF.com

14 ESQUECENDO COMO NADAR

Emmett

Pensei muito na criança que, um dia, me chamará de Papai. Aquela que é para mim e para Cara.

Observei minha esposa enquanto ela dormia ao meu lado e rezei a Deus para que nossa filha tivesse as sardas delicadas que pintam suas maçãs do rosto, a curva do seu nariz.

Sempre me fascinou a forma como ela se ilumina ao falar e desejei que nosso filho herdasse sua paixão, o fogo que parece nunca se apagar em seus olhos.

Já fui agraciada com seu sorriso, tão deslumbrante, capaz de me fazer cair de joelhos, e imaginei uma versão mirim dela para a qual eu não conseguiria dizer não, não quando ela exibisse aquele mesmo sorriso, me conquistando completamente.

Admiro seu coração, a maneira como ele se dedica incansavelmente a perseguir seus sonhos, a apoiar as pessoas que ama, e passei noites em claro, rezando para que nosso filho tivesse a mesma determinação, o mesmo amor infinito.

Cara representa tudo de melhor em mim. Sei que ela também representará tudo de melhor em nosso filho. E passei muito tempo pensando nisso.

Mas agora... agora meus pensamentos estão em outro lugar. Em algum lugar profundo e sombrio. Um lugar que detesto ir.

Eu sabia que os tratamentos de fertilidade seriam difíceis. Que testariam nossa paciência, nos esgotariam física e mentalmente. Nós enfrentaríamos dificuldades juntos, mas sairíamos mais fortes do que nunca, porque nossa base é sólida como uma rocha. Cara e eu somos almas gêmeas. E quando você tem um ao outro... você é imbatível.

Pelo menos era o que eu pensava.

Mas enquanto estou sentado em frente à minha esposa em nossa cafeteria favorita, uma hora após a coleta de óvulos para nossa primeira tentativa de fertilização in vitro,

incapaz de desviar o olhar dela enquanto ela encara a fria chuva de novembro pela janela, percebo claramente que meus únicos pensamentos são sobre protegê-la.

Porque isso está destruindo-a. Esmagando-a. Acabando com ela.

E eu não posso mais ficar parado assistindo a isso acontecer.

A verdade é que nada disso importa se eu não tiver a Cara. Não há mais ninguém com quem eu faria isso. É ela ou nada, e tem sido assim desde a primeira noite em que a vi. E eu... não tenho certeza se quero mesmo um bebê se isso significar potencialmente perdê-la.

Meu Deus, só de pensar nisso já me dá ânsia de vômito.

Estendendo a mão por cima da mesa, cubro a dela com a minha. Ela acaricia meu polegar com o dela, mas seus olhos não se desviam da janela.

"Cinco ainda é um bom número, meu bem", murmuro.

Seus olhos piscam. "O número ideal de óvulos coletados em uma punção folicular é quinze, Emmett."

Eu sei. Li os folhetos, os malditos livros. Ouvi cada palavra que saiu da boca do médico, das enfermeiras também, e passei voos inteiros mergulhando no buraco negro da infertilidade no Google, no meu laptop.

Mas cinco é melhor do que nada, certo?

“Acho que cinco é melhor do que nada”, sussurra Cara. “Para alguém como eu.”

Ela desvia o olhar da janela, apenas para voltar a olhar para o seu latte enquanto solta a minha mão e puxa a caneca para mais perto. “Eu simplesmente não entendo, sabe? Eu tinha vinte e três folículos; como posso ter apenas cinco óvulos?” Ela balança a cabeça, um risinho sem qualquer traço de humor escapando de seus lábios. “Não entendi absolutamente nada disso.”

A campainha da porta tilinta quando ela se abre, e os olhos de Cara se voltam para a mulher que entra, empurrando um carrinho com um bebê dentro e uma criança pequena pendurada atrás. O menino pula do carrinho, gritando por chocolate quente, um biscoito e um muffin, e quando ela lhe diz que ele só pode escolher uma guloseima para acompanhar a bebida, ele se joga no chão, esperneando e gritando.

A mulher suspira, saindo de trás do carrinho de bebê, e sinto um aperto estranho no peito ao ver sua barriga redonda. Deve dar para a mesma época que Rosie e Olivia, se eu tivesse que chutar.

O olhar de Cara volta para o seu latte, e ela aperta a caneca com mais força.

A mulher nos dá um sorriso nostálgico. "Nossa, almoçar sozinha? Que inveja. Não me lembro da última vez que tive um pouco de paz e sossego."

Forço uma risadinha, mas Cara não se dá ao trabalho, seu olhar cheio de saudade enquanto percorre a mulher e sua família crescente.

A mulher sorri para mim. "Filhos?"

"Como assim?"

"Vocês têm filhos?"

"Ah. Não, nós..." Passo os dedos por baixo do meu gorro, coçando a têmpora. "Não temos filhos."

"Nossa, que sorte. Digo para todas as minhas amigas que estão pensando em ter filhos para pararem." Ela ri, e o queixo de Cara treme. “Noites em claro, madrugadas, e nem me fale do barulho. Nunca para.” Outra risada, e eu sei que ela está só brincando, mas quando ela pergunta: “Quer trocar de lugar?”, meu peito aperta tanto que eu pressiono os nós dos dedos contra ele para distrair da dor.

E Cara? Juro que vejo o último resquício de sua alma deixar seu corpo enquanto ela morde o lábio inferior trêmulo, olha pela janela e enxuga a única lágrima que escapa antes que ela possa impedi-la.

“Eu sei que você só está puxando conversa”, começo suavemente, “mas da próxima vez que pensar em dizer a alguém que ela tem sorte de não ter filhos, sugiro que se lembre de que você não faz ideia do que a outra pessoa está passando.” Pego a mão de Cara, puxando-a da mesa, aconchegando-a no casaco enquanto sorrio para a mulher, cujas bochechas coram de arrependimento. “Você tem uma família linda. Você é muito sortuda.”

Cara se agarra à minha mão enquanto caminhamos em direção à porta, mas uma voz suave nos impede de sair.

“Com licença.”

Olhamos para a mesa ao lado da porta, onde uma mulher cansada está sentada com os olhos vermelhos, o cabelo preso no alto da cabeça e um bebê dormindo em seu colo. Ela sorri para nós, o rosto gentil e repleto de... empatia. Muita empatia.

“Eu só queria agradecer”, diz ela baixinho. “Durante quatro anos, tive que ouvir isso, desejando ter coragem para responder. Sempre havia alguém dizendo para mim e para o meu parceiro que éramos sortudos. Que deveríamos ser gratos pela nossa casa limpa, pelo nosso sono ininterrupto. Por todas as férias que podíamos tirar porque

não tínhamos compromissos.” Ela funga, mas seu olhar não vacila. “Estou cansada. Minha casa está uma bagunça. Não sei se algum dia conseguiremos ter uma lua de mel de verdade, e a depressão pós-parto ainda está me destruindo seis meses depois.” Ela dá de ombros. “Não me importo. Eu sempre trocaria tudo por ela.” Ela olha para a filha, acariciando sua bochecha, antes de voltar a nos encarar. “Desculpe. As pessoas são insensíveis, e a maioria delas não pensa antes de falar. E, sinceramente? Se elas não passaram por isso, simplesmente não conseguem entender o quanto isso destrói você. Não completamente.”

Ela estendeu a mão, segurando a de Cara enquanto outra lágrima escorria pela bochecha da minha esposa, seguida rapidamente pela lágrima que rolava pela bochecha dessa estranha. "Espero que sua jornada a leve aonde você quiser ir e que encontre paz ao longo do caminho."

ELA ESTÁ SE ESFORÇANDO TANTO; eu consigo ver. Cada grama de força que Cara demonstra nos dias seguintes, em cada atualização da clínica, em cada ligação da avó para saber como ela está, no tempo que ela se força a passar fora de casa, exibindo um rosto feliz e esperançoso para as meninas, as crianças.

A ligação no dia seguinte para nos contar que quatro dos cinco óvulos estavam maduros e que todos os quatro foram fertilizados com sucesso. A maneira como ela lutou para equilibrar a fé eufórica com a necessidade de não criar falsas expectativas.

Mais tarde naquela noite, eu disse que não queria deixá-la enquanto hesitava no pé da escada do avião, desejando poder ficar com ela em vez de voar para Boston. Ela me apertou com tanta força, um sorriso nos seus lábios carnudos e beijáveis, um "eu te amo" enquanto prometia que ficaria bem. E, no entanto, senti o deslizar úmido da sua palma na minha nuca. Vi o medo, mal disfarçado, brilhar no seu olhar enquanto me observava partir.

No terceiro dia, ela ligou para me dizer que um dos nossos embriões havia parado de se desenvolver. Deu de ombros como se não fosse nada demais. Mas eu observei o jeito como ela fazia caretas, o jeito como engolia em seco, repetidas vezes. Observei como seus pensamentos divagavam, como ela balbuciava um pedido de desculpas constrangido atrás do outro, cada vez que se pegava me pedindo para repetir o que eu tinha dito.

Agora, no quarto dia, depois de uma derrota na prorrogação, a única coisa que eu quero fazer é ir para casa, me jogar na cama e abraçá-la forte, sentindo que ela ainda está aqui. Que ela ainda é ela, eu ainda sou eu, e ela ainda é minha. Eu sempre serei dela.

Sra. Brodie: Que derrota difícil, meu bem. Você jogou muito bem. Mande um beijo para o Adam por mim, sei que ele está sofrendo muito com essa derrota. PS: E essa sua bunda de jogador de hóquei nessas calças hoje à noite??? Um arraso. O Len sempre consegue fotos incríveis para as garotas.

Solto uma risada, mostrando a mensagem para Lennon enquanto caminhamos para o bar do hotel.

Ela sorri. "Legendei a foto com 'Propriedade da Cara Brodie' e as meninas ainda enlouqueceram nos comentários. Que audácia, viu?"

Volto a olhar para o meu celular.

Eu: Vai ficar acordada por um tempo, querida? Quero te ver. Sra. Brodie: Vou te esperar. Também quero te ver. Eu: Vou indo.

Ela responde imediatamente, insistindo para que eu fique e me divirta, em vez de voltar correndo para ela. Ignoro a mensagem, juntando minhas coisas e ajeitando a gravata. "Ei, vou subir. Não estou com fome."

O olhar de Adam encontra o meu. "Tudo bem?"

"Sim, só quero ver a Care. A transferência do embrião é amanhã de manhã." Suspiro, passando os dedos pelos cabelos. "Odeio não poder estar com ela."

Lennon segura meu antebraço delicadamente, a preocupação transbordando em seus olhos. "Como você está? Ficar longe dela enquanto tudo isso acontece deve ser muito difícil."

"É mais difícil do que eu imaginava." Passo a mão na nuca, os músculos tensos e doloridos. "Não podemos simplesmente parar só porque eu não estou na cidade. Temos que continuar, e eu estou..." Abaixo a cabeça, a admissão baixa, rouca. "Cansada. Estou cansada, e odeio estar cansada quando não sou eu quem está sobrecarregando meu corpo com hormônios todos os dias, me arrastando para

consulta após consulta, fazendo exames de sangue cem vezes por mês..." Balanço a cabeça. "Eu não tenho o direito de estar cansada."

Carter balança a cabeça. "Não sei como dizer isso sem parecer grosseiro, mas, cara, estamos cansados." Ele gesticula ao redor da mesa, todos os rostos me observando. “Estamos cansados de só observar vocês dois. De ver tudo o que vocês estão passando, tudo o que vocês não deveriam estar passando.”

Adam concorda com a cabeça. “O jeito como vocês estão se dedicando a isso com todas as suas forças.”

“Criando expectativas só para serem frustradas de novo”, acrescenta Garrett em voz baixa.

“Nos perguntando por quê”, murmura Jaxon. “Por que vocês dois, se vocês merecem tanto? Nos perguntando quando será a vez de vocês.”

Lennon olha para o celular, para uma sequência de mensagens entre ela e as meninas — o grupo de bate-papo que elas carinhosamente apelidaram de "Turma da Coochie: A Câmara Secreta". Nome escolhido pela minha esposa, eu sei, e ainda assim, a tela que vejo mostra que ela mal responde com mais de uma palavra ultimamente.

Quando Lennon olha para mim, há uma preocupação profunda gravada naqueles olhos castanhos. "Ver nossas melhores amigas passando por algo tão impossível e simplesmente... não saber como ajudar." As palavras falham em sua garganta, e ela pisca para afastar as lágrimas, desviando o olhar quando a mão de Jaxon encontra suas costas. "Desculpe. Me desculpe. Não se trata de nós. Só queremos ajudar, e não sabemos como."

Aperto seu ombro, engolindo em seco para conter a emoção que me sufoca. A mesma emoção que vejo refletida em cada olhar nesta mesa. Mas a verdade é... eu também não sei como ajudar. Eu costumava pensar que só estar lá já era o suficiente. Eu, alto e firme ao lado de Cara. Sempre foi o suficiente, porque ela nunca precisou de um cavaleiro de armadura brilhante. Ela sempre se salva sozinha.

Mas agora... agora eu me sinto como se estivesse na beira da água, vendo-a se afogar, e eu não sei nadar. Não sei como salvá-la.

Vou tentar mesmo assim. Me jogar de cabeça na água e dar um jeito. Porque eu não vou deixá-la afundar.

"Vocês já fazem o suficiente", digo a todos, as palavras baixas, mas firmes. "Vocês estão aqui, dia após dia. Nunca duvidamos disso." Dou de ombros, me levanto e saio da cabine, jogando minha jaqueta sobre o braço. "Acho que não há mais nada que vocês possam fazer por nós. Nós só... nós temos que superar isso." Consigo esboçar um sorriso. “Eu sei que pode não parecer agora, mas... sua presença significa mais do que tudo. Mensagens perguntando como ela está, ligações perdidas, os lanches favoritos dela na varanda quando ela não está a fim de conversar... são essas coisas que nos fazem sentir amados. Que nos lembram que não estamos sozinhos. Então, simplesmente... não pare. Não pare de aparecer.”

Cinco minutos depois, no meu quarto, aperto o botão do FaceTime ao lado do nome da Cara. Toca por tanto tempo que tenho medo de que ela não atenda, mas então a chamada de vídeo conecta enquanto eu acendo o abajur.

“Vaga-lume.” Sorrio ao ver o rosto dela na tela, os olhos cinza-azulados cansados me encarando enquanto puxo as cobertas e me deito na cama. “Oi, meu bem.”

Caramba, ela está exausta. Dá para ver nas pálpebras caídas, nas olheiras. Mesmo assim, o sorriso que ela me dá é pura magia. Às vezes, acho que me ver a traz de volta à vida, da mesma forma que acontece comigo quando a vejo. Não consigo olhar para ela sem me lembrar de que meu coração continua batendo forte no peito por ela e somente por ela. É aquele tum-tum constante que acelera quando ela está no meu campo de visão, como eu nem percebia meu coração antes, antes dela, e agora é a única coisa que consigo ouvir.

Ba-. Ba-. Ba-.

"Oi, baby," ela sussurra na escuridão, e a mais de cinco mil quilômetros de distância, eu sinto a maneira como suas palavras beijam meus lábios, rolam pelo meu pescoço, deslizam pela minha clavícula e se pressionam direto no meu coração.

Ba-. Ba-. Ba-.

"Eu sinto sua falta."

"Eu sinto tanto a sua falta," ela admite, os dedos enrolados em torno dos cobertores que ela segura contra o peito enquanto seu olhar desliza para a direita, onde eu normalmente estou enrolado em torno dela. "Mais do que eu acho que já fiz."

Meus olhos passam por ela, cabelos loiros escuros molhados e penteados, retos até as pontas, onde se enrolam em um único anel, encharcando sua camisa azul. A menos que tenhamos terminado nossa noite juntos no chuveiro, Cara nunca vai para a cama com o cabelo molhado.

Eu inclino minha cabeça, sorrindo para o logotipo do Vipers Hockey em seu peito, o 88 no punho de sua manga muito grande. "Você está usando meu moletom."

Cavando mais fundo no meu suéter, ela mergulha o nariz no pescoço dele. "Cheira a você."

Ba-. Ba-. Ba-.

"Me faz sentir como se você estivesse aqui comigo, em vez de... não." Seus olhos caem. "Eu não quero mais ficar sozinho, Emmett."

Meu coração derrapa até parar. "O quê?"

Ela balança a cabeça, os olhos fechados como se ela se arrependesse das palavras. "Desculpe. Não faz mal. Isso foi... Não sei por que disse isso. Eu sei que você tem que... que você tem que ir. Eu sou apenas..." Ela balança a cabeça novamente, e eu não sei o que me mata mais: o fato de que ela não vai olhar para mim ou que ela não vai falar comigo. "Deixa pra lá."

"Não, não importa. Fale comigo, Care. O que está acontecendo na sua cabeça agora?"

Ela ri, a exaustão tão palpável que raspa meu peito. "O que não está acontecendo na minha cabeça agora? Nunca mais para, apenas uma sequência de pensamentos após a outra, caindo em um buraco dos piores cenários, até que estou preso em um poço sem escada, me afogando. Ela engole, mexendo nas cordas do meu moletom. "Desculpe. Isso foi... muito."

"Nunca se desculpe por me dizer como você está se sentindo. É o que devemos fazer, confiar um no outro. Você está seguro para fazer isso aqui."

Sentando-me ereto, eu respiro fundo, suas palavras rolando na minha cabeça. A transferência de embriões é a primeira coisa amanhã de manhã. É o nosso primeiro, e eu não estou lá com ela. Ela está nervosa e sozinha. Ou ela tem vontade, pelo menos.

Eu a vejo pegar o cobertor, evitando meu olhar.

"Cuidado. Olhe para mim, baby. Fale comigo. Estou aqui."

Eventualmente, seus olhos se erguem, lentos como melaço, e as lágrimas não derramadas brilhando neles me fazem sair da cama, o coração batendo ferozmente no

meu peito, pronto para machucar quem quer que coloque aquelas malditas lágrimas lá.

"A clínica ligou hoje."

Eu pisco. "A clínica?"

Ela acena com a cabeça. "Depois do almoço."

"Mas... Achei que eles só ligam com atualizações no terceiro dia. Hoje é o quarto dia, porque ontem foram três e amanhã são cinco."

As lágrimas em seus olhos abafam o azul, até transbordarem. Ela olha para o teto, uma tentativa desesperada de detê-los, mas eles escorrem por suas bochechas como chuva de qualquer maneira.

“Amor”, sussurro, com o coração se partindo em dois. “O que foi?”

“Outro embrião parou de se desenvolver. Só temos... só temos...” Seu peito sobe e desce, enquanto ela luta para respirar. “Dois”, ela diz com a voz embargada. “Só temos dois embriões viáveis, e eles estavam chamando porque... porque...”

Ba-bum.

Ba-bum.

Ba-bum.

“Por quê, amor?”

Ela passa a manga do meu suéter pelos olhos, mas é inútil. As lágrimas não param; com certeza não vão parar.

“Eles sugeriram que congelássemos os embriões e tentássemos outra coleta de óvulos mais tarde. Disseram que eu deveria cancelar a transferência amanhã e brigaram comigo quando eu disse não. E eu... eu só preciso muito de você, e você não está aqui, e eu me sinto tão sozinha, e não é sua culpa, e eu... eu...”

“Cara—”

A última coisa que vejo enquanto o telefone cai da mão dela é o jeito como ela esconde o rosto nas mãos enquanto soluça.

A última coisa que ouço antes da tela ficar preta é a verdade fragmentada que ela não quer expressar em voz alta.

“Eu não sei como fazer isso sem você.”

OceanofPDF.com

15 O PAI QUE SE APRESENTOU

Cara

"ISSO É RIDÍCULO, MÃE."

"Estar bem vestida nunca é ridículo, meu bem."

"Quem eu estou tentando impressionar? Certamente não o Dr. Brenling. Ele que se dane—"

"Pau grande e grosso", ela completa com um suspiro, me mostrando um close do seu rosto enquanto usa o iPad como espelho para pintar os lábios. "Você não se veste bem para o médico, Cara. Você se veste bem para você mesma. Porque isso te faz sentir bem."

Mas eu não me sinto bem hoje. Eu me sinto... cansada. Um cansaço profundo que não consigo descrever. Minhas pálpebras estão pesadas, meus músculos doloridos. Cada passo que dou parece que a gravidade está me puxando cada vez mais para perto do chão, para o colapso.

Eu não quero estar bonita hoje. Eu quero parecer como me sinto.

"Sabe o que eu sempre digo, querida? A vida pode estar um caos, mas quando seu vestido abraça sua bunda direitinho e seu decote faz um homem calar a boca pela primeira vez na vida, pelo menos há duas coisas certas neste mundo." Ela leva a xícara de chá à boca, arqueando a sobrancelha acima da borda. "Quase nunca há um bom motivo para um homem estar falando. Não quando há usos muito melhores para suas bocas grandes."

Uma gargalhada escapa da minha garganta e me lembro por que liguei para minha avó esta manhã. Ela tem um talento incrível para me fazer esquecer os problemas, mesmo quando parece que eles estão consumindo minha mente.

Talvez seja por isso que a deixo me dar ordens no meu guarda-roupa, tirando vestidos, saias e jeans que abraçam cada curva perfeitamente. Com cada peça de roupa e seus comentários, me sinto um pouco mais eu mesma.

"O caimento está ótimo, mas essa estampa não favorece sua cintura, querida, não é?"

"Melhorou, mas está cedendo. Fiquei bêbada em Cuba e voltei casada com o barman."

"Você vai à igreja ou está grávida, Cara? Pelo amor de Deus, um pouco de pele, por favor."

Tiro um vestido suéter cor de aveia do cabide e o visto pela cabeça. A gola polo larga desce até o decote profundo, e a lã macia abraça minha cintura antes de se abrir nos quadris, roçando minhas coxas. É quente e aconchegante, mas ainda assim pareço estar no controle da situação.

Calço um par de botas de cano curto de couro vegano com bico fino, da mesma cor do vestido, e jogo minha longa trança sobre o ombro enquanto me olho no espelho. Mémère solta um assobio baixo.

"Está bonito, né?" Meus dedos deslizam pela lã.

"Não é nada comparado àquele sorriso, Cara." Ela aponta para mim, semicerrando os olhos. "Bem ali no canto. Pequeno e inseguro, mas ainda assim minha visão favorita." Ela sorri então, um sorriso suave e cheio de amor. “Não me importo com o que você veste, querida. Mas o mundo perde muito quando seu sorriso desaparece. Sinta o que você precisa sentir. Apenas lembre-se de quem você é em meio a tudo isso. Não deixe que ninguém, nem nada, roube isso de você.”

A vergonha inunda meu rosto, queimando minhas bochechas. Nunca precisei me esforçar tanto para manter um pedaço de mim mesma. Amar a mim mesma sempre foi algo natural, porque foi assim que fui criada. E, no entanto, quando olho para minhas mãos, para o jeito como elas tremem, lembro-me de que tenho me visto escorregar por entre meus dedos há meses, lutando para me agarrar ao que me faz ser quem eu sou.

Aperto meus punhos, relutante em entregar mais nada de mim a uma batalha que não deveria estar travando. Não posso controlar o resultado disso, mas posso controlar como isso me afeta.

Não posso?

Passos pesados sobem as escadas e Olivia aparece com os braços cheios de coisas, ofegante e com o rosto vermelho, os cachos escuros escondidos sob um gorro dos Vipers. "Ah, droga. Você acordou." Ela olha para as guloseimas que segura junto ao

peito. "Acordei cedo e corri para o Tim Hortons. Comprei Timbits, donuts, muffins, sanduíches de café da manhã, batatas fritas e... nossa, exagerei mesmo, né?"

Meu coração se enche de ternura ao vê-la, uma mãe cansada de uma criança pequena e agitada, grávida de gêmeos, como se estivesse há três anos. E mesmo assim, quando ela mandou mensagem ontem à noite perguntando como eu estava me sentindo em relação a hoje, e eu contei a novidade do Dr. Burro, ela simplesmente respondeu "Me dá 30 minutos", e trinta minutos depois, pontualmente? Minha melhor amiga estava entrando pela porta da frente.

Olivia coloca a mão sobre minha barriga, inclinando-se para dizer com firmeza: "Vou colocar um bebê em você hoje." Ela franze a testa, levantando-se. "Eu ouvi como soou depois que eu... eu... ah, deixa pra lá." Ela passa a mão pelo rosto e sorri ao ver meu iPad. "Mémère!"

"Oh, meu doce Ollie. Lindo como sempre." Seus olhos percorrem Olivia, envolta em um dos moletons de Carter. "Cara, temos tempo de vestir o Ollie também?"

Olivia olha para si mesma. "O que tem de errado com a minha roupa?"

"Tudo", respondemos Mémère e eu ao mesmo tempo.

Eu sorrio, puxando uma das longas mechas de Olivia. "Você está perfeita."

Ela se vira, bufando, e Mémère solta um suspiro de surpresa.

"Ollie, você está grávida! Parabéns!"

Os olhos de Olivia encontram os meus. "Estou", ela responde suavemente enquanto me viro. "Gêmeos."

"Nossa. Gêmeos? Que corajosa! Quem é o sortudo e por que eu ainda não o conheci?"

Meu coração aperta enquanto enfio minhas coisas na bolsa. "Você se lembra do Carter, Mémère?"

"Carter, Carter... Ah! Incrivelmente bonito, mas um pouco mulherengo."

Olivia dá uma risadinha. "Exatamente."

"Sim, eu jamais poderia esquecê-lo. Ele é o pai? Nossa. Sabe, algo me diz que ele será um pai maravilhoso."

Não me dou ao trabalho de lembrar Mémère que Carter já é pai, porque esta é a segunda gravidez de Olivia. Não a lembro de que, quando Carter pediu minha melhor amiga em casamento no meu casamento, Mémère virou o vinho e fez um brinde ao fim de uma era, e então esclareceu que estava falando da era "mulherengo"

dele. Não a lembro de que ela esteve no casamento deles mais tarde naquele ano, ou de que segurou Ireland no colo quando ela tinha dois meses, comentando que as covinhas de Carter eram infinitamente mais encantadoras nas bochechas da filha do que nas dele.

Em vez disso, forço um sorriso e digo: "Acho que você tem razão. Carter será um pai maravilhoso."

"Emmett também", ela diz alegremente, e meu sangue gela. Quero encontrar conforto na mão que Olivia coloca nas minhas costas. Quero fechar os olhos e me desligar para não ter que ouvir as próximas palavras da minha avó enquanto sua memória falha novamente.

"Quando você e Emmett finalmente vão ter um bebê?"

TRATAMENTOS DE FERTILIDADE, DESCOBRI, significam caminhar na corda bamba entre desejar estar anestesiada para tudo isso e implorar para sentir algo, qualquer coisa, para lembrar que você está viva, que ainda está aqui, ainda lutando.

Mas a verdade é que, em alguns dias, a luta dói demais.

Em alguns dias, é uma obsessão, um cérebro focado apenas em calendários e sintomas, sexo cronometrado com precisão, milhares de dólares gastos em vitaminas e a tentativa de todas as superstições bobas, só por precaução.

Em alguns dias, é um ressentimento amargo e feio. Horas e horas gastas procurando uma resposta que nunca terei, uma explicação que não existe. Um jogo cruel de autodepreciação, analisando cada pedaço do meu corpo, um corpo que passei anos amando e respeitando, e que de repente passo a odiar cada centímetro inútil dele.

É um ciclo interminável de luto, que recomeça todo mês, obrigando você a ignorar a dor da qual ainda não se curou ou a ficar para trás. E todo dia? Todo maldito dia é aterrorizante.

Mesmo agora, deitada neste quarto, vestida com um avental de papel azul e segurando a mão da minha melhor amiga, estou... com medo. Medo do procedimento. Com medo do futuro. Com medo do estado do meu cérebro e se Emmett conseguirá me amar o suficiente por nós dois.

Com medo de que meu amor não seja suficiente para ele.

Porque, no fim das contas, talvez seja a única coisa que eu tenha para lhe oferecer nesta vida.

E isso? É isso que me faz desejar a insensibilidade.

"Estamos prontos para começar." A enfermeira sorri pacientemente, os olhos alternando entre o relógio digital na parede e o Dr. Idiota, que batuca os dedos no balcão e bufa como se eu não estivesse pagando uma fortuna por cada segundo do seu precioso tempo. "Não podemos esperar muito—"

"Você pode... só..." O pânico me invade e fecho os olhos com força. Ele deveria estar aqui, ao telefone, olhando para mim através da tela. "Pode tentar ligar de novo?"

Olivia pega o celular e lágrimas ardem nos meus olhos, embaçando minha visão enquanto ouço a ligação ir direto para a caixa postal pela enésima vez. "Oi." Ela acaricia meu rosto com suas mãos quentes. "Você não está sozinha. Estou aqui, e Emmett está sempre com você."

"Por que ele não atende?" Balanço a cabeça, mordendo o lábio inferior enquanto meu queixo treme. "Eu não quero fazer isso sem ele." Meu peito sobe e desce enquanto luto para manter o pouco de compostura que me resta. "Estou com medo", choro baixinho.

"Eu sei. Não tem problema ter medo."

"Eu quero ouvir a voz dele."

"Eu—" Olivia fecha a boca de repente, franzindo a testa quando uma porta bate em algum lugar além deste quarto estéril. Ela se vira, olhando na direção do som enquanto vozes irrompem no corredor.

"Estou aqui!"

"Emmett?" Eu me levanto tão rápido que caio para o lado. Olivia mal consegue me segurar antes que eu role da cama e a derrube no chão comigo.

"Senhor, o que o senhor—"

"Minha esposa! Estou aqui pela minha esposa!"

"Com licença, senhor, mas o senhor não pode—"

"Por favor, cale-se!"

A porta se abre de repente, e meu coração dispara quando a visão que mais gosto se revela: um metro e noventa de músculos definidos, olhos azuis selvagens, cabelos loiros escuros em um desalinho perfeito.

“Cheguei! Droga, cheguei.” Meu marido se inclina para a frente, agarrando os joelhos enquanto o peito sobe e desce. Ele aponta com o polegar por cima do ombro. “Corri. Do estacionamento. Peguei o elevador, mas... algum moleque idiota... apertou todos os botões. Iluminou tudo como uma... maldita árvore de Natal. Subi correndo”—ele pausa para recuperar o fôlego—“os seis andares.”

Meu corpo relaxa, pesado de alívio. Respiro fundo, sentindo seu perfume enquanto ele me envolve em seus braços, cobrindo meu pescoço de beijos. “O que você está fazendo aqui?”

“Você disse que precisava de mim.”

“Você voltou por minha causa?”

“Sério? Eu também precisava de você.” Emmett segura meu rosto entre as mãos, afastando os cabelos do meu rosto úmido. “Estou onde você estiver, Cara. Sempre.” Ele captura minha boca com a sua, engolindo meu medo, afogando-o com seu amor.

Olivia pigarreia. “Então, oi...”

“É, sai daqui.” Emmett não tira os olhos de mim. “Obrigado por ser o marido substituto da minha esposa.” Ele inclina a cabeça. “E padrasto dos nossos em-bebês?”

Olivia sorri, apontando duas pistolas com os dedos. “Ei, eu não sou o padrasto. Sou o pai que assumiu a responsabilidade.” Ela se interrompe, o que é definitivamente para o melhor, fazendo uma careta ao olhar para suas mãos ridículas. “Ai meu Deus”, ela murmura. “Estou me transformando no Carter. Ok, estou indo embora. Tchau.”

“Ah, oi, Ollie?” Emmett lhe entrega seu cartão de crédito. “Você pode—”

“Fazer controle de danos porque você acabou de mandar uma enfermeira calar a boca? Sim, vou encomendar uma cesta de presentes para ela.”

“Obrigado. Me sinto péssimo. Algo que diga que sinto muito, mas também que não se meta entre mim e minha esposa.”

“Então, não é tão ruim assim?”

Ele sorri. “Não.”

O Dr. Brenling coloca as luvas assim que a porta se fecha atrás de Olivia. “Podemos começar agora, ou vocês esperam mais visitas?”

Eu retribuo o sorriso de Emmett, me permitindo um momento para me deleitar com a esperança que me percorre, a confiança que me acalma.

Emmett coloca a mão sobre minha barriga. “Vamos fazer um bebê, querida.”

UMA HORA DEPOIS, ENQUANTO ATRAVESSAMOS A PONTA DA FRENTE em direção a casa, em North Vancouver, com a mão de Emmett na minha coxa e um embrião que criamos com um pouco de ciência buscando o lugar perfeito para se implantar no meu útero, sou grata pela luta. Sou grata pelos dias difíceis e pelos medos insuportáveis. Porque se não fosse por isso, se eu tivesse deixado o desejo de me anestesiar vencer, eu não seria capaz de sentir o amor transbordando em meu coração por ser amada tão completamente por um homem que voaria milhares de quilômetros só para estar comigo. Por uma amiga que reorganiza sua agenda para garantir que eu não esteja sozinha nos dias em que tenho medo de ficar.

Eu não seria capaz de apreciar verdadeiramente a gratidão avassaladora que ameaça me derrubar quando chegamos em casa e vemos nossa garagem lotada de carros.

Quando abrimos a porta da frente e nos deparamos com uma montanha de sapatos e um coro de vozes ecoando pelo corredor.

Quando entramos na nossa sala de estar e a vemos cheia de uma família que nos escolhe dia após dia, uma família que — pelo menos metade dela — deveria estar em um voo para Toronto agora, não aqui em nossa casa.

Adam está em frente à TV, percorrendo uma lista de filmes para toda a família enquanto grita para Carter que karaokê não é tão relaxante quanto ele pensa, nem é a solução para todos os problemas da vida. Jaxon e Garrett estão espalhados pelo chão da sala com almofadas e cobertores, discutindo sobre a posição das luzinhas. As crianças estão amontoadas em volta da mesa da cozinha, com os dedos em uma tigela grande, chocolate por todo o rosto, e as meninas estão debruçadas sobre algo na ilha. Carter está...

"Por que o Carter está usando meu forno?", sussurro para Emmett.

"Não sei", ele murmura, apertando minha mão com mais força. "Temos cobertura para incêndio acidental no seguro, né?"

Um alarme toca e Carter se vira, espátula na mão, uma mancha de chocolate na bochecha e cacau em pó por todo o meu avental favorito. A frase "ESTA GAROTA AMA CARNE" está estampada, com a foto de uma mulher comendo um cachorro-quente no centro, cercada por uma infinidade de salsichas voando. "A sobremesa está pronta!"

Olivia levanta os olhos do que quer que as meninas estejam preparando. “Carter, você lambeu a espátula?”

“Não”, ele mente, com toda a certeza. “Você me disse para não lamber a espátula. Por que eu lamberia a espátula?”

Lily aponta para o rosto dele. “Você tem chocolate no rosto, tio Carter.”

Ele bate com a mão sobre a evidência, sua risada aguda e nervosa. "Mas... eu não sei como isso foi parar aí."

Olivia revira os olhos e, voltando à realidade, olha para mim e para Emmett. "Ei! Vocês voltaram!"

"Na hora certa!" Carter enfia uma frigideira fumegante debaixo do meu nariz, sorrindo. "Os famosos brownies safados do Carter. Quentes, frescos e de dar água na boca. Temos uma base de massa de biscoito derretida, seguida por uma camada de Oreos — recheados duplos, porque, né? — e por cima, massa de brownie."

Adam pega duas tigelas gigantes de pipoca do balcão, apontando para a TV. "Estamos assistindo Enrolados, porque a Lily disse que a Rapunzel é super forte e super bonita, tipo a tia Cara."

Garrett se joga no encosto do sofá, com a bochecha apoiada na mão. "Eu fiz um forte de almofadas."

Jaxon o empurra para o chão, tomando seu lugar. "Eu melhorei as coisas."

Olivia, Jennie, Rosie e Lennon finalmente se dispersam, erguendo uma cesta enorme.

"Para você." Jennie pula na ponta dos pés, batendo palmas animadamente enquanto eu examino todos os pequenos presentes. Ela aponta para vários pares de meias grossas e felpudas. "Meias aconchegantes para manter seus pés aquecidos."

Rosie gesticula para um abacaxi enorme. "Abacaxi, porque a bromelina é anti-inflamatória e aumenta o fluxo sanguíneo, o que acredita-se que ajude na implantação do embrião."

Lennon ergue uma caixa de batatas fritas do McDonald's. "Batatas fritas tamanho família, porque alimentos salgados podem ajudar com a síndrome de hiperestimulação ovariana após tratamentos de fertilidade." Ela ergue uma bebida grande. "E um milkshake, só porque sim."

Eu olho para a cesta, cheia de todas as superstições ridículas que existem no mundo dos tratamentos de fertilidade, regras não escritas que milhares de nós

seguimos. Coisas que eu nem imaginava que meus amigos sabiam, cercadas por um monte de outros itens atenciosos, como uma almofada térmica coberta de abacaxis, M&Ms e Skittles de frutas vermelhas, uma máscara de dormir com a frase "VÁ SE FERRAR" e uma caneca com a frase "RAINHA DE TUDO".

Lágrimas brotam enquanto pego uma pulseira delicada e passo o polegar sobre as duas contas de cristal no centro.

"Uma para cada um dos seus embriões", murmura Olivia. "Um símbolo de esperança. De um futuro pelo qual você está lutando tanto."

Aperto a pulseira contra o peito, a mão de Emmett na minha lombar enquanto tento respirar fundo — tentando lidar com a sensação avassaladora e devastadora de estar tão cercada, tão apoiada, pelas pessoas que amo.

"Ops. Mais uma coisa." Olivia tira um pequeno pacote de glitter do bolso, despeja na palma da mão e sopra as finas partículas douradas sobre minha barriga. Ela sorri. "Pó de bebê."

"O que é isso?" Emmett desvia o olhar do meu torso, deixando-o percorrer o quarto. "Quer dizer, tudo isso. O filme, o forte, os brownies... vocês. Não deveriam estar em Toronto?"

Carter dá de ombros. "Não preciso estar lá até amanhã. Prefiro estar aqui com vocês, então compramos nossas próprias passagens depois que vocês foram embora ontem à noite. O treinador entendeu."

As crianças se aproximam e Emmett pega Ireland e Connor no colo.

Lily entrelaça seus dedos nos meus, o queixo na minha barriga enquanto sorri para mim. "Vamos ter um dia para cuidar da saúde mental, tia Cara. Todas nós, juntas."

Minha garganta aperta. Eu pisco, deixando as lágrimas escorrerem livremente pelas minhas bochechas.

Não sei quem vai nos abraçar primeiro. Tudo o que sei é que num instante estamos aqui, mal conseguindo nos manter de pé, e no instante seguinte, já não conseguimos nos manter de pé de jeito nenhum.

Mas tudo bem. Porque talvez não precisemos nos manter de pé quando temos eles nos apoiando.

OceanofPDF.com

16 É ASSIM QUE VOCÊ DESMORONA Cara

Vinte e nove meses atrás

"VOCÊ COMPROU UM RESERVA, Sra. Brodie?"

"Eu comprei—" Solto uma gargalhada quando minhas costas batem na parede do banheiro, a boca de Emmett no meu pescoço, suas mãos na minha bunda. “Não, Sr. Brodie, eu não comprei um vestido reserva. O senhor tem ideia de quanto custou este vestido de noiva?”

“Não.” Ele lambe meu pescoço. “Somos ricos. Compre outro.”

“Eu gosto deste.”

“Eu também. Adoraria vê-la com ele de novo.” Ele me levanta e me coloca em cima do balcão, com o som da nossa festa de casamento ecoando do outro lado da porta, e desliza as mãos por baixo da fenda do meu vestido. “Mas vou destruir este em uns vinte segundos, mais ou menos.”

“Experimente, e eu arranco seu pau do seu corpo.”

Ele sorri, juntando meu vestido na altura dos meus quadris. “Essa é a minha garota atrevida”, ele murmura e abre minhas pernas, gemendo quando encontra a surpresa que deixei para ele: sem calcinha. Ele enfia dois dedos dentro de mim e sussurra as próximas palavras no meu ouvido. “Porra, vaga-lume. Tudo que eu quero é encher essa buceta com meu esperma, ver escorrer antes de te foder de volta.”

Eu gemo, rebolando os quadris, esfregando meu clitóris contra a palma da mão dele. “Parece um bom jeito de engravidar.”

Os dedos dele desaparecem, e eu estou prestes a chorar, mas então vejo o sorriso malicioso no rosto dele, ardiloso e determinado. Ele desliza a cabeça do pau pela minha buceta molhada e envolve minha garganta com a mão livre. “Só tem um jeito de descobrir.”

Vinte e oito meses atrás

“Imagina, grávida na primeira tentativa?” Eu sorrio, balançando as pernas na bancada do banheiro enquanto esperamos o cronômetro do meu celular. “Se alguém consegue, somos nós.”

“Por favor.” Emmett segura os testículos e aponta para a minha parte inferior. “Meus meninos e seu útero? Sem pensar duas vezes.”

Minha risada é interrompida pelo alarme do cronômetro e eu pulo do balcão. "Estou tão animada! Olha só! Não consigo acreditar!"

"Vamos olhar juntos." Emmett passa o braço pela minha cintura, me puxando para perto dele. "Pronta?"

Eu aceno com a cabeça. Ele vira o teste.

"Ah, droga." Franzo a testa, com as mãos na cintura enquanto encaro a única linha. "Bom, boa tentativa, amigão." Levanto a mão e Emmett dá um tapa nela, seguido por um tapa na minha bunda quando me viro e saio pela porta.

"A gente pega na próxima."

Vinte e sete meses atrás

"Imagina eu e o Ollie grávidos ao mesmo tempo?"

"Literalmente não." Emmett balança a cabeça, com os olhos arregalados de medo. "Já tenho medo de vocês dois. Todos nós temos. Não sei se vamos aguentar."

“Mas imagina as crianças crescendo juntas? Elas vão ser melhores amigas!”

O cronômetro apita e eu sorrio para Emmett enquanto viro o teste. “Ah, qual é!” Jogo as mãos para o ar antes de cutucar a barriga de Emmett. “Você teve sorte dessa vez.”

Ele me segura quando me viro, me joga por cima do ombro antes de correr para a cama, me deitar nela e tirar a camisa. “Quer tentar de novo?”

Vinte e seis meses atrás

“Li na internet que o casal médio engravida nos primeiros três ciclos.”

“O que é isso?” Emmett mexe no pote de doces que acabou de encher para mim, separando os Skittles dos M&M’s antes de escolher cuidadosamente três M&M’s vermelhos para si. “Número dois?”

Eu sorrio para a embalagem. “Número três, isso mesmo.”

“O que você acha que o bebê vai gostar mais, Skittles ou M&M’s?” Ele enche a boca com um punhado de Skittles, desenhando um arco-íris igual no espelho do banheiro, enquanto nós dois damos as mãos embaixo.

"Como se eu fosse obrigá-los a escolher", murmuro, virando o teste assim que o alarme toca. Uma única linha me encara, e uma sensação estranha aperta meu peito.

"Amor? O que diz?"

"Hum..." Engulo em seco e jogo o teste no lixo, dando de ombros para Emmett. Meu sorriso fica um pouco forçado quando digo: "Não".

Ele passa o braço em volta do meu ombro. "Tudo bem. Nós dois nunca fomos um casal comum."

Vinte e cinco meses atrás

"Queria estar aí."

Sorrio para Emmett através do meu celular. "Eu também, meu bem." O alarme toca e meu estômago dá um nó. Tenho um bom pressentimento, mas não quero dar azar dizendo isso em voz alta. "Rufem os tambores, por favor."

Ele dá um show, vindo diretamente de Washington, mas quando termina, meus dedos param na prova. "Care? Tudo bem?"

"Hã? Ah, sim. Vamos lá." Viro a prova. Meu coração afunda. "Hum..." Sinto o rosto queimar quando nossos olhares se encontram. Balanço a cabeça negativamente. "Não."

Vinte e quatro meses atrás

Paro de andar de um lado para o outro quando o alarme toca, sacudindo as mãos e respirando fundo antes de puxar a prova para perto de mim.

Minha mandíbula se contrai, meus dentes rangem. Fecho o punho em volta da prova e balanço a cabeça, encontrando o olhar de Emmett no meu celular. "Não. Desculpe."

Vinte e três meses atrás

Fico fora do alcance da câmera, com a cabeça entre as mãos, sentada na tampa do vaso sanitário, olhos cerrados, dedos cruzados enquanto Emmett tagarela de Los Angeles

sobre uma discussão que ele e Carter tiveram sobre a que horas podem levar as crianças para patinar.

"Vamos lá", ele sussurra quando o cronômetro toca, e a esperança em sua voz acende uma pequena chama no meu coração.

Consigo esboçar um sorriso e respirar fundo antes de pegar o teste.

Minha garganta aperta. Tento pigarrear. Mantenho os olhos fixos no teste em vez de buscar o conforto do olhar de Emmett no meu celular. "Desculpe", sussurro.

Vinte e dois meses atrás

"Tem certeza de que quer fazer isso pelo FaceTime? Chego em casa amanhã, Care."

Meu coração dispara enquanto encaro o teste em minhas mãos. "Não importa mesmo", murmuro, jogando-o no lixo.

Vinte e um meses atrás

"E se fizéssemos o teste só se sua menstruação atrasasse?"

"Você não precisa estar aqui se está cansada de ouvir não", respondo, me arrependendo imediatamente.

A mão de Emmett encontra minhas costas, acariciando-as suavemente. "Não era isso que eu queria dizer. Pensei que isso poderia te poupar da angústia, só isso."

Mas a angústia continua, não é? Ou estou grávida ou não estou, seja por um teste ou pela menstruação.

Este mês, é o teste. Jogo o teste negativo no lixo e saio sem olhar para Emmett. "Desculpe."

Vinte meses atrás

Minhas mãos tremem tanto que deixo o teste cair. Emmett me abraça por trás, pegando o teste enquanto me aperta contra o peito, com a outra mão na minha barriga.

"Desculpe", murmuro, me soltando do seu abraço e me afastando.

Dezenove meses atrás

Eu me encosto no peito de Emmett, olhos fechados enquanto espero, sua mão deslizando lentamente sobre minha barriga.

Lábios macios tocam minha orelha. Aperto seu antebraço.

"Dessa vez não, vaga-lume."

Dezoito meses atrás

Emmett segura minhas mãos nas suas, nossas testas pressionadas uma contra a outra enquanto estou sentada na beirada da pia do banheiro.

Mantenho os olhos fechados enquanto ele pega o teste. Quando ele fica em silêncio por um instante a mais, eu os abro.

Não tenho certeza se é o teste negativo que ele está segurando ou se sua mão está tremendo enquanto ele olha para ele.

Tudo o que sei é que eu fiz isso com ele.

"Me desculpe."

Dezessete meses atrás

A mão de Emmett se fecha sobre a minha quando pego o teste. Ele toca meu queixo, forçando meu olhar para o dele. "Seja qual for o resultado, Cara, estamos juntos nessa. Tudo bem?"

Ele diz isso, mas às vezes parece que ele consegue se safar. Sentir a dor por um dia e depois seguir em frente. Eu não sei como fazer isso, não quando é o meu corpo que nos trai mês após mês.

Mesmo assim, eu concordo com a cabeça, embora o medo crepite no meu peito como as brasas de uma fogueira.

O mesmo fogo que se apaga quando abro a janela do teste, substituído por uma descrença amarga, uma estranha sensação de traição que não consigo explicar. Meu corpo inteiro treme, lágrimas de raiva se acumulam nos meus olhos, embaçando minha visão. Mas a primeira que cai, a que cai no teste entre nós... é a do Emmett.

Doze meses. Doze meses, e nenhum teste positivo. Doze meses, e tudo o que me resta são as olheiras, o tremor nas minhas mãos que não existia antes. Doze meses foi tudo o que precisei para destruir meu marido.

Doze meses se passaram e finalmente consigo verbalizar a pergunta que venho gritando em minha mente enquanto desabo nos braços de Emmett, sufocando com

os soluços violentos que finalmente escapam.

"Por que nós?"

Dezesseis meses atrás

"Por favor", sussurro, com as mãos juntas, a cabeça baixa e os joelhos tremendo enquanto me sento na tampa do vaso sanitário e espero. "Por favor."

Minhas mãos se estendem assim que meu celular começa a vibrar, pegando o teste. Meus joelhos param de tremer e, por um instante, só há silêncio.

Então as vozes na minha cabeça começam, sussurrando palavras que tento negar. Levantando-me, embrulho o teste em papel higiênico e escondo no fundo da lata de lixo antes de lavar as mãos e abrir a porta.

Emmett faz uma pausa com o punho no ar, pronto para bater. "Cuidado? O que você era—"

"Indo ao banheiro." Eu forço um sorriso, passando por ele.

"Você está—"

"Estou bem!" Eu chamo por cima do meu ombro, mas as vozes na minha cabeça discordam, gritando comigo enquanto eu desço as escadas.

Inadequado. Defeituoso. Fracassado.

Meu peito arfa e eu mal vejo a porta do pátio enquanto a abro e me arremesso por ela.

Inadequado. Defeituoso. Fracassado.

Eu viro a esquina da casa, pressionando-me contra a pedra quente, enterrando meu rosto em minhas mãos, e eu choro.

Inadequado.

Defeituoso.

Fracasso.

Quinze meses atrás

"Por favor," eu sussurro, uma mão na minha barriga enquanto eu tento respirar através do aperto que se estende pelo meu peito. "Por favor."

Meus olhos se abrem, fixando-se nessa única linha.

Lágrimas silenciosas escorrem pelo meu rosto enquanto eu o jogo no lixo.

Qual é a utilidade de tentar mais? Talvez eu devesse desistir.

Quatorze meses atrás
Uma linha. Duas palavras.
"Eu terminei."

Treze meses atrás
"Por favor," eu soluço, desabando sozinha na cama, um teste de gravidez negativo descartado no chão do meu banheiro. "Eu não posso continuar fazendo isso! Eu farei qualquer coisa! Por favor!"

Doze meses atrás
"Ah!" Eu puxo meu cabelo, o peito arfando descontroladamente enquanto eu jogo o teste negativo. Eu deixo cair meu rosto em minhas mãos, soluçando enquanto deslizo pela parede. "Por que meu corpo não funciona?"

Onze meses atrás
Lágrimas quentes e raivosas deslizam pelo meu rosto enquanto eu rasgo o teste em minhas mãos, tentando quebrá-lo. "Eu estou... do caralho... feito!"

Dez meses atrás
"Por favor, por favor, por favor."
Eu esmago o teste na minha mão, segurando a borda do balcão enquanto perco a luta com as lágrimas ameaçando meus olhos.
"Por quê? Por que? Por quê?"

Nove meses atrás
"Eu não entendo. Eu fiz tudo certo. O ... os livros, as vitaminas, os calendários, o rastreamento de temperatura, os smoothies, a porra do BPA e todos os ... maldita Tupperware... O que mais posso fazer?"

Oito meses atrás
"Feito. Eu terminei." Eu jogo o teste no lixo e me enrolo no espelho. "Você me ouve? Eu estou. Feito!"

Sete meses atrás

"Eu não—" Eu suspiro para respirar, arrastando as costas da minha mão pelo meu nariz antes de deixar cair a testa de joelhos e enterrar meu rosto encharcado, chorando no chão do banheiro. "Eu não sei como continuar fazendo isso!"

Seis meses atrás

Eu deslizo minhas palmas ao longo do balcão, uma risada amarga e incrédula escorregando enquanto eu abaixo minha cabeça, olhando para aquela única linha rosa no rosto. Como, depois de todo esse tempo, ainda estou surpreso com a resposta? O que há de errado comigo? Quão delirante uma pessoa pode ser?

Essa risada se transforma em risada borbulhante enquanto eu me carrego pela sala. Não consigo parar enquanto retiro as cobertas, deslizando para a cama.

Eu rio, de novo e de novo, cada vez mais alto.

Até eu me engasgar. Até que uma simples risada se transforme em um soluço sufocado, e eu passe o resto do dia na cama, chorando no meu travesseiro encharcado até desmaiar.

Cinco meses atrás

Minha testa pressiona a bancada de mármore fria, sem oferecer nenhum alívio para minha pele úmida enquanto permaneço onde estou, curvada no banheiro, esperando. Quando meu telefone vibra, me endireito, enxugando a boca com a mão trêmula. Colocando as mãos delicadamente sobre a barriga, fecho os olhos e me forço a respirar, inspirando e expirando, repetidamente, até que meu coração pare de parecer que vai explodir.

"Vamos lá." O sussurro sussurrado é tão cru e desesperado quanto parece, enquanto lágrimas se acumulam nos cantos dos meus olhos. "Por favor, meu bebê. Por favor, esteja aí dentro. Prometo cuidar muito bem de você se você nos escolher. Serei a mãe que você merece. Por favor, nos escolha."

Respiro fundo, reunindo a coragem necessária, e puxo o teste em minha direção.

E eu expiro o último resquício da minha esperança.

Juro por Deus, sinto cada segundo doloroso da forma como ela se esvai de mim, levando tudo o mais consigo. Minha energia, minha força, minha confiança. Meu

coração. Droga, meu coração. Pedaços de mim espalhados aos meus pés, danificados demais para se tornarem inteiros novamente.

Inadequado. Defeituoso. Fracassado.

É, eu também não me escolheria.

De pé, encaro meu reflexo nos olhos enquanto lágrimas silenciosas escorrem pelo meu rosto. E murmuro três palavras que prometi nunca dizer sobre mim.

"Eu te odeio."

Uma mão quente desliza pela minha coxa, capturando a minha. Emmett entrelaça seus dedos nos meus, apertando suavemente, o suficiente para me mostrar que quer minha atenção.

Meus olhos cansados encontram os dele, escondidos sob meus óculos escuros. Tento sorrir, mas não consigo reunir coragem desde que murmurei aquelas três palavras para mim mesma, apenas duas horas atrás.

Emmett franze a testa. "Tudo bem, vaga-lume?"

Reviro os olhos para o céu enquanto me afundo na cadeira, reprimindo a vontade de dizer para ele parar com esse apelido idiota. Não há mais chama, nenhuma luz dentro de mim. Fui extinta. É só uma questão de tempo até ele perceber. Em vez disso, aperto sua mão e digo: "Só estou cansada."

Adam para no caminho com uma bandeja de salsichas. "Quer que eu faça um café para você?"

Balanço a cabeça, levantando-me no quintal dele. "Vou pegar outra bebida." Olho para a piscina, o sol de junho brilhando nela. "Meninas? Margarita congelada?"

"Sim, por favor!" Lennon grita, abraçando a cabeça de Jaxon. "Dose dupla, por favor!"

“Uma virgem para mim, por favor!” Jennie grita.

Me viro para Olivia e Rosie.

“Sabe de uma coisa?” Rosie olha entre mim e Jennie. “Eu também aceito uma virgem, por favor.”

“É, parece ótimo.” Olivia leva a mão à testa. “Todo esse calor está me dando dor de cabeça, então acho melhor maneirar na bebida. Obrigada, Care.”

Eu franzo a testa, só porque pegar leve com o álcool nunca foi o lema de Olivia. Ela sorri para mim, um leve rubor em suas bochechas antes de abaixar o olhar, e uma sensação desconfortável se instala no meu estômago enquanto eu entro para misturar as bebidas.

A porta do pátio se abre enquanto dou os retoques finais nas bebidas, e viro o prato para as garotas com um sorriso que não parece tão forçado.

"Pênis em vez de guarda-chuvas." Jennie beija os dedos enquanto toma sua bebida. "Beijo do chef, Cara."

"Vocês colocam pênis em tudo", Adam murmura enquanto desliza para dentro e vai direto para a geladeira, puxando uma tigela de carne moída.

"Mantenha essa atitude e veja onde paramos de colocar pênis", digo a ele com um olhar aguçado.

"Oh, Deus." Olivia engasga, acenando com a mão na frente do rosto. "Que cheiro é esse?"

"Eca, sim." Rosie faz uma careta, com as mãos sobre a barriga. "O que é isso?"

Eu troco um olhar com Jennie, Lennon e Adam. "Que cheiro?"

"Eu não sinto cheiro de nada", diz Jennie enquanto o resto dos meninos entra pela porta do pátio.

Adam olha para a tigela em que está trabalhando. Ele pega um punhado de carne moída. "Isso? Estou fazendo hambúrgueres." Ele leva ao nariz e cheira. "Cheira bem. Acabei de receber do açougueiro isso..."

"Acho que vou ficar doente!" O rosto de Olivia empalidece e ela coloca a mão na boca.

"Adão!" Rosie engasga, segurando a barriga. "Fora! Por favor! Guarde-o!"

Garrett ri. "O que vocês dois, grávidas?"

A cozinha fica em silêncio.

Olivia, Rosie, Carter e Adam estão congelados.

Meu batimento cardíaco bate. O sangue troveja em meus ouvidos. "Vocês dois?" Eu sussurro.

"Eu..." Rosie olha para mim, depois para longe. Adam sorri para ela, e ela sorri. "Devemos nascer em janeiro."

Olivia grita, entrega a de Carter enquanto ele vem atrás dela, cobrindo sua barriga. Seu olhar vem para o meu, amplo e conflituoso, cheio de preocupação e excitação. Ela

desvia o olhar com uma única palavra de fala mansa.

"Gêmeos."

Meu batimento cardíaco dispara. O sangue troveja em meus ouvidos como uma tempestade furiosa, abafando os aplausos de nossos amigos enquanto eles se reúnem, enchendo-os de parabéns.

Eu engulo o aperto na minha garganta que queima como ácido, ignoro a fissura lentamente abrindo caminho através do meu coração, e pisco de volta as lágrimas ardendo em meus olhos enquanto eu coloco um sorriso largo e envolvo meus melhores amigos em um abraço enquanto eu digo a eles o quanto estou feliz por eles.

Inadequado.

Defeituoso.

Fracasso.

Desta vez, a voz na minha cabeça sussurra mais um.

Inútil.

OceanofPDF.com

17 FALHA Cara

HÁ QUATRO COISAS que adoro fazer com a boca, sem nenhuma ordem específica: falar, comer, beber e chupar pau.

Na verdade, arranhe a besteira sem ordem específica. Esse último é definitivamente o meu favorito.

E eu não consigo chupar meu marido há duas semanas.

"É porque você está comendo todo aquele caroço de abacaxi", lembra Shazia. "Sua língua está crua."

Ela não está errada, mas ainda assim. "É um crime, Shazia. Talvez até punível com a morte." A parte superior da minha caneta encontra o caminho para a minha boca enquanto eu olho pela janela, mal percebendo os flocos de neve gordos flutuando lentamente do céu. "Emmett tem um pau tão bonito e girthy. Apenas grosso o suficiente para se alojar na minha garganta.

Shazia engasga, e eu sorrio, olhando para ela enquanto ela finge se jogar na lata de lixo.

"É exatamente assim que eu pareço quando estou engasgando com o pau dele." Voltando para o meu computador, abro a pasta de arquivos intitulada The Family Project, depois navego por três anos de eventos que realizei com a instituição de caridade de Adam e encontro nosso mais novo projeto, a pasta Summer Camp.

"Por quanto tempo você tem que comer miolo de abacaxi?" Shazia se joga na cadeira em frente à minha mesa, girando um de seus cachos longos e escuros em torno de seu dedo.

"Tecnicamente, eu só precisava comê-lo nos primeiros cinco dias após a transferência do embrião."

"Mas você é..." Ela inclina a cabeça, contando nos dedos. "Onze dias após a transferência?"

Eu puxo a lancheira que Emmett enfiou no banco do passageiro do meu carro esta manhã. Dentro há um pequeno copo de liquidificador cheio de todas as besteiras que

deveriam me ajudar a engravidar, como espinafre, kiwi, abacate, iogurte de coco, sementes de chia e linho, colágeno em pó e - você adivinhou - abacaxi. Eu chamo isso de meu smoothie de virilha-goblin. Encontrando a base do mini liquidificador que mantenho no escritório, coloco o copo e olho nos olhos castanhos irritados de Shazia enquanto a sala se enche com o zumbido alto da máquina enquanto ignoro sua pergunta: Se eu só preciso comer o abacaxi por cinco dias, por que ainda estou me torturando onze dias depois? Porque se o miolo do abacaxi contém bromelina que, supostamente, ajuda na implantação e em um embrião pegajoso, então pará-lo poderia fazê-lo ... descolar?

Shazia sorri, gentil e suave. Se ela vê meu medo, ela não diz isso. Em vez disso, ela me olha e diz: "Você está diferente esta semana".

Eu me sinto diferente. Mais presente, talvez. Esperançoso, embora eu continue tentando diminuir o tom, porque estar esperançoso diante de vinte e nove meses de ciclos fracassados e testes de gravidez negativos parece um crime. Mas com esse pouco de esperança, não posso deixar de me sentir mais eu mesma novamente.

Jogando meu cabelo por cima do ombro, eu escovo as pontas dos dedos sobre minha clavícula nua, empurrando meu peito para fora. "Como estão meus seios?"

Shazia revira os olhos. "Isso é vida real? Eles parecem ótimos, como sempre."

"Obviamente, mas" - eu os coloco na minha blusa apertada com nervuras, empurrando-os para cima, sentindo seu peso - "eles parecem maiores? Eles se sentem maiores. Mais cheio, talvez, e meus mamilos são tão sensíveis que fiquei com tesão por eles esfregarem no meu sutiã ontem. Eu disse a Emmett, então ele puxou meu sutiã para baixo e lic..."

“Para.” Ela levanta a mão, fechando os olhos com força. “Não preciso dos detalhes sórdidos.” Ela abre um olho, checando se é seguro. Faço uma careta, mostrando a língua antes de, relutantemente, soltar meus seios. Ela suspira, e eu disparo a próxima frase em um único fôlego.

“Ele lambeu e mordeu meus mamilos por dois minutos e eu fiquei tão excitada.”

“Pelo amor de Deus, Cara.”

Rindo baixinho, tomo um gole do meu smoothie enquanto enumero todos os sinais que têm se manifestado nos últimos dias. Uma dor de cabeça persistente e uma hora de dormir cedo porque não consigo ficar acordada até as nove. Uma dor

incômoda na lombar e a vontade de vomitar toda vez que sinto o cheiro do sabonete líquido de algodão-doce da Natasha.

Embora eu imagine que isso possa ser apenas minha antipatia geral pela minha governanta grosseira.

Uma sensação de borboletas no estômago surge enquanto reflito sobre as mudanças no meu corpo, e não consigo conter o sorriso. "Eu só... me sinto muito bem, sabe? Não consigo explicar, e talvez seja bobagem da minha parte ter esperança..."

Shazia cobre minha mão com a dela, apertando-a ternamente. "Não é bobagem ter esperança, Care."

"Às vezes parece que sim. Na maioria das vezes, na verdade." As borboletas se apagam quando a tristeza me invade, lembrando-me de como ela rouba facilmente tudo de bom. "Vinte e oito ciclos de gravidez fracassados seguidos fazem isso com uma pessoa", murmuro, com a voz embargada pela derrota. De repente, me sinto ridícula e envergonhada. Que direito eu tenho de ter esperança? Será que estou buscando ativamente a dor?

"Ei." Shazia toca minha testa com dois dedos, fazendo com que meus olhos voltem a encontrar os dela. "Não faça isso. Não siga por esse caminho, onde você diz a si mesma que não tem permissão para ter fé. Milagres acontecem todos os dias." Ela sorri daquele jeito brincalhão que eu adoro. “Olha só para você. Ninguém nunca foi tão linda, e mesmo assim, aqui está você. Você é um milagre ambulante.”

Reviro os olhos, mas a tristeza diminui o suficiente para dar espaço para que aquelas borboletas esperançosas voltem a voar, se encontrarem forças. “O que você quer? Um aumento? Uma viagem para Las Vegas? Eu sei que você está de olho no meu carro, mas vai ter que esperar até o seu aniversário para isso.”

A boca dela se abre em espanto. “Por favor, me diga que você não está falando sério. Você não pode me dar um carro de aniversário.”

“Ninguém diz para a Cara Brodie o que ela pode ou não fazer.” Lanço-lhe um olhar significativo, desafiando-a a me contestar. Ela não vai; depois de todo esse tempo, ela já sabe que não deve.

Shazia era incrivelmente reservada quando a contratei. Ela não estava acostumada com a minha linguagem (supostamente) vulgar, e eu mal conseguia arrancar dela respostas monossilábicas quando tentava conhecê-la melhor. Tudo o que eu sabia era

que ela falava árabe, que se mudou do Líbano para cá quando tinha doze anos, que tinha uma gata chamada Najme e que adorava tudo o que fosse coberto de chocolate.

Eu a conhecia há apenas dois meses quando, nervosa, ela se aproximou de mim um dia e disse que o Ramadã começaria na semana seguinte e que queria me avisar que jejuaria, então agradeceria se pudesse faltar às reuniões na hora do almoço, e que precisaria de um dia de folga depois para celebrar o Eid. Apareci no escritório no último dia do Ramadã com uma cesta de presentes do tamanho dela, cheia de todos os tipos de doces cobertos de chocolate, uma cama e uma coleira personalizadas para Najme, um colar com o nome de Shazia em árabe e uma doação para a Islamic Relief Canada em nome dela. Mas foi quando abri a boca e pronunciei, de forma desastrosa, uma versão em árabe de "Eid Mubarak, Shazia. Sou grato a você" que ela perdeu a compostura e se jogou nos meus braços, chorando. Não consigo fazê-la parar de chorar desde então.

Agora, ela cruza os braços sobre o peito, apontando o nariz para o teto. "Você me mima."

"Você gosta quando eu te mimo." Dou uma olhada no meu celular, sorrindo. Há várias mensagens no nosso grupo de bate-papo, "O Chá Está Quente, Mas Carter Está Escaldante" — palpite quem deu esse nome ao grupo.

Os rapazes estão no orfanato hoje, e aparentemente Carter achou que seria uma ideia genial levar um kit de Lego de 4.800 peças do castelo da Disney para montar como uma espécie de exercício de integração e trabalho em equipe. A foto de Carter de quatro, segurando o rosto devastado, cercado por milhares de peças de Lego e pelo menos dez crianças, três das quais em crise de choro, mostra que, na verdade, não foi uma ideia genial. Salvo a foto e atualizo a foto de contato do Carter.

"Adam já chega", digo a Shazia, guardando o celular depois de checar a hora.

Ela acena com a cabeça, passando os dedos pelos cabelos, trançando as mechas até formar uma longa e grossa trança nas costas. Ela prende o cabelo num coque, fixando-o na nuca, e começa a colocar o hijab de volta enquanto revisamos os planos preliminares para a inauguração do acampamento infantil do Adam na primavera. Quando o próprio Adam entra dez minutos depois, ele vem acompanhado dos outros quatro meninos.

"Estávamos conversando no caminho sobre coisas divertidas que poderíamos fazer na inauguração, e—"

Carter bate as mãos na minha mesa, com um olhar animado e meio desvairado no rosto. "Festa da espuma."

"Não."

"O quê?" Ele arranca o gorro e o joga no chão. "Mas por quê?"

"Eu te disse que ela nunca concordaria." Garrett coloca a mão no peito, parecendo incrivelmente confiante para alguém cujas ideias ruins só perdem para as do Carter. "Por isso que eu sugeri uma piscina de bolinhas."

"Tá bom, isso pode ser divertido."

Seus olhos brilham. “Certo? Então, é meio estilo Tarzan, mas você tem que subir nessa árvore e depois se balançar numa corda até—”

“Não.” Olho para Jaxon. “O que você tem aí, Don Juan?”

“Tá bom, imagina só.” Ele gesticula com as mãos no ar. “Ioga com animais.”

Murmurando, inclino a cabeça para o lado. “Gostei.”

Ele sorri. “Com gatos.”

“Detesto.”

Ele joga os braços para o ar. "Isso é uma palhaçada!"

Shazia observa com um sorriso largo enquanto os meninos se dispersam no caos. "Alguém precisa arranjar um programa de TV para vocês."

Carter aponta para ela. "Obrigado! Eu digo isso há anos!"

Balançando a cabeça, volto para o meu computador, digitando as ideias ridículas deles e as melhores que meu cérebro consegue transformar. O almoço chega para todos vinte minutos depois, e coloco a mão na barriga quando todos abrem seus wraps, o cheiro forte me atingindo e me dando náuseas. Afastando minha bolsa, abro o Google, digitando na barra de pesquisa enquanto todos comem e conversam.

10 dias após a transferência de embriões, o cheiro de comida me dá náuseas

Aquelas borboletas cansadas se agitam, lentamente alçando voo no meu estômago enquanto meus olhos examinam os resultados da pesquisa.

Meu coração bate forte nos meus ouvidos, uma dança animada que não consigo controlar.

Uma mão quente e pesada pousa no meu ombro, e eu dou um pulo na cadeira, tentando alcançar o mouse para fechar a tela.

O aperto de Emmett no meu ombro se intensifica, sua outra mão cobrindo a minha, impedindo-me de fechar a tela. Meu pulso dispara enquanto seus olhos

percorrem as palavras.

Uma coisa é sentir esperança diante de fracassos intermináveis. Outra coisa completamente diferente é deixar que alguém veja essa esperança delirante.

Mas Emmett não é apenas mais um.

Seus olhos encontram os meus, e eu respiro fundo seu amor infinito enquanto o canto de sua boca se curva num sorriso lindo que ele deposita suavemente em meus lábios. E enquanto sua mão desliza sobre minha barriga, me abraçando por trás enquanto ele sussurra "Eu te amo", eu me permito viver nessa esperança por mais um tempo.

Mesmo que seja delirante.

EU NÃO DORMI. Nem um minuto sequer. Essa esperança se transformou em confiança, em certeza, depois de vasculhar páginas do Reddit dedicadas a jornadas de fertilidade, guerreiras da FIV e apoio à gravidez. Senti um frio na barriga a noite toda, e pressionei os dedos contra a barriga, imaginando como seria daqui a alguns meses.

Dez minutos no Pinterest para me ajudar a dormir se transformaram em uma hora, e uma hora em três. Quando Emmett piscou os olhos sonolentos contra o nascer do sol, passou um braço em volta da minha cintura e me puxou para o seu peito firme, eu estava dando os toques finais em um painel intitulado "Bebê Brodie", subpainéis para ideias de anúncios, o chá de bebê dos meus sonhos, quartos de bebê, ensaios fotográficos em família para todas as estações e feriados, e o primeiro aniversário deles. Emmett deu uma olhada no meu celular e, em seguida, sussurrou palavras no meu pescoço.

"Espero que eles tenham o seu coração, sejam quem forem."

Mas enquanto ele está sentado ao meu lado na clínica, uma mão cobrindo minha coxa enquanto a outra segura a minha, depositando um beijo em cada junta dos dedos, eu espero, quem quer que sejam, que tenham a mão dele.

Desvio o olhar enquanto a enfermeira coloca um torniquete no meu bíceps, engolindo o medo familiar enquanto ela limpa a dobra do meu braço com um algodão embebido em álcool. Meu peito sobe e desce enquanto me concentro nos lábios de Emmett, na maneira como deslizam pela minha pele, no fogo que parece nunca se apagar, não importa quantas vezes ele me beije.

"Você criou uma pasta para nomes naquele seu aplicativo?"

Meu olhar encontra o de Emmett. "Chama-se 'pasta'."

Revirando os olhos em tom de brincadeira. "Você criou uma pasta para nomes?"

Balanço a cabeça e fecho os olhos com força ao ouvir a enfermeira pegar a agulha da bandeja de metal. "Eu procurei, mas nenhum deles estava certo."

"Hum. Precisa ser perfeito."

"É por isso que acho que a escolha mais lógica é Cara Jr., se for menina. Perfeição, desde o início. Ou vagina, neste caso."

Emmett solta uma risada rouca. O polegar dele desliza suavemente pela minha maçã do rosto. Minhas pálpebras tremem e meu coração se aquece com o amor no olhar de Emmett. O orgulho. "Você conseguiu", ele murmura, e minha cabeça se vira a tempo de ver a enfermeira colocar meu frasco de sangue na mesa e pressionar um algodão no meu braço.

"Só isso? Mas eu nem... eu nem senti dessa vez!" Meu olhar alterna entre eles, e eu franzo a testa quando Emmett tira uma caixinha do bolso. "O que é isso?"

Ele abre a caixa, mostrando um Band-Aid para a enfermeira. "Posso?" Quando ela acena com a cabeça, ele retira o papel protetor e, com cuidado, coloca o curativo sobre o algodão, afastando-se para que eu possa ver quando terminar.

Tons suaves de vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo. Duas nuvenzinhas.

Emmett segura meu rosto entre as mãos e eu fecho os olhos enquanto seus lábios pressionam minha testa num beijo suave como uma pluma, que faz uma lágrima solitária rolar pela minha bochecha. "Haverá um arco-íris depois da nossa tempestade também, Cara. Eu sei disso."

EU NÃO TINHA A INTENÇÃO DE COMPRAR todas essas coisas.

Eu só fui dar uma olhada. Para me deleitar com essa esperança.

E então eu vi aqueles pantufas minúsculas, fofinhas e bege, com o rosto de um cordeirinho dormindo na ponta. O pequeno dorminhoco, PEQUENO MILAGRE rabiscado nelas. O cueiro mais macio, coberto de arco-íris em ricos tons de outono.

Passo o dedo sobre o tecido macio de bambu, traçando um dos arco-íris enquanto imagino o menor pacotinho de alegria enrolado ali dentro, fazendo barulhinhos enquanto se mexe e se contorce. Sem pensar, junto as coisas nos braços, abraçando-as

contra o peito. Minha garganta queima, um desejo tão profundo que envolve meu coração, apertando-o, e esse desejo não é mais apenas uma vontade. É uma necessidade, tão essencial quanto minha próxima respiração.

Se eu não puder ser mãe... se Emmett não puder ser pai...

Balanço a cabeça, afastando esses pensamentos.

O som da porta da garagem se abrindo me faz pular, e eu guardo as coisas do bebê no armário antes de voltar correndo para a cama, onde o resto das minhas compras está organizado em uma sacola de presentes. Sorrio enquanto coloco cada item dentro da sacola: um macacão com a frase "ENGAJE, ANDE, HÓQUEI", outro com a imagem de um taco e um disco de hóquei, e a frase "PAPAI FEZ UM GOL POR CIMA DO GOLEIRO" embaixo. Uma camiseta masculina com a frase "PAPAI GOSTOSO" e outra quase idêntica, só que com uma foto do Charlie Swan embaixo, porque, né? Uma camiseta para mim também, com a frase "EU AMO PAIS GOSTOSOS", porque, se tem uma coisa que eu sou, é sincera. Um livro infantil chamado "Eu Te Amo, Papai" para eles lerem juntos, e uma caneca para o café da manhã dele, porque ele definitivamente vai ser um SUPER PAI.

"Meu bem!" A voz de Emmett ecoa pela casa quando ele entra vindo da garagem, e eu escondo a sacola de presentes no armário, atrás de uma fileira de vestidos de verão. Sorrio para mim mesma ao ouvir a leveza em sua voz, a canção alegre que ecoa pelas escadas junto com o som abafado de seus passos rápidos. Não sou só eu que estou respirando mais aliviada nestes últimos dois dias, flutuando na ideia de que milagres existem, mas Emmett também. Ele entra no quarto de meias, com o gorro meio caído, aqueles olhos azuis brilhando quando me vê.

"Você está cantando 'Our Song'?", pergunto, de braços cruzados e sobrancelha arqueada enquanto ele caminha em minha direção.

"Ninguém canta tão bem quanto a Taylor Swift de 2006." Ele passa um braço em volta da minha cintura, me puxando para o seu peito. Seus dedos se entrelaçam nos meus, a outra mão se acomoda na curva das minhas costas enquanto me aconchego contra ele, encostando minha bochecha em seu ombro, balançando junto com ele.

Esta é a nossa música. Eu e ele, juntos. Peito a peito, o sol envolvendo meu corpo, me abraçando forte. O ritmo lento do nosso coração enquanto nos embalamos ao seu compasso. Sua testa pressionada contra a minha, uma mão deslizando pelo meu queixo, inclinando meu rosto para o dele. Sua respiração, quente, roçando meus

lábios. O jeito como ela se prende em sua garganta, pouco antes de ele abaixar a boca aquele último centímetro e roubar um beijo que sempre lhe pertenceu. Duas pessoas entrelaçadas, uma tapeçaria de sorrisos e risadas, sonhos sussurrados na madrugada, café no balcão da cozinha, eu vestindo apenas sua camiseta e as marcas que sua boca deixou enquanto o sol nascia sobre as montanhas. Uma dança tranquila que conhecemos de cor, nos unindo como um só, do jeito que sempre deveríamos ter sido.

Essa é a nossa música.

Sigo Emmett escada abaixo, onde trabalhamos lado a lado na cozinha, preparando uma salada de frango com mostarda e mel e abacate que servirá como almoço tardio e jantar antecipado antes do jogo dele hoje à noite, enquanto contornamos delicadamente o elefante na sala: estamos esperando um telefonema que pode mudar nossas vidas para sempre.

O telefone de Emmett toca e ele leva o polegar à boca, limpando o abacate antes de tirar o aparelho do bolso. Revira os olhos, recusando a ligação do irmão antes de voltar a cortar abacates. "O Craig mandou mensagem enquanto eu estava no treino da manhã, perguntando se eu tinha ingressos extras para hoje à noite. Eu disse que não."

"Emmett", dou uma risadinha, dando um peteleco no ombro dele. Ele e os meninos sempre deixam nossa fileira livre para nós e para qualquer outro amigo ou familiar que queira vir junto.

"Não me dê um peteleco", ele murmura, beliscando minha bunda. "A única coisa que posso garantir em todos os jogos em casa é olhar para a torcida e ver minha esposa linda se divertindo. Da última vez que ele e a Sasha vieram, você parecia que ia explodir de tanta raiva. Não posso deixar isso acontecer. Seu cabelo é lindo demais para ficar manchado de sangue."

Dou uma risadinha. "Eles têm a mania de me lembrar da sorte que temos de não ter filhos, porque podemos dormir até mais tarde." E então veio o último jogo, em que Sasha reclamou da longa caminhada de volta para o carro, fez beicinho ao ver as vagas reservadas para gestantes e, em seguida, disse que entendia por que eu queria tanto engravidar. Como se uma caminhada mais curta fosse a base sobre a qual Emmett e eu construímos nossos sonhos, motivo suficiente para eu me submeter a dois anos e meio de turbulência e sofrimento, meses de injeções de hormônios, por nada além de uma maldita vaga de estacionamento e uma caminhada mais curta.

Afastando esses pensamentos, coloco o frango marinado em uma assadeira. "Sobre o que ele está ligando agora?"

"Provavelmente para me encher o saco pedindo ingressos. Ligo para ele amanhã. Temos muita coisa na cabeça hoje. Não precisamos dele ocupando espaço aqui."

Assinto, grata por um marido que sempre pensa em mim quando toma decisões. Às vezes, acho que ele se importa mais com a minha cabeça do que com a dele.

Ele pigarreia, e um sorriso surge no canto da minha boca enquanto o observo, o rosa tingindo suas bochechas enquanto ele se esforça para fechar a tampa da saladeira.

Apoiando o quadril no balcão, cruzo os braços sobre o peito e arqueio uma sobrancelha, divertida. "Desembucha, Brodie."

Ele sorri, e a cena é tão desarmantemente infantil, uma mistura de travessura e inocência, que meu coração dispara. Ele olha para os pés, coçando a nuca antes de nossos olhares se encontrarem. "Pensei em um nome."

"Um nome?"

Ele torce as mãos, e aquele rosa pontilhando suas bochechas? É intenso, as pontas das orelhas mergulhadas em um vermelho rubi. "Para o nosso arco-íris, se for uma menina."

Meu coração acelera. "Uma menina?"

“Eu estava pensando... Lana. Para você—”

“Mémère”, sussurro, e ele pega minhas mãos nas suas, acariciando meus nós dos dedos com os polegares.

“Ela é especial para você, e para mim também. Ela é forte, corajosa e engraçada, assim como você.”

Meu nariz formiga e eu fungo, piscando a picada repentina em meus olhos. "É perfeito." Outra fungada, e eu levanto um ombro. "Você sabe, se Cara Jr. está fora da mesa." Emmett ri, e eu derreto na segurança de seu peito. "Você realmente acha..." O medo sobe pela minha garganta, apreendendo as palavras que quero dizer, a pergunta que tenho medo de fazer. Ele realmente acha que estamos grávidas?

Ele coloca minha mandíbula entre parênteses, seus olhos segurando o mesmo medo, como se nós dois estivéssemos com medo de azará-lo. "Eu não sei", ele admite em um murmúrio terno. "Mas eu sei que eu apenas sinto ... bom. Positivo. Esperançado. Algo parece certo desta vez, Care. Parece que... Parece que é a nossa

hora, sabe?" Ele balança a cabeça, desviando o olhar. "Desculpe. Eu não deveria ter dito isso."

"Não." Eu coloco sua bochecha, trazendo seu olhar de volta para o meu. "Não, Em. Eu também sinto isso. E às vezes... às vezes temo que esteja tudo na minha cabeça. Que estou sendo irrealista e sou o único. Mas isso deve significar alguma coisa, certo? Que nós dois sentimos isso? Tem que ser um sinal."

"Acho que sim, baby." Ele beija meus lábios, depois agarra meus quadris enquanto se agacha na minha barriga. "Espero que você esteja aí, baby. Sua mãe tem a casa mais perfeita para você cozinhar por nove meses. Meu coração se estica, e quando ele pressiona os lábios no meu estômago, eu fecho os olhos e rezo para que nosso amor seja suficiente para desejar que esse bebê exista. Que eu não estou prestes a quebrar o coração do meu marido.

Emmett passa o resto da tarde me mimando. É uma de suas maneiras favoritas de me impedir de hiperfixar e espiralar. Funciona, sempre, e especialmente agora, embora isso possa ter algo a ver com o quão ridículo ele parece, ajoelhado no chão aos meus pés, vestindo um manto roxo fofo coberto de fotos em forma de coração do meu rosto, uma das minhas tiaras empurrando o cabelo para trás para que não fique preso na máscara facial rejuvenescedora de argila rosa que coloquei em sua pele.

"Perfeito," ele murmura, guardando o sobretudo e soprando nos meus dedos molhados. Ele embala um pé na mão, seu sorriso tão envergonhado quanto orgulhoso enquanto mostra seu trabalho de esmalte.

Azul celeste, com arco-íris minúsculos e vacilantes em ambos os dedões dos pés.

E eu nunca, nunca amei nada do jeito que amo meu marido.

Uma hora depois, com rostos frescos, dedos secos e roupas de verdade, sentamos para comer.

Meu telefone toca no momento em que minha bunda bate na cadeira.

Nós dois congelamos e meu coração bate sem olhar para o identificador de chamadas.

Meu olhar colide com o de Emmett, e todo esse medo volta correndo. "Quer saber? Não vamos entender. Sim, vamos deixar ir para o correio de voz." Eu balanço minha cabeça, pegando a saladeira, despejando pelo menos 95 por cento dela no meu prato. "Podemos ouvir mais tarde esta noite, depois do seu jogo, caso seja uma má notícia. Ou amanhã, talvez. Honestamente," – eu rio, ignorando o som estridente

disso enquanto dou de ombros – "nós poderíamos apenas, tipo... espere, sabe? Tipo, veja se eu menstruo em alguns dias. Então, se eu não fizer isso, podemos ouvir o correio de voz. Eu acho que é um—"

"Cara." Emmett coloca a mão sobre a minha. "Esperançosa, lembra?"

Olho para o meu prato, o sangue pulsando forte nos meus ouvidos enquanto atendo a chamada e coloco no viva-voz, fechando os olhos com força. Emmett entrelaça seus dedos nos meus e eu solto a respiração. "Alô?"

"Oi. Estou falando com a Cara Brodie?"

"Sim, sou eu, Cara."

"Oi, Cara. Estou ligando do consultório do Dr. Brenling com os resultados dos seus exames de sangue desta manhã. Agora é uma boa hora?"

"Depende dos resultados", respondo com uma risada forçada.

Emmett me dá um sorriso paciente. É lindo e firme, como se não houvesse um osso incerto em seu corpo. Tento me concentrar nele, absorver sua força.

O som do sangue pulsando nos meus ouvidos é tão alto que quase abafa o silêncio que se estende enquanto espero por uma reação da enfermeira. Qualquer coisa que indicasse que ela me ouviu.

Mas a enfermeira não diz nada.

E meu coração... meu coração para de bater.

Afasto minha mão da de Emmett, colocando ambas no meu colo enquanto meu mundo inteiro se resume ao tremor violento delas quando a enfermeira finalmente fala.

"Como você sabe, consideramos níveis de hCG de 25 ou mais como positivos para gravidez, 5 ou menos como negativos, e qualquer valor entre esses é uma questão de esperar." Ela faz uma pausa, talvez esperando que eu confirme suas palavras. Eu não confirmo. Há um nó na minha garganta, repentino e enorme, e não consigo respirar direito, por mais que tente.

Meu peito dói, uma dor devastadora, dilacerante, diferente de tudo que já senti.

Essa dor me diz que nunca mais ousarei sonhar.

Essa dor me diz que nunca mais serei eu mesma.

Não ouço o arrastar da cadeira de Emmett. Num instante ele está sentado à mesa, e no seguinte está atrás de mim, uma mão agarrando meu ombro, a outra pressionada sobre meu coração.

Talvez um dia eu lhe pergunte se ele conseguiu sentir como meu coração se despedaçou com as próximas palavras da enfermeira.

"Seus níveis de hCG deram três. Você não está grávida, Cara."

A mão sobre meu coração treme, assim como a que está em meu ombro. Pontas de dedos largas que cravam na minha carne, como se estivessem se agarrando com todas as forças, agarrando-se a um futuro do qual se recusam a abrir mão. Tremendo, enquanto ele vê esse sonho ir por água abaixo.

Como se ele tivesse percebido, neste momento, que às vezes não há milagre.

Às vezes a resposta é simplesmente... não.

Não há vírgula, nem ponto e vírgula, nem maldito ponto de interrogação no final da frase, deixando a porta aberta. Apenas um maldito ponto final. Final e condenatório.

Lágrimas furiosas brotam, e minha visão fica turva.

"Mas eu... eu tenho sintomas. Minhas costas doem e meus mamilos estão sensíveis. Estou cansada, e meu—"

"Muitos sintomas da TPM são parecidos com os da gravidez, querida."

"Mas eu... eu..." Meu maxilar se contrai, uma amargura tão profunda, tão raivosa, tensionando cada músculo, até eu sentir que vou explodir. Fecho os olhos, desesperada para afastar as lágrimas, a raiva, mas é inútil. Sem ter para onde ir, elas escorrem silenciosamente pelas minhas bochechas. Emmett estende a mão para mim e eu a afasto, cerrando os punhos contra o peito enquanto tento desesperadamente encontrar algo para dizer. "Estou com náuseas. Ontem, no almoço, o cheiro estava tão forte que achei que ia vomitar. E aí, hoje de manhã..."

"Provavelmente foi só nervosismo." A enfermeira faz uma pausa antes de continuar suavemente. "Eu já estive no seu lugar, Cara. A triste verdade é que, às vezes, desejamos tanto algo que nos convencemos de que já existe. Sinto muito."

É isso mesmo? Estou tão desesperada que me tornei delirante?

A enfermeira continua em meu silêncio, tagarelando sobre nossas opções enquanto meu corpo me obriga a levantar, fazendo-me andar de um lado para o outro na cozinha e na sala de estar. Meu olhar cruza com o de Emmett bem na hora em que ela transmite a sugestão do Dr. Brenling de adiar tudo. É a devastação em seus olhos, o desespero, a maldita pena enquanto a enfermeira menciona que a baixa qualidade dos

óvulos provavelmente afetou nossos embriões, que me força a desviar o olhar, incapaz de suportar o peso de todas aquelas emoções nublando seu olhar.

Emoções que não estariam ali se meu corpo simplesmente fizesse o que deveria e funcionasse.

Emoções que não estariam ali se não fosse por mim.

Eu. Eu sou o problema. Não ele.

"Com apenas um embrião restante, o Dr. Brenling sugere que você faça algumas rodadas de coleta de óvulos para acumular alguns embriões antes de tentar outra transferência, momento em que poderíamos discutir a transferência de mais de um. Ele também quer te lembrar que, hum..." A enfermeira pigarreia. Isso não diminui sua hesitação. "A fertilização in vitro com o esperma do seu marido e óvulos de doadora, assim como a barriga de aluguel, são excelentes opções para a sua situação."

Eu sou a maldita do problema.

"O quê? Care, não. Não, querida, você não é o problema."

Levanto a cabeça bruscamente quando Emmett se aproxima, balançando a cabeça negativamente. Meus olhos se voltam para minha mão trêmula, pairando sobre a boca que acidentalmente pronunciou aquelas palavras em voz alta. Que finalmente revelou a verdade.

Então eu faço de novo, me afastando dele enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto e encerro a ligação.

"Eu sou a maldita do problema. Eu, Emmett."

Ele estende a mão para mim, cerrando os dentes quando o afasto com um tapa. Lágrimas se acumulam naqueles olhos azuis penetrantes, e pela primeira vez na vida, não sei como consertar isso. Não sei como curar a dor dele, porque estou me afogando na minha própria. Não sei como amá-lo nessa situação, porque eu não... não sei como me amar nessa situação.

Eu nunca deixei de saber como me amar.

Minha cabeça pende, pesada demais de vergonha para mantê-la erguida. Meus punhos se abrem, deixando o último resquício de esperança escorrer por entre meus dedos. E meu coração afunda em derrota.

Eu sou um fracasso.

E Emmett? Emmett estaria melhor sem mim.

Mãos quentes acariciam meu rosto, erguendo-o. Fecho os olhos, deleitando-me com a sensação de estar em seus braços enquanto ele enxuga delicadamente minhas lágrimas. Segura. Preciosa. Amada além da medida.

Por quanto tempo mais poderei viver aqui?

Quanto tempo até que eu realmente entenda que não posso lhe dar isso? Que outra pessoa poderia?

Que ele não... precisa de mim.

"Olha para mim, meu bem."

Meu pulso dispara, meu coração despedaçado ansiando por satisfazê-lo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto coloco minhas mãos sobre as dele, afastando-as delicadamente. "Eu não consigo", sussurro, e cada gota da angústia de Emmett invade o ambiente enquanto me afasto dele.

Paro no pé da escada, sentindo sua presença atrás de mim, minhas mãos tremendo com a necessidade de abraçá-lo, de afastar seus soluços silenciosos. "Me desculpe, Emmett."

Dou dois passos antes que as portas dos carros batam na nossa entrada, e mais dois antes que uma rodada de risadinhas soe lá fora. Na metade do caminho até o topo, ouço uma batida ansiosa na porta da frente antes que ela se abra de repente.

"Aí estão vocês dois!"

Fecho os olhos ao ouvir a voz na entrada e me agarro ao corrimão, parando na escada.

"O que vocês estão fazendo aqui?" A voz de Emmett treme enquanto ele luta para controlar as emoções. "Eu disse que não tinha ingressos para vocês hoje à noite. Querida, suba. Não se preocupe com eles agora."

"Nossa, não aja com tanta ansiedade para nos ver."

Faço um péssimo trabalho ao limpar as lágrimas do meu rosto antes de me virar, observando Craig tirar o casaco e jogá-lo no banco da entrada antes de começar a trabalhar no de Sasha, com sorrisos radiantes nos rostos de ambos.

Ele olha para mim, franzindo o nariz, e depois encara Emmett com uma expressão carrancuda. "O que está acontecendo com vocês dois? Cara está com uma cara péssima." Ele se inclina para mais perto, cutucando a bochecha de Emmett. "E você estava chorando?"

Emmett empurra Craig para trás. "Cuidado com a sua boca quando estiver falando da minha esposa."

Craig levanta as mãos em sinal de rendição. "Tá bom, tá bom. Puxa." Ele me lança o que tenho certeza que ele acha ser um sorriso encantador. "Além disso, a sua versão de 'péssima' é a normalidade de todo mundo."

O olhar de Sasha oscila entre Emmett, Craig e eu. Ela segura o cotovelo de Craig. "Talvez não seja uma boa hora."

"Exatamente." Emmett joga o casaco para Craig e abre a porta. "Você precisa ir embora. Eu te ligo amanhã."

“Ah, qual é, cara. A gente só queria compartilhar a novidade com você pessoalmente, só isso. Dirigimos até aqui. Se você realmente não tem ingressos para o jogo hoje à noite, a gente vai embora depois.”

Os olhos de Emmett brilham antes de se fixarem nos meus. Ele tenta conduzi-los para fora, mas eu dou um passo à frente, depois outro, com uma palpitação furiosa no peito, um zumbido tão alto nos meus ouvidos que mal consigo ouvir minha própria pergunta. “Novidades? Que novidades?”

Craig e Sasha se entreolham, um momento de silêncio que termina rápido demais, com sorrisos radiantes iluminando seus rostos. Craig puxa Sasha, que ri, de volta para o seu peito, com as mãos na barriga dela.

“Estamos grávidos!”

Vou me lembrar deste momento para o resto da minha vida, disso eu tenho certeza. A forma como toda aquela inveja imunda crepita e explode. A raiva amarga que transborda, queimando minha pele. A dor lancinante que me rouba o fôlego. As garras do fracasso se cravando, submergindo-me num mar de autodesprezo.

Vou me lembrar da agonia sufocante e vou me lembrar de como tudo isso se dissipou enquanto eu me afogava.

Porque é isso que acontece.

Eu me afogo, aqui mesmo na minha escada, até me sentir vazio.

Até sentir... nada.

Não sinto nada.

OceanofPDF.com

18 A ARTE DE COLOCAR AS PESSOAS EM SEU LUGAR Emmett

PASSEI O QUE PARECE UMA VIDA INTEIRA observando minha esposa. Desde o momento em que a vi pela primeira vez, não consigo tirar os olhos dela. Ela entrou naquela sala, nossos olhares se cruzaram e minha vida começou.

Aprendi mais do que jamais poderia na escola, observando-a. Aprendi o que é uma confiança silenciosa e quando é permitido deixar essa confiança transbordar. Aprendi a me sentir confortável na minha própria pele. A me amar. A transformar cada fraqueza em algo que me torna especial. Aprendi a ser amiga, a amar as pessoas que amo incondicionalmente, a estar silenciosamente ao lado delas ou a dar-lhes o empurrão que precisam, o lembrete de que podem superar qualquer coisa. Aprendi o que é coragem — força verdadeira, genuína, aquela que você encontra quando pensa que não consegue ir mais fundo, mas é forçado a fazê-lo mesmo assim.

Aprendi que a dor está em toda parte, escondida em lugares inesperados.

É a esperança silenciosa à qual você se agarra mês após mês, um desejo que nunca se realiza. Um futuro que não existe, comprovado repetidamente por uma única linha rosa. Um vazio que parece crescer a cada mês, roubando pedaços de você bem das suas mãos. Às vezes, o luto é lamentar o que nunca foi, enxugar as lágrimas, respirar fundo, colar um sorriso forçado no rosto e se convencer de que sempre haverá o próximo mês, o próximo ciclo.

E às vezes, o luto é a derrota. Desistir da luta, do esforço. Sorrisos vazios. Olhos vazios. Palavras vazias, sussurradas sem significado.

Uma alma despedaçada, uma casca da mulher que ela era antes.

Aprendi muito observando minha esposa. Nesta última semana, aprendi o que significa sobreviver quando não se tem outra escolha.

Não quero que ela apenas sobreviva; quero que ela viva.

Mas não sei como trazê-la de volta disso.

E isso? Isso me torna um fracasso.

Abrindo a porta de correr do pátio, estremeço de frio ao sair. Flocos de neve caem lentamente, decorando o quintal e os pinheiros imponentes atrás de nós como um paraíso de inverno. A caneca rosa aquece minhas mãos enquanto a levo pelo pátio coberto até onde Cara está encolhida no balanço grande ao lado da lareira, olhando para a neve.

"Oi, vagalume", murmuro, inclinando-me para beijar o topo da sua cabeça. Coloco a caneca em suas mãos. "Fiz um latte para você."

Seus olhos azuis vazios encontram os meus, e ela me dá um sorriso igualmente vazio. "Obrigada."

Eu a observo por um momento, a maneira como ela segura a caneca, a maneira como seus olhos se movem de volta para as árvores, olhando tão fixamente para elas que não tenho certeza se ela percebe que elas estão lentamente sendo cobertas de neve. Minha mão vai para a minha nuca enquanto procuro algo para dizer. Eu inclino minha cabeça para a árvore de Natal nua na janela da nossa sala de estar. "Quer decorar a árvore hoje à noite? Pizza, vinho, lanches e It's a Wonderful Life?"

"Claro."

"Ótimo." Eu bato palmas. "Vou pegar lanches no caminho para casa. Skittles e M&M's? Vou pegar sacos de família com os dois e misturá-los em uma tigela grande para você.

"Isso soa bem." Ela sorri novamente, e não me lembro da última vez que atingiu seus olhos. Isso me faz sentir em pânico, faz minhas mãos tremerem. "Eu realmente não sinto vontade de lanches, no entanto," diz ela suavemente, voltando o olhar para o quintal. "Honestamente, poderíamos simplesmente pular a decoração da árvore este ano. Qual é o ponto?" Ela leva a caneca aos lábios rosados, tomando um gole. "É apenas um dia e depois acaba."

"Eu... mas você... Eu não..." Eu deslizo meus dedos sob meu gorro, coçando minha cabeça enquanto meu pulso bate em meus ouvidos. "Você ama o Natal," eu sussurro. Ela diz que é o único dia por ano em que ela pode mimar todos que ama sem que eles reclamem que ela está fazendo demais. E decorar a árvore? Sempre foi um caso de um dia inteiro, que ela planeja meticulosamente, até as meias nos pés, as fitas no cabelo, a roupa quase imperceptível da Sra. Claus com a qual ela gosta de me torturar e a

ordem de sua lista de reprodução. Eu olho para os meus sapatos. "Eu amo nossa tradição."

Outro sorriso, tão frio quanto a mão dela quando ela toca a minha. "Ok, Emmett. Nós faremos isso. Desculpa. Eu não queria incomodá-lo.

"Eu não quero que você se desculpe."

Ela inclina a cabeça. "O que você gostaria que eu fizesse?"

Sorrir. Um real. Um que ilumina seus olhos, me mostra que você ainda está vivo. Que eu não te perdi.

"Eu só quero que você seja feliz", é o que eu murmuro, e me arrependo no segundo em que esses olhos piscam. Eu me agacho na frente dela, colocando sua caneca de lado para que eu possa pegar suas mãos nas minhas. "Estou preocupado com você. Sobre o que isso está fazendo com você."

Seu peito arfa. Seus olhos brilham. Eu não me importo se é raiva; Eu quero. Eu quero qualquer emoção que ela me dê. Eu só quero que ela sinta algo, qualquer coisa.

Mas então ela se inclina para frente, varre o fantasma de um beijo sobre minha testa e se levanta. "Eu tenho que encontrar um cliente. Vejo você quando chegar em casa.

Eu fico lá na neve caindo, observando enquanto ela desaparece em casa, ouvindo enquanto seu carro desce a garagem e se afasta, e eu me pergunto se ela realmente voltará para casa.

PASSO AS PRÓXIMAS DUAS HORAS amarrando as mesmas vinte contas no mesmo fio elástico. Repetidamente, preto, azul marinho e roxo, corações brilhantes pequenos demais para meus dedos.

Minha mão treme, como já vem acontecendo há muito tempo, e perco a pulseira. As contas se espalham pela mesa pela décima quinta vez, e desta vez, chega. Empurro a bandeja de contas para longe e gemo, esfregando as mãos no rosto.

"Sou uma completa inútil", murmuro.

"Parece um pouco duro." Uma mão se estende da minha esquerda, recolhendo minhas contas. Olho para cima e observo Jaxon começar a organizá-las em um quadro. Com as sobrancelhas arqueadas, ele aponta para as letras que eu havia coletado antes. Quando concordo com a cabeça, ele as alinha ao lado dos corações.

"Sarah me ensinou isso", ele murmura sobre uma menina que morava aqui no orfanato antes de ser adotada no início deste ano. Eles ainda são muito próximos, quase como irmãos. “Às vezes é um pouco complicado...” Ele fura uma das pontas do fio de miçangas, empurra-o para dentro e exclama “ahá!” ao levantar as duas pontas.

Quero agradecê-lo, porque sei que devo. Mas estou com raiva. Derrotada. Estou me esforçando tanto para ser tudo o que Cara precisa agora, e estou falhando. Falho repetidamente. E esta pulseira — esta maldita pulseira sem sentido — é apenas mais um exemplo disso. Algo que não consigo fazer direito. Algo que outra pessoa faz com facilidade.

É como se Jaxon pressentisse, porque ele me encara por um momento em silêncio antes de despejar as miçangas de volta na bandeja, alinhando-as novamente. “Agora tente você.”

Levo alguns minutos, muito mais tempo do que Jaxon. Mas finalmente, com as mãos trêmulas e a testa tão franzida que dói, levanto o fio de miçangas.

Jaxon segura meu ombro. “Você conseguiu, amigão. Agora amarre antes que você deixe cair.”

Balanço a cabeça, nervoso demais para tentar.

“Me dá aqui.” Carter estende a mão por cima da mesa, fechando os dedos na palma da mão. “Tenho dedos ágeis.”

Garrett bufa, afastando a mão dele. “Me dá. Eu dou nós o tempo todo.”

Carter o encara. “Quando?”

Garrett franze as sobrancelhas. “Quando eu tirar a fita do cabelo da sua irmã e usar para amarrar os pulsos dela na—”

Carter tapa os ouvidos com as mãos. “Lá-lá-lá-lá-lá, não estou ouvindo, não estou ouvindo!”

Entrego a pulseira, observando Garrett se concentrar em amarrar as pontas. Quando Carter tira as mãos dos ouvidos com cautela, Garrett murmura: “Postes da cama.”

Ele joga a pulseira pronta para mim, gritando enquanto Carter diz para todas as crianças da nossa mesa: "Peguem ele!" O coitado é derrubado no chão, sufocado por travesseiros e bichos de pelúcia, gritando por socorro para Adam.

Adam não levanta os olhos da pulseira que está fazendo. "Você está indo muito bem, amigão."

Uma porta se fecha e eu olho por cima do ombro quando Emily, uma terapeuta que trabalha aqui com algumas das crianças e uma das boas amigas de Garrett e Jennie, sai do seu consultório. Ela se junta a nós na mesa, olhando para as miçangas espalhadas sobre ela. "Gostando da atividade de artes e artesanato?"

Adam ergue uma pilha de pulseiras. "Estamos fazendo pulseiras para dar de presente para alguém que amamos no Natal."

Emily pega uma pulseira, lendo a palavra nela. "Leoa?"

"Uma das crianças sugeriu que escolhêssemos algo que nos lembrasse a pessoa a quem estamos dando. Leoa é para Rosie, porque ela é forte e corajosa."

"Eu fiz treze", diz Carter, sem fôlego, como se esperar sua vez de falar fosse insuportável. "Quer ouvir todos eles?"

"Eu não poderia pensar em uma ideia pior", murmura Emily, mas Carter começa a listá-los de qualquer maneira.

"Cebola para Jaxon, porque ele está tão embrulhado em camadas. Gatinho para Ollie, porque ela é pequena, macia e adorável, mas também, gatinho é outra palavra para pus..."

"Cale a boca. Agora." Emily pega um, arqueando as sobrancelhas. "Este apenas diz DILF."

As bochechas de Carter ficam vermelhas quando ele a tira dela, deslizando-a em seu pulso. Ele acaricia as contas com reverência. "Essa é para mim."

Emily revira os olhos e examina o resto das pulseiras, parando para se conectar com todas as crianças na mesa, perguntando por que escolheram sua palavra. Ela para em mim, os olhos se movendo pela pulseira de Cara.

Tempestade.

Eu desvio o olhar, enrolando a pulseira em meu punho. Eu não quero falar sobre isso, não agora, não na frente de todos. Não quando meu coração não parou de martelar em meus ouvidos o dia todo.

E em vez de perguntar, Emily coloca a mão no meu ombro. Um toque suave, apenas por um momento, e depois se foi. "Essa é uma palavra perfeita para Cara."

Parte dessa tensão em meus ombros diminui, apenas o suficiente para me deixar respirar.

A porta da frente se abre e Marlene, uma das assistentes sociais, entra, sacudindo a neve do chapéu. "Brrr. Está frio lá fora hoje!" Ela gesticula para dentro com as mãos.

"Entre, querida. Está bom e quente aqui."

Um garotinho se arrasta para dentro, um passo lento e minúsculo de cada vez. Ele está vestindo um casaco pelo menos dois tamanhos maior, pendurado além dos joelhos. Seu cabelo ruivo queimado está polvilhado com flocos de neve, suas orelhas congeladas e com pontas vermelhas. Ele não pode ser muito mais velho que Connor, se eu tivesse que adivinhar. Três ou quatro, uma coisinha. Mas é a maneira como seu olhar treme, a maneira como ele se apega a essas lágrimas como uma tábua de salvação, recusando-se a deixá-las cair em suas bochechas... Isso é o que me faz ver minha esposa. Ambos machucados, assustados, desesperados para se segurar.

"Garoto novo?" Adam pergunta baixinho.

Eu suponho que Emily acena com a cabeça, mas eu ainda estou observando o garotinho enquanto ele se encolhe no canto da sala, com o peito arfando.

"Mãe adolescente", murmura Emily. "Mas criado pelos avós. Eles recentemente a expulsaram e disseram a ela para levá-lo com ela. Não queria mais fazer isso. Ela não tinha para onde ir, e sem uma residência permanente ... eles tiveram que ser separados."

Algo dentro de mim ruge, sacudindo minha caixa torácica, queimando minhas veias. Mais raiva, provavelmente. Estou encontrando muito disso hoje. "Eles jogaram a filha e o neto nas ruas? No meio do inverno?" Meus punhos se fecham, e essa raiva entra na minha mandíbula, apertando-a com força.

Fazer trabalho voluntário no Lar Segunda Chance é uma das minhas coisas favoritas em fazer parte desta comunidade. Conectar-me com essas crianças me eleva de uma forma que não consigo explicar, e vê-las encontrar lares amorosos ou se reunirem com suas famílias quando as circunstâncias são favoráveis é uma sensação muito especial.

Mas, de vez em quando, a realidade de algumas dessas situações realmente me atinge. As crianças que estão aqui porque alguém se recusou a assumir a responsabilidade ou decidiu que não queria mais. As crianças que estão aqui porque a única pessoa em quem deveriam poder confiar incondicionalmente decidiu destruir essa confiança.

Por que essas pessoas têm o direito de ter filhos? Por que pessoas assim recebem um presente tão precioso, apenas para jogá-lo fora?

Por que não eu e a Cara?

As palavras estão na ponta da minha língua, mas não é uma pergunta que tenha resposta. Coisas horríveis acontecem todos os dias sem rima nem razão. Como avós que deserdam a filha e o neto bem antes do Natal. É como ver a mulher mais corajosa que já conheci admitir lentamente a derrota, e me sentir impotente enquanto minha esposa se afasta de mim.

Todos os olhares se voltam para mim quando me levanto abruptamente, enfiando a pulseira de Cara no bolso. "Estou bem", minto enquanto meus amigos me chamam.

Olhos pálidos me encaram, afogados em tantas lágrimas que é impossível dizer se são mais verdes ou azuis. Eles permanecem fixos em mim enquanto atravesso a sala, caminhando em direção à porta.

Verde, decido enquanto paro em frente a ele, sua cabeça inclinando-se para trás para sustentar meu olhar. Terroso e discreto, com manchas azul-acinzentadas que pairam como nuvens de tempestade.

"Aqui", digo, lutando para que a palavra sussurrada não soe amarga enquanto me agacho à sua frente e tiro meu gorro. Ajeito o gorro azul e verde aconchegante dos Vipers em sua cabeça, o canto da minha boca se contraindo quando ele cai sobre seus olhos. Nossos dedos se tocam quando estendemos a mão para ajeitar a luz ao mesmo tempo, e eu fico parada, engolindo em seco enquanto o encaro. "Para proteger essas orelhinhas lá fora, tá bom?"

Ele pisca, e quando olho para ele de volta do pé da escada da frente, vejo uma lágrima escorrer por cada uma de suas bochechas redondas e rosadas.

EU ODEIO ESTE LUGAR.

Fios prateados de enfeite espalhados pelo chão como um cachorro que perdeu muito pelo. Flocos de neve grudentos grudados na minha calça, nos móveis, na bancada da cozinha, em vez da porta do pátio como deveriam. Caixas de enfeites e decorações, objetos que podem causar tropeços espalhados pelo chão, e Mariah Carey tocando na caixa de som.

Uma bagunça total, tão barulhenta quanto ensurdecedora, assim como a minha cabeça.

E agora, eu também odeio este lugar.

Pensei em começar a decorar com antecedência. Esperava que a música e o brilho fizessem Cara sorrir, que a lembrassem de como ela ama esta época do ano.

Mas nada funciona direito sem ela. É como se cada pedacinho de mim estivesse extremamente consciente de quão frágil ela está agora, de como o nosso mundo inteiro desestabilizou. De quão perto estamos de sair de órbita.

Um movimento certo, mesmo que seja o menor, e estamos um passo mais perto de reencontrar nosso equilíbrio.

Um movimento errado, mesmo que seja apenas um, e tudo implode.

Pelo menos é assim que me sinto.

A porta da frente se abre e eu prendo a respiração.

"Eca, que nojo. Parece que os elfos do Papai Noel vomitaram aqui dentro."

A porta bate e eu solto o ar enquanto abro a caixa de Skittles e M&Ms, despejando-os em uma tigela. "Obrigada, Natasha", murmuro enquanto ela entra na cozinha, colocando as sacolas de compras no balcão, com o mesmo sorriso radiante que ilumina seu rosto sempre que me cumprimenta.

"Ah, oi, Em! Isso é obra sua?" Ela gesticula ao redor da cozinha e faz uma careta. "Desculpe. Sabe, não está tão ruim agora que olhei direito. Acho admirável que você faça esse tipo de coisa. Mais homens deveriam ser como você."

Não sei o que isso significa, mas murmuro um agradecimento mesmo assim enquanto pego os ingredientes para uma receita elaborada de chocolate quente que o Garrett me mandou. Minha espinha enrijece quando sinto a Natasha atrás de mim.

"O que é isso?" As palavras dela caem sobre meu bíceps, e dou um passo para a direita para ter um pouco de espaço. "Se você precisasse de alguma coisa no supermercado e a Cara não quisesse sair para comprar para você, você poderia ter me mandado uma mensagem."

"A Cara está no trabalho. Eu parei no caminho para casa. Não é nada demais."

"Mesmo assim." Ela me cutuca no braço, sorrindo. "Você tem meu número. Não tenha medo de usar. Aliás, eu gostaria que você usasse."

Meu Deus, estou cansado disso.

No começo, eram apenas olhos inocentes que brilhavam quando eu entrava na sala, ela colocava o cabelo atrás da orelha e dava risadinhas. Em algum momento, isso se transformou em insultos às custas da minha esposa. Já estive pronto para demiti-la em diversas ocasiões, mas Cara sempre insiste que é uma paixonite inofensiva. Que

Natasha é mãe solteira e precisa do dinheiro. Que Cara sabe o seu valor e não se sente ameaçada. Mas, droga, isso não torna mais fácil morder a língua.

"Não acredito que a Cara passe tanto tempo no trabalho", continua Natasha, enquanto pego o leite na geladeira. "Se eu fosse sua esposa, estaria valorizando cada minuto que você passa em casa."

Fecho a geladeira, me viro, e ela está bem ali, no meu espaço, pressionada contra o meu peito.

Ela morde o lábio inferior, enrolando uma mecha de cabelo no dedo. "Garantindo que você tenha um motivo para continuar voltando para casa."

Pisco para ela, engolindo as palavras que quero dizer, as que quero gritar. Em vez disso, dou a volta por ela e vou em direção ao fogão. "Com licença." Li a receita várias vezes antes de finalmente balançar a cabeça negativamente, voltando-me para Natasha. "Você quer ser dona de casa, Natasha?"

Seus olhos brilharam. Ela se aproximou. "Eu só quero cuidar do meu marido."

“Hum.” Concordo com a cabeça, cruzando os braços. “É, não a Cara. A coisa de dona de casa, quero dizer. Ela cuida de mim, com certeza. Assim como eu cuido dela. Afinal, somos parceiros, e é isso que parceiros fazem. Meu Deus.” Dou uma risada. “Ela é a melhor coisa que já me aconteceu.” Olho para Natasha e quase sinto pena dela. Ela deve estar desesperada por alguém que a ame, que a queira. Mas não sou eu. “Eu poderia ficar aqui listando todos os motivos pelos quais vou continuar voltando para casa para a Cara, mas ficaria aqui para sempre, e a única pessoa que merece todo esse tempo e todos esses motivos é ela. Vou voltar para casa para a Cara pelo resto da minha vida.”

Minha mandíbula treme enquanto me viro para o fogão, colocando o leite em uma das bocas e medindo o chocolate quente. Inacreditavelmente, Natasha encontra coragem para continuar.

“Acho ótimo que você esteja escolhendo ficar com ela apesar de tudo. Você sabia que os homens têm três vezes mais chances de se divorciar de suas esposas após a infertilidade? Não consigo imaginar o quão difícil deve ser, já que ela não pode te dar um filho. Isso deve adicionar uma camada muito complicada de ressentimento ao seu relacionamento.”

Lentamente, me viro para ela. “Como é?”

“Claro, existe a adoção, mas muitas pessoas se preocupam em não amar a criança como amariam se fosse biologicamente delas.” Ela toca os lábios, olhando por cima do meu ombro como se tivesse refletido bastante sobre o assunto. Então, dá de ombros, aproximando-se de mim e colocando a mão no meu antebraço. “Só me preocupo com você, só isso. O clima está tenso por aqui ultimamente. Gostaria de poder te distrair um pouco.”

Meus olhos se voltam para a mão dela, que desliza lentamente sobre meu antebraço. Ela para logo abaixo do meu cotovelo, onde a manga do meu suéter está arregaçada, e desliza a ponta da unha por baixo do cashmere azul-marinho. Seu olhar percorre meu ombro novamente, e desta vez eu o sigo. Uma risada oca ressoa no meu peito quando avisto um dos raminhos de visco que pendurei, bem acima de mim. Fecho os olhos com força enquanto me afasto da risada, e quando os abro, Natasha está me encarando, o olhar delirantemente esperançoso enquanto se aproxima lentamente.

"Sai de cima de mim."

Ela hesita, as sobrancelhas franzindo diante da minha ordem abrupta, com um tom que ela nunca tinha ouvido antes.

"Tire a mão de mim."

"Eu..."

"Agora."

Ela puxa a mão de volta, se afastando bruscamente como se estivesse sendo forçada.

Passo as mãos pelos cabelos e depois pelo rosto enquanto outra risada amarga escapa dos meus lábios. Encostada no balcão, balanço a cabeça, sorrindo para ela. “Que audácia, Natasha, é mesmo impressionante.”

Suspirando, saio da cozinha pisando duro. Ela me segue cambaleando, acompanhando meus passos enquanto a acompanho pelo corredor em direção à porta da frente.

Pego seu casaco e cachecol e os entrego a ela, lançando um olhar significativo para seus sapatos. “Está frio lá fora. Talvez seja melhor calçá-los.”

Tiro um maço de dinheiro da minha carteira e o empurro para sua mão. “Isso deve ser suficiente para as próximas duas semanas, embora, para ser justo, já esteja bem atrasado.”

“O quê... M-mas... Emmett, eu...”

Levanto a mão, silenciando-a. "Chega. Minha esposa é a razão pela qual você manteve esse emprego por tanto tempo. Ela me convenceu a deixar você ficar, mesmo depois de você começar a tentar tomar o lugar dela, denegrindo-a sempre que podia. Por quê? Porque ela tem um coração enorme. Enorme mesmo. E não que seja da sua conta, mas esse mesmo coração altruísta é o motivo pelo qual Cara não teria problema nenhum em amar uma criança que não fosse biologicamente nossa. Ela ama sem limites, sem condições. Ela ama as pessoas por quem elas são, exatamente como são, e é por isso? É exatamente por isso que eu a amo. Com ou sem bebê, essa mulher é minha esposa. Minha família. E eu não vou ficar aqui parado enquanto você a desrespeita."

Abro a porta com força e Natasha me encara, com lágrimas nos olhos enquanto o vento frio do inverno açoita nossos rostos.

"Você está demitido. Saia daqui."

OceanofPDF.com

19 TEMPESTADES Emmett

É PERFEITO.

Uma borda de ganache de chocolate, coberta com biscoitos graham triturados. Chantilly caseiro flutuando em forma de coração torto. Dois marshmallows tostados, fios de calda de chocolate e o toque final? Um floco de neve de chocolate ao leite, porque chocolate amargo é um crime amargo punível com a morte.

Palavras da Cara, não minhas.

Um chocolate quente que levou trinta minutos para ficar pronto e parece que uma bomba explodiu nesta cozinha.

Pelo menos combina com a bagunça na sala de estar.

"Você fez isso?"

As palavras são suaves, mas, ao me assustarem no balcão da cozinha, há algo mais ali também. Algo cru. Uma incredulidade, ou uma constatação, talvez. Seja o que for, é palpável. Pesado, como o peso no meu peito quando Cara apareceu no final do corredor no dia do nosso casamento, roubando cada chance que eu tinha de respirar.

Limpo o canto dos olhos com a palma da mão, pigarreando. "Ei, vaga-lume." Pego as canecas e me viro, encontrando Cara de costas para mim, ainda de casaco, observando lentamente a bagunça na decoração da sala. Coloco as bebidas na bancada, estremecendo ao me lembrar do que Natasha disse sobre isso. "Eu sei que parece que os elfos do Papai Noel vomitaram aqui, mas pensei que talvez ver isso..." — gesticulo descuidadamente para a decoração — "...essa bagunça toda reacenderia sua animação. O Natal é sua época favorita. Só queria te lembrar." Levo a mão à nuca. "Desculpe por não ter feito um trabalho melhor."

"Um trabalho melhor?" Ela se vira lentamente e, como sempre, meu coração dispara. Ela é tão linda, tão etérea. Inclina a cabeça para o lado enquanto me examina. "Seus olhos estão vermelhos. Você está bem?"

“Estou ótima”, minto, e me odeio por fazer isso, pela falta de hesitação. “Só estou cansada.” Meus olhos se arregalam e pego meu celular, abrindo a playlist de Natal da

Cara. “Preciso começar sua playlist de novo.” Sorrindo enquanto Mariah Carey inicia a playlist, aponto para as bebidas. “Fiz chocolate quente. O Garrett me mandou a receita. Acho que chocolate quente chique é tipo a coisa dele e da Jennie, e você merece tudo chique, então...” Outro sorriso, uma mistura de cautela e esperança, enquanto deslizo a caneca da Cara para mais perto.

Ela se aproxima da ilha da cozinha, olhando para a bebida. Sua garganta se move, e não tenho certeza, mas o murmúrio que mal sai de sua boca soa como “Eu não te mereço”.

“O que você disse?”

Ela balança a cabeça, segurando as alças da bolsa. “Está lindo, Emmett. Obrigada.” Seu olhar percorre a ilha, a testa franzida. “Onde está a Natasha?”

“Hã?” Pego as sacolas de compras do balcão e as guardo. Eu pretendia fazer isso, mas fiquei tão absorto no chocolate quente que o preparei na medida certa. “Ah, eu disse para ela ir para casa mais cedo. E também disse para ela não voltar.” Meus olhos se encontram com os de Cara e logo se desviam. “Nunca.”

"O quê?"

Entro correndo na despensa, jogando o leite lá dentro, que definitivamente não é o lugar certo, mas dane-se, vamos nessa. Ovos, iogurte, suco de laranja, até meus malditos Toaster Strudels, tudo vai para lá. Vou trocar quando a Cara estiver ocupada.

"Emmett."

Parando, deixo minha cabeça cair antes de me virar para minha esposa, às vezes/sempre assustadora. “Sim, meu docinho?”

“Você demitiu a Natasha? Bem antes do Natal?”

“Não!” Balanço a cabeça freneticamente, torcendo as mãos. "Mas também, sim."

Seus olhos se arregalam, brilhando com mais emoção do que eu via há dias. "Emmett! Ela é mãe solteira!"

"Ela também é uma pessoa horrível e eu não aguentaria mais um segundo sequer ouvindo-a desrespeitar a minha esposa!" As palavras saem da minha boca antes que eu possa impedi-las. Merda. Droga. Passo a mão pelo queixo, o sangue pulsando nos meus ouvidos enquanto Cara me encara, boca aberta, peito ofegante.

"O que ela disse?"

"Nada."

"Mentira."

"Care, era só uma questão de tempo, só isso. Não foi nada—"

"Mentira. Mentira, Emmett." Ela caminha em minha direção, a fúria crescendo em seus olhos enquanto suas botas de salto alto ressoam no chão, e me cutuca no peito. “Você conseguiu ficar de boca fechada por três anos. Apesar de todas as cantadas descaradas, comentários indiretos e indiretas baratas, você nunca passou dos limites quando eu pedi para não passar. Então, por que agora? Me diga a verdade, Emmett.”

Eu seguro a mão dela, puxando-a para perto de mim. “Ela deu em cima de mim, entendeu? É isso que você quer ouvir? Eu a demiti porque ela deu em cima de mim, e isso é uma tremenda falta de respeito com você.”

A fúria de Cara não diminui. Ela queima, chamas brilhantes e ferozes a envolvendo. Eu quero a raiva dela. Quero qualquer coisa que prove que ela ainda está viva lá dentro, em toda a sua glória de sentimentos intensos. Mas então ela pergunta: “O que mais?”

Eu quebro o seu olhar. Por uma fração de segundo. Ela não deveria notar, mas percebe. Cara nunca erra.

"O que mais, Emmett? O que ela disse quando se insinuou para você? Disse que poderia te amar melhor? Disse que poderia te dar algo que eu não posso?"

"Carinho." Segurando suas mãos nas minhas, eu a puxo para perto de mim. "Ninguém mais poderia me dar nem um pouco do que você me dá. Você me dá tudo o que eu preciso e muito mais."

Lágrimas de raiva se acumulam em seus olhos, mas sua voz é suave, trêmula. "Mas isso não é verdade, né?"

"É sim. Eu tenho tudo o que preciso."

"Certo." Ela assente, a garganta se contraindo com a engasgada enquanto solta as mãos, a passos de distância. "Exceto um bebê. Porque eu não posso te dar isso." Ela aperta o próprio braço, uma mão sobre o peito, fechando-se para si mesma, o olhar fixo no chão como se não suportasse me ver. “Mas a Natasha conseguiria. Muitas mulheres conseguiriam. Só não... eu.” As próximas palavras são sussurradas por trás de dedos tímidos que roçam seus lábios, como se não tivessem certeza se querem contê-los, reprimi-los ou libertá-los. “Meu corpo não funciona.” Seus olhos encontram os meus, selvagens e desesperados, um céu cinza-azulado e sombrio que se

torna furioso com a chegada das nuvens, roubando sua luz. “Meu corpo não funciona, porra.”

“Cara—”

Ela se afasta de mim, a mão no peito ofegante enquanto luta por cada respiração, os ombros curvados. “Ai meu Deus, dói. Tudo dói.” Ela agarra o peito, curvando-se, ofegante, e tudo dentro de mim se inflama, um pânico que nunca senti borbulhando sob a minha pele enquanto corro até ela e a seguro pelos ombros.

“Shhh. Eu estou aqui. Você está bem, meu bem.”

“Eu não estou bem!” Ela se afasta bruscamente, e a dor em seus olhos me paralisa.

As lágrimas se acumulam, inundando seus olhos até que não tenham para onde ir a não ser para baixo. São torrenciais, catastróficas, como uma violenta tempestade que surge inesperadamente no meio de um dia quente de verão, levando tudo em seu caminho. E quando tento abraçá-la, para aliviar um pouco de sua dor e carregá-la por ela, quando ela me afasta novamente, suas lágrimas se tornam minhas.

"Eu não estou bem, Emmett! Nós não estamos bem! Como vamos ficar bem de novo?"

"Não é o fim, Cara. Temos mais chances."

"Uma! Temos mais um embrião e mais uma chance!"

"Podemos continuar tentando", insisto. "Há tantas opções, Care. Doação de óvulos, barriga de aluguel, adoção. Isso não precisa ser o fim se a fertilização in vitro falhar."

"Você não entende!"

Não é?

Eu quero isso, a família grande. Pequenos seres humanos, criados a partir de um amor tão puro e profundo. Amá-los da maneira correta. Ensiná-los a ser amigos, parceiros. A se comunicar, a acreditar em si mesmos e a perseguir seus sonhos, sabendo o quanto são amados e apoiados incondicionalmente por seus pais. Uma chance de fazer tudo certo, de ser os pais que os meus nunca foram.

Eu quero ser pai. Quero tanto que chega a me despedaçar.

Mas eu não preciso disso.

No fim das contas, esta vida que construímos juntos é tudo o que eu preciso.

Então, não posso fingir que compreendo completamente a profundidade da dor de Cara. O futuro que ela tanto deseja, mas que talvez nunca veja. A esperança da

qual ela se despede a cada mês. Os pedaços de si mesma que estão sendo arrancados de suas mãos. A parte mais difícil dessa jornada para mim, de longe, é vê-la deixar de se amar, de amar seu coração valente, sua mente incrível. E se isso é insuportável para mim, como será para ela?

"Eu te entendo", prometo suavemente, passando as mãos delicadamente por seus braços enquanto minha visão embaça. "Mas sempre ficaremos bem. Eu e você?" Lágrimas quentes transbordam, escorrendo pelo meu rosto enquanto levo suas mãos às minhas, depositando um beijo em seus nós dos dedos. "Vamos superar qualquer coisa. Sempre superamos."

Penso que não pode piorar, a dor no meu peito. Mas então ela desaba no chão, enterra o rosto nas mãos e chora. E eu caio no chão e choro junto com ela, abraçando-a com força, apertando-a mais do que nunca, com mais medo de que ela escape dos meus dedos do que jamais tive.

É quando ela engasga com três palavras — três palavras que a destroem completamente, derramando tudo aos seus pés e aos meus — que eu perco o controle.

"Eu me odeio."

Meu coração para. "O quê?" Forço seu rosto úmido contra o meu, afastando seus cabelos do rosto. Preciso daqueles olhos, de todas as suas verdades. "O que você acabou de dizer?"

Mas uma represa se rompeu. Desmoronou. E Cara treme violentamente em meus braços enquanto se debate, se empurra, tenta se levantar. "Eu me odeio", ela soluça, agarrando os cabelos, os olhos arregalados percorrendo o quarto. “Eu odeio esse maldito corpo, por não funcionar direito. Odeio meu maldito cérebro, cada pensamento na minha cabeça que me lembra que sou um fracasso. Odeio o ciúme, a forma como ele me consome de raiva ao ver todo mundo conseguir o que tanto desejamos sem ter que passar por um pingo da dor que sentimos. Odeio querer que as pessoas sintam a mesma dor.” Seus punhos se fecham em seus cabelos enquanto ela se vira bruscamente. “Meu Deus, o que há de errado comigo? Não quero que ninguém passe por isso, mas estou tão cansada de me sentir sozinha nisso.”

Suas mãos caem ao lado do corpo, o choro diminuindo. Ela abaixa a cabeça e, quando seguro suas mãos nas minhas, ela permite. “Eu odeio Natasha”, ela sussurra. Lentamente, seu olhar se ergue para o meu, e há algo ali que me deixa sem ar. Algo aterrorizante, perturbador. Quase resignação. Mas isso não pode estar certo.

Pode?

“Eu a odeio porque ela está certa. Eu não posso te dar o que você quer, Emmett. Não posso. E eu não sei como viver com isso. Não consigo viver com isso.”

“O quê?” Minhas mãos tremem enquanto agarro seu rosto, dedos trêmulos afastando o cabelo de suas bochechas encharcadas. “Amor, não. Não.” Balanço a cabeça, lambendo as lágrimas salgadas dos meus lábios. “Eu tenho tudo o que sempre quis. Eu tenho você. É tudo o que eu preciso.”

“Não é o suficiente. Eu não sou o suficiente. Não para você, e”—ela soluça, esfregando os olhos vermelhos—“não para mim.”

“Você sempre será o suficiente, Cara. Sempre.”

"Estou destruída, Emmett!" Ela se afasta de mim. O tremor em suas mãos é violento enquanto ela gesticula para si mesma. "Sou um completo desastre, Emmett! Olha para mim!"

"Estou sempre olhando para você! Sempre! Não consigo tirar os olhos de você, Cara. E eu não consigo... droga." Enterro meu soluço torturado atrás das mãos. "Talvez eu não queira mais um bebê. Não se isso significar perder você no processo. Porque, droga, Cara, é assim que me sinto. Ver isso causar estragos em você, ver isso... te matar. Jesus, parece que estou vendo cada parte de você morrer lentamente, e eu tenho que ficar parado sem fazer nada, porque eu não sei como consertar isso." Aperto meu peito, meu coração. Se isso resolvesse as coisas, eu o arrancaria. Ofereceria para Cara em uma bandeja de prata. "Eu não sei mais como fazer isso", admito em um apelo desesperado e desolado. “Eu não quero, Cara. Isso está te matando, e está me destruindo.”

Ela chora ainda mais, tanto que me preocupo que não esteja conseguindo respirar direito. Soluços abafados, respiração ofegante, as pontas dos dedos cravando no peito, como se estivesse tentando desesperadamente manter os últimos pedaços do seu coração unidos. Tudo o que eu quero é abraçá-la. Apertá-la bem forte, para que eu possa protegê-la. Quando seu olhar frenético percorre o cômodo, como se estivesse procurando algo, qualquer coisa, para se agarrar, dou um passo em sua direção.

Mas então ela pega a bolsa no balcão da cozinha. As chaves. Ela olha para mim.

E dá um passo para trás.

Uma vez.

Duas vezes.

“Care?” Eu fungo, piscando enquanto a sigo. “O que você está fazendo?” Ela calça os sapatos, e meu coração dispara. “Aonde você vai?”

Os olhos de Cara marejam com uma agonia tão intensa, tão profunda, que sinto-a me invadir por completo, uma nuvem escura que rouba a luz do sol, deixando-me na escuridão enquanto ela se afasta, um passo dolorosamente lento após o outro. Quando ela para na porta da frente, sinto cada maldito centímetro de espaço entre nós.

E então eu o preencho. Com o peito arfando, a abraço forte. Arranco seu casaco de suas mãos quando ela tenta vesti-lo. Estendo a mão atrás dela para trancar a porta e a envolvo em meus braços por trás quando ela pressiona a testa contra a porta e chora.

"Me solta", ela grita, nossos corpos tremendo juntos enquanto minhas lágrimas encharcam seu pescoço, apertando-a contra mim. "Me solta, Emmett!"

"Não. Eu não posso." Eu a abraço com mais força, até que não haja um grama de espaço entre nós. Até que nossas lágrimas se misturem e o calor do seu corpo me aqueça novamente. "Eu não vou te soltar."

Um uivo de dor escapa de sua garganta, e ela bate suavemente a testa contra a porta. "Não é sua decisão, Emmett."

"Eu vou resolver isso. Deixe-me resolver isso."

“Algumas coisas não têm conserto, Emmett! Você não entende isso?” Ela se vira em meus braços, agarrando meu suéter, implorando, mas tudo o que consigo ver é o mundo que construí naqueles olhos. “Eu não consigo fazer isso. Não consigo engravidar. Não está dando certo. Eu não estou dando certo. E estou piorando tudo. Se não fosse por mim—” Lágrimas escorrem livremente por suas bochechas rosadas enquanto ela engasga com as palavras, balançando a cabeça. Ela fecha os olhos, como se não suportasse me olhar. “Você tem razão. Isso está me destruindo. E eu não vou deixar que isso destrua você também.”

Ela se solta do meu abraço atônito, destrancando a porta.

Um vento cortante entra com força quando ela abre a porta; nuvens escuras e carregadas pairam no céu, a neve que caiu mais cedo já derreteu.

“Você não pode...” Engulo em seco, as palavras quebradas presas na minha garganta. “Você não pode ir embora.”

Ela abaixa a cabeça, segurando as chaves do carro na mão. De repente, ela se vira para mim, se chocando contra mim enquanto nossos lábios se encontram. Pontas de

dedos trêmulas roçam minhas bochechas, pressionando meu queixo, me mantendo no lugar enquanto sua boca se move sobre a minha. Meus braços a envolvem enquanto a deixo me saborear, um gemido desesperado subindo pela minha garganta enquanto ela desliza as mãos por todo o meu corpo. Pelo meu cabelo, sobre meus ombros, deslizando lentamente pelas minhas costas até alcançar minha cintura. Só quando suas mãos voltam para o meu rosto, acariciando-o delicadamente enquanto sua boca diminui o ritmo, é que percebo o que ela está fazendo.

Me memorizando. A forma como me sinto sob suas mãos.

E quando ela tira essas mãos? Quando sua boca se separa da minha, e as lágrimas caem como uma tempestade violenta?

É aí que percebo que ela está me deixando.

OceanofPDF.com

20 AUTOSSABOTAGEM Cara

O MUNDO É CRUEL de maneiras inesperadas.

Como quando você acha que teve sorte de conseguir a última vaga disponível no estacionamento do supermercado, só para ver que ela é reservada para gestantes e famílias com crianças pequenas.

Ou os falsos anúncios de gravidez que inundam as redes sociais no dia 1º de abril.

Ou os anúncios bem reais de duas das suas melhores amigas no mesmo dia do seu vigésimo quarto ciclo negativo consecutivo.

Cada Dia das Mães que passa enquanto você está tentando engravidar, cada chá de bebê em que você sorri enquanto se sente morrendo por dentro, e todos os comentários sem sentido entre um e outro.

A gente nem estava tentando!

Já tentou não tentar?

Pelo menos você pode dormir até mais tarde.

Você sempre pode adotar.

Você não entenderia; você não tem filhos.

E aí tem a minha favorita mais recente: quando seu cunhado te conta que ele e a namorada, com quem está há cinco meses, estão grávidos logo depois de você descobrir que sua transferência de embriões falhou.

Quando estou deitada no sofá da minha melhor amiga uma hora depois de ter desabado em seus braços abertos, com a cabeça em seu colo e seus dedos acariciando meu cabelo, os gêmeos em sua barriga se mexendo contra meu pescoço, enquanto seu marido e filha fazem uma apresentação coreografada, sei com certeza que este mundo é tão cruel quanto belo.

Olivia coloca um M&M de amendoim azul entre meus lábios, seguido por um Skittle vermelho, e eu fungo, fechando os olhos enquanto seus dedos deslizam suavemente pela minha têmpora, enxugando uma lágrima solitária. Por mais cruel que isso seja, essa lembrança da família que tanto anseio, é estranhamente

reconfortante. O calor de Olivia, a maneira como ela cuida de mim da forma mais simples, apenas estando aqui, me deixando sentir tudo. Os coraçõezinhos batendo ritmicamente em sua barriga, bem atrás da minha orelha. Passos leves, palavras que fazem pouco sentido e risadinhas estridentes.

Cruel, e ainda assim devastadoramente belo.

A música termina, e Carter se curva e acena enquanto Ireland manda beijos para Olivia e para mim, gritando: "Obrigada! Obrigada!" como se fôssemos apenas sua humilde plateia.

Já mencionei que elas estão usando vestidos combinando da Princesa Bela?

"Você me vê, Tia Cawa?", pergunta Ireland, afastando a franja da testa. Os olhos verdes dela brilham quando ela vê a tigela de doces no colo da mãe, e ela enfia a mão lá dentro antes de abocanhar um arco-íris inteiro. "Lanches!"

Apesar do meu humor, o canto da minha boca se curva num sorriso. "Eu vi você, querida."

"Um de cada vez, Ireland! E não... argh." Olivia leva a mão aos olhos, suspirando. "Não Skittles e M&Ms ao mesmo tempo. Que nojo." Ela gesticula agressivamente entre mim e a filha. "Viu o que você ensinou a ela?"

Deixo Ireland enfiar um punhado de doces suados na minha boca. "De nada."

"Ah, droga. Ollie!" Carter aponta para o ombro. "Meus ombros musculosos e bíceps definidos eram demais para este vestido! Rasguei a manga de tule!"

"Como você consegue levá-lo a sério num vestido de baile amarelo três números menor?" Murmuro enquanto Olivia o encara em silêncio.

“Ah, fácil. Eu nunca levo ele a sério. Ponto final.”

Dou uma risadinha quando Carter engasga, estreitando o olhar. Olivia arqueia a sobrancelha, e não demora mais do que três segundos para os dois sorrirem.

“É inacreditável o quanto eu te amo”, ela murmura baixinho, e Carter sorri de canto, se jogando no sofá com Ireland no colo.

“Haha, você me ama mesmo.” Ele estica os braços acima da cabeça de um jeito exagerado e irritante. “É impossível não me amar. Não sei por que você tentou resistir por tanto tempo.”

Ela revira os olhos. “É, um mês inteiro.”

“Pareceu uma eternidade de agonia.”

Olivia suspira, tirando minha cabeça do colo dela, se esforçando para se levantar antes de pegar Ireland no colo. “Ok, mocinha. Para a cama com você.”

“O quê?” Carter puxa Ireland para longe. “De jeito nenhum! Estamos nos divertindo! Não é, princesa?” Com os tornozelos dela em suas mãos, ele chuta as pernas dela para longe. “Volta, mamãe!”

Olivia empina a cintura, arqueando uma sobrancelha, e Carter se levanta rapidamente, entregando a filha enquanto inclina a cabeça e murmura um “Sim, querida” quase inaudível. Quando Olivia sorri satisfeita, uma pequena parte do meu mundo se ajeita.

Estou rodeada pela minha família, por pessoas que me fazem sentir em casa, mesmo em dias como hoje, em que me sinto como se estivesse vagando por uma cidade estranha, buscando abrigo da tempestade que se abate sobre mim, cobrando seu preço no meu corpo, no meu coração.

"Vou para a cama também", murmuro, esfregando meus olhos cansados e irritados enquanto me levanto. Meus músculos doem pelo esforço, e coloco a mão sobre as cólicas na parte inferior da barriga enquanto vou até a cozinha para encher meu copo d'água, com Carter me seguindo. "Obrigada por me deixar dormir." Bebo a água de uma vez, evitando contato visual, mas não há como evitar todo aquele tule amarelo. "E você poderia tirar esse vestido ridículo?"

"A única coisa ridícula nesse vestido é que ele não aguentaria nem uma simples coreografia." Ele tira o vestido, e eu quase digo para ele vesti-lo de novo. Sua camiseta diz "DILF", mas o interior de cada letra é uma colagem de fotos da sua sessão de fotos de cuecas da Calvin Klein do ano passado. “Vou deixar uma avaliação de uma estrela.”

“Pode deixar.” Dou um tapinha no peito dele, e ele segura minha mão quando me viro para sair, me impedindo. A preocupação que transborda em seus olhos aperta minha garganta.

“Nós te amamos, sabia? Você sempre terá um lugar aqui.”

Lá em cima, desdobro o pijama que me espera na cama de hóspedes, soltando uma risadinha. Há uns vinte e três centímetros entre Olivia e eu, compostos inteiramente de tronco e pernas, mas visto as roupas confortáveis mesmo assim antes de ir para o banheiro, onde encontro uma infinidade de produtos de beleza me esperando. Estou fechando a porta do quarto quando a voz suave da minha melhor amiga ecoa pelo corredor escuro, me atraindo na direção do som. Enquanto me inclino no batente da

porta do quarto da Irlanda, observando os dois se balançarem juntos, o jeito como se olham, como se o mundo inteiro parasse e acabasse com eles naquele momento, aconchegados um ao outro, meu peito aperta.

Ireland encosta a bochecha na barriga de Olivia, dando um tapinha suave enquanto olha para a mãe. "Bebê?", pergunta.

"Dois bebês." Olivia sorri, acariciando o rosto de Ireland antes de lhe dar um beijo no nariz. "Três bebês."

Engolindo em seco, me viro.

"Ei", Olivia chama baixinho. Seus olhos percorrem meu corpo quando me viro de volta para ela, brilhando com divertimento. "Essas calças... ficaram ótimas."

Dou uma olhada nos meus tornozelos, certamente não deveriam estar à mostra no que Olivia considera calças compridas. "A Irmandade das Calças Viajantes me deu expectativas tão irreais sobre compartilhar roupas com minhas amigas."

"A Irmandade das Calças Viajantes é uma grande besteira."

Cruzo os braços sobre o peito, fungando. "No Planeta Besteira." Com um pequeno sorriso, digo a ela: "Boa noite, Ollie", saindo antes que ela possa me impedir.

Entro no meu quarto. Encosto as costas na porta fechada e tento respirar através dela.

Deito na cama e me cubro com os lençóis.

Sobrevivo aos primeiros cinco minutos, encarando o teto enquanto meu peito sobe e desce, cada respiração mais irregular, até que minha garganta fica irritada e inchada.

Até que o medo vença. Me domine completamente e sem aviso. Me agarre pela garganta com uma força esmagadora e implacável, me obrigando a olhar para o lugar ao meu lado. Tão vazio, sinto seu peso morto em cada osso do meu corpo.

Deslizo a palma da mão sobre os lençóis frios, e uma visão surge diante dos meus olhos e me rouba o ar. Um futuro onde apenas sobrevivo, caminhando por esta terra sem minha outra metade ao meu lado. A sensação de vazio é agonizante, e meu corpo se contrai enquanto os soluços me atravessam, rasgando minha garganta, inundando meu mundo com um furacão do qual não consigo mais fugir. Os sons são torturantes, dilacerantes, e agarro o travesseiro onde a bochecha de Emmett deveria estar, enterrando meu rosto nele enquanto me entrego. Ao controle, ou à crença de que ainda tinha alguma lembrança dele. Desisto da luta, dos últimos resquícios de

mim que não consigo mais encontrar. Eu abandono a mulher que sempre fui e aceito que não sei mais quem sou.

Que me perdi. Um futuro com o qual sonhei a vida toda.

Como alguém consegue lidar com isso? Por que o resto do mundo espera que eu consiga fazer isso facilmente? Por que parece que ninguém entende o que significa ver seu sonho de ser mãe, de criar algo tão precioso e perfeito com a pessoa que você mais ama neste mundo, escapar por entre seus dedos como areia fina, desaparecendo aos seus pés como se nunca tivesse existido?

Não se trata de um emprego que eu não consegui. Trata-se de uma vida sendo arrancada brutalmente das minhas mãos.

E isso não é justo.

Uma batida na porta me faz levantar num pulo, e eu enxugo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto enquanto Carter entra, carregando uma bandeja cheia, usando um chapéu de chef e um avental que diz "Vamos afogar nossas mágoas na comida". “Boa noite, senhora. Esta noite serviremos chá de camomila e o famoso brownie picante do Carter—” Seus olhos pousam em mim, o sorriso desaparecendo de seu rosto. “Ai. Droga. Ai, droga.”

“Estou totalmente bem!” Eu choro, com o ranho escorrendo enquanto Carter coloca a bandeja na mesa de cabeceira, tentando desesperadamente desatar os nós do avental. Ele desiste num acesso de raiva, rasgando-o sobre a cabeça, e enquanto caminha em minha direção, eu choro ainda mais. “Estou bem, Carter! Eu só... eu só...” Ele para na minha frente, cada centímetro do meu corpo tremendo enquanto me observa, uma versão de mim que ele nunca viu, nunca conheceu. Pequena e quebrada, como as três palavras que sussurro em seguida. “Eu não estou bem.”

E então estou de pé. Puxada contra um peito firme, envolvida num abraço tão apertado, tão esmagador, que deixo tudo escapar. Os soluços sufocados, a respiração ofegante e desesperada. O medo paralisante, a dor que faz as pernas bambearem. E Carter me deixa sentir tudo isso. Me ampara durante todo o processo, uma mão na minha nuca enquanto choro em seu ombro, sua voz ora suave, ora rouca, enquanto promete que não estou sozinha, que estou segura.

Não sei quanto tempo ficamos ali, eu chorando em seus braços, mas quando sinto que consigo respirar de novo, quando consigo ouvir as batidas aceleradas do meu coração e o som da chuva batendo na janela, Carter apoia o queixo no topo da minha

cabeça. Sua respiração seguinte é profunda e reconfortante, e quando ele funga, meu coração se aperta ao saber que ele absorveu cada gota da minha dor que consegue suportar naquele momento.

"Sabe o que eu odiei quando meu pai morreu?" A mão de Carter é firme enquanto se move para o espaço entre minhas omoplatas, como se ele soubesse que há uma dor aguda e lancinante ali, e estivesse tentando afastá-la. “Eu odiava que todos me perguntassem constantemente se eu estava bem. Eu sabia que eles queriam o meu bem, mas, francamente, era uma pergunta idiota. Eu não estava bem. Todos sabiam que eu não estava bem. Eles perguntavam porque se sentiam na obrigação de perguntar, porque se sentiam melhor quando eu dizia que estava bem. Mas o que mais eu poderia dizer? Não, eu não estava bem. Eu estava com raiva. Raiva da pessoa responsável. Raiva de mim mesma por ser o motivo de meu pai estar viajando naquele dia. Raiva do mundo por seguir em frente como se o meu mundo não tivesse acabado de parar. Eu tinha inveja dos meus amigos que ainda tinham seus pais, que não davam valor ao relacionamento com eles. Nossa, a inveja era repugnante, e eu me odiava por senti-la.”

Meu coração se acalma quando Carter me permite entrar em um pedaço do seu passado, um pedaço de si mesmo onde encontro um pouco de mim.

“Parecia que meu mundo tinha acabado no dia em que meu pai morreu. De certa forma, acho que acabou mesmo. O mundo como eu o conhecia, pelo menos. Tive que abrir mão de um futuro com o qual sonhava, um futuro onde meu pai estaria ao meu lado em todos os momentos, como sempre esteve. Mas a vida continuou para todos os outros, e isso me irritou. Me deixou mais amargurado do que eu jamais conseguiria expressar em palavras. Parecia o maior insulto, como se ninguém conseguisse entender o quão especial meu pai era para mim, e não entendessem por que eu simplesmente não conseguia... seguir em frente. Não no tempo deles. Mas ninguém queria ouvir isso quando me perguntavam se eu estava bem. E se eu contasse mesmo assim, eles sorriam e diziam que eu ficaria bem logo.”

Carter me conduz até a beira da cama, onde nos sentamos lado a lado. Seus olhos estão vermelhos, pesados de tristeza, de empatia. "Não posso fingir que sei o que você está passando, Cara. Acho que o Emmett também não. Sei que sou extremamente abençoada por ter minha família, que não consigo imaginar minha vida sem eles. Sei que quero o mesmo para você e para o Emmett, e ver vocês dois passando por isso é

devastador. Sei que essa palavra 'devastador' não chega nem perto de descrever o que você está sentindo."

Minhas pálpebras se fecham, lágrimas silenciosas escorrendo pelo meu rosto.

"Pelo que entendi, a infertilidade é muito parecida com o luto. O luto pelo que poderia ter sido, todo mês. O luto pelo futuro que você planejou. Eu não sei o que é infertilidade, Cara, mas sei o que é luto. E posso te garantir que existe um outro lado. Existe uma vida a ser construída, um futuro que tem a possibilidade de ser tão lindo quanto aquele que você sonhou. Não precisa ser o fim. Nunca há um fim onde existe amor."

Abaixo a cabeça, o peso das palavras que têm rondado minha mente por tempo demais finalmente arrancando a confissão de mim. "Eu não sou digna de um futuro assim, uma vida com alguém como o Emmett."

"Não conseguir engravidar não te torna menos digna, Cara."

"Então por que me sinto assim? Ele me deu tudo. Amor. Paciência. Compreensão. Gritou por mim a cada passo do caminho. Unhas dos pés pintadas, visco na cozinha, meus sonhos se tornando os dele e uma fé em mim que nunca, jamais vacila." Meu corpo treme, uma estranha mistura de raiva e confusão me percorrendo enquanto me afogo em autodepreciação, tudo isso enquanto meu coração se revolta, recusando-se a aceitar que chegamos a este ponto, tão longe de uma mulher que nunca, nem por um segundo, duvidou do seu valor. "E eu não consigo dar a ele essa maldita coisa."

"Você é a única coisa que ele sempre quis", Carter insiste suavemente antes de repetir: "Onde há amor, nunca há fim. A vida será diferente, quer vocês se tornem pais ou não, de uma forma ou de outra, porque isso aconteceu. As nuvens sempre estarão lá, e haverá dias em que a chuva cairá e parecerá interminável. E então o sol brilhará novamente, e você se lembrará de que há espaço para ambas as coisas: a dor que lhe lembra de alguém ou algo que deveria estar ali, e a beleza de uma vida construída, um caminho que você trilhou, porque você foi corajosa quando não queria ser. Porque você consegue fazer coisas difíceis, Cara. Mesmo quando não quer. Mesmo quando não deveria precisar. Toda essa dor, essas nuvens e esses dias chuvosos? Convivemos com eles porque esse amor, o amor que impulsionou nossas vidas a mudar, nunca deixa de existir."

Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto as palavras de Carter penetram em minha pele.

“Você merece um futuro repleto de amor. Você tem tanto amor para dar, e o dá tão livremente. Há coisas que você não pode controlar, por mais que tente, e há coisas que você pode escolher. Emmett passará o resto da vida amando você, e você passará a sua amando-o. Escolham fazer isso juntos. O amor dá sentido à vida, mesmo diante de tudo que perdemos pelo caminho.”

Carter deposita um beijo suave em meu cabelo antes de descer da cama, pegando seu avental e chapéu de chef. Ele ajeita a bandeja na mesa de cabeceira, despejando água fumegante da pequena chaleira, enchendo uma caneca que diz “A FAVORITA DO PAPAI NOEL”. Enquanto ele se dirige para a porta, meu peito se aperta ao ver os brownies, cortados em formato de estrelas, dispostos em forma de sorriso.

“Você normalmente não esquece.”

Levanto o olhar e encontro Carter parado na porta, de cabeça baixa. “Esquecer o quê?”

“Como você é incrível.” Nós, os outros, esquecemos. Temos nossos momentos. Muitos deles. E uma coisa que é sempre constante nesses momentos? Você, nos levantando. Nos lembrando quem somos. Gritando isso para nós até que nos lembremos. Até que nos reerguemos. E nós nos reerguemos. Você nos ajuda.” Ele me olha por cima do ombro. “Então, este é o seu lembrete. Você é incrível, Care. Forte, mesmo que não precise ser forte o tempo todo. Corajosa, mesmo quando não quer ser. Mas isso não significa que você não possa desmoronar.” Um sorriso, pequeno, mas sincero. Caloroso e seguro, em todos os sentidos que eu preciso. “Estamos aqui para você. Sempre estaremos. Conte com a gente quando estiver cansada. Nós vamos te levantar.”

Sento-me na beira da cama depois que ele sai, tomando meu chá, ouvindo-o se mexer; um feliz boa noite para Ireland, palavras sussurradas para Olivia. Ouço uma porta se fechar lá embaixo e o ronco inconfundível de um motor quando a garagem se abre. Mesmo lutando contra a culpa que me diz que eu deveria estar indo para casa agora, sou grata por saber que Emmett não ficará sozinho por muito mais tempo.

Quando estou quase dormindo, o cansaço me arrastando para o colchão, um brilho alaranjado atravessa o quarto quando minha porta se abre e fecha. Sei que é Olivia antes mesmo de ela se aconchegar na cama atrás de mim, me abraçando e segurando uma de nossas mãos. Ela encosta sua bochecha quente no meu ombro, e eu fecho os olhos, me deixando levar pela segurança da minha melhor amiga enquanto

ela me abraça forte. Respiro fundo, soltando o ar com uma nova onda de lágrimas, iguais às que caem sobre meu ombro, rolando pelo meu pescoço enquanto o corpo de Olivia treme junto com o meu.

É uma sensação de déjà vu, porque, embora pareça uma eternidade, não faz tanto tempo assim que Olivia estava no meu quarto de hóspedes, contemplando uma vida sem Carter, e era eu quem a abraçava. As circunstâncias eram diferentes, mas a dor era tão real para ela quanto é para mim, diante da possibilidade de viver sem aquele amor único que as pessoas passam a vida inteira buscando.

Porque é isso que Emmett é. Ele é o meu amor único, um milagre que encontrei por acaso. Como se abandona isso? Eu tinha tanta certeza de que estava fazendo a coisa certa ao ir embora hoje, dando a ele uma chance de realizar um sonho que talvez eu não consiga concretizar para nós. Porque sem mim, ele pode tê-lo. Mas comigo? Talvez nunca aconteça.

"Você está se auto-sabotando," Olivia sussurra, cortando meus pensamentos. As palavras são firmes. Certo. Não negociável. "Não posso fingir que compreendo completamente o que você está passando, Care. Eu simplesmente não posso. Mas eu ouvi as coisas descuidadas que as pessoas disseram, e vejo a maneira como elas diminuem o fogo em seus olhos. Eu vi você encolher lentamente, dobrar em si mesmo, começar a adivinhar. Eu vi a maneira como você olha para Rosie e para mim, a maneira como esse olhar lentamente se transforma em decepção quando você volta para si mesmo. Você se convenceu de que esta é a sua queda. Seu fracasso pessoal. A única coisa que você não pode fazer direito, não importa o quanto você tente. E você decidiu que é melhor sair agora. Decida que você não é suficiente antes que Emmett possa. Você disse a si mesmo que, de alguma forma, vai doer menos se você estiver no comando."

As lágrimas vêm mais rápido, derramando-se pelo meu rosto, encharcando minha fronha enquanto Olivia agarra minha mão com força na dela.

"Eu preciso que você me ouça, Cara. Você. Are. Digno. Você é o suficiente. A fertilidade não é um distintivo de honra. Sua capacidade de desenvolver um ser humano não determina, nem por um segundo, seu valor. Seu desejo de trazer uma criança a este mundo, criá-la corretamente e amá-la a cada momento de sua vida, através das coisas fáceis e todas as coisas difíceis e impossíveis, o amor que você já tem por ela, quando ela é apenas uma alma que você ainda não conhece, é isso que a torna

digna de ser mãe. E você é tão digna, Cara. Você é digno de todas as coisas boas que você tem nesta vida e de todas as coisas que deseja. Você é digno do amor que encontrou em Emmett, o amor que ele te banha dia após dia."

Ela me força para o outro lado, até que meu rosto esteja em suas mãos, seus olhos castanhos brilhando na fatia de luar que banha a sala. Com a testa pressionada contra a minha, Olivia me diz com toda a confiança do mundo: "Você é digna, Cara. Você é o suficiente."

Eu entro e saio do sono, os braços de Olivia apertando meu corpo inquieto toda vez que ele se vira e se vira. Eu sonho com Emmett, sobre a noite em que nos conhecemos e o primeiro sorriso que ele sorriu só para mim. Eu sonho com a primeira vez que adormeci com a cabeça encostada em seu ombro, e a primeira vez que acordei e o encontrei na minha cozinha. Eu sonho com o primeiro eu te amo, e sua mão na minha coxa no carro, seu cabelo brilhando como ouro líquido ao sol enquanto a brisa passava pela janela aberta.

Os sonhos são tão vívidos, tão reais, que não penso duas vezes quando sinto o calor do corpo de Olivia se afastar do meu. Um instante depois, a cama afunda atrás de mim e uma mão grande desliza por baixo da minha blusa, repousando sobre minha barriga. Deixo-me puxar contra um peito firme e me afundo no aroma de sândalo e limão, misturado com o cheiro fresco e terroso da chuva, como se o Emmett dos meus sonhos tivesse entrado direto da tempestade real que rugia lá fora. Absorvo a pressão dos seus lábios contra meu ombro e, quando ele me vira no meu sonho, me acomoda sobre seu coração pulsante e sussurra "eu te amo" contra meu cabelo, tudo se aquieta. Faz muito tempo que não conheço o silêncio e, sem todo aquele barulho, as vozes exaustivas e cruéis que parecem nunca descansar, meus sonhos se dissipam e eu durmo profundamente.

Quando me mexo pela manhã, uma dor oca se instala no fundo da minha barriga. Recuso-me a abrir os olhos, tentando prolongar o retorno à minha dolorosa realidade. Quando finalmente reúno coragem para abrir os olhos, um suspiro silencioso me escapa.

"Emmett."

Meu marido está sentado na beira da cama, vestindo apenas uma calça de moletom cinza, os cotovelos apoiados nos joelhos, o cabelo lindamente bagunçado como sempre. Sua mochila está perto da porta, o moletom e a camiseta jogados no chão, a carteira, o celular e as chaves sobre o criado-mudo.

Meu coração dispara enquanto o observo, ombros curvados, cabeça baixa, como se a dor que lhe foi imposta fosse pesada demais para suportar. Meus olhos se voltam para suas mãos, entrelaçadas entre os joelhos. Elas não tremem. Não, não há um pingo de tremor. São firmes, seguras, como sempre foram as de Emmett.

"Você... você veio? Dormiu aqui?" Olho de volta para a cama, a marca ao meu lado que ainda está quente quando passo a palma da mão sobre ela. "Por mim?"

Um pequeno sorriso se forma em seus lábios enquanto ele olha para as mãos. "Você se lembra da minha primeira viagem de carro depois que eu te convenci a ser minha namorada?"

A memória surge instantaneamente, como se eu já tivesse gravado tudo. Fazia apenas seis dias que nos conhecíamos. No primeiro dia, transamos na cozinha do salão de eventos. No segundo dia, ele me algemou a ele — depois que eu o algemei à minha cama — e não me soltou até que eu concordasse em namorá-lo. Passamos os quatro dias seguintes grudados. Para onde eu ia, Emmett ia. Ele me seguiu até a cafeteria de madrugada, puxando um gorro sobre a cabeça, sorrindo para mim com aqueles olhos azuis sonolentos e lacrimejantes enquanto ajeitava minhas orelhas sob o gorro igual que ele havia me trazido, bocejando enquanto segurava minha mão, e não reclamou uma única vez enquanto caminhávamos pelo centro de Vancouver em pleno inverno para que eu pudesse começar o dia com um latte de lavanda e mel. Ele fazia minhas compras comigo, alimentava meu vício em comprar sapatos, conseguiu a aprovação da minha avó no FaceTime em dez segundos quando A) perguntou se ela era minha mãe e B) comentou que nossa futura filha certamente seria perfeita com nossos genes imaculados. Cozinhamos o jantar lado a lado e ele sorria para mim do outro lado da mesa enquanto comíamos. Eu relaxava na banheira e ele se ajoelhava ao lado, deslizando a ponta dos dedos pelas bolhas na minha pele enquanto murmurava sobre sonhos que se tornam realidade. E quando eu adormecia à noite, meu corpo mole, bem usado e completamente adorado, era com ele me abraçando.

E então ele foi embora. Voou para o outro lado do continente, jogou jogo após jogo em cidade após cidade por nove dias, e eu odiei cada minuto.

Às duas da manhã do décimo dia, acordei com o som de uma chave na fechadura, malas caindo no chão, palavrões abafados enquanto alguém tropeçava pelo corredor. Acendi o abajur assim que Emmett entrou no meu quarto, parando bruscamente quando nossos olhares se cruzaram. Aquele sorriso bobo e orgulhoso tomou conta de seu rosto bonito, tão radiante que sua felicidade preencheu meu quarto escuro enquanto ele tirava a camisa pela cabeça, largava as calças no chão e se aproximava de mim.

"Ainda bem que roubei a chave do seu apartamento e mandei fazer uma cópia enquanto você tirava seu cochilo da beleza", ele quase rosnou.

"É assim que você se lembra?", murmurei, me espalhando pelos travesseiros quando ele puxou os cobertores e subiu em cima de mim, nu e esculpido em toda a sua glória. "Lembro de ter te pedido para fazer uma cópia da chave e me trazer um café com leite. Se não me falha a memória, você voltou com cinquenta rosas vermelhas também."

"Hum", ele murmurou, enterrando beijos quentes e molhados no meu pescoço enquanto puxava meu joelho para o lado, esfregando o pau em mim. Você tem razão, desculpe. Parece que meu cérebro para de funcionar toda vez que te vejo.

Um leve sorriso surge em meus lábios enquanto me lembro de como ele se aconchegou dentro de mim, engolindo meu choro com a boca. Jurei que nunca havia provado nada tão incrível quanto o seu beijo depois de nove dias sem ele, e a sensação só melhorou quando ele sussurrou algo novo em meus lábios. Como se eu ainda pudesse sentir sua promessa depois de todo esse tempo, meus dedos roçam meus lábios. "Você disse que nunca mais passaria uma noite sem mim quando estivesse em Vancouver. Que tinham se passado apenas dezesseis dias desde que nos conhecemos, e você não se importava com o quão louco soava; eu era seu lar agora."

"Hum." Emmett acena com a cabeça, exibindo o mesmo sorriso discreto, como se tivesse acabado de reviver aqueles primeiros dezesseis dias junto comigo. "Meu lar." Com um suspiro silencioso, ele se levanta, pega sua camiseta e se vira para mim enquanto a veste. Minha boca saliva de admiração, como sempre acontece quando o observo, um corpo tão meticulosamente esculpido, tão perfeito que às vezes me recuso a acreditar que ele seja real. Mas é aquela tatuagem na parte inferior do quadril direito, aquela única palavra escrita com a minha letra, o "i" pontilhado com um coração. É isso que me destrói. Aperta minha garganta. Domina meu coração.

Mina.

Emmett é e sempre foi meu, assim como eu sempre fui dele.

O algodão macio cai sobre seu torso, cobrindo o que me pertence, e eu baixo o olhar para o meu colo.

Nódulos ásperos tocam meu queixo delicadamente, erguendo meus olhos para os de Emmett — feroz, leal, tão incrivelmente corajoso apesar de tudo. "Você é meu lar, Cara. Eu quis dizer isso naquela época e quero dizer isso agora. A única vez que durmo sem você em meus braços é quando há um voo e pelo menos mil quilômetros entre nós." Ele segura meu queixo, me mantendo no lugar enquanto seus lábios se encontram com os meus em um beijo tão possessivo que me deixa sem fôlego quando ele se afasta.

Parando na porta, ele bate no batente, e eu sigo seu olhar até minha mala de fim de semana no canto do quarto, repleta de minhas coisas.

“Vista-se. Estarei lá embaixo, porque prometi panquecas, um baile e unhas dos pés pintadas para nossa sobrinha. Depois, vou te levar para casa. Vamos resolver isso, meu bem. Você e eu? Nós não desistimos. Não um do outro. Não de um amor como o nosso.”

OceanofPDF.com

21 NOSSA HISTÓRIA Cara

EMMETT SEMPRE ME DISSE que a confiança tranquila que ele exala vem do orgulho que sente por estar comigo. Que ao meu lado, ele se sente capaz de conquistar qualquer coisa. Imparável. Mas enquanto ele joga as sacolas sobre o ombro na nossa garagem, me puxa para dentro de casa, solta minha mão e se move como se a vida, como a conhecemos, não nos sufocasse, não tenho certeza se isso é verdade. Estar comigo, aqui e agora, não pode estar lhe trazendo nada além de medo e angústia. E, no entanto, ele parece não ter nenhuma preocupação no mundo enquanto guarda nossas coisas no armário, enquanto minhas mãos começam a tremer novamente.

"Vou fazer um chá para você." Sua mão se encaixa na curva das minhas costas, seus lábios quentes na minha bochecha enquanto ele passa por mim, indo em direção à cozinha.

Passos hesitantes me levam para frente, em direção ao brilho das luzes cintilantes na sala de estar. Elas roubam a escuridão encharcada pela chuva, seguidas pelo ar que escapa dos meus pulmões, quando entro em um espaço que me parece tão acolhedor quanto um lar.

Ontem, cheguei em casa e encontrei a oficina do Papai Noel na nossa sala de estar; a tentativa de Emmett de me envolver com o espírito natalino, de me fazer sentir eu mesma novamente.

Hoje, além dos enfeites, da árvore de Natal que não ajudei a decorar, do visco pendurado a cada metro e meio como uma espécie de campo minado que preciso atravessar com graça e estratégia se quiser respirar fundo novamente... essa é a nossa história.

Foto após foto, penduradas na sala de estar de uma viga à outra, com fios de luzes entre elas como pingentes de gelo, iluminando as pequenas mensagens penduradas abaixo de cada uma.

O calor me domina, acumulando-se nas minhas bochechas enquanto o sangue pulsa nas minhas orelhas. Dou um passo à frente, até a primeira foto: eu de vestido

vermelho, rindo com uma taça de vinho tinto na mão, outra taça pendurada na ponta dos meus dedos, esta cheia de Skittles e M&Ms. Engulo em seco ao ver a etiqueta pendurada abaixo da foto, a letra de Emmett rabiscada por cima.

O primeiro dia da minha vida.

“A noite em que nos conhecemos.”

Dou um pulo ao ouvir a voz de Emmett, baixa e rouca. Seus olhos permanecem fixos na foto, o canto da boca curvado num sorriso enquanto ele coloca uma caneca quente nas minhas mãos.

“Onde você conseguiu essa foto?” A voz sai rouca, e eu pisco para conter as lágrimas enquanto me concentro no chá que levo aos lábios. “Eu não sabia que ela existia.”

“Você não saberia. Eu me escondi atrás do Adam e tirei a foto quando você não estava olhando.” Ele dá uma risadinha. “Ele não gostou de ser meu peão. Disse algo sobre ser uma violação do seu direito à privacidade.” Seu olhar se fixa no meu, e meu coração para de bater ao ver aquele olhar, ao perceber como todo o humor desaparece. "Mas você nunca foi uma pessoa reservada, não é?"

Minha mão treme enquanto levo a caneca aos lábios. "Com você? Não."

"Não", ele concorda baixinho, os olhos se desviando para me observar enquanto tomo um gole. "Você não me escondeu nada desde que abriu essas suas lindas pernas para mim, mal uma hora depois daquela foto. Eu sempre tive você por inteiro, porque você nunca se privou de nada." Algo brilha em seu olhar antes de voltar para a fileira de fotos. Tão baixinho que quase não percebo, ele acrescenta: "Até agora."

Antes que a culpa me domine, pigarreio e pergunto: "Essa é a nossa história?"

"Nossa história?" Ele traça o contorno do meu sorriso em uma foto, a curva do meu quadril em outra. "Não. É a minha."

Franzei a testa. "Sua?"

"Minha." Ele aponta para a primeira foto e repete as palavras abaixo: “O primeiro dia da minha vida”.

“Emmett—”

“Não, Cara.” Sua palma áspera segura meu queixo, o polegar enxugando as lágrimas que caem enquanto seu olhar me queima. “Eu te conheci e juro por Deus, eu renasci. Pela primeira vez na vida, desejei muito mais do que tinha, do que eu vinha

buscando durante todos esses anos. Pela primeira vez na vida, eu queria um amanhã só olhando para você, ouvindo você. Eu queria um futuro com a mão de alguém na minha, só que essa mão tinha que ser a sua. Eu queria seus sorrisos, suas risadas, suas lágrimas, e eu queria tudo isso para mim. Eu queria noites em claro amando, manhãs preguiçosas conversando, brigando por filmes e pelo que colocar no carrinho de compras. Eu queria você na minha camiseta, esmalte na minha mesa de centro e palavras de batom nos meus espelhos." Ele se aproxima, apenas um pouco, sua respiração aquecendo meus lábios, meu peito arfando. "Você me ouve, Cara? Eu existia antes de você. Mas desde você? Desde você, eu vivo."

Minha garganta queima, palavras que quero gritar tentam escapar enquanto balanço a cabeça, murmurando um fluxo constante de não, não, não enquanto luto contra o aperto de Emmett, a história que ele tenta enfiar goela abaixo. Pode ter sido verdade. Droga, eu sei que foi. Mas isso foi antes, quando eu ainda era eu. E agora eu sou... eu sou... "Eu não sou a mesma mulher por quem você se apaixonou!" As palavras sobem pela minha garganta enquanto o empurro. "Eu não sou a mulher que você conheceu naquela noite, ou aquela por quem você se apaixonou! Ela se foi, Emmett! Você não vê isso?"

Lágrimas de raiva escorrem pelo seu rosto, tão rápido que consigo sentir o gosto da fúria, o calor daqui enquanto enxugo as minhas. Seus ombros largos se erguem rapidamente enquanto ele se vira, olhando para as fotos. Ele marcha até uma delas, arranca-a do fio e a enfia na minha cara. "Isto. A Olivia tirou esta foto e me mandou. Você treinou patinação por duas semanas antes de eu te levar, não porque queria me impressionar, mas porque queria me mostrar que se interessava pela minha vida."

Segue-se outra foto, e outra, história após história, razão após razão pela qual meu marido se apaixonou por mim.

"Isto. Você, escondida e chorando, porque acabamos de arrecadar quatro vezes mais do que nunca na nossa arrecadação de fundos para o Lar Segunda Chance, e tudo porque foi a primeira que você organizou."

"E isto. Seus nós dos dedos inchados e seu sorriso enorme, porque você deu um soco na cara da ex do Lennon por... bem, honestamente, só por ela existir, eu acho."

"E isto. Seus nós dos dedos inchados e seu sorriso enorme, porque você deu um soco na cara da ex do Lennon por... bem, honestamente, só por ela existir, eu acho."
"Esta aqui, bem aqui nesta cozinha. Você estava em pé naquele balcão, colocou um

par de luvas de forno, sorriu para mim por cima do ombro e disse: 'Amor, olha! Estou cozinhando!' Depois disso, não ouvi uma palavra do que a corretora disse; tudo o que eu via era o meu mundo inteiro parado na nossa cozinha. Nos mudamos cinco semanas depois."

"Essa também. Mais uma sua chorando. Sabe por que você está chorando aqui, com esse seu vestido de noiva? Não é porque acabamos de nos casar. Não. Você está chorando porque meu melhor amigo vai pedir a sua em casamento, e nada te deixou mais feliz do que poder proporcionar isso a ele. A maioria das pessoas nem pensaria em deixar outra pessoa pedir em casamento. Mas você não, Care. Tudo o que importa para você, de verdade, é que as pessoas que você ama sejam felizes."

Ele pega outra foto, a mão tremendo enquanto me mostra. "E isso. Foi na noite em que conhecemos meus pais. Cinco minutos antes, minha mãe fez um comentário sarcástico sobre como eu abandonei minha família por um hobby. Você torceu o nariz e disse: 'Que coisa estranha de se dizer sobre seu filho perseguindo seus sonhos e tendo sucesso, quando a maioria das pessoas nem sequer tem coragem de sonhar'. Ninguém nunca tinha me defendido da minha mãe antes, mas você defendeu, porque você sempre luta pelas pessoas que ama. Não é, Care? Sempre lutando pelas pessoas que você ama. Então por que você não está lutando por si mesmo agora?"

"Eu... eu..." Enxugo as lágrimas com raiva, batendo o pé no chão. "Isso não é justo! Eu lutei! Eu lutei tanto, Emmett, e estou tão cansado!" Uma dor lancinante atravessa meu peito, e eu aperto meu coração enquanto me desfaço em lágrimas contra a minha vontade, mostrando tudo a ele. Os sacrifícios que fiz, a força que se transformou em fraqueza, todo o sangue que derramei lutando como um louco só para sobreviver. Pedaços de mim que nunca mais terei de volta. Ele não entende?

Com os olhos marejados, meus punhos encontram sua camisa, agarrando-a com todas as minhas forças enquanto soluço. "Estou tão cansada de lutar, Emmett. Estou cansada de ser forte. Não quero mais ser corajosa. Será que não fui corajosa o suficiente? Forte o suficiente? Não lutei o suficiente?" Abaixo a cabeça enquanto meus gritos sacodem meu corpo, fazendo-me tremer até a alma. "Por favor, Emmett. Estou tão cansada. Não aguento mais."

Braços fortes me envolvem, me levando para uma casa da qual nunca quis sair. Seus dedos se enroscam em meu cabelo enquanto ele me abraça forte, meu rosto

aninhado em seu pescoço, absorvendo sua pele quente enquanto me agarro em seus ombros e choro, sentindo-o tremer junto comigo.

"Eu sei, meu bem. Eu sei. Então deixe-me fazer isso por você. Deixe-me ser a forte. Deixe-me ser corajosa. Deixe-me lutar, Cara. Lutarei por você todos os dias, até meu último suspiro, e depois disso? Depois disso, encontrarei um jeito de continuar lutando. Você não está sozinha, Cara."

“Então por que me sinto assim? Porque me sinto. Sinto como se tivessem me jogado numa maldita jangada e me forçado a me virar sozinha no mar. Eu não consigo mais manter a cabeça acima da água, Emmett.” Eu o empurro, lutando para respirar em meio aos gritos que me sufocam. “Olha para mim. Olha para mim. Eu estou me afogando.” Me viro bruscamente, agarrando meus cabelos com os punhos, como se quisesse manter minha sanidade agora. Porque o jeito que ele está me olhando? Como se estivesse no meu funeral, encarando meu cadáver, uma mulher que nunca mais existirá nesta vida? Eu não posso ser responsável por esse olhar.

“Eu... eu... eu...” Fecho os olhos com força, pressionando as palmas das mãos contra eles enquanto balanço a cabeça negativamente. “Eu sei que você está aqui. Você está bem aqui, porra”, eu choro, gesticulando para o meu homem enorme, que tenta desesperadamente me abraçar, me segurar enquanto eu o mantenho à distância. “E ainda assim me sinto tão sozinha nisso. As agulhas e as coletas de sangue, as injeções e os hormônios. A análise excessiva, as ilusões, as superstições ridículas. O cinismo. Quer dizer, pelo amor de Deus, se mais uma pessoa me disser que eu só preciso relaxar, que vai acontecer quando tiver que acontecer, minha cabeça vai explodir.

“As inseguranças. Oh, Deus, as inseguranças que destroem a alma.” Uma risada escapa, tão amarga quanto eu, enquanto passo as mãos pelo meu rosto encharcado de lágrimas. “Um corpo que não consegue fazer uma das coisas para as quais foi feito. Algo que eu não posso consertar, algo que eu não posso te dar, não importa o quanto eu tente.” A maldita inveja que todas essas inseguranças trazem. Meu Deus, nunca senti nada parecido, essa profunda saudade que só se torna amarga e repugnante a cada mês que passa, a cada anúncio de gravidez, a cada barriga perfeita e redonda e a empolgação reservada só para elas. Furar fila, sentar em lugares lotados, vagas de estacionamento especiais. Cortesia que elas merecem e privilégios que eu literalmente não ligo, mas não importa. É como um clube do qual não posso fazer parte, por mais

que eu queira. Jesus, Emmett, semana passada eu olhei para Olivia e Rosie e me perguntei: Por que elas? Por que não eu? Por que não nós? Pela primeira vez na vida, sentei ali e as observei conversando sobre suas gravidezes, as compras que têm feito juntas, o quanto estão cada vez mais perto do bebê, e me esforcei para me sentir feliz por elas, e isso me fez me odiar mais do que qualquer coisa. Outra risada, logo abafada pelos soluços que fazem meus ombros se curvarem. Envolvo meus braços em volta da cintura, desejando mais do que tudo, pela primeira vez na vida, poder desaparecer enquanto sussurro minhas próximas palavras. "Nada na minha vida me preparou para a forma como a infertilidade me faria me odiar."

Olho para Emmett, uma figura linda e desfocada, lágrimas que combinam com as minhas escorrendo pelo seu rosto bonito, um rosto com o qual sonhei adormecer e acordar pelo resto da minha vida. Imagino o que ele vê quando olha para mim agora. Não a mulher por quem se apaixonou, aquela com quem construiu uma vida, em torno da qual moldou seu mundo. Não aquela que merece um futuro com ele.

Talvez seja por isso que não consigo olhar nos seus olhos quando digo: "Estou me autodestruindo, Emmett, e não sei como me salvar. Você precisa se salvar antes que eu te arraste comigo."

Então ele se anima, caminhando em minha direção. Seus dedos se fecham em torno do meu bíceps, me segurando no lugar enquanto ele me encara, seus olhos azuis em chamas. “Não. Pare com isso. Agora mesmo. Eu não preciso ser salva, e pela primeira vez na sua vida, deixe-me te salvar. Deixe-me ser sua rocha, porque você sempre foi a de todos os outros. Apoie-se em mim, Cara. Você precisa. Eu não vou deixar você afundar.”

“Você não entende!” Eu me debato contra o seu aperto, mas ele me segura com mais força, me obriga a ficar, a olhar para ele. Ele não sabe que eu nunca estive tão vulnerável quanto quando estou olhando nos olhos dele? “Eu não sou quem eu era! Eu não sou a garota das fotos! Não mais! Você pode... você pode ir. Você deveria ir! Estou te dando permissão, Emmett. Aproveite! Encontre alguém como aquela garota, confiante, forte e não... maldita... quebrada!” Eu soluço ainda mais alto, tentando desesperadamente me libertar. “Por que você está aqui, Emmett? Por que você ainda está aqui quando poderia estar em qualquer outro lugar?”

“Porque você está aqui!” Ele grita, me puxando contra seu peito ofegante, a testa pressionada contra a minha enquanto respira. Seus dedos se flexionam em torno dos

meus pulsos, apertando e soltando, como se estivesse lutando para se controlar. "Porque você está aqui", ele repete, quase sem fôlego desta vez, suas mãos se movendo para o meu rosto, acariciando-o delicadamente. "Você está aqui, Cara, e eu estou onde você estiver. Está me ouvindo? Eu estou onde você estiver. Inteiramente. Eu não existo sem você." Ele umedece os lábios, a ponta da língua roçando o meu lábio superior, capturando uma lágrima. Meu coração se aperta. “Você tem permissão para chorar. Você tem permissão para ficar com raiva, até mesmo furiosa. Você tem permissão para sentir ciúmes, amargura e achar que isso não é justo, porque não é, não é? Você e eu? Nós deveríamos ter a chance de criar algo tão precioso e lindo quanto um filho com o tipo de amor que temos, o tipo de amor que a maioria das pessoas nunca terá a oportunidade de experimentar. Você pode sentir tudo o que precisar sentir. Mas você fará isso comigo. Tudo. Porque eu estarei aqui, exatamente onde sempre estive, ao seu lado a cada passo do caminho. Está me ouvindo? Não existe um 'eu' sem você. Eu não vou embora.”

Eu realmente não sei o que fiz nesta vida para merecer este homem, este tipo de amor que ele me dá sem pensar duas vezes, como se fosse a única coisa da qual ele sempre teve certeza.

“Respire”, ele sussurra. “Respire, meu bem.”

“Eu não posso... eu não posso te dar o que você quer”, argumento fracamente.

Você me dá tudo que eu poderia querer ou precisar.

Alguém mais poderia te dar mais.

Ninguém jamais chegará aos seus pés.

“Eu mudei, Emmett”, choro baixinho. “Não sei se algum dia voltarei a ser a mesma pessoa.”

Ele afasta o cabelo do meu rosto, os polegares enxugando as lágrimas das minhas bochechas. “Você é perfeita, exatamente como é.”

“Estou destruída.”

“Você é perfeito.”

Minha cabeça balança, cerro os punhos novamente enquanto meu coração bate com a mesma força raivosa à qual me acostumei, obstinado em apontar todas as maneiras pelas quais não sou mais a mesma. “Eu. Estou. Destruída.”

Por que ele não está me ouvindo?

Espero o mesmo argumento, a mesma segurança que ele demonstra sem hesitar. Mas desta vez, ele não me dá. Desta vez, ele fecha os olhos, afundando-se nas lágrimas que rolam silenciosamente por suas bochechas. Desta vez, quando seu olhar encontra o meu, firme e carregado de mágoa, ele concorda.

"Você está. Seu coração está em pedaços. Você não é a mesma mulher que conheci numa festa lotada no Ano Novo, nem aquela com quem me casei dezoito meses depois. Você não é inabalável, como eu pensava que fosse. Você não está inteira. Você está com o coração partido." Seus olhos descem para acompanhar o movimento do polegar enquanto ele desliza sobre meu lábio inferior, recolhendo as lágrimas. Quando seu olhar volta para o meu, ele arde com certeza. A mesma certeza que ele tinha na noite em que nos conhecemos, quando me disse que eu seria sua esposa. Um ano depois, quando ele colocou o anel no meu dedo, me disse que não significava nada para ele, que nada significava, exceto me ter ao seu lado para o resto da vida. Quando ele segurou minhas mãos no altar seis meses depois e me prometeu a mesma coisa que vinha sussurrando no meu ouvido o tempo todo: me amar para sempre, ser meu parceiro em cada passo do caminho.

"Seu coração é um mosaico", ele me diz suavemente, meu rosto em suas mãos quentes e seguras. "Milhares de pedaços entrelaçados, cada um com sua própria história. Seu coração é belo e bondoso, e ama da maneira que ama não apesar de todos os seus pedaços, mas por causa deles." Um sorriso gentil enquanto ele enxuga as lágrimas em minhas maçãs do rosto. "Você é a personificação do crescimento. De florescer após um inverno rigoroso. Você não é a mesma de antes, mas por que seria? Você melhora a cada dia, mesmo quando acho impossível, porque você se dedica a se amar, a ser a melhor versão de si mesma. Você não é a mesma; você é melhor." Lábios suaves roçam os meus, e minha boca não consegue evitar o desejo de seguir os dele. "Você é altruísta. Compassiva. Uma voz para aqueles que não têm voz. Alguém que é forte pelos outros quando eles não conseguem ser fortes por si mesmos. Você não é inabalável; você é amor incondicional e intenso."

Meu peito estremece, uma respiração profunda percorre meu corpo, e enquanto Emmett me inspira, meu rosto entre suas mãos, percebo que é a primeira vez em tanto, tanto tempo que sinto meus pulmões se expandirem com a vida. Ele pressiona sua testa contra a minha, os olhos se fechando por um instante antes de nos

encontrarmos, suas palavras pressionadas contra meus lábios para que eu possa saborear cada uma delas.

"Você não é inteiro(a). Você está quebrado(a). E tudo bem. Você amou e perdeu, e cada pedaço de você merece seu lugar. Você é o lar de todas as suas histórias, os pedaços que moldaram sua vida, que fazem de você quem você é. Os passos que você deu, o crescimento que você buscou. Os medos que você venceu e as lições que aprendeu. As amizades que você construiu, o amor que você moldou com suas próprias mãos. Seus sonhos e cada mágoa. Você não é inteiro(a), mas não deveria ser. Você está quebrado(a). E a coisa linda sobre estar quebrado(a)? Há muito mais espaço para a luz brilhar. E nessa luz, você pode se reconstruir do jeito que quiser."

Eu sempre achei que o amor incondicional não existia além da infância. É a única época em que as falhas são esperadas e aceitas. Você comete erros, fica aquém das expectativas e sempre há alguém com quem você não se compara. Mas — se você tivesse sorte e tivesse o tipo de pais que toda criança merece ter — você se lembrava de que ainda era amado, com todos os seus defeitos. Mas você cresce e, de repente, acha que deveria saber mais. Ser melhor. Se esforçar mais, ser mais inteligente e nunca falhar. Você percebe que, a qualquer momento, alguém pode decidir que já chega. Pode arrumar as malas e ir embora, sem precisar dar explicações. Mesmo que você esteja se esforçando ao máximo.

Mas Emmett? Não Emmett.

Ele é... a longa jornada. Ele é os dias ensolarados e a tranquilidade. Ele é a capota abaixada, o vento nos cabelos dourados pelo sol, e o som da felicidade quando ele diz que nunca houve um dia mais bonito. Ele é os passeios tranquilos de manhã cedo que levam às noites calmas e pacíficas.

E então ele é as subidas íngremes. As escaladas traiçoeiras. Os dias passados rastejando na beira de um penhasco gelado no meio de uma noite sem estrelas, lutando para enxergar a linha de chegada em meio a uma nevasca implacável que queria me cegar. Ele é para qualquer clima, qualquer hora. Aquele que fica acordado a noite toda, que me leva para casa em segurança, custe o que custar.

Emmett é a jornada longa. Comigo nos momentos fáceis, comigo nos momentos difíceis.

Comigo.

Uma nova onda de lágrimas vem, mas desta vez, é bem-vinda. Purificadora, poderosa até, e eu me entrego a cada uma delas enquanto envolvo o pescoço de Emmett com meus braços, minhas pernas em sua cintura, enquanto finalmente — finalmente mesmo — desisto.

A necessidade de me sustentar sozinha. De me salvar. De fazer isso sozinha, só para provar que sou capaz. Que sou digna.

E Emmett chora junto comigo, me abraçando com mais força do que nunca, como se nada na vida o tivesse assustado tanto quanto a ideia de me perder, e eu solto um pedido de desculpas entrecortado atrás do outro.

"Me desculpe. Me desculpe mesmo. Me desculpe, Emmett."

"Shhh", ele sussurra suavemente contra minha têmpora enquanto sua mão desliza pelas minhas costas, um toque firme, mas reconfortante, que alivia a tensão que há tempos se instalou em meus ossos. "Respire, meu bem. Respire comigo. Porque eu não consigo respirar sem você."

E eu quero. Quero respirar. Quero que minha cabeça rompa a superfície da água. Quero sentir meus pulmões se encherem de ar, toda a vida da qual foram privados. Quero nadar. Quero lutar. Por Emmett. E por mim.

Quero lutar por nós. E quero vencer.

Eu vencerei.

Nós venceremos.

OceanofPDF.com

22 POR VOCÊ, EU ESCALARIA TODAS AS MONTANHAS Emmett

ALGO ESTÁ DIFERENTE. Uma pequena mudança, talvez, mas a última coisa que parece é pequena. Passos pequenos, hesitantes e trêmulos, mas cada um deles na direção certa, enfrentando a escalada. O olhar em seus olhos, cuidadoso, mas determinado, aceso com um fogo que sempre reconheci. A subida e descida de seu peito, profunda e constante, como se ela estivesse inspirando nova vida, nova força, uma nova versão de si mesma a cada inspiração, expirando a antiga a cada expiração.

Cara é diferente, como era ontem, e anteontem. Como será amanhã, e todos os dias depois disso. Porque ela é versátil, em constante mudança, desfazendo-se do que não lhe serve mais e moldando o que serve em algo que lhe caia bem.

Amarei todas as versões dela, sempre. Sua alma sempre será dela, e sempre estará ligada à minha. Tenho certeza disso.

"Você deixou uma parte sem lavar", ela murmura, os cílios roçando suas bochechas úmidas e rosadas.

"Não deixei, não."

"Deixei sim." Ela aponta, sem jeito, para um ponto na cabeça, coberto de espuma do xampu que acabei de massagear em seu cabelo. "Viu? Bem ali. Melhor lavar de novo."

"Hum-hum." É claro que eu jamais a negaria, mas é aquela boca, o jeito como o canto direito se curva, uma gota d'água agarrada ao seu lábio inferior carnudo, brilhando à luz de velas enquanto aquele pequeno sorriso se liberta e a água escorre pelo queixo, traçando uma linha pela garganta antes de desaparecer nas bolhas... é isso que me enlouquece. Coloco mais um pouco de xampu na palma da mão e espalho pelos seus cabelos antes de massagear seu couro cabeludo com os dedos. Ela geme, e o som — infelizmente — vai direto para o meu pau traiçoeiro.

"Quase consigo ouvir a Princesa Sofia chorando por mim", murmura Cara.

"Pff. Errado. Completamente errado. Você quase consegue ouvir o Punho de Ferro Cinco Mil chorando por você."

Ela ri, uma risada genuína, sincera e absolutamente deslumbrante. Meu mundo inteiro se recompõe.

Massageio seu couro cabeludo por um longo tempo, até que seus gemidos diminuam e sua respiração se acalme. Seus olhos permanecem fechados enquanto enxáguo o xampu, espalho seu condicionador favorito pelos longos fios dourados antes de finalmente enrolar seu cabelo em minha mão e prendê-lo na parte de trás de sua cabeça. Acho que ela está dormindo, mas quando retiro minha mão, ela a segura, levando-a à boca e cobrindo minha palma de beijos.

"Obrigada", ela sussurra, e vejo cada motivo refletido naqueles olhos azuis-celestes.

"Tudo por você, vagalume."

Com o braço apoiado na borda da banheira, deito a cabeça na dobra do meu cotovelo, o olhar fixo na ponta dos meus dedos enquanto eles deslizam lentamente por cada centímetro exposto da pele de Cara, traçando o contorno da sua clavícula, roçando as sardas tênues que beijam seus ombros. Meus dedos dançam pelo seu pescoço, e sorrio para as bolhas que se formam em sua mandíbula antes de apagá-las com o polegar. Cara coloca a mão sobre a minha, entrelaçando nossos dedos, e sua hesitação paira no ar entre nós.

“Ontem você disse...” Ela umedece os lábios e engole em seco, tentando novamente. “Você disse que não tinha certeza se ainda queria um bebê. Você... quis dizer isso mesmo?”

Desenho um coração nas bolhas no joelho de Cara, procurando as palavras certas. “Eu quero um bebê, Care. Com você. Nada jamais mudará isso, e eu faria qualquer coisa para te dar isso. Seja mais tratamentos, explorar a adoção, barriga de aluguel... qualquer coisa que você queira.”

“Mas é isso que você quer?”

“Sim.” Hesito, e o jeito como seus olhos piscam me diz que ela está se preparando para o “mas”. “Quando a hora certa chegar.”

Sua garganta se move. “E não chegou.” Deveria ser uma pergunta, eu acho, mas soa mais como um reconhecimento silencioso e doloroso, um que sinto profundamente.

“Acho que esta tem sido uma luta impossível, e acho que nós duas estamos cansadas e lutando para sentir esperança. Os hormônios têm sido difíceis para o seu corpo, mas acho que a luta mental tem sido a parte mais difícil. Corrija-me se eu estiver errada.”

Seu olhar se abaixa. “Você não está.”

“Ei.” Minha palma desliza por sua mandíbula, trazendo seus olhos de volta aos meus. “Não há nada de que se envergonhar. Todos têm o direito de enfrentar dificuldades, inclusive a poderosa Cara Nicole Brodie. Mas, em nome da transparência e da cura, você é a minha prioridade. Eu te quero mais do que qualquer coisa que eu não tenha, e o seu bem-estar é mais importante para mim.” Dou um beijo em seus lábios, suspirando ao vê-la se entregar completamente, se abrindo antes que eu me afaste um pouco, com a testa encostada na dela. “Eu quero que tenhamos um bebê, Cara. Mas se você é a minha única coisa boa — se este amor é a única coisa preciosa que eu tenho nesta vida — isso sempre, sempre será o suficiente para mim. Entende? Você me basta, e passarei meus dias valorizando este presente imaculado que me foi dado.”

Lágrimas silenciosas escorrem por suas bochechas. "Eu não tinha ideia de quanta falta eu precisava fazer disso. Eu..." Ela para de falar, uma leve ruga se formando em sua testa enquanto pensa. "Eu nunca precisei ser suficiente para ninguém, porque sempre fui suficiente para mim mesma. O que as pessoas pensam de mim, o valor que atribuem a quem eu sou... nunca importou. Eu nunca quis que importasse." Ela funga, enxugando uma lágrima. "Não ser mais suficiente para mim mesma tem sido... impossível de superar. Ouvir que sou suficiente para você, a pessoa que eu amo mais do que qualquer outra neste mundo... Suficiente, assim, de repente, com tudo que eu achava que me tornava suficiente arrancado de mim..." Seus olhos se fecham, lágrimas se agarrando aos cílios. A respiração que ela solta, a forma como seus ombros caem e seu peito se abre, é puro alívio. Incredulidade absoluta e gratidão infinita. É como se ela tivesse ficado com a cabeça submersa por tempo demais, privada da única coisa que precisa para continuar. É viver.

Ela segura meu queixo, aproximando meu rosto do dela, onde a ponta do seu nariz roça a minha. "Eu me sinto viva, Emmett. Eu me sinto viva, e não tinha certeza se sentiria isso de novo." Ela se aconchega mais perto, os olhos fechados enquanto eu acaricio a nuca dela, seus lábios roçando os meus. "Estou aqui."

"Você está aqui, Care. Eu estou aqui. Estamos juntos."

"Prometa que vamos superar isso, Emmett. Prometa. Eu não consigo viver sem você. Não consigo."

"Você e eu, vagalume? Vamos superar qualquer coisa."

"Juntos?", ela sussurra, um apelo que me escapa dos lábios, que me faz estremecer.

"Juntos."

Eu a ajudo a sair do banho, envolvendo-a no meu roupão felpudo, aquele que ela mais gosta quando está menstruada, mal-humorada ou passando por uma pré-crise da meia-idade, porque ela é muito nova para ter uma crise da meia-idade e insiste que sempre será.

Sorrio ao vê-la se aconchegar no sherpa azul-marinho, inalando o cheiro de roupa recém-saída da secadora e ainda quentinha, como sempre faz. Coloco-a no balcão, aplicando sua rotina de cuidados com a pele no rosto dela na ordem exata, porque, Deus me livre, o sérum de vitamina C não pode ser aplicado antes daquela baboseira de ácido hialurônico — um erro que só cometerei uma vez.

"Bom garoto", ela ronrona quando eu pulo a etapa do retinol, que aparentemente é só para usar à noite. "Você está aprendendo."

“Porque você me deu um susto danado”, murmuro, terminando de passar o protetor solar facial especial dela, porque, segundo ela, mesmo no inverno o sol não desiste de tentar envelhecer sua pele impecável.

“Você está exagerando.”

“Você mordeu a ponta do meu dedo e disse: ‘Da próxima vez vai ser o seu pau, seu babaca!’”

“Retinol é especialmente sensível à luz solar! Parece que você estava tentando me envelhecer prematuramente de propósito!”

Abro a boca para discutir mais um pouco sobre as ameaças desnecessariamente violentas dela a algo que lhe dá imenso prazer, mas desisto. Em vez disso, engulo o sorriso que ameaça escapar ao ver as pequenas partes dela que estão despertando sob a superfície, como se estivessem cansadas de serem enterradas.

Limpando a garganta, toco seu joelho com dois dedos, posicionando-me entre suas coxas quando ela se abre para mim. Minhas palmas repousam no balcão, de cada lado de seus quadris, enquanto a encurro, e meus olhos descem para seu decote quando o laço do meu roupão se afrouxa, revelando a curva de seu peito ofegante, manchas

carmesim que tingem sua pele, sobem desenfreadamente por seu pescoço e se acumulam em suas bochechas.

"Está tentando garantir uma transa de ódio, Sra. Brodie?"

Ela balança a cabeça, com um olhar que é uma mistura de travessura e inocência.

"Ótimo", murmuro, com os lábios próximos à sua orelha enquanto pego um marcador do recipiente no balcão, rabiscando no espelho. "Porque eu prefiro passar todas as minhas horas te amando doce e lentamente, mostrando o quanto aprecio este corpo, o quão perfeito ele é, em vez de destruí-lo."

Um arrepio percorre sua espinha, e eu pressiono meus lábios abaixo de sua orelha antes de dar um passo para trás, tampando a caneta enquanto examino minha criação. Cara se vira, olhando por cima do ombro. Seu peito se eleva bruscamente, e seus dedos encontram os meus, apertando-os com força enquanto nossos reflexos nos encaram. Meus olhos percorrem Cara, a maneira como ela se senta ali com tanta naturalidade, como se não fosse a gravidade que me mantém aqui na Terra, e então voltam para nós, as duas figuras de palito de mãos dadas no topo de uma montanha, as palavras escritas abaixo. As mesmas que sussurro em voz alta.

"Nenhuma montanha é alta demais."

"Para você, Emmett? Por você, eu escalaria todas as montanhas." Ela leva minha mão ao peito, pressionando minha palma sobre seu coração, onde bate forte e rápido. "Por mim também. Quero lutar por mim mesma."

"Lutarei por você nos dias em que estiver cansada demais para lutar sozinha."

"Eu sei que você lutará, e te amo por isso." Seus lábios aquecem minha palma. “Não é justo, sabe?”

Abro a boca para dizer que ela tem razão: tudo isso é tudo menos justo. Mas antes que eu consiga, ela me dá um sorriso. É um sorriso meio forçado, sem as rugas de expressão ao redor dos olhos que eu tanto amo. Mas há um lampejo de luz em todo aquele azul, uma chama que reacende, um fogo que se recusa a se apagar.

E então ela diz: “Quando eu disse que gostava de coisas mais intensas, eu estava falando de sexo, não da vida.”

Uma gargalhada borbulha no meu peito, e eu envolvo Cara em meus braços, abraçando-a forte enquanto suas rugas suaves se misturam às minhas. Ela esconde o sorriso no meu pescoço, e eu não consigo me conter, segurando seu rosto entre minhas mãos e puxando aquele sorriso para mais perto do meu.

“Eu te amo”, sussurro, meu polegar acariciando seu lábio inferior enquanto ela desliza as mãos pelo meu peito, ao redor do meu pescoço. "Tire tudo de você, até a sua essência. A ousada, a falante, a feliz, a forte. Passei a vida amando essas partes de você, e vou amar cada parte entre elas também. A assustada, a quieta, a triste e a cansada. Não existe uma versão sua que eu não vá amar, porque eu te amo, Cara. Até a sua essência."

“E quando eu chorar mais do que sorrir?” Ela entrelaça as pernas na minha cintura enquanto a levanto nos meus braços. “Você vai me amar então?”

Eu a deito na cama, observando como seu olhar acompanha meus movimentos, seguindo minha camisa enquanto a tiro pela cabeça, minhas calças enquanto escorregam pelo meu traseiro. Meus joelhos tocam a cama e eu puxo o laço que mal segura o roupão, abrindo-o para poder respirar a oitava maravilha do mundo, ali, diante de mim. “Amor, com todo o respeito, você sempre foi de chorar.”

“Como ousa?”, ela murmura, mas seus olhos estão fixos no meu pau enquanto me arrasto em sua direção. Sua garganta se move com um engolir em seco enquanto seu olhar percorre meu corpo com a mesma apreciação que sinto pelo dela: uma obsessão feroz e selvagem. Quando estou em cima dela, minha boca encontrando a dela, ela me interrompe com uma mão no meu peito. “Espere.”

Recuando sobre meus calcanhares, observo-a pegar o celular, rolando a tela até aquele aplicativo temido, aquele que sabe exatamente todas as vezes que transamos no último ano, pelo menos. Seu polegar paira sobre o pequeno ícone rosa, e eu deslizo a palma da minha mão sobre sua coxa.

Ela respira fundo. Umedece os lábios.

E apaga o aplicativo.

Jogando o celular no chão e me abraçando pelo pescoço, ela sobe no meu colo, as unhas arranhando a barba por fazer em minhas bochechas. "Me lembre como me amar. Me lembre como fazer direito. Me lembre que eu sou suficiente. Que eu sempre serei sua, e você sempre será meu. Que o hoje nos pertence, assim como o ontem, e todos os nossos amanhãs. Por favor, Emmett. Me lembre."

Minha mão desliza por sua coluna, se acomodando na sua lombar enquanto a deito, cobrindo seu corpo com o meu. Suas coxas se abrem, me acolhendo de volta, e meu pau desliza contra seu centro, quente e tão, tão molhado. Seguro seu quadril e

afundo minha mão em seus cabelos, mantendo-a no lugar sob mim enquanto seu coração bate em sincronia com o meu.

"Não existe um mundo lá fora, uma vida inteira que exista de agora até a eternidade, onde eu não seja seu e você não seja minha. Não preciso sonhar com um futuro melhor, porque para onde quer que a vida me leve, estarei ao seu lado. Você é a minha vida, Cara. Meu ontem, meu hoje e meu amanhã. E vou te amar intensamente em cada um desses dias."

Penetro nela com uma estocada lenta e profunda, sem pressa, como se tivesse o resto da minha vida para fazer isso, para amá-la. Porque eu amo, e não quero perder um segundo sequer. Nem os momentos bons, nem os ruins, nem as risadas, nem as lágrimas. Quero amá-la com calma, fazendo tudo certo, para que, no fim desta vida, ela sinta isso todos os dias.

Cara desliza o polegar pela minha maçã do rosto, recolhendo uma gota de umidade na ponta macia. Minha testa se franze por um instante, mas logo outra gota cai, e outra, como chuva nas bochechas de Cara. Observo, maravilhada, enquanto uma delas pousa em seu nariz, traçando um caminho lento e preciso pela ponte nasal, percorrendo sua bochecha até encontrar uma das dela, como se cada parte de mim sempre encontrasse uma parte dela para se agarrar.

"Eu te amo, Emmett", ela diz, com tanta certeza que as palavras se infiltram na minha mente, gravando-se como entalhes em pedra, impossíveis de esquecer.

E o jeito que ela me beija em seguida?

Desesperado. Insaciável. Reverente.

Nunca vou esquecer isso também.

OceanofPDF.com

23 MINHA VISTA FAVORITA
Emmett

SEMPRE HOUVE ALGO DE ESPECIAL no Natal em Vancouver.

Luzes cintilantes que brilham como diamantes pela cidade e até as montanhas, picos nevados vibrantes contra um céu azul-gelo. O ar fresco acariciando o rosto e o aroma fresco dos pinheiros. O leve farfalhar da neve recém-caída enquanto um cervo caminha por uma floresta gelada, e o calor do chocolate quente nas mãos e da lareira aos pés enquanto você relaxa e se delicia com algo que, na maioria das vezes, parece um milagre.

Não há palavras para descrever a beleza estonteante de toda essa natureza durante a época mais mágica do ano.

Também não há palavras para descrever a beleza da minha esposa, que surge com um buquê de rosas brancas e azul-celeste à beira do corredor iluminado por lanternas que ela mesma preparou horas atrás.

Eu dou uma piscadela para Cara, mas meu coração para quando ela se aproxima, seus olhos azuis tão gélidos e vívidos, como se pertencessem exatamente a este paraíso invernal. Seu xale escorrega lentamente do ombro enquanto ela caminha sob o altar arqueado, com vigas rústicas envoltas em chiffon, e eu não consigo me conter, dando um passo à frente, as pontas dos dedos deslizando sobre sua pele fria enquanto ajeito o xale de volta no lugar. Um rubor rosado toma conta de suas bochechas, e eu sinto uma vontade estranha de empurrar o noivo para o lado e me casar com a minha noiva novamente.

Algo me diz que Garrett e Jennie não gostariam disso.

Honestamente, Cara também não gostaria. Ela está planejando este casamento desde que Garrett e Jennie ficaram noivos, exatamente um ano atrás, na véspera de Natal. Não só cada detalhe foi meticulosamente planejado, até mesmo a roupa íntima de cada pessoa no cortejo, como ela também está preparada para praticamente

qualquer cenário que possa dar errado. Essencialmente, ela está preparada para Carter, não para mim.

Então, relutantemente, retiro minha mão, mas não antes que ela me atinja com um olhar de reprovação.

"Você tem sorte", murmura ela enquanto caminha para o outro lado do altar improvisado.

"Você não faz ideia, Sra. Brodie."

Volto para a fila com Garrett, Adam e Jaxon enquanto o cortejo de belas mulheres continua: Rosie, Lennon e Olivia, seguidas por Emily, a dama de honra de Jennie. As três irmãs mais novas de Garrett vêm a seguir, e depois Ireland e Lily descem dançando pelo corredor. Uma delas joga pétalas de flores para o ar com graça, enquanto a outra as esmaga em seus punhos minúsculos, as atira no chão e para para tirar um Oreo meio esfarelado do bolso de seu vestido branco fofo (adivinhem quem é quem). Connor caminha pelo corredor com muito mais ar de quem sabe das coisas, corando e acenando para todos antes de correr até Garrett e entregar-lhe a caixinha com as alianças. Holly é a próxima, acompanhada pelo corredor com Hank à sua esquerda e Axel à sua direita. De seu buquê pende um pequeno medalhão com as iniciais de seu falecido marido, o mesmo que Cara colocou no buquê de Jennie mais cedo naquela manhã.

A música diminui e eu arrisco um olhar para Garrett, que tenta desesperadamente conter as lágrimas que insistem em se acumular em seus olhos. Sua gravata está desalinhada, de novo, e Jaxon parece notar ao mesmo tempo que eu, colocando-se à frente do noivo e ajeitando-a para ele.

Garrett solta um suspiro trêmulo, alisando a mão na seda. "Está tudo bem. Está tudo ótimo. Vai ser ótimo, né?" Ele ri, uma risada estridente e em pânico, e eu estendo a mão por trás de Jaxon, dando um leve tapinha na nuca de Garrett. "Ei." Olhando feio para mim, ele coça a nuca. "Por que isso?"

Viro a cabeça para o corredor enquanto a música deles começa. "Essa é a sua noiva, cara."

Seus olhos turquesa seguem os meus, e ele fica imóvel quando Jennie aparece no final do corredor, de braço dado com Carter. O canto da boca dele se curva num sorriso, e uma lágrima silenciosa escorre pela sua bochecha. "Essa é a minha noiva."

Lembra quando eu disse que a Cara estava preparada para tudo hoje? Bem, eu estava enganada. Ela estava preparada para o Carter, não me entendam mal. Preparada para todas as suas travessuras, inclusive aquelas que ele nem considera travessuras. Até mesmo preparada para as lágrimas dele.

O que ela não previu, porém, foi como as emoções cruas desse homem afetariam a todos enquanto ele conduzia a irmã ao altar em direção à sua alma gêmea.

Porque quando eles chegam ao altar, os dois se abraçando com tanta força, a mão de Jennie cerrada no paletó dele, a de Carter no véu, os lenços de papel começam a aparecer entre os convidados. Mas é quando a voz dele falha, as palavras um sussurro rouco enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto, que todos se emocionam.

“Obrigada por ser minha melhor amiga, Jennie. Eu te amo e estou muito honrada em te acompanhar nesta nova etapa.”

E Cara não estava preparada para conduzir uma cerimônia de casamento onde todos os oitenta convidados — e os noivos — estavam soluçando incontrolavelmente.

QUERIA PODER DIZER que termina aqui, mas não termina.

Algum tempo depois do pôr do sol, quando os convidados estão reunidos em volta dos food trucks e das fogueiras à beira do Lago Capilano, o Papai Noel chega à recepção, carregando um saco de presentes no ombro, uma mão na barriga cheia enquanto distribui um presente atrás do outro. Só que Carter está convenientemente ausente, e quando a barba branca do Papai Noel fica presa em um galho e se solta por um instante, uma confusa Ireland pergunta: "Papai?".

E quando o saco finalmente está vazio e todos nós soltamos um suspiro de alívio, ele anuncia que tem mais um presente, um especial para os noivos.

"Ah, pelo amor de Deus!", resmunga Cara quando o Papai Noel reaparece com algo grande, preto, fofo e... vivo.

Olivia enterra o rosto nas mãos enquanto o presente começa a latir. "Eu não sou responsável por ele."

Emily pega um punhado de marshmallows da estação de chocolate quente e os coloca em sua xícara. “Não me lembro do Papai Noel e sua rena bebê estarem na lista de convidados para hoje à noite.”

Rosie dá uma risadinha, mas logo fecha a boca quando Cara a encara. “Eu não tive nada a ver com isso. Esse filhote definitivamente, cem por cento, não veio do abrigo onde eu trabalho.”

“Um agradecimento especial à Rosie por me apresentar ao Bones!”, grita o Papai Noel Carter, acenando para ela do outro lado da rua enquanto Jennie dá um gritinho de alegria, pegando o filhote enorme no colo, enquanto Cara — e agora Garrett — encaram Rosie.

Lennon dá uma risadinha, tirando uma foto de Jennie com o cachorro, que parece se chamar Bones, o que é estranho, porque tenho 99% de certeza de que Garrett mencionou um certo brinquedo dele e da Jennie, chamado Indiana Bones. Lennon parece ler meus pensamentos, porque pergunta: “O Carter sabe sobre o Indiana Bones?”

“Ainda não”, responde Jaxon com uma risadinha baixa. “Len, querido, certifique-se de ter uma visão clara quando eu contar para ele que, sem querer, deu o nome do vibrador favorito da irmã para o novo cachorro.” Ele dá um passo na direção dele.

“Dê mais um passo, Jaxon”, Cara ameaça em voz baixa, “e você vai voltar da sua próxima viagem e encontrar sua preciosa Mittens com um novo corte de cabelo.”

Jaxon engasga. Para abruptamente. “Você não ousaria.”

Cara ergue uma sobrancelha. “Ah, é? Eu não ousaria?”

Ele pisca. Uma vez, depois duas. Uma terceira vez, e então se esquiva para trás de mim, como se eu fosse atrapalhar minha esposa.

Cara se vira para Carter com um suspiro, observando-o e Jennie enquanto eles brincam com o cachorro na neve. “E se todos nós o subestimamos esse tempo todo? E se ele sabe exatamente o que está fazendo?”

Olivia cruza os braços sobre o peito, estreitando os olhos para o marido. "Você está dizendo que ele comeu o Blizzard de Oreo que eu tinha guardado no congelador para mais tarde de propósito?"

Cara solta uma risada rouca. "O quê?"

“Meu Blizzard de Oreo. Fomos lá ontem e eu peguei dois. Disse que queria um na hora e outro para hoje à noite, quando voltássemos do casamento. Ele disse que era uma boa ideia, e eu disse que ele também deveria pegar dois, já que não ia comer nenhum dos meus. Ele insistiu que não precisava, mas adivinha onde estava meu Blizzard quando fui ver hoje de manhã?” Olivia joga os braços para o ar, indignada.

“Sumiram!” Seu rosto se contorce, como se só de pensar nisso já a deixasse com raiva de novo. “'Eu só queria dar uma mordidinha', ele gritou quando perguntei por que tinha calda de chocolate quente na barba dele!”

“Ei.” Estendo a mão e aperto seu ombro. “Eu e a Care vamos te levar no drive-thru do Dairy Queen a caminho de casa.”

“O Dairy Queen está fechado, Emmett! Você acha que eu ainda não sei o horário de funcionamento deles?”

“Hum, McDonald’s? Um McFlurry é basicamente a mesma coisa—”

“Não faça isso”, Olivia sussurra com a voz trêmula e rouca, e será que aquelas malditas lágrimas estão se formando em seus olhos de raiva e traição? “Nem pense nisso.”

Me aproximo de Cara em busca de proteção. “Eu... eu não... eu não...” Meus olhos se arregalam quando o lábio inferior de Olivia treme, e quando ela pisca, deixando as lágrimas escorrerem por suas bochechas, minha boca se abre em um “O” perfeito, sem palavras.

Rosie se aproxima o mais rápido que pode, com um andarzinho doce que lembra um pinguim, sua barriga se chocando com a de Olivia quando a abraça. “Isso foi cruel demais, Emmett”, ela diz com uma voz que consegue ser ao mesmo tempo suave e repreensiva.

Adam balança a cabeça, levando a mão ao bolso. “Não mexa com o sorvete de uma grávida.” Ele tira um punhado de mini barras de chocolate e saquinhos de balas de goma suecas, sorrindo discretamente para Rosie e Olivia, enquanto estende lentamente sua oferta. "Olá, lindas. Gostariam de um docinho?"

"Sua intenção era boa", murmura Cara, seus lábios macios tocando a concha da minha orelha, o beijo de seus dedos deslizando pela minha nuca enquanto ela pressiona o peito contra o meu.

"Elas são tão assustadoras", sussurro de volta, enquanto Rosie e Olivia devoram os doces como se fossem catadoras. Jaxon quase perde um dedo ao tentar pegar um pacote de balas de goma suecas.

"Eu sei, querido. E você sempre foi impotente diante de mulheres fortes e assustadoras, não é?" Sua mão desliza entre nós, e eu baixo o olhar para o dela enquanto dedos longos e finos caminham lentamente em direção a território perigoso. Todos os pensamentos somem da minha cabeça e minha boca seca quando

ela encontra minha virilha, provocando o volume desesperado que cresce entre nós. “Emmett? Eu te fiz uma pergunta.”

“Hã?” Eu a seguro pela cintura, apertando enquanto ela puxa delicadamente meu zíper. “Você perguntou a, uh... Qual era a...”

“Eu disse que você sempre foi impotente contra mulheres fortes”, murmura Cara, o hálito quente fazendo cócegas no meu queixo. Ela abaixa meu zíper, devagar como melaço, e eu não dou a mínima para o fato de estarmos no meio de uma festa de casamento. Quando ela desliza a mão para dentro da minha calça e aperta meu pau por cima da cueca, eu gemo, e ela sorri. “Não é, querido?”

Qual era a maldita pergunta? Não consigo me lembrar. Meus olhos se voltam para os dela, e minha boca se abre em um “o” enquanto ela me acaricia lentamente, pressionados um contra o outro, quase sem se esconderem, aquele meio sorriso no rosto dela tão confiante quanto na noite em que nos conhecemos.

Faz uma semana que não conversamos, apenas uma semana desde que decidimos pausar os tratamentos de fertilidade e nos concentrar em reconstruir os pedaços de nós que se desmoronaram ao longo do caminho, e tem sido um silêncio lento e constante, como uma manhã de domingo interminável sem nada para fazer e nenhum lugar para ir. Cara tem se aconchegado em mim em cada minuto livre que temos, recuperando aos poucos sua confiança, sempre que se sente pronta. Tenho um orgulho imenso dela, e é excitante demais ver isso. Acho que é por isso que solto um "Eu te amo", sem me importar com o que acontece quando ela me puxa, tão delicadamente.

E então a mão dela desaparece.

Cara dá um passo para trás, com um brilho travesso nos olhos, e murmura: "Com licença", pegando sua taça de vinho. "Quero mais uma taça." Ela pisca. "Preciso relaxar."

"Eu vou relaxá-la, sim", rosno sem querer, girando para ver sua bunda desfilar por esse paraíso invernal em direção ao caminhão-bar. O mais discretamente que consigo, coloco minha cueca de volta no lugar, soltando um chiado enquanto luto para fechar o zíper, não para onde ele quer estar.

"Emmett."

Minhas mãos congelam e meu olhar se eleva em câmera lenta, minha mente lutando para formular uma desculpa plausível para o fato de minhas calças estarem

desabotoadas, uma que não me impeça de participar de todos os eventos futuros.

Mas os olhos castanhos e marejados de Olivia estão cheios apenas de vergonha e culpa enquanto ela funga. “Me desculpe por como eu agi com o McFlurry. É que casamentos me deixam emotiva, e este não é um casamento qualquer. É a Jennie e o Garrett, e eles merecem o mundo. E também, são os hormônios. Estou cansada o tempo todo e mal consigo me mexer. Você viu meus tornozelos? Não? Nem eu; não os vejo há semanas. Quer dizer, pelo amor de Deus, estou usando as botas mais horríveis que já vi no casamento da minha cunhada, Emmett!” Ela levanta o vestido, gesticulando agressivamente para as botas que Carter usa quando está limpando a neve da entrada da garagem, antes de se endireitar e me oferecer uma única barra de chocolate. "Enfim, guardei essa para você como um pedido de desculpas."

Minha mão ainda nem chegou à metade do caminho entre nós quando Olivia puxa o chocolate para o peito, fazendo beicinho. "A menos que você não queira?"

Reviro os olhos, fechando o zíper até o fim. "Você se transforma no seu marido quando está grávida."

Ela engasga, cerrando os punhos. "Como você ousa!" Sinto uma vontade repentina e irresistível de correr, mas então seus olhos se abaixam e ela ergue uma sobrancelha. "Emmett, por que sua calça estava aberta?"

Minhas mãos param. Lentamente, as deixo cair da calça. "Hã?"

"Sua calça. Você acabou de fechá-la."

"Não, eu não fechei."

"Fechado sim."

"Olivia." Inclino a cabeça, encarando-a. "Você acabou de chorar porque eu sugeri um McFlurry no lugar do Blizzard, e o Adam teve que te acalmar com doces que ele tinha escondido no bolso. Você acha que talvez não esteja enxergando as coisas com clareza agora? Quer dizer, por que diabos eu estaria com a calça aberta em um casamento?"

Ela abre a boca para discutir comigo, mas logo franze a testa. "Você tem razão. Me desculpe."

Dou um tapinha na cabeça dela, seguido de um beijo rápido na testa, antes de correr para o bar para escapar da culpa por ter manipulado a Olivia. Afinal, ela é inocente em tudo isso.

Ao me aproximar do bar, paro um instante para apreciar a visão à minha frente. Pernas que pareciam o céu e saltos vermelhos que poderiam matar. Uma fina e brilhante malha preta drapeada sobre um bumbum impecável em formato de coração, e uma fenda tão alta que todos ali conseguem vislumbrar aquelas coxas exuberantes quando ela balança o quadril. Longas e grossas ondas da cor de champanhe brilham como seda enquanto ela as joga por cima do ombro, deixando-as cair pelas costas como uma cachoeira. Com uma taça de vinho tinto na mão, de costas para mim enquanto mexe no celular, não consigo evitar pensar naquela noite, quase quatro anos atrás, quando entrei sorrateiramente na cozinha e a encontrei sozinha no balcão depois que todos já tinham ido embora.

E penso exatamente a mesma coisa que pensei naquele momento: Essa é a minha esposa.

Seu polegar para na tela do celular enquanto me aproximo, como se ela pudesse me sentir atrás dela, sentir como se cada gota de oxigênio fosse espremida do ar à medida que o espaço entre nós desaparece.

Paro atrás dela, quando não há mais do que alguns centímetros nos separando, e tudo o que consigo sentir é o cheiro de gengibre e cardamomo, toques de manteiga de cacau e limão, seu perfume e xampu se misturando de uma forma que altera a mente e me deixa embriagado. Não consigo me conter e deslizo a ponta de um dedo por seu ombro nu, deixando-o deslizar pela sua espinha, capturando a ponta de uma onda e a enrolando em meu dedo. Observo o pulso dela palpitar no pescoço, escuto sua respiração, a forma como ela falha quando meus lábios roçam a concha de sua orelha.

"Dance comigo, Sra. Brodie." Pego o celular da mão dela, guardo-o no bolso e entrelaço meus dedos nos dela.

Cara reprime um sorriso divertido enquanto me deixa levá-la para a pista de dança improvisada, cercada por lanternas e pinheiros cintilantes. "Você sempre pega o que acha que é seu sem pedir permissão?"

Enterro meu sorriso em seu pescoço enquanto a puxo para perto de mim. "Sempre."

"Hum. Uma criminosa comum, Sr. Brodie."

“Melhor pedir perdão do que permissão.”

“Não acredito que você tenha se desculpado por ter levado meu coração todos aqueles anos atrás, e certamente não minhas calcinhas.”

“Por que eu faria isso? Eu não achava que essas coisas me pertenciam; eu sabia que pertenciam.”

“Arrogante”, ela murmura, enrolando minha gravata na mão. Ela puxa, levando minha orelha aos lábios. “Ainda bem que você tem um pau grande para sustentar tudo isso. Talvez seja o único motivo pelo qual fiquei. Eu estava enfeitiçada por pau.”

“Ei, uma vitória é uma vitória.” Juntando o cabelo dela na minha mão, eu o coloco sobre o ombro dela, me dando livre acesso para deslizar um dedo pela sua espinha, saboreando cada arrepio que surge ao longo do caminho até que minha palma se acomode logo acima de sua bunda redonda. “Este vestido é requintado.”

“Eu sei.”

“Mal posso esperar para arruiná-lo.”

Ela ri, um som lindo e ameaçador. “Vou te fazer uma proposta, Sr. Brodie. Se o seu melhor amigo ali conseguir passar pela recepção sem que ele ou o cachorro dele arruinem o casamento do Garrett e da Jennie, eu deixo você me usar como quiser quando chegarmos em casa.”

Não preciso de um espelho para saber que meus olhos brilham como os pinheiros extravagantemente decorados ao nosso redor. “Como eu quiser?”

“Como você quiser.” O olhar dela percorre a festa, e eu quase engulo a língua quando a mão dela desliza entre nós, apertando meu pau duro. “Serei sua boa menina, sua pirralha ou sua putinha perfeita. De joelhos, bunda empinada, ou de pernas abertas e amarrada. E você?” Uma carícia lenta e torturante, e quando diabos essas calças ficaram tão apertadas? “Você, garotão, pode vir onde quiser, quantas vezes quiser.” Com um tapinha suave no meu pobre pau desesperado, Cara me solta, depositando um beijo delicado no meu lábio inferior antes de se afastar. “Contanto que você esteja disposta a apostar na sua melhor amiga.”

“Estou disposta a... ah, sim. Obviamente. Obviamente estou disposta a apostar no Carter. Ele não vai me decepcionar.” Solto uma risada abafada, ansiosa enquanto passo a mão pelo peito, parando pouco antes de me ajeitar ali mesmo na pista de dança. O lábio inferior de Cara se move entre os dentes enquanto ela se esforça ao máximo para conter o sorriso de satisfação. “Não seja tão arrogante”, repreendo, balançando o dedo para ela — por qual motivo, não faço ideia. Talvez isso me faça sentir melhor por ter fé em Carter Beckett para qualquer coisa além de liderar nossa equipe destemidamente e ser clinicamente obcecado por sua esposa e filha. “Você

nunca acreditou nele. Custaria muito dar a ele o benefício da dúvida só desta vez? Ele não provou ser leal, sensato, maduro...?"

"Um quê?" O grito estridente de Carter corta o ar, e fecho os olhos. "Não, não é isso... é isso... Podemos mudar o nome dele! Ainda dá tempo! Podemos... podemos... Meu Deus, dei o nome dele em homenagem a um vibrador!"

Sinceramente, não há muito o que dizer.

E qualquer resquício de esperança que eu ainda tivesse? Desaparece.

Por isso, tudo o que posso fazer é baixar a cabeça e suspirar.

"PELA QUINTA VEZ, EMMETT, não vamos ter um cachorro."

"Mas por quê?" Fechei a porta atrás de mim, encostando-me nela. "Você amava o Bones! O Bones te amava!"

Cara tira o casaco, colocando-o cuidadosamente de lado. Ela arqueia a sobrancelha enquanto tira os sapatos de salto. "Eu mal acho que amava o Bones." Ela ri, uma risada estridente e cheia de mentiras. Ela amava aquele maldito cachorro, e todo mundo sabe disso. Aliás, Lennon registrou em fotos a prova, clicando sem parar enquanto Cara segurava o cachorro nos braços como um recém-nascido.

"Cara, você tirou o laço de cabelo da Jennie e colocou no Bones!", grito, abrindo os braços.

Cara bate o pé, com os punhos cerrados ao lado do corpo. "Ele ficou uma gracinha com aquele laço verde-floresta na orelha caída, e você sabe disso! Todo mundo sabe!"

"Claro que ele ficou uma gracinha!", grito para ela enquanto sobe as escadas. "Ele só tem oito semanas e já pesa 14 quilos! Ele é enorme e fofinho, e você coloca um laço nele! É claro que ele vai ficar fofo!"

Ela me lança um olhar por cima do ombro, atrevido e desconfiado, enquanto a sigo até o quarto. "Sabe, é horrível o que você está tentando fazer comigo." Ela se vira, mostrando-me as costas, o zíper que começa logo acima do bumbum.

"E o que eu estou tentando fazer com você?" sussurro, abaixando o zíper. "Porque eu sei o que eu gostaria de estar fazendo com você."

Ela dá um tapa na minha mão quando tento tirar o vestido dela, virando-se para me encarar enquanto se encosta no closet. "Você está tentando me fazer me exercitar. Quem vai passear com o cachorro quando você não estiver aqui? Hein? Você sabe

que eu não passeio por vontade própria, a menos que seja um tour de vinhos, compras ou um bate-papo depois do jantar com as amigas, Emmett!"

Solto uma risada rouca, tiro minhas roupas e as jogo no cesto de roupa suja enquanto me aproximo dela. "Você gosta de um tipo diferente de exercício, vagalume. Aliás, acho que você passa muito mais tempo se exercitando do que imagina."

Cara lambe o canto da boca, disfarçando o sorriso. Ela tira o vestido, mas o segura na frente do corpo, escondendo-o. "Vamos deixar o papo de cachorro para depois. Gostaria de vestir algo um pouco mais... festivo."

Sim. Com certeza. Resisto à vontade de socar a lateral do corpo em comemoração, em vez disso, agarro seu rosto, dou-lhe um beijo estalado e molhado na boca e corro para a cama, dando risadinhas, o que, sem dúvida, é muito mais maduro da minha parte.

Me acomodo na cama, me esparramo no colchão, braços atrás da cabeça enquanto mantenho os olhos fixos na porta do armário, esperando que ela se abra. Meu pau está tão ansioso quanto eu, pronto para dar as boas-vindas ao Natal com tudo. "Paciência, grandão", sussurro, dando-lhe um puxão lento que me faz gemer.

E temos paciência. Mas então cinco minutos viram dez, e dez viram quinze, e todo homem tem seu limite.

Deslizo da cama, indo em direção ao armário. "Care, meu bem, me provocar por vinte minutos fazia parte do seu plano? Porque, embora eu te aprecie por isso, vou ter que te punir—" Paro abruptamente ao ver a cena diante de mim.

Cara, nua, encarando seu reflexo no espelho de corpo inteiro, sua lingerie festiva amassada no chão, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Seus olhos encontram os meus no espelho, e ela solta um suspiro, pegando o roupão e se cobrindo. "Emmett." Ela enxuga as lágrimas freneticamente, tentando secar o rosto. "Desculpe, perdi a noção do tempo. Hum, oi, estou meio cansada. Você se importa se a gente só—"

Segurei sua mão, impedindo-a de passar por mim. "Claro que podemos ir para a cama. Logo depois de conversarmos sobre o que está acontecendo nessa sua cabecinha linda."

O medo enche seus olhos, e ela balança a cabeça. "Mas eu... eu não..." Ela para de falar, como se não conseguisse encontrar as palavras nem se tentasse. Em vez disso, cruza os braços sobre a barriga, cobrindo-a, e abaixa a cabeça.

Minha palma desliza pela sua mandíbula, inclinando seu rosto até que seu olhar atormentado encontre o meu. "Vamos te preparar para dormir."

Seu lábio inferior treme, mas ela acena com a cabeça, deixando os braços caírem ao lado do corpo enquanto eu desamarro o nó do seu roupão. Minhas mãos deslizam por seus ombros, descem pelos seus braços, guiando o roupão para fora do seu corpo e até o chão. Observar as mãos de Cara voarem para a frente, desesperadas para se cobrir, é como um punho se fechando em torno do meu coração. Pego uma das minhas camisetas pretas, as favoritas de Cara para usar para dormir quando estou viajando, e a visto por cima da sua cabeça, um leve sorriso surgindo nos meus lábios enquanto a observo envolvê-la.

Enlaçando nossos dedos, eu a levo até o banheiro, onde prendo seu cabelo com uma presilha e limpo seu rosto antes de aplicar todos os seus séruns noturnos, enxugando as lágrimas ocasionais que escorrem por sua bochecha durante o processo. Enquanto escovamos os dentes lado a lado na pia, ela com a minha camiseta, eu de cueca boxer, a letra dela no meu quadril, eu sorrio e ela cora.

"Por que você está sorrindo?"

Abro a gaveta onde guardamos nossos marcadores, pego o rosa e desenho um grande coração no espelho, bem em volta do reflexo da Cara. Minha vista favorita, rabisco antes de jogar o marcador de volta na gaveta e enxaguar a boca. Dou um tapinha no nariz dela, bem onde está franzindo, e um beijo em uma das bochechas rosadas antes de levá-la para a cama, afofando os travesseiros com um golpe de caratê.

Quando me deito ao lado dela, ela está deitada de costas, torcendo as mãos no peito. Faço um sinal com o dedo para ela, murmurando: "Vem cá, vaga-lume", e ela leva apenas um instante para me observar antes de se encaixar perfeitamente ao meu lado, como se tivéssemos sido esculpidos ao mesmo tempo, na mesma maldita rocha.

“Temos a noite toda, linda”, digo a ela, passando dois dedos pelo seu braço. “Estou pronto para ouvir, quando você estiver pronta para falar.”

Eu sempre sei o quanto Cara está desesperada para desabafar, baseado no tempo que levo para conseguir que ela fale. Às vezes, é um projeto que dura o dia todo, e às vezes as palavras simplesmente saem de uma vez. Hoje à noite, elas vêm com sua primeira respiração profunda.

“Eu... eu tenho vergonha do meu corpo”, ela admite num sussurro entrecortado. “Sinto tanto ódio dentro de mim, tanto ressentimento por não conseguir fazer essa

única coisa, a coisa que o mundo inteiro diz que o corpo de uma mulher deveria ser capaz de fazer. Eu olho para ele e me pergunto o que você pensa quando olha para mim. Se existe uma parte de você, mesmo que a menor parte..." Ela faz uma pausa, pressionando a palma da mão entre os olhos enquanto os fecha com força, tentando desesperadamente respirar. "Se existe uma parte de você que também sente ressentimento. Que o ama menos. Que me ama menos. Mas a pior parte..." Cara perde a batalha, enterrando o rosto nas mãos, e eu a abraço com força enquanto ela chora. "A pior parte é a vergonha que sinto por odiar tanto meu corpo. Aqui estou eu, com este corpo incrível que fez coisas maravilhosas por mim, dia após dia, ano após ano, e quero amá-lo por tudo isso, mas tudo em que consigo me concentrar é na única coisa que ele não consegue fazer. Eu não... eu não sei como me perdoar, Emmett. E se... e se eu nunca conseguir? Quem sou eu se não consigo me amar?"

Uma dor lancinante explode no meu peito, rasgando minha garganta enquanto o rosto de Cara quase desaparece ao meu lado, suas unhas cravando na minha pele enquanto ela se agarra a mim e deixa tudo sair, cada gota de medo que ela vinha reprimindo. E eu? Enterro meus dedos em seus cabelos, olho para o teto e choro pela luta que essa mulher está enfrentando, pela dor, muito mais do que ciclos menstruais falidos e testes de gravidez negativos, mas por uma guerra, uma guerra de verdade que ela está travando consigo mesma, sem a menor ideia de como sair dela.

A questão é a seguinte: eu não sei o que dizer. Não tenho certeza se existe algo que eu possa dizer que resolva isso, algo que não soe como uma esperança falsa e inflada, um otimismo forçado que eu esteja impondo a ela, apenas confirmando o que ela teme: que está sozinha nisso, que é incompreendida.

Tudo o que eu quero é que ela saiba que eu a vejo. Que eu a ouço. Que ela está segura comigo.

Então ficamos aqui deitadas, abraçadas, e choramos. Choramos pelas montanhas de testes de gravidez negativos, por cada ciclo de luto que recomeça a cada mês, pela vergonha que ninguém deveria sentir, pela destruição da autoestima de uma mulher, pela luta que ela tanto quer terminar. E quando suas lágrimas começam a diminuir, seu corpo afundando no meu enquanto ela sucumbe ao cansaço, eu nos viro de lado e seguro seu rosto entre minhas mãos.

"Você é humana, Cara. Você ganha, você perde. Você ri e ama, luta e sofre. Você é humana. Magnificamente criada, cada centímetro do seu caminho forjado por você.

Cada montanha que você conquistou foi porque se recusou a ficar onde estava. Cada luta que você venceu foi porque se recusou a se acomodar. Porque você se levanta de novo, não importa quanto tempo leve. Não por causa do seu corpo. Por causa do seu coração."

"Eu sei que isso parece interminável. Eu sei que parece que você não consegue respirar, como se seus pulmões não se enchessem há uma eternidade. Eu sei que você precisa disso agora, mas a cura não funciona assim. Às vezes, a cura é tão dolorosa quanto a dor. Mas eu prometo a você, Cara, só podemos ir para cima. E vamos juntos. Você coloca sua mão na minha e nós seguimos em frente. Podemos ir com calma, um passo de cada vez. Mas respiramos e continuamos."

Cara segura minhas mãos em seu rosto, os olhos vermelhos buscando os meus. "Tem dias que eu não me mexo de jeito nenhum, Emmett. Tem dias que não tenho certeza se vou conseguir me mexer de novo."

"Você está aqui, Cara. Enquanto você estiver aqui, você está seguindo em frente. Tem dias que você sente que pode conquistar o mundo. Tem dias que conquistar o mundo é ainda respirar no fim do dia. Enquanto você estiver aqui, você está seguindo em frente."

Cara me abraça pelo pescoço, e há algo na forma como ela se entrega a mim, como se finalmente tivesse deixado de lado tudo o que carregava sozinha, se permitido respirar, descansar. Deixar que outra pessoa carregue tudo com ela.

Passando um dedo sob seu queixo, trago seu rosto banhado em lágrimas de volta para o meu. "Você vai conseguir. Você vai se curar e vai se apaixonar perdidamente por si mesma de novo. Estarei ao seu lado a cada passo do caminho, e sabe o que eu vou dizer?"

Ela funga, esfregando os olhos antes de apoiar a cabeça na parte interna do meu bíceps. "O que você vai dizer?"

O jeito como ela me olha com tanto amor me faz querer beijá-la, um beijo, um toque suave dos meus lábios nos dela antes que eu diga: "Essa é a minha esposa, porra."

OceanofPDF.com

24 FETICHES POR AVÔS Emmett

“VOCÊ ACHA QUE EU TENHO um fetiche por avôs?”

Meu olhar semicerrado se volta para minha esposa enquanto lhe entrego algumas sacolas da carroceria da caminhonete antes de carregar meus próprios braços com as bandejas ainda quentes que preparamos esta manhã.

Cara começa a caminhar pela calçada à nossa frente, olhando por cima do ombro para piscar os cílios e me lançar um sorriso nada inocente. Ela adora se divertir com a minha dor. “Quer dizer, sim, claro, eu sempre tive um paladar refinado para homens mais velhos. Eles tendem a ser mais maduros, não perdem tempo com joguinhos, se comunicam de forma mais eficaz...” Ela levanta as sobrancelhas. “Rico.”

Suspiro alto e ela dá de ombros.

“Todos os sinais apontam para um fetiche por avôs.”

“Eu faço trinta e um anos hoje, Cara”, lembro a ela, e não sei por quê. Ela sabe a minha idade. Me acordou com a versão dela de "choques de aniversário", ou seja, apertou a base do meu pau com a mão, abocanhou a glande inchada e pareceu engoli-lo inteiro antes de voltar a abocanhá-lo, em câmera lenta, trinta e uma vezes.

"Já passei da metade do caminho para os sessenta. Podia muito bem ser cem."

"Você tem sorte de ser gostoso." Deve ser só por isso que deixo ela fazer o que quiser, né?

“Fala por você.” Subimos os degraus da entrada do Lar Segunda Chance, e Cara se vira para mim antes que eu consiga alcançar a porta, as bandejas em meus braços tremendo, assim como sua compostura, enquanto sua palma roça meu pau por cima da calça jeans. “Você é o motivo pelo qual eu tenho uma tara por vovôs.”

A porta se abre de repente, e Emily está lá, sorrindo para nós. “Olha só quem está aqui. Bem na hora também.” Ela inclina a cabeça. “Espero não ter interrompido nada.”

“Nada.” Cara dá um tapinha no meu pau antes de entrar. “Eu estava justamente dizendo para o Emmett, agora que ele já passou da metade do caminho para os

sessenta, que acho que tenho uma tara por vovôs."

"Meu Deus, Emmett. Feliz aniversário!" Ela aperta meu ombro. "Eu não sabia que você era tão velho. Cara, você já começou a pensar em substitutos? Sabe, para quando o seu modelo quebrar?"

"Eu tenho trinta e um!" Coloquei as bandejas sobre a mesa grande da sala de jantar, erguendo os braços acima da cabeça. "Sou jovem! Sou descolada! Ainda tenho muita vida pela frente!"

Cara ergueu uma sobrancelha. "Você acabou de se chamar de descolada?"

"Talvez ele estivesse dizendo que o quadril dele dói." Emily praticamente gritou as palavras para mim, pronunciando cada uma como se eu não pudesse ouvir. "Seu quadril dói, vovô?"

Cara deu uma gargalhada, e eu revirei os olhos enquanto as duas batiam as mãos.

"Estou só brincando com você." Emily cutucou meu braço e depois deu uma leve encostada no quadril de Cara. "Como vocês estão? Muito obrigada por trazerem o almoço hoje. Acho que todos já terminaram, sabe? O Natal é emocionante, mas para muitas dessas crianças, é exaustivo. Dizer adeus aos pais quando a visita acaba, ou nem sequer ter a chance de cumprimentá-los se eles não aparecerem. Para muitas delas, o Natal é uma lembrança do que não têm, e não estou falando de presentes." Ela sorri tristemente, tirando pratos e talheres dos armários enquanto Cara e eu servimos a comida. "Elas estão prontas para que o feriado acabe."

Eu também, honestamente, e sei que Cara também. Acho que, principalmente, só queríamos nos despedir do ano passado. Sentir que hoje era um novo começo, um recomeço de que precisamos desesperadamente. Não é como se estivéssemos deixando a dor do ano passado — ou dos dois anos anteriores — para trás. Em vez disso, estamos tentando descobrir como ser um pouco mais gentis conosco mesmas agora, quando mais precisamos. Para nos darmos um pouco de espaço enquanto nos curamos e descobrimos como essa cura se manifestará para cada um de nós. Então, passar o primeiro dia do Ano Novo, e meu aniversário, com as crianças no orfanato pareceu a escolha certa.

"Ah, Emmett, isso me lembra." Emily inclina a cabeça em direção à sala de estar, onde parece que a maioria das crianças está. "Tem um menininho lá que vai ficar tão feliz em te ver de novo."

Minhas sobrancelhas se erguem. “Eu?” Sem exceção, Adam e Carter são os que mais causam alvoroço por aqui. E normalmente, quando somos só eu e Cara... bem, tenho certeza de que você consegue imaginar quem é o favorito deles. Sorrio para minha esposa. “Você ouviu isso? Alguém está animado para me ver.”

“Abel”, Emily me diz. “Ele tem estado bem quieto desde que se juntou a nós no início de dezembro, mas desde que aprendeu seu nome...” Ela sorri, balançando a cabeça. “Você devia ver como o rosto dele se ilumina quando aparece um close seu na TV. E não tira seu chapéu também.”

“Meu chapéu?” Minha mente viaja de volta para um garotinho com uma cabeleira ruiva ondulada, orelhas com as pontas vermelhas, olhos verde-claros e uma única lágrima que escorreu por cada bochecha rosada quando coloquei meu gorro na cabeça dele algumas semanas atrás.

Vejo a curiosidade nos olhos de Cara e me lembro de que não contei a ela sobre o garotinho que parecia estar tendo o pior dia da vida dele. Acho que nós dois estávamos. Compartilhar meu chapéu com ele foi a única coisa boa que aconteceu naquele dia.

Atravesso a sala de jantar, a cozinha, parando na entrada da ampla sala de estar. Meu olhar percorre o espaço, mais silencioso do que nunca, crianças aconchegadas nos sofás com livros, montando quebra-cabeças na mesa, construindo coisas no chão. Ele para nele, pequeno e usando um gorro do Vancouver Vipers grande demais para sua cabeça, um mini taco de hóquei na mão, parado em frente à TV, embora ela esteja desligada. Ele olha ao redor como se precisasse de ajuda, encontra uma assistente social e puxa sua manga. Ele mostra a ela seu taco e aponta para a TV, os olhos brilhando com uma espécie de esperança eterna que conheço muito bem.

Ela acaricia sua bochecha. "Nada de hóquei hoje à noite, Abel."

O garotinho abaixa a cabeça e, enquanto se encolhe sozinho em uma grande poltrona, olhando para o meu chapéu amassado em suas mãozinhas, é aquele olhar familiar e despedaçado em seus olhos, toda aquela esperança destruída... é isso que me destrói.

Esfrego a palma da mão sobre o peito, tentando aliviar a dor que o aperta, antes de finalmente conseguir mover as pernas e ficar ao lado dele, procurando as palavras certas. Ser o herói de uma criança não é novidade para mim, mesmo que eu nunca me acostume completamente. Mas isso... isso é diferente de alguma forma. Ele mantém os

olhos baixos, puxando o chapéu para o estômago e se encolhendo ainda mais enquanto minha sombra imponente o engole por completo, como se ele estivesse tentando desaparecer, e eu me lembro da sensação de tentar me fazer menor diante das pessoas que me dominavam.

Ajoelhando-me ao lado da sua cadeira, tiro o gorro, passo os dedos pelo cabelo e digo-lhe baixinho: "Gostei do seu chapéu. Eu tinha um igualzinho."

Ele hesita. Abre os punhos, deixando o boné cair no colo. Sua cabeça inclina-se, apenas um pouco, e lentamente, seus olhos encontram os meus. Um tom de verde mais suave do que me lembro, um que me faz lembrar, hoje, de novos começos, de esperança. Seus olhos se arregalam enquanto ele me observa, o olhar percorre meu rosto até o boné em seu colo. O pequeno taco de hóquei repousa ao lado dele no parapeito da janela, e a TV. Ele segura o taco com uma mão trêmula, o boné com a outra, e não há um grama de mim que esteja preparado para a forma como aquelas lágrimas inesperadamente escorrem por suas bochechas, ou como ele salta da cadeira direto para os meus braços, envolvendo-me com todo o seu corpo e se agarrando a mim como se eu lhe tivesse dado o mundo inteiro e não um boné velho.

Não estou preparada para isso, mas me entrego, absorvendo a forma como ouço seu pequeno coração batendo forte no peito, como seus dedos se enrolam em meu suéter, como suas lágrimas aquecem meu pescoço.

E então ele sussurra uma única palavra, enterrando-a contra meu ombro, um som tão cru que sinto como se meu coração se abrisse de par em par.

"Emmett."

Cara

Voltamos para o Lar Segunda Chance dois dias depois, e mais dois dias depois disso também.

Naquele primeiro dia, eu estava tão atônita que só consegui ficar parada, observando Emmett e Abel do outro lado da sala, o jeito como se abraçavam, se agarravam um ao outro como se se conhecessem a vida toda e simplesmente tivessem esperado todo esse tempo para se reencontrar. Emmett mal comentou algo sobre isso no caminho para casa, apenas chamou Abel de um garoto doce que o lembrava um pouco de si mesmo. Mas mais tarde naquela noite, quando ele me abraçou no escuro,

sussurrou uma simples verdade contra meu pescoço que fez uma lágrima solitária escorrer do meu olho, caindo na minha fronha.

Meu coração está feliz hoje.

Então, quando sugeri passar lá dois dias depois com um ursinho de pelúcia dos Vipers para o Abel antes do jogo do Emmett em casa, não me surpreendi que ele tenha topado na hora. E dois dias depois disso, quando estávamos pegando muffins de cidra de maçã na nossa padaria favorita e o Emmett perguntou se o Abel também gostava de muffins de cidra de maçã, eu ainda não estava surpresa.

Estou um pouco surpresa, no entanto, por estar sozinha na porta da Second Chance Home, três dias depois do início de uma viagem de cinco dias com o Emmett.

"Você vai entrar ou vai ficar aí olhando para a porta?"

Dou uma olhada por cima do ombro enquanto a Emily caminha pela passarela, piscando para mim. "Ah, eu só estava... eu estava..." Olho para os meus pés, mordendo o lábio inferior. "Não sei se o Abel vai querer me ver sem o Emmett."

Emily inclina a cabeça. "Por que não gostaria? Ele fala de você o tempo todo."

Meu coração dispara. "Sério?" Porque na maioria das vezes, tenho a impressão de que ele não tem certeza sobre mim. Que ele confia no Emmett, mas ainda está decidindo em relação a mim. "Ele não conversa muito comigo. Quando me junto a eles, ele fica quieto, se posiciona estrategicamente de forma a ficar meio escondido atrás do Emmett. Há algo que eu possa fazer para que ele se sinta mais à vontade perto de mim?"

Ela abre a porta, fazendo um gesto para que eu passe à frente. “Acho ótimo o que você está fazendo. Ficando para trás e deixando-o passar um tempo com o Emmett, mas aparecendo de vez em quando, conversando com ele na frente do Emmett para que ele saiba que você é uma pessoa confiável. E vindo hoje, sozinha. Isso mostra que você está pensando nele. Que você também é uma amiga.

“O problema com as crianças é que elas não têm outra escolha a não ser confiar nos adultos em suas vidas, mesmo quando esses adultos não merecem. As crianças literalmente dependem dos adultos para sobreviver. Eventualmente, porém, elas começam a aprender que sobreviver não significa necessariamente estar em segurança. O Abel encontrou segurança no Emmett e escolheu se agarrar a isso. Não é incrível o que um gesto tão simples como compartilhar seu gorro com alguém no auge do inverno pode fazer?” Emily aperta meu ombro. “Dê a ele um momento, um tempo

para encontrar essa sensação de segurança." Acho que você vai perceber que ele se abre com você da mesma forma que se abre com o Emmett."

Espero que sim, mas não posso fingir que não sinto uma pontada no peito quando aquele garotinho levanta os olhos do quebra-cabeça, o rosto se iluminando ao me ver, só para essa animação desaparecer quando ele percebe que o Emmett não está comigo. Mesmo assim, quando passo por ele, minha mão guiada por duas meninas que querem que eu brinque de manicure com elas, eu sorrio para ele.

"Oi, Abel."

Ele aperta seu ursinho de pelúcia dos Vipers contra o peito, o boné do Emmett caindo sobre um dos olhos. "Emmett?" ele sussurra.

"Hoje não, querido. Ele está em Chicago para um jogo de hóquei."

Seu rosto se fecha. "Ah."

"Ele me pediu para te dizer que acenaria para a câmera hoje à noite, só para você."

Abel sorri. "Sério?"

"Sim. Já que ele não pôde me cumprimentar pessoalmente."

Um rubor rosado sobe às suas bochechas, e ele me olha por um instante, como se quisesse dizer algo. Em vez disso, guarda o quebra-cabeça, mesmo sem terminá-lo, e encontra um lugar para se aconchegar na poltrona confortável onde o vi pela primeira vez.

E ele me observa. Sutilmente, a princípio, com olhares furtivos que ele tenta esconder atrás do ursinho de pelúcia, e depois com as bochechas coradas quando o flagro e ele vira a cabeça para o outro lado. Até que, finalmente, o doce menino está esparramado no braço da poltrona, rindo de mim cada vez que eu demonstro uma atuação digna de Oscar de puro choque a cada dez segundos quando o pego me observando.

Quando termino de brincar de manicure, me ocupo em arrumar a bagunça que alguém deixou na estante, porque não tenho ideia do que fazer em seguida. Posso ir até lá? Pedir para sentar com ele, para conversar? Vou assustá-lo? Devo deixá-lo vir até mim?

Olho ao redor do quarto, procurando por Emily. Ela vai... sei o que fazer.

Mas, assim que me viro, pronta para me levantar e correr atrás dela, dou de cara com ondas acobreadas despenteadas, um chapéu quase caindo, olhos verde-jade e um sorriso tímido.

"Oi, Abel", digo com um sorriso.

Ele se vira de um lado para o outro, brincando com seu ursinho de pelúcia, o olhar oscilando entre mim e as estantes de livros.

"Eu estava apenas escolhendo um livro para ler", digo a ele. "Você acha que poderia me ajudar?"

Ele acena com a cabeça, passando por mim, os dedos vagando sobre os livros antes de selecionar Twinkle Twinkle Little Star.

"Um dos meus favoritos." Eu fico de pé, olhando para o sofá. "Você quer ler comigo?"

Outro aceno de cabeça, e então ele dá um passo à frente e... enfia a mão na minha.

É bobagem, como uma coisa tão pequena, seus dedinhos enrolados nos meus, tem minha cabeça... acalmar. As vozes ainda estão lá, aquelas que estou empenhado em silenciar, mas não estão... Rugindo. Pela primeira vez em tanto tempo, meus pensamentos sentem... manejável. E não consigo encontrar palavras para explicar o que isso significa para mim.

Enquanto me dirijo para o sofá, Abel puxa minha mão, puxando-me em outra direção, em direção à sua cadeira. Abraçando o livro contra o peito, ele olha para o assento velho e confortável, depois de volta para mim. Eu afundo nele, esperando não estar entendendo mal, e quando Abel cuidadosamente sobe no meu colo, acomodando-se contra o meu peito, eu realmente não consigo explicar a súbita vontade de chorar. Eu apenas sinto... Eu não sei. Sorte, talvez. Digno. Abel está me escolhendo. O que eu fiz para merecer isso?

Olhando para a capa, eu sorrio. É minha ilustração favorita dessa canção de ninar, e eu traço a garotinha sentada na lua crescente, cercada por constelações brilhantes. Abro o livro, pronto para começar, mas uma voz calma me impede.

"Você é a Cara de Emmett."

"Isso mesmo", digo a Abel. "Meu nome é Cara. Emmett é meu marido."

Ele dá um tapinha no gorro na cabeça, enviando-o sobre os olhos. "Emmett me deu este chapéu."

Eu rio, mudando o gorro de volta. "Oh, aí está você! Eu pensei que tinha perdido você por um segundo."

Ele ri, e quando seu nariz se enruga, eu morro por dentro. "Eu sou muitos", ele me diz, levantando três dedos. "Você sabe quantos 'dis é?"

"Hmm, vamos ver. Você poderia me ajudar a contar?"

Ele acena com a cabeça, e eu bato em um dedo minúsculo, depois no outro, contando lentamente. No terceiro dedo, ele grita: "Twee! Eu tenho muitos anos, mas —" Ele encolhe os ombros, com as palmas para cima. "—Eu vou fazer quatro anos em breve, você sabia?"

"Quatro? De jeito nenhum!"

"Sim, e adivinha?" Ele se vira de joelhos para me encarar, cruzando os braços sobre o peito, as sobrancelhas erguidas. "É algo muito legal."

"O que é isso?"

Ele se inclina para mais perto, até que nossas testas estão quase se tocando. "Quando eu tiver quatro anos, não serei mais twee. Porque - porque ... porque quando eu era bebê, eu era twee, mas quando eu for um adulto grande, biiig, terei quatro anos."

"Você está crescendo tão rápido. Você sabe quantos anos terei este ano?"

Ele acena com a cabeça, com os olhos arregalados. Com toda a certeza do mundo, ele me diz: "Sete".

Pegando seu rosto em minhas mãos, eu combino seus olhos arregalados com os meus e digo: "Vinte e nove".

Abel suspira. "Você é um gwandma?"

Emily ri do outro lado da sala. "Vovô vai adorar isso," ela murmura, piscando para mim, e eu sei que ela está falando sobre Emmett.

"Eu não sou avó", eu digo a ele.

“Ah. Que bom.” Ele se recosta no meu peito, encostando a bochecha no meu coração. “Eu tenho uma avó, mas tenho que chamá-la de Elizabeth. Ela não é muito legal comigo, nem com a minha Catharine.” Ele sorri para mim, com aqueles olhos verdes sonolentos que não demonstram nem um pouco da antipatia que sinto por uma mulher que nunca conheci. “Você pode ler para mim agora, Cara? Por favor?”

Claro que leio. Leio uma vez, depois duas, com o dedo de Abel traçando as estrelas em cada página. Começo uma terceira vez, a pedido dele, mas dessa vez ele mantém os olhos em mim enquanto leio, me observando com um sorriso sonolento e atordoado do qual mal consigo desviar o olhar. E quando fecho o livro pela terceira vez, agradeço por não ter nenhum compromisso — eu não suportaria acordar o doce menino que dorme tranquilamente no meu peito.

Emily para ao passar por nós, olhando duas vezes. “Meu Deus.”

“O quê? Isso não é permitido? Isso não está certo?” O pânico borbulha no meu peito. “Desculpe. Estávamos lendo, e ele simplesmente—”

“O Abel se recusou a tirar uma soneca todos os dias desde que chegou aqui. Todos nós tentamos, nos esforçamos muito, mas não importa o que façamos...” Ela para de falar, o olhar azul encontrando o meu, e sorri. “Viu? Eu te disse. Dê um minuto para ele; ele vai se sentir seguro com você.”

É isso mesmo? Será que o Abel se sente... seguro comigo? Só de pensar nisso já me deixa perplexa, que alguém tão inocente possa encontrar segurança e conforto comigo, quando eu mesma não consigo encontrar isso há tanto tempo.

Talvez seja por isso que eu digo a ela: “Acho que você está me dando crédito onde não mereço.”

Emily pisca para mim. Empina o quadril. Ergue uma sobrancelha. “Então, oi.” Ela se senta à minha frente, apoiando o queixo no quadril, sorrindo. “Por que não conversamos?”

Dou uma risadinha, baixando a cabeça. "Ih, rapaz. Ativei o modo psicóloga." Emily é psicóloga infantil e dirige seu próprio centro dedicado a ajudar crianças e adolescentes a superar traumas. Ela também passa várias horas por semana trabalhando com as crianças do Lar Segunda Chance, sem cobrar nada. "Achei que estivesse segura. Sou adulta."

"Uma avó, segundo alguns." Ela sorri quando rio. "Você quer fazer isso do jeito difícil ou do jeito fácil?"

"Difícil para mim ou para você?"

"Para ser sincera, todos os jeitos são fáceis para mim."

"O jeito fácil, então. Para mim. Eu... eu não sei. Não tem sido fácil admitir o quão frustrante tem sido essa história de fertilidade."

Ela acena com a cabeça, pensa por um instante e então diz: "Ei, eu não sabia que você e o Emmett eram pais adotivos."

"Eu—" Eu a encaro, sem saber o que dizer. "Nós... não somos."

“Você fez o treinamento. Há cerca de um ano, de acordo com os registros que vi. Então, tecnicamente, você é, tenha crianças sob seus cuidados ou não.”

“Sim, mas nós não somos... Você está sugerindo... Porque nós não seríamos... Seríamos péssimos nisso.”

Emily inclina a cabeça. “Seriam? Por que vocês fizeram o treinamento?”

“Porque existem pessoas importantes em nossas vidas que passaram um tempo no sistema de acolhimento e cujas vidas foram impactadas por isso.” Como Adam, quando tinha cinco anos. E Rosie, desde a morte de seus pais, quando ela tinha doze, até completar 18 anos e sair do sistema. E Lily, a filha deles, que adotaram na primavera passada. Quase pareceria irresponsável da nossa parte não fazer isso, sabendo o que sabemos.

“Não sei se consigo”, admito em um sussurro. “Sei o quanto um pai ou mãe de acolhimento é importante. Um adulto de confiança com quem conversar, um lugar seguro para chamar de lar durante o período em que uma criança mais precisa. Mas...” Olho para o menino adormecido no meu colo e, sem pensar, minha mão vai até sua cabeça, meus dedos acariciando seus cabelos enquanto tento engolir o nó na garganta. “Eu me apaixonaria. E então teria que dizer adeus.” Com os olhos fixos no teto, pisco para conter as lágrimas que ardem nos meus olhos. “Estou... tão cansada de dizer adeus.”

Uma única lágrima escapa, rolando pela minha bochecha. Eu a enxugo, furiosa comigo mesma por perder o controle novamente.

"Ei." Emily encontra meu olhar, sustentando-o. "Escolher ir atrás de algo que você quer e se dedicar completamente a isso, mesmo quando não está obtendo os resultados desejados... não existe uma palavra que descreva exatamente o quão difícil isso é. Você é corajosa e forte por tentar. Você é corajosa e forte por reconhecer quando precisa fazer uma pausa. E se um dia você decidir desistir, você também será corajosa e forte. Você passa o tempo todo sendo corajosa e forte, mesmo quando não quer ser, e certamente não deveria precisar ser. Eu te admiro, Cara. Espero que um dia você possa olhar para trás e se admirar também."

Eu pisquei para afastar as lágrimas, a raiva de mim mesma se dissipando. "Meu Deus", murmurei, percebendo onde tínhamos chegado em tão pouco tempo. “Como você fez isso? Estávamos falando sobre adoção, e então...” Eu balanço a cabeça negativamente. “Você quer ser minha psicóloga? Eu bem que preciso de uma.”

Ela ri, uma risada baixa e cansada. “Sabe, eu sempre me pergunto quem eu seria se tivesse recebido a ajuda que precisava quando era criança. Mas não recebi. Só consegui quando estava na faculdade.” Ela massageia a têmpora. “Às vezes, tenho dificuldade em me convencer de que não era tarde demais.”

“Nunca é tarde demais.”

“Tarde é sempre melhor do que nunca. Mas é mais fácil sair de um buraco em que você não quer estar quando você passou menos tempo nele. Eu poderia ser diferente se tivesse ficado sozinha naquele buraco por apenas alguns anos, e não doze.”

“Você é uma pessoa linda, Emily. Exatamente como você é agora.”

Embora seu sorriso seja genuíno e suave, há um olhar melancólico em seus profundos olhos azuis. "Eu gosto de mim mesma. E acho que minha criança interior se orgulha de mim. Mas sempre desejarei mais para a garotinha que precisava disso." Emily pigarreia, piscando até que seu olhar se torne nítido. "Enfim, é por isso que trabalho com crianças. Quero que elas tenham a melhor chance na vida, e é aqui que posso causar o maior impacto. Principalmente com o Second Chance. É um lugar incrível, com uma equipe e um apoio maravilhosos, e um dos últimos lares de acolhimento ainda em funcionamento."

Concordo com a cabeça, lembrando-me do nosso treinamento para famílias acolhedoras, com foco em ambientes estáveis e familiares. "E mesmo assim, o Second Chance está quase sempre lotado."

"Há uma grave escassez de lares de acolhimento, e acho que é por isso que o Second Chance sempre será um pilar em nossa comunidade. Eles têm sorte de contar com tanto apoio dos Vipers."

Meu olhar se volta para Abel, e acaricio sua bochecha rosada. "Como ele está?" Pergunto antes que eu possa me conter. “Em um ambiente de grupo?”

“Ele se beneficiaria muito de uma dinâmica familiar típica. Mesmo quando morava com a família, ele não tinha isso de verdade. Tínhamos esperança de que o ambiente de grupo pudesse ser benéfico, no sentido de que ele teria mais interação, socialização com os colegas... mas, no fim das contas, ele precisa de estabilidade, do senso de pertencimento que vem com um ambiente familiar. Ele precisa de uma comunidade que o acolha de braços abertos.” Ela me lança um sorriso, seu tom se tornando mais leve. “Mas todos nós precisamos, não é?”

“Qual é aquele ditado? É preciso uma aldeia para criar uma criança?”

“Uma aldeia inteira mesmo”, ela confirma. “Você se importa se eu me intrometer por um segundo?”

“Adoro me intrometer.”

“Vou te mandar o contato da minha amiga. Ela é terapeuta e se especializa em TEPT associado à infertilidade.”

“Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT)? Mas—”

“Sim, TEPT. Não é só para veteranos, e precisamos mesmo mudar esse estigma, porque o TEPT é maravilhosamente inclusivo para todos.” Ela digita no celular, e sinto o meu vibrar no bolso de trás antes que ela guarde o dela, me dando toda a sua atenção. Não tenho certeza se quero isso, não considerando como ela parece me conhecer tão bem. “Minha mãe se casou de novo quando eu tinha oito anos. Ela e meu padrasto tentaram ter um bebê por quatro anos.”

“Infertilidade secundária?”

Ela acena com a cabeça. “Ela não conseguia entender por que tinha conseguido engravidar de mim sem problemas, mas não conseguia um único teste de gravidez positivo desta vez. No quarto ano, ela teve três positivos. Três gravidezes; duas por inseminação intrauterina, uma por transferência de embrião. Ela sofreu abortos espontâneos nas duas primeiras no início do primeiro trimestre. A terceira ela perdeu com dezesseis semanas. Disseram a ela que o útero dela não era um lar adequado para um bebê.”

Puta merda. "Por que eles sempre têm que formular as coisas desse jeito?"

"Eu não sei. Mas minha mãe se fixou nessas palavras. Deixe-os definir quem ela era, ditar seu valor. Seu útero não era adequado ou digno, então ela também não era. Emily olha para o teto, respirando fundo. Isso não impede as duas lágrimas que deslizam por suas bochechas. "Por favor, Cara, cuide-se. Dê a si mesmo graça. Olhe essa luta bem na cara dela e diga a ela, com tudo o que você é, que você não vai deixá-la vencer. Que você está disposto a se curvar, mas sob nenhuma circunstância está disposto a quebrar. Diga para ele se foder imediatamente. Você me ouve?"

É estranho, porque eu queria fazer isso há tanto tempo. Tentei, até. E não tenho certeza se é a história de Emily, sua ferocidade ou o garotinho enrolado e cochilando silenciosamente no meu colo. Talvez ambos.

Tudo o que sei é que quando saio duas horas depois, depois que Abel acorda, é com uma determinação que não conheço há tanto tempo, parece estranho.

E ainda, mesmo mais tarde, quando estou de pé na frente do espelho do meu banheiro antes de dormir, nua e com a última das mensagens de Emmett rabiscadas no vidro, quero dizer cada palavra que eu dou a mim mesmo.

"Eu vou te amar, mesmo em nossos dias mais difíceis."

E sinto meu corpo quente de dentro para fora, como se meu coração estivesse sorrindo.

OceanofPDF.com

25 PÊNIS, OU SE PREFERIR, PENII Cara

CONHECI MINHA ALMA GÊMEA QUANDO tinha três meses antes dos dezoito anos.

Um metro e oitenta, cachos de chocolate amargo empilhados em sua cabeça, arrastando uma caixa quase maior do que ela, mas ainda assim conseguiu chutar o homem atrás dela bem nas bolas quando ele perguntou se ela poderia mover as pernas curtas mais rápido.

Era seu irmão.

Eu a vi largar a caixa no chão, olhar ao redor do nosso dormitório com uma mistura de medo e excitação, apenas para toda essa excitação desaparecer quando aqueles olhos escuros pousaram em mim, nada além de medo permanecendo enquanto ela me pegava uma, duas vezes e engoliu em seco.

"Olhe para a diferença de tamanho", seu irmão riu, e sem perder o ritmo, ela o acertou bem nas bolas novamente, sem nem mesmo olhar por cima do ombro, como se seu pé tivesse detecção de pau embutida.

Eu sabia que a amava na época, mas quando peguei a garrafa de tequila na minha mesa de cabeceira e enchi dois copos? Quando eu estendi um para ela, sorrindo, e seus olhos mergulharam nele antes que ela dissesse: "Às dez da manhã?" Quando repeti essas três palavras de volta para ela, e seus olhos encontraram os meus novamente em um desafio, uma faísca que a iluminou de dentro para fora, roubando cada grama daquele medo enquanto ela soprava um cacho do rosto, encolhia os ombros e jogava aquele tiro de volta sem estremecer? Foi quando eu soube que tinha encontrado minha alma gêmea.

É incrível como você pode estar cercado por pessoas a vida inteira, apenas para conhecer uma única pessoa e de repente perceber que passou todos esses anos sem saber como é a verdadeira amizade. Por mais diferentes que Olivia e eu sejamos, ela me

entendeu em um nível que ninguém mais teve. Ela me lembrava diariamente como eu era capaz, me empurrava quando sabia que eu aguentava e era gentil comigo quando sabia que eu não podia.

Passei minha vida sendo tão seguro de mim mesmo, falando minha verdade sem medo e me convencendo de que sou capaz de todas as coisas difíceis. Mas quando olho para trás, para os mais de dez anos da minha vida com Olivia, tenho quase certeza de que essas qualidades não teriam sobrevivido aos perigos da vida adulta sem ela. Consegui construir a vida dos meus sonhos porque tinha alguém ao meu lado a cada passo do caminho que nunca, nem por um segundo, me deixava ferver em dúvidas.

E quando eu entro pela porta da frente, encontro Ireland embrulhando Dublin, seu cachorro, em papel higiênico, e Olivia esparramada sobre o sofá, parecendo que ela não toma banho ou dorme há dias, temo que eu tenha falhado com ela.

"Doce merda," eu murmuro, olhando ao redor do espaço aberto, almofadas no chão, pratos empilhados na pia, uma explosão de brinquedos cobrindo... bem, tudo.

Os enormes olhos castanhos de Olivia vêm aos meus, enchendo rapidamente. "É horrível, não é?"

"O quê? Não. Não, não é, hum... não é isso..."

"Eu sou um fracasso!" ela lamenta, batendo as mãos no rosto enquanto seus soluços se libertam. "Eu não posso fazer mais nada!"

"Ollie, não. Não, não, não. Venha aqui." Eu deslizo sob suas pernas, sentada no sofá e agarrando seus pulsos. "Vamos lá. Vamos te levantar."

"Cuidado", ela soluça. "Eu sou tão grande, você pode-pode-pode-pode... você pode jogar as costas para fora!"

"Você sabe," eu digo, grunhindo quando eu começo a puxá-la até mim, "todo mundo diz que Carter é o dramático. Mas não há ninguém vivo tão habilidoso em exageros extravagantes quanto você.

Ela desaba contra mim quando eu a endireito, jogando os braços em volta do meu pescoço. "Carter me chama de seu bebê dramático", ela chora. "A pior parte é que eu secretamente adoro isso!"

Rindo, eu aliso seus cachos de seu rosto úmido, traçando as olheiras inchadas sob seus olhos. "Você parece exausta, linda mamãe."

"Estou tão cansada, Cara. Eu nunca, nunca senti esse tipo de exaustão na minha vida, nem mesmo quando Ireland passou por sua regressão de sono de quatro meses e acordava vinte e sete mil vezes por noite.

O que eu estava dizendo sobre exageros extravagantes?

"A Irlanda tem a energia de Carter, e eu adoro isso, mas quando estou grávida de trinta e seis semanas de gêmeos que estão, de alguma forma, medindo no caminho certo como se fossem bebês solteiros?" Com os olhos arregalados, ela balança a cabeça. "Eu não consigo acompanhar. Literalmente, ela é mais rápida do que eu. Ela me bate escada acima, ela está dez passos à minha frente quando estamos andando em Dublin ... Ontem ela ficou tão cansada de me ver tentar rolar para fora do sofá, ela puxou um banquinho para a geladeira, subiu, pegou seu queijo de corda e colocou o banquinho de volta, tudo antes de eu sair da sala de estar, e você sabe o que ela disse quando se sentou ao meu lado? 'Dada rápido. Dublin rápido. Irlanda rápida. Mamãe desleixada. ”

Pressionando meus lábios juntos, eu engulo meu bufo enquanto Ireland vem correndo para a sala de estar, Dublin atrás dela, parecendo Casper, o Fantasma Amigável, abanando o rabo. Minha sobrancelha se ergue enquanto eu pego a roupa de Ireland.

Sapatos de salto alto de plástico transparente. Calça de neve roxa. Vestido de princesa de tule rosa. Cardigã arco-íris, com o botão de cima preso na casa de baixo. Chapéu de sol amarelo brilhante, com o elástico puxado até o queixo.

"Você se vestiu sozinha hoje, Irlanda?"

"Hum..." Ela olha para si mesma, depois sorri, dando um tapinha no peito. "Sim!"

"Linda. E quantos colares você está usando?"

"Dois colares", ela me diz, mostrando cinco dedos, enquanto eu conto um total de sete colares de contas enfeitando seu pescoço. "Estou com fome, mamãe."

"É, já é hora do jantar. Que tal eu—"

"Eu tenho um biscoito." Irlanda enfia a mão no bolso da calça de neve, tirando um Oreo com aparência áspera.

"Meu Deus", murmuro enquanto ela enfia o biscoito inteiro na boca.

"É estranho", Olivia sussurra de volta.

Eu aponto para a barriga dela. “E se essas duas—”

“Não.” Olivia tapa minha boca com a mão. “Só... não.”

Afastando os dedos do meu sorriso, levanto-me. “Irlanda, trouxe massinha de modelar para você. Quer brincar enquanto eu preparo o jantar?”

“Ah, sim!” Ela pula de alegria antes de sair correndo pelo sofá, os saltos de plástico fazendo barulho. “Eu adoro massinha! Obrigada, tia Cawa! Obrigada!”

Você me salvou, Olivia diz sem emitir som enquanto Irlanda se ocupa com a massinha. Ela se levanta do sofá, com as duas mãos na barriga e uma careta no rosto enquanto geme. “O que é isso?” ela pergunta enquanto começo a desempacotar o resto das coisas.

Mostro o ravióli de cogumelos e queijo com manteiga de alecrim que fiz há menos de uma hora, ainda quente na bandeja aquecedora. “Jantar.” Abrindo a geladeira, despejo uma bolsa térmica grande. “Comida para você e para a Ireland amanhã, e mais para quando o Carter chegar em casa. E...” Eu pisquei para ela, deixando cair um saco de papel engordurado na bancada. “Crunchwrap Supremes para o nosso bebê dramático favorito.”

“Crunchwrap Supremes?” ela sussurrou, aproximando-se. “Cara...”

“Ops, mais uma coisa.” Estendi o copo azul para ela. “Blizzard de Oreo. Aquele chique, com calda de chocolate quente no meio.”

Os olhos castanhos saltaram do saco do Taco Bell para o sorvete do Dairy Queen, parando em mim, vermelhos e trêmulos.

“Ai, meu Deus.” Passei a mão pelos olhos. “Não começa. Pelo amor de Deus, Ollie, não começa. Não por causa disso. Não por causa de Taco Bell e sorvete.”

O queixo dela tremeu, as mãos cerradas ao lado do corpo. “Eu não vou chorar.”

“Se você chorar, eu choro também, porque compostura? Não existe mais para mim.” Bato as mãos na mesa para dar um efeito dramático. “Está me ouvindo? Eu. Não. Tenho. Nenhuma.”

Seu peito sobe e desce. Um som estrangulado corta o ar.

“Olivia”, aviso, apontando para ela. “Não.”

Ela balança a cabeça. “Eu não vou. Eu não vou. Eu não vou chorar.” Uma risada sufocada e maníaca escapa enquanto ela espanta as duas lágrimas silenciosas que escapam. “Eu não vou chorar por causa de Taco Bell e sorvete.”

“Ótimo.” Suspiro. “Obrigada.”

"É só que você é tão, tão, tão atencioso, e você me ama tanto, e eu—eu—eu..." Ela bate freneticamente em seu rosto por dois segundos antes de puxar a porra da bunda

para mim, me batendo de volta contra o balcão enquanto ela agarra meus ombros, explodindo em lágrimas enquanto tenta se aproximar. "Eu não consigo nem te abraçar direito! Minha barriga é muito grande!"

Eu mudo meu corpo em torno do dela tão sub-repticiamente quanto eu posso gerenciar, até que eu esteja a meio caminho atrás dela, abraçando-a o mais próximo possível. "Shhh. Está tudo bem. Sua barriga é perfeitamente dimensionada e bonita."

"Sinto muito. Estou tão emocionado ultimamente."

"Oh, Ollie." Eu aliso minha mão sobre seus cachos. "Você está sempre emocionado."

"Cale a boca imunda."

Eu sorrio, aproveitando este momento de silêncio entre nós. Raramente conseguimos mais. Era uma vez, Olivia era minha única família aqui. Ela era tudo que eu tinha, e nunca senti que estava ficando sem. Mas quando olho ao redor de sua casa, o quanto ela está lutando para ser mãe de uma criança nas viagens de carro do Vipers enquanto cresce dois bebês, a culpa me consome. "Sinto muito por não ter estado mais presente durante a sua gravidez. Você merece melhor de mim."

Ela se afasta, com total nojo torcendo o rosto. "Eu imploro o seu melhor perdão?"

"Eu..."

"Está passando pelo momento mais difícil de sua vida e tentando manter a cabeça acima da água?" Realmente, é a testa inclinada, carregada de atitude enquanto ela abre um Crunchwrap e dá uma mordida gigante, me encarando nos olhos.

Eu cruzo meus braços sobre meu peito, desviando meu olhar estreito para longe dela. "Não é o que eu ia dizer, mas tanto faz."

"Exatamente o que você deveria ter dito, no entanto."

"Ainda não é uma desculpa."

"Você está certo, não é. É uma explicação e, embora eu aprecie que você queira me dar uma, não é necessário.

"Mas..."

Ela pressiona os dedos nos meus lábios, silenciando-me, segurando-os lá e me fazendo assistir enquanto ela mastiga outra mordida. "Tão bom pra caralho," ela murmura, os olhos revirando. Quando ela termina, ela pega minhas mãos, se arrasta para frente e deita a cabeça sobre meu peito. "Cara, eu preciso que você deixe para lá. Há tanta coisa acontecendo em sua cabeça agora; Não deixe que isso tenha esse espaço

precioso e brilhante. Você está acostumado a dar cento e cinquenta por cento, eu entendo. Mas tudo o que eu sempre precisei é que você aparecesse em qualquer capacidade que puder, e você faz isso repetidamente.

"Eu sempre vou aparecer para você," murmuro, descansando meu queixo em seu cabelo. "Assim como você aparece para mim."

"Somos bons nisso, hein? Aparecendo um para o outro?"

"É uma segunda natureza."

"Porque é isso que os verdadeiros amigos fazem. É assim que relacionamentos saudáveis e seguros se parecem. Aparecer em qualquer capacidade que puder, sem medo de ser punido por isso, porque no final do dia, seu relacionamento está enraizado na empatia, respeito e amor."

Meus olhos se fecham enquanto eu afundo em Olivia. "Eu sabia que você era minha irmã de alma no momento em que a vi."

“Quando você enfiou uma dose de tequila na minha mão às dez da manhã e disse que eu tinha o tamanho perfeito para você mandar em tudo?”

Sorrio ao me lembrar disso pela segunda vez hoje. “Sim.”

Olivia aperta minhas mãos. “Eu também sabia naquela época.”

“Mamãe! Tia Cawa! Uau!” Ireland para bruscamente na nossa frente, apontando para a massinha de modelar rosa com glitter pendurada nas duas narinas. “Tem meleca!”

“PARA DE ME OLHAR ASSIM.”

Olivia pisca para mim da cama, onde está encostada em uma montanha de travesseiros, me observando terminar minha rotina de cuidados noturnos com a pele. “Assim como?”

“Assim como você quer casar comigo.”

Ela abre um sorriso largo. “A gente teria ficado bem, você e eu.”

“Bem? Só bem?” Aplico minha máscara labial noturna antes de guardá-la na minha nécessaire, junto o essencial e me sento ao lado de Olivia. Virando-a para longe de mim, começo a passar os dedos pelos seus cachos soltos, trançando-os em uma grossa trança francesa. "Teríamos sido um casal poderoso e dinâmico. As pessoas tremeriam só de nos ver chegar."

Ela suspira enquanto eu amarro sua trança. "Ainda há tempo para nós."

Me posiciono à sua frente, aplicando um sérum iluminador e desinchaço sob seus olhos, espalhando meu sérum suavizante e firmador favorito por todo o rosto e finalizando com meu hidratante noturno calmante, meu queridinho. “Ainda acho que um dia as mulheres vão perceber que a maioria dos homens é emocionalmente imatura demais para satisfazê-las, e que os que não são são unicórnios que já têm dona, que a vida é, em geral, mais gratificante com mulheres que são capazes de suprir as necessidades emocionais de outras mulheres. Que nós não precisamos dos homens, só do esperma deles, e que as mulheres queer vão dominar o mundo.” Comemoro com um soco no ar para deixar bem claro o meu ponto. “Não seria incrível?”

“Acho que isso resolveria uns 90% dos problemas do mundo.”

“Pelo menos.” Jogo minhas coisas de volta na bolsa e me jogo ao lado de Olivia com um suspiro. “Mas sentiríamos falta dos nossos unicórnios.” Me viro de lado, tentando me ajeitar. “Você precisa mesmo de todos esses travesseiros?”

“Preciso mesmo de todos esses travesseiros, senão meus órgãos vão ser esmagados pelos bebês que vão roubar todos os meus nutrientes, energia e força de vontade. Ou então vou vomitar fogo.”

“Faz sentido.” Meu olhar é atraído para a barriga dela como um ímã, meu peito apertando enquanto observo os bebês se mexendo em seu aconchegante lar. "Posso?", pergunto baixinho, e Olivia acena com a cabeça, pegando minha mão e guiando-a até sua barriga.

"Este é o Gêmeo A. Um pouco maior que o B, e bem mais agitado. O Gêmeo A vai nascer primeiro, eu sei disso." Ela move minha mão até que ela deslize sobre algo firme, e quando se mexe sob mim, eu solto um suspiro e dou uma risadinha. "O Gêmeo B. Dócil. Gentil. Mas um Beckett, sem dúvida."

Ela solta minha mão, e eu passo os próximos minutos deslizando-a sobre sua barriga, sentindo as pequenas almas lá embaixo, quase prontas para nascer. Maravilho-me com a dádiva, com a loucura de como algo tão milagroso pode ser criado a partir de algo tão pequeno, e espero que um dia... que um dia eu também possa sentir isso.

Quando olho para Olivia, piscando para conter as lágrimas, vejo as dela escorrendo livremente pelo seu rosto.

"Me diga uma coisa", ela sussurra. "Algo que você tenha medo de dizer em voz alta."

Abro a boca, mas me engasgo com a hesitação, balançando a cabeça.

"Por favor, Care."

“Eu jamais desejaria a ninguém o que passei. Nem ao meu pior inimigo, e certamente não a você. E, no entanto, às vezes... às vezes eu queria poder te dar a minha dor por um minuto. Um único minuto, não para que você também sofresse, mas para te ajudar a entender o quanto isso me afetou. Acho que isso me faria sentir menos sozinha, e às vezes me pergunto... se eu me sentisse menos sozinha, seria um pouco mais fácil levantar da cama?” A vergonha me obriga a baixar o olhar. “Quero que você saiba que estou feliz por você. Sempre estive e sempre estarei. Só estou... triste por mim.”

Olivia segura minha mão, apertando-a com firmeza até que eu a encare. “Todos os dias eu queria poder tirar a sua dor, te ajudar a suportá-la, só para que você sentisse que tinha alguém que a entendesse. Para que você não se sentisse sozinha. Eu faria isso sem pensar duas vezes, Cara. Eu faria qualquer coisa por você.”

Eu fungo, assentindo com a cabeça, porque, de verdade, eu sei. Querendo aliviar a tensão, revirei os olhos e disse: "Ótimo, porque talvez eu precise do seu útero." Dei uma risadinha, mas Olivia não.

Olivia ficou sentada, segurando minha mão e me encarando, com todo o amor do mundo naqueles olhos calorosos.

"Ai, meu Deus, Liv. Não! Eu só estava... eu só estava brincando!"

"Eu precisaria", ela me disse suavemente. "Se você decidir seguir esse caminho... eu precisaria."

Um punho se fechou em volta do meu coração, apertando-o. "Ollie..."

"Não precisamos falar sobre isso agora. Eu só... eu quero que você saiba, só isso. Para onde quer que esse caminho leve você e Emmett, Carter e eu estaremos aqui."

Observei-a atentamente por um instante. "Vocês dois já conversaram sobre isso."

Um rubor rosado surgiu em suas bochechas, e ela assentiu.

Não sei o que dizer. Sinceramente, não sei se existem palavras para expressar o quanto significa para ela que eles tenham pensado na nossa jornada a tal ponto que conversaram conosco e chegaram a essa conclusão juntos. Que eles fariam algo tão transformador e altruísta... por nós.

Então, enquanto ligamos a TV acima da lareira a tempo de assistir aos dois últimos períodos do jogo, me aconchego ao lado dela, com a cabeça dela no meu ombro e a minha na dela. Quando ela reclama de uma dor de cabeça tão forte que a luz chega a arder nos olhos, levanto para apagar a luz e massageio suas têmporas até que ela durma. Sei que os meninos vão ligar quando voltarem para o quarto do hotel, como sempre fazem, então peço ao Emmett cinco minutos de antecedência e começo a sair da cama assim que ele me avisa.

Olivia se mexe, grogue e bocejando. "Onde você está indo?" Ela se levanta dos travesseiros, estremecendo e segurando a cabeça. "Ah, foda-se. A porra da minha cabeça."

"Aqui." Eu entrego a ela meu copo de água. "Ainda está ruim, hein?"

"Pior, de alguma forma." Ela mantém os olhos fechados enquanto bebe a água, uma mão se movendo sobre o estômago. "Porra, eu sinto náuseas."

"Posso te dar alguma coisa? Tums?"

Ela me acena, movendo-se mais alto nos travesseiros. "Provavelmente apenas dormindo muito baixo." Ela sufoca um bocejo, mas acorda quando meu telefone toca. "São os meninos?"

Eu aceno com a cabeça. "Eu ia atender a ligação lá embaixo. Eu não queria te acordar."

Olivia dá um tapinha no lugar ao lado dela, então eu deslizo de volta para o calor, aceitando a ligação enquanto ela coloca a bochecha no meu ombro.

"Ollie, se vocês têm outro bebê, eu preciso que você descubra o sexo antes de nascer", Emmett morde enquanto o vídeo se conecta, meu homem recém-banhado, me fazendo desejar que eu fosse fodido recentemente. Ele arrasta a mão pelo rosto cansado. "Não posso ouvir seu marido continuar por meses sobre quais 'membros' ele pode ou não ver nas imagens de ultrassom." Olhos azuis cansados mudam para mim, e um sorriso tão largo, tão bonito, divide o rosto de Emmett. "Oi, baby."

"Carter, por que você não acredita nos técnicos de ultrassom quando eles lhe garantem, repetidamente, que as únicas fotos que eles nos dão são aquelas em que você não pode ver o sexo?"

"Por que, Ollie? Oh, eu não sei. Talvez porque eles possam estar tentando nos atacar. Eles acham que não sabemos o suficiente para distinguir pênis de vagina, mas eu sei."

Olivia revira os olhos, balançando a cabeça para que ela possa olhar para mim. "Carter tem feito muitas pesquisas online. Ele acha que é um profissional."

"Só estou dizendo, eu sei o que vi."

"E o que você viu?" Eu pergunto, sobrancelhas levantadas.

"Pênis," Emmett responde por ele.

Carter acena com a cabeça. "Ou penii, se você quiser."

Tenho medo de perguntar, mas: "Penii?"

"Pênis, mas plural. Penii."

"Oh, para foder—" Olivia bate a mão no rosto, resmungando algo incoerente antes de olhar para ele. "Carter, pênis múltiplos são chamados de pênis, não pênis!"

Ele cruza os braços sobre o peito e aponta o nariz para o teto. "Alguns de nós são mais cultos do que outros, e isso mostra."

Olivia revira os olhos. "Certamente sim."

Eu faço um show de olhar ao redor da sala. "A pessoa culta está na sala conosco?"

Emmett e Olivia soltam uma risada, e Carter estreita o olhar enquanto torce um Oreo, lambendo a cobertura. "É isso. Ria disso. Eu vou ser o único a rir quando eu estiver balançando meus dois meninos em meus braços."

Não tenho certeza de quanto tempo ficamos no telefone. Em um minuto, Carter está nos lançando ideias de sabor Oreo, e a próxima coisa que sei é que estou acordando de madrugada para a Irlanda cantando uma versão massacrada de "Livin 'on a Prayer" no topo absoluto de seus pulmões.

Eu buzino e grito quando ela termina, batendo palmas enquanto eu grito: "De novo!" e Ireland alegremente obedece do final do corredor enquanto eu saio da cama vazia.

“Liv? Onde você está?” Meus braços se elevam acima da cabeça enquanto bocejo, e quando acendo a luz do banheiro, a encontro abraçada ao vaso sanitário. “Droga.”

“Acho que estou com enxaqueca”, ela geme. “Minha cabeça dói tanto que não consigo parar de vomitar. Tudo está embaçado.”

“Embaçado?” Franzo a testa, ajoelhando-me ao seu lado, com a mão em suas costas enquanto a examino. “Ei”, murmuro enquanto sua respiração fica irregular e frenética. “Respire. Devagar e com calma, Ol. Respire comigo.”

“Eu... eu... eu não consigo”, ela chora, com o peito subindo e descendo. Seus olhos encontram os meus, arregalados de medo. “Sinto que não consigo... que não

consigo... respirar. Cara, eu... eu... eu... eu não consigo respirar."

"Tudo bem. Vai ficar tudo bem, tá bom? Eu prometo." Envio uma mensagem para Jennie e sua mãe, perguntando se alguma delas pode vir cuidar da Irlanda, e então molho um pano em água fria, colocando-o na nuca de Olivia. "Sua mala está pronta?"

Ela acena com a cabeça. "No armário."

Encontro-a em cima de uma cadeira, aberta e com um bilhete de Olivia para si mesma, lembrando-a das coisas de última hora que precisa adicionar quando chegar a hora de ir. Me ocupo encontrando cada uma dessas coisas e jogando-as lá dentro.

"Para onde vamos?" Olivia pergunta com a voz rouca enquanto disco o número de Carter, colocando o telefone entre a orelha e o ombro para poder ajudá-la a se levantar.

"Para o hospital."

NUNCA FUI DE CATASTROFIZAR. Sempre fui excepcionalmente habilidosa em manter a calma enquanto todos ao meu redor entram em pânico. Um talento divino que nunca precisei usar.

Mantenho a calma enquanto explico a Carter o que está acontecendo e consigo acalmá-lo quando ele começa a entrar em pânico, prometendo que conseguiremos um voo antecipado para ele voltar para casa.

Mantenho a calma enquanto explico a situação para Jennie e Holly quando elas chegam para cuidar da Ireland, e também enquanto coloco Olivia no carro.

Mantenho a calma enquanto relato os mesmos detalhes para a parteira dela quando a encontramos no hospital, e novamente para as enfermeiras e obstetras que estão ansiosos para ajudar.

Mantenho a calma enquanto Olivia segura minha mão enquanto os médicos explicam que ela desenvolveu pré-eclâmpsia súbita e grave e que precisam realizar uma cesariana de emergência o mais rápido possível.

Mantenho a calma enquanto dou a notícia a Carter, mesmo enquanto ele chora ao telefone, sua angústia palpável ao descobrir que não há voo que o traga a tempo de estar ao lado de Olivia, segurando sua mão durante tudo isso.

Estou calma enquanto prometo à Olivia, repetidas vezes, que por mais assustador que seja, tudo vai ficar bem. Que detectamos a tempo e que ela está nas melhores mãos. Os bebês dela vão ficar bem. Ela vai ficar bem.

Mas por dentro, estou desmoronando.

Estou apavorada, exausta e mal conseguindo me manter de pé. Estou me dedicando completamente à Olivia, porque ela precisa muito mais do que eu.

E quando ela pergunta por Rosie, implora para que eu ligue para ela, para que a traga aqui, uma sensação estranha começa no meu peito e se espalha. Um peso enorme que aperta meu coração. Uma voz na minha cabeça que me lembra que não sou suficiente. Que não fiz o suficiente. Desista, ela sussurra, e quando Rosie chega ao hospital, um dia depois da data prevista para o parto, e as duas se abraçam, a voz fica mais alta.

Claro, Olivia disse que tudo o que ela precisava durante a gravidez era que eu estivesse presente, da maneira que fosse possível. Mas enquanto eu estava obcecada por vitaminas, monitoramento do ciclo menstrual e reformulando toda a minha vida na tentativa de consertar meu útero magicamente, Rosie estava lá por ela. Rosie viu tudo, se identificou com cada minuto daquilo.

Acho que a única coisa que tirei disso tudo é que não sinto mais ciúme. Não há amargura ao observá-las, o quanto elas se aproximaram durante a gravidez. Apenas uma profunda decepção comigo mesma por não ser uma amiga melhor.

"Aonde você vai?"

Parei na porta, olhando por cima do ombro. "Só ia te dar um pouco de espaço."

Rosie vestiu a jaqueta rapidamente antes de abraçar Olivia mais uma vez, parando para me abraçar também. "Ela tem tanta sorte de ter você", sussurrou no meu ouvido, e então saiu.

"Aonde ela vai?"

Olivia apontou para a bolsa que Rosie trouxe, sentada em uma cadeira no canto do quarto. "A Rosie já fez cesárea. Ela sabe todos os truques e dicas. Trouxe alguns itens essenciais para a recuperação e alguns conselhos." Olivia me olhou de cima a baixo, com uma ruga entre as sobrancelhas, avaliando meu estado emocional, que pode ou não ser físico também. Ela apontou para uma garrafa de água. "Vire isso."

"O quê?"

"Agora." Com um sorriso encantador, "Por favor."

Faço o que me mandam, algo a que não estou nada habituada.

"Obrigada. Preciso que você esteja bem hidratada. Não posso deixar você desmaiar."

"Desmaiar?"

A parteira de Olivia se junta a nós, com a mão no meu ombro enquanto me contorna, sorrindo para Olivia enquanto verifica seus sinais vitais. "Faltam cinco minutos para a cirurgia, mamãe. Você vai se sair muito bem." Ela desaparece em um armário, tira um conjunto de uniforme cirúrgico azul e me entrega. "Cara, vamos te paramentar."

"Paramentar o quê?" Minha cabeça oscila entre a parteira e Olivia. "Paramentar o quê?"

"Paramentar para a cirurgia", responde Olivia simplesmente. "Para a cirurgia. Se meu marido não puder estar aqui, só há uma outra pessoa neste mundo que eu quero segurando minha mão durante isso."

Aponto para mim mesma, com o nariz ardendo enquanto me remexo. A palavrinha de duas letras mal saiu do meu rosto. "Eu?"

"Você. Com vontade de fazer dois partos hoje?"

Acho que nunca respondi à pergunta com sinceridade. Fiz o que parece que faço de melhor ultimamente: desabei em lágrimas.

AGORA ESTOU DE PÉ SOB LUZES muito fortes, em uma sala estéril e branca demais, vendo Olivia vomitar em uma pequena bacia enquanto está deitada de costas, só que ela está quase toda vomitada na mão da parteira.

"Eu comi Taco Bell ontem à noite", ela chora, depois vomita novamente. "Sinto muito!" Outra rodada. "Eu não entendo como sobrou alguma coisa!"

Este parece um momento inoportuno para dizer à parteira que eu sou realmente responsável pelo Taco Bell, então eu continuo apertando a mão de Olivia, limpando seu rosto com um pano úmido toda vez que ela vomita. Meu telefone está configurado no canto da sala, gravando tudo para que Carter possa assistir mais tarde. Eu me viro para ele, dando-lhe um grande polegar para cima e um sorriso largo. "Ela está indo tão bem!"

Digo isso vagamente, é claro. Olivia não estava, de fato, calma para sua coluna vertebral, e como alguém que tem pavor de agulhas de tamanho normal, eu não ajudei quando eles tiraram aquele bad boy. Demorou menos de dois minutos para Olivia não conseguir mais sentir as pernas, e aproximadamente trinta segundos depois que eles a deitaram - explicando que uma punção lombar às vezes pode causar dores de estômago - para ela vomitar.

Quando o vômito diminui e ela está limpa, o obstetra de pé atrás da cortina que bloqueia seu torso de vista olha para cima. "Como você está se sentindo, Olivia? Pronto para receber mais dois em sua tripulação?"

"Mais dois," ela murmura, como se estivesse afundando agora. Seu olhar balança para mim, com medo e aros vermelhos enquanto seu peito arfa. "E se eu não estiver pronto? Cuidado, oh meu Deus, estou pronto? Dois. Dois. Isto é... dois mais um é..."

"Três," eu sussurro, alisando seu cabelo para trás. "Três bebês. E dois adultos. Bem, um adulto e um adulto-criança. Ela engasga uma risada e eu sorrio. "Sua família de três pessoas está crescendo em dois hoje, e você? Você. Are. Pronto."

"Como você pode ter tanta certeza?"

"Porque você tem toda uma comunidade ao seu redor. E ninguém faz as coisas sozinho aqui, certo?"

"Nunca sozinho." Seu aperto aperta em torno do meu quando o OB anuncia que ela está fazendo o primeiro corte no abdômen de Olivia. "Diga-me uma coisa", ela exige pela segunda vez em vinte e quatro horas.

"Toda a equipe de trabalho de parto e parto nesta sala agora é composta por mulheres. Estou tendo um momento feminista de muito orgulho. Lembra do que eu disse sobre as mulheres dominarem o mundo? Eu acho que é isso. É aqui que começa."

Ela revira os olhos. "Algo que você tem medo de dizer em voz alta, Cara."

E desta vez, enquanto ela está deitada na mesa da sala de cirurgia, assustada e desesperada por uma distração, eu obedeço sem hesitação, deixando escapar exatamente o que ela pediu.

"Tem um garotinho do Second Chance Home que Emmett e eu não conseguimos parar de pensar, e eu não sei o que estou pensando, mas-mas-mas... Você acha que seríamos pais adotivos horríveis?"

"Pais adotivos?" O olhar de Olivia se aquece. "Horrível? Cuidado, você está brincando comigo? Você pode imaginar a sorte que o garoto que ficou com vocês dois por qualquer período de tempo seria? Não há dúvida em minha mente de que você seria incrível. Que você mudaria vidas para melhor."

"Meu coração dói muito," eu admito em um sussurro. "E se estiver muito quebrado para amá-los do jeito que eles precisam?"

Olivia balança a cabeça, a respiração lenta enquanto a equipe de entrega trabalha, explicando delicadamente cada etapa. “A gente pensa em coração partido como se fosse o fim, e eu sei que parece isso no momento. Mas quanto mais velha fico, mais olho para trás e percebo que todos os meus antigos desgostos amorosos foram apenas o começo. Mais uma porta se abrindo, uma chance de nos conhecermos melhor do que nunca. Essa parte de você sempre vai doer, mas talvez seja também a base sobre a qual você constrói. Talvez seja onde você honra a pessoa que você era e onde você se apaixona por quem você é agora. Então, não ouse subestimar o que seu coração é capaz de fazer. Ele pode se dobrar, pode se quebrar e, ainda assim, fará tudo isso em nome do amor.”

Soluçando, desvio o olhar, tentando não chorar. Com quase um metro e oitenta de altura, isso significa que meus olhos atravessam a cortina e pousam acidentalmente no torso nu da minha melhor amiga. “Ai, meu Deus.” Virando-me para a câmera, digo para a Carter do futuro: "Sua esposa está no meio de um parto de dois bebês por meio de uma cirurgia complexa, e ela está aqui compartilhando sua sabedoria. Que diabos você anda colocando no café dela?"

Olivia solta uma risada cansada. "Acho que você seria uma ótima mãe adotiva."

O médico levanta os olhos, acenando para a parteira e para mim, indicando que chegou a hora.

Aperto a mão de Olivia. "E acho que você está pronta para receber mais dois membros na sua família."

Olhando por cima da cortina, observo as mãos alcançarem a incisão de Olivia, emergindo lentamente com uma cabeça, e não consigo conter uma risadinha. "Carter vai estar rodeada por todos esses cachinhos escuros", digo a ela suavemente enquanto ajeito um cachinho rebelde sob sua touca cirúrgica.

Seu peito sobe e desce, os olhos arregalados se movendo de um lado para o outro enquanto ela espera.

E quando ela ouvir aquele choro? O primeiro a romper o ar, a dar nova vida a todo o quarto? Seus olhos se fecham, seu peito se esvazia e seu corpo treme enquanto ela soluça de alívio.

"Tia", uma das enfermeiras chama, e quando levanto os olhos, ela está me estendendo um bebê perfeito, minúsculo e enrugadinho.

Minha cabeça oscila entre a enfermeira e Olivia. "E-eu?"

Olivia sorri. "Você."

"Você está—"

"Claro. Tenho certeza, Cara."

Dou um passo à frente, meus dedos se fechando nas palmas das mãos enquanto meu coração dispara. Lágrimas se acumulam em meus olhos enquanto pego o mais novo Beckett cuidadosamente em meus braços, e juro que meu mundo inteiro para. Nunca na minha vida me confiaram algo tão pequeno, tão fresco e novo, tão incrivelmente precioso, e esse conhecimento... me leva ao limite.

“Puta merda”, exclamo, passando a ponta do dedo pelas bochechas macias e rechonchudas, afastando os cachos grossos e escuros do rosto. “Você é a cara da sua mãe.”

A caçula dos Beckett chega ao mundo um instante depois com um único grito de protesto, como se todo esse negócio de “nascimento prematuro” tivesse sido um completo incômodo.

"Oh cara," eu rio, sorrindo para baixo enquanto o segundo é deslizado em meus braços inteiros. "Nós nunca, nunca vamos ouvir o fim disso do seu pai, não é? Não, definitivamente não somos. Mas vamos conhecer sua mãe, hein? Vamos conhecer a pessoa mais especial e bonita do seu mundo."

Eu me aproximo do lado da cama no ritmo literal de um caracol, lágrimas escorrendo pelo meu rosto sem nenhum sinal de parar. Eu não consigo parar de sorrir, mas nem Olivia, olhando para nós com tanto amor que é realmente impressionante.

"Parabéns, mamãe," eu sussurro. "Dois meninos perfeitos."

CARTER CHEGA UMA HORA DEPOIS, deslizando para dentro da sala, com os olhos vermelhos e selvagens. Ele esvazia no momento em que encontra Olivia, desmaiada na cama, uma mão no berço que abriga seus gêmeos adormecidos. Seu

olhar permanece neles por tanto tempo, mandíbula flexionada, ombros rolando, como se ele estivesse liberando anos de tensão.

Esse olhar se dirige a mim em seguida, e a apreciação absoluta que brilha nele traz calor às minhas bochechas.

"Parabéns, papai," murmuro, sorrindo para ele de onde meu queixo repousa do outro lado do berço, o mais velho dos gêmeos Beckett segurando meu dedo enquanto dorme. "Eles são perfeitos."

A bolsa de Carter bate no chão, e ele dá a volta na cama, me puxando para os meus pés e para seu aperto sufocante. Ele se afasta, as mãos de cada lado do meu rosto, os olhos esmeralda brilhando com lágrimas. "Obrigada, Cara. Obrigado."

Então, ele me libera. Ajoelha-se na cama de sua esposa. Pega a mão dela entre as dele, pressiona-a contra o peito enquanto ela se mexe, e ele chora.

Pegando minhas coisas, dou-lhes privacidade enquanto vagueio pelo hospital, como alguma coisa e, eventualmente, desmaio em uma das salas de espera. Não tenho certeza de que horas são quando sou acordado por passos, uma voz suave sussurrando uma saudação silenciosa, mas quando uma voz profunda e muito familiar retorna essa saudação, eu me apresento no meu assento, quase martelando o dono daquela voz no nariz com minha cabeça.

"Emmett." Eu me ajoelho, lançando-me em seus braços. "Emmett, você deveria... você deveria... EU - EU - EU ... foi incrível!"

Ele ri, um som suave e baixo que aquece minhas entranhas, e agarra minhas mãos trêmulas nas dele. "Você foi incrível, de acordo com Carter e Ollie." Ele enfia meu cabelo bagunçado atrás das orelhas, inclinando a cabeça em direção à porta, onde a parteira espera com um sorriso. "Eles querem que sejamos os primeiros a conhecê-los oficialmente."

Eu saio da cadeira antes que ele termine a frase, puxando-o para seus pés.

O quarto deles é escuro e silencioso, as luzes suaves em ambos os lados da cama dando ao espaço um brilho tranquilo. Eu vou até Olivia primeiro, esmagando seu rosto contra o meu enquanto nos agarramos um ao outro.

"Você viu minhas entranhas", ela sussurra.

"Eu vi suas entranhas," eu confirmo.

"Foi nojento?"

"Lindo. Além disso, nojento."

Olivia ri baixinho, entrelaçando seus dedos nos meus enquanto me olha. Lágrimas se acumulam entre nós enquanto anos de memórias vêm à tona, e Olivia encosta sua testa na minha. "Há tantas coisas pelas quais sou grata, mas no fim das contas, o que eu gostaria que todos tivessem na vida é sua própria Cara. Eu sou quem eu sou porque você é quem você é, e porque você ama do jeito que ama. Obrigada, Cara."

Quando eu estiver emocionalmente estável o suficiente para segurar um bebê — brincadeira, nunca mais estarei emocionalmente estável depois disso — vou até as cadeiras abaixo da janela escura, com a mão de Emmett baixa nas minhas costas enquanto ele me segue, e nos sentamos juntos.

Carter parece tão exausto quanto se poderia esperar, mas há um brilho em seus olhos e aquele sorriso malicioso no canto da boca que me diz o quanto ele se sente vivo. Isso, e ele está todo arrumado com suas roupas de gostosão.

"Ah! Isso me lembra." Emmett enfia a mão na mochila e tira uma sacolinha de presente. "Só uma coisinha que eu e os caras preparamos para você."

Carter abre a sacola e tira as roupas de dentro. Uma camiseta para Carter e outra para Olivia, com a palavra "ENRUGADA" rabiscada nelas, uma mini camiseta do tamanho perfeito para uma princesinha de quase dois anos e dois macacões minúsculos, todos com a mesma palavra: "ENRUGADA".

Carter joga as camisetas no chão, com os olhos marejados. "Valeu, cara. Isso... isso significa muito. Você não faz ideia."

Olivia revira os olhos e eu engulo uma risadinha.

"Ei, vocês não têm aquele ensaio fotográfico em família marcado para março?" Emmett levanta as sobrancelhas, como se soubesse exatamente o que está fazendo.

Carter solta um suspiro de surpresa. "Ollie! Você disse que queria roupas combinando. Isso é perfeito!"

"Sim", ela murmura. “Perfeito. Vou ter que te agradecer direito quando eu estiver de pé, Emmett.”

O sorriso de Emmett desaparece. Ele se inclina para mais perto de mim. “Amor... o Ollie acabou de me ameaçar.”

“Você sabia o que estava fazendo.” Eu cerro os punhos animadamente enquanto Carter pega os gêmeos no colo sem esforço, um em cada braço.

“Venho praticando esse truque com sacos de farinha há três meses. Bem legal, né? Tenho outro truque na manga, mas o Ollie disse—”

“O Ollie disse que os bebês nasceram quase quatro semanas prematuros e pesam pouco mais de dois quilos e meio”, diz Olivia, com firmeza. “E que o papai precisa esperar muito, muito mais tempo antes de começar a mostrar todos os seus truques.”

“É, isso mesmo.” Carter suspira, parando na nossa frente. “Vocês ainda se lembram de como segurar um bebê? A Ireland é indestrutível agora, então não conta.”

Meus olhos se estreitam. “Carter, eu segurei os dois ao mesmo tempo quando eles tinham um minuto de vida e estavam cobertos de baba.”

“Certo, bom, agora eles não estão mais babados, então leve isso em consideração.”

Reviro os olhos, mas aperto o bíceps de Emmett enquanto Carter coloca um dos filhos no colo. Tem algo em homens grandes e fortes segurando bebês minúsculos que eu simplesmente nunca vou superar.

“Ei, amiguinho”, sussurra Emmett, acariciando seu rosto, e eu sei sem sombra de dúvida que é o gêmeo mais novo, porque além das covinhas do pai, que ambos têm nas bochechas, este também tem a covinha do pai no queixo pequenino. “Eu sou seu tio Emmett. Já te amo muito.”

Carter sorri. “Este é o Brodie.”

Emmett para. Ele olha para Carter, Olivia. Lágrimas brotam em seus olhos. “Brodie?”

“Sim. Nomeado em homenagem a alguém especial.”

“Ah, droga.” Eu lacrimejo. “Como vocês ousam? Como vocês ousam? Eu não sou emocionalmente estável o suficiente para vocês darem o nome de um bebê em homenagem ao Emmett.”

Carter sorri. “Ah, então isso vai te destruir de vez.” Ele coloca o gêmeo mais velho em meus braços, e todos os ruídos na minha cabeça se calam enquanto eu encaro o rostinho doce que segurei horas atrás. Enquanto aqueles dedinhos minúsculos se enrolam em um dos meus, juro que todos conseguem ouvir meu coração batendo forte no peito.

Mas aí Carter diz: “Você já a conhece, amigão, mas oficialmente, queremos que você conheça sua tia Cara. Tia Cara, conheça o Hunter.”

E eu não sei o que essas palavras têm, o fato de meus melhores amigos terem dado o meu nome a um dos filhos deles. Não consigo explicar o que isso me causa, o orgulho que me invade, a forma como silencia todas as vozes na minha cabeça que me

fazem duvidar de tudo sobre mim, e as substitui por duas palavras. Duas palavras repetidas. Um lembrete gentil, uma verdade inabalável.

Você é suficiente.

Não sei explicar, mas quando estamos deitados na cama duas horas depois, com o resto do mundo dormindo profundamente, minha mente em paz pela primeira vez em muito tempo, meu coração bate forte e constante, me lembrando que minha força não se mede pela dor que senti ou pela minha persistência, mas sim por como continuo amando apesar de tudo. Que este coração pode estar machucado e despedaçado e ainda ser tão belo quanto antes. Que ele ainda tem um mundo a oferecer.

E pela primeira vez em muito tempo, eu acredito nisso.

"Emmett?", sussurro na escuridão, seu coração vibrando suavemente perto do meu ouvido.

"Vaga-lume."

"Gostaria de conversar sobre a adoção do Abel."

OceanofPDF.com

26 ABACAXIS SACRILEGIOS E PROMESSAS FAMILIARES Emmett

ADMIREI MINHA ESPOSA TODOS OS DIAS desde que nos conhecemos.

Sempre admirei sua determinação e paixão, sua ética de trabalho e criatividade. Admirei seu humor e sua vivacidade, sua confiança e honestidade.

Mas, acima de tudo, passei meus dias admirando seu coração. Como ele é tão terno quanto firme. Como ama intensamente e com paixão, e gentilmente e silenciosamente. Um coração repleto de uma compaixão aparentemente infinita, encontrando um espaço para cada pessoa que busca sua turma, um lugar para chamar de lar.

Porque, enquanto estou aqui parada na porta de um quarto que está vazio desde que nos mudamos, exceto pelos dois livros que acrescentei às prateleiras no dia em que pedi Cara em casamento, enquanto a observo se movimentar pelo quarto agora cheio, reorganizando as coisas pela enésima vez, num esforço para torná-las mais perfeitas do que já são — impossível —, tenho absoluta certeza de que nunca, jamais, existiu um coração como o dela.

"Você acha que ele vai gostar?" Ela dá um passo para trás, a ponta do polegar entre os dentes, enquanto seu olhar percorre o quarto que ela passou as últimas três semanas redecorando.

Não decidimos acolher Abel de imediato, embora eu ache que a resposta sempre seria sim. Passamos dias conversando sobre como isso funcionaria. Como seriam nossos dias se abríssemos nossa casa para o doce menino de três anos e meio que está lutando para se conectar com outras pessoas. Num mundo perfeito, talvez a resposta tivesse sido um sim imediato, e teríamos resolvido os detalhes depois. Mas a realidade é que o corpo e a mente da minha esposa passaram por tanta coisa nos últimos dois anos e meio, e ela está apenas agora se recuperando, se dando a oportunidade que merece para descansar, recarregar as energias e aprender a se amar novamente.

Acredito que o acolhimento familiar ajudará não só o Abel, mas também a Cara? Sem dúvida. Mas tenho consciência de que será uma adaptação — será tão difícil quanto gratificante — e que a maior parte da responsabilidade recairá sobre os ombros da Cara enquanto a temporada de hóquei estiver em andamento.

Adam e Rosie compartilharam gentilmente muito sobre a experiência deles com Lily, enquanto Rosie se recuperava da sua segunda cesariana após dar à luz a sua filha, Iris, apenas quatro dias depois do nascimento de Hunter e Brodie. Eles ficaram felizes em nos explicar como chegaram à decisão e, apesar de terem sido sinceros sobre os desafios, a mensagem deles foi clara: é tão gratificante quanto difícil.

Conversamos bastante com Emily, aprendendo o máximo possível sobre a situação e as necessidades de Abel para nos ajudar a tomar uma decisão. Ela nos contou sobre a mãe dele, Catharine, que teve Abel aos dezesseis anos. Sobre os avós, Peter e Elizabeth, que seguem valores religiosos muito rígidos e não permitiriam que a filha considerasse o aborto ou a adoção. Ela nos contou que Abel foi criado acreditando que sua mãe é sua irmã, mas que só conhece os avós pelos primeiros nomes. Provavelmente não deveria ter sido surpresa, então, quando ela nos contou como ele foi parar no Second Chance dois meses atrás, como os avós se cansaram da filha por ela ser, bem, uma adolescente, e expulsaram os dois de casa. Não deveria ter sido surpresa, e ainda assim, estou indignada.

O objetivo é ajudar a mãe dele a se reerguer antes de, finalmente, reuni-los. Isso significa que essa colocação é temporária, e para mim, essa era a minha maior hesitação. Eu sei que a reunião, quando possível, é o melhor. Eu sei disso. Isso não torna mais fácil saber que uma despedida é inevitável.

Teremos que nos despedir, mas sei, sem sombra de dúvida, que nos apaixonaremos ao longo do caminho. E não sei quantas despedidas mais a Cara ainda tem pela frente.

Tenho orgulho dela, e, no fundo, confio nela. Ela começou a fazer terapia com uma amiga da Emily, especializada em TEPT relacionado à fertilidade, e embora volte emocionalmente exausta, vejo mudanças nela, pequenas menções ao futuro que brilham como uma réstia de esperança.

Então, sim, vai ser fácil? De jeito nenhum. Mas com a Cara, nada nunca pareceu impossível.

Entro no quarto, enrolo um braço na cintura da Cara e a aconchego contra o meu peito. "Está perfeito, Care. Ele vai adorar."

“Mas e se ele não gostar? E se ele odiar? Eu queria manter tudo neutro”, ela explica pela quinta vez, pelo menos, “para que possamos adicionar coisas que combinem com ele conforme o conhecemos, e ele pode... ele pode... quer dizer, ele pode fazer o que quiser. Se ele quiser pintar de rosa, vamos pintar de rosa. Se ele quiser substituir este... este... tapete de lã tufado à mão tão requintado por aqueles... aqueles... aqueles”—seu rosto se contorce em desgosto—“tapetes gigantes de quebra-cabeça que formam uma estrada, então faremos isso. Isso vai me matar por dentro? Quer dizer, eu já sobrevivi a coisas piores, mas, sim.”

O som de um carro se aproximando faz com que ela levante a cabeça bruscamente, e quando ouvimos as portas se fechando, Cara começa a sacudir as mãos.

“Meu Deus. Ele está aqui. Ok, ele está aqui. Espera. Temos certeza de que é ele? Talvez seja...” Ela corre até a janela, assentindo com a cabeça. “Sim, é ele. Ok, tudo vai ficar ótimo. Vai dar tudo certo.” Uma risadinha aguda quando a campainha toca, e ela dá um tapinha no meu peito ao passar por mim. “Vai dar tudo certo, Emmett. Para de surtar.”

Me viro, encostando no batente da porta, braços cruzados e sorrindo, esperando.

Cara chega ao topo da escada antes de se virar, correndo de volta para mim e me agarrando pela camisa. Ela parece toda descontrolada agora, do jeito que eu gosto. “Emmett, eu estou surtando!”

“Não me diga.” Segurando o rosto dela entre minhas mãos, mantenho o olhar fixo no dela. “Respira, meu bem. Nós conseguimos.”

“Conseguimos? Quer dizer, você vai ser ótima nisso, com certeza. Mas e eu? Eu consigo?”

“Que tipo de pergunta é essa? Você é a Cara Brodie, e antes de Cara Brodie você era a Cara Hunter. Você tem uma filha com o seu nome. Você consegue, vaga-lume. Nós conseguimos.”

“Ai, meu Deus.” Os olhos dela se fecham e ela balança a cabeça levemente. “Se as mulheres dominarem o mundo e só ficarmos com os homens bons para reproduzir, você vai ser uma raridade. Todo mundo vai querer o seu esperma de unicórnio.” Não faço ideia do que isso significa, mas também não entendo pelo menos 50% do que sai da boca dela. Mesmo assim, gosto do jeito que a boca dela se encontra com a minha, a língua dela deslizando por dentro, fazendo cada terminação nervosa vibrar. “Obrigada pelo incentivo”, ela diz por cima do ombro, dando um tapinha no volume na minha

calça enquanto desce as escadas. “Ah, isso me lembra. Precisamos nos livrar da gaveta de brinquedos da cozinha.”

Solto um suspiro, descendo as escadas correndo atrás dela. "Me livrar disso? A gente não pode simplesmente... eu só... não, mas... ser interrompida na minha própria casa?" Fecho a boca de repente quando Cara abre a porta da frente com um puxão, substituindo minha indignação por um sorriso. Um sorriso que morre rapidamente quando vejo Abel, usando meu gorro puxado até cobrir os olhos, agarrado à perna da assistente social, soluçando.

"Eu quero... ir... para... casa!"

Cara e eu nos entreolhamos, e sei, sem sombra de dúvida, que ela se sente tão impotente quanto eu. Eu esperava por esses momentos, aqueles em que não sei a resposta certa ou o próximo passo, mas o que eu não esperava era a forma como isso me faria duvidar de mim mesma imediatamente.

"Ah, Abel." Marlene, a assistente social dele, estende a mão para acariciar a cabeça dele, com um sorriso triste no rosto, e eu me lembro do que Emily nos disse ontem, quando nos alertou que, embora ele adorasse passar um tempo conosco no orfanato, provavelmente seria muito diferente, a princípio, nos ver fora dali. Que nos tornássemos uma unidade à parte, separados dos outros.

É por isso que o que vocês estão fazendo por ele é tão importante, ela disse. Abel precisa de um ambiente estável, um lugar onde ele possa se adaptar e realmente se sentir em casa. Imagine ter a única vida que você conhece arrancada de sua vida, passando de saber onde vai dormir todas as noites para dormir no sofá de um estranho a cada poucos dias, depois para uma casa grande cheia de pessoas desconhecidas e agora aqui, onde nada é familiar. Agora imagine tudo isso, mas com três anos de idade.

Observo minha esposa, a maneira como ela hesita por uma fração de segundo antes de se ajoelhar e sentar no chão da entrada. "Oi, Abel", ela diz suavemente. “Emmett e eu estamos tão felizes por você estar aqui conosco, até trouxemos uma sobremesa especial.” Ela olha para mim, um sorriso esperançoso se abrindo enquanto o choro de Abel diminui, e tudo o que consigo fazer é encará-la, maravilhada. A mulher que, há cinco minutos, se perguntava se conseguiria, está aqui, conseguindo.

Ela estende a mão para mim, e eu a aperto sem hesitar, sentando-me ao seu lado. Sempre me sinto mais capaz perto dela.

“Isso é um pouco assustador, né?” Cara pergunta baixinho quando Abel espia por trás de Marlene, um olho verde nos observando atentamente enquanto recupera o fôlego. “Este é um lugar novo, e você ainda não o conhece. Às vezes, parece mais seguro estar em um lugar que você já conhece, não é?” Ele acena com a cabeça, mal e tão devagar que quase não percebo, mas ele acena. “Vamos fazer o possível para que você se sinta o menos assustado possível. Queremos que você se sinta seguro aqui.”

“Posso te contar uma coisa, Abel?” Engulo em seco e Cara aperta minha mão. Quando o olhar de Abel se volta para mim, digo baixinho: “Nós também estamos com medo.”

“Emmett?” ele sussurra, dando mais um passo até que nossos olhares estejam à vista. “Você... você está com medo?” Quando aceno com a cabeça, ele aponta para mim. “Mas você é uma pessoa grande. Pessoas grandes não sentem medo.”

“O quê? Pessoas grandes não sentem medo? Pff!” Aceno com a mão no ar e ele abre um sorriso. “Cara, eu sinto medo o tempo todo!”

Ele olha para Cara, contornando Marlene um pouco mais. "Você fica com medo?"

"Nossa, sim. O tempo todo. Mas o Emmett me ajuda bastante."

Seus olhos brilham e ele passa o dorso da mão sobre eles. "Me ajuda mesmo?"

"É. Tipo, eu tenho muito medo de aranhas. Toda vez que vejo uma, grito e me escondo. Mas o Emmett sempre vem, pega, leva para fora e me avisa que estou segura."

Dessa vez, Abel solta Marlene, saindo completamente de trás dela. Ele muda o peso de um pé para o outro, torcendo as mãos. "Não tenho muito medo de aranhas." Ele dá de ombros, e esse gesto simples não tem a menor chance de ser tão fofo. "Talvez eu... eu... talvez eu possa ajudar o Emmett a pegá-las para você."

Cara leva as mãos ao peito. “Que fofo, Abel. Isso me ajudaria a me sentir segura. Ei, tive uma ideia. Que tal se você nos contasse do que tem medo e a gente bolasse um plano para te ajudar a se sentir seguro?”

“Eu tenho medo...” Os olhos dele se movem entre nós, e eu percebo a hesitação, quase como se ele já soubesse a resposta. “Eu tenho medo do escuro.”

“Bom, essa é fácil de resolver.” Aponto para a escada. “A Cara escolheu umas luzinhas de estrela para você, e eu as pendurei no seu quarto hoje de manhã.”

“Luzes de estrela?” Ele se mexe, olhando para a escada. “Eu tenho o meu... Eu tenho o meu próprio quarto?”

“Claro que tenho, amigão.” Lentamente, me levanto, ajudando Cara a se levantar também. Estendo a mão para ele. “Você gostaria de ir ver?”

Abel nos observa por um longo momento, com as mãos entrelaçadas na barriga. Não consigo imaginar o que ele está sentindo agora, mas sei que tudo é válido. Cada medo, cada hesitação. Não importa que ele saiba quem somos, ou que eu lhe tenha dado um chapéu. Ainda somos estranhos para ele, e ele está sendo enviado para morar em nossa casa, forçado a depositar toda a sua confiança em nós — confiança que ainda não conquistamos. Talvez eu não saiba exatamente o que estou fazendo, mas uma coisa eu sei: farei tudo o que puder para merecer essa confiança.

Lentamente, Abel dá um passo à frente, um passo cauteloso de cada vez, até parar diante de nós. Então, ele entrelaça uma mão na minha, a outra na de Cara, e diz: "Estou pronto para ver meu quarto."

NOSSO DIA É TUDO DA MELHOR MANEIRA POSSÍVEL: tranquilidade e calma.

Marlene fica por uma hora, revisando a rotina de Abel, suas visitas mensais à mãe, Catharine, as consultas com Emily e as visitas que Marlene fará. Ela se certifica de que ele esteja acomodado antes de se despedir, e passamos a maior parte da tarde explorando seu quarto. Ele não fala muito, exceto para confirmar algumas vezes que os brinquedos são para ele brincar.

Seu lugar favorito, como previsto, é o parapeito da janela. Ele sobe lá com Cara, rosto e mãos pressionados contra o vidro enquanto observa o mundo lá fora por quase uma hora, até que finalmente pega um livro da prateleira e o entrega a Cara. É lento, o jeito como ele se move para trás no assento, cada vez mais perto de Cara, até que esteja aconchegado em seu colo, com as costas contra o peito dela enquanto ela lê para ele, um livro após o outro, até que ele os tira todos.

E o tempo todo a cabeça dele está no ombro dela, e os olhos fixos nela.

“O que você gosta na sua pizza?” pergunto quando descemos as escadas.

Ele inclina a cabeça. “Pizza?”

“Pizza.” Sorrio para ele enquanto abro a geladeira, pegando os ingredientes que preparei esta manhã. Dou uma espiada na massa crescendo na tigela coberta sobre a

bancada, depois puxo o pano e ligo o forno para pré-aquecer. “Vamos fazer nossas próprias pizzas para o jantar.”

Ele balança a cabeça, dando de ombros. “Não sei o que gosto na pizza.”

Cara para enquanto espalha os ingredientes na bancada. “Você já comeu pizza antes, Abel?”

Ele dá de ombros novamente. “Não sei.”

“Então escolhemos um excelente primeiro jantar. Precisamos de muita ajuda para prepará-lo. Aqui.” Ela dá um tapinha na ilha da cozinha. “Venha sentar.”

Os olhos dele se arregalam. “Lá em cima?”

“Aqui em cima. Nós vamos te proteger e você vai conseguir alcançar coisas melhor.”

Ele coça a cabeça por baixo do gorro que se recusa a tirar. “E-Elizabef e Peter não me deixam subir em coisas. E eu nunca ajudei a fazer o jantar, porque... porque... eu sou muito bagunceiro, diz a Elizabeth.”

Fecho os olhos, respirando fundo para aliviar a tensão nos ombros que vem com as lembranças da minha própria infância. Cara toca minhas costas e eu suspiro, voltando minha atenção para a massa de pizza enquanto a divido em três porções.

“Parece que nossas expectativas podem ser diferentes das de Elizabeth e Peter”, diz Cara gentilmente. “E tudo bem. Faremos o possível para que você saiba o que é aceitável nesta casa, certo? E sabe de mais uma coisa?” Ela se inclina para mais perto, como se tivesse um segredo para contar, e ele está tão fascinado pela minha esposa quanto eu. “Eu e o Emmett fazemos bagunça o tempo todo.”

“Sério?” Ele pergunta, com os olhos arregalados e em voz baixa: "E você não se mete em encrenca daquelas?"

"Não."

Balanço a cabeça. "Nunca."

Ele olha entre mim e o balcão, depois estende os braços para mim. "Você pode me ajudar?"

"Claro, amigão." Solto um gemido alto enquanto o levanto, colocando-o no centro da ilha enquanto ele ri baixinho.

"Nossa! Isso é muito alto!"

"Se quiser descer, me avisa que eu te ajudo." Deslizo uma assadeira na frente dele. "Essa vai ser a sua pizza. Primeiro, vamos colocar o molho." Entrego-lhe uma colher, e

ele observa enquanto Cara e eu espalhamos o molho na massa antes de fazer o mesmo. Ele derruba a segunda colherada, e vejo o pavor tomar conta do seu rosto. Ele joga a colher, se arrastando em direção à beirada do balcão, e levanto a mão, impedindo-o silenciosamente. “Calma aí, amigo. Tudo bem. Toda bagunça tem solução. Além disso, olha só a Cara.”

Ele olha para ela, sentindo um alívio ao ver o molho que ela talvez tenha derramado acidentalmente de propósito sobre a borda da panela e caído na bancada. “Cara, olha! Nós dois fizemos bagunça!” Ele volta para o centro da bancada. “E agora?”

“Agora a gente cobre com queijo.”

“Ah, eu gosto de queijo!” Ele pega dois punhados, sorrindo enquanto despeja o queijo no meio da massa, moldando-a em uma montanha. Ele aponta para a bandeja com pepperoni, bacon, cebola, cogumelos, pimentões, azeitonas e abacaxi. “O que é isso?”

“São os ingredientes. Você escolhe o que gosta e coloca em cima da sua pizza. Depois, é só assar no forno.”

“Eu quero... abacaxi!”

Cara solta uma risadinha enquanto eu gemo, os dois carregando suas pizzas com abacaxi. Ele sorri para ela enquanto ela adiciona bacon, e então ele adiciona também.

“Emmett, você quer um pouco de abacaxi como na minha pizza?” ele pergunta, estendendo um punhado de frutas que, absolutamente, sem sombra de dúvida, não combinam com pizza.

“Não, obrigado”, eu digo, o que é muito melhor do que engasgar, que, por coincidência, é a minha reação preferida.

Colocamos as pizzas no forno e acendemos a luz para que Abel possa vê-las assar. Ele fica completamente hipnotizado com a pizza quando a tiramos do forno, não porque seja uma comida que ele nunca tenha experimentado antes, mas porque é dele. Sua criação, algo que ele fez do começo ao fim, e o orgulho em seus olhos enquanto estamos sentados à mesa da cozinha é contagiante. Olho para Cara, o jeito como ela o observa com aquele olhar distante, aquele sorriso gentil, e quando nossos olhares se encontram, sei que estamos pensando a mesma coisa: Não acredito que tivemos participação nisso.

Tiro uma foto dos dois enquanto levantam as fatias juntos antes de darem a primeira mordida, e enquanto olho para o riso deles, toda a alegria simples em seus rostos, sei que esta será uma foto que guardarei para sempre. Assim que a mesa do jantar está limpa, Cara e Abel estão preparando taças de sorvete, e eu termino de organizar o filme, envio a foto para o grupo de bate-papo, sabendo que, por mais fofa que seja, está prestes a começar uma guerra.

> Jennie: Desculpe, volte para a porra. É isso... Abacaxi *emoji de vômito* na pizza do homenzinho? Olivia: Cara, o que você fez com ele?! Carter: BLASFÊMIA! Rosie: Adam está prestes a aparecer aqui para dizer que ele não é exigente e qualquer coisa pode ser boa em pizza. Adam está errado. Adam: *emoji encolhendo os ombros* O que há para não gostar? Abacaxi, bom. Pizza, bom. Lennon: Doce e salgado? Eu poderia foder com isso em um piscar de olhos. E Jaxon gosta de qualquer coisa que eu goste. Jaxon: Não é verdade, wtf???? Eu gosto, mas não porque len gosta. Eu sou minha própria pessoa, com meu próprio gosto. Garrett: Jesus Cristo, que porra é essa? Eu levo o cachorro para fazer xixi por dois minutos e é para isso que eu volto??? ABACAXI na PIZZA?! Carter: quer saber, estou disposto a tentar novamente. Minhas papilas gustativas tornaram-se mais refinadas com a idade. Ollie está sempre dizendo que sou tão refinado, certo Ollie? Olivia: Literalmente nunca, e também, Carter só quer pizza. Atualização: Carter está pedindo pizza. Atualização # 2: Carter está pedindo duas pizzas, uma com abacaxi, outra sem, apenas no caso. Diz que não vai comer os dois, mas provavelmente vai. Atualização # 3: Não consigo parar de olhar para esta foto. Pizza = horrível. Cara & Abel? Perfeição. Jaxon: ok, então foi len que me fez experimentar abacaxi na pizza em primeiro lugar, mas e daí? Isso não significa que eu gosto do que ela gosta. Se alguma coisa, isso significa que tenho um paladar amplo. Eu: Imagine pensar que gostar de abacaxi na pizza significa que você tem um paladar amplo? Garrett: Isso é uma loucura LOL

"Emmett, olha o que eu e Cara fizemos." Abel caminha em minha direção na sala de estar, segurando uma tigela cheia de sorvete, coberta com morangos e ursinhos de goma. "Hum, tem - tem ... Eu colhi chocolate, morangos e ursos. Você quer alguns? Eu posso compartilhar." Ele pega uma colher cheia, oferecendo-a para mim. Aqueles olhos verdes esperançosos se arregalam quando a colher balança, e Abel assiste horrorizado enquanto sua bola de sorvete cai no tapete creme.

"Eu-eu-eu sinto muito," ele gagueja, dando um passo para trás. Seu pé fica preso na borda do tapete, e eu me lanço pelo sofá, pegando-o com um braço em volta da cintura antes que ele possa atingir o chão, mas não antes de seu sorvete respingar, a tigela se partindo em duas.

"Abel," Cara suspira, correndo da cozinha.

"Você está bem, amigo?" Eu pergunto, colocando-o de pé, mas ele não está olhando para mim. Seu olhar está fixo no sorvete, na tigela quebrada, enquanto ele recua. Franzindo a testa, eu me levanto, começando atrás dele. "Abel?"

Ele congela quando minha sombra cai sobre ele, e meu olhar gira para Cara, em pânico. Não sei se devo jogar minha bunda de volta no sofá ou ficar perfeitamente imóvel; Eu só não quero assustá-lo mais do que ele já é.

"Está tudo bem, Abel", diz Cara tão suavemente quanto eu já ouvi. "É..."

"Foi um acidente. Eu não queria." Ele balança a cabeça violentamente, recuando, com o peito arfando.

“Abel”, eu o chamo baixinho, mas no instante em que nossos olhares se cruzam, ele sai correndo. Desce o corredor a toda velocidade, sobe as escadas cambaleando. Se atira pela porta do quarto, batendo-a atrás de si. E embora eu ache que não há nada tão doloroso quanto os soluços que ecoam pelo corredor enquanto Cara e eu paramos em frente à porta dele, me enganei quando ela a abre lentamente e o encontramos encolhido num canto do quarto, agarrando os cabelos, tremendo.

E eu me vejo. Vejo meus irmãos. Vejo meus pais perdendo a cabeça toda vez que derrubávamos algo, quebrávamos alguma coisa, fazíamos bagunça porque éramos crianças, e é isso que crianças fazem. Meus pais adoravam ficar nos vigiando, nos lembrando do quão importantes eles eram, do quão intimidador alguém podia ser sem nunca encostar um dedo em você, e talvez seja a isso que Abel esteja acostumado também, mas posso afirmar com toda a certeza que as coisas não vão ser assim aqui.

Então, seguro o rosto de Cara entre minhas mãos, dou-lhe um beijo nos lábios e digo: "Deixa comigo", antes de entrar no quarto dele e me sentar no chão em frente a ele, pensando em todas as coisas que eu gostaria de ter ouvido quando criança.

"Ei, Abel. Vou ficar aqui, tá bom? Você ainda tem seu espaço, e se quiser chegar mais perto, pode." Solto um suspiro, encostando a cabeça na parede enquanto Abel abraça os joelhos, chorando. "Você se esforçou bastante para fazer seu sundae de sorvete, né? Parecia tão gostoso. Ficou triste por não ter conseguido comer?"

Abel balança a cabeça, enxugando o rosto rapidamente antes de escondê-lo novamente.

"Não? Bom, temos bastante mais, então se você ficar triste depois, é só avisar."

Lentamente, seu rosto se ilumina, as sobrancelhas se franzindo.

"Você ficou com medo quando seu sorvete caiu?"

Ele me observa atentamente por um instante antes de assentir.

“Você pode me dizer o que te assustou? Foi um barulho alto quando a tigela caiu. Às vezes, barulhos altos me assustam.”

Abel funga, esfregando a mão nos olhos. Ele olha para os pés.

“É difícil falar quando se está com medo, né?” Quando seus olhos voltam a encontrar os meus e ele assente, eu sorrio. “Eu sei. Cara e eu queremos que você saiba que está seguro aqui. Quando estiver com medo, pode conversar com a gente.”

“Eu estava com medo... Eu estava com medo de vocês gritarem comigo.” Ele mexe na borda do tapete, com a bochecha apoiada na mão e o cotovelo no joelho. “Porque eu derramei, quebrei e fiz uma bagunça enorme.”

Eu assinto. “Entendo. Obrigada por me contar. Você se lembra do que a Cara te disse sobre bagunça quando estávamos fazendo pizza?”

“Hum...” Ele toca o queixo. “Vocês fazem muita bagunça?”

Eu sorrio. “Sim, fazemos mesmo. Bagunças acontecem, assim como acidentes. Ambos fazem parte da vida.” Olho para Cara, que nos observa da porta. “Eu e a Cara não vamos gritar com vocês por fazerem bagunça ou por terem um acidente. Gritar não é uma boa forma de se comunicar. Geralmente só faz as coisas parecerem mais altas e assustadoras.”

Ele levanta as duas mãos, dando de ombros. “Bem, Peter e Elizabeth, eles... eles gritam comigo.”

“Eu te entendo, amigo. Que tal fazermos um pacto familiar?”

Seus olhos verdes se iluminam. “O que é isso?”

“Uma promessa que uma família faz uns aos outros.”

Ele se ajoelha, deslizando pelo chão em minha direção. “Somos uma família? Eu, você e a Cara?”

“Com certeza. Qualquer pessoa que more nesta casa é família. Então, que tal prometermos sempre nos esforçar para nos comunicar, que é um jeito chique de dizer conversar? Isso significa que contamos uns aos outros quando nos sentimos tristes,

com raiva ou com medo, e tentamos ao máximo usar um tom de voz calmo, para que todos se sintam seguros e ouvidos."

"E... e... e..." Ele segura meu joelho, se apoiando, com as sobrancelhas arqueadas enquanto aponta o dedo para o meu rosto. "Você não pode me chamar de mau, ok? Ok, Emmett?" Ele balança a cabeça negativamente. "Não é legal, minha Catharine sempre me diz que não é legal quando... quando Peter e Elizabeth dizem, eles dizem"—ele coloca uma mão na cintura, fazendo uma careta enquanto balança o dedo—" 'Você é um menino mau, Abel!' "

"Podemos prometer isso com toda certeza", digo sem hesitar. "Certo, Care?"

Ela se vira, e ouço o soluço inconfundível de uma mulher tentando se livrar das lágrimas. "Certo." Ela sorri, um pouco trêmula ao entrar na sala, sentando-se conosco e acariciando o braço de Abel. "O que vocês acham? Promessa de família?"

"Promessa de família", ele diz com um sorriso.

E quando ele sobe no meu colo, aconchegando-se no meu peito, de repente percebo dolorosamente que Cara não é a única que terá muita dificuldade em se despedir.

OceanofPDF.com

27 OREO ENTROU NO CHAT

Emmett

O QUE ACONTECE QUANDO você tira cinco marmanjos obcecados por suas famílias do Canadá para uma viagem de três dias até a costa leste dos Estados Unidos no Dia dos Namorados?

“Isso é uma baita sacanagem.” Garrett se esforça para tirar o patins depois de jogar o celular fora. “Só estou dizendo que eles não deveriam poder marcar jogos no Dia dos Namorados, sabe? Deveria ser feriado.” Ele abaixa a cabeça, passando os dedos pelos cabelos encharcados de suor. “Agora a Jennie está em casa, e eu estou aqui, e ela prometeu que ia me esperar antes de brincar com aquele brinquedo, mas aquela... aquela foto...” Ele aponta para o celular, depois desiste, balançando a cabeça. “Não é justo.”

“Ah, não.” Carter abaixa a cabeça, colocando-a entre as pernas antes de se endireitar rapidamente. Ele nos mostra a foto de Ireland, Hunter e Brodie que preenche a tela. Enquanto os meninos estão, sem dúvida, apagados de sono, Ireland está sentado no meio, de olhos fechados e sorrindo, segurando uma placa coberta de pegadas de dedinhos do pé rosa que diz "Nós te amamos muito, papai!". Os três têm os pés pintados de rosa mais perto da câmera, e até Dublin está lá, usando uma tiara com antenas em forma de coração, com a língua para fora da boca enquanto rola perto dos pés das crianças. "Senti falta das aulas de artes!"

“Eu também”, diz Adam com o sorriso mais triste que alguém já deu. Ele nos mostra o celular — uma foto da bebê Iris dormindo no colo da Lily, Lily e Connor sorrindo enquanto seguram uma placa que diz: “Como podemos ficar de mau humor se você é nosso pai?”. Três pequenos caranguejos feitos de mãozinhas vermelhas e olhinhos de plástico dançam na placa, e eu certamente sorriria se não fosse pela foto que me espera no meu próprio celular.

“Este é o meu inferno pessoal.” Eu gemo tão alto e demoradamente, quase esmagando meu celular com a mão enquanto me sento no banco. O registro de data e hora mostra que Cara enviou a foto apenas um minuto depois do início da primeira aula, dez minutos depois de enviar a primeira foto.

A primeira foto? Retalhos de cetim vermelho e renda bordada espalhados sobre a cama, um pequeno plugue de metal com uma gema vermelha em forma de coração ao lado. “Me faça um gol no Dia dos Namorados e eu te mostro o que estará te esperando quando você chegar em casa.”

A segunda foto? Bem, tenho certeza que você já deve imaginar. Não me esforcei tanto para marcar aquele gol no meu primeiro turno à toa.

A questão é que faz um tempo que não temos o tipo de sexo ao qual nos acostumamos em nosso relacionamento. Faz sentido que os tratamentos de fertilidade tenham roubado a paixão, sem falar da nossa energia, mas a pior coisa que roubaram foi o amor da Cara pelo próprio corpo. As coisas têm sido lentas enquanto ela se recupera, me permitindo amar o corpo dela o suficiente por nós dois, mas a cada dia vejo essa confiança crescer um pouco mais. E isso? Isso é, de longe, a maior ousadia da minha esposa em muito, muito tempo. Tudo o que eu quero é aproveitar isso.

> Eu: Olha essa xoxota linda. Por que está tão molhada, amor? Pensando no meu pau esticando ela, pegando o que eu preciso, te enchendo de porra só para eu lamber depois? Ou você quer que eu use como lubrificante para poder tirar aquela preciosidade e enfiar no seu cu, despejando todo aquele esperma de volta em você?

Eu encaro meu celular. Encaro por um minuto, depois dois. Cinco minutos, e então dou um chilique, arranco meus patins e os jogo na mochila. "Faz uma eternidade. Por que ela não atende?"

Ah, aliás, a resposta para a minha pergunta anterior? O que acontece quando você separa cinco homens adultos de suas namoradas no Dia dos Namorados? Sentimentos intensos.

Um longo e alto suspiro vem da minha direita. Olho para Jaxon, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça entre as mãos. "Quero ir para casa."

Eu sei o que você está pensando: por que Jaxon está tão deprimido? Lennon viaja com o time. Com certeza eles estão transando no Dia dos Namorados. E você estaria

certo. Eles chegaram atrasados para o café da manhã, a barra da camiseta de Jaxon enfiada na cintura da cueca, que estava aparecendo no quadril esquerdo, porque a calça não estava vestida direito. Também havia o batom embaixo da orelha dele, o fato de Lennon estar com o cabelo coberto por um lenço de seda e que ambos foram ao banheiro vinte minutos depois do início do café da manhã e nunca mais voltaram.

Mas ainda assim: "É só ... Porra, olhe para aquele lindo rosto de marshmallow fofo." Ele enfia o telefone na minha cara, uma foto de seu gato enorme, Mittens, esparramado na grama verde exuberante, brilhando sob o sol em sua fantasia de sereia. "Vovó mandou para ele um cardigã do Dia dos Namorados, e Len e eu não podemos nem estar lá com ele enquanto ele o usa neste dia especial. Jennie prometeu que colocaria nele e tiraria fotos, mas não sei. Os Becketts são confiáveis? Meu instinto diz que não."

Garrett joga sua luva na cabeça de Jaxon. "Jennie é uma Andersen agora, seu idiota. Acerte!"

Meu telefone vibra enquanto eu rio, e eu discretamente abro a mensagem de Cara, esperando por mais da minha esposa nua ou um pouco de sua boca imunda.

Acontece que não é nenhum dos dois, e... Não estou chateado com isso.

É uma foto de Abel, sentado no balcão da cozinha em um pijama vermelho que combina com o de Cara, uma mancha de tinta rosa na testa e na testa e o maior e mais feliz sorriso que já vi enquanto ele segura sua criação. Um vermelho, um roxo, um rosa, três monstros grandes e peludos, cobertos com lantejoulas de coração, pelo menos oito olhos cada, e sorrisos tão grandes quanto os dele.

> Cara: Eu o convenci a fazer um monstro do amor com a marca da mão. Ele queria fazer três, um para cada um de nós. Ele disse "tire uma foto e mostre ao meu Emmett" *emoji soluçando* Eu não estou bem.

"Abel nos pintou como monstros do amor", eu anuncio, mostrando a Carter e Adam a foto enquanto Jaxon e Garrett continuam a discutir um com o outro. "Ele me chamou de Emmett. Não é grande coisa."

"Oh meu Deus," Adam murmura, esfregando as mãos no rosto, sobre a boca.

Eu bebo meia garrafa de água para esconder meu sorriso ridículo. "O quê?"

"Acabei de perceber que estamos todos oficialmente ... crescido."

Carter suspira. "Não."

Garrett inclina a cabeça. "Você acha?"

"Quando isso aconteceu?" Jaxon sussurra.

"Foda-se se eu sei," eu murmuro.

Carter levanta um dedo. "Bem, se eu puder intervir. Acho que sempre..."

"Não", todos dizemos em uníssono.

Carter abaixa a cabeça. "Vocês não podem ser maus comigo. É meu aniversário."

"O que você vai fazer?" Eu tiro o resto do meu equipamento, pegando minha bolsa de higiene enquanto me dirijo para os chuveiros. "Contar sobre nós?"

"Obviamente não. Eu estou crescido, lembra?"

"LENNOOON. OS CARAS ESTAVAM SENDO maus comigo."

"Oh meu Deus", Garrett geme, empurrando Carter para o nosso quarto de hotel uma hora depois. "Você disse que não ia contar."

Lennon suspira. "É verdade, então? Não o aniversariante!" Ela estala um punho em seu quadril. "Peça desculpas, rapazes. Agora mesmo."

Nós murmuramos uma série de desculpas meia-boca, e Lennon arqueia uma sobrancelha, prendendo os braços sobre o peito.

"Agora eu sei que vocês quatro podem fazer um show melhor do que isso. Ele tem gêmeos de quatro semanas em casa, pelo amor de Deus. Seja legal!"

"Desculpe por cortá-lo antes que você pudesse terminar de dizer que você sempre cresceu," nós ressoamos em uníssono, e Lennon faz uma careta.

“Ah, desculpe por sugerir que eu, o primeiro a me tornar pai — e, portanto, o mais sábio —, sempre fui adulto.” Carter pega sua caixa de Oreos sabor Bolo de Aniversário e tira da mini geladeira o prato de guloseimas que pediu ao serviço de quarto mais cedo. “É incrível que ninguém acredite em mim, principalmente no meu aniversário. Vocês vão se arrepender do dia em que duvidaram de mim quando a Oreo finalmente me der meu próprio sabor de biscoito.”

Tenho que admitir, Carter demonstra um certo nível de foco e dedicação quando está aprimorando sua arte. Para deixar claro, sua arte são os Oreos. Seja criando ideias para novos sabores ou elaborando uma sobremesa extravagante com Oreo como ingrediente principal, fica evidente que ele pensa muito nisso. Honestamente, é apenas um pouco alarmante que ele pense tanto em Oreos.

“Aha!” Ele nos apresenta sua criação em um pote transparente, também trazido pelo serviço de quarto. “Para a base, temos biscoitos Oreo sabor Bolo de Aniversário triturados, seguidos de banana fatiada, pedaços de brownie e uma mistura de pudim de chocolate com chantilly — batido na hora, não de lata, obviamente.”

“Claro”, murmura Lennon, concordando com a cabeça.

“E por cima...” Ele coloca cuidadosamente um biscoito Oreo sabor Bolo de Aniversário inteiro no topo. “Bom apetite.”

“Parece incrível.” Garrett pega uma colher. “Deixa eu pegar um—”

“Não!” Carter dá um golpe de judô no pulso de Garrett, a colher cai no chão enquanto Garrett grita. “Preciso tirar uma foto primeiro.”

Ele tira, e ficamos em silêncio enquanto ele a publica em seu Instagram Stories, com suas hashtags favoritas: #oreo #patrocinem #meamem #considerem

“Bem.” Dou um tapinha no braço da minha cadeira e me levanto enquanto Carter enfia a colher na comida, dando uma mordida enorme que certamente não caberia na boca de um humano de tamanho normal.

Carter enfia a colher na boca.

"É, faz sentido", murmuro, assentindo. Olhando para Lennon, verifico se ela está gravando com o celular. Está. "Enfim, como eu ia dizer... parece uma boa hora para te dar seu presente de aniversário."

"Presente de aniversário?" Ele faz um esforço para engolir, lambendo o pudim de chocolate dos lábios. "Vocês não precisavam me dar nada." Ele coloca a sobremesa de lado, esfregando as mãos. "O que é?"

Procuro na minha bolsa e tiro a carta que chegou — finalmente, e bem a tempo — semana passada. Não quero detalhar o que passamos para isso acontecer, mas foram seis meses de planejamento.

Entrego o envelope para Carter, observando-o girá-lo nas mãos.

"Oooh, Oreo", diz ele, lendo o logotipo no envelope. "Caramba, vocês me deram uns Oreos personalizados? Conseguiram que a Oreo me desejasse Feliz Aniversário?"

"Você podia ler a carta", sugere Adam. "Mas, ei, o que eu sei?"

Carter estreita os olhos ao abrir o envelope. "Tão mal-humorado quando está longe dos seus bebês." Ele pigarreia. "Prezado Sr. Beckett. Ha, Sr. Beckett. Tão formal. Ok, vamos de novo. Prezado Sr. Beckett. Primeiramente, gostaríamos de lhe desejar um feliz aniversário. Corre o boato de que o senhor está completando trinta e um

anos, mas, se nos permite a ousadia, o senhor não aparenta ter mais de vinte e cinco. Todos esses Oreos devem estar mantendo o senhor jovem." Ele ri baixinho, passando a mão pelo queixo enquanto murmura: "É verdade. É uma honra sermos seu salgadinho favorito e estamos impressionados com todas as suas criações deliciosas. Ouvimos dizer que o senhor tem algumas ideias para sabores e adoraríamos tê-lo... puta merda." O queixo de Carter cai. "Puta merda." Ele olha para mim, para todos, e depois de volta para a carta. "Puta merda." Seus olhos se movem enquanto ele continua lendo e, em seguida, ele usa a carta para abaná-la no rosto. “Caramba! A Oreo quer que eu... A Oreo disse... A Oreo vai me dar um sabor só meu!”

Não só um sabor só meu, mas uma caixa com o nome dele, o número da camisa dele no biscoito e um comercial também.

Seus olhos se enchem de lágrimas e, quando ele pisca, uma lágrima solitária escorre por cada bochecha. Ele aperta a carta e a caixa de biscoitos vazia contra o peito enquanto sussurra: “Este é o melhor dia da minha vida”, e logo em seguida, assustado, completa: “Não contem para o Ollie.”

OceanofPDF.com

28 NÃO É UM DINOSSAURO

Cara

“É NATAL?”

“Não é Natal.”

“Ah. É... é meu aniversário?”

Dou uma olhada para Abel, parado em frente às caixas de presente que acabamos de desembalar da caixa gigante que o entregador deixou na varanda durante o café da manhã. A vovó não economizou, mas ela nunca economiza. Ela tem adorado nossas videochamadas semanais enquanto tomamos chá no último mês, e eu só precisei lembrá-la do nome dele e de quem ele era uma vez. Mas, há uma semana e meia, ela me ligou enquanto fazia compras com sua cuidadora, exigindo as medidas do Abel, porque tinha encontrado uma roupinha adorável.

Eu esperava um pacote pequeno, não sete caixas de presente embaladas individualmente dentro de uma caixa enorme.

“Seu aniversário é no verão, em julho. A vovó viu umas roupas que a fizeram lembrar de você, então mandou, só porque sim.”

“Só porque sim?” Ele coça a cabeça, as ondas suaves em tons de castanho-avermelhado que me lembram o outono caindo sobre sua testa. Demorou oito dias até que ele parasse de usar o boné do Emmett dentro de casa, e receber aquele sorriso quando passo os dedos pelos seus cabelos ao passar por ele se tornou uma das coisas que mais espero todos os dias. “Vamos falar com a mamãe hoje?”

Sorrindo com a tentativa dele, peguei meu celular e liguei a chaleira. "Que tal ligarmos para ela agora, e você pode abrir suas caixas enquanto conversamos?"

"Certo, e lembre-se." Ele ergueu um dedo com ar de quem sabe das coisas. "Se eu não agradecer, o Papai Noel virá e levará todos os meus presentes embora, e eu nunca mais ganharei nenhum."

Há aquela dor de novo, bem entre minhas costelas. Eu trabalho para engolir, dando a Abel um sorriso suave. "Dizer obrigado quando alguém faz algo atencioso para você é gentil, mas o Papai Noel não vai tirar seus presentes se você esquecer. Às vezes, agradecemos sem palavras, como com um abraço ou fazendo algo de bom para alguém." E às vezes temos apenas três anos de idade e ainda dominamos as normas e expectativas sociais, e não é falta de educação, é apenas desenvolvimento infantil. Mas ei, o que diabos eu sei? Certamente não mais do que Pedro e Isabel, que parecem estar por trás de todos os pensamentos e medos distorcidos de Abel.

"Oh, mon cœur." Mémère atende a videochamada, afofando os cabelos brancos. "Já é quarta-feira? Sinto muito, Cara. Deve ter escapado da minha mente.

"Só terça-feira, Mémère. Seus presentes acabaram de ser entregues, então pensamos em ligar para você agora.

"Presentes?"

"Para Abel," eu a lembro gentilmente, observando em tempo real enquanto ela vasculha suas memórias. "Você viu uma roupa na semana passada enquanto fazia compras. Você queria mandar para ele."

"Oh, sim, claro." Ela bate a mão na testa e pisca. "Era muito mais do que uma roupa."

"Você não diz," murmuro, apoiando meu telefone para que ela possa ver Abel e sua pilha de caixas.

Ele corre, acenando com as duas mãos. "Oi, Ma-urso! Você me lembra hoje?" O doce garoto dá um passo para trás, dando um tapinha no peito enquanto diz a ela baixinho: "Eu sou Abel, m'member?"

Mémère ri, alto e tão brilhante, e eu aprecio cada linha de riso ao redor daqueles olhos azuis brilhantes. "Sim, doce menino, eu me lembro de você hoje. Você é Abel, não tem quatro anos de idade, e quando crescer, quer ser um... um... merde, qual é aquele com as placas em seu - Oh! Um estegossauro!"

"Você é membro!" Ele dá a ela dois polegares para cima, e quando ele diz a ela com toda a sinceridade: "Bom trabalho, Ma-bear", eu me apaixono um pouco mais por ele. "Sim, eu costumava querer ser um... um T. rex, mas acho que não vou gostar de comer outros dinossauros." Ele encolhe os ombros, afundando no chão, puxando uma caixa entre as pernas. "Stegosaurus, eles têm espinhos nas costas para protegê-los, então é por isso que eu escolho o estegossauro."

"Ah, então é por isso. E quanto a Cara? Que tipo de dinossauro ela seria?"

"Um T. rex, com certeza," eu ofereço, colocando um morango na minha boca enquanto Abel começa a desembrulhar seu presente. "Eu comia outros dinossauros no jantar."

Mas Abel balança a cabeça. "Cara não é um dinossauro." Antes que eu possa ficar de mau humor e perguntar por quê, seus olhos se iluminam. Uma capa de chuva surge, seguida por calças de respingo, botas de chuva e um guarda-chuva, todos com o mesmo padrão de dinossauro. "Cara, olhe!" Ele se levanta, pulando para cima e para baixo, abraçando o casaco contra o peito. "Eu coloco agora", diz ele, imediatamente puxando as calças, calçando as botas, dando a Mémère um close-up quando ele termina. "Olhe, mamãe! Olhe para mim!"

"Estou olhando para você, garoto feliz. Você brilha como o sol. As nuvens de chuva não terão chance contra você."

“Obrigada, Ma-bear.” Ele se abraça. “Eu adorei!”

Observamos Abel se ocupar abrindo cada caixa, fazendo a vontade da Mémère ao exibir cada roupinha nova, assim como eu fazia em todas as nossas idas às compras. Honestamente, não sei dizer quem gosta mais; meu amiguinho parece ter nascido para fazer compras.

“Como você está se sentindo esta semana?” pergunto baixinho à Mémère enquanto olho para o meu celular, com o coração apertado ao vê-la me observando com aquele sorriso que representa exatamente como o amor deveria ser: caloroso, leve e eterno. “O quê?”

“Ele me lembra você. Toda essa luz, a alegria, o amor pela vida. Apreciação pela moda”, ela acrescenta, arqueando as sobrancelhas.

Dando uma risadinha, observo Abel vestir sua capa de chuva novamente, colocando seu estegossauro de pelúcia novinho em folha debaixo do braço. O toque final? Os óculos de sol azuis de T. rex que ele coloca no rosto.

"Ele tem um coração puro", ela murmura. "É óbvio."

"Mamãe." Abel pula na minha direção, caindo ao meu lado, escondendo seu sorriso tímido atrás do meu quadril. "Você comprou tudo isso para mim?"

"Comprei."

"E... e... e... você comprou para mim só porque sim?"

O sorriso de Mémère é tão doce quanto o olhar com que ela o observa. "Só porque sim, meu querido."

Seu nariz se enruga, as bochechas coram. Ele puxa meu braço, me chamando para mais perto, como se tivesse um segredo. "Cara, posso fazer um quadro para a mamãe? Só porque sim?"

"É uma ótima ideia." Pego os materiais de pintura e os espalho sobre a mesa da cozinha. “Mémère adora arte. Podemos colocar num envelope e ir até a caixa de correio para enviar para ela, para que ela possa pendurar no quarto dela.”

“Porque ela mora muito, muito longe?”

“Longe demais”, ela responde com um suspiro.

Abel sobe numa cadeira, pincel na mão, enquanto examina as tintas. “Mamãe, qual é a sua favorita... qual é a sua cor favorita? É... rosa?”

Ela engasga. “Como você adivinhou?”

Ele sorri, dando de ombros. “Não sei! Só chutei! Talvez porque meu cérebro esteja aprendendo coisas novas todos os dias. Você sabia disso? A Cara diz.”

“O que dizemos na hora de dormir?” pergunto enquanto ele espalha tinta rosa no papel.

“Eu sou inteligente. Eu sou gentil. Eu sou importante. E eu posso fazer qualquer coisa!” Ele ergue o punho no ar, como fazemos todas as noites, e seu pincel cai de sua mão, respingando tinta rosa na borda da mesa antes de atingir o chão. Vejo o pânico brilhar em seus olhos enquanto me encaram, o tremor em suas mãos antes de fechá-las em punhos. "F-f-foi um acidente", ele gagueja, afastando-se da mesa. "E-eu... eu não queria. Eu..."

"Abel", murmuro, permanecendo onde estou, mas me agachando à sua altura. "Pare. Respire. É só um p-"

"Ah, não! Não, não minhas..." Ele joga a cabeça para trás, punhos cerrados ao lado do corpo, e bate o pé enquanto lágrimas escorrem por suas bochechas. "Não minhas botas de dinossauro!"

"Ah, droga", murmuro, pegando alguns panos e erguendo-os como bandeiras brancas enquanto me aproximo dele. "Ei, meu bem. Vamos te limpar."

Ele olha para mim através dos olhos inundados, passando as bochechas manchadas de lágrimas. "Cara!" Pequenos braços vêm em volta do meu pescoço, mãos

minúsculas apertando meu cabelo enquanto ele se joga em meus braços. "Eu tenho p-p-paint nas minhas botas novas! Ela vai ficar tão brava comigo!"

"Ei, ei. Shhh, Abel, está tudo bem. Você está seguro." Eu empurro seu cabelo para fora de seu rosto. "Quem vai ficar bravo com você?"

"Ma-urso!"

"Oh, Abel", Mémère chama baixinho do meu telefone. "Eu nunca poderia ficar com raiva de você por derramar um pouco de tinta."

"B-b-mas... minhas botas!"

"Ei, olhe." Eu limpo sua bota com meu pano, e a tinta rosa desaparece. "Viu? Vem imediatamente."

"E você sabe para que servem as botas de chuva, não é?" Mémère pisca para ele. "Poças de lama. Um pouco de tinta não vai machucar essas botas. Devemos nos sujar."

Abel funga, arrastando a mão pelo nariz. "Nós é? Peter e 'Liz-beth nunca me disseram isso antes. Outra fungada, e ele pisca as lágrimas restantes. "Eu tive um acidente, Cara."

"Acidentes acontecem. O que devemos fazer?"

"Limpá-lo? Eu poderia limpar o chão e talvez você pudesse limpar a mesa.

"Trabalhar juntos para limpá-lo é uma ótima ideia", diz Mémère. "É muito mais rápido assim. O trabalho em equipe faz o sonho funcionar."

Abel inclina a cabeça. "Trabalho em equipe é a palavra dos sonhos?"

Eu bato em seu nariz, limpando a tinta da mesa. "O trabalho em equipe faz o sonho funcionar." Eu gesticulo entre nós enquanto ele limpa o chão. "Você e eu, somos uma equipe."

"E Emmett também?"

"E Emmett também."

Abel pensa por um momento, depois olha para o meu telefone. "Você pode estar em nossa equipe também, ok, Ma-urso?"

"Eu ficaria honrado, minha querida." Ela sorri para mim enquanto Abel volta a pintar. "O amor, mon cœur. O amor entre vocês... Magnifique." Ela bate seu coração. "Eu sinto isso, todo o caminho até aqui. Vocês deveriam se encontrar."

Meu olhar cai para minha caneca, quente entre minhas mãos enquanto penso no último mês, as noites passadas agarradas a nós, implorando para não sairmos, as madrugadas descontroladas, os grandes, grandes sentimentos, os constantes reajustes

enquanto tentamos fazer as coisas certas. E ainda assim, apesar de todos os desafios, todos os dias eu posso vê-lo entrar um pouco mais em si mesmo. Veja o medo diminuir lentamente, a confiança se construir junto com nossa conexão, e eu sei que Adam e Rosie estavam certos: vale a pena tanto quanto é difícil.

Não consigo dizer as palavras na ponta da língua, não quando sabia no que estávamos nos metendo. Então, enquanto minha garganta se aperta em torno de uma dor com a qual terei que lidar um dia, eu a engulo e murmuro uma verdade diferente. "A única vez que caí tão forte, tão rápido, foi com Emmett."

Eu não sei como vou dizer adeus.

E como ela ouve tudo, Mémère acena com a cabeça, a compaixão em seu olhar pesada, pesada com tristeza que ela conhece muito bem. "A única paz que o adeus já me trouxe é a certeza de que há muito, muito amor entre aquele primeiro olá e a despedida final. Se ao menos tornasse a palavra mais fácil de dizer.

Quem dera.

"Mamãe! Cara! Olha!" Abel volta correndo, radiante de orgulho enquanto mostra sua pintura: espirais de rosa, roxo, azul e laranja, rostinhos redondos, pernas compridas, sorrisos inconfundíveis enquanto nomeia cada pessoa. Mamãe. Abel. Emmett. Cara.

"Nossa equipe!", exclama ele, orgulhoso e com toda a certeza do mundo. "É a nossa equipe."

Quem dera.

HÁ ALGO TÃO INERENTEMENTE tranquilo nas histórias para dormir. Algo suave e aconchegante, como o corpinho aninhado ao meu lado, a bochecha pressionada contra meu ombro, uma mãozinha repousando delicadamente sobre a minha enquanto seguramos o livro aberto. Algo brilhante e esperançoso, como as estrelas e a lua que brilham acima de nós enquanto nos aconchegamos na janela. Algo maravilhoso e reverente, como as palavras sussurradas que escapam das páginas do livro e se espalham pela noite silenciosa, como um segredo que só nós compartilhamos.

Quando eu era pequena, as histórias para dormir me lembravam que tudo ficaria bem. Que até os dias mais difíceis chegavam ao fim e que sempre haveria um amanhã.

Eu encontrava conforto na escuridão, assim como sempre conseguia encontrar pelo menos uma estrela no céu, não importava o tempo. Uma estrela que lutava para brilhar.

As histórias para dormir sob o céu sempre foram onde encontrei paz no fim do dia, mas aqui com Abel... há algo mais. Algo maior, algo palpável. Algo que parece um pouco com cura e muito com um milagre.

"Terminei", sussurro, com os lábios pressionados contra seus cabelos enquanto termino de ler.

"Espere", ele murmura, sonolento e quieto, impedindo-me de fechar o livro. Ele folheia as páginas, até a contracapa, passando os dedos sobre a letra de Emmett, como faz todas as noites. Ele acaricia as palavras, olhando para mim com os olhos sonolentos, estrelas cintilando em um mar verde. "Não se esqueça disso."

Encaro as palavras que Emmett escreveu há mais de três anos, aquelas que eram para o bebê que deveríamos ter. A passagem está borrada agora, a caligrafia antes perfeita manchada pelas lágrimas das noites passadas encolhida aqui mesmo, nesta janela, lendo este livro, fazendo um pedido a uma estrela por um milagre.

E contemplo o menino no meu colo, aquele que passa os dias ao meu lado, fazendo perguntas, aprendendo e ensinando na mesma medida, se descobrindo um pouco mais a cada dia, enquanto coloca suas mãos nas nossas, conquista mais dos nossos corações e nos dá mais da sua confiança. Mas a cada vez que ele descobre uma nova parte de si mesmo, eu encontro uma parte antiga de mim, quase a mesma, só que a monotonia desapareceu.

> Um dia, você estará aconchegado nesta janela, olhando para as estrelas lá em cima. Mamãe vai te abraçar, cantando para você sobre como elas brilham como diamantes no céu. E eu ficarei observando vocês duas juntas, sabendo com absoluta certeza... Se você e sua mãe fossem as únicas estrelas no meu céu, isso seria tudo o que eu precisaria.

Quando termino a passagem, Abel já está dormindo no meu colo. Aproveito mais alguns minutos, saboreando a sensação de tê-lo nos braços, antes de cuidadosamente colocá-lo na cama. Seus olhos se abrem quando dou um passo para trás, piscando lentamente, prontos para embalá-lo novamente para dormir.

Dou um beijo rápido nos meus dedos e sopro na direção dele. "Guarde no bolso para depois."

Ele sorri, retribuindo o beijo e as palavras antes que eu vá em direção à porta. Quando chego lá, sua voz suave me interrompe.

"Cara?"

"Sim, amigão?"

"Dinossauros não protegem outros dinossauros."

"Não protegem?"

"Não. Eles só protegem a si mesmos. Não pensam em mais ninguém." Ele se vira, um suspiro baixo e o farfalhar dos cobertores preenchendo o ar. Bem antes de eu fechar a porta, ele sussurra: "É por isso que minha Cara não é um dinossauro."

Sinto um padrão no peito, rápido e vibrante, uma sensação que se espalha como um mal-estar pelo estômago.

Encaro pela janela do carro o parque no final da rua, e esse mal-estar se espalha pelos meus dedos enquanto eles tamborilam nas minhas coxas, nos meus pés, que eu não conseguiria manter imóveis agora nem que minha vida dependesse disso.

Uma mão grande pousa na minha coxa, um aperto suave que me lembra de parar, de respirar.

Embora eu não saiba exatamente por que a ansiedade escolhe este momento para vir à tona, momentos antes de encontrarmos Catharine, a mãe de Abel, ou irmã, como ele a chama, eu diria que é porque Abel vem falando sobre essa visita há uma semana. Marlene, sua assistente social, nos contou que Catharine cancelou todas as visitas presenciais desde a primeira, depois que Abel foi levado para o Lar Segunda Chance, sempre na manhã da visita e depois de confirmar que estaria lá na noite anterior. Embora Marlene não tenha tido notícias dela hoje, não sei se estou preparado para lidar com a decepção de Abel se Catharine não aparecer.

"Minha Catharine está aqui?", pergunta Abel enquanto Emmett o tira da cadeirinha do carro, com os punhos cerrados de tanta animação. Ele vira a cabeça para a esquerda, depois para a direita, e dá uma volta completa. "Onde ela está?"

"Ainda não, amigão." Emmett o coloca sobre os ombros e Abel dá um gritinho de alegria, agarrando a cabeça. "Vamos no balanço enquanto esperamos? Ou você quer ir

na parede de escalada?"

"Eu que... hum..." Ele bate com o dedo no queixo pequeno e adorável e o levanta. “Ah! Já sei! Vamos subir no... no simulador de escalada, e aí você me coloca nas suas costas de novo, e... e... e eu vou ficar tão alto que vou conseguir ver tudo! Aí eu vou poder ver... vou poder ver a minha Catharine quando ela chegar, né, Emmett?”

“Beleza, cara. Vamos te levar bem alto para você ficar de vigia.”

É um dia ameno de primavera, a brisa quente acariciando meus cabelos enquanto observo meus dois meninos favoritos. Emmett parece comicamente grande no brinquedo de escalar em formato de navio pirata, considerando que ele é feito especificamente para crianças de até cinco anos. Mesmo assim, há algo incrivelmente atraente em um homem de quase dois metros de altura tapando o olho com a mão e fingindo ser um pirata caolho, com direito a muitos "ahoy" e "arr, camaradas", só para fazer o garotinho em seus ombros rir.

Cinco minutos se transformam em dez, e eu suspiro quando uma rápida olhada no meu celular mostra que não há nenhuma mensagem de Marlene. "Por favor", sussurro, mordendo o lábio inferior. "Por favor, apareça."

Uma gargalhada estridente me faz olhar de volta para Abel, e eu sorrio ao vê-lo rolando de costas no brinquedo, se divertindo à beça enquanto Emmett parece estar lutando pela sua própria diversão. Meu homem esconde a mão direita na manga do suéter enquanto grita, caindo de forma tão teatral que parece uma atuação digna de Oscar.

"Ah! Minha mão! O crocodilo! Ele pegou minha mão!" Emmett estende a outra mão em direção a Abel. "Socorro, capitão! Antes que ele pegue minha outra mão!"

A cena alivia a tensão nos meus ombros e respiro fundo, soltando o ar enquanto checo meu celular novamente. Nenhuma mensagem de Marlene e Catharine está quinze minutos atrasada, o mesmo tempo que nos disseram para esperar antes de sair.

"Só mais cinco minutos", murmuro. "Estou te dando mais cinco minutos."

Vejo um movimento com o canto do olho e vislumbro um tom castanho-avermelhado profundo antes que desapareça atrás de uma árvore. Infelizmente para ela, esqueceu de fazer os sapatos sumirem.

A pulsação nos meus ouvidos diminui e meu peito se esvazia lentamente de alívio. Espero um minuto, o suficiente para que ela reúna coragem, ao que parece, porque,

lenta mas seguramente, a jovem sai de trás da árvore, e não tenho dúvidas de quem ela é.

Dos cabelos cor de cobre, das maçãs do rosto salpicadas com as mesmas sardas, e daqueles olhos, de um verde sábio e frio, sei com certeza que esta é a mulher que trouxe Abel ao mundo.

Observo-a parada ali, com os olhos fixos em Abel enquanto ele corre, grita e ri, e quando as lágrimas enchem seus olhos, enchem os meus também.

"Catharine! Emmett, Cara, olhem! É a minha-minha-minha Catharine!"

Ela enxuga as lágrimas rapidamente enquanto Abel corre em sua direção, e quando ela sorri, um sorriso enorme e lindo, pouco antes de se encontrarem, vejo aquela covinha na bochecha direita dela, igualzinha à dele.

"Fiz uma coisinha para você", diz Abel, correndo até mim. "Cara, posso mostrar para a Catharine o que eu fiz para ela?"

"Claro que pode." Sento-me no banco, procurando na mochila de dinossauro que eu e o Abel escolhemos para ele na semana em que ele se mudou para cá. Tiro o envelope volumoso e entrego para o Abel, sorrindo para a Catharine enquanto ela se aproxima lentamente. "Oi, Catharine. Eu sou a Cara."

"Oi", ela diz baixinho, puxando as mangas do suéter antes de me oferecer a mão, hesitante. Acho que tinha me esquecido de como dezenove anos é jovem, porque, ao apertar sua mão, percebo dolorosamente que ela é pouco mais que uma criança. Unhas roídas até o sabugo, pulseiras da amizade empilhadas nos dois pulsos, um moletom largo com buracos nos punhos, aberto, revelando sua camiseta antiga das Spice Girls por baixo. Há uma suavidade em seu rosto, um volume nas bochechas que a faz parecer inocente demais para ter passado por tudo o que passou. Porque, além de tudo, vejo o cansaço absoluto em seus olhos, o brilho fraco que me diz que ela já sofreu muito e está com dificuldade de manter a esperança. Um sentimento que conheço muito bem.

Emmett se aproxima correndo, estendendo a mão. "E aí, Catharine. O Abel fala de você o tempo todo. Eu sou—"

"Gato." Os olhos dela se arregalam e ela leva a mão à boca enquanto eu solto uma risada rouca. "Me desculpe." Ela passa as mãos pelo rosto vermelho. "Eu pesquisei vocês no Google. Achei vocês bonitos online, mas pessoalmente, vocês são... uau. E você." Ela gesticula na minha direção. "Achei que fosse só o ângulo, mas—"

"Eu sou mesmo tão bonita assim." Jogo o cabelo para trás do ombro para dar um efeito dramático, mas logo dispenso a brincadeira com um gesto de mão. "Brincadeira. Mais ou menos. Não exatamente."

"Ela não está brincando", confirma Emmett.

"Ah, droga, Abe. Deixa eu ver o que você fez." Ela tira a pilha de papéis, o queixo tremendo enquanto desdobra o primeiro. "Você pintou."

"Comprei as tintas na casa da Cara e do Emmett." Ele aponta orgulhosamente para o peito. “Eu pintei isso para você. E adivinha? Derramei tinta e fiz uma bagunça, e”—ele gesticula com as mãos—“Cara e Emmett nem gritaram comigo.”

Os olhos dela brilham, e ela se ajoelha, pegando as mãos de Abel nas suas. “Estou tão feliz que você possa pintar e fazer bagunça na casa da Cara e do Emmett. Pode me contar sobre suas pinturas?”

Abel se senta com Catharine, identificando cada pincelada na página. Então ela o empurra no balanço, e ele conta tudo sobre como é morar conosco. Ela pergunta qual é a coisa favorita dele para fazer em nossa casa. Fazer pizza com o Emmett, assistir hóquei comigo, ler sob as estrelas com nós dois e ser um time. É isso que ele diz.

Quando Abel pede a ajuda do seu pirata de uma mão só para salvá-lo do crocodilo, Emmett e Catharine trocam de lugar. Sentamo-nos em silêncio no pequeno banco enquanto os observamos brincar, e consigo ouvir as engrenagens na cabeça dela girando tanto quanto as minhas, enquanto cada uma de nós busca as palavras certas.

"Como estão as coisas—"

"Parece que—"

"Ah, desculpe." Aceno para que ela continue. "Pode falar."

"Não, eu só ia dizer, hum..." Ela puxa as mangas sobre as mãos, olhando para os joelhos. "O Abel parece estar muito bem."

"Você acha?"

"Sim, quer dizer, a gagueira dele melhorou muito."

"É? Eu também acho, mas é difícil avaliar em tão pouco tempo sem saber como era a fala dele antes."

Catharine olha para Abel, engolindo em seco. “Começou há cerca de um ano, do nada. A fala dele sempre foi muito boa, talvez porque ele sempre tenha convivido com adultos ou crianças mais velhas. Mas Peter e Elizabeth — quer dizer, meus pais”, ela esclarece, “começaram a ficar muito irritados com ele por tudo. Bobagens, como

derramar leite na mesa de jantar. Uma vez, ele rabiscou o papel com canetinha, e eles jogaram fora todas as canetinhas e giz de cera dele. Comprei mais para ele numa loja de R$ 1,99 e escondi no meu quarto, e quando eles encontraram um dos desenhos dele, rasgaram e me obrigaram a jogar as canetinhas fora na frente dele. 'Ele precisa aprender', disseram", ela murmura. "A única coisa que ele aprendeu foi a gaguejar, porque ele ficava muito ansioso toda vez que eles olhavam para ele."

Cerrando os dentes, olho para o céu, rezando por algum tipo de autocontrole. Quando não encontro a resposta, digo: "Seus pais parecem uns completos idiotas. Sem ofensa."

Catharine solta uma gargalhada. "Que ofensa!"

Dou-lhe um meio sorriso, cutucando-a com o cotovelo. "Como você está?"

"Eu..." Ela franze a testa. "Ninguém nunca me pergunta isso."

"Ninguém? E seus amigos?"

Ela balança a cabeça. "Eles não entendem. Pensaram que tudo isso significava mais tempo para festas. Eu tive um colapso, depois da primeira e única vez que visitei Abel, quando ele ainda estava na casa de acolhimento. Eu não conseguia... não conseguia vê-lo daquele jeito. Disseram-me que ele não falava, que ficava sentado sozinho numa cadeira perto da janela o dia todo. Mas quando a visita terminou e eu tive que ir embora..." Lágrimas escorrem pelo seu rosto, e ela as enxuga com raiva. "Ele gritou. Gritou meu nome várias vezes. Implorou para que eu o levasse comigo. Implorou para que eu não o deixasse. De novo." Ela abaixa a cabeça, mexendo nas mangas da blusa. "Foram necessários dois funcionários para contê-lo. Quando voltei para a casa da minha amiga, ela disse: 'Não entendo. Você conseguiu o que queria.' " Uma risada amarga escapa de seus lábios enquanto ela olha para o céu. "Eu nunca quis ser mãe, nunca mesmo, e definitivamente não aos dezesseis anos. Mas agir como se eu devesse ficar feliz que meu filho de três anos esteja no sistema de adoção para que eu tenha mais liberdade para beber e festejar? É, eles simplesmente não entendem."

Hesitante, coloco minha mão sobre a dela, sentindo como ela fica imóvel sob a minha. "Sinto muito, Catharine. Tenho certeza de que é uma questão de maturidade que virá com a idade, mas, com todo o respeito, suas amigas parecem um lixo." Aposto que todas se chamam Courtney.

Outra risada abafada. "Pode parar de dizer isso. Com respeito, claro."

"Me sinto melhor quando sou direta sobre o quão horríveis algumas pessoas são."

"Eu gosto de você", diz ela com um sorriso triste. "Eu esperava que sim e pensei que não faria ao mesmo tempo. Eu esperava gostar de você porque você estava cuidando de Abel e ele estava feliz. E tudo isso é verdade. Mas eu pensei que não faria porque, bem, sem desrespeito" - ela faz uma pausa para sorrir quando eu rio - "você é rico. Você é bonito. Seu marido é gostoso. Você tem uma vida perfeita. Eu pensei que veria você fazendo isso tão facilmente, tão perfeitamente, e eu me sentiria como... merda. Eu ficaria amargo. Cioso. Mas eu me sinto grato e não posso dizer o quão aliviante isso é."

"Acho que tenho uma boa ideia. E pelo que vale a pena, é uma vida linda, cheia de pessoas bonitas, mas no que diz respeito à perfeição? Nada é exatamente o que parece."

"Eu sonhava em sair daquela casa o mais rápido possível. E quando Abel nasceu, eu sabia que não iria embora por muito tempo. Eles o seguravam sobre minha cabeça, sempre. Não me deixaria ser sua mãe, mesmo que eles me forçassem a continuar com a gravidez e mantê-lo, e toda vez que eu me cansava deles, dizia que eu o pegaria e iria embora, eles riam e me perguntavam para onde eu iria. O que eu faria com um bebê como uma mãe adolescente sem diploma do ensino médio e sem emprego. Eles me disseram que eu precisava deles. Só para eles se virarem e nos expulsarem porque eu cheguei em casa bêbado no meu aniversário de dezenove anos. E eles estavam certos, eu não tinha para onde ir. Meus amigos estavam com muito medo de dizer a seus pais que Abel era realmente meu, que eles estavam mentindo para eles. Uma amiga contou à mãe, e ela nos deixou ficar na primeira noite, mas na segunda noite, quando o pai dela descobriu..." Ela engole em seco, desviando o olhar. "Ela não teve permissão para me ver desde então. Seu pai disse que não queria que sua filha andasse com alguém que não tivesse moral. Sua voz cai assim que minha raiva borbulha. "Me deu cinquenta dólares antes de fechar a porta na minha cara."

Uma risada amarga coaxa na minha garganta. Eu coloco minha mão sobre a dela. "Este não é o momento certo, mas vou precisar de uma lista de nomes. Você não precisa se preocupar com o que vou fazer com a lista; você só precisa ter certeza de que tenho nome e sobrenome, e está escrito da forma mais clara possível."

Catharine solta uma risada antes de seus ombros caírem. "É difícil perder todas essas pessoas, de uma só vez."

Eu aceno com a cabeça. "Com certeza. Dói, e é permitido. Pode doer por um tempo, e talvez para sempre. Mas um dia você olhará para trás e perceberá que essas nunca foram suas pessoas. Não os certos. Os certos não te machucam de maneiras imperdoáveis."

Ela agarra a borda do banco, o fantasma de um sorriso triste em seus lábios enquanto observa Abel. "Eu me pergunto como é ter pais em quem você pode confiar, não apenas para cuidar de você e mantê-lo seguro, mas para amá-lo também, em todos os seus estágios. Eu me pergunto como minha vida teria sido diferente se eu tivesse isso. Em vez disso, o meu ligou para minha assistente social e disse que eu não estava mais morando com eles, que estava surfando no sofá e sem moradia permanente ...

“Levaram seu filho”, completo em voz baixa, seguindo seu olhar para o menino inocente cujo sorriso radiante rivaliza com o sol enquanto ele voa pelos ares no balanço.

“Talvez tenha sido uma bênção disfarçada para o Abel. Eu posso não ser a mãe dele como deveria ser, mas eu jamais gostaria de criá-lo da maneira como me criaram. Acho que nunca me dei conta do quanto aquilo era prejudicial, todos os gritos, as portas batendo, a vergonha... Eu sabia que odiava aquilo, mas quando começou a acontecer com ele, quando vi como o afetava, o quanto ele estava ficando ansioso...” Ela balança a cabeça, fungando. “Essa não é a infância que eu quero para ele. E hoje, com vocês... ele não está olhando por cima do ombro, antecipando o pior. Ele é só... ele é só uma criança. E isso basta. Finalmente.”

Meu coração se aperta enquanto observo Abel e Emmett, dois meninos com mais em comum do que eu imaginava. Dois meninos cujos caminhos precisavam se cruzar em algum momento. Porque, enquanto observo Emmett, vejo nele o pai que ele não teve. E Abel... vejo um menino que não tem mais tanto medo de ser exatamente quem ele é, como tinha há algumas semanas. Talvez... talvez eles precisassem um do outro.

“Eu o amo, sabe?”, diz Catharine, chamando minha atenção de volta para ela enquanto funga, limpando o nariz na manga, ao mesmo tempo em que percebo lágrimas silenciosas escorrendo pelo meu rosto. “Isso nunca foi uma dúvida, e talvez seja a única coisa da qual eu sempre tive certeza nesta vida. Talvez eu nunca tenha desejado ser mãe, mas ele é parte de mim, e quando olho para ele... tudo o que vejo é

inocência. Seu coração é tão puro, tão bondoso, e ele... ele merece uma chance melhor na vida."

"E você? E a sua chance melhor na vida?"

"Eu tenho uma?" Ela ri baixinho, incerta. "Quer dizer, finalmente terminei o ensino médio, o que é ótimo. E consegui um emprego na biblioteca. É só meio período, mas estou economizando tudo o que posso. Espero conseguir um pequeno apartamento de dois quartos em breve, mas tudo é tão caro."

Um pensamento persistente me vem à mente quando ela diz "em breve", um lembrete de que esse tempo com Abel é temporário, que não tenho ideia de quanto tempo ele ficará conosco, ou quando teremos que nos despedir. Dói como eu sabia que doeria, mas neste momento, é a vergonha que me consome. Estamos aqui para sermos seu lar e seu porto seguro até que Catharine se estabilize. Quero que ela se estabilize; ela merece isso e um milhão de outras coisas. E, no entanto, não quero dizer adeus.

Acalmo o leve tremor nas minhas mãos e enxugo as lágrimas, sorrindo. "Que ótimo, Catharine. O que você está fazendo na biblioteca?"

"Só estou repondo as prateleiras. Nada de especial, mas significa que posso ficar rodeado de livros o dia todo."

"Você é um grande leitor?"

"Era enorme. Passava a maior parte do meu tempo livre na biblioteca antes do Abel. Meus pais não me deixavam ler coisas como romances e fantasia, então eu passava fins de semana inteiros lá, procurando um lugar tranquilo para me perder neles. Eu precisava dessa fuga, acho. Me dava esperança de algo mais, algo melhor. Mas foi na poesia que eu realmente me encontrei. Eu até... hum..." Ela para de falar, as bochechas coradas de um vermelho rubi enquanto acena com a mão, afastando as palavras. "Ah, deixa pra lá. É bobagem. Só um sonho."

"Ei, nada é bobagem. Exceto talvez seus pais. E sua amiga. E a maioria dos ex-namorados das minhas amigas. Mas seus sonhos? Nunca."

Ela dá uma risadinha suave. "Sempre sonhei em escrever um livro. Quando não estava na biblioteca, passava horas na minha cama escrevendo em meu diário, e o diário acabou virando poemas bobos. Parei aos quatorze anos, depois que minha mãe encontrou meu caderno. Ela disse que era pecado cobiçar uma vida que não era sua e jogou meus poemas no lixo."

“Nossa, sua mãe sabe mesmo como destruir o espírito de uma garota, não é?”

“Acho que é a especialidade dela. Enfim, voltei a escrever quando estava grávida do Abel. As palavras simplesmente... simplesmente vinham. Não sei explicar. Eu não conseguia parar, mas depois que ele nasceu... eu simplesmente perdi tudo. A motivação, a criatividade. Eu tinha o Abel e sabia que o amava, sentia isso profundamente, e ainda assim me sentia... morta por dentro. Como se não conseguisse respirar, por mais que tentasse.”

“Parece que você pode ter tido depressão pós-parto”, sugiro gentilmente.

“Nossa, sua mãe sabe como é ter depressão pós-parto”, sugiro delicadamente. “Ah, com certeza. Eu sei disso agora, depois de pesquisar, mas quando sugeri na época, minha mãe disse que eu estava sendo preguiçosa, que eu precisava superar isso e seguir em frente como todas as outras mães.”

Minha boca se abre antes que eu possa me conter, mas consigo conter as palavras cheias de raiva que querem sair, passando as pontas do meu polegar e indicador pelos lábios. “Hum-hum”, consigo murmurar, assentindo. “Com certeza. Sim. Faz todo o sentido. Ei, escuta.” Me viro para ela, apoiando o cotovelo no encosto do banco para que ela sinta toda a força das minhas palavras. “Não preciso de muita coisa”, sussurro, com as sobrancelhas arqueadas enquanto lhe lanço um olhar cúmplice. “Só um endereço. Nunca fiz isso antes, mas, honestamente, acho que conseguiria. Ninguém nunca saberia.”

Catharine ri, alto e inesperadamente, sua covinha brilhando enquanto joga a cabeça para trás. “Viu? Por que eu não pude ter tido uma mãe como você? É isso que toda criança merece: alguém disposto a lutar por ela.”

Dou uma risadinha discreta, sentindo uma dor familiar entre as minhas omoplatas.

"De qualquer forma, comecei a escrever novamente depois de terminar meu GED. Sem Abel e sem escola, as palavras simplesmente se acumularam dentro de mim. Sentei-me na biblioteca um dia durante uma tempestade, e as palavras apenas... Veio. Eles surgiram do nada e não pararam. Fiquei sentado lá por horas, perdido nos montes de papel de rascunho que tirei da mesa de artesanato na seção infantil, até que o bibliotecário me disse que a biblioteca estava fechando. Ela começou a juntar os papéis antes que eu pudesse detê-la, e eu estava tão envergonhado que saí. Ela me parou na porta, segurando um dos meus poemas, e ela estava... ela estava chorando. Ela me perguntou se eu precisava de um emprego e comecei dois dias depois. Agora

eu estoco livros o dia todo e faço meu chefe chorar com o que eu consigo escrever no meio. Ela morde o sorriso, igualmente tímida e orgulhosa. "Me sinto bem sabendo que alguém gosta, mas na verdade é apenas... Isso só me faz sentir bem, ponto final. E faz tanto tempo desde que algo me fez sentir bem." O menor levantamento de seu ombro. "É bom ter um sonho novamente também."

"Você já pensou em faculdade? A UBC tem um incrível programa de escrita criativa."

Ela solta uma risada. "Você está sugerindo que eu me inscreva? Eu nunca poderia. Além disso, não era o prazo para se inscrever em, tipo, janeiro? É quase abril."

"Pffft." Eu aceno para ela. "Muitas escolas ainda aceitam admissões tardias."

"Mas a maioria das vagas não será preenchida? Eu nunca vou entrar."

"Vale a pena tentar."

"E mesmo que, por algum milagre, eu entrasse, nunca poderia pagar." Ela balança a cabeça, inflexível, mas eu vejo a guerra sendo travada naqueles olhos. "Não.

"Catharine." Eu toco seu ombro, trazendo seu olhar para o meu. "Vale a pena tentar. Perseguir seus sonhos sempre é. Se há uma pessoa que você nunca deve desistir, é você mesmo."

"Acho que não tenho certeza de como torcer por mim mesma quando ninguém mais me mostrou como", ela admite.

"Pelo que vale a pena, estou torcendo por você. E eu acho que você está começando fabulosamente. Você terminou o ensino médio e conseguiu um emprego. Você está alimentando sua alma fazendo algo que o faz feliz. Esses são passos enormes, mesmo que não pareçam."

Mesmo que ela não tivesse me dito tanto, eu seria capaz de dizer pelo sulco em sua testa e pela queda em seus ombros que ela viveu uma vida onde algo sempre foi esperado dela, onde o que ela estava fazendo nunca era suficiente. Ela junta as mãos, olhando para elas em seu colo. "Como é que eu não conseguia fazer essas coisas antes? Quando eu ainda tinha Abel?"

“Acho que você está encarando isso como uma falha pessoal, quando, na verdade, o problema é a falta de uma rede de apoio adequada. É incrível o que podemos conquistar quando temos as pessoas certas ao nosso lado, aquelas que nos lembram da nossa capacidade, do quanto somos amados, mesmo quando falhamos. Aquelas que nos ajudam a carregar o nosso fardo para que possamos priorizar a nós mesmos.

Porque é isso que você merece, Catharine. Você merece poder se priorizar e merece ter alguém na sua equipe que ajude a tornar isso possível. Não é sua culpa que você não tenha tido isso."

Eu olho para o parque e vejo o homem com quem tenho a bênção de ter construído esta vida, o garotinho que atualmente é o centro do nosso mundo. E sei que me esforcei muito para chegar até aqui. Que mereço tudo de bom, porque me dediquei a buscar isso. A buscar o melhor. Ficou mais fácil quando encontrei Emmett, sim, porque o jeito como ele me incentivava rivalizava com o rugido da torcida dos Vipers no jogo sete da última rodada dos playoffs. Mas antes dele, eu tinha a mim mesma. E eu precisava ser suficiente para mim mesma.

Meu olhar volta para Catharine, ainda uma criança em tantos aspectos, e eu sei que o mais importante para ela será acreditar que é suficiente, que é capaz. Que pode superar tudo isso e ser quem ela quer ser, a pessoa que ela abandonou há tanto tempo.

"Se Abel merece uma chance melhor na vida, você também merece. Ame-se o suficiente para ir atrás dela. Ame-se o suficiente para saber que a única pessoa que determina o seu valor é você mesma. Ame-se o suficiente, valorize-se tanto, que desistir? Não seja mais uma opção. Às vezes, a única voz que te incentiva é a sua própria, então ela deve ser sempre a mais alta."

OceanofPDF.com

29 MEU ABEL Emmett

Há poucas coisas das quais sempre tive certeza nesta vida. A primeira é Cara, e a segunda é que às vezes as famílias são forjadas. A terceira?

Hóquei.

O hóquei sempre foi a minha fuga. Meu refúgio. Minha liberdade.

Quando eu era mais novo, era a única coisa que unia meu pai e eu. Ele me deixava ficar acordado até tarde para que eu pudesse assistir ao terceiro período do jogo, passávamos incontáveis manhãs de sábado patinando na pista local até que eu tivesse idade suficiente para que o hóquei ocupasse todo o meu fim de semana e, eventualmente, a maior parte dos meus dias de semana também. Eu vivia para a viagem de carro depois do jogo, onde ele me elogiava o caminho todo para casa, e se eu tivesse marcado um gol, ele me levava ao drive-thru do Wendy's para comprar batatas fritas e um Frosty para mergulhar.

Em algum momento antes do meu décimo aniversário, percebi que nosso amor compartilhado pelo hóquei não era mais mais importante do que os gritos, a intimidação, a vergonha. Que conviver com essas coisas dia após dia não fazia os elogios valerem a pena, nem as batatas fritas ficarem mais gostosas.

Em algum momento antes do meu décimo aniversário, essas viagens de carro se transformaram em sermões sobre o que eu estava fazendo de errado, tudo o que eu poderia fazer melhor. Como fazê-lo feliz, em vez de como me fazer feliz.

E então, cada treino, cada jogo, cada minuto passado no gelo ou treinando para o gelo era um tempo longe dele. Uma fuga da sua irritação constante com tudo o que eu fazia, das palavras que ele disparava sem pensar, de um dia péssimo no trabalho que se transformava em um mau humor que durava semanas a fio, e que meus irmãos e eu éramos obrigados a suportar.

Lembro-me do dia em que decidi que faria o que fosse preciso para chegar à NHL, só para sair daquela casa e me afastar de um homem que eu não suportava olhar. Para que eu não me tornasse exatamente como ele um dia. Porque enquanto eu estava aos

pés da minha cama aos treze anos, duas horas depois do meu time perder o jogo do campeonato, com meu pai gritando na minha cara, perguntando o que diabos havia de errado comigo, por que eu não conseguia fazer nada direito, esse era o único pensamento na minha mente: eu não quero ser nada parecido com ele.

Então, dediquei tudo o que tinha ao hóquei, até sair por aquela porta aos dezoito anos, depois de Vancouver me selecionar no draft, e nunca, jamais olhei para trás.

Enquanto olho para Abel, para o jeito como ele acha que sou o máximo só por causa de um jogo, sei que quero uma conexão que vá muito além do que um taco e um disco jamais poderiam ser.

“Emmett?” Ele coloca uma mão sobre o peito, sua mini camisa azul dos Vipers com meu nome e número nas costas, o dinossauro de pelúcia debaixo do braço vestindo uma camisa combinando, feita de crochê pela avó do Jaxon. “Minha Cara, hum, minha Cara disse que vai assistir ao seu jogo de hóquei hoje à noite. Você sabia? Eu... eu... eu vou estar lá, então se você ficar com medo enquanto estiver patinando, pode vir me dar um abraço, e aí você vai se sentir melhor, né?”

Sorrio para o prato enquanto corto as bordas do sanduíche de queijo grelhado e peru, arrumo as fatias de morango como espinhos na parte de cima do sanduíche e corto a banana ao meio longitudinalmente, distribuindo-as ao redor do sanduíche de forma que uma pareça um pescoço comprido e a outra, um rabo. Finalizo o dinossauro com um único olho de chocolate na banana e deslizo o brunch para ele. Acho que ele está passando por um estirão de crescimento, porque nas últimas duas semanas ele precisou de uma segunda refeição completa entre o café da manhã e o almoço. "Eu sempre me sinto melhor quando você está por perto. Você me faz sentir mais corajoso."

Ele engasga, subindo em um banquinho. "Um dinossauro? Emmett, você fez um dinossauro para o brunch?"

"Eu tentei o meu melhor."

Ele pula de volta do banquinho, desaparecendo atrás da ilha. Reaparece um instante depois, abraçado às minhas pernas. Com o queixo apoiado na minha coxa e um sorriso radiante só para mim, ele me diz: "Tenho tanta sorte de você ser meu Emmett", e eu espero que, se existe uma única coisa neste mundo que eu possa fazer direito além de amar a Cara, seja amar o Abel.

Eu o abraço forte. "Tenho tanta sorte de você ser meu Abel."

"Podemos dar uma volta depois do brunch?"

“Ah, amigo, não sei.” Olho pela janela da cozinha para o céu cinzento, a chuva que cai desde ontem. Não está ajudando muito na minha motivação, o que não é nada bom antes do jogo de hoje à noite na primeira rodada dos playoffs. “Está chovendo hoje.”

“É, mas eu tenho meu traje de chuva que a mamãe me deu, lembra? E além disso”—ele levanta as palmas das mãos num gesto de dar de ombros—“você não sabe o que sai na chuva?”

“O que sai na chuva?”

Ele me mostra os dedinhos inquietos. “Minhocas! Minha Catharine me disse—ela me disse que minhocas saem na chuva, e—e—e às vezes, a gente ia caçar elas!” Ele olha para mim, me lançando o que eu apelidei de “olhos”. Cara o ensinou a arregalá-los ainda mais quando ele quer algo muito especial. Ele usa esses beijos todas as noites, quando estamos saindo do quarto dele, bem antes da porta fechar, para pedir só mais um beijo de boa noite.

Envolvo a nuca dele com a mão e dou um beijo na testa. "Vamos caçar minhocas."

Recrutamos Carter e Ireland, e Adam, Lily e Connor pelo caminho, chapinhando pela vizinhança e subindo a trilha atrás dela, desaparecendo em meio a pinheiros verdejantes e o ar mais puro que você já respirou, até ficarmos cobertos de lama, e cada criança com um apanhador de insetos de plástico cheio de achados, de minhocas e gafanhotos a galhos e pinhas.

"Olha essa!" grito, e Adam e Carter correm até mim, inclinando a cabeça para examinar minha mais recente descoberta. "Ainda está verde e macia."

"Ah, é?" murmura Carter, sentindo minha bolota.

"Deve ser uma fresquinha", diz Adam. "Olha o que eu achei." Ele abre a palma da mão, mostrando-nos sua pedra. “É tão lisa. Não acredito como é lisa. Acho que nunca senti uma pedra tão lisa. Aqui, sintam.”

“Olha o que eu encontrei. Achei tantas pedras legais que não consegui decidir quais devolver, então fiquei com todas.” Carter enfia a mão nos bolsos do casaco, punhados de pedras e bolotas caindo aos seus pés. “Não! Minha coleção!” Ele cai no chão úmido da floresta, tentando juntar suas descobertas enquanto Adam e eu observamos. “Irlanda, posso colocar minhas pedras no seu—”

“Não, não em tanques.”

“Mas, Irlanda, querida, os bolsos do papai estão cheios, e—”

“Não! Não, papai!” Ela puxa o apanhador de insetos para longe, as sobrancelhas franzidas enquanto o encara. Aqueles olhos verdes se voltam para as pedras em suas mãos, e ela estende a mão, agarrando o que consegue com seus punhos minúsculos antes de apertá-los contra o peito. "Meu wock!"

Carter engasga, depois estreita o olhar. Ireland mostra a língua para ele. Ele retribui o gesto. Ela se vira para Abel, segurando sua mão.

"Vamos, A-bow. Nada de wock para o papai."

"Ela puxou a mãe", murmura Carter enquanto voltamos pela trilha.

Adam bufa, colocando Connor nos ombros.

"É, da mãe mesmo", murmuro. "Com certeza."

Lily caminha ao meu lado, entrelaçando sua mão na minha. "Tio Emmett? Posso te perguntar uma coisa?"

“Claro, Lil. Pode me perguntar qualquer coisa.”

“O curativo da tia Cara saiu?”

“O curativo dela?”

“Sim, do machucado dela. Ela se machucou e ficou muito triste. Mas ultimamente, ela sorri tanto. E ri muito. Achei que talvez ela tivesse tirado o curativo.”

Meu olhar se volta para Abel, que está sendo mandado por uma garota que tem metade do seu tamanho, e a sensação no meu peito, o jeito que meu coração se enche e bate forte e constante, é instantânea. E penso em Cara. A energia renovada, a luz que dança em seu olhar, o sorriso fácil que acompanha Abel aonde quer que ele vá, a risada que ecoa pelas paredes.

“Não tenho certeza se o machucado dela vai sarar completamente”, digo a Lily. “É assim que algumas pessoas funcionam. Algumas se curam rápido e desaparecem, outras ficam com uma cicatriz. Às vezes dói um pouco menos, mas a cicatriz nunca some.”

Lily acena pensativa com a cabeça. “Como a cicatriz da mamãe na barriga, de onde vieram Iris e Connor. Mamãe diz que às vezes olha para ela e se lembra de tudo o que passou.”

“Exatamente assim. Acho que Cara sempre terá uma cicatriz, mas... acho que ela está aos poucos tirando o curativo.”

“Um dia de cada vez?”

“Um dia de cada vez.”

ESPEREI MUITO TEMPO por este momento.

Ar fresco no meu rosto enquanto deslizo pelo gelo, uma arena cheia de azul e verde gritando meu nome, uma terceira Stanley Cup ao alcance enquanto nos preparamos para varrer Dallas em quatro jogos e avançar para a segunda rodada dos playoffs. É tudo lindo, até incrível, mas são aqueles dois pares de olhos, um de um azul fulgurante, o outro de um verde-sálvia suave, o jeito como acompanham cada passo meu, gritam por mim mais alto do que qualquer um, aparecem só para mim... esse é o momento que esperei a vida toda.

A placa que o Abel colou no vidro quase me convenceu, embora eu suspeite que não foi ele quem fez.

EI, NÚMERO 88! SUA ESPOSA DISSE QUE UM GOL = UM PRESENTE ESPECIAL.

"Se soubéssemos que a promessa da sua esposa de te dar uma mamada a cada gol marcado seria um incentivo tão bom, teríamos pedido para ela fazer isso no começo da temporada."

Dou uma risadinha, cutucando o Jaxon com o cotovelo enquanto nos reunimos perto da lateral da pista, esperando o Dallas terminar a troca de jogadores. "Ela não está me prometendo uma mamada." Ela definitivamente está me prometendo uma mamada. Pelo menos três das duzentas vezes que a olhei durante os cinquenta e nove minutos e vinte e dois segundos de jogo desta noite resultaram nela passando a língua pela parte interna da bochecha enquanto lançava um olhar significativo para a placa.

Como agora, enquanto nossos olhares se cruzam enquanto me preparo para o faceoff. Só que desta vez, ela toma um gole, deixando escorrer um pouco, e então arrasta aquela maldita língua, tão lentamente, pelo lábio inferior, tudo sem tirar os olhos de mim.

Vou acabar com aquela buceta hoje à noite. Por que você acha que estou a um gol de um hat-trick? Vou aproveitar a oportunidade.

“Emmett! Emmett!” Abel pula de alegria, batendo no vidro enquanto Lennon tira uma foto dele, meu fã favorito, com meu nome nas costas e meu boné na cabeça.

“Esse é o meu Emmett! Eu te amo, Emmett!”

E isso é tudo o que eu preciso para me animar. Carter rouba o disco assim que ele é lançado, jogando-o de volta para Jaxon, que o passa para Garrett. Ele arremessa o disco contra a tabela, driblando o ala-esquerda do Dallas, e quando o pega do outro lado, o devolve para Carter.

Eu corro por um defensor, pairando ao lado do gol, um passo atrás dele, enquanto os olhos de Carter percorrem a zona ofensiva, registrando a localização de cada jogador.

Ele se prepara para o chute, com o taco totalmente para trás, antes de disparar para frente, e o goleiro mergulha para a esquerda em antecipação, com seu defensor se movendo também. Mas Carter não completa o movimento. Ele para o taco bem antes de tocar no disco e muda de direção, lançando-o para onde eu estou esperando ao lado do gol, naquele espaço vazio onde o goleiro estava um instante atrás.

"Porra!" grita o goleiro, mergulhando de volta.

Mas o disco já está na lâmina do meu taco e, uma fração de segundo depois, está no gol, meus braços no ar, momentos antes de meu corpo tocar o gelo, meus companheiros de equipe se amontoando em cima de mim enquanto a arena explode em gritos.

Abel está ocupado demais pulando em um abraço coletivo com Lily, Ireland e Connor para me ver patinar, então Cara tem minha atenção total quando levanto três dedos e sussurro: "Você me deve uma".

"TODOS JÁ RESOLVERAM A QUEM FICOU COM AS CRIANÇAS?" pergunta Carter quarenta minutos depois, enquanto corremos de volta para nossos uniformes.

Puxo minha cueca boxer para cima e visto a calça, com o cabelo ainda molhado do banho, enquanto aperto o cinto. "A Emily já está lá em casa, esperando a gente chegar. O Abel está animado para mostrar as estrelas da janela dele para ela."

"O Archie e o Marco estão cuidando das crianças. É a primeira vez que a Rosie fica longe da Iris, então ela está um pouco nervosa."

"O Ollie também." Carter enfia o celular no bolso de trás e ajeita a gravata. "Minha mãe e o Axel vão dormir aqui. O Ollie disse que ela vai chorar ou ficar bêbada. Eu

disse que, conhecendo ela, vai ser os dois." Ele franze a testa. "Ela não gostou muito disso." Ele sorri, com um olhar distante. "Terminou comigo transando com ela no chuveiro."

"Ninguém está cuidando do Mitts", diz Jaxon enquanto caminhamos para o corredor. “Caso alguém estivesse se perguntando. O coitado está se virando sozinho a noite toda, se perguntando onde estão a mamãe e o papai, e se alguém o ama.”

“Seu gato tem quase cem mil seguidores no Instagram”, lembro a ele. “Ele não está se perguntando se alguém o ama.”

“Ah, meu Deus, sim, Lennon!”, Garrett grita. “Eu estava esperando por essa! Me pega, me pega!”

Lennon ri baixinho do lado de fora do vestiário, gravando com o celular em um tripé enquanto tira fotos com a câmera. Ela faz uma pergunta antes e depois de cada jogo, usando as filmagens, geralmente ridículas, para conteúdo nas redes sociais. É incrível quantas vezes viralizamos — Garrett por se atrapalhar em quase todos os vídeos, Jaxon por seu conteúdo de pai de gato e Carter, bem, com ele é meio a meio. Às vezes é o nível absurdamente alto de insinuações sexuais que ele coloca nas respostas para Olivia ver, e outras vezes é sua dedicação em ser pai. Adam e eu continuamos viralizando porque Lennon adora fazer montagens de nós sorrindo para a câmera.

Enfim, ela sempre tem a pergunta escrita em um pequeno quadro branco que coloca ao lado do celular, assim podemos preparar uma resposta antes de chegar lá. Hoje, porém, não há como se preparar para esta pergunta. Ela simplesmente é o que é.

“Sr. Andersen, o garoto desajeitado favorito de Vancouver, o que tem na sua tela de bloqueio?”

Garrett já está rindo baixinho, com o celular na mão. “Carter. Carter, você está vendo?” Ele mostra a tela do celular: uma foto do reflexo de Jennie no espelho do estúdio de dança.

“Nossa, uma foto da minha linda irmã”, Carter murmura, revirando os olhos.

“É, é a minha-minha”—ele fecha os olhos com força, e lágrimas de verdade escorrem enquanto ele treme de tanto rir—“minha refeição antes do jogo!”

“Seu filho da puta!” Carter grita, saindo correndo pelo corredor atrás de um Garrett que dá gritinhos.

“Seu filho da puta”, Lennon corrige baixinho, batendo na mão de Jaxon. “Riley, o que tem na sua tela de bloqueio?”

Jaxon sorri, mostrando uma foto de Lennon e Mittens. “Minha esposa maravilhosa e nossa estrela brilhante.”

“Resposta correta. Você vai transar hoje à noite. Lockwood, acho que já sabemos a resposta, mas diga mesmo assim.”

Adam mostra orgulhosamente uma foto de Lily, Connor e Iris, além de seus cachorros, Bear e Piglet, e seu gato, Dinosaur. “Meus filhos.”

“Impressionantes. E Sr. Brodie, o que você tem para nós?”

“Você tem sorte de não ter perguntado isso semana passada”, murmuro enquanto pego meu celular.

Lennon me olha com os olhos semicerrados. “Por quê...? Na verdade, sabe de uma coisa? Não responda. Eu te conheço. Conheço sua esposa. Sei que não é para menores.”

Dou um sorriso, olhando para a foto de Cara, Abel e eu em um barco, com focas descansando em uma pedra enorme na água atrás de nós. É do sábado passado, depois que perguntamos a Abel o que ele queria fazer naquele fim de semana. Ele disse que queria “ver uns peixinhos”. Naturalmente, acordamos um pouco cedo, fomos ao nosso café favorito para tomar café da manhã e comer biscoitos, e o levamos para observar baleias. Ele adorou as baleias, mas foram as focas que o encantaram de verdade. Ele disse que foi o melhor dia da vida dele, mas parecia que também tinha sido o melhor dia da minha vida e da Cara. Acho que é por isso que coloquei essa foto como tela de bloqueio assim que o colocamos na cama naquela noite, porque sorrisos tão brilhantes quanto esses merecem ser vistos.

“Minha família”, é a resposta que finalmente dou, bem na hora em que eles aparecem junto com os outros, a mão de Abel entrelaçada na de Cara, o bebê Hunter preso ao peito dela.

O rosto de Abel brilha como o sol quando ele me vê correndo pelo corredor, o chapéu virado para trás, o dinossauro de pelúcia debaixo do braço. “Emmett!”

Abro os braços, deixando-nos colidir com um baque antes de pegá-lo no colo, jogá-lo para o alto e aconchegá-lo contra o meu peito, minha risadinha favorita presa na minha garganta. “Você se divertiu no seu primeiro jogo de hóquei?”

Ele coloca uma mão na minha bochecha, encostando a testa na minha, um sorriso terno que não desaparece enquanto sussurra: “Tenho tanta sorte de você ser meu Emmett.”

Meus olhos se fecham com a sensação que me invade, um rio de águas calmas que silenciosamente exige mais, abrindo um novo caminho por um terreno desconhecido, uma voz suave que promete, sem rodeios, que eu nunca mais serei a mesma, não depois de conhecer um amor como este. "E eu tenho tanta sorte de você ser meu Abel."

OceanofPDF.com

30 OFFICER DADDY Cara

TODO CANADENSE QUE SE PREZA SABE duas coisas sobre o feriado prolongado de 24 de maio. Primeiro, raramente ele cai exatamente no dia 24 de maio, e segundo, sempre. Chove.

É por isso que o feriado prolongado deste ano começa apenas no dia 17 de maio, e o tempo—

"Você nem gosta do sol", Rosie me lembra. “Você sempre diz que o sol só está aqui para—”

“Nos queimar e nos envelhecer, sim, e eu mantenho minha palavra. Mas, primeiro, o Abel está tão animado para ver seus primeiros fogos de artifício que passou os últimos quatro dias assistindo à transmissão ao vivo dos fogos noturnos da Disney e está arrasando em todos os seus ‘oohs’ e ‘aahs’. Segundo — e anote isso, porque é muito importante — garantir que eu seja prensada contra a parede e/ou amarrada de pernas abertas no colchão e fodida com tanta força que eu esqueça meu próprio nome depende inteiramente de o Emmett me ver com o maiô que comprei há dois dias.”

“Você age como se o Emmett não te comesse mesmo se você estivesse usando um saco de papel”, murmura Lennon do banco do motorista enquanto voltamos para casa depois da nossa escapada noturna para o spa.

“É verdade, Lennon. Sim, ele sempre me acha linda, e ele sempre, sempre, sempre me comeria. Obrigada por me lembrar disso.” Estendo a mão para apertar seu ombro, sorrindo para ela pelo retrovisor. "Mas eu não quero só ser fodida, eu quero ser destruída. Aniquilada. Quero esquecer como andar, como falar e, sinceramente? Quero chamá-lo de papai e ver como ele reage."

"Eu faço isso agindo como uma pirralha mimada e fingindo que não preciso do Garrett, só dos meus brinquedos e dos meus próprios dedos." Jennie traça o contorno dos lábios, com um olhar distante. "Mas eu realmente gosto do momento antes dele

'virar', quando ele fica lá parado com o queixo caído, incapaz de falar frases completas. É como vê-lo entrar em curto-circuito em tempo real."

"O Carter adora quando eu o chamo de papai", murmura Olivia.

"Eca." Jennie se vira no banco, tentando dar um tapa em Olivia. "Dá para parar?"

"Desculpe", diz Olivia, mas seu sorriso diz que não há um pingo de remorso por trás daqueles lindos olhos castanhos.

Rosie desvia o olhar, as bochechas coradas de rosa. Eu levanto uma sobrancelha, cutucando-a. "Derrame, irmã. Adam tem uma torção de papai, não é?"

"Não", ela mente, todo o rosto e as pontas das orelhas agora com um tom furioso de vermelho enquanto ela balança a cabeça. "Ok, bem, talvez. Sim. Sim, ele tem uma torção de papai. Mas não é como um estranho... é só que ele ama tanto ser pai, e ele está tão orgulhoso de si mesmo, e não há absolutamente nada neste mundo mais atraente para mim do que vê-lo ser um pai tão incrível, e então uma noite, eu talvez meio que disse 'Você é um pai tão bom' quando ele entrou no quarto depois de colocar as crianças no chão, e eu talvez meio que tenha dito isso em voz baixa, e talvez eu tivesse acabado de sair do chuveiro e deixado cair minha toalha logo depois que eu disse isso, e ele definitivamente entrou em curto-circuito por dez segundos sólidos antes de me empurrar contra a parede e ... bem..." Ela limpa a garganta, coçando o nariz. "Essa pode ter sido a noite em que Iris foi concebida."

O carro explode com aplausos enquanto Rosie enterra seu rosto flamejante, e eu enrolo um braço em volta dela, abraçando-a ao meu lado. "Essa é a porra da nossa garota!"

"Eu era tão recatada antes de vocês," ela resmunga quando eu a solto.

Olivia bufa uma risada. "Por favor."

"Você estava entediado e desesperado pelo tempero que trouxemos para sua vida", diz Jennie.

"Eu era tão recatado", eu imitei. "Diz a garota que fodeu sete preservativos na primeira noite em que dormiu com Adam."

Lennon suspira, batendo a mão contra o volante. "Sete? Rosie! Como você pôde mesmo... Quer dizer, eu ouvi sobre o incidente dos dicksicles de Natal há dois anos. Eu vi as fotos das impressões. Eu sei que Adam está embalando um calor sério. Como você pôde ficar de pé no dia seguinte?"

Não deveria ser possível, mas o rosto de Rosie queima um tom ainda mais profundo de vermelho. "Isso não está aqui nem ... Não vamos... É... Ele é..." Ela suspira, abaixando a cabeça. "Enorme. Eu não conseguia andar direito por dias."

Eu aceno com a cabeça solenemente, dando um tapinha em sua mão. "Dickmatizado. Não precisa ficar envergonhado. Todos nós já passamos por isso. Isso é tudo que eu quero esta noite."

"Você pode estar com sorte", diz Jennie, com os olhos pela janela enquanto contornamos a Cypress Mountain, em direção ao norte de Vancouver. "Parece que as nuvens estão se dissipando dessa maneira."

Eu coloco minha cabeça entre os bancos da frente, ofegante enquanto aponto para o para-brisa. "Veja! Luz do sol!" Acomodando-me no meu assento com um sorriso satisfeito e um suspiro de alívio, murmuro: "Estou pronto para você, Pussy Pounder Five Thousand."

“Estou com um aperto no estômago”, diz Olivia meia hora depois, enquanto Lennon entra no bairro, indo em direção à rua de Adam e Rosie. “Não é que eu não confie neles para manter as crianças vivas. Eles são capazes, eu sei disso. Além disso, fizemos uma chamada de vídeo com eles hoje de manhã. Eu só... não confio neles para se manterem vivos, sabe? Eles estão sempre aprontando alguma coisa. Toda vez que os deixo sozinhos, eu fico pensando: o que será que vai acontecer dessa vez?” Ela ri, um som nervoso e forçado, enquanto se ajeita na cadeira, esfregando a testa.

Rosie estende a mão por cima de mim para dar um tapinha nos joelhos de Olivia. “Eu acho — e digo isso com delicadeza — que talvez você esteja pensando demais. Precisamos nos lembrar de que os meninos são maduros, adultos...”

“Que. Porra.”

“Ai, meu Deus.”

“São... fantasias de Halloween?”

“Bem, certamente não são do comprimento regulamentar.”

“Quem achou que alguma delas conseguiria enfiar a bunda toda dentro desses shorts?”

“Nem pensar, nenhuma delas.”

“Rosie.” Olivia cruza os braços sobre o peito, tamborilando os dedos, com as sobrancelhas arqueadas. “Estou esperando.”

Rosie pisca. Uma vez, depois duas. Três vezes, depois quatro, aparentemente incapaz de desviar o olhar da... da... seja lá o que for que esteja acontecendo na sua entrada de garagem. Finalmente, ela abaixa a cabeça. “Desculpe, Ollie. Minha fé foi um pouco mal depositada.”

Jennie oferece a ela um sorriso compreensivo do banco da frente. “Seu marido é o mais maduro; sua fé mal depositada faz sentido.”

Lennon estaciona no final da longa entrada de garagem, e saímos do carro, observando a cena à nossa frente. Hunter, Brodie e Iris estão deitados de bruços em uma manta estendida no gramado da frente, cercados por um monte de almofadas, embora tudo o que consigam fazer seja rolar de frente para trás, e isso leva pelo menos cinco minutos.

Abel, Connor, Ireland e Lily estão cada um ao volante de um BMW de brinquedo, cada um de uma cor diferente, brilhante e novo.

E os meninos... droga, os meninos.

Carter surge em alta velocidade na lateral da entrada da garagem em um SUV de polícia de brinquedo, com as sirenes ligadas, as luzes piscando, óculos escuros, a perna esquerda apoiada na porta e o joelho direito preso atrás do volante. O carro para bruscamente ao lado de Ireland, que lidera as crianças, o que não é nenhuma surpresa, mesmo ela sendo a mais nova do grupo.

Carter sai do carro, ou tenta, puxando o joelho para fora e tropeçando na saída. Ele dá um pulinho em um pé só para recuperar o equilíbrio, olhando para trás, para o carro, e diz: "Ainda bem que ninguém viu isso."

"Meu Deus", murmura Olivia.

Voltando-se para as crianças, Carter coloca as mãos na cintura e caminha lentamente, com ar de superioridade, até elas. "Ora, ora, ora", murmura ele. "Vejam só o que temos aqui. Sabe a que velocidade você estava, mocinha?"

Ireland dá uma risadinha, escondendo o rosto na mão, enquanto as outras crianças se contorcem de tanto rir.

Carter tira os óculos escuros, agarrando-se à lateral do carro dela enquanto se inclina. "Aconteceu alguma coisa engraçada?"

Ela aponta o dedo para o rosto dele. "Que cara engraçada!"

"Muito bem, já ouvi o suficiente." Carter mexe no cinto de utilidades — ah, esqueci de mencionar que ele está claramente levando seu papel de policial muito a

sério e está completamente vestido com uma fantasia de policial? — e leva um walkie-talkie à boca. "Câmbio, coelhinhas do hóquei. Policial Papai para coelhinhas do hóquei, vocês me ouvem?"

"Ele acabou de dizer Policial Papai?" Lennon sussurra.

"Ele acabou de dizer Policial Papai", Rosie confirma.

"Vou vomitar", Jennie sussurra.

O olhar de Olivia percorre o corpo dele antes de voltar lentamente para cima. "Estou adorando. Queria ter vergonha de dizer isso, mas não tenho."

"Estamos te ouvindo", a voz de Emmett soa pelo walkie-talkie. "Mas, por favor, nunca mais se chame de Policial Papai."

“Negativo, policial estraga-prazeres.” Carter agarra o passador do cinto, puxando o short para cima, e eu garanto: se há uma coisa que aquele short não precisa, é ser puxado para cima. “Parei dois criminosos vagabundos a um quilômetro e meio por hora numa área residencial. Estão me dando trabalho. Vou precisar de reforço aqui, o mais rápido possível.”

“Afirmativo, capitão. Já estamos indo. Aguardem.”

Carter guarda o rádio, erguendo as sobrancelhas para as crianças. “Ouviram isso? Essa voltinha de vocês acabou. Seus dias de diversão? Estão contados.”

Sirenes cortam o ar, e as crianças se põem em posição de sentido, gritando de rir enquanto, um por um, Emmett, Adam, Garrett e Jaxon saem da lateral da casa, cada um espremido em seu próprio carro de polícia. Eles estacionam seus carros ao lado de Carter, cada um com a mesma dificuldade que ele ao sair, alinhando-se ao seu lado, tirando os óculos escuros, colocando as mãos na cintura, como se tudo fosse uma coreografia ensaiada há semanas.

"Ora, ora, ora", murmura Emmett, girando um par de algemas no dedo, e tenho certeza de que vamos usá-las esta noite. "Para onde vocês quatro estão indo com tanta pressa?"

Adam abaixa os óculos escuros. "Agora sei que vocês não estão tentando fugir da cidade, estão?"

Garrett passa o dedo pelo retrovisor do BMW de Abel. "Esses carros parecem familiares para vocês, policiais? Tipo aqueles que foram, sei lá... roubados da concessionária ontem à noite?"

Lily cai na gargalhada, balançando a cabeça. "Não! Não roubamos!"

"Ouviram isso, policiais? Parece que temos uma risonha aqui." Jaxon contorna o carro dela lentamente, tirando os óculos de sol e colocando a ponta na boca enquanto se agacha na porta. "Vou te perguntar isso só uma vez, mocinha. Onde você conseguiu o carro?"

"Meu Deus do céu", murmura Lennon, escondendo o rosto na mão.

É. Meu Deus do céu. Mas a pior parte? As roupas combinando.

Mas o que há de errado com roupas combinando, você pergunta?

Pode ser que sejam pelo menos dois tamanhos menores para esses dois grandalhões. Ou pode ser o fato de que eles parecem strippers, já que—

"Vocês não podiam ter comprado pelo menos fantasias de policial de tamanho normal?"

Cada cabeça chicoteia em nossa direção com a voz de Olivia enquanto começamos a caminhada pela longa calçada. As crianças gritam de emoção, saindo de seus carros com uma graça que esses homens nunca poderiam possuir, voando em nossa direção. Eu tento não notar a maneira como Abel se detém, em vez disso, sento-me nos degraus da varanda, com a cabeça entre as mãos, como se ele não quisesse me ver.

Os olhos de Carter brilham. "Ollie, garota! Você está em casa!" Seus olhos se estreitam de repente, como se ele tivesse acabado de registrar o comentário dela, e ele zomba. "Nós iríamos, eu juro! Tudo o que restava era um policial sexy!"

"Por favor. Você espera que eu compre isso? Você está sempre procurando uma oportunidade para mostrar suas coxas!"

"Oh, aqui vamos nós." Ele joga os braços sobre a cabeça na verdadeira teatralidade de Beckett. "Desculpe, fui amaldiçoado com coxas sensuais e deliciosas, Ollie!"

Adam limpa a garganta. "Dói-me dizer isso, mas é, uh, verdade."

Carter funga, enfiando o nariz no ar. Ele se vira ligeiramente, apenas o suficiente para flexionar os músculos de suas coxas nuas, nem um centímetro deles cobertos por seus shorts. "Obrigado."

Adam revira os olhos. "Sobre as fantasias sensuais de policial serem as únicas que sobraram. Não as coxas deliciosas de Carter.

Garrett ri, dando uma cotovelada em Jaxon na lateral. "Adam chamou as coxas de Carter de deliciosas."

"A garota da loja disse que eles sempre estocam policiais sensuais devido à popularidade", explica Emmett, tocando um dedo no meu queixo, deixando cair os

lábios nos meus enquanto meus dedos se emaranham na gola de sua camisa muito apertada. "Sua próxima remessa de policial regular não chegaria até agosto, mas..."

"Nós tivemos a ideia ontem", interrompe Jaxon. "E nós, como um todo, fomos - no passado - acusados de ser um pouco -"

"Ollie diz que sou impulsivo", diz Carter, com as mãos para cima em defesa. "E, olha, eu sei que isso parece impulsivo, mas quando você tem uma ideia brilhante, você só tem que correr com ela, sabe?"

"Mhmm." Eu olho para a garagem cheia de carros de passeio. "E os carros? Você realmente precisava de nove deles?"

Os olhos de Carter se arregalam, olhando para os carros, depois para mim. Seu rosto se contorce de indignação. "Nós realmente..."

Garrett aperta a ponta do nariz. "Agora você está apenas sendo ridículo."

"Ah, e deixe-me adivinhar." Jaxon abre bem os braços. "As crianças deveriam pegar os carros, mas nós não?"

Adam arranha o chão com o sapato. "Eu também quero me divertir."

Emmett franze a testa para mim. "Estamos cuidando de nossas crianças interiores."

"Ok, terminei." Eu aceno para eles, caminhando em direção a Abel, que ainda não está olhando para mim. "Fique com seus carros, seu bando de bebês." Eu paro na frente do meu garotinho, peneirando meus dedos pelo cabelo dele. "Ei, estranho."

Ele suspira. "Oi."

"Tudo bem?"

Outro suspiro. "Sim." Outro, este extra dramático, longo e barulhento, ombros arfando. "Eu acho."

Eu me agacho na frente dele enquanto as meninas se movem ao nosso redor, bebês em seus braços, crianças em seus calcanhares enquanto se dirigem pela porta da frente. "Você quer entrar e falar sobre isso?"

"Não", diz ele, mas entra de qualquer maneira, tirando os sapatos. Seus olhos vêm para os meus, finalmente, carregados de tristeza, mas é a confiança, a segurança nadando neles, que me faz sorrir apesar de tudo isso. "Estou triste e acho que vou gostar de algum espaço agora", ele murmura, depois abaixa a cabeça, começando a subir a escada. Ele para no meio do caminho, sentando-se no degrau, deixando cair o queixo nas mãos, bufando outro suspiro premiado. Ele fica sentado lá por trinta segundos antes de levantar a cabeça e gritar: "Cara? Quer vir ter espaço comigo?"

Engolindo minha risadinha, subo as escadas, sentando-me ao lado dele. "Claro, minha querida. Você quer um espaço tranquilo ou gostaria de falar sobre o que está incomodando você?"

"Eu só senti sua falta," diz ele suavemente, as palmas das mãos levantadas em um encolher de ombros. "Eu estava triste demais para dormir na minha própria cama ontem à noite."

"O quê? Você estava?"

Ele acena com a cabeça, tímido. "Chorei muito e disse: sinto falta da minha Cara. Por que ela me deixou?"

"Oh, bebê." Eu pego suas mãos nas minhas, apertando suavemente. "Não estou surpreso que Emmett não tenha mencionado isso. Eu teria pulado no carro e voltado direto. Lamento que você tenha passado por isso ontem à noite. Eu também senti sua falta, tanto que fiquei acordado muito, muito tarde pensando em você."

"Você também sentiu minha falta? Talvez você possa me ouvir falando com você."

Eu inclino minha cabeça. "Falando comigo?"

"Emmett me deixou aconchegar-me com ele na cama. Olhamos fotos suas, porque ele também sentia sua falta. Ele disse que às vezes quando está no hóquei e sente muita falta de nós, ele olha para as fotos nossas e diz o que quer nos dizer."

Eu escovei suas ondas ruivas de sua testa. "O que você me disse?"

"Eu disse... Eu disse três coisas." Ele levanta quatro dedos, depois adivinha, contando-os e colocando um de volta. "Eu disse que sinto sua falta, eu te amo e podemos tomar sorvete quando você chegar em casa." O olhar que ele me atinge é tão esperançoso que sinto florescer no meu próprio peito. "Você me ouviu?"

Eu envolvo um braço em volta dele, puxando-o para o meu lado. É avassalador, a maneira como meu batimento cardíaco diminui no segundo em que o tenho em meus braços, a sensação de paz que se espalha por mim, resolvendo cada pensamento na minha cabeça, como se meu corpo estivesse procurando por sua calma a cada minuto que estávamos separados. "Acho que sempre ouço você, Abel."

"Sim", diz ele em outro suspiro, mas este está quieto, contente. "Eu acho que você faz."

Eu corro meus dedos pelo cabelo dele, passando a ponta do meu polegar sobre sua maçã do rosto, guiando seu olhar de volta para o meu. Ele sorri para mim, e eu sei que esse momento sempre foi feito para existir.

"Eu também te amo, Abel."

O TRUQUE DO MAIÔ ESTÁ funcionando, caso você esteja se perguntando. Eu escorreguei para fora do meu encobrimento lento como melaço enquanto olhava Emmett morto nos olhos do outro lado do quintal, aquecendo-me na maneira como ele perdeu sua boca com sua bebida quando seu olhar rolou pelo meu corpo, cerveja escorrendo pelo queixo. A maneira como ele tropeçou tanto em suas palavras quando pedi que ele protegesse meu traseiro que ele simplesmente desistiu, optando por acenar com a cabeça, repetidamente. A maneira como suas mãos encontraram minhas costas, tremendo no início antes de se estabelecer em um arrasto tão possessivo e lento até encontrarem meus quadris, envolvendo-os com força suficiente para deixar impressões digitais enquanto ele me puxava para o ponto entre suas coxas, me puxando de volta contra ele para que eu pudesse sentir a maneira como seu pau endureceu contra minha bunda enquanto ele passava protetor solar sobre meus ombros, na minha espinha, enquanto ele sussurrava uma única palavra no meu ouvido, uma promessa que ainda sinto meia hora depois.

Mina.

Então, sim, o biquíni está funcionando. Eu sabia que seria. E, no entanto, não está funcionando tão bem quanto a tática de Emmett.

"Eu não acho que seja uma tática, Care", Jennie me diz da boia em que ela está descansando.

"Oh, ele sabe exatamente o que está fazendo," murmuro, olhando para ele por baixo dos meus óculos escuros. Ele sorri para mim enquanto tira a camisa, jogando-a por cima do ombro antes de voltar ao que estava fazendo. "Filho da puta astuto."

Rosie bufa uma risada. "A torção do papai é realmente forte neste grupo."

"Oh, então você admite." Eu chicoteio minha cabeça em sua direção, mudando meus óculos escuros para baixo para dar-lhe um olhar aguçado, sobrancelhas levantadas. "Você tem uma torção de papai."

"Eu-você-ugh." Ela espirra água no meu rosto de seu lugar nos degraus, meio submersa, e quando eu coloco minha língua para ela, ela mostra a dela de volta.

"Pessoal", sussurra Olivia, olhando para os três bebês adormecidos escondidos embaixo da cabana. "Está realmente acontecendo. Eles estão todos dormindo ao

mesmo tempo." Seus olhos brilham e ela pega a jarra de daiquiri de morango da mesa, enchendo um copo até a borda. "Oh, sim. Venha para a mamãe, baby."

"Ei, garota Ollie", Carter chama do outro lado do quintal, com o cabelo molhado e batendo na testa enquanto joga a cabeça e sobe uma perna em uma estocada. "Você gosta do que vê? Isso faz você pensar em ter um quarto b—"

"Não." Ela leva o copo aos lábios, e eu vejo como sua garganta funciona enquanto ela prontamente - e de forma impressionante - drena toda a bebida em menos de cinco segundos. Limpando o resíduo vermelho lamacento de sua boca, ela balança a cabeça. "Sem chance no inferno, Carter."

"Imagine que você não tivesse espinha dorsal", murmuro quando termino de gargalhar com a expressão abatida de Carter. Eu envolvo meus braços em volta dos ombros de Olivia enquanto ela entra na piscina e se aproxima de mim, deixando-me flutuar em suas costas. "Você estaria soltando bebês pelos próximos dez anos, pelo menos."

"Você cala sua boca imunda," ela murmura, mas eu sinto o jeito que ela suaviza quando ela se vira para os meninos, meu queixo descansando em seu ombro. "Por que eles têm que tornar isso tão difícil?"

Meu olhar volta para Emmett, e a palpitação no meu peito retorna, assim como aquela entre as minhas pernas, enquanto o observo. Observo o jeito como ele enche os copos com a limonada que fez com Lily e Abel dez minutos atrás. O jeito como ele coloca um daqueles canudinhos enrolados e um guarda-chuvinha em cada um, os coloca cuidadosamente em uma bandeja antes de atravessar o jardim com eles erguidos sem esforço acima da cabeça. Ele para na pequena cadeira de descanso onde Ireland está esparramada sob o sol, com óculos de sol enormes, e diz: "Limonada, senhora?"

A cabeça dela inclina-se levemente, e imagino o jeito como seus grandes olhos verdes o percorrem antes que ela responda com um simples estalo de lábios. Dou uma risadinha enquanto ele atende ao pedido, acenando com a cabeça e colocando a ponta de um canudo na boca dela, segurando a limonada enquanto ela bebe, até que ela decide que já chega, dispensando-o com um simples movimento de pulso. Ele continua, distribuindo um copo para cada criança, e quando termina, liga a máquina de bolhas enquanto Adam aumenta o volume da música, e aqueles quatro meninos pegam as crianças no colo, girando-as através das bolhas enquanto cantam a plenos

pulmões, e eu juro que o som de todas aquelas risadas intermináveis é o segredo da felicidade.

Essa é a tática do Emmett. O jeito natural com que ele ama esses pequenos seres humanos, fazendo-os se sentirem especiais e importantes, vivendo para o riso deles. Ele é um bom tio, um bom pai adotivo, um bom amigo.

Ele é um bom homem.

Meu bom homem.

E não há nada neste mundo mais atraente para mim do que isso.

"Isso é perigoso para os meus ovários", murmura Lennon atrás do celular. Ela pega a câmera, tirando algumas fotos dos meninos e das crianças antes de voltar a usar o celular. Ela me mostra o vídeo que acabou de gravar, e meu coração se aquece novamente enquanto assisto. “O rosto do Abe está coberto de bolhas. Posso postar?”

Aceno com a cabeça enquanto desço das costas da Olivia, piscando para o Emmett enquanto subo os degraus da piscina e seus olhos percorrem meu corpo molhado. “Obrigada, Len.”

Ela tem essa teoria de que mexer com a cabeça do outro time toda vez que posta um vídeo dos meninos despreocupados na véspera de um grande jogo dos playoffs, em vez de se concentrarem como robôs, acaba desconcertando o time adversário. Enquanto outros times comem, dormem e respiram hóquei durante os playoffs, esses meninos usam seus dias de folga para relaxar, se reconectar e se divertir. Eles sempre voltam mais revigorados e melhores por causa disso.

“Meu Deus.”

Olho para Lennon enquanto pego uma toalha da minha cadeira, seu olhar fixo no celular. “O quê?”

Seus olhos se voltam para os meus, arregalando-se levemente enquanto me aproximo. Ela abaixa o celular, coloca os óculos de sol, o que não esconde o rubor intenso que toma conta de suas bochechas bronzeadas. “Nada.”

“Lennon.”

Ela continua olhando fixamente para frente, braços cruzados sobre o peito, uma perna sobre a outra, os pés balançando.

“Lennon.”

“Ah, tá bom. Droga.” Ela arranca os óculos de sol. “Como você faz isso? Como você consegue me fazer ceder só com o meu nome?”

“É um talento que venho aperfeiçoando há muitos e muitos anos. Além disso, é difícil dizer não para pessoas extremamente bonitas como eu.”

Ela dá uma risadinha, mas logo dá lugar a um sorriso triste. “Você é talentosa e extremamente bonita, você mesma acabou de dizer isso. Lembre-se disso, ok?”

“Sempre”, respondo com naturalidade, mas há um nó na minha voz que me lembra que houve uma época, não muito distante, em que eu não conseguia encontrar uma única palavra gentil para dizer sobre mim mesma. Mesmo assim, pego o celular dela sem hesitar, minha curiosidade forte demais para me impedir enquanto as outras meninas saem da piscina e se reúnem ao meu lado para ler a postagem na página do Instagram de um podcast popular sobre hóquei. Meu maxilar se contrai, meus ombros ficam tensos enquanto olho as fotos. Uma delas é de Emmett e Abel, tirada por Lennon depois da primeira vez que Abel assistiu a um jogo ao vivo, com o rosto dele coberto por um emoji de dinossauro que ela colocou antes de postar. A segunda foto sou eu, de cabeça baixa e braços cruzados, saindo da clínica de fertilidade, e as duas fotos estão separadas como se a página tivesse sido rasgada ao meio. Mas é a manchete que me dá um nó no estômago.

Casamento em crise? O casal de ouro do hóquei e sua última tentativa de salvar o casamento.

Jennie debocha, e Rosie segura meu cotovelo.

"Larga essa coisa", exige Olivia, mas me afasto dela enquanto ela tenta pegar o celular, olhando fixamente para a legenda abaixo da foto.

O astro do Vancouver Vipers, o ala esquerda Emmett Brodie, visto aqui com uma criança adotiva não identificada, diz que seu casamento com a organizadora de eventos Cara Brodie está por um fio. Uma fonte próxima à família nos contou, em entrevista exclusiva, que a situação já era tensa na casa dos Brodie muito antes do casal recorrer aos tratamentos de fertilidade. "Eles estão tentando ter um bebê há uma eternidade", disse nossa fonte. “Isso se tornou praticamente a personalidade da Cara, e ela já é exigente por si só. Todo o processo — porque ela não pode ter um filho, então eles estão fazendo tratamentos de fertilidade — acabou com a alegria do Emmett. Enfim, foi muito desconfortável. Tive que me afastar da vida deles depois que ele basicamente me fez uma proposta indecente, sugerindo que eu poderia dar a ele o que ela não podia.” Clique no link da nossa bio para ouvir o episódio em que analisamos nossa entrevista exclusiva com nossa fonte e tentamos responder à pergunta que não

quer calar: eles só estão adotando uma criança como último recurso para salvar o casamento?

“Eu disse...” Olivia ferve de raiva, puxando o telefone da minha mão. “Larga. Essa. Merda.”

“Eu... eu...” Eu não sei. Não sei o que quero dizer. Não sei o que estou sentindo. Sinto um aperto no peito e um nó no estômago que dizem que não é bom, mas também sinto a batida constante do meu coração, que não vacila, mas continua fazendo seu trabalho exatamente como deveria, sussurrando baixinho: Está tudo bem, você está bem, nós estamos bem.

Será?

"Preciso de um minuto", é o que eu digo, e estendo a mão, interrompendo os quatro no instante em que dão um passo em minha direção. "Sozinha. Estou bem, prometo. Só um minuto para processar isso... isso..."

"Que merda", sussurra Lennon.

"Que merda. Só um minuto. Por favor." Espero que assentiem com a cabeça antes de atravessar a porta do pátio para poder andar de um lado para o outro na cozinha em privacidade, o ar fresco um alívio contra minha pele quente. Mesmo assim, abano o rosto, lutando contra a onda de insegurança, a pontada aguda de raiva, até que finalmente me acalmo. Pés descalços firmemente no chão frio, mãos na cintura, olhos fechados e rosto erguido enquanto respiro. E então: "Que porra é essa? Sério, que merda? Fonte anônima, uma ova. Natasha, você não tem um pingo de sutileza", murmuro sobre minha ex-governanta. "E como se o Emmett fosse me trair. Inacreditável."

Uma pigarreia e meus olhos se abrem de repente, pousando em Carter, meio enterrado na geladeira. Ele fecha a porta devagar, com os olhos arregalados como se tivesse sido pego, porque, bem, ele foi. Ele tem um cupcake de chocolate com Oreo em uma das mãos, e a mancha no lábio inferior me diz que ele já comeu pelo menos um.

"Me dá isso", rosno, agarrando o cupcake e enfiando metade na boca. "Chega pra você." Dou uma cutucada no peito dele antes de devorar o resto do cupcake. "Eles são demais depois do jantar."

Ele sorri com orgulho demais, cruzando os braços. "Ora, ora, ora. Alguém está descontando as emoções na comida."

Reviro os olhos, limpando a boca. "Eu não estou descontando minhas—" Suspiro, sem interesse em continuar essa discussão, mas definitivamente não porque estou descontando minhas emoções na comida. Em vez disso, estendo a mão. "Telefone?"

Ele tira o celular do bolso do short, destrava e me entrega sem hesitar, como eu sabia que faria. Esses homens não têm nada a esconder. Abro o Instagram, revirando os olhos quando o aplicativo atualiza e a primeira publicação no feed dele é de uma página chamada @DadSaysJokes.

"São hilárias", ele me diz.

"Tenho certeza", minto.

Navegando até a publicação que li minutos atrás, mostro para Carter, observando seu sorriso desaparecer e seu maxilar se contrair enquanto lê.

"Isso é uma palhaçada, Care."

"Eu sei que é, de verdade. Eu só estou—" suspiro, massageando as têmporas. "Olha, eu sou totalmente a favor de mulheres apoiando mulheres. Aliás, é praticamente a minha missão. Não deveríamos ficar nos atacando. Mas que diabos está acontecendo aqui?" Abro os braços, fingindo olhar em volta. “Tem alguma coisa nessa água, droga? Por que sempre tem alguém espreitando nas sombras, tentando separar casais felizes? Eu não me inscrevi para essa merda de outra mulher. Parece que alguém está escrevendo nossas histórias e pensou: 'Haha, sabe o que seria divertido? Colocar uma mulher de vez em quando cujo único propósito é irritar a todos e nos deixar putos da vida.' E sabe de uma coisa?” Dou um cutucão no ombro de Carter, enfatizando minhas próximas palavras. “Estou. De. Farta. Disso.” Jogo os braços para o ar. “Já não passamos por tanta coisa?”

As sobrancelhas de Carter saltam enquanto ele assiste minha pequena performance, e o humor retorna ao seu rosto. "Tudo bem", diz ele em um suspiro, me pegando pelo cotovelo. "Venha aqui." Ele me reboca para a sala de estar, sentando-se no sofá e dando tapinhas no espaço ao lado dele. Eu o pego com um bufo, braços cruzados sobre meu peito, uma perna pendurada sobre a outra, saltando para longe.

"Em tempos de problemas profundos, gosto de me perguntar: WWCBD?"

Minha sobrancelha se levanta, minha perna parada. "Que porra isso deveria significar?"

Carter limpa a garganta, inclinando-se para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos, as mãos entrelaçadas. Com toda a seriedade do mundo, ele murmura: "O que

Carter Beckett faria?"

Eu suspiro, tão profundo, por tanto tempo, que temo que minha alma possa realmente deixar meu corpo enquanto passo a mão pelo meu rosto exausto. "Oh, meu Deus."

Carter acena com a cabeça. "Profundo, eu sei."

"Filosófico, até."

Seus olhos brilham. "Sim, exatamente! Isso é o que eu tenho tentado dizer a Ollie, mas ela—" Ele faz uma pausa, acenando para si mesmo. "Não importa. Eu só vou fazer você se repetir para ela mais tarde. A questão é...

"O que você faria?"

"Não, mas também, sim."

Eu belisco a ponta do meu nariz. Vamos ficar aqui por um tempo.

"O que quero dizer é que, quando a merda dá errado, eu me pergunto o que eu faria, sim, mas eu me pergunto o que eu faria se fosse meu amigo passando por isso. É muito fácil ficar preso em seus pensamentos e adivinhar tudo, mas quando é seu amigo, a decisão é...

"Calma," eu termino para ele em um sussurro. "A decisão é fácil quando é um amigo."

"Exatamente. Porque amamos nossos amigos e queremos o melhor para eles, mas quando somos nós?" Carter balança a cabeça. "Somos mais duros com nós mesmos do que qualquer outra pessoa. Acho que, no fundo, nos perguntamos se realmente merecemos o melhor, o amor, as coisas boas."

Eu abaixo minha cabeça, torcendo minhas mãos no meu colo. "Eu nunca costumava questionar essas coisas antes."

"Mas é normal, você percebe isso? É humano e está tudo bem. Não somos invencíveis todos os dias, mas se você se cercar de bons amigos, o sistema de apoio certo que se recusa a deixar você esquecer todas as melhores partes de você... você será invencível quando precisar ser."

Eu torço o nariz, cheirando enquanto tento afastar as lágrimas que ardem em meus olhos. Aqueles pobres e magníficos azuis choraram o suficiente por uma vida. "Droga," eu murmuro enquanto alguém foge. "Eu odeio quando você faz sentido."

"Ninguém faz mais sentido do que eu," diz ele com muita confiança enquanto me puxa para os meus pés e para um abraço.

"Eu não disse isso."

"Basicamente. E por falar nisso, Care? 'Alta manutenção' é apenas um rótulo que as pessoas com muitas opiniões usam para descrever mulheres que conhecem seu valor e se recusam a aceitar qualquer coisa menos. Pessoas como você." Ele abre a porta do pátio. "Ollie! Cara disse que eu sou filosófico!"

"Cara, pelo amor de Deus!" Um bebê chora, e depois outro. Olivia joga os braços para o ar em uma de suas birras típicas, mas vejo todo o humor brilhando em seus olhos enquanto ela passa por mim, me cutucando de leve. "Ah, ótimo! Cara chama Carter de filosófico e os bebês acordam! Espero que você esteja feliz consigo mesma, Care!"

Não passa de um comentário bobo, mas me faz pensar... Será que estou? Será que estou feliz comigo mesma?

Fico refletindo sobre isso, essa única palavra que carrega tanto peso. O que significa, afinal, estar feliz consigo mesma? Costumava parecer tão simples, tão óbvio, mas quanto mais penso nisso, mais me pergunto se eu estava confundindo felicidade com orgulho. Sempre foi fácil ter orgulho de mim mesma, orgulho da vida que construí, orgulho das minhas conquistas. Mas quando esse orgulho se dissipou, quando a incerteza tomou conta, quando fui atormentada pela insegurança e, nos piores momentos, pelo ódio a mim mesma, toda a felicidade foi desaparecendo aos poucos.

Mas a felicidade é mais do que uma lista de conquistas para se orgulhar, não é?

Talvez a felicidade seja ter um grupo de amigos cujos olhares se encontram com os meus, um sinal silencioso de que estão prontos para lutar por mim se eu precisar, que estarão ao meu lado hoje e sempre.

Talvez a felicidade seja o riso que nos envolve, a forma como impede que a luz se apague por completo, garantindo que haja sempre o suficiente para eu encontrar a saída. Talvez seja a forma como os problemas não desaparecem, mas se amenizam o suficiente para me permitir respirar, um lembrete de que nunca carrego nada sozinha. Talvez seja o toque mais delicado, uma mão que passa pelo meu ombro. Talvez seja um suéter emprestado quando o sol se põe, ou um marshmallow tostado na fogueira exatamente do jeito que eu gosto. Talvez seja o conforto, a segurança que vem de existir em um lugar onde meu povo me conhece, me vê, onde posso ser todas as versões de mim mesma — corajosa, ousada, imperfeita — sem medo de rejeição.

Talvez a felicidade seja o amor que me cerca, aquele que parece se amplificar, irradiando por esta pequena vila que criamos, assim como o pôr do sol brilhante no céu enquanto nos reunimos sob ele, os fogos de artifício que o pintam com cores vibrantes enquanto um menino sobe no meu colo, repousa a cabeça sobre meu coração e entrelaça seus dedos nos meus.

Talvez seja perceber que as acusações, as mentiras que alguém conta e as que eu mesma conto, a guerra de dúvidas que às vezes se trava na minha cabeça, nada disso se compara ao suspiro de paz de uma criança que depositou toda a sua confiança em você, ou ao "eu te amo, vagalume" que o homem que roubou meu coração sussurra no meu ouvido.

Talvez seja perceber que essas pessoas, essa família, me escolheram. Mas só porque, em algum momento da minha vida, eu me escolhi em primeiro lugar. Decidi que eu valia a pena, que eu merecia esse tipo de gente, esse tipo de amor, e jurei não aceitar nada menos.

A felicidade não era a queda da graça de cabeça em uma dor tão profunda, tão perturbadora, que eu pensei que nunca mais voltaria, e não foi a escalada traiçoeira de volta. Mas talvez a felicidade seja a vista do topo da montanha, o suspiro de ar fresco quando finalmente abro os olhos, porque cada passo que dei, não importa quão pequeno ou lento, me trouxe até aqui. Talvez a felicidade seja entender que nunca mais serei a mesma pessoa que era antes, agradecendo a ela por tudo que ela fez por mim, me despedindo e dando as boas-vindas à mulher que sempre quis ser.

Meus pensamentos ficam aqui pelo que parecem horas, através dos fogos de artifício e muito depois de estarmos em casa, nos preparando para a noite.

"Cara? Por que você está cwyin?"

Eu pisco as lágrimas até que as estrelas do lado de fora da janela estejam claras novamente, como cristais em um mar infinito de preto, e eu olho para o garoto no meu colo, aquele que está aconchegado lá desde o momento em que chegamos em casa e vestimos o pijama.

Abel se contorce no assento da janela, segurando minhas bochechas úmidas em suas mãos. Enquanto seus olhos verdes procuram os meus, estou ciente de que não estaria aqui com ele se não fosse pelos muitos testes negativos, o desejo de preencher o buraco em meu coração.

"Meu coração está sentindo um monte de coisas agora," eu digo a ele baixinho, fungando enquanto coloco minhas mãos sobre as dele no meu rosto.

"Meu coração é engraçado assim também, às vezes. Às vezes meu coração quer chorar pela minha Catharine, mas está feliz porque eu tenho minha Cara e meu Emmett." Ele coloca sua pequena mão sobre meu coração e descansa sua testa contra a minha. "Está tudo bem, no entanto. Os corações são grandes, então podemos sentir o que quisermos sentir."

E que sensação estranha é, enquanto seus dedos gentis limpam minhas lágrimas, sentir tanto o peso da onda de tristeza que me atinge de cabeça, quanto o calor do amor que peneira como a areia mais fina em cada rachadura e fenda de um coração que continua a doer, mas não está mais despedaçado.

Porque talvez a felicidade seja entender que ainda pode doer, que pode queimar e sangrar, que posso chorar, gritar, lutar e, ainda assim, posso me curar. Eu posso amar e posso ser amado. Talvez seja fazer as pazes com cada fragmento quebrado, cada ferida que se transformou em cicatriz, deixando-os servir não como um lembrete de minhas falhas ou deficiências, mas que eu era mais forte do que o que tentou me destruir. Que eu sobrevivi, mesmo quando tinha tanta certeza de que não podia. Talvez seja entender que há muito, tanto amor, apesar de tudo. Amor para dar, receber, construir. Amor que não exige que você seja totalmente curado, que seja inteiro, para ser digno disso.

E então a verdade?

A verdade é que estou feliz. Comigo mesmo, com esta vida.

Mas mais do que isso? Estou cheio de amor e gratidão pela vida que vivi, e pela que ainda não vivi, e pelo corpo, o coração que me vê através de tudo isso.

Afinal, são as fissuras no meu coração que abriram espaço para a luz brilhar.

OceanofPDF.com

31 DIGNO Emmett

"ISSO É UMA MERDA!"

“Eu sou adulta! Somos todos adultos! Você não pode fazer isso com a gente!”

“Eu não preciso de babá!”

“Tá bom, a gente errou uma vez e furou um pula-pula. Não é como se fôssemos fazer de novo!”

“O que eu poderia fazer no zoológico de animais de estimação? Hein? Me conta!”

“Na piscina de espuma também? Por que eu não posso entrar na piscina de espuma? Eu quero entrar na piscina de espuma!”

Minha esposa linda desvia o olhar das unhas rosa brilhantes que ela vem examinando nos últimos cinco minutos, mais ou menos o mesmo tempo que ela vem ignorando o chilique. Seus olhos azul-celeste percorrem lentamente a fila de homens à sua frente. “Já terminou?” Ela pergunta, como se não tivéssemos acabado de chegar à inauguração do acampamento do Adam para descobrir que não só estamos expressamente proibidos de usar o pula-pula, a piscina de espuma ou o mini zoológico, como também que ela nos designou babás para "nos manter sob controle". Pff, nos manter sob controle? O que isso significa? Quem precisa ser mantido sob controle? Certamente não nós.

"Que bom que perguntou", diz Carter, com os olhos faiscando. "Não, ainda não terminei. Primeiro, você me diz que não tem karaokê, mesmo eu tendo pedido explicitamente que tivesse, e depois—" Seus olhos se arregalam teatralmente enquanto ele gesticula para o enorme pula-pula do outro lado da extensa propriedade. São três andares, com um labirinto, três paredes de escalada, seis escorregadores, todos levando a uma gigantesca piscina de bolinhas, e um túnel que leva a uma casa de bolhas. Quando perguntei à Cara quanto custava, ela apontou o nariz para o céu e disse: "Seria inapropriado da minha parte divulgar despesas comerciais a terceiros." "Isso! Você está me dizendo que eu não posso ir nisso!" Ele bateu o pé, como qualquer

homem sensato e adulto faria nessa situação. "Se alguém não me deixar entrar naquele pula-pula, eu juro por Deus—"

"Eu que sugeri a piscina de bolinhas!" Garrett gritou, abrindo os braços. "Eu deveria poder entrar lá!"

"Não fui eu que estourou", insistiu Carter. "Foi o meu garfo! Por favor, Care, eu prometo, aprendi a lição. Nada de garfos no pula-pula!"

Jaxon se colocou na frente dela, apontando para a enorme área cercada, transbordando de montes de espuma. “Se eu não puder descer no escorregador inflável naquela espuma, Cara, eu vou chorar. Tá me ouvindo? Você quer ser responsável por isso? Por partir o coração de um homem adulto?”

“Homem adulto?” ela murmura, olhando para as unhas. “Onde?”

“Falando em homem adulto.” Jogo os braços para trás da cabeça e bufo antes de apontar para mim mesmo. “Bem aqui. Eu sou um homem adulto. É um insulto você achar que precisamos de babá em uma festa infantil!”

Cara solta um daqueles suspiros, daqueles em que os olhos reviram e o corpo todo se curva. “Eu sabia que o Adam era o único em quem eu podia confiar para reagir como um anúncio—”

"Eu... Não... entre!" Adam puxa o portão de madeira que abriga os animais da fazenda resgatados. Ele grunhe, arfando no portão com todas as suas forças. Quando não se move, ele se vira para nós, suor escorrendo na testa, rosto torcido de angústia. "Cuidado, não posso entrar na área de carinho. Eu não posso entrar. Como vou acariciar os animais?" Ele a pega pelos ombros, com os olhos arregalados. "Como vou acariciar os animais?"

Todo o inferno se solta, braços voando no ar, protestos altos e chorosos e Carter gritando por ajuda de Olivia, até que um apito corta o barulho, silenciando-nos imediatamente.

"Chega!" Cara grita. Ela estala os dedos e aponta agressivamente para seu olhar selvagem e aterrorizante. "Olhos aqui em cima. Agora. Eu te amo. Todos e cada um de vocês, eu te amo, mas eu confio em você? Em um evento tão grande, tão importante?" Ela balança a cabeça, sorrindo paternalista no lugar.

Adam abre a boca, mas Cara o silencia com um único dedo pressionado em seus lábios chocados.

"Sim, Adam, até você, em seu próprio evento. Sinto muito, mas esses meninos têm muito poder sobre você. Sua força de vontade é fraca e flexível."

Sua expressão cai, seus ombros caídos.

"Você é livre para andar pelo terreno e explorar..."

"Podemos pelo menos fazer ioga para gatos?" Jaxon implora. "Por favor, não tire isso de mim."

"Sim, claro." Cara acena com a cabeça, sorrindo enquanto Jaxon grita um punho no ar. "Mas é ioga de cabra, não ioga de gato."

"Ah, cara. Acho que isso explica por que você disse não quando perguntei se poderia trazer Mitts."

"Sim... isso explica ... Cara muda seu olhar de olhos arregalados de volta para nós. "De qualquer forma. Este evento é para as crianças. Estamos aqui para comemorar a adição de um maravilhoso programa de acampamento a esta comunidade, que ajuda crianças que não podem se dar ao luxo de se envolver com esportes, para dar-lhes um sentimento de pertencimento e ajudar alguns animais que precisam de um novo lugar para chamar de lar. Se você for bom, vou deixá-lo jogar depois que o evento terminar."

Meus olhos brilham, e acho que todos os outros também. "Sério?" Olhamos um para o outro, irrompendo em aplausos, cumprimentando. "Sim! Foda-se!"

"E enquanto isso, Dozer e Jaws aqui estarão de olho em você."

Carter prende os braços sobre o peito, arranhando a sujeira. "Pfft. Tanto faz."

Garrett olha para os dois seguranças que flanqueiam o lado de Cara. Eles se elevam sobre todos os seis pés e três dele, e ele engole em seco. "Então, uh... por que eles te chamam de Dozer e Tubarão?"

Dozer estala os nós dos dedos, músculos estalando em sua camiseta muito pequena. "Posso colocar qualquer um para dormir em treze segundos ou menos."

"O-oh." Garrett lentamente se afasta de Jaxon, que lentamente desaparece atrás de Adam. Ele espia Tubarão. "A-e você?"

Tubarão não responde. Não com palavras, de qualquer maneira. Em vez disso, ele sorri, tão largo, tão orgulhoso, tão ameaçador, revelando uma boca cheia de dentes prateados.

Garrett definitivamente não solta um gritinho, e Jaxon não parece que vai vomitar. Adam não estende os braços para trás, como se estivesse protegendo os homens

encolhidos atrás dele. Carter não está se afastando lentamente, e eu certamente não agarro o cotovelo de Cara, deslizando para trás dela para usá-la como escudo humano.

Não, claro que não fazemos nada disso. Somos adultos.

Jaws se inclina em nossa direção sem dizer uma palavra. O silêncio crepita no ar entre nós, como a ameaça de uma tempestade iminente quando se ouve um trovão distante. Ele parece farejar o ar, como se pudesse sentir o medo, e seu sorriso se alarga. "Buuu", ele sussurra, e um grito se mistura a outro enquanto nós cinco pulamos no ar, giramos e saímos correndo, com as gargalhadas de Cara ecoando atrás de nós.

Duas horas depois, muito tempo depois da chegada das meninas com as crianças e do início do evento, finalmente consegui escapar das minhas babás enquanto elas estavam ocupadas com a terceira tentativa de Carter de entrar sorrateiramente no pula-pula. Era um lindo dia de início de junho, e todos os cinco acres deste acampamento maravilhoso estavam repletos de risos e rostos sorridentes. Tenho orgulho do Adam, de todas as maneiras pelas quais ele se dedica continuamente a ajudar crianças menos afortunadas, e este acampamento é apenas o mais recente de seus esforços.

Mas também tenho orgulho da Cara. Por ter se afastado do trabalho para se concentrar em si mesma, tirando o tempo necessário e não voltando correndo até estar realmente pronta. Ao encontrá-la no amplo e moderno celeiro, ajudando um grupo de crianças e adultos risonhos a praticar ioga com cabras, tenho certeza de que não há visão mais bela do que seu sorriso, a confiança que ela exala apenas quando está segura de si.

Não há dúvida de que este período de nossas vidas tem sido o mais desafiador, ainda mais para ela. Mas Cara continua sendo ela mesma. A mulher por quem me apaixonei. Minha melhor amiga. Ela mudou, se transformou, mas é um privilégio conhecer cada versão dela — amá-las.

Observo seus olhos percorrerem a multidão e, antes mesmo de pararem, sei que ela está procurando por Abel. Sei que o encontrou no instante em que aquele sorriso se transforma num sorriso radiante, de partir o rosto. Cada versão de Cara brilha à sua maneira, mas não há dúvida: ela irradia luz de dentro para fora como mãe.

Sigo seu olhar até Abel, e meu coração faz o que faz sempre que o vejo: se enche de calor, dispara num ritmo rápido e feliz, e me pergunto se eu também irradio luz. Acho que sim.

Enquanto o observo, porém, tentando se equilibrar de cabeça para baixo num tapete de ioga com Catharine, os dois nada mais que um amontoado de risos, meu coração faz algo diferente. Ele engasga, tropeça em si mesmo antes de ganhar velocidade, acelerando cada vez mais, e eu luto para acompanhá-lo. A dor se insinua, envolvendo meu coração, apertando-o como um punho furioso até que eu não tenha outra escolha a não ser me afastar da lembrança de que Abel não estará conosco para sempre, que qualquer dia pode ser o dia em que teremos que dizer adeus.

Eu não quero dizer adeus a ele.

"Emmett!"

Paro na porta do celeiro aberto, olhando para ele por cima do ombro. Suas palmas estão apoiadas no tapete, o bumbum para cima, seu rostinho doce sorri para mim de cabeça para baixo, entre as pernas.

“Olha! Estou fazendo a postura do cachorro olhando para baixo! Você está me vendo? Estou fazendo!”

“Estou te vendo, amigão.” Sempre vejo. Vejo como seus olhos seguem Cara para onde quer que vamos, tão brilhantes e cheios de amor, como se ele não acreditasse que ela existe. Vejo como ele nos olha quando conhece pessoas novas ou experimenta coisas novas, como ele deposita toda a sua confiança em nós para mantê-lo seguro. Vejo como ele se encontrou, descobriu suas paixões e se permitiu explorá-las sem medo de errar. Vejo a compaixão que ele aprendeu a ter por si mesmo quando erra, as palavras gentis e encorajadoras que usa para falar consigo mesmo, como ele começou a se perdoar pelas bagunças, pelos acidentes, e como ele não fica mais paralisado pelo medo. Eu o vejo, com quase quatro anos, se esforçando todos os dias para ser quem ele quer ser, crescendo sem pedir desculpas. E eu estou tão orgulhoso dele. Sorrio para ele, fazendo um sinal de positivo com o polegar, que ele retribui com entusiasmo, caindo no tatame no processo. "Você está conseguindo."

Ele me olha com um sorriso radiante, e juro que me atinge como um raio de sol, direto no peito com força suficiente para me derrubar. Ele me dá um beijo estalado na palma da mão e depois sopra o ar para mim. "Guarde no bolso para depois."

Pego o beijo no ar, guardando-o no bolso antes de mandar outro, que ele pega com entusiasmo. "Guarde no bolso para depois."

Passo a próxima meia hora vagando pelo acampamento, ignorando as mensagens dos garotos que querem saber como consegui escapar de Dozer e Jaws.

Aparentemente, Dozer me dará cem dólares se eu voltar. Acontece que o grandalhão está apavorado com a minha esposa. Não o culpo. Quando consigo voltar, estou pronta para me entregar. Pego meu celular e digito uma mensagem para os meninos dizendo que podem me encontrar perto da área de interação com os animais, mas antes que eu consiga enviar, vejo Catharine sentada sozinha em um banco, escondida do barulho, mas com o olhar fixo em um ponto à sua frente.

Sigo seu olhar para além dos portões da área de interação, onde Abel está ajoelhado na terra, coçando o queixo de uma ovelha lanosa, com a outra mão entrelaçada na de Cara.

Não consigo decifrar a expressão no rosto de Catharine, assim como não consegui quando ela apareceu aqui, hesitante do lado de fora dos portões, como se não tivesse certeza se vir até aqui era a ideia certa, mesmo que Abel tivesse pedido. Agora, o canto da boca dela se curva num sorriso tranquilo enquanto observa Abel e Care, e embora haja uma quantidade imensa de amor em seu olhar, também há tristeza. Ela parece um pouco perdida, como se estivesse buscando uma resposta, mas ainda não tivesse encontrado a resposta. Mas além disso, ela parece... diferente. Ela se senta mais ereta, ombros para trás, cabeça erguida com a confiança que vem da conexão consigo mesma. Ela parece aliviada, revigorada.

Feliz, percebo. Ela parece feliz.

Não passamos muito tempo com ela, apenas as duas horas a cada três semanas quando nos encontramos com ela, mas como Cara lentamente a abriu do jeito que ela faz, aprendemos muito sobre ela. Nossas infâncias eram muito parecidas e, embora essa situação não seja ideal, cortar o contato com os pais dela depois que eles a expulsaram foi claramente a escolha certa para ela. Às vezes eu gostaria de ter feito a mesma escolha quando saí de casa.

Guardando meu telefone, eu me aproximo. "Posso me juntar a você?"

Ela se vira, olhando para o espaço que ela fez antes de me dar um sorriso. "Este é um evento tão incrível," ela murmura enquanto eu me sento ao lado dela. "Eu não posso acreditar que Cara fez tudo isso."

"Ela é uma superestrela. Ela se supera consistentemente."

Ela cantarola, a boca se enganchando em um sorriso enquanto Abel aperta seu estômago em um ataque de riso enquanto Cara tenta escapar da língua de uma vaca que parece tê-la considerado tão deliciosa quanto eu sei que ela é. "Eu não posso dizer

se ele está mais encantado com os animais ou com Cara." Antes que eu possa responder, Catharine balança a cabeça. "É Cara. Ele está definitivamente mais encantado com Cara."

Eu bufo uma risada. "Ela tem esse efeito nas pessoas."

"Eu não posso acreditar que ele tem quase quatro anos. Vocês estão planejando alguma coisa para o aniversário dele?"

"Cara e eu queríamos falar com você sobre isso, na verdade. Não tínhamos certeza se você tinha algo específico em mente ou se gostaria de planejar conosco." Há também o fato de que não sabemos se ele ainda estará conosco em julho.

"Certamente Cara tem algo na manga."

"Oh, ela tem algo na manga," eu digo com uma risada. "Ou dezessete coisas na manga e um painel do Pinterest para cada uma dessas dezessete coisas."

Catharine se vira em minha direção com um sorriso. "Pare com isso. Realmente? Como o quê?"

"Porra, deixe-me ver." Eu solto um suspiro, listando um punhado de temas que Cara está obcecada enquanto tento simultaneamente não ficar muito apegada, caso Abel não esteja conosco em seu aniversário. "Há Reach Four the Stars, Four-ever Wild, Four-nado, Need Four Speed, Roar I'm Four, que é o mais ideal, já que tem o tema de dinossauro e, bem..."

"Ele é obcecado por dinossauros", ela termina com um sorriso que desaparece rápido demais. Eu vejo sua garganta trabalhar com sua andorinha, e ela agarra a borda do banco, olhando para o colo. "Ele nunca teve uma festa de aniversário de verdade. Quando ele completou um ano, eu o levei para sua primeira casquinha de sorvete. Sentamos no pátio do Dairy Queen e eu cantei 'Parabéns a você' enquanto ele quebrava sua casquinha de sorvete no rosto e depois na mesa. Essa tem sido a nossa tradição desde então. Ele vai adorar fazer uma festa."

"Não há nada como um cone mergulhado de DQ. Aposto que ele adoraria continuar essa tradição com você. Ficaríamos felizes em conhecê-lo no Dairy Queen para que você possa continuar.

“Eu agradeceria muito. E ele sempre me conta sobre ler livros com vocês sob as estrelas, então talvez a Cara pudesse dar um jeito de combinar o Reach Four the Stars com dinossauros também.” Seu olhar volta para Abel, terno enquanto o observa em silêncio. Quando ela fala novamente, sua voz sai rouca e pesada.

“Eu o amei no momento em que o vi. Eu sabia que amaria; esse nunca foi o problema. Mas mesmo assim implorei aos meus pais para reconsiderarem. Para me deixarem entregá-lo a uma família amorosa. Para me deixarem ser criança.” Ela enxuga uma lágrima. “Eles me disseram que eu deveria ter pensado nisso antes de transar. Que as ações têm consequências.”

“Você tinha quinze anos”, lembro-a gentilmente. “Seu cérebro não está totalmente desenvolvido aos quinze.”

Ela solta uma risada abafada. “Meu cérebro não está totalmente desenvolvido agora, aos dezenove.”

“A sociedade adora a questão das consequências porque é mais fácil culpar alguém do que parar e analisar como falharam em educar as crianças adequadamente.”

“É verdade? E aí você volta para casa, onde seus pais agem como se sexo nem existisse, e de alguma forma esperam que você descubra tudo sozinha e saiba mais.” Catharine balança a cabeça. “Não estou dizendo que as escolhas que fiz não foram minhas; só estou dizendo que talvez seja irresponsável da parte dos pais insistir em ‘biscoito’ e ‘xixi’ em vez de ‘vagina’ e ‘pênis’ porque sexo é um tabu tão grande, Deus me livre de usarmos os nomes anatomicamente corretos para as nossas partes do corpo.”

Ela suspira, passando a mão pelo rosto. “Sabe, nem foi o jeito como me trataram que me incomodou. Foi o fato de chamarem o Abel de consequência. Como se ele não fosse nada além de um castigo para a vida toda que podiam usar contra mim. Ele não era o neto deles. Não era o doce garotinho que implorava pela música tema dos Caça-Fantasmas quinze vezes por dia para poder dançar, que era obcecado por correr em círculos ao redor da mesa da cozinha com luvas de forno nos dois braços, que abordava estranhos no supermercado e pedia abraços. Ele era uma consequência, e às vezes... às vezes acho que eles queriam que eu o odiasse tanto quanto me odeiam. No mínimo, queriam que eu odiasse minha vida tanto quanto eles odeiam a deles. Mas eu jamais conseguiria odiar o Abel. E acho... acho que estou aprendendo aos poucos a amar minha vida.”

“Você parece diferente”, digo a ela. “Sei que não nos conhecemos tão bem, mas pensando na pessoa que conhecemos há dois meses... você está diferente.”

Ela olha para mim, o olhar uma mistura de esperança e hesitação. "Diferente para melhor?"

Eu aceno com a cabeça. "Diferente para melhor."

Seus ombros relaxam com um suspiro de alívio. "Eu me sinto diferente. Como se finalmente estivesse no controle da minha vida, talvez. Tomando minhas próprias decisões, escolhendo meu próprio caminho. Eu me sinto meio que... imparável. Eu sei que isso é bobagem", ela acrescenta rapidamente. “Tipo, como posso me chamar de imparável se passei seis meses morando de favor na casa de amigos? É que parece que vivi esses dezenove anos achando que não era capaz de nada, nem mesmo de ser uma boa filha, ou pelo menos a versão de boa filha dos meus pais. Eles esperavam que eu fracassasse quando me expulsaram de casa; eu sei que esperavam. Acho que eu também. Mas, em vez disso... em vez disso, estou conseguindo. Coisas que nunca pensei que faria, e estou fazendo sozinha. Concluí o ensino médio, consegui um emprego e acabei de passar no meu maldito exame de direção, mesmo sem saber quando vou poder comprar um carro. Caminho todos os dias, leio de manhã e escrevo sempre que me dá vontade, o que, ultimamente, é o tempo todo. É como se eu finalmente tivesse me dado um tempo, me recentrado, e agora... agora acordo todas as manhãs animada. Estou feliz. Sou... capaz. Sou capaz”, ela sussurra, como se estivesse Só agora ela se deu conta. Ela pigarreia, olhando para os joelhos enquanto se agarra ao banco, a revelação se consolidando. Quando levanta a cabeça, seu olhar se dirige diretamente para Abel. "Posso te contar uma coisa, Emmett?"

"Pode me contar qualquer coisa."

Ela morde o lábio, o joelho tremendo. Olha para baixo, depois para cima. Respira fundo e, finalmente, revela seu segredo no espaço entre nós. "Passei no programa de escrita criativa da UBC."

"O quê?" Eu me levanto num pulo, puxando Catharine para perto de mim e a envolvendo num abraço tão apertado que a levanto do chão enquanto ela explode em risinhos. "Cat, isso é incrível! Parabéns!" Eu a coloco de volta no banco, e ela se joga de volta, abanando o rosto e tentando recuperar o fôlego.

"Obrigada. Foi tudo graças à Cara. Foi ela quem me contou. Praticamente me obrigou a me inscrever. Eu nunca teria feito isso sem ela."

“Não.” Balanço a cabeça. “Ela pode plantar a ideia na sua cabeça, mas você ser aceita? Isso é mérito seu. Não tire essa conquista de você.”

Ela sorri para o colo, com as bochechas rosadas. “É, acho que sim.”

“Certo, qual é o plano?” Bato palmas. “A gente devia comemorar. Você já comemorou? Vamos comemorar de novo. Qual é a sua comida favorita? A Cara tem uma lista de restaurantes preparada para todos os gostos. Escolha um dia e a gente—”

“Nada de comemoração”, ela diz baixinho, o sorriso ainda lá, mas... diferente. Melancólico, talvez.

“Não.” Balanço a cabeça. “Não.” Aponto o dedo para o rosto dela. “Se você disser que não vai—não, se você disser para a Cara que não vai—”

Ela afasta meu dedo com um tapa, dando uma risadinha. “Eu não posso ir.”

“Claro que pode”, argumento, porque como ela poderia não ir? Escola dos sonhos, programa dos sonhos? Você não perde uma oportunidade dessas.

“Como? O campus de Okanagan fica em Kelowna. São cinco horas de viagem. Eu teria que largar meu emprego na biblioteca, e eu sei que consigo outro emprego lá, mas... é tão caro. Tipo...” Ela enxuga a angústia da testa. “Tão caro. Fiz uma planilha, e mesmo com o empréstimo estudantil, parece impossível de administrar. E os pagamentos começam imediatamente. Tem um depósito de quinhentos dólares para confirmar minha aceitação, e depois outro depósito para moradia fora do campus, já que me inscrevi tarde, e aí—” Ela para, sacudindo as mãos. “Eu não sei o que fazer. Teria que investir cada centavo que economizei nisso. Talvez eu trabalhe por um ou dois anos, junte dinheiro e depois me inscreva de novo para ver se consigo entrar. Ou”—ela dá de ombros, como se fosse tão simples quanto decidir o que comer no almoço—“talvez eu não vá. Talvez só saber que fui boa o suficiente para ser aceita, talvez isso já seja o bastante.”

Meu coração dispara ao olhar para Catharine, uma garota que nunca teve permissão para escolher a si mesma, mas sim foi forçada a aceitar as migalhas que alguém lhe ofereceu. E eu sinto raiva por ela. Quero lutar por ela. Quero que ela lute por si mesma também. "Só você pode decidir o que é suficiente para você", digo a ela baixinho. "Você não está acostumada com isso, eu entendo, mas você está no comando. Você é sua própria chefe. Você decide qual caminho seguir. Você decide o quanto merece a vida que deseja viver. Você é a única pessoa que pode ir atrás disso. Você é a única que pode escolher a si mesma, sempre."

Ela se agarra ao banco, soltando um suspiro trêmulo. "Eu nunca tive esse tipo de controle. Poder escolher meu próprio final?" Ela balança a cabeça. "De jeito nenhum, a vida nunca funcionou assim para mim."

"Como a vida funcionou para você?"

"Como meus pais decidiram."

“E onde estão seus pais?”

“Eles estão...” Ela franze a testa, mas não é só tristeza. Há uma compreensão, um despertar lento que ganha vida em seus olhos. “Não estão aqui”, ela finalmente termina num murmúrio. “Eles não estão aqui. Esta não é a vida deles.”

“Com certeza não.”

Uma empolgação cresce, tão palpável, borbulhando dentro dela até ameaçar transbordar. “Esta é a minha vida. Eu escolho o meu próprio final.”

“É mesmo!” Levanto a mão, e quando ela bate a mão na minha, eu a aperto, sacudindo-a. “Com certeza, Cat!”

“Ah, Emmett.” Cara ergue um braço do outro lado do quintal, o outro segurando dois patinhos contra o peito. “Um evento cheio de crianças. Você não pode ter a boca de um anjo por um dia? Você devia ser mais como eu.”

Catharine e eu soltamos uma risada simultânea. Até o Abel olha para a Cara como se ela tivesse três cabeças. Ela criou um pote de palavrões em casa, numa tentativa de controlar a linguagem dela perto do Abel, e está dando super certo. Quem falar menos palavrões no final de cada semana ganha sexo oral no banho todos os dias da semana seguinte. Três semanas se passaram e está claro que meu pau está mais empenhado na brincadeira do que a buceta dela.

"Se ela tivesse uma boca de anjo, eu a chamaria de anjo", murmuro, "não de vaga-lume."

Catharine dá uma risadinha, depois se recosta no banco com um suspiro pesado, os ombros caindo. Seu sorriso se torna bem mais fácil enquanto observa Cara e Abel dançando em direção à mansão inflável. "Eu queria ter tido isso."

"Ter o quê?"

"Isso. Esse tipo de mãe, esse tipo de mulher ao meu lado." Seus olhos brilham. "Eu me pergunto como minha vida seria diferente se eu tivesse tido uma mãe como a Cara. Eu me pergunto quem eu seria." Ela desvia o olhar, pigarreando. "Vocês querem ter filhos algum dia?"

"Ah, é... Bem, nós... hum..." Meu coração dispara, uma dor familiar se espalhando pelo meu peito. Aperto a palma da mão contra ele, tentando aliviar a dor que sempre parece surgir de repente quando menos espero. "Nós queríamos." Fecho os olhos,

balançando a cabeça. "Ainda queremos. Mas nós... não é que..." Suspirando, esfrego a repentina exaustão na nuca. “Às vezes, as coisas não saem exatamente como planejado.”

Catharine franze a testa, inclinando a cabeça enquanto me examina. Seu olhar encontra Cara, depois a mim, o jeito como torço as mãos, meus joelhos inquietos, pousando nos meus olhos, e sabe-se lá o que ela vê ali. Às vezes, juro que consigo ver cada pensamento atormentado na cabeça de Cara só de olhar para os olhos dela.

“Meu Deus”, ela murmura. “Você está brincando comigo.” Ela abaixa o rosto até as mãos, arrastando-as lentamente para baixo enquanto esconde uma risada incrédula entre elas. “Desculpe. Isso não tem graça. É só uma daquelas situações, sabe, em que se você não rir, você chora. Tipo”—ela levanta o rosto das mãos, abrindo os braços enquanto solta outra risada incrédula—“que merda é essa? Eu tinha quinze anos e nunca quis ser mãe. E aí tem...” Ela suspira, gesticulando para mim, para Cara do outro lado da propriedade. “Tem gente como vocês duas, duas adultas apaixonadas, num relacionamento saudável, que querem isso mais do que tudo, e...”

“Não conseguem fazer dar certo”, completo por ela, assentindo. “Admito que já tive minhas queixas sobre isso. Não sobre você, mas... por que não nós? Eu só...” Levo a mão à nuca, dando de ombros. “Sei lá. Acho que a gente se daria muito bem.”

Os olhos de Catharine suavizam. “Vocês são ótimos nisso. Vocês são incríveis com o Abel. Eu sei que ele está crescendo, mas é muito mais do que idade. Ele é confiante. Ele é aventureiro. Ele... ele não tem medo de ser exatamente como é. Vocês conseguiram isso.”

Engulo o nó na garganta, olhando para as minhas mãos no colo. "Eu acho... acho que só queria fazer o certo por alguém. Vejo o que me faltou, o que eu precisava quando criança e não tive. O que eu tive e que realmente poderia ter dispensado. Não é fácil, mas... sabe o que eu faço quando a situação fica muito difícil? Quando ele está passando por um momento difícil e tudo o que consigo pensar é em como meus pais me tratavam quando eu estava passando por momentos difíceis? Quando o que eu sei parece mais fácil do que tentar mudar um padrão? Pego a mão dele na minha. É tão... tão pequena. Me lembra que ele é só uma criança. Que ele ainda está crescendo e aprendendo. Que eu sou a adulta, eu sou quem deveria saber lidar com todas as emoções pesadas e difíceis, e ele olha para mim. Ele aprende comigo." O aperto no meu peito finalmente diminui, um sopro de ar que parece levar toda a dor consigo,

levando-a para o vento. “Eu queria fazer o certo por ele. Achei que conseguiríamos. Mas agora percebo que foi ele quem fez o certo por nós. Nos curou um pouco a cada dia, e tudo o que ele fez foi confiar em nós.”

Soluço, piscando para afastar a ardência nos olhos enquanto Catharine deixa suas lágrimas caírem livremente, em silêncio.

“Cresci questionando meu valor. Saí de casa para encontrá-lo, e encontrei. Encontrei uma família que me ama por quem eu sou. Mas aquele garoto ali, depositando toda a sua confiança em mim? Esse deve ser o sentimento mais poderoso do mundo, porque nada jamais me fez sentir tão digna.”

OceanofPDF.com

32 TORTA DE CREME DUPLO CARTER BECKETT Cara

UMA COISA SOBRE MIM? Eu sei exatamente quem eu sou e me orgulho disso.

Às vezes — especialmente nesta época do ano, durante as finais da Stanley Cup — nos chamam de WAGs. Esposas e namoradas. Mas sabemos que esse não é o título oficial. Que WAGs é simples demais para abarcar tudo o que somos, tudo pelo que lutamos, tudo o que almejamos ser.

Todos os dias do ano, me orgulho da mulher que passou de não saber nada sobre um esporte jogado em água congelada com facas presas a botas horríveis e fedorentas, para a mulher que bate as mãos no vidro, grita obscenidades para o outro time, para os árbitros quando eles esquecem qual esporte estão apitando, tudo isso enquanto uso o número do meu marido nas costas e, se tiver sorte, a marca da mão dele na minha bunda.

Meu nome é Cara Nicole Brodie e tenho orgulho de ser uma "vadia do hóquei".

"Ei, juiz! Se você quer transar com os meus meninos, é melhor levá-los para jantar primeiro!" Aponto agressivamente para os meus olhos e depois os enfio na direção do árbitro em questão, aquele que convenientemente ignora todas as infrações importantes que Tampa tenta cometer. Essa jogada foi um impedimento não marcado, um lance que deveria ter sido anulado assim que o ala-esquerda deles cruzou a linha azul em nossa zona, a um metro e meio do centro que estava com o disco.

“É isso aí!” Abel grita, pulando de alegria ao meu lado. Ele é a coisa mais fofa que eu já vi com sua jaqueta jeans bordada personalizada, com o nome Brodie nas costas acima do número do Emmett. “E o meu Emmett, hehe... ele gosta de bife com purê de batatas!”

“Isso aí!” Bagunço o cabelo dele, observando o sorriso de Emmett, que abaixa a cabeça, balançando a cabeça, enquanto desliza para o banco quando o jogo finalmente para depois que Adam pega o disco e decide segurá-lo, dando ao seu time

um merecido descanso. Eles estão jogando incrivelmente bem, praticamente fazendo milagres no sexto jogo das finais da Stanley Cup, mas um dos árbitros decidiu, aparentemente, que quer chorar na TV hoje, uma prova em vídeo que jamais será apagada da internet. Imagino que sim, de qualquer forma, porque ou ele tem uma clara preferência por Tampa, ou está apostando todas as suas fichas neles, baseado no número de faltas marcadas contra eles que ele aparentemente "não viu", e está disposto a arriscar levar uma bronca minha por sua incapacidade de fazer o trabalho direito.

Estamos nos dois minutos finais do segundo período e estamos ganhando por um gol, marcado por Jaxon momentos depois de sair do banco de reservas, após cumprir uma penalidade de dois minutos por uma falta ridícula de agressão, mesmo não tendo sido ele quem a cometeu.

A questão é que podemos vencer hoje. Trazer para casa a Stanley Cup pela terceira vez nos últimos quatro anos. É uma série melhor de sete e estamos vencendo por 3 a 2. Se vencermos hoje, a taça é nossa. Mas e se perdermos? Se perdermos, temos mais uma chance de conquistá-la, daqui a dois dias em Tampa. Esta noite não é o fim do mundo, mas esses nossos garotos adoram jogar como se fosse. Então, as férias de verão com as minhas duas pessoas favoritas podem começar dois dias mais cedo, foi o que Emmett disse ao repórter que lhe perguntou, antes de ele entrar no gelo, por que era importante que eles assumissem o controle esta noite. Juro por Deus, o cara sabe exatamente o que dizer para garantir que eu me ajoelhe para ele esta noite.

Emmett volta para o gelo faltando quarenta segundos para o fim do período. Garrett rouba o disco de um defensor antes de passá-lo para Carter, que dispara em direção ao gol de Tampa.

"Aqui, meu bem!", grita Emmett, e Carter manda o disco por entre as pernas de um defensor. Antes que Emmett possa agarrá-lo, o ala-direita de Tampa levanta o taco, prende-o na cintura de Emmett e puxa, derrubando-o de bruços no gelo.

Olivia se levanta num pulo, batendo as mãos no vidro. "Agarrando! Isso é agarrando pra caralho!" Ela lança um olhar selvagem e arregalado por cima do ombro para as crianças e tapa os ouvidos do bebê Brodie, mesmo ele estando dormindo profundamente em seu peito. "Desculpem! Protetores de ouvido!"

Irlanda esmaga um punhado de pipoca em cada um de seus punhos minúsculos e fortes, mostrando os dentes. "Ele machucou meu tio Em!"

“Ei, juiz! Quer pegar meu telefone emprestado?” Eu grito enquanto Emmett se levanta, correndo atrás de Carter e Garrett, os três deslizando pelo gelo para proteger Adam enquanto os defensores estão no meio de uma troca de linha. “Talvez assim você finalmente faça uma p—”

“Ligação!” Abel completa por mim, batendo suas mãozinhas no acrílico, sorrindo para mim.

“Quase lá, amigo. Quase lá. Só falta uma ligação.” Ligação, caramba, era o que eu ia dizer, mas fazer o quê.

“Ah. Ei, juiz! Quer pegar o telefone da Cara emprestado? Você finalmente pode fazer uma ligação!”

Eu sorrio, erguendo meu punho para Abel, piscando quando ele bate nele com o seu. “Acertou em cheio.”

Hank bate a ponta da bengala no acrílico. “Eu apitaria esse jogo melhor que você!”

Jennie cobre a boca com as mãos. “O escritório de desemprego pode te ajudar com o seu currículo! Você vai ter que procurar um novo emprego depois de hoje à noite!”

“Sua mãe ficaria muito decepcionada com você agora!”

Todas nós paramos, virando-nos lentamente para olhar para Rosie, com as bochechas coradas, cobrindo as orelhas de Iris enquanto a balança no peito, como se não quisesse que sua filha de quatro meses pensasse que aquelas palavras eram para ela.

“Eu nunca fui muito boa em insultos”, ela explica baixinho.

“Ah, querida.” Estendo a mão, apertando-a suavemente. “Nós sabemos.”

“Eu queria participar.”

Eu sorrio. “Claro.”

Ela abre a boca para falar, mas seus olhos se arregalam por cima do meu ombro. “Droga. Droga. Droga!”

Sigo seu olhar de volta para o gelo. Jaxon está pulando do banco e por cima da proteção, com seu parceiro logo atrás. Os meninos estão um pouco atrás de Tampa depois da vantagem inicial, e Adam está cercado.

A arena não está silenciosa. Está repleta dos gritos furiosos de torcedores indignados que exigem justiça, que querem que os jogadores do Tampa Bay sejam punidos por suas ações, que os árbitros apitem o jogo de forma justa.

E quando o Tampa Bay consegue passar o disco por baixo do braço de Adam, três segundos antes do fim do período, é a avó de Jaxon, de todas as pessoas, que inicia o cântico que faz todos os torcedores se levantarem, unindo cerca de quinze mil pessoas vestidas de azul e verde.

"Árbitros, vocês são péssimos! Árbitros, vocês são péssimos! Árbitros, vocês são péssimos!"

Eu olho para a fileira, observando as pessoas com quem estou aqui, cercada por elas. Olivia, com Brodie preso ao peito. Jennie, com Ireland nos ombros. Holly, balançando Hunter. Rosie, que entregou Iris para Bev, e Connor, que está nos ombros de Deacon, os pais de Adam. Hank, com a mão entrelaçada na de Lily, a avó de Jaxon do outro lado, os dois usando coletes de hóquei de crochê em homenagem aos seus jogadores favoritos. Lennon, tirando fotos, aproveitando cada momento e sendo paga para isso, sua família na fileira atrás de nós, junto com mais familiares de Jaxon, da Olivia e do Garrett.

Talvez seja por isso que, enquanto os meninos saem do gelo para um intervalo antes do último período, eles não parecem tão desanimados quanto se poderia esperar. Talvez seja por isso que todos param na porta, os cinco olhando para nós com um sorriso, como se estivessem absorvendo tudo. Porque estão cercados. De amor infinito, apoio incondicional.

E imagino que esse tipo de sentimento faça uma pessoa se sentir praticamente imparável.

Subimos para usar os banheiros da suíte, porque evitar as filas enormes é um privilégio que sempre aceitarei humildemente. Os corredores aqui em cima estão cheios de jornalistas, tentando encontrar alguma celebridade ou familiar de um jogador para uma entrevista rápida entre os períodos. Eles focam em Deacon, sempre felizes quando ele aparece em um jogo, porque ele não é apenas o pai de Adam, mas também um ex-quarterback da NFL.

"Cara." Abel solta minha mão, parando em frente à porta do banheiro. Ele olha para mim, com as sobrancelhas arqueadas. “Eu consigo ir ao banheiro sozinho, tá bom? Porque eu sou um menino grande, tá bom?”

“Ah, é mesmo?” Cruzo os braços sobre o peito, sorrindo. “É mesmo?”

“Sim, porque eu já tenho quase quatro anos.” Ele levanta quatro dedos e dá de ombros. “Acho que não vou mais precisar que você me leve ao banheiro quando eu

tiver quatro anos." Ele dá um passo à frente, com a mão no meu braço. "Mas não fique triste, tá? Eu ainda preciso de você para outras coisas. Só preciso de um pouco de privacidade, porque eu sou um menino grande agora. Só isso."

"Tá bom, menino grande." Empurro a porta, dando uma olhada rápida no banheiro para garantir que está tudo livre antes de fazer um gesto para que ele entre. "Vou esperar aqui. Chama se precisar de mim."

Enquanto espero, pego meu celular e mando uma mensagem para o Emmett primeiro. É um vídeo meu sem áudio. Estou nua, mas a maior parte da minha imagem está borrada pela água do chuveiro que cai no vidro. É difícil de ver, mas se você tem um olhar atento aos detalhes como o meu marido, não vai me perder de vista: uma mão brincando com meu clitóris, a outra com meus seios, enquanto eu quico no vibrador de ventosa que o Emmett fez para mim como parte do nosso presente de casamento. É uma réplica do pênis dele.

> Eu: Traga esse vibrador para casa hoje à noite e eu te mando a versão com som para você ouvir o nome de quem eu estava gemendo enquanto me masturbava.

Rindo sozinha, acesso a página do Instagram da equipe. O Lennon faz um trabalho incrível com ela. E não estou dizendo isso só porque o vídeo mais recente, postado há apenas cinco minutos, é uma montagem minha batendo no vidro enquanto xingo o outro time e os árbitros, e talvez com alguns gestos inapropriados direcionados ao meu marido, como quando eu estava comendo meu cachorro-quente e dei uma mordida grande demais, depois lambi a maionese dos meus lábios em câmera lenta, enquanto piscava. E o título rabiscado naquele vídeo?

> Jogo 6 das Finais da Stanley Cup vs. a WAG mais feroz de Vancouver - 2º Período

Ela tem feito isso para todos os jogos em casa nesta rodada, e aparentemente a internet gosta muito de mim. Quer dizer, eu já sabia disso, mas é legal que todo mundo saiba também, né?

Percorro meu feed, 99% dele relacionado a jogos, de vários sites de notícias esportivas, e qualquer outra coisa que Lennon registre em vídeo e compartilhe com o mundo. Dou risada de um vídeo dos meninos antes do jogo, brincando de pega-pega

com uma bola de futebol. Garrett chuta a bola para o teto do ginásio, o que faz com que Jaxon suba nos ombros de Emmett com um taco de hóquei, tentando pegá-la de volta, o que leva a Garrett subir nos ombros de Carter fazendo o mesmo porque "nós conseguimos fazer melhor", o que vira uma briga de galo, sem a piscina, enquanto Adam monta uma escada ao fundo, sobe silenciosamente pelo teto e derruba a bola de futebol, que ele usa para quicar na cabeça de Jaxon de uma forma tão estratégica que ela ricocheteia e acerta a de Garrett também.

10/10, comento no vídeo. Dê um aumento para sua gerente de mídias sociais. Ela nunca erra.

Meu celular vibra e volto para as minhas mensagens, sorrindo enquanto as do Emmett começam a se acumular.

> Emmett (esportes, pênis enorme, gosto impecável para mulheres, *emoji de língua*): Amor, todos nós sabemos o nome de quem você geme quando goza. Você vai me mandar o áudio mesmo se a gente perder. Amor, me manda o vídeo, por favor. Agora. Firefly, o áudio. Por favor??? *emoji de oração* Não, tudo bem. Claro. Mas uma perguntinha rápida: você já teve uma ereção usando uma cueca esportiva? Sabe de uma coisa? Não é nada divertido. Quer saber? Eu não preciso do áudio. Vou te foder tão forte hoje à noite que você vai ficar cantando no meu ouvido por horas. Isso já vai ser o suficiente para mim. Cara, amor, por favor. O áudio. Agora. Eu: Desculpa, amor. Preciso ir!

Rindo baixinho, bato na porta do banheiro. "Tudo bem aí dentro, Abes?"

"Sim!" meu querido responde enquanto ouço a descarga. “Eu só estava fazendo cocô!”

“É isso aí, cara.” Volto para o Instagram, passando por mais posts sem pensar enquanto espero. Tem algumas fotos em que fui marcada hoje, com o Abel sempre ao meu lado, e vou me desmarcando aos poucos. Eu entendo que, enquanto ele estiver conosco em eventos como esses, vai ter foto dele, mas me incomoda demais que as pessoas não consigam respeitar o fato de ele ser um menininho, que não façam ideia das circunstâncias dos cuidados que ele recebe e se sintam tão à vontade para postar o rosto dele online.

Passo por outra foto e volto rapidamente para ela. O Abel está de pé ao lado, quase chorando, enquanto eu estou com a mão na barriga, parecendo que vou vomitar. Ele

deixou cair o sorvete, daí as lágrimas, e eu disse que ele não podia comer, apesar da regra dos cinco segundos do tio Carter, porque ele deixou cair direto no chão, e o cabelo de alguém ficou amassado no sorvete azul e verde, daí minha reação extremamente justificada de "vou vomitar". Mas a foto não mostra o sorvete. E a legenda?

> Será que Emmett e Cara Brodie finalmente estão esperando um bebê? Cara chegou ao jogo hoje à noite exibindo orgulhosamente uma barriguinha de grávida, e parece que o filho adotivo deles já está sendo deixado de lado, já que a futura mamãe o mantém à distância.

É uma legenda horrível para uma publicação igualmente horrível. Claro, estou irritada porque hoje em dia uma mulher não pode ter uma barriguinha sem que alguém se sinta no direito ou na autoridade de comentar sobre isso, mas insinuar que um bebê poderia ou iria substituir o Abel é o que me dá nojo até os ossos. É verdade que, além de querer dar ao Abel um lugar onde ele se sentisse seguro, um lugar para chamar de lar durante essa fase da vida dele, eu ansiava por preencher um vazio no meu coração. É verdade que isso talvez não tivesse acontecido, que talvez não tivéssemos nos conectado da maneira que nos conectamos, se não fossem anos de testes de gravidez negativos. Mas aconteceu. Os testes negativos e a chegada dele em casa. Conexões forjadas enquanto construíamos um relacionamento, um novo e curativo tipo de amor que se formou quando eu não tinha certeza se o merecia, tudo porque encontramos mais uma peça da nossa família.

Mas, sinceramente? São os comentários. Comentários de guerreiros de teclado insensíveis e desconsiderados.

> Ela está tão grávida. Olha essa barriga!!! Nossa, ela está com os enjoos matinais do primeiro trimestre!!! Caramba, ela cresceu rápido *emoji de surpresa* Estou surpresa que eles não tenham pago alguém para ter o bebê para eles. Assim ela não precisaria estragar o corpo. Era perfeito antes, agora vai ficar flácido e nojento. *emoji de enjoo* Quanto tempo vocês acham que vai levar até eles devolverem a criança??? Haha, todo mundo está pensando nisso!!! Eu diria que ela está com 25 semanas. Que barriga proeminente! Ela definitivamente está grávida, mas provavelmente só com umas 10 semanas. Ela é minúscula! Cadê o bebê?? Ela está tão magra, é

nojento. Ganhe um pouco de peso, por favor! Acho que eles só o adotaram para ganhar publicidade.

Existem esses comentários, e se eu aprendi alguma coisa nesses anos com o Emmett, é que sempre haverá, porque esse tipo de gente sempre existirá. Mas sabe quem mais sempre existirá?

@oliviabeckett: NOTÍCIA FALSA!!!!! Arranje uma vida. @jennieandersen: @oliviabeckett Acho que você quis dizer VÁ SE FUDER. @oliviabeckett: @jennieandersen, obrigada, o corretor automático me pegou. VÁ SE FUDER. @jennieandersen: Imagina estar tão infeliz consigo mesma, rsrs. Que vergonha! @lennonriley: Ai, não :(A mãe de alguém não deu abraços suficientes e dá pra ver! @marvelousmittens: Miau, chiado, arranha! @rosielockwood: Espero que você encontre paz e se cure de qualquer dor que tenha sentido. @rosielockwood: E faça terapia. Porque você claramente precisa. @rosielockwood: Além disso, seus pais/responsáveis/amigos/entes queridos ficariam extremamente decepcionados com todos vocês.

"Cara! Adivinha só!" Minha cabeça se levanta bruscamente quando a porta do banheiro se abre e Abel sai ajeitando as calças. Ele enxuga as mãos molhadas na calça e a levanta, mostrando os dedos em um gesto teatral enquanto exibe o sorriso mais largo e radiante. "Eu limpei meu bumbum sozinho!"

"O quê? Você fez isso?" Eu o agarro pela cintura, erguendo-o nos meus braços e girando. "Você conseguiu!" Abraçando-o contra o meu peito, fecho os olhos, expirando as palavras negativas, as pessoas que não significam nada para mim. Essa é a única maneira de dar espaço a tudo que é certo. As palavras certas, as pessoas certas, o apoio certo, o tipo certo de amor. E enquanto Abel se agarra a mim e eu a ele, eu respiro fundo.

Isso é certo.

Ele nos meus braços é certo.

Esta vida... está tudo bem.

"Tenho tanta sorte de ser sua Cara", sussurro em seu ouvido, abraçando-o forte.

"E eu tenho tanta sorte de ser seu Abel", ele sussurra de volta.

VOLTAMOS aos nossos lugares com sete minutos de sobra antes do início do terceiro período, apenas porque Carter vem nos dizendo nos últimos três dias que algo icônico e inovador vai acontecer aos cinco minutos. Um olhar para os pacotinhos de Oreo que todos têm nas mãos, as embalagens azuis e verdes com o rosto do Carter, me diz o que eu já sabia: que eu e o Carter temos definições diferentes de icônico.

Pego um pacote do Oreo de edição limitada de duas camadas dele — torta de creme de banana com chocolate — do adolescente que está no final da fileira enquanto passamos, e o Abel consegue pegar quatro pacotes e uma camiseta com uma foto do Carter segurando um Oreo. Fico feliz em ver que eles não aceitaram a sugestão dele para o slogan da camiseta. Nós outros dissemos a ele que a Oreo nunca colocaria "CREAMPIED BY CARTER BECKETT" em uma camiseta, da mesma forma que dissemos que eles nunca permitiriam que ele desse o nome de "Torta de Creme Duplo do Carter" ao sabor. Como sempre, ele tinha que perguntar mesmo assim.

"Comercial?", pergunto à Olivia enquanto encontro meu lugar ao lado dela, pegando o pequeno Hunter no colo. “Oi, meu pequeno”, eu digo carinhosamente, esfregando a ponta do meu nariz no dele enquanto ele ri, batendo palmas para todos os lados. “Seu papai bobo vai estrear o comercial de Oreo hoje?”

Olivia não tem chance de me responder antes do meu celular vibrar, junto com o das outras meninas. Eu puxo Hunter para o meu lado, pegando meu celular do bolso.

> Carter: Todo mundo pronto??? Eu: Não deveríamos estar perguntando isso para você? Adam: *suspiro* ele não está falando do jogo. Jaxon: Alguém, POR FAVOR, cale a boca dele! Eu não aguento mais!!! Emmett: Literalmente, se ninguém pudesse entretê-lo, seria ótimo. Garrett: A última vez que eu dou um presente atencioso para alguém. Carter: É, é o meu grande dia. Minha grande estreia. Carter Beckett, capitão da NHL, paizão, conhecedor de Oreo, bicampeão da Stanley Cup, prestes a fazer três anos, e depois de hoje? ator.

Olivia solta um suspiro profundo, esfregando o que presumo ser estresse ou puro cansaço — provavelmente ambos — entre as sobrancelhas. "Mal posso esperar para finalmente exibirem esse comercial da Oreo. Ele não deixou ninguém ver, nem mesmo eu, enquanto isso, eu o pego assistindo no celular pelo menos três vezes por dia, rindo baixinho e sussurrando 'acertei em cheio' para si mesmo."

"Eu vi", responde Hank, arqueando as sobrancelhas junto com seu sorriso presunçoso. "Acho que sou especial."

Olivia lança-lhe um olhar, demonstrando total desdém. O olhar suaviza-se quando ela o observa: o boné de beisebol com a inscrição "FÃ NÚMERO 1 DE CARTER BECKETT", o colete de crochê que a avó de Jaxon fez para ele, com o número de Carter nas costas e um patch que diz "AVÔ FAVORITO DO HÓQUEI". Ela sorri, revirando os olhos. "Tanto faz. Sabe o que eu o peguei pesquisando ontem à noite? Na noite anterior ao jogo, que poderia ser a final da Copa Stanley, quando o capitão do time deveria estar hiperconcentrado, meu marido estava perguntando ao Google quando os indicados ao Oscar seriam escolhidos e notificados." Ela nos olha com os olhos arregalados, e eu acho adorável que ela ainda consiga se surpreender com ele depois de tanto tempo. "Eu disse: 'Carter, querido, não existe Oscar para comerciais.' Sabe o que ele respondeu? Sabe?" Ela se inclina para mais perto, como se dizer essas próximas palavras em voz alta fosse um crime. “Ele olhou bem nos meus olhos e disse: ‘Depois que virem essa apresentação, haverá...’”

Nem tentei engolir o riso, e ninguém mais tentou.

Hank deu de ombros, com as palmas das mãos para cima. “Ele é um talento nato, eu te digo. É uma obra-prima cinematográfica.”

“Hank está alimentando o caos do Carter sozinho”, diz Lennon enquanto tira uma foto dele segurando o pacote de Oreo.

“Ele é o animador dele”, sugere Rosie.

“Ele está incentivando ele”, corrige Jennie. “E uma coisa que o Carter não precisa ser?”

“Incentivado.” Olivia aponta para Jennie. “Você sempre me apoia. Casei com o irmão Beckett errado.”

Antes que todos pudéssemos confirmar isso, os jogadores dos dois times se dirigiram silenciosamente para seus bancos, todos exceto Carter.

Emmett me olhou por trás do vidro e piscou para mim. Ele apontou para Abel. “Quer que eu marque um gol para você, grandão?”

Abel sorri. “Mas tudo bem se você não marcar. Você não pode marcar sempre. Eu sempre vou te amar, não importa o que aconteça.”

Observo Emmett se derreter em tempo real, seu sorriso tão doce quanto a poça pegajosa do meu coração. “Eu também sempre vou te amar. Não importa o que

aconteça.”

Abel levanta os dois polegares. “Ei, Emmett, adivinha?” ele sussurra, quase gritando. Ele cobre a boca com as mãos e se pressiona contra o vidro. “Eu fiz cocô sozinho!”

Emmett joga os braços para o ar. “Ehhh! Meu camarada!”

O flash de uma câmera ilumina nossa bolha, e Lennon funga. “Quem diria que uma conversa sobre cocô poderia ser um momento tão mágico?”

De repente, as luzes da arena se apagam. Holofotes giram lentamente sobre o gelo, fumaça saindo das máquinas escondidas em cada canto da pista. A multidão está em silêncio, uma atmosfera estranha e palpável, a expectativa fervilhando no ar como eletricidade.

O telão gigante de quatro lados que paira sobre o centro do gelo continua a contagem regressiva para o início do terceiro período, mas, à medida que se aproxima da marca dos cinco minutos, parece começar a falhar, a energia oscilando. Então, o cronômetro chega a cinco e para.

"Ai, meu Deus", murmura Olivia.

"Que drama", sussurro.

"Que maldito drama."

Holly se inclina para nós. "Ele não puxou isso de mim." Mas eu não preciso do Maury Povich nem de um detector de mentiras para saber que era mentira — a alegria estampada no rosto dela diz tudo.

Os alto-falantes e a tela ficam cheios de estática, a imagem piscando. De repente, um vídeo preenche o telão, um daqueles vídeos caseiros antigos com a data no canto. Este diz que foi filmado há vinte e sete anos. O que significa que o garotinho na tela tinha quatro anos.

"Carter. Carter, olha a mamãe."

O garotinho sentado à velha mesa de madeira levanta os olhos do que está fazendo. Ele sorri para a câmera, mostrando covinhas profundas e encantadoras que arrancam um "own" da multidão. "O que foi, mamãe? Estou torcendo meus biscoitos Oreo."

Uma jovem Holly Beckett dá uma risadinha atrás da câmera, e a mãe atual solta um soluço à minha esquerda. “Hoje é um dia especial. Você está fazendo quatro anos.”

“Eu sei”, ele diz simplesmente. “E é Dia dos Namorados. Você é minha namorada, né, mamãe?”

“Sempre”, ela diz baixinho, e eu não estou chorando. Ninguém está. Isso é ridículo. “O que você quer ser quando crescer?”

Uma gargalhada sonora ecoa fora do campo de visão da câmera, e então um homem grande, que se parece muito com Carter hoje, se aproxima por trás do garotinho e seus biscoitos. Ele aproxima a boca do ouvido de Carter. “Sua mãe está com medo de que você esteja crescendo rápido demais.”

“Está sim, Theo”, Holly exclama, chorando.

“Não está, não.” Theo, o falecido pai de Carter e Jennie, pega um dos biscoitos de Carter. “Ele ainda está aprendendo a separar os Oreos.”

Carter balança a cabeça, pegando seu biscoito de volta. “Não estou, papai! Eu sei separar meus Oreos!” Ele sorri para a mãe. “E além disso, essa é uma pergunta fácil. Eu sei o que quero ser quando crescer.”

“Ah, é?” Theo bagunça o cabelo. “O que é, amigão?”

“O melhor irmão mais velho do mundo”, ele diz, e Jennie solta uma risada abafada enquanto a câmera mostra a barriga de Holly. “E eu quero ser gentil. E corajoso. E eu quero... quero fazer as pessoas rirem. E, ah! Um jogador de hóquei. É, eu vou ser um jogador de hóquei, e vou ser tão grande, e tão rápido, e vou marcar mais gols que o Wayne Gretzky.”

Holly ri. “Eu acho que você consegue fazer tudo isso se se dedicar. Acho que você consegue fazer qualquer coisa.”

Seus olhos são brilhantes, vibrantes, verdes e cheios de travessura. “Qualquer coisa?”

Holly acena com a cabeça. “Qualquer coisa.”

Ele abre um Oreo, mergulhando a metade sem recheio no leite enquanto lambe o recheio da outra metade, cantarolando como se estivesse em profunda reflexão. "Se eu pudesse fazer qualquer coisa... então acho que, um dia... eu faria meus próprios biscoitos Oreo."

O vídeo fica preto, e eu ainda não estou chorando, e percebo facilmente, pelos sons ao meu redor, que ninguém mais está chorando.

Em seguida, uma imagem preenche a tela, uma captura de tela de uma postagem do Instagram de Carter, uma de suas criações com Oreo e um simples apelo para que

a Oreo o patrocine. Outra postagem vem a seguir, depois outra, cada uma mais rápida que a anterior, até que a tela esteja cheia do amor descontrolado de um homem adulto por um simples biscoito.

A transmissão é interrompida novamente, e eu realmente preciso dar os parabéns ao Hank — ou talvez à equipe de marketing da Oreo — porque ele estava certo. A estática realmente contribui para o espetáculo cinematográfico de tudo.

Um novo vídeo preenche a tela, Carter deslizando pelo gelo no meio de um jogo, com a voz de um comentarista esportivo saindo dos alto-falantes.

"Carter Beckett, o herói do hóquei de Vancouver, fazendo sua estreia na NHL, na esperança de marcar um gol hoje à noite. Tenho que dizer, ele é rápido, ele é grande, mas será que ele tem o que é preciso... ah, lá vai ele! Rouba o disco com facilidade e chuta, ele..."

"Gol!" O vídeo muda imediatamente para Carter, sentado à mesa da cozinha, com um copo de leite e uma pilha de Oreos ao lado, enquanto ele coloca um biscoito inteiro na boca.

A arena explode em risadas enquanto o vídeo volta para as imagens de Carter no gelo.

"E lá vem o Beckett, saindo voando do banco de reservas. Nossa, você viu isso? Acertou o número nove com força na parede, se recuperou rapidinho e agora ele está... sim, ele está em um contra-ataque. Ele conseguiu, caminho livre. Ele se prepara para chutar, e para onde está indo aquele disco? Indo, indo..."

"Foi embora!" Outro disco desaparece enquanto Carter joga a cabeça para trás, abocanhando-o no ar, e então o vídeo volta para ele no gelo, um jogo que eu me lembro, apenas uma semana antes de eu e o Emmett nos casarmos.

" "Ele tem seu amuleto da sorte na plateia hoje à noite, pessoal. O Beckett é imparável com aquela mulher dele na arquibancada, não é? Se ele conseguir marcar mais um gol hoje à noite, só mais um... ok, vamos lá. Vamos lá, pessoal. Será que estamos fazendo história? Se o Beckett conseguir fazer isso, se ele conseguir marcar esse gol, então ele vai trazer para casa a—"

"Taça Stanley!" Carter mergulha um Oreo na Taça Stanley, que é de verdade, enorme, aquela que está sobre a mesa à sua frente, cheia de leite até a borda. Ireland está ao seu lado agora, vestindo sua camisa, arrancando mais um "own" da plateia enquanto a pequena pula de alegria, batendo no vidro.

“Sou eu! Sou eu e o papai!”

“Assim, meu bem”, Carter diz para ela no vídeo, mergulhando outro biscoito antes de comê-lo, enquanto Ireland observa atentamente.

“Assim?” Ela mergulha o biscoito — e o punho inteiro, até o cotovelo — na caneca de leite, antes de enfiar a gororoba encharcada na boca.

Carter dá uma risadinha. "Assim mesmo, querida. Você leva jeito para isso."

O vídeo mostra Carter ao lado de um Oreo gigante, com Ireland nos braços, e tenho certeza de que a única vez que vi esse homem sorrir assim foi no dia em que Olivia disse "sim".

"Meu nome é Carter Beckett—"

"E eu sou I-land Bucket—"

"E nós somos os maiores fãs de Oreo."

O telão fica preto, o pedido do locutor para que todos se levantassem para o capitão do Vancouver Vipers se perde no caos enquanto a multidão enlouquece, gritando por Carter.

Holly grita, virando uma das camisetas com o rosto de Carter. "Esse é meu filho! Esse é meu garoto!"

“Esse é o meu irmão!” Jennie grita enquanto Carter desliza para o gelo, taco no ar, um sorriso orgulhoso estampado no rosto enquanto recebe os elogios, batendo os punhos com seus companheiros de equipe e até mesmo com o time adversário enquanto eles batem seus tacos nas tabelas em sua homenagem.

“Droga.” Eu fungo, enxugando uma lágrima idiota e incômoda. “Isso foi...”

“Uma obra-prima cinematográfica”, Olivia sussurra, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela se levanta num pulo, batendo as palmas das mãos no vidro. “Alguém dê um Oscar para o meu homem! Você conseguiu, meu bem!”

Eu solto uma risada abafada, meu coração se aquecendo enquanto os meninos abraçam Carter, que lhes diz, com toda a gratidão do mundo, obrigado e eu amo vocês.

Esses meninos são raros. Ninguém vai me convencer do contrário.

Enquanto o caos se acalma e os jogadores entram no gelo, Emmett para e volta para as tabelas, batendo no vidro em frente a Abel. Ele pressiona a mão enluvada contra os lábios e manda um beijo. "Guarde no bolso para depois."

Abel sorri, pega o beijo e o guarda no bolso antes de mandar outro. "Guarde no bolso para depois."

Não sei o que é. Talvez haja algum tipo de energia renovada no ar depois daquele vídeo. Talvez porcos voem e o árbitro principal tenha finalmente se lembrado de como fazer seu trabalho. Não tenho certeza, mas o último período é o tipo de hóquei que ninguém consegue odiar. É rápido como um raio e intenso da melhor maneira possível. É justo e acirrado, o tipo de emoção que te deixa na ponta da cadeira, arrancando os cabelos, e dois minutos depois de Carter nos colocar na frente, Tampa empata de novo. Antes que eu perceba, Tampa está ganhando por 3 a 2, e os Vipers se amontoam em cima de Garrett quando ele consegue colocar o disco na rede a três segundos do fim, nos levando para a prorrogação.

"Quando é que os jogadores de hóquei se aposentam?" Abaixo a cabeça até às minhas mãos húmidas, passando-as pelo rosto enquanto os meus joelhos tremem. Seis minutos se passaram desde o fim do prolongamento e o Emmett acabou de terminar o seu terceiro turno. Não me considero uma pessoa tensa, mas prolongamento com a Taça Stanley em jogo? Quer dizer, sou bonita, inteligente e forte, sim, mas sou apenas humana. "Não sei quanto tempo mais consigo aguentar este tipo de stress. Encontrei um fio de cabelo branco esta manhã! Acredita? Branco! Na minha idade!" Viro o meu vinho gelado antes de encontrar os M&M's e Skittles que estava demasiado stressada para comer, e enfio um punhado na boca. "Não vou envelhecer prematuramente por causa de um desporto."

A Rosie rói a ponta da unha. "Estão todos de acordo, certo? Quando um se reforma, todos se reformam?" Ela tira a unha da boca só para a colocar de volta quando o jogo recomeça.

"Vocês são um bando de bebês." Jennie vira um Twizzler. "Isso é divertido. Acelerar o coração é bom. Não—Ai, meu Deus, Garrett!" Ela se levanta num pulo, os olhos arregalados enquanto observa Garrett se levantar depois de ser atingido contra a parede por um zagueiro. Com a mão no coração, ela suspira. "Me deu um susto danado."

"É isso aí!" Lennon grita de trás da câmera, disparando flashes enquanto Jaxon derruba o mesmo zagueiro contra a parede. "Esse é o meu bebê! Dando conta do recado!"

“Meu Deus, isso é muito ruim. Muito ruim mesmo.” Olivia cobre o rosto com as mãos, sentindo uma expressão de angústia, e puxa as pálpebras inferiores para baixo. “Vê-lo jogar assim, tão confiante, no controle, liderando o time, isso... isso me afeta. Me assusta muito.”

Ergo uma sobrancelha. “Como o quê?”

“Dá voz aos pensamentos na minha cabeça. E sabe o que eles dizem?” Ela se inclina para mais perto, os olhos castanhos arregalados de terror enquanto sussurra: “Você conseguiria. Você aguentaria mais um bebê.”

Dou uma gargalhada, tapando seus olhos com a mão e a puxando para perto do meu peito. “Shhh, Ollie. Não deixe as vozes vencerem.” Mas então Emmett salta por cima da proteção, voltando para o jogo, e eu empurro Olivia para longe enquanto ele rouba o disco de Tampa, jogando-o para trás para Garrett. Eu agarro Abel, colocando-o na minha frente, me agarrando a ele enquanto ele envolve meus antebraços com os dedos. "Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus do céu."

"Ele vai marcar", diz Abel baixinho, e eu consigo ouvir a certeza em sua voz, junto com a expectativa. "Meu Emmett vai marcar."

Meu coração dispara quando Garrett corre pela ala direita com o disco na ponta do taco. Seus olhos se movem, analisando suas opções, e então ele lança o disco para Carter, que dispara pelo meio, trocando passes com o taco antes de girar em torno de um defensor, ficando cara a cara com outro diante do goleiro de Tampa. Ele puxa o taco para trás como se fosse chutar, e quando o leva para a frente, o goleiro mergulha.

Mas ele não chuta.

Ele segura o disco contra o taco, lança para Emmett, completamente livre à sua esquerda, e meu amigo não hesita.

Seus olhos se fixam no disco enquanto ele desliza em sua direção.

Ele puxa o taco para trás.

Se prepara para chutar.

E solta o disco.

Por cima do ombro do goleiro.

Direto para o gol.

Seus braços se erguem acima da cabeça, o taco é jogado para o alto atrás dele enquanto ele grita, e o time todo invade o gelo, derrubando-o no gelo quando se amontoam sobre ele.

Acho que nunca na minha vida estive tão apaixonada por ele quanto naquele momento em que ele finalmente se levanta, vindo em nossa direção, tirando as luvas para poder fazer um coração com as mãos.

Mas duas horas depois, enquanto ele ajuda Abel a escovar os dentes antes de dormir, e eu estou sentada na janela do quarto de Abel, assistindo a uma entrevista com Emmett no gelo, consigo me apaixonar um pouco mais.

"Como é, Emmett, ser tricampeão da Stanley Cup?", pergunta o entrevistador. "A sensação começa a perder o brilho depois da primeira ou da segunda?"

Emmett riu baixinho, com uma mão na cintura enquanto usava a outra para afastar o cabelo encharcado de suor da testa. "Perde o brilho? Não, definitivamente não. Claro que nunca é a mesma coisa que da primeira vez, mas desta vez... cara, preciso te contar. Acho que nada na minha vida me preparou para como seria isso, ganhar aqui hoje, com as duas pessoas que eu mais amo me apoiando." Seu olhar se desviou da tela e ele deu um sorriso torto e apaixonado antes de voltar a olhar para a câmera. "A Stanley Cup é legal. Mas eu? Eu já ganhei na vida."

"Por que você está chorando, Cara?" Os passos de Abel ecoaram pelo chão enquanto ele corria até mim, e eu enxuguei as lágrimas, desligando o celular. "Você está magoado? Está triste?"

Eu balancei a cabeça, acariciando seus braços e sorrindo. “Não estou magoado nem triste. Sinto tanta felicidade que acho que transborda. Me sinto... sortudo. Muito sortudo.”

“Eu também”, ele sussurra, aconchegando-se no meu colo. Ele deita a cabeça no meu ombro e aponta para o espaço vazio no banco da janela. “Emmett, você pode se sentar com a gente?”

Olho por cima do ombro enquanto Emmett se afasta do batente da porta, caminhando em nossa direção. Ele inclina meu queixo, dando um beijo suave na minha bochecha antes de se sentar conosco.

“Estou cansado”, diz Abel, bocejando. “Cansado demais para ler hoje.”

“Podemos apenas olhar as estrelas por alguns minutos”, sugiro, acariciando seus cabelos.

“E fazer pedidos?”

“Hum-hum.”

“O que você vai pedir?”, ele me pergunta baixinho, olhando para mim com olhos esperançosos enquanto mexe nos botões da minha blusa de pijama. “Não vou contar para ninguém, e se você falar baixinho, acho que ninguém mais vai ouvir.”

Sorrio suavemente, acariciando sua bochecha enquanto meu polegar desliza sobre o rubor de sua pele. “Este momento aqui, repetidamente.”

Abel sorri, recostando-se em meu peito. “Que lindo desejo. O que você desejaria, Emmett?”

Emmett olha para as estrelas por um instante antes de seu olhar se voltar para mim e Abel. “Se você e Cara fossem as únicas estrelas no meu céu, isso já seria o suficiente para mim.”

Abel boceja, com o punho cerrado sob o queixo enquanto seus olhos se fecham. “Eu também gosto desse. Sempre serei uma das suas estrelas.”

Ele adormece logo em seguida, mas Emmett e eu ficamos sentados ali sob as estrelas por mais trinta minutos, absorvendo o amor tranquilo e caloroso, um amor que tivemos a sorte de encontrar. Emmett o pega cuidadosamente dos meus braços, deitando-o na cama, onde beijamos sua testa antes de nos virarmos para a porta.

“Emmett? Cara?” sua voz sonolenta nos chama, interrompendo nossa conversa. “Por que a jaqueta da Lily dizia ‘Papai’? E a da Ireland, e a do Connor. A minha não dizia ‘Papai’”.

Eu paro, olhando para Emmett sob o brilho das estrelas lá fora. “Bem... a jaqueta da Lily dizia ‘Papai’ porque o Adam é o pai dela. E a do Connor também. E o Carter —”

“—é o pai da Ireland?”

Eu aceno com a cabeça. “Exatamente.”

“Ah.” Ele fica em silêncio por tanto tempo que acho que voltou a dormir. Mas então ele fala novamente, suas palavras suaves e cruas, vulneráveis. “Eu tenho um papai?”

"Oh, querida." Eu me movo para sua cama, sentada na borda enquanto Emmett se agacha diante dele. "Você tem um Emmett."

Abel olha para Emmett com os olhos encapuzados, estendendo a mão para escovar a barba por fazer em sua mandíbula. "Meu Emmett," ele murmura. "E eu tenho uma mamãe?"

Minha garganta aperta quando eu pego sua mão, pressionando um beijo nela. "Você tem sua Catharine."

"E eu tenho minha Cara?"

Eu sorrio, lágrimas ardendo em meus olhos. "Você tem sua Cara."

"Alguém te chama de mamãe e papai?"

Emmett encontra meu olhar antes de balançar a cabeça. "Não."

"Se eu te chamasse assim, isso faria você se sentir especial?"

"Oh, querida. Você não precisa nos chamar de mamãe ou papai para nos fazer sentir especiais.

Emmett segura sua bochecha, inclinando o olhar de Abel para o dele. "Você nos faz sentir especiais todos os dias."

"Mas e se eu quisesse? Um dia?"

Penso no treinamento que fizemos, aquele que parece há muito tempo. Uma criança chamando seus pais adotivos de mãe ou pai deve ser apenas a escolha da criança e nunca deve ser forçada a eles. "Se um dia você quisesse."

Abel pensa por um momento, depois acena com a cabeça. "Ok," ele murmura enquanto seus olhos se fecham novamente, enquanto ele se aconchega sob os cobertores.

Emmett entrelaça os dedos nos meus, e nós andamos na ponta dos pés pela sala. Pela segunda vez esta noite, uma vozinha nos interrompe, logo antes de fecharmos a porta.

"Eu desejei por você. Quando eu desejei para as estrelas esta noite, eu desejei para você. Boa noite, mamãe. Boa noite, papai. Eu te amo."

E uau, que coisa selvagem é ouvir essas palavras. Não por causa do nome, o único rótulo pelo qual passei tanto tempo ansiando. Não.

Por causa do menino que os falou. Por causa da confiança que ele depositou em nós, o amor que ele nos deu tão livremente. Porque não há nada neste mundo que eu queira ser mais do que quero ser o espaço seguro que esse garotinho chama de lar. Os braços em que ele rasteja, a orelha a quem ele empresta suas divagações sonolentas, a estrela que ele deseja.

Ele me deu tudo, um amor que eu nunca poderia ter sonhado, uma força tão diferente daquela que eu conheci, uma versão de mim mesma da qual me orgulho, sempre, porque aprendi, finalmente, a me dar graça quando mais preciso. Paciência,

porque as coisas nem sempre acontecem quando você quer, e confie que as coisas funcionarão exatamente como planejado.

E se eu pudesse dar a ele uma coisa, apenas uma, seria amá-lo da maneira certa. Porque quando bem feito, oh, cara, o amor é uma coisa tão poderosa e louca. Quando alguém te ama bem, eles mostram como amar a si mesmo. Eles mostram como deixar outras pessoas te amarem, como se valorizar o suficiente para não aceitar nada menos. O tipo certo de amor tem o poder de apagar todos os pensamentos negativos, um por um, os rótulos aos quais lentamente demos significado. Não há espaço para que esses pensamentos tenham qualquer peso real, porque o tipo certo de amor sussurra mais alto, até que seja impossível ignorar.

É isso que eu quero dar ao Abel, o que prometo a ele todas as noites sob as estrelas pelos próximos três dias, enquanto mamãe e papai se tornam suas novas palavras favoritas, e aquelas estrelas acima de nós nos envolvem em seu brilho, nos protegendo do mundo lá fora.

Mas não se vê as estrelas todas as noites, e às vezes, naquelas noites particularmente escuras, é quando você se lembra de que não há proteção real contra o mundo exterior. Que sem o brilho a que você está acostumado, é fácil se sentir um pouco perdido. Que algo tão pequeno, algo aparentemente tão insignificante... pode desestabilizar seu mundo num piscar de olhos.

Eu tropeço na beirada do tapete no escuro, me apoiando na beirada da nossa cama. "Ai, droga." Segurando meu pé machucado, rolo na cama, me aconchegando no colo do Emmett. "Me ajuda", faço beicinho para ele.

Ele abre um sorriso para a minha boca. “Nem uma estrela lá fora esta noite. Incrível como o céu está escuro. Espero que a tempestade passe logo.” Ele me pega no colo, me leva para o banheiro, me coloca na pia e prepara minha escova de dentes. Me viro para o espelho, cruzo as pernas para escovar os dentes enquanto observo Emmett desenhar. Ele começa com as estrelas, espalhando-as pela parte superior do espelho. Depois, desenha a montanha, alta e imponente. Em seguida, desenha Abel, bem no topo, com eu e Emmett ao seu lado, de mãos dadas. “Meu time favorito”, ele rabisca embaixo do desenho, antes de me abraçar pela cintura e encostar o queixo no meu ombro. “Eu te amo, vaga-lume.”

Quando voltamos para a cama, conecto meu celular ao carregador e dou uma olhada nos meus e-mails. Passo pela maioria, mas paro ao ver um da assistente social de Abel e Catharine. Uma espécie de pavor se instala no meu estômago, mas engulo o medo irracional e abro o e-mail.

É curto e direto ao ponto, e nunca deixa de me surpreender como poucas palavras são necessárias para destruir o mundo de alguém. Porque, depois das gentilezas e dos parabéns pela recente vitória de Emmett, vem apenas um punhado de palavras que consegue tirar o ar dos meus pulmões.

Catharine está pronta para se encontrar comigo para discutir os próximos passos no plano de colocação de Abel.

E, de repente, nosso futuro parece tão sombrio e assustador quanto este céu sem estrelas.

OceanofPDF.com

33 HOJE E TODOS OS AMANHÃS Cara

Aprendi mais sobre mim mesma no último ano do que em todos os vinte e sete anos anteriores.

Aprendi que até as pessoas mais fortes são capazes de se quebrar. Que coisas ruins acontecem, que as coisas nem sempre fazem sentido e que tentar entender o porquê por trás delas vai te despedaçar. A busca por respostas quando não há nenhuma, quando as coisas simplesmente são como são, cria espaço para que a dúvida se instale, cresça e, eventualmente, se espalhe como fogo em palha seca. Aprendi que é infinitamente mais fácil deixar a dúvida vencer. Que priorizar a si mesmo, amar a si mesmo apesar das dúvidas, pode parecer impossível até para as pessoas mais confiantes.

Aprendi que amar a mim mesma se manifesta de maneiras diferentes em cada fase. Significa ser gentil comigo mesma, reconhecer meu valor nos meus melhores momentos e também nos piores. Significa me lembrar de que sou suficiente. Que fui suficiente ontem, sou suficiente hoje e serei suficiente amanhã, não importa o que aconteça. Aprendi que amar a mim mesma não exige perfeição, mas exige que eu esteja presente para mim mesma todos os dias e celebre todos os meus esforços, independentemente do resultado. Amar a mim mesma significa entender que não consigo fazer tudo sozinha. Significa pedir ajuda, deixar as pessoas entrarem na minha vida, permitir que elas me amem ainda mais nos dias em que o amor me falta.

Aprendi o que significa ser mãe. Que é a coisa mais difícil que já fiz. Que ser mãe significa amar alguém tanto a ponto de abrir mão de tudo por essa pessoa. Aprendi que ser mãe é repleto de sacrifícios silenciosos, não apenas pelas noites em claro e pelos planos cancelados, mas pela vida que você reorganiza. A pessoa de quem você se despede, os pedaços de si que você deixa ir enquanto seu coração e alma são gentilmente remodelados, moldados em uma versão sua que outra pessoa precisa, e

talvez uma que você também precisava. Aprendi que ser mãe significa curar as partes internas que ainda sangram, a dor que você guardou com tanta força, e observar corajosamente essa dor ressurgir pela primeira vez em tanto tempo, desesperada por alguém que a ilumine.

Aprendi que está tudo bem ocupar espaço exatamente como sou. Não sou menos digna nos dias em que luto, nos dias em que não consigo ficar de pé sozinha, quando as vozes na minha cabeça tentam me convencer de que qualquer coisa menos do que a minha melhor versão não é boa o suficiente. Tenho permissão para existir, feliz e cheia de vida. Tenho permissão para existir, perdida e com medo. Não preciso me desculpar por estar aqui, por ter uma semana difícil ou um ano impossível. Há espaço para cada dia bom e para cada dia ruim também. Espaço para o riso, os sorrisos, as lágrimas e a raiva. Há espaço para tudo, e não há nada, absolutamente nada neste mundo, que me faça menos merecedora de estar aqui.

Mas talvez o mais importante de tudo? Aprendi que a pessoa mais importante do mundo para convencer do meu valor... sou eu mesma. Todo o amor do mundo jamais compensará o amor que mais preciso: o meu próprio.

Encaro o reflexo de Abel pelo retrovisor enquanto dirigimos pela costa, tentando chegar antes do pôr do sol. Ele está despreocupado, sorrindo enquanto observa o mundo passar lá fora, enquanto eu tento sentir que o meu não está acabando.

Emmett estende a mão por cima do console, colocando a palma para cima. Deslizo minha mão na dele, fechando os olhos enquanto ele deposita um beijo suave como uma pluma em meus nós dos dedos. Não é segredo que encontrei meu caminho para o outro lado com as mãos de Emmett e Abel entrelaçadas nas minhas, mas observar Emmett e Abel curando suas feridas da infância ao mesmo tempo tem sido uma experiência linda que tive a imensa sorte de vivenciar em primeira mão. Meu marido é o que significa "quebrar o ciclo". Ele é cada respiração profunda, cada passo à frente quando meu corpo implora para que eu pare. Ele é a paciência que nunca lhe foi concedida, o apoio que nunca teve, o amor que nunca deveria ter vindo com condições. E Abel... ele é uma criança. É tudo o que ele precisa ser, tudo o que ele deveria ser. Não há alegria maior do que poder proporcionar a ele essa oportunidade.

"A Irlanda vem?" Abel pergunta quando Emmett estaciona a caminhonete numa estrada de terra escondida entre as árvores, num ponto alto o suficiente para

podermos contemplar a água lá embaixo, os navios no porto e a cidade ao longe. “Connor? Lily? O tio Carter vem? E a tia Ollie?”

“Acho que não, querido”, respondo gentilmente, segurando a porta enquanto ele desabotoa o cinto da cadeirinha. Ontem foi o nosso aniversário de casamento, o que também significa que hoje é o Dia do Canadá. Não há outra maneira que eu preferiria passar esta noite, exceto talvez sem o peso esmagador do que o amanhã pode reservar sobre o meu peito. Porque amanhã de manhã, logo depois do café da manhã, vamos para a reunião com a assistente social de Abel e descobriremos quais serão os próximos passos de Catharine.

Não sei como descrever a guerra que se trava dentro de mim. Sinto um orgulho imenso de Catharine, de cada conquista e da mulher incrível que ela é, da vida que ela está construindo. Quero que ela vença. Vejo o quanto ela tem se esforçado para mudar seu destino.

E, no entanto, a ideia do banco da janela naquele quarto estar vazio, dos desejos às estrelas não realizados, das tintas deixadas nos potes em vez de sobre a minha mesa, e das botas de chuva sem lama... é insuportável.

Fecho os olhos para a dor lancinante, desviando o olhar de Abel enquanto o ajudo a pular da caminhonete.

Ele me olha com uma expressão tão magoada, tão abatida, que meu coração se aperta. “Porque é o Dia do Canadá? É por isso que eles não podem vir?”

Ontem à noite, dissemos a Abel que passaríamos o dia fazendo o que ele quisesse. Dissemos que era para comemorar a chegada do mês do seu aniversário, não que estivéssemos apavorados por ser nossa última noite juntos. E o que ele escolheu para o dia?

Fazer panquecas para o café da manhã com o papai e comer no quintal com a mamãe. Pintar pelo FaceTime com a vovó e jogar hóquei com o papai na entrada da garagem enquanto a mamãe torce por ele. Fazer pizzas caseiras para o jantar e assistir aos fogos de artifício com a família.

"Desculpe, Abel. É difícil reunir todo mundo em um feriado." Eu me agacho na frente dele, alisando o cabelo da testa. "Mas eles queriam muito estar aqui. Prometo."

Ele abaixa a cabeça. "Tudo bem."

Abel caminha pela trilha enquanto Emmett tira os cobertores e travesseiros que tínhamos trazido, estendendo-os e preparando um lugar aconchegante para

assistirmos ao pôr do sol e aos fogos de artifício.

"Mamãe." Abel puxa meu short, olhando para mim com os olhos arregalados. "Desculpe. Eu só estou triste porque minha família grande não está aqui, mas ainda estou feliz porque minha família pequena está."

"Você nunca precisa se desculpar por se sentir triste, Abel. Sinta o que precisar sentir, e nós vamos te ajudar a superar isso. Tudo bem?"

Ele acena com a cabeça, me abraçando e encostando a bochecha no meu quadril. Quando Emmett e eu nos sentamos nos cobertores, ele se aconchega entre nós. "Este é o meu lugar favorito", diz ele com um suspiro feliz.

"Fogos de artifício?", pergunta Emmett.

"Vocês", responde Abel.

Antes que pudéssemos nos deter na palavra, um motor roncou ao longe. Os faróis iluminaram a luz que rapidamente se esvaía, e Abel pulou de pé quando um carro parou na vaga, seguido por outro, e depois outro.

“Eles chegaram!” gritou Abel enquanto Carter e Olivia saltavam da primeira caminhonete, descarregando as crianças da carroceria. Adam, Rosie e as crianças vieram em seguida, e Jaxon, Lennon, Garrett e Jennie saíram da última caminhonete. “Eles chegaram!”

Adam jogou uma pilha de cobertores ao nosso lado, e Garrett e Jaxon vieram logo atrás com montes de travesseiros. Carter largou um grande cooler no chão, abriu-o e começou a vasculhar o conteúdo. Jogou um pote de donuts recheados com geleia para Emmett, um pacote de M&M’s e um de Skittles para mim, e um picolé em formato de dinossauro para Abel.

“Claro que estamos aqui”, diz ele, bagunçando o cabelo de Abel. “Fogos de artifício em família sob as estrelas. Onde mais estaríamos?”

Não tento conter as lágrimas. Nem uma única tentativa, por mais fraca que seja. Deixo-as escorrer orgulhosamente pelas minhas bochechas, assumindo cada uma delas enquanto pingam do meu queixo.

Emmett enxuga as suas com a gola da camiseta, fungando enquanto nossa família se aconchega ao nosso redor, um emaranhado de corpos quentes e risonhos. “Obrigado”, sussurra ele.

Olivia sorri. “Nesta família, estamos sempre presentes uns para os outros, simples assim. Não precisa agradecer.”

E talvez seja verdade, mas enquanto o sol pinta o céu com tons de rosa e roxo, listras de laranja e vermelho, enquanto as cores desvanecem e as estrelas começam a brilhar, e enquanto o céu negro se ilumina com fogos de artifício, não consigo evitar ficar aqui sentada e me deleitar na gratidão que sinto por uma vida tão boa, uma vida que tenho a sorte de viver com pessoas assim, uma família que simplesmente aparece, simples assim.

Obrigada.

NÃO DORMI ONTEM À NOITE. Nem um cochilo sequer, e Emmett também não. Cada minuto foi passado olhando para o menino aconchegado entre nós, aquele tão tranquilo, maravilhada com o progresso que ele fez em apenas alguns meses, o espaço que ele ocupa no meu coração e na minha alma. Às vezes, parece que tudo se resume a ele.

"Ei, você. Podemos conversar um minutinho antes de entrarmos?"

Abel para nos degraus em frente ao escritório da assistente social. Ele volta saltitando para perto de mim e do Emmett, sorrindo. Abro a boca para dizer algo, embora não saiba o quê. Não tenho certeza se existe algo que eu possa dizer que seja suficiente. Mas antes que eu possa tentar, Abel nos envolve em seus braços, nos apertando forte.

Emmett pisca. "Por que isso?"

"Só porque eu amo vocês, e vocês são meus melhores amigos em todo o maldito mundo. Tenho muita sorte de ser o Abel de vocês."

E eu acho... acho que é assim que eu sei. Que se hoje for o nosso fim, se hoje dissermos adeus, eu faria tudo de novo.

Eu passaria por tudo de novo, aceitaria o mesmo destino, uma dor permanente, o vazio no meu coração que nunca será preenchido, reservado apenas para ele. Eu forçaria essa palavra a sair da minha boca, sussurraria um adeus que me sufocaria quando ele se fosse, um adeus que, sem sombra de dúvida, me marcaria para sempre. Eu faria tudo de novo para saber como é ser amada tão completamente, tão puramente, apesar de todas as minhas falhas, por esse garotinho. Eu faria tudo de novo, porque vê-lo se curar, vê-lo sair das sombras e erguer o rosto para o sol, tão orgulhoso de cada centímetro de si mesmo... nada na minha vida poderia ter me

preparado para testemunhar uma cena tão impactante, inovadora e espetacular. E me sinto honrada por ter feito parte, mesmo que minimamente, dessa jornada.

Sou uma pessoa melhor por causa dele. Porque ele me amou quando eu não sabia como me amar. E quando alguém te ama assim, vê todas as suas falhas, todas as suas imperfeições, e ainda acha que você é a pessoa mais incrível do mundo... é aí que você finalmente aprende, depois de todos esses anos, que não precisa ser perfeito para ser digno de amor. Com Abel, meus defeitos não parecem tão condenáveis. Em vez disso, parecem espaço para crescer. E eu cresci tanto, tanto mesmo, com sua mãozinha entrelaçada na minha.

Emmett segura meu rosto entre as mãos enquanto Abel entra saltitando pela porta da frente, gritando o nome de Catharine. "Eu estou com você", ele promete em um sussurro suave. "Eu sempre estarei com você, Cara, e você sempre estará comigo. Seja como for que isso termine, nós vamos superar. Juntos, vaga-lume."

Eu aceno com a cabeça, lágrimas escorrendo pelo meu rosto. "Juntos."

Ele pressiona seus lábios contra os meus, selando sua promessa com um beijo antes de entrarmos, onde Catharine está agachada diante de Abel, observando todas as pinturas que ele trouxe para ela, ouvindo-o falar sobre cada pincelada enquanto Emily e Marlene, a assistente social de Abel, esperam com um sorriso.

Emily me envolve em um abraço e aperta o ombro de Emmett. “E aí, estrelas. Como vocês dois estão?”

A julgar pela careta da Emily, eu diria que meu sorriso de resposta é tão convincente quanto parece, ou seja, nada convincente.

Marlene abre sua pasta. “Podemos começar? Cara e Emmett, a Emily está aqui hoje para passar um tempo com o Abel enquanto conversamos com a Catharine sobre os próximos passos.”

“Ei, amigão?” Catharine acaricia o braço de Abel. “Que tal? Quer brincar um pouquinho com a Emily?”

“Ouvi dizer que você adora dinossauros, então trouxe alguns dos meus brinquedos de dinossauro favoritos.” Emily estende a mão para Abel. “Quer ver?”

Os olhos de Abel brilham e ele corre até Emily. Ele para, franzindo a testa, e então volta correndo para Catharine. “Esqueci o que você me perguntou antes.”

Catharine dá uma risadinha. Ela afasta o cabelo da testa dele. “Perguntei se você está feliz.”

“Ah.” Ele olha para Emmett e para mim por cima do ombro, sorrindo. “Sim. Estou feliz.” Ele observa Catharine, inclinando a cabeça. “Você está feliz?”

Ela sorri, uma lágrima solitária escorrendo pela sua bochecha. “Estou feliz e estou triste.”

“Tudo bem”, ele diz suavemente, dando um beijo na testa dela. “Você pode ser as duas coisas. Não tem problema.”

Catharine acena com a cabeça. “Vá se divertir com a Emily.” Seus olhos não se desviam de Abel enquanto ele sai correndo, desaparecendo atrás de uma porta com Emily. Reconheço o olhar em seus olhos, a mágoa. É o mesmo jeito que olhei para Abel a noite toda, como se tivesse medo de desviar o olhar, como se ele pudesse desaparecer se eu tirasse os olhos dele por um segundo sequer. Ela torce as mãos no peito, olhando para os pés. “Posso só—”

“Que tal nós—” Marlene se interrompe, gesticulando para Catharine. “Desculpe, Catharine. Eu ia sugerir que nos sentássemos e discutíssemos as opções de Abel, mas se você quiser começar, fique à vontade.”

Ela acena com a cabeça, mordendo os lábios enquanto uma lágrima escorre por sua bochecha, depois outra.

“Oi”, murmuro, aproximando-me dela. “O que está acontecendo? Seus amigos falaram alguma besteira de novo? Preciso fazer uma visita a alguém e dar uma lição em algumas pessoas? Porque eu vou. É só falar.”

Acontece o que eu esperava, e Catharine solta uma risada abafada, esfregando os olhos vermelhos. “Passei na faculdade.”

Dou um gritinho de alegria e a puxo para os meus braços. “Parabéns, Catharine. Estou tão feliz por você. O Emmett me contou, mas eu não queria falar nada até você me contar pessoalmente.” Me afasto um pouco, encontrando seu olhar. “Estou tão orgulhosa de você, e espero que você também esteja orgulhosa de si mesma. Você conseguiu. Você.”

“Eu não ia”, ela admite, olhando para os próprios pés. “Tipo, como eu concilio a faculdade com o Abel, sabe? Como eu equilibro os estudos, o trabalho para pagar a faculdade e ainda sou mãe, a mãe que ele merece? Eu sei que tem gente que consegue, mas... eu não queria isso. Eu não queria ser mãe. E eu o amo. Eu o amo demais... e mesmo assim quero me priorizar.”

“Ei, tudo bem. Olha para mim.” Eu enxugo as lágrimas do rosto dela, a dor na voz dela me apertando o coração como um soco. “Tudo bem, Catharine. Você tem o direito de se priorizar. Você é a única pessoa que pode, sempre. Isso não significa que você não ame o Abel.”

Ela acena com a cabeça enquanto as lágrimas atingem um ponto sem volta, escorrendo pelo seu rosto. "Consegui um empréstimo, o suficiente para cobrir meus cursos e livros. Usei minhas economias para dar entrada em uma casa de estudantes fora do campus. Meu supervisor marcou uma entrevista para mim na biblioteca de lá. Fomos de carro no fim de semana passado e eu... consegui o emprego." Seu olhar alterna entre mim e Emmett enquanto ele coloca a mão na minha lombar. Com a mão na testa, ela olha para o teto e solta uma risada exausta. "Isso é tão difícil. Tão difícil pra caramba, e tão fácil ao mesmo tempo. Difícil porque é meu dever amá-lo." Seus olhos voltam para nós, e ela parece encontrar alguma calma, seu peito subindo e descendo suavemente apesar das lágrimas silenciosas. “Fácil, porque se eu tivesse que descrever o amor para alguém que não faz ideia do que significa, eu descreveria a forma como vocês dois amam o Abel. A forma como vocês lutam por ele a cada passo do caminho, em pequenos gestos que têm o maior impacto. A forma como ele confia em vocês para protegê-lo e como ele se sente seguro o suficiente para baixar a guarda perto de vocês.”

Eu tento conter as lágrimas, de verdade. Mas no instante em que Emmett levanta a mão, fungando enquanto enxuga os olhos, eu perco a batalha. E Catharine? Ela sorri. Um sorriso pequeno, mas suave. Caloroso. Satisfeito.

“O Abel tem a infância que eu sempre quis para ele”, ela continua, “e a infância que eu gostaria de ter tido. Ele tem isso por causa da forma como vocês o amam. E ele merece isso. Ele merece pais que o amem porque querem, não porque são obrigados.”

Meu coração dispara e para, e eu sei que ele volta a bater com força total, num ritmo implacável que ameaça explodir meu peito. "O que você está..." Olho para Emmett, lágrimas escorrendo livremente pelo seu rosto, sem a menor chance de contê-las enquanto sua mão encontra a minha, apertando-a com tanta força, como se estivesse se agarrando à vida. "O que você está dizendo, Catharine?"

Catharine pega minha mão, a envolve em seu punho trêmulo, e quando ela respira fundo, vejo o tremor desaparecer. Seus olhos cor de musgo alternam entre os nossos, e não há um pingo de incerteza em sua voz quando ela responde. "Decidi ceder os

direitos de adoção. Acho que, para todos os efeitos, vocês já são os pais do Abel. Então, se não for incômodo para vocês... eu gostaria de transferir esses direitos diretamente para vocês."

Solto um soluço, meu corpo inteiro tremendo enquanto Emmett se aconchega ao meu lado, encosta o rosto no meu ombro e chora. Mas é o que Catharine diz em seguida que me faz fraquejar, caindo de joelhos, abraçada ao peito de Emmett enquanto choramos pelo maior presente que já recebemos.

"Eu gostaria que vocês fossem os pais do Abel. Oficialmente e para sempre."

As lágrimas vão parar um dia, tenho certeza, mas não hoje.

Eu pelo menos comecei a conseguir falar; uma hora depois, não posso dizer o mesmo de Emmett. Ele levanta o rosto e abre a boca a cada poucos minutos como se fosse dizer algo, depois balança a cabeça e começa a chorar tudo de novo, meu doce e sensível menino.

Naquela hora, porém, Catharine nos garantiu que essa não foi uma decisão que ela tomou de ânimo leve. Que ela passou horas a fio discutindo o assunto com sua assistente social, sua terapeuta e até mesmo sua supervisora. Que ela se sentia não apenas certa, mas em paz com sua decisão. Conversamos sobre como isso vai funcionar, como será o processo de adoção, como vamos conversar sobre isso com Abel. Ainda há tanta coisa para resolver, mas uma coisa que sabemos é que nossa família não está crescendo apenas com um, mas com dois. Que Catharine sempre terá um lugar em nossa família.

E agora, enquanto Catharine se despede de Abel, numa despedida que nunca será definitiva, me vejo completamente admirada por ela, uma jovem determinada a perseguir seu sonho, a vida que deseja. Escolhendo a si mesma, num mundo onde escolher a si mesmo é a coisa mais difícil do mundo.

“Você me inspira, Abes. Você sabe disso?”

“Eu te inspiro?” Ele dá de ombros, girando a pulseira no pulso de Catharine enquanto ela se agacha à sua frente. “Como assim?”

“Você me inspira a não desistir. A lutar por mais, por algo melhor. Por um lugar onde eu me sinta segura para ser eu mesma.”

Sua testa se franze em preocupação, e ele estufa o peito. “Eu posso proteger minha Catharine. Sou grande e corajoso, como um dinossauro.”

Catharine ri baixinho, afastando o cabelo da testa dele. “Você é grande e corajoso. Mas posso te contar um segredo? Eu também quero ser poderosa. Quero estar no comando do meu lugar seguro.”

“Ah.” Ele olha para baixo por um instante, como se procurasse as palavras certas. “Onde Peter e Elizabeth não podem mais gritar? E tudo bem se... tudo bem se você derramar o leite?”

Ela sorri. “Onde eu posso fazer quanta bagunça eu quiser.”

Abel sorri de volta, dando um passo à frente para envolvê-la com os braços. “Se você fizer bagunça, eu te ajudo a limpar, tá bom? Porque somos família, e família ajuda.”

Catharine fecha os olhos enquanto se aconchega no abraço, e eu apoio a cabeça no ombro de Emmett enquanto ele me abraça pela cintura e me puxa para perto. Quando ela se afasta, com lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto, Abel encosta a testa na dela e diz suavemente: “Tenho tanta sorte de você ser minha Catharine.”

“E eu tenho tanta sorte de você ser meu Abel.”

Abel entrelaça sua mão na minha enquanto Catharine começa a descer os degraus da entrada. "Minha Catharine vai para a escola. Ela vai escrever poemas."

"Ela vai se sair muito bem", digo, mas enquanto a observo descer o caminho, algo que ela disse antes me vem à mente, e meus pés começam a se mover antes que eu consiga entender o que estou fazendo. "Catharine! Espere!"

Seguro sua mão, soltando-a apenas para colocar as mãos na cintura enquanto recupero o fôlego. "Droga. Eu não nasci para correr."

Ela ri, enxugando as lágrimas dos olhos. "Está tudo bem?"

"Você disse algo lá atrás. Você disse que ele merece alguém que o ame porque eles querem, não porque precisam. Você disse isso como se pensasse que é o último. Mas às vezes... Às vezes, as despedidas são a forma mais pura de amor. Você acha que não pode dar a ele a vida que ele merece porque não é capaz de entregá-la, mas a verdadeira razão é porque ninguém precisa do seu amor agora mais do que você. Ele merece um tipo altruísta de amor e, Catharine? Você também. Então vá lá e ame a porra de si mesmo. Seja egoísta, dê a si mesmo tudo o que você foi privado. Mas não se atreva a tentar dizer a si mesmo que ama aquele garotinho por qualquer outro motivo que não

seja porque quer. Eu pego suas mãos nas minhas enquanto as lágrimas deslizam por nossas bochechas no tempo. "Vou segurar sua mão enquanto digo isso, e não quero dizer absolutamente nenhum desrespeito, as pessoas que o trouxeram a este mundo são pedaços totais de merda de burro."

Ela solta uma risada, meio soluçando. "Mentiroso. Eu ouvi o desrespeito."

"Desculpe, eu sou um mentiroso horrível. Desrespeito, muito disso. Todo o desrespeito do mundo." Eu envolvo meus braços em volta dela, essa mulher que trouxe este presente mais bonito para este nosso mundo. "Espero que você possa olhar para trás nesses anos e saber com certeza que sempre fez o seu melhor. Os momentos em que mal conseguimos manter a cabeça acima da água? Ainda estamos respirando. Estamos fazendo o nosso melhor. Então vá atrás de seus sonhos, coloque-se em primeiro lugar e construa a vida que deseja. Você sempre fará parte da nossa família e sempre haverá espaço para você em nossa mesa. Sempre, Catharine.

Eu a observo descendo a rua e, quando ela desaparece na esquina, olho para trás. Emmett e Abel estão me observando de mãos dadas dos degraus, e eu sinto que estou olhando para o meu mundo. Meu hoje e todo amanhã.

Eu me junto a eles nos degraus, e Abel enfia a mão livre na minha. Emmett apenas sorri para mim através de olhos turvos, injetados de sangue e impressionados.

"Vamos para casa agora, mamãe?"

"Estamos indo para casa, Abel."

OceanofPDF.com

34 PROVE O ARCO-ÍRIS Cara

Quatro meses depois, Halloween

"Eu simplesmente não vejo por que os pais não têm permissão para se vestir bem. Que tipo de mensagem isso envia para as crianças se estamos colocando limites de idade nas fantasias de Halloween?"

Não me preocupo em lembrar a Carter que, embora ele possa ser pai, ele não é pai de nenhuma das crianças que frequentam esta escola. É um ponto que pelo menos um de nós fez várias vezes recentemente, mais ou menos como toda essa conversa / argumento sobre Carter não ter permissão para usar uma fantasia no desfile de Halloween da escola foi feita nada menos que cinco vezes nos últimos três dias.

"Eu tenho que admitir," Jaxon começa, cruzando os braços sobre o peito, estreitando os olhos enquanto se inclina contra a parede no ginásio da escola, "parece um pouco exclusivo. Tipo, Mittens queria vir, e eu tive que dizer a ele que...

"Ele disse isso?"

Seu olhar desliza para mim. "O quê?"

"Luvas. Seu gato. Ele disse que queria vir?"

Ele olha para mim. Pisca uma vez, depois duas vezes. "Ele não precisava dizer isso. Temos uma conexão de alma."

"Mhmm. E talvez seja esse tipo de comportamento desequilibrado dos adultos que exige que a escola coloque regras como essas em prática.

"Você acabou de – ela acabou de..." Jaxon olha entre mim e Emmett, que simplesmente levanta as sobrancelhas. Ele franze a testa, curvando-se para esconder a boca no cabelo de Lennon. "Querida, Cara acabou de me chamar de papai gato desequilibrado."

"Eu certamente não te chamei de papai gato. E todos nós sabemos quem está no comando dos figurinos do grupo." Eu circulo uma mão ao redor do rosto carrancudo de Carter. "Não há necessidade de cicatrizar crianças desavisadas com a quantidade de

coxa que você provavelmente planeja mostrar." Veja: dois anos atrás, quando ele fez os caras se vestirem como as Spice Girls. Ou alguns anos antes disso, quando todos eram uma Britney Spears diferente.

Carter revira os olhos. "Oh, aqui vamos nós. Quantas vezes eu tenho que dizer isso? Qual é o sentido de ter coxas deliciosas se eu não posso exibi-las?" Ele espeta Emmett no peito. "Além disso, seu marido foi o primeiro a sugerir a fantasia deste ano."

Emmett aperta a ponta do nariz. "Foi uma piada! Eu disse isso enquanto ria!"

Carter pisca. "Eu te pareço alguém que brinca sobre fantasias?"

A cabeça de Adam balança. "Sim, para ser justo, Em, isso é com você. Você deveria ter sabido melhor."

Garrett arranha o chão do ginásio, bufando. "Ele estava tão perto de se decidir pelas eras de Taylor Swift antes de sua pequena sugestão." Ele abre os braços. "Eu já tinha minha roupa destemida!"

Jaxon o empurra. "Eu ia ser a era Fearless!"

Garrett o empurra de volta. "Não, eu estava!"

Ireland bate o pé, punhos fechados ao seu lado. "Não, eu!" Ela se inclina em minha direção, a mão na frente da boca como se isso fosse esconder suas palavras. Isso não acontece; ela ainda não descobriu sussurrar. "Eu não sei o que estamos gritando."

Eu sufoco meu bufo enquanto Olivia revira os olhos. De repente, as luzes do ginásio diminuem e "Monster Mash" nos cerca. Eu me atrapalho com minha bolsa, pegando meu telefone. "Oh, está começando! Todos calem a boca!" Rosie e eu tiramos todos do caminho - educadamente, ou o que quer que seja - ajoelhando-nos com nossos telefones apontados para a porta. Emmett e Adam ficam para trás por três segundos sólidos, mas no segundo em que a porta do ginásio se abre, eles correm. Eu olho para o meu marido, tentando sutilmente mudar na frente de Adam, como se ele estivesse preocupado que o homem com cinco centímetros sobre ele pudesse bloquear sua visão. "Maneira de jogar com calma," murmuro para ele.

"Pssh. Eu sou legal. Eu - oh meu Deus, está começando! Emmett quase empurra Adam para fora do caminho, segurando o telefone, gravando enquanto uma das aulas do jardim de infância começa a entrar na academia. Ele olha de volta para mim, o sorriso que divide seu rosto tão bonito, eu cairia de joelhos se já não estivesse neles. "Cuidado, vaga-lume, olhe! Está começando!"

Rindo, eu balanço minha cabeça, observando a fila de crianças desfilar no meio do ginásio. Há princesas e piratas, cães super-heróis, dragões, o que tenho certeza que é uma criança vestida como um...

"A louca dos gatos!" Jaxon aponta para a garotinha de roupão felpudo e cabelo com bobes enormes, coberta de bichinhos de pelúcia de gato. "Essa menina é uma louca dos gatos!" Ele começa a bater palmas lentamente, sem que ninguém mais o acompanhe, mas isso não o desanima. "Dêem o prêmio para ela! Melhor. Fantasia. De. Todos. Os. Tempos!"

"Quem foi o idiota que decidiu alternar as turmas do jardim de infância com as do oitavo ano?" Rosie resmunga enquanto uma fila de crianças maiores segue a primeira turma, em vez da próxima turma do jardim de infância. "Se precisar assumir o conselho de pais, eu assumo."

"Rosie como uma mamãe ursa agressiva é meu animal favorito", murmuro, seguido por um suspiro quando a segunda turma do jardim de infância começa, e ainda não é a do Abel. "Sete turmas de jardim de infância, caramba", resmungo. "Todo mundo estava transando como coelhos quatro anos atrás, ou o quê? Ninguém consegue se controlar? Eles deviam tentar se controlar—lá está ele!" Meu coração dispara sempre que tenho um momento para olhar para este menino, para esta criança brilhante e incrível que a vida nos presenteou. Aquela batida boba acelera, tão forte, até tropeçar em si mesma e então diminuir o ritmo. Quase para completamente, até ser a única coisa que ouço, um lembrete suave, porém constante, de que, às vezes, as coisas mais belas levam tempo.

É assim que me sinto quando olho para o meu filho.

Observo meu estegossauro favorito parar logo na entrada, causando um congestionamento atrás dele enquanto seus olhos grandes e incertos percorrem o ginásio. Às vezes, juro que vejo uma vida inteira naquelas profundezas verdes e frias. Maravilha e curiosidade, paciência e incerteza, coragem e aventura. Vejo medo, vejo tristeza e, além de tudo isso, vejo felicidade e muito, muito amor. Vejo uma vida inteira, a que vivemos até chegarmos a ele, e ele até chegarmos a nós. A vida que vivemos agora, onde o amor que compartilhamos sempre supera tudo, não importa para onde nossos dias nos levem.

E quando aqueles olhos encontram os meus, quando Abel nos vê, sua família, todas as pessoas reunidas aqui para vê-lo desfilar pelo ginásio da escola com uma

fantasia de dinossauro que ele não tirou desde que chegou pelo correio, três semanas atrás, posso dizer, sem sombra de dúvida, que tudo valeu a pena. A viagem até aqui, os anos passados desejando, esperando e rezando, a jornada selvagem e implacável, a queda explosiva que me despedaçou e roubou o fôlego dos meus pulmões, e a escalada traiçoeira de volta ao lugar onde me reconstruí completamente.

Tudo isso, cada minuto no caminho até ele, valeu a pena.

"Mamãe! Papai!"

Um sorriso se abre em meu rosto quando aquele garotinho larga a fila, corre o mais rápido que pode usando chifres e um rabo maior que sua altura. Ele esbarra em mim e no Emmett enquanto o resto da nossa família grita e comemora, e eu me entrego a essa sensação, a certeza de que estou exatamente onde deveria estar nesta vida, amando e sendo amada exatamente por quem devo amar. E isso? Isso sim é uma paz especial.

Abel se recosta, fungando enquanto tenta enxugar as lágrimas em suas bochechas rosadas. Ele falha miseravelmente, suas mãos de dinossauro são grandes demais.

Com um sorriso suave, eu enxugo as lágrimas. "Por que você está chorando, meu doce menino?"

"Eu sou tão sortudo", ele consegue dizer com um soluço. "Eu sou tão sortudo por vocês serem minha mamãe e meu papai."

Pego sua mão na minha, apertando-a gentilmente enquanto Emmett segura o rosto de Abel em suas mãos fortes e lhe diz, sem hesitar: "E nós somos tão sortudos por você ser o nosso Abel."

HÁ ALGO ESPECIALMENTE ADMIRÁVEL EM SER silenciado em um desfile de Halloween da escola. Vergonhoso? Bem, talvez, se você se importa com o que os outros pensam. Mas admirável? Com certeza.

"Me processem por demonstrar meu amor pelo meu filho em voz alta." Uma porta bate com força e Adam sai do banheiro da casa de Carter e Olivia, com uma ruga de preocupação entre as sobrancelhas. Já faz três horas. Estou preocupada que seja permanente. "Eu só disse que essa é a minha garota! E daí se eu completei com um soco no ar? Não é como se eu tivesse tirado a camisa e a girado no ar."

Imagino que ele esteja falando de quando a turma da Lily se matriculou na academia e ela desfilou orgulhosamente vestida de veterinária. É verdade, ele não tirou

a camisa e a girou no ar. Usou o cardigã que tinha tirado dez minutos antes.

"Você é uma má influência." Ele gesticula descontroladamente na minha direção, do mesmo jeito que parece estar se agarrando a qualquer desculpa. “Eu nunca me meti em encrenca antes de te conhecer. Aí vocês começaram a dizer: ‘Adam, você devia falar mais. Adam, não precisa ser tímido perto da gente. Adam, tenha orgulho de ser exatamente quem você é, sem se conter.’ ” Ele ergue os braços acima da cabeça, os olhos azuis arregalados. “Agora, de repente, estou sendo mandado calar a boca em um evento para crianças.”

“Primeiro, essa imitação?” Junto o polegar e o indicador, dando um sinal de positivo. “Nota 10. Fiquei lisonjeada com a precisão, Adam, obrigada.” Coloco a mão sobre o coração, com sinceridade. “Segundo... me desculpe. Eu não consigo.” Fecho os olhos e reprimo uma risada, acenando com a mão na frente do rosto. “Não consigo te levar a sério vestido assim. O que... o que você está vestindo?”

Adam olha para si mesmo, levantando os pés dentro da calça jeans larga, puxando a camisa polo rosa-clara na qual ele está — de alguma forma — se afogando, apesar de ter quase dois metros de altura. “É um tamanho 5XL”, ele reclama, mas são as longas mechas ruivas que ele joga por cima do ombro que me fazem agarrar a barriga, me inclinando sobre o balcão enquanto uma gargalhada estrondosa escapa de mim. “Eu disse para o Carter que não é justo. Por que todo mundo pode se vestir de forma sexy e eu tenho que usar isso?”

Rosie arqueia uma sobrancelha, e preciso admitir, não faço ideia de como ela está conseguindo se manter firme agora. “Você preferiria mostrar um pouco de pele?”

“Não.” Adam faz beicinho, cruzando os braços e arrastando o pé no chão. “Sim. Quer dizer, todo mundo está.”

“Sabe, eu agradeço que o Carter me deixe manter a cor natural do meu cabelo todo ano”, ele diz, alisando as mechas loiras. “Mas será que ele não podia pelo menos me dar um pouco de folga com a saia? Estou praticamente sem sutiã!”

Jaxon se junta a nós vestindo um suéter rosa-choque, com o cabelo castanho em cachos soltos. "Eu não." Ele dá uma voltinha, levantando a frente da sua minissaia xadrez marrom ao parar, revelando um shortinho elástico. "Ele me deu uma saia-calça! Tem shortinho embutido com bolsos, e tinha até um Toaster Strudel em um deles. Acho que era parte da fantasia, mas eu comi. Não contem para o Carter."

"Meu Deus", murmura Olivia, com a mão sobre a boca enquanto olha para os meninos como se tivesse acabado de descobrir quem são todos eles. "Não, mas se o Adam é a Cady Heron, o Garrett é a Karen Smith, o Jaxon é a Gretchen Wieners, e... e... tá, mas só sobrou uma Garota Malvada, e ainda tem o Carter e o Emmett, então talvez—"

Olivia fecha a boca. Abre de novo. Ela balança a cabeça enquanto Emmett emerge do porão vestindo um macacão preto colado ao corpo, com uma placa rosa cobrindo o peito e as costas, com a inscrição "BURN BOOK" colada na frente. "Não", ela sussurra. "Não, porque se o Adam... e se o Garrett... e... e... e... se você... então isso significa..."

Como se fosse um sinal, pneus cantam ao longe. Tipo, da sala de jantar. Um motor ruge — ou melhor, range — e o carrinho rosa de brinquedo da Ireland desliza para o corredor, parando bruscamente diante de nós.

Carter se esforça para sair, passando uma perna peluda por cima da porta, a outra presa embaixo do volante. "Ai, droga, merda", ele murmura, depois parece reconsiderar, ou talvez apenas aceite seu destino. Ele para de lutar com o carrinho e deixa a perna pendurada para fora da porta, sua minissaia de couro subindo perigosamente na coxa. Por baixo do seu cardigan rosa, as palavras "UM POUCO DRAMÁTICO" estampam sua camiseta branca justíssima, e eu nunca vi nada tão preciso quanto quando ele joga sua longa peruca loira por cima do ombro e diz: "Entrem, perdedores, vamos às compras."

Abel observa Carter com muita curiosidade, mas é a ausência total de surpresa que me deixa sem palavras. Em vez disso, seu olhar se desvia lentamente, e ele se vira para o meu lado, puxando minha mão. "Podemos deixar o tio Carter aqui e ir pedir doces sem ele?"

Claro que não, mesmo que Olivia insista que é uma ótima ideia.

Em vez disso, saímos vinte minutos depois, após uma sessão de fotos na varanda da frente, com toda a nossa turma a tiracolo. Em vez disso, temos que lidar com cada pessoa que encontramos na rua querendo uma foto de seus jogadores favoritos do Vancouver Vipers vestidos de Meninas Malvadas. Em vez disso, somos obrigados a aturar uma hora de Carter se vangloriando sem parar depois que um estranho comenta que as fantasias deles são mais icônicas que o próprio filme. E talvez o pior de tudo? Temos que aguentar duas rodadas de karaokê com Carter depois de

terminarmos de pedir doces, tudo porque Abel, Lily e Connor disseram que eu ainda não estou cansada.

E quando tudo acaba, e Emmett e eu nos sentamos no balcão da cozinha enquanto Abel conversa com Catharine pelo FaceTime, tenho certeza de que não mudaria um minuto sequer.

"E aí ela, hum, ela disse: 'Um dinossauro? Eu tenho medo de dinossauros!' e eu fiz assim, eu fiz, rugido!" Abel faz garras com as mãos, rugindo o mais alto que consegue, mostrando os dentes enquanto conta para Catharine sobre a velhinha da rua que fingiu achar que ele era um dinossauro de verdade. Ele dá de ombros. "Mas aí eu disse: 'Tudo bem. Eu não sou um dinossauro de verdade. Eu só estava fingindo.'"

Catharine ri, e isso me faz sorrir, como sempre acontece ultimamente, porque é muito mais leve do que qualquer coisa que eu já tenha ouvido dela enquanto ela ainda morava em Vancouver. "Fico tão feliz que você tenha se divertido tanto pedindo doces ou travessuras. Sabe, eu nunca fui."

"O quê?" Eu me inclino para dentro do enquadramento, com uma expressão de puro horror no rosto. "Isso não pode ser verdade."

"Tivemos que evitar qualquer aparência de maldade, Cara", ela me diz com muita naturalidade, e suspira. "Mesmo assim, a maioria dos pais dos meus amigos ainda deixava eles se fantasiarem e saírem para pedir doces."

"Meu Deus. Essa é nova. Por que você não me contou antes? Tá bom, tudo bem." Eu aceno com as mãos, sem saber como processar isso. Estalo os dedos para o Emmett. "Amor, meu caderno de ideias. Por favor."

Ele abre a gaveta que antes era cheia de brinquedos sexuais, agora cheia apenas de vários cadernos para anotar minhas ideias brilhantes sempre que a inspiração surge. Ele encontra o roxo, intitulado "Festas", e o joga para mim por cima do balcão, junto com uma caneta. "Você mesma provocou isso, Cat."

Aponto a caneta para ela antes de rabiscar no caderno: "Primeiro Halloween da Cat", sublinhando duas vezes. "No próximo Halloween. No próximo Halloween, você vem aqui e vai pedir doces com a gente. Qual é a sua princesa da Disney favorita? Ou melhor, a sua vilã. Animal favorito? Um gato seria fofo, porque, né, gato. Ah, espera, você adora ler, então uma rata de biblioteca seria irônico..." Dou uma risadinha baixinha, embora alguém possa achar um pouco maníaca, e mostro meu

caderno para Catharine, fazendo um desenho dela mesma. Aponto para os chifres de diabo na cabeça dela. “Entendeu?”

Ela solta uma risada tão alta, tão divertida, que não consigo evitar sorrir.

“Não se preocupe. Tenho um ano para planejar isso. Vai ser espetacular.”

“Estou com medo.”

“Deveria estar.” Fechando meu caderno, sorrio para Abel enquanto ele boceja, estendendo a mão para Emmett. “Acho que deveríamos te colocar na cama, né?”

Ele acena com a cabeça, apoiando-a no ombro de Emmett antes de dar a Catharine um sorriso sonolento e comovente. "Eu te amo, Catharine."

"Eu também te amo, meu pequeno", ela responde, e quando Emmett começa a subir as escadas com ele, ela enxuga uma lágrima.

"Você está bem?"

Ela acena com a cabeça, fungando. "Estou, de verdade."

E eu não duvido disso. Faz apenas dois meses que Catharine se mudou para Kelowna e começou a estudar, mas ela já se desenvolveu muito. Ela passou a maior parte do verão em pânico por estar realmente sozinha pela primeira vez e se conseguiria lidar com isso, mas quando aproveitamos o feriado prolongado para ir até lá com ela e ajudá-la a se instalar, todos os seus pensamentos ansiosos desapareceram. Vê-la sair do carro e olhar para o futuro foi como ver alguém respirar pela primeira vez.

Ela faz videochamadas com o Abel uma vez por semana e passou o feriado prolongado conosco. Ela trabalha, estuda e passa todo o tempo livre lendo e escrevendo, e está feliz. Que privilégio é poder vê-la se esforçar e assumir o controle da própria felicidade.

"Oi." Espero que seu olhar volte para o meu e sorrio. "Você está conseguindo."

O sorriso dela é hesitante, como se ela precisasse se dar permissão para admitir isso primeiro, mas quando começa, explode como um raio de sol em seu rosto. "Sim. Sim, eu sou." Ela fica em silêncio por um momento, perdida em pensamentos. "Ei, Cara? Obrigada."

"Pelo quê?"

Ela morde o lábio inferior, procurando a resposta. Quando a encontra, sorri, aqueles lindos olhos verdes que ela transmitiu a Abel brilhando de gratidão. "Paz. Abel tem um lar onde se sente seguro, com pessoas com quem se sente seguro. Ele é

amado, está aprendendo e está feliz. E isso me traz uma paz que eu nunca pensei que encontraria. Obrigada."

Eu gostaria de encontrar as palavras para descrever, o sentimento que me invade enquanto choro baixinho na cozinha escura depois que Catharine e eu desligamos o telefone, abraçando a fantasia de dinossauro de Abel contra o peito enquanto as risadas do meu marido e do meu filho ecoam suavemente pelas paredes acima de mim.

Sinto como se estivesse voltando para o mar aberto pela primeira vez em muito tempo, desde a última vez que estive aqui, quando quase não consegui chegar. É como estar na praia em meio a uma tempestade, observando as ondas furiosas se agitarem. Só que desta vez, viro o rosto para o céu, fecho os olhos e respiro fundo. O ar fresco, a força renovada. Expiro o que não me serve mais e inspiro a certeza de que o que está destinado a acontecer me encontrará, de uma forma ou de outra, nesta vida ou na próxima.

E quando abro os olhos, a tempestade diminui. A chuva se reduz a um murmúrio até que tudo o que resta dela é o que se agarra ao ar salgado. As nuvens se dissipam e o sol reflete nessas gotas persistentes, espalhando um arco-íris pelo céu enquanto as ondas se acalmam, até que não reste nada além do suave murmúrio da água acariciando meus dedos dos pés.

É como dar um passo de cada vez, devagar, mas com firmeza, sabendo que sou forte o suficiente para sobreviver a qualquer coisa que a vida me reserve, porque sobrevivi ao que deveria ter me destruído irreparavelmente.

É como se a água me envolvesse num abraço caloroso enquanto mergulho mais fundo.

É como encarar meus medos enquanto mergulho de cabeça na água.

E quando emerjo, dando aquela primeira respiração tão profunda que revitaliza cada centímetro do meu ser, sinto como se estivesse me curando.

Sinto como se estivesse me amando o suficiente para escolher a cura.

Quando finalmente me encontro fora do quarto de Abel, espiando meus dois meninos favoritos aconchegados na janela sob as estrelas, há apenas três coisas das quais tenho certeza.

Primeiro, que a cura começa com o perdão a mim mesma. Pelo amor que me neguei, pelo valor que descartei, por não estar presente para mim mesma nos dias em que mais precisei.

Segundo, que eu faria tudo de novo se isso significasse terminar exatamente onde estou agora.

E finalmente, que meu valor nunca, jamais, e não importa o quanto eu acreditasse que estivesse, esteve ligado à minha capacidade de reproduzir. Meu corpo é um templo. Meu coração é bom e pleno. Meu cérebro é poderoso e magnífico. E eu? Sou forte. Capaz. Digna.

Eu sou simplesmente inestimável.

Emmett se levanta cuidadosamente da janela, com Abel agarrado ao peito. É o amor infinito que brilha em seus olhos que quase me derruba enquanto ele gentilmente coloca Abel na cama, passando os dedos por aqueles cabelos acobreados. Ele leva a mãozinha de Abel à boca, depositando um beijo na palma e sussurrando: "Se você e sua mãe fossem as únicas estrelas no meu céu, isso seria tudo o que eu precisaria."

Ele se vira para a porta, parando ao me ver, um largo sorriso se abrindo em seu rosto. Ele caminha em silêncio até mim, e meu coração palpita como sempre. Dou um passo para trás, depois outro, e Emmett estende a mão, os dedos envolvendo delicadamente meu pescoço, puxando-me de volta para perto dele.

"Oi, mamãe", ele sussurra, as palavras pressionadas contra meus lábios enquanto os abre à força, deslizando a língua para dentro.

"Oi, papai."

Ele geme, deixando a cabeça cair em meu ombro. “Não. Você não pode. Não o papai. Você sabe o que isso faz comigo.”

Jogando meus braços sobre os ombros dele, deixei que me levantasse, suas mãos apertando minha bunda enquanto me carregava até o nosso quarto. Dei uma mordidinha no lóbulo da orelha dele. “O que isso faz com você, papai?”

Ele me jogou na cama, mantendo o olhar fixo em mim enquanto tirava o cinto. “Me dá vontade de te marcar. De te possuir. De te foder.” Ele levantou um ombro. “Para falar a verdade, me dá vontade de casar com você de novo.”

“Vou precisar de pelo menos um ano para planejar isso.”

Ele suspirou fundo enquanto se deitava sobre mim. “Acho que te amar vai ter que servir até lá.”

Minhas palmas deslizaram pelas costas dele, guiando a camisa por cima da cabeça. “Eu sabia que você seria um pai gostosão tão perigoso.”

“Já pensou que era minha fantasia hoje? Talvez seja por isso que você está tão excitado.”

Reprimi o riso. “Vocês dois são tão seguros da sua masculinidade. Nada nunca me excitou mais.”

“Eu sabia”, ele murmura, a boca se aproximando da minha. “Posso vestir meu macacão de spandex de novo se você me der um minuto para me ajeitar nele.”

“Ah, mas aí o Punho de Ferro Cinco Mil ficaria todo preso lá dentro.” Deslizo minha mão para dentro da calça dele, acariciando seu pau grosso enquanto ele solta um suspiro. “E você não acha que ele preferiria estar em outro lugar?”

Um zumbido rouco ressoa de seu peito, e de repente um dos meus pulsos está algemado à cama e Emmett joga minhas calças no chão, puxando minha calcinha para baixo pelas minhas coxas. "Consigo pensar em pelo menos três outros lugares onde ele preferiria estar." Ele abre minhas pernas, sorrindo enquanto passa a ponta do dedo pela minha vagina molhada. "Vamos começar com essa vadia gulosa."

Mas ele não começa só com ela. Ele começa, termina, volta para a segunda rodada e depois para a terceira, após um desvio na minha boca. Ele me fode, repetidamente, até que seu esperma esteja escorrendo de mim, encharcando os lençóis embaixo de nós, e então? Então ele mergulha a boca, enfiando seu esperma de volta em mim com sua língua gloriosa antes de me lamber, me deixando trêmula e encharcada de suor enquanto ele desaba ao meu lado.

Emmett traça as letras tatuadas na minha coxa, alisando a marca de mordida que deixou em volta da sua palavra favorita de quatro letras, algures entre a primeira e a segunda rodada. "Já pensas nos 'e se'?", pergunta ele suavemente.

"E se tivesse dado certo?"

Ele acena com a cabeça. "Às vezes, isso me tira o sono, pensar em como chegamos aqui. Em como passamos tanto tempo lutando por algo, implorando pelo resultado que sonhávamos, nos destruindo no processo. Eu estava furioso com a vida por ter tirado algo de nós, mas então... então a vida nos deu Abel. Um amor pelo qual lutamos. Um amor pelo qual imploramos. Um amor de que precisávamos." Emmett me abraça, puxando-me para perto dele. "Precisávamos de Abel. E ele precisava de nós. Acho que... acho que é esse o 'e se' em que penso. E se tivesse dado certo quando queríamos, e não tivéssemos Abel?"

"É estranho, não é? Sentir-se quase... grato, de certa forma." Não se engane: é uma batalha que eu não desejaria a ninguém, uma dor eterna que se gravou tão profundamente em mim, me forçando a dizer adeus a quem eu era e a acolher um novo eu, mesmo que fosse a última coisa que eu quisesse fazer. E ainda assim... "Eu não mudaria nada. Nos deu Abel, e Abel, ele..." Meus olhos se fecham e eu balanço a cabeça. "Eu sabia que seria um tipo diferente de amor, sabe? Diferente de amar meus amigos, ou até mesmo você. Mas nada poderia ter me preparado para o quão poderoso é, o amor entre um pai e um filho."

Emmett puxa minha mão para o peito, colocando-a sobre a pulsação suave do coração que pulsa ali. "Nada poderia ter me preparado para o quão curativo é amar alguém tão puro, tão inocente, do jeito que eu queria ser amado quando era criança."

Levo minha mão ao seu queixo, guiando seu olhar para o meu. "Você merecia ser amada do jeito que ama o Abel. Você merecia cada gota de paciência que lhe dá, todo o encorajamento, a segurança para ser você mesma sem medo de abandono."

Uma lágrima silenciosa escapa, rolando pela sua têmpora. "Eu sei. E agora eu sei como é fácil amar uma criança assim, mesmo nos dias mais difíceis."

Dou um beijo na palma da sua mão aberta antes de apertá-la contra o meu peito, escolhendo simplesmente existir neste momento, na quietude pacífica que vem com essas verdades silenciosas que compartilhamos tarde da noite.

"Você pensou mais sobre o que gostaria de fazer com o seu embrião?", pergunta Emmett depois de alguns minutos.

Espero sentir meus ombros tensos, a dor crescente no peito, o nó na garganta. Espero a onda de ansiedade, pronta para me atingir como um tsunami e me afundar. É por isso que me permiti, um mês atrás, não me precipitar quando a clínica nos avisou que fecharia e nos perguntou o que gostaríamos que fizessem com nosso último embrião congelado.

E, no entanto, quando Emmett toca no assunto delicadamente pela primeira vez em semanas... nada disso vem à mente.

"Não precisamos usá-lo", ele me lembra, como fez quando analisamos nossas opções: transferi-lo para outra clínica para que possamos usá-lo no futuro, descartá-lo — um termo que detesto, por algum motivo — ou doá-lo. "E se você não tiver certeza, podemos transferi-lo e decidir depois." As pontas dos seus dedos tocam meu queixo, fazendo com que meus olhos encontrem os dele. "Quero que saiba que ver

você se tornar mãe foi a coisa mais linda que já presenciei nesta vida. E, por ter a bênção de compartilhar a vida com você, testemunhei muitas, muitas coisas lindas."

Dou uma risadinha, aconchegando minha bochecha na palma da mão dele. "É verdade. Que bênção."

Emmett ri baixinho, um som tão sincero, tão caloroso, que sinto da cabeça aos pés. As pontas dos dedos dele deslizam pela curva do meu nariz, percorrem minhas maçãs do rosto, traçam o contorno dos meus lábios. "O amor não é fácil. É se abrir completamente quando você está apavorado(a) com isso, só para que alguém possa conhecer as partes mais profundas e obscuras de você. É reconhecer suas falhas para que você possa crescer como pessoa e crescer junto com seu parceiro(a). É escolher ter as conversas difíceis em vez de pegar o caminho mais fácil, lutar para ficar junto mesmo quando a luta é exaustiva. É uma escolha que você precisa fazer todos os dias, uma montanha que você escala junto. O amor não é fácil. Não deveria ser. Mas amar você, meu bem? Amar você é a escolha mais fácil que eu já fiz, e eu escolherei você para o resto dos meus amanhãs."

"E depois disso também?"

Ele pressiona seu sorriso contra o meu, e eu tenho certeza da resposta antes mesmo de ele sussurrar a promessa em meus lábios.

"E depois disso também."

Dois meses depois, dia de Ano Novo

"Vocês não precisavam ter vindo comigo."

"Sempre preciso de um tempinho só para mim. Acabo presa com os meninos com muita frequência." Lennon mergulha um punhado de batatas fritas no Frosty e as enfia na boca. "Aliás, você nos levou lá no Wendy's."

Meu olhar se volta para a curva suave da barriga dela enquanto ela está no banco do passageiro, e eu sorrio. "Sei que não devo privar minhas amigas grávidas dos seus desejos."

"Qual é a explicação científica para batatas fritas quentes e salgadas com sorvete de chocolate gelado?" Jennie murmura. "Não deveriam combinar, mas combinam." Ela joga a cabeça para trás, um pouco de Frosty escorrendo das batatas fritas e caindo na sua língua. "Sabe de uma coisa? Não me importo." Ela joga as batatas fritas na boca, cantarolando alegremente. "Queria ter duas delas."

Ah, sim, a Jennie também está grávida.

Com a mesma data prevista para o parto que a Lennon.

Dá para imaginar o que nós, meros mortais, temos enfrentado entre Jaxon e Garrett e a competição que transformaram as gravidezes de suas esposas.

"Vamos nos livrar das provas, né?" Olivia joga o resto da comida na boca antes de amassar o lixo. "Se a Cawta vir isso, eu nunca mais vou ter paz."

Rosie acena com a cabeça, de boca cheia, enquanto pega o lixo de todos e o enfia em um saquinho para cocô de cachorro que tira da bolsa. "Adam, me dá essa cara, como se ele não estivesse bravo"—ela engole em seco—"só decepcionado por não ter ganhado um também."

Dou uma risadinha enquanto estaciono na garagem e desligo o motor. Olivia e Rosie não estão grávidas, só estão cansadas de ter que dividir seus lanches de amamentação com seus maridos famintos. “Seu segredo está a salvo comigo”, digo enquanto Rosie joga as provas na minha lata de lixo.

Jennie ergue suas batatas fritas e seu Frosty. “Última chance, Care.”

Fantico o nariz. “Não, obrigada. Meu estômago ainda não está bom depois de ontem à noite.”

É dia de Ano Novo e aniversário do Emmett, o que significa que ontem à noite foi véspera de Ano Novo. Passamos na casa de Carter e Olivia, como fazemos todos os anos, mas desta vez foi um pouco diferente. Éramos só nós, cinco casais e nossos filhos — incluindo cachorros e gatos — e, de alguma forma, tão caótico quanto todas as festas de Ano Novo que já tivemos. Fizemos pizzas caseiras em volta da ilha da cozinha e cantamos karaokê até que as pilhas e o fio do microfone sumiram misteriosamente. Tiramos todos os móveis da sala de estar e cobrimos o chão com almofadas e cobertores, e compartilhamos nossos petiscos favoritos enquanto nos espalhávamos juntos e conversávamos durante um filme, antes que as crianças e as meninas adormecessem minutos depois do início do segundo. E quando acordei à meia-noite, meu filho estava aconchegado ao meu lado e meu marido acariciava minha maçã do rosto com o polegar, gentilmente me despertando para que ele pudesse me dar meu beijo da meia-noite.

Não tenho mais disposição para noites agitadas, mas acho que não me importo. O que me incomoda, no entanto, é que o pacote de M&Ms e Skittles que misturei e devorei não caiu bem no meu estômago nas quase 24 horas seguintes.

Suspiro, enfiando o bolo de aniversário do Emmett na geladeira da garagem. Minha cabeça está uma bagunça, por isso tive que sair correndo para buscar o bolo hoje, depois de implorar para a padaria abrir para mim em um feriado, porque esqueci de buscá-lo ontem à tarde, como deveria. Culpo os hormônios. Esqueci o quanto essas injeções afetaram meu humor, minha cabeça e, bem, tudo. Graças a Deus, só precisei tomá-los durante os doze dias que antecederam a transferência do embrião congelado, mas os supositórios de progesterona que tenho usado praticamente como foguetes na minha vagina todas as manhãs enquanto aguardo o resultado da transferência também não ajudaram em nada.

Por exemplo, a enfermeira da nossa nova clínica de fertilidade teve a gentileza de se oferecer para ligar para o Emmett com os resultados do meu exame de sangue, explicando que a maioria das pessoas prefere receber notícias negativas do parceiro, em vez de uma enfermeira. Concordei de bom grado, mas esqueci de avisar o Emmett que eles fechariam mais cedo ontem, e acho que as enfermeiras também esqueceram, porque de repente a clínica fechou, e elas se esqueceram de ligar para o Emmett com os meus resultados, e agora estou presa tomando essa progesterona horrível até a clínica reabrir amanhã.

A névoa mental das férias e a névoa mental do tratamento de fertilidade são uma combinação letal.

Subo os degraus da garagem, parando com a mão na maçaneta.

Olivia inclina a cabeça. "O que foi?"

"Não sei..." Franzo a testa, tentando identificar exatamente o que me deixou tão nervosa. "Vocês ouviram isso?"

As meninas apontam as orelhas para a porta, com as sobrancelhas franzidas enquanto balançam a cabeça negativamente.

"Não", diz Jennie.

“Não”, confirma Rosie.

“Não ouço nada”, comenta Lennon.

Olivia dá de ombros. “Nem eu, não ouço... ai meu Deus, não ouço nada.” Seus olhos se arregalam e ela me empurra. “Não, não, não.”

Eu a empurro para o lado enquanto ela atravessa a porta correndo e entra no meu corredor, gritando atrás do marido, que — estatisticamente e historicamente falando — é sempre o líder nessas situações.

“Emmett? Emmett, onde você está? Carter Beckett, é melhor você não ter convencido meu marido maduro a... Ai. Meu. Deus.” Paro bruscamente no pé da escada, com a mão trêmula sobre a boca. “O que é isso?” Olho para os colchões. Sim, os colchões. Quatro deles, para ser exata, em cima da escada. E no pé da escada? Uma pirâmide, com pelo menos dois metros e meio de altura, feita inteiramente de copos vermelhos descartáveis. “Que porra é essa?”

“Pote de palavrões, mãe!” Abel grita do alto da escada, apontando para mim.

Meu olhar se volta para os homens atrás dele. Os marmanjos, todos usando os Snuggies personalizados que eu dei para eles de Natal, cada um com o rosto da esposa estampado. Em qualquer outra situação, seria hilário, mas nessa situação... nessa situação, esses cinco marmanjos sorriem para mim, radiantes de orgulho, como se tivessem tido a ideia mais genial do mundo.

“Boliche humano”, Emmett comenta animado.

“Boliche de declínio humano”, Carter corrige, apontando para o escorregador.

Ah, os humanos estão em declínio, com certeza.

Minhas sobrancelhas se erguem, lentamente, mas tão alto. Meus braços se cruzam sobre o peito, e não me pergunte como eu sei, mas tenho 100% de certeza de que o quadril da Olivia se projeta, mesmo que eu não consiga ver.

Carter engole em seco. “Declínio, por causa das escadas”, ele sussurra. “E humano, por causa dos, hum... humanos. Talvez... talvez ajude se vocês virem. Vocês só... vocês simplesmente não estão vendo a visão. Certo?” Ele olha para as crianças. “Devo mostrar a visão para elas?”

“Não”, diz Olivia.

“Sim”, insiste Ireland, com os olhos brilhando de travessura.

Carter prende o capacete de hóquei na cabeça enquanto os outros quatro tiram os seus lentamente, como se tivessem se lembrado de repente de que sabem o que estão fazendo.

"É simples, na verdade." Carter deita no primeiro colchão. "Você só deita de bruços no colchão, assim... e então... Emmett? Pode fazer as honras?"

Emmett não tira o olhar apavorado de mim enquanto avança lentamente. Com cuidado, ele dá um empurrãozinho em Carter, e o capitão do time de hóquei, de quase dois metros de altura e pai de três filhos, grita um "Uhu!" enquanto desliza escada abaixo de um colchão para o outro, até se chocar com a pirâmide de copos lá

embaixo. Ele olha para trás, para o estrago, enquanto os copos se espalham pela minha entrada, e sua expressão se fecha.

"Ah, droga. Errei um." Ele começa a subir de volta pelos colchões. "Em, manda de novo. Preciso acertar aquele último—"

"Meu Deus." Levanto as mãos para o ar, junto com toda a minha racionalidade e lógica. “Essa palhaçada nunca vai acabar?”

“Desculpa, meu bem”, sussurra Emmett, abaixando a cabeça.

“Desculpa, Care”, murmuram Adam, Garrett e Jaxon juntos.

“Eu te amo”, Carter tenta, o olhar trêmulo e aterrorizado, a garganta tremendo enquanto se agarra a um colchão improvisado, como se estivesse com muito medo de se mexer. “Eu te amo. Você é tão... e então... e quer dizer...” Ele engole em seco. “Eu te amo.”

“E você.” Seguro seu tornozelo, puxando-o para baixo do colchão improvisado enquanto ele solta um gritinho. “Por que você está sempre na cena do crime?”

Carter se levanta, se sacudindo. “Em minha defesa”—ele levanta um dedo, e eu adoraria saber de onde ele tirou coragem para tentar uma desculpa comigo—“eu estava sem supervisão. Então.” Ele dá de ombros e gesticula com os dedos em volta de mim e das meninas. “A culpa é sua.”

Cruzo os braços sobre o peito. "Ah, é mesmo?"

Olivia segura os quadris com as mãos, as sobrancelhas arqueadas. "Como é?"

"Eu... eu..." Carter olha para Emmett. "Emmett?"

"Hum... vamos..." Seus olhos brilham e ele começa a levantar os colchões, arrastando-os pelo corredor do andar de cima antes de seguir as crianças escada abaixo. "Vamos para a sala de estar!"

"Preciso de uma bebida", murmuro, caminhando pelo corredor à frente dos outros. Paro na entrada da sala, franzindo a testa para as lindas flores em um vaso sobre a mesa, com os balões rosa e azuis flutuando ao lado delas. "Fui eu que comprei?" murmuro para mim mesma. "Devo estar ficando louca. Alguém mais precisa de um dri—" Paro abruptamente ao me virar, encontrando minha família reunida atrás de mim.

Esperando.

Observando.

Sorrindo.

"O que... o que está acontecendo?"

Abel puxa a mão de Emmett. "Agora, papai?"

Emmett acena com a cabeça, o olhar feliz e marejado fixo em mim, e meu coração dispara.

Abel passa correndo por mim, entra na cozinha e volta um instante depois com um pedaço de papel. Ele sorri, pulando na ponta dos pés. "Eu pintei isso para você, mamãe."

"Obrigado, meu bem. Que carinhoso." Pego o desenho de suas mãozinhas, sorrindo para a pintura colorida, com o arco-íris estampado acima de nós. "Essa é a nossa família?"

Abel acena com a cabeça, apontando para as pessoas. "Essa é você. E esse é o papai. E esse sou eu."

Aponto para a pessoinha ao lado de Abel. "E quem é esse?"

"Ah, essa é fácil." Ele sorri para mim, dando um tapinha orgulhoso no peito. "Vou ser irmão mais velho. Esse é meu irmãozinho ou irmãzinha."

Meu olhar se volta para Emmett. Acompanha as lágrimas que escorrem pelo seu rosto. Desce para as pessoas que mais amo neste mundo, cada uma delas perdendo a batalha contra as próprias lágrimas. De volta para Emmett, e balanço a cabeça. "Não", sussurro. "De jeito nenhum."

Mas Emmett apenas sorri. Caminha até mim. Segura meu rosto em suas mãos habilidosas. E diz sim.

"Você está grávida, Cara."

E todos aqueles Skittles e M&Ms que estavam pesados no meu estômago desde ontem à noite? Eles escolhem este momento para reaparecer, pintando a pia da cozinha enquanto eu prontamente esvazio o conteúdo do meu estômago nela.

"Hum", Carter murmura de algum lugar atrás de mim. “Essa é uma maneira de saborear o arco-íris.”

OceanofPDF.com

Epílogo: OPS, Emmett

Sete anos e meio depois

EXISTEM CERTAS FRASES QUE NOS PEGAMOS REPETINDO COM FREQUÊNCIA. Palavras que parecem sair da nossa boca dia após dia, até se tornarem parte de nós, incorporadas ao tecido das nossas vidas.

Para mim, essas cinco palavras são simples, cada vez tão condenatórias quanto a anterior, se não mais.

"A Cara vai nos matar."

Carter revira os olhos, debochando. "Pff. Eu dou conta da Cara."

Garrett dá uma gargalhada.

Jaxon balança a cabeça.

Adam passa as mãos pelo rosto cansado. "Tão iludido quanto bonito."

Carter sorri. "Então você admite. Você acha que eu sou bonito."

"Você estava bem", murmurei. "E aí começaram a ficar grisalhos."

Carter deu um suspiro de espanto, afastando minha mão quando cutuquei os fios prateados salpicados de castanho ao redor de suas têmporas. "Como você ousa? A Ollie adora meus fios grisalhos. Ela diz que me deixam com um ar distinto." Ele alisou os cabelos, acariciou a barba, aparada e arrumada agora que falta uma semana para os playoffs, mas nada impediu que aqueles fios prateados brilhassem ao sol. "É mesmo, Ollie?", gritou ele do outro lado do quintal. "Meus fios grisalhos não me deixam com um ar distinto?"

Ela revirou os olhos, os mesmos que se arregalaram quando viu o que estávamos fazendo. "A Cara vai te matar!"

"Eu consigo lidar com a Cara!", gritou Carter de volta. Ele se virou para nós, com os olhos arregalados de medo. "Eu não consigo lidar com a Cara. Não mais. Temo que ela só tenha ficado mais poderosa com a idade." Tão verdade. "Alguém vai ter que levar a culpa por essa."

“Emmett é a escolha sensata”, sugere Garrett.

Jaxon concorda com a cabeça. “Você é o marido dela. Ela tem que te amar.”

Adam balança a cabeça, coçando a barba por fazer. “Ela ameaça trocá-lo com muita frequência.”

“O Adam tem razão”, concordo. “Ele tem que levar a culpa por isso.”

“O quê? Não. Não, não é isso que eu quis dizer. Eu quis dizer—”

“Isso mesmo, brilhante, Emmett!” Carter bate palmas. “Ela nunca fica brava com o Adam.”

Adam geme, olhando para o céu enquanto aperta a ponte do nariz. “Pelo amor de Deus. Tudo bem, eu levo a culpa. Mas sabe de uma coisa? Ela nunca vai acreditar.” Ele aponta o dedo agressivamente para Carter. “Ela sabe quem é o responsável por essas palhaçadas.”

“Ah, lá vamos nós.” Carter para o que está fazendo, jogando as mãos para o ar. "Estou tão cansado de vocês se acharem superiores. Como se—"

"De quem foi a ideia do boliche da decadência humana?", pergunto, cruzando os braços.

"Tá bom, então—"

"Quem estourou o pula-pula na festa de aniversário de um ano da Ireland?", pergunta Jaxon.

"Não, mas—"

"De quem é a culpa de ter cocô de pônei no chão na festa de aniversário de um ano da Ireland?", acrescenta Garrett.

"Ah, então agora eu sou responsável pelas fezes de um animal?"

"Quem revelou que a esposa estava grávida no casamento, sendo que a única regra era ficar de boca fechada?"

“Calúnia!” Carter grita, voltando a se ocupar com sua tarefa. “Isso é calúnia pura e simples!”

“Calúnia é o ato de fazer declarações falsas e prejudiciais sobre uma pessoa”, uma voz alta e displicente anuncia do outro lado do quintal, e minha filha de seis anos abaixa os óculos de sol em formato de coração, dando um gole em sua bebida rosa. “Estão falando coisas falsas sobre você, tio Carter?”

“Bem, talvez não falsas, mas definitivamente prejudiciais.”

“Então não é calúnia, tio Carter.” Ela saberia dizer; essa foi a palavra do dia para ela duas semanas atrás.

Carter joga suas ferramentas no chão, erguendo os braços novamente. “Lana! Me ajuda aqui!”

“Eu adoraria, mas estou ocupada.” Ela abaixa os óculos de sol, dá um gole ruidoso na bebida e, puta merda, ela é a cópia fiel da mãe.

Lana Olivia Brodie chegou quase duas semanas atrasada numa manhã de quinta-feira de setembro, batizada em homenagem à sua avó e à sua tia.

Cara soluçou incontrolavelmente ao ouvir o primeiro choro da nossa menina e, de alguma forma, ainda mais quando a colocaram em seu peito. Quando conseguiu falar novamente, encostou a testa na de Lana e disse baixinho: "Sempre atrasada, mas vale a pena esperar". Mesmo assim, de alguma forma, nada se comparava ao choro que ela sentiu quando Abel entrou no quarto do hospital uma hora depois com um dinossauro de pelúcia para a irmã e um buquê de flores para a mãe, e sussurrou: "Tenho tanta sorte de você ser minha Lana", enquanto colocava sua pequena mão sobre a barriga dela. Aquilo realmente destruiu minha esposa.

Tudo bem, talvez nós dois tenhamos ficado destruídos.

Falando em minha esposa: "Anda logo, Carter. Só temos, tipo, uma hora para montar isso, ligar e guardar tudo antes que a Cara volte do trabalho."

Carter bufa. “Olha, eu só estou dizendo que, se ela não quisesse que a gente encontrasse, não teria escondido na casa do Adam e da Rosie.”

“É claro que teria!” Rosie grita dos degraus da piscina, onde observa Lily e Iris brincando na água. “Ela disse que éramos os mais maduros e, portanto, os mais confiáveis.” Ela balança a cabeça. “Adam, ela vai ficar tão decepcionada com você!”

Jaxon olha para Lennon. “Querida?”

“A Cara nunca usou as palavras madura ou confiável para te descrever.”

O olhar de Garrett encontra Jennie. “Querida?”

Ela levanta o polegar. “Você é bom!”

Eu sorrio para Adam enquanto Carter me entrega um cabo de energia e o soprador ao qual ele está conectado. “Parece que você é o único que se deu mal, amigo.”

Adam solta outro gemido, e eu espero enquanto Carter entrega a cada um deles um pedaço do tecido de náilon, e os quatro o estendem na grama.

Conecto o cabo de alimentação e me agacho perto do soprador. "Prontos?"

Os meninos dão um passo para trás.

Carter sorri. "Prontos."

Aperto o interruptor, e o pula-pula ganha vida, inflando diante dos nossos olhos, até ficar imponente acima de nós, e talvez da casa. Gritos ecoam pelo quintal — mais ou menos como esse pula-pula gigante parece ocupar cada centímetro quadrado do quintal do Adam — enquanto as crianças pulam em direção a ele, todas as onze quase tão animadas quanto seus pais.

Confesso que estou um pouco assustada. "Não me lembro de ser tão grande assim." Engulo em seco. "Será que a Cara vai conseguir ver da rua?"

"Não seja medrosa", diz Carter, esfregando as mãos. Ireland corre em sua direção, e ele estende a mão, impedindo-a. "Ah-ah. Papai primeiro. A tia Cara nunca deixa a gente brincar nisso."

É verdade. Todo ano, comemoramos o aniversário do acampamento do Adam e da Rosie com uma grande arrecadação de fundos organizada pela Cara. E todo ano, não nos deixam chegar perto do pula-pula.

Até que Adam, sem querer, deixou escapar que a Cara precisava de um lugar temporário para guardá-lo e escolheu a garagem dele. Ele mal tinha terminado a frase quando Carter, Garrett, Jaxon e eu já estávamos correndo para dentro de casa e pela porta da garagem.

"Papai?"

Parei de subir no pula-pula, olhando para trás para Lana. "Sim, meu anjo?"

“Você vai se meter em encrenca com a mamãe.”

Dou uma risadinha, sem demonstrar muita ansiedade. “Mamãe não me assusta.” Enxugo o suor da testa. “Papai vai ser rapidinho, tá bom? Vou brincar só um pouquinho e a gente guarda antes da mamãe chegar em casa.”

“Como quiser.”

Nós cinco subimos no pula-pula gigante e caminhamos até o centro. Quase como se não soubéssemos o que fazer, ficamos parados, nos olhando.

“Carter.” Adam esfrega a testa. “Desculpa, mas eu preciso perguntar—”

“Nada de garfos, eu juro.” Ele vira os bolsos do avesso e um Oreo cai. “Ops, esqueci que você estava aí, meu bem.”

Reviro os olhos enquanto ele coloca o biscoito na boca e, quando termina, começa a pular devagar. No começo, sem ar, como se ele estivesse testando. Seguimos o

exemplo, rindo baixinho enquanto acelerávamos um pouco, até que Olivia gritou: "Pelo amor de Deus, se vocês vão fazer, façam logo! Parem de frescura!"

E então fizemos. Nos impulsionamos pelo ar, batemos nas paredes e descemos pelos escorregadores. Rimos e gritamos, e as crianças decidiram que estavam cansadas de esperar a vez delas.

"Papai!" Abel está parado embaixo de mim, sorrindo de um jeito que ainda faz meu coração disparar, mesmo depois de todos esses anos. Ele pega a pequena Emmie, filha de Garrett e Jennie, e a caçula do nosso grupo. "Podemos pular com você?"

Pego Emmie no colo, e Garrett estende a mão para o filho, Theo, ajudando-o a subir. Lily ajuda Iris a subir, e Ireland e Connor ajudam Dylan — filha de Jaxon e Lennon — a subir também. Hunter e Brodie brigam, e Lana se intromete entre eles, vencendo-os no pula-pula. Eu passo Emmie para Garrett e estendo a mão para meu filho.

Abel sorri, colocando a mão na minha, do mesmo jeito que fazia anos atrás, e eu o ajudo a subir. "Obrigado, pai", ele diz, pulando no ar e dando uma cambalhota na descida. "P.S.: Mamãe vai te matar por isso."

"Você acha? Talvez ela pegue leve comigo só desta vez."

"Talvez", ele diz rindo.

"Ou talvez não", completa outra voz.

E eu paro de pular.

Carter para de pular, depois Garrett, Jaxon e Adam. As crianças, todas elas.

"Ooooh", Lennon murmura.

"Alguém está com problemas", acrescenta Jennie.

"Carter", diz minha esposa. "Não estou surpreso em vê-lo aqui. Garrett e Jaxon, escolha interessante de vocês, meninos.... E Adão." Ela ri, baixo e assustador. "Doce, anjo bebê Adam. Eu confiei em você, Adam."

"Sinto muito", ele diz a ela, abaixando a cabeça.

Eu penduro minha cabeça também. Mantenha minhas costas viradas e meus olhos nos pés. Eu não movo um músculo, como de alguma forma, se eu for cuidadoso...

"Emmett, só porque você não pode me ver não significa que eu não posso ver você."

Droga.

Soltando um suspiro, eu me viro. Uma polegada de cada vez, com a cabeça baixa. Quando paro na frente de Cara, ela está verificando a hora em seu telefone.

"Oh, bom. Você está aqui." Ela sorri para mim, e deixe-me dizer-lhe uma coisa: eu posso estar em um monte de problemas. Minha esposa pode estar mais chateada comigo do que nunca. Posso passar o próximo ano, ou mais, rastejando por perdão. Mas puta merda, essa mulher tem sorrido para mim há quase doze anos, e a visão ainda é poderosa o suficiente para me deixar de joelhos.

Ela levanta uma sobrancelha, como se soubesse exatamente o que estou pensando. "Está se divertindo?"

O calor inunda minhas bochechas. "Sim?"

"Mmm." Ela olha ao redor do quintal e suspira, largando a bolsa, tirando os calcanhares. Meu queixo cai quando ela me alcança. "Eu também quero me divertir."

Um sorriso explode no meu rosto, e eu pulo do castelo inflável, agarrando minha esposa pelas pernas, jogando-a por cima dos meus ombros enquanto ela ri. Quando eu subo de volta, deixando-a de pé, todos explodem em aplausos, e o resto das garotas correm, juntando-se a nós.

Eu enrolo um braço em volta da cintura de Cara enquanto nossa família grita de riso ao nosso redor, e eu a puxo contra o meu peito. "Eu te amo," eu digo a ela, pressionando meus lábios nos dela.

"Eu tenho tanta sorte que você é minha melhor amiga," ela sussurra, enfiando os dedos no meu cabelo.

"E eu tenho tanta sorte que você é minha."

Passei muito tempo ao longo dos anos me concentrando em uma frase que ouço com muita frequência, que não é indicativa de quantos problemas estou prestes a ter com minha vida. Tudo acontece por um motivo.

Ouça, eu tive essa frase jogada em mim muitas vezes para contar, e não consigo pensar em uma única vez que ela realmente me confortou em vez de me irritar.

Mas às vezes, em dias como hoje, quando estou sentado ao lado dos melhores amigos que uma pessoa poderia pedir, olhando para a família que parecia aparecer um dia, não posso deixar de pensar nessas palavras, me pergunto se é possível... se talvez eles estejam um pouco - apenas às vezes - enraizados na verdade.

Não me interpretem mal: não há nada pior do que ouvir essas cinco palavras durante o momento mais difícil da sua vida.

E, no entanto, é devastador para mim olhar para minha família, para Abel, o garoto mais resiliente e compassivo, e Lana, a garota mais feroz e corajosa, e reconhecer que Cara e eu não os teríamos se tivéssemos recebido tudo o que desejamos quando desejamos.

Que se meus pais tivessem me amado mais, eu poderia não ter me esforçado tanto no hóquei, com a chance de sair.

Que se eu não tivesse saído, não teria encontrado minha casa aqui em Vancouver.

Que eu não teria aprendido a me comunicar, a lutar pelo que quero e pelas pessoas que amo. Como ser o pai que eu precisava, mas o que eu merecia também.

Que eu não teria encontrado o amor da minha vida e as pessoas que fazem tudo valer a pena.

Que esta família, como está aqui hoje, só existe por causa dos anos de mágoa que vieram primeiro. A luta. As lágrimas e cada passo extenuante.

Então, talvez... Talvez possa ser ambos. Talvez as coisas possam acontecer e chupar e machucar e rasgar você de dentro para fora. E talvez, às vezes, ainda possa haver uma razão para tudo isso. Para forçar a mudança para que você possa finalmente se curar, para que você possa ser aquele que intensifica e quebra o ciclo, para que você possa ajudar os outros a navegar nas ondas quando estiverem frescas.

Talvez o motivo seja o que está do outro lado. A clareza que vem um dia, quando a névoa se dissipa e você percebe que sobreviveu a algo que tinha tanta certeza de que não sobreviveria. O amor gentil que você finalmente dá a si mesmo depois de ser privado por tanto tempo, as afirmações que você finalmente se alimenta, as mesmas que você realmente acredita depois de finalmente - finalmente - colocar o pé no chão, recusando-se a dar voz aos pensamentos cruéis em sua cabeça que se esforçam mais do que ninguém para derrubá-lo.

Eu não sei, mas eu sei disso: não foi à toa.

Eu me recosto na minha cadeira, olhando para minha linda família, todas as crianças e esposas espalhadas em uma toalha de piquenique enorme na grama. "Você acha que todo mundo acha isso?" Pergunto baixinho.

Carter olha para mim. "O que é isso?"

"Isso. O que temos. O que encontramos um no outro."

Os meninos ficam quietos enquanto observam suas esposas e filhos. Enquanto eles se olham.

"Não", Carter finalmente responde, "eu não. E isso é devastador."

"Eu não sei o que faria sem vocês", admite Adam.

"Ou onde eu estaria", acrescenta Garrett.

"Ou quem eu seria." Jaxon descansa os cotovelos nos joelhos. "Não pense que eu me encontrei até encontrar vocês."

"Sim." Eu olho para baixo, balançando a cabeça. "Esta é a versão de mim que eu amo, esta que eu encontrei com vocês ao meu lado."

Alguém funga, seguido por outro e depois outro.

"Tudo bem." Carter se levanta, gesticulando para si mesmo. "Vamos lá. Traga-o. Abraço em grupo."

Jaxon geme, e eu agarro sua camisa, puxando-o para seus pés junto comigo.

"Você acha que já estaria acostumado com isso," murmuro enquanto nós cinco nos abraçamos.

"Acho que ele secretamente gosta deles", diz Adam.

"Secretamente?" Garrett bufa uma risada. "Ele é sempre o último a deixar ir."

"Não", eu digo. "Esse é Carter."

"Oh, bem, foda-se a mim e Jaxon por estarmos seguros o suficiente em nossa masculinidade para querer nos agarrar aos nossos amigos um pouco mais", argumenta Carter.

Jaxon suspira. "Eu não disse isso."

"Shhh. Está tudo bem, Jaxon. Apenas se agarre."

Outro suspiro, e ele aperta um pouco mais forte. Todos nós fazemos.

Porque a verdade é que, amigos como esses, essa família que encontramos, construída do zero, lutou por cada passo do caminho... eles vão te salvar todas as vezes. E isso? Isso é algo a que sempre me agarrarei.

Eu era imparável diante deles. Com eles, sou indestrutível.

"Espero que nos encontremos em todas as vidas."

"Ewww, eles estão fazendo isso de novo!" A Irlanda chama pouco antes de nos separarmos.

Lana faz uma careta enquanto nos acomodamos em nossos assentos. "Vocês nunca têm nada melhor para fazer do que abraçar?"

"Não!" Carter grita de volta, cruzando os braços atrás da cabeça. "Acabamos de nos aposentar! Agora temos ainda mais tempo para abraçar!"

"Lana? Ei, Laaana?" Hunter sai do jardim onde está cavando com Brodie, Theo e Iris. Ele tem sujeira manchada na bochecha, as mãos atrás das costas e problemas nos olhos verdes escuros enquanto se aproxima lentamente da minha filha. "Quer ver o verme que encontrei? Laaanaaa."

"Nojento, Hunter, afaste-se de mim! Quantas vezes eu tenho que te dizer?" Lana se levanta, empurrando-o para longe, colocando as mãos nos quadris enquanto franze a testa para ele. "Eu não gosto de insetos."

"Mas eles gostam de você. Venha lá, Lana." Ele segura o verme, fazendo sons de beijo. "Você não quer beijá-lo?"

"Eca! Tire essa coisa de mim! Mamãe! Papai! Tio Carter! Hunter está me irritando de novo!"

"Não sou!"

"São também!"

"Não sou!"

"Urrrgh!" Lana bate o pé, as mãos nos quadris. "Eu não suporto você, Hunter Beckett!"

"Caçador Beckett!" Olivia grita do outro lado do quintal. "Deixe-a em paz!"

Hunter mostra um sorriso cheio de dentes, puxando suas covinhas. "Sim, mamãe!" Ele volta aquele sorriso conivente de volta para minha filha. "Sim, bem, é melhor você se acostumar comigo irritando você. Meu pai irrita minha mãe todos os dias, e eles são casados. Você sabe o que isso significa? Isso significa que vou me casar com você um dia."

Lana revira os olhos. "Como se eu fosse me casar com você." Ela enfia o dedo na boca e finge engasgar. "Vomitroz."

"Oh, foda-se." Eu rio baixinho, esfregando a parte de trás do meu pescoço enquanto olho para os caras, todos assistindo com intriga, mesmo que esta seja uma ocorrência bastante normal entre Lana e Hunter. As crianças parecem não se dar bem, não importa o quanto tentemos fazê-las. "É a palavra do dia dela. Não posso acreditar que ela conseguiu usá-lo, e com precisão também."

"Você quer apostar?" Hunter cruza os braços sobre o peito. "Cinco dólares dizem que você vai perder, Lana Brodie."

Lana estende a mão. "Duplo ou nada, Hunter Beckett."

"Bem, então," murmuro enquanto os dois apertam as mãos.

"Isso aumentou rapidamente", acrescenta Carter. Ele ri. "Imagine? Um Brodie e um Beckett?"

"De jeito nenhum", nós dois murmuramos.

"Eu vou pegar todo o seu dinheiro," Lana provoca, ficando bem na cara dele enquanto ela mostra a língua para ele,

"Essa é a minha garota!" Cara grita. "Leve-o por tudo o que ele tem, baby!"

Hunter abre aquele sorriso característico dos Beckett, como se soubesse de algo que nós não sabemos. Então, ele se inclina para a frente e o pestinha dá um beijo estalado bem na boca surpresa da minha filha.

Mas não tão alto quanto o som do punho dela atingindo a bochecha dele, quando ela o derruba de bunda na grama. Olivia grita sobre consentimento enquanto corre na direção deles, e Cara dá uma ovação de pé para nossa filha, com direito a assobios e palavrões, como costuma fazer na arena.

"Ih, rapaz", murmura Adam.

"Ai!", assobia Jaxon.

"Peguei ele", diz Garrett.

Carter e eu nos entreolhamos, coçando a nuca e rindo baixinho, talvez um pouco ansiosos. Ele coloca as mãos nos bolsos. Eu me inclino para trás, apoiando-me nos calcanhares. Limpamos a garganta e sussurramos a mesma palavra.

"Ops."

OceanofPDF.com

Agradecimentos

Não consigo acreditar que estou aqui, escrevendo os agradecimentos no final de um livro que achei que nunca terminaria, no final de uma série que jamais imaginei que seria tão amada por tantos leitores incríveis. A verdade é que eu não estaria aqui — sentada em frente ao meu computador, escrevendo estas palavras — sem todos vocês que se apaixonaram por este time de hóquei fictício e me apoiaram como se eu estivesse jogando confete em um mar de lenços. E acho que é por isso que faz todo o sentido começar minha lista de agradecimentos com...

Vocês.

Vocês me deram uma chance com Consider Me, um livro que era (supostamente) longo demais, confuso demais, com o homem mais exagerado que já vi, tão obcecado por Oreos quanto pela namorada. Vocês riram comigo durante Play with Me e não questionaram nenhum vibrador que voou pelo ar. Vocês gritaram comigo durante Unravel Me, porque não queriam a ansiedade que eu estava causando. Vocês choraram comigo durante "Fall with Me", tanto lágrimas de riso (sabíamos que o pula-pula não ia aguentar) quanto lágrimas de dor insuportável (por que eu tinha que magoar tanto o jogador de hóquei mal-humorado?). E agora vocês entraram de bom grado em "Breathe with Me", de braços abertos, prontos para terem seus corações despedaçados. Vocês confiaram em mim repetidas vezes — para fazer vocês rirem, suspirarem, chorarem, terem seus corações arrancados do peito, incendiados e, de alguma forma, reconstruí-los, enquanto simultaneamente aumentava suas contas de terapia (eu não pago por isso, aliás; desculpem, vocês sabiam no que estavam se metendo). Não consigo expressar o que significa para mim ter um grupo tão incrível de leitores me apoiando a cada passo do caminho enquanto escrevia sobre essa família maluca pela qual nos apaixonamos. Minha esperança para todos vocês é que encontrem uma família que os ame como esta família se ama. Do fundo do meu coração, obrigada por estarem aqui.

Para Anthea: nada disso seria possível sem você. Obrigada por acreditar em mim, por dar voz aos meus livros em um mundo tão barulhento, por entender cada personagem e as histórias que eu queria contar. Obrigada pela sua infinita paciência e compaixão. Sou verdadeiramente muito sortuda e grata por tê-la na minha equipe.

Para Stuti e Pete: porque ninguém me apoia tanto quanto vocês. Em meio a um dos meus anos mais difíceis e desafiadores, vocês foram uma luz brilhante para mim, e eu não teria conseguido sem o apoio, a orientação e a paciência de vocês.

Para Brittany, Cayley, Sierra, Hayley, Cassie e todos os membros da minha incrível e enorme equipe na Simon & Schuster, Zando e Slowburn, Podium e Park, Fine & Brower: vocês são todos maravilhosos, gentis e pacientes, e sou eternamente grata por fazer parte de uma comunidade tão incrível.

Às mulheres da minha vida que foram peças tão importantes na minha jornada (Erin, Ki, as Hannahs, Sophie, Megan), eu me sinto muito sortuda por estar fazendo isso com vocês. Amo vocês.

Para a Srta. Bizzarro, porque há uns vinte e dois anos você deixou uma impressão tão profunda em mim, e anos depois, quando me perguntei se escrever um livro era algo que eu conseguiria fazer, suas palavras de incentivo de muito tempo atrás me disseram que eu conseguiria.

Para meus filhos. Acho que vocês dois devem ter batido o recorde mundial de dias de doença enquanto eu escrevia este livro. Nos meus dias mais difíceis, olho para vocês e me lembro por que estou fazendo tudo isso, me transformando na pessoa que quero ser, enfrentando as dificuldades. Vocês são meu coração e minha alma.

E, como sempre, para meu irmão. Senti sua presença aqui mais do que nunca enquanto chorava ao escrever esta história. Talvez seja por isso que demorei tanto para terminá-la, porque eu não queria perder sua voz. Mas é isso que importa, não é? Eu sempre consigo te encontrar quando mais preciso. Obrigada por estar presente para mim, mesmo agora, sete anos depois.

Por fim, seria negligente da minha parte não agradecer de coração a todos os leitores que vivenciaram qualquer nível de infertilidade. Sei que esta não foi uma leitura fácil. A jornada de cada um é diferente, e nossos finais também não são os mesmos. Mas espero que, em algum momento deste livro, você tenha se sentido compreendido(a). Espero que tenha se sentido menos sozinho(a), porque o isolamento é um dos aspectos mais devastadores da infertilidade. Espero que tenha se

lembrado de que não há problema em não estar bem e que pedir ajuda não te torna fraco(a). Espero que tenha se lembrado de que seu corpo é lindo e capaz de coisas incríveis, mesmo nos dias em que você se olha no espelho e odeia tudo o que vê, porque seu valor não está e nunca esteve ligado à reprodução. Espero que tenha se lembrado de que você merece amor, e quem mais precisa dele é você mesmo(a). Mas, acima de tudo, espero que, onde quer que sua jornada te leve, você encontre paz.

Obrigado por me acompanhar nesta jornada.

OceanofPDF.com

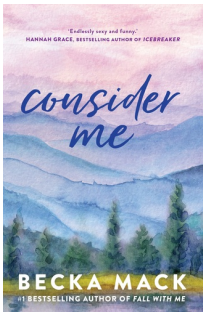
A playlist de "Breathe with Me"

1. "Nonsense" – Sabrina Carpenter
2. "Risk" – Gracie Abrams
3. "I Saw Love" – Forest Blakk
4. "Rest of Our Lives" – The Light The Heat
5. “The Other Side” – Michael Marcagi
6. “Don’t Give Up On Me (Acústico)” – Amber Leigh Irish
7. “Is What It Is” – Chance Peña
8. “More” – Halsey
9. “How Long, How Low?” – Chance Peña e Hayd
10. “Unsteady” – Gracie Abrams
11. “Numb” – Abe Parker
12. “Love in the Dark” – Adele
13. “Bleeding Out” – Chance Peña
14. “Us (Acoustic)” – James Bay
15. “It’ll Be Okay” – Shawn Mendes
16. “Your Bones” – Chelsea Cutler
17. “Let You Love Me” – Jervis Campbell
18. “Someday Soon” – Wilder Woods
19. “River” – Patrick Droney
20. “War” – Chance Peña
21. “Next to You” – John Vincent III
22. “Sleep Deprivation” – Chance Peña
23. “Never Alone” – Garrett Kato e Elina
24. “The Mountain Is You” – Chance Peña
25. “High Hope” – Patrick Droney
26. “Mountain Peaks” – Stephen Sanchez
27. “Rainbow” – Louis Baker

28. “I’ll Be By Your Side” – Patrick Droney

OceanofPDF.com

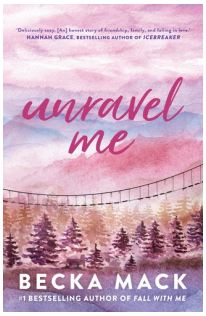
Mais desta série



Considere-me
Livro 1



Brinque comigo
Livro 2



Desvende-me
Livro 3



Apaixone-se comigo
Livro 4

OceanofPDF.com

Sobre a autora

BECKA MACK é a autora best-seller nº 1 da série Playing for Keeps, romances apaixonantes com personagens adoráveis e com os quais você se identifica, muito humor e uma boa dose de drama a caminho de um final feliz. Ela mora com sua família em Ontário, Canadá. Para mais informações, visite seu site BeckaMack.com ou siga-a no Instagram e Facebook @BeckaMack.Author ou no TikTok @Becka.Mack.

simonandschuster.com.au

www.simonandschuster.com.au/Authors/Becka-Mack

 @simonschusterau

OceanofPDF.com

Outros livros de Becka Mack

Considere-me

Brinque comigo

Desvende-me

Apaixone-se comigo

OceanofPDF.com

Esperamos que você tenha gostado de ler este ebook da Simon & Schuster.

Assine nossa lista de e-mails para receber atualizações sobre novos lançamentos, ofertas, recomendações de leitura e muito mais da Simon & Schuster.

CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER

Já é assinante? Forneça seu e-mail novamente para que possamos registrar este ebook e enviar mais conteúdo do seu interesse. Você continuará recebendo ofertas exclusivas em sua caixa de entrada.

OceanofPDF.com

RESPIRAR COMIGO
Primeira publicação na Austrália em 2025 por
Simon & Schuster (Australia) Pty Limited
Nível 4, 32 York St, Sydney NSW 2000

Nova York Amsterdã/Antuérpia Londres Toronto Sydney/Melbourne Nova Délhi
Visite nosso site em www.simonandschuster.com.au

Há mais de 100 anos, a Simon & Schuster apoia autores e as histórias que eles criam. Ao respeitar os direitos autorais da propriedade intelectual de um autor, você permite que a Simon & Schuster e o autor continuem publicando livros excepcionais por muitos anos. Agradecemos seu apoio aos direitos autorais do autor ao adquirir uma edição autorizada deste livro.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em qualquer formato, nem pode ser carregada em qualquer site, banco de dados, modelo de aprendizado de idiomas ou outro repositório, sistema de recuperação ou inteligência artificial sem autorização expressa. Todos os direitos reservados. Dúvidas podem ser encaminhadas para Simon & Schuster, 1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020 ou permissions@simonandschuster.com.

© Streamside Literary INC. 2025

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a prévia autorização da editora.



Uma ficha catalográfica deste livro está disponível na Biblioteca Nacional da Austrália.

ISBN: 9781761425905
ISBN: 9781761425905 (eBook)

Design da capa: Jessica L. Boudreau
Imagem da capa: Paisagem, AlexGreenArt; Sky, Sundra (ambas via Shutterstock)

OceanofPDF.com